

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Gregório de Matos  
*Poesia Completa*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Gregório de Matos

## *Poesia Completa*

Seleção, adaptação ortográfica e revisão gráfica  
**Iba Mendes**

( Índice completo dos poemas ao final do livro )

---

Publicado originalmente em diferentes datas.  
*Desenho da capa: M. J. Garnier*

**Gregório de Matos Guerra**  
**(1636 – 1696)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 569**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do escritor brasileiro Gregório de Matos: “*Poesia Completa*”.

É isso!

*Iba Mendes*  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# POESIA COMPLETA



---

## A CRISTO S. N. CRUCIFICADO ESTANDO O POETA NA ÚLTIMA HORA DE SUA VIDA

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,  
Em cuja lei protesto viver,  
Em cuja santa lei hei de morrer  
Animoso, constante, firme, e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,  
Pois vejo a minha vida anoitecer,  
É, meu Jesus, a hora de se ver  
A brandura de um Pai manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor, e meu delito,  
Porém pode ter fim todo o pecar,  
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,  
Que por mais que pequei, neste conflito  
Espero em vosso amor de me salvar.

## AO MESMO ASSUNTO E NA MESMA OCASIÃO

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,  
Da vossa piedade me despido,  
Porque quanto mais tenho delinquido,  
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto um pecado,  
A abrandar-nos sobeja um só gemido,  
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,  
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida, e já cobrada  
Glória tal, e prazer tão repentino  
vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada  
Cobrai-a, e não queirais, Pastor divino,  
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

### **AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO ESTANDO PARA COMUNGAR**

Tremendo chego, meu Deus  
Ante vossa divindade,  
que a fé é muito animosa,  
mas a culpa mui cobarde.  
À vossa mesa divina  
como poderei chegar-me,  
se é triaga da virtude  
e veneno da maldade?  
Como comerei de um pão,  
que me dais, porque me salve?  
um pão, que a todos dá vida,  
e a mim temo, que me mate.  
Como não hei de ter medo  
de um pão, que tão formidável  
vendo, que estais todo em tudo,  
e estais todo em qualquer parte?  
Quanto a que o sangue vos beba,  
isso não, e perdoai-me:  
como quem tanto vos ama,  
há de beber-vos o sangue?  
Beber o sangue do amigo  
é sinal de inimizade;  
pois como quereis, que o beba,  
para confirmarmos pazes?  
Senhor, eu não vos entendo;  
vossos preceitos são graves,  
vossos juízos são fundos,

vossa idéia inescrutável.  
Eu confuso neste caso  
entre tais perplexidades  
de salvar-me, ou de perder-me,  
só sei, que importa salvar-me.  
Oh se me déreis tal graça,  
que tenho culpas a mares,  
me virá salvar na tábua  
de auxílios tão eficazes!  
E pois já à mesa cheguei,  
Onde é força alimentar-me  
deste manjar, de que os Anjos  
fazem seus próprios manjares:  
Os Anjos, meu Deus, vos louvem,  
que os vossos arcanos sabem,  
e os Santos todos da glória,  
que, o que vos devem, vos paguem.  
Louve-vos minha rudeza,  
por mais que sois inefável,  
porque se os brutos vos louvam,  
será a rudeza bastante.  
Todos os brutos vos louvam,  
troncos, penhas, montes, vales,  
e pois vos louva o sensível,  
louve-vos o vegetável.

### **ATO DE CONTRIÇÃO O QUE FEZ DEPOIS DE SE CONFESSAR**

Meu amado Redentor,  
Jesus Cristo soberano  
Divino Homem, Deus Humano,  
da terra, Deus criador:  
por seres, quem sois, Senhor,  
e porque muito vos quero,  
me pesa com rigor fero  
de vos haver ofendido,  
do que agora arrependido,  
meu Deus, o perdão espero.

Bem sei, meu Pai soberano,  
que na obstinação sobejo  
corri sem temor, nem pejo  
pelos caminhos do engano:

bem sei também, que o meu dano  
muito vos tem agravado,  
porém venho confiado  
em vossa graça, e amor,  
que também sei, é maior,  
Senhor, do que meu pecado.

Bem não vos amo, confesso,  
várias juras cometi,  
missa inteira nunca ouvi,  
a meus Pais não obedeco:  
matar alguns apeteço,  
luxurioso pequei,  
bens do próximo furtei,  
falsos levantei às claras,  
desejei mulheres raras,  
cousas de outrem cobicei.

Para lavar culpas tantas,  
e ofensas, Senhor, tão feias  
são fortes de graça cheias  
essas chagas sacrossantas:  
sobre mim venham as santas  
correntes do vosso lado;  
para que fique lavado,  
e limpo nessas correntes,  
comunica-me as enchentes  
da graça, meu Deus amado.

Assim, meu Pai, há de ser,  
e proponho, meu Senhor,  
com vossa graça, e amor  
nunca mais vos ofender:  
prometo permanecer  
em vosso amor firmemente,  
para que mais nunca intente  
ofensas contra meu Deus,  
a quem os sentidos meus  
ofereço humildemente.

Humilhado desta sorte,  
meu Deus do meu coração,  
vos peço ansioso o perdão  
por vossa paixão, e morte:

à minha alma em ânsia forte  
perdão vossas chagas deem,  
e com o perdão também  
espero o prêmio dos Céus,  
não pelos méritos meus,  
mas do vosso sangue: amém.

### **A CIDADE E SEUS PÍCAROS**

Quando escrevo para todos  
que não falo em cultos modos,  
mas em frase corriqueira

Os doutos estão nos cantos  
os ignorantes na Praça  
Eu não me quero emendar,  
pois faço versos em rimas,  
e às unhas os sujeito  
de quem os corta, e belisca.

### **ÂNGELA**

*Pretende o Poeta casar-se com esta Senhora, e por se achar alcançado em anos, e abatido em bens, Introduziu amizade com seu Irmão o Capitão Francisco Moniz de Souza fazendo especial menção dele na festa das virgens e depois com um soneto, e varias obras pretendendo assim introduzir-se naquela casa. Posto com efeito nela, viu uma manhã de Natal as três Irmãs, a cujas vistas fez as seguintes décimas*

(Manuel Pereira Rabelo, licenciado).

que digo eu? este mundo inteiro  
namorei eu tão primeiro,  
que nisto de namorar  
podeis vós comigo estar  
a soldada de Escudeiro.  
são feias, mas são mulheres

### **VIU UMA MANHÃ DE NATAL AS TRÊS IRMÃS, A CUJAS VISTAS FEZ AS SEGUINTE DECIMAS**



Numa manhã tão serena  
como entre tanto arrebol  
pode caber tanto sol  
em esfera tão pequena?  
quem aos pasmos me condena  
da dúvida há de tirar-me,  
e há de mais declarar-me,  
como pode ser ao certo  
estar eu hoje tão perto  
de três sóis, e não queimar-me.

Onde eu vi duas Auroras  
com tão claros arrebóis,  
que muito visse dois sóis  
nos raios de três Senhoras:  
mas se as matutinas horas,  
que Deus para aurora fez,  
tinham passado esta vez,  
como pode ser, que ali  
duas auroras eu vi,  
e os sóis eram mais de três?

Se lhes chamo estrelas belas,  
mais cresce a dificuldade,  
pois perante a majestade  
do sol não luzem estrelas:  
seguem-se-me outras sequelas,  
que dão mais força à questão,  
com que eu nesta ocasião  
peço à Luz, que me conquista,  
que ou me desengane a vista,  
ou me tire a confusão.

Ou eu sou cego em verdade  
e a luz dos olhos perdi,  
ou tem a luz, que ali vi,  
mais questão, que a claridade:  
cego de natividade  
me pode o mundo chamar,  
pois quando vim visitar  
a Deus em seu nascimento,  
me aconteceu num momento,  
vendo a três luzes, cegar.

## **AO MESMO ASSUNTO**

Debuxo singular, bela pintura,  
Adonde a Arte hoje imita a Natureza,  
A quem emprestou cores a Beleza,  
A quem infundiu alma a Formosura.

Esfera breve: aonde por ventura  
O Amor, com assombro, e com fineza  
Reduz incompreensível gentileza,  
E em pouca sombra, muita luz apura.

Que encanto é este tal, que equivocada  
Deixa toda a atenção mais advertida  
Nessa cópia à Beleza consagrada?

Pois ou bem sem engano, ou bem fingida  
No rigor da verdade estás pintada,  
No rigor da aparência estás com vida.

## **AO MESMO ASSUNTO**

Vejo-me entre as incertezas  
de três Irmãs, três Senhoras,  
se não três sóis, três auroras,  
três flores, ou três belezas:  
para sóis têm mais lindezas  
que aurora mais resplendor,  
muita graça para flor,  
e por final conclusão  
três enigmas do Amor são,  
mais que as três cidras do Amor.

## **PONDERA AGORA COM MAIS ATENÇÃO A FORMOSURA DE D. ÂNGELA**

Não vi em minha vida a formosura,  
Ouvia falar nela cada dia,  
E ouvida me incitava, e me movia  
A querer ver tão bela arquitetura.

Ontem a vi por minha desventura

Na cara, no bom ar, na galhardia  
De uma Mulher, que em Anjo se mentia,  
De um Sol, que se trajava em criatura.

Me matem (disse então vendo abraçar-me)  
Se esta a cousa não é, que encarecer-me.  
Sabia o mundo, e tanto exagerar-me.

Olhos meus (disse então por defender-me)  
Se a beleza hei de ver para matar-me,  
Antes, olhos, cegueis, do que eu perder-me.

### **RETRATA O POETA AS PERFEIÇÕES DE SUA SENHORA A IMITAÇÃO DE OUTRO SONETO QUE FEZ FELIPE IV A UMA DAMA SOMENTE COM TRADUZIR-LO NA LÍNGUA PORTUGUESA**

Se há de ver-vos, quem há de retratar-vos,  
E é forçoso cegar, quem chega a ver-vos,  
Se agravar meus olhos, e ofender-vos,  
Não há de ser possível copiar-vos.

Com neve, e rosas quis assemelhar-vos,  
Mas fora honrar as flores, e abater-vos:  
Dois zéfiros por olhos quis fazer-vos,  
Mas quando sonham eles de imitar-vos?

Vendo, que a impossíveis me aparelho,  
Desconfiei da minha tinta imprópria,  
E a obra encomendei a vosso espelho.

Porque nele com Luz, e cor mais própria  
Sereis (se não me engana o meu conselho)  
Pintor, Pintura, Original, e Cópia.

### **NO DIA EM QUE FAZIA ANOS ESTA DIVINA BELEZA; ESTE PORTENTO DE FORMOSURA DONA ÂNGELA, POR QUEM O POETA SE CONSIDERAVA AMOROSAMENTE PERDIDO, E QUASE SEM REMÉDIO PELA GRANDE IMPOSSIBILIDADE DE PODER LOGRAR SEUS AMORES: CELEBRA OBSEQUIOSA, E PRIMOROSAMENTE SUAS FLORENTES PRIMAVERAS COM ESTA LINDÍSSIMA CANÇÃO**

Pois os prados, as aves, as flores

ensinam amores,  
carinhos, e afetos:  
venham correndo  
aos anos felizes,  
que hoje festejo:  
Porque aplausos de amor, e fortuna  
celebrem atentos  
as aves canoras  
as flores fragrantas  
e os prados amenos.

Pois os dias, as horas, os anos  
alegres, e ufanos  
dilatam as eras;  
Venham depressa  
aos anos felizes,  
que Amor festeja.  
Porque aplausos de amor, e fortuna  
celebrem deveras  
os anos fecundos,  
os dias alegres,  
as horas serenas.

Pois o Céu, os Planetas, e Estrelas  
com Luzes tão belas  
auspiciam as vidas,  
venham luzidas  
aos anos felizes  
que Amor publica.  
Porque aplausos de amor, e fortuna  
celebrem um dia  
a esfera imóvel,  
os astros errantes,  
e as estrelas fixas.

Pois o fogo, água, terra, e os ventos  
são quatro elementos,  
que alentam a idade,  
venham achar-se  
aos anos felizes  
que hoje se aplaudem.  
Porque aplausos de amor, e fortuna  
celebrem constantes  
a terra florida,

o fogo abrasado,  
o mar furioso,  
e as auras suaves.

### **ROMPE O POETA COM A PRIMEIRA IMPACIÊNCIA QUERENDO DECLARAR-SE E TEMENDO PERDER POR OUSADO**

Anjo no nome, Angélica na cara,  
Isso é ser flor, e Anjo juntamente,  
Ser Angélica flor, e Anjo florente,  
Em quem, senão em vós se uniformara?

Quem veria uma flor, que a não cortara  
De verde pé, de rama florescente?  
E quem um Anjo vira tão luzente,  
Que por seu Deus, o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares,  
Fôreis o meu custódio, e minha guarda  
Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que tão bela, e tão galharda,  
Posto que os Anjos nunca dão pesares,  
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

### **SEGUNDA IMPACIÊNCIA DO POETA**

Cresce o desejo, falta o sofrimento,  
Sofrendo morro, morro desejando,  
Por uma, e outra parte estou penando  
Sem poder dar alívio a meu tormento.

Se quero declarar meu pensamento,  
Está-me um gesto grave acobardando,  
E tenho por melhor morrer calando,  
Que fiar-me de um néscio atrevimento.

Quem pretende alcançar, espera, e cala  
Porque quem temerário se abalança,  
Muitas vezes o amor o desiguala.

Pois se aquele, que espera sempre alcança,

Quero ter por melhor morrer sem fala,  
Que falando, perder toda esperança.

### **FALA O POETA COM SUA ESPERANÇA**

Não te vás, esperança presumida,  
A remontar a tão sublime esfera,  
Que são as dilações dessa quimera  
Remora para o passo desta vida.

Num desengano acaba reduzida  
A larga propensão, do que se espera,  
E se na vida o adquirir te altera,  
Para penar na morte te convida.

Mas voa, inda que breve te discorres,  
Pois se adoro um desdém, que é teu motivo,  
Quando te precipitas, me discorres.

Que me obriga meu fado mais esquivo,  
Que se eu vivo da causa, de que morres,  
Que morras tu da causa, de que vivo.

### **AUSENTE O POETA DAQUELA CASA, FALECEU D. TEREZA UMA DAS IRMÃS, E COM ESTA NOTÍCIA SE ACHOU O POETA COM VASCO DE SOUZA A PÊSAMAS, ONDE FEZ O PRESENTE SONETO**

Astro do prado, Estrela nacarada  
Te viu nascer nas margens do Caípe  
Apolo, e todo o coro de Aganipe,  
Que hoje te chora rosa sepultada.

Por rainha das flores aclamada  
Quis o prado, que o certo participe  
Vida de flor, adonde se antecipe  
Aos anos a gadanha coroada.

Morrer de flor é morte de formosa,  
E sem junções de flor nasceras peca,  
Que a pensão de acabar te fez pomposa.

Não peca em fama, quem na morte peca,

Nácar nasceste, e eras fresca rosa:  
O vento te murchou, e és rosa seca.

### **EPITÁFIO À MESMA BELEZA SEPULTADA**

Vemos a luz (ó caminhante espera)  
De todas, quantas brilham, mais pomposa,  
Vemos a mais florida Primavera,  
Vemos a madrugada mais formosa:  
Vemos a gala da luzente esfera,  
Vemos a flor das flores mais lustrosa  
Em terra, em pó, em cinza reduzida:  
Quem te teme, ou te estima, ó morte, olvida.

### **LISONJEIA O POETA A VASCO DE SOUZA FAZENDO EM SEU NOME ESTA LACRIMIMOSA NÊNIA**

Morreste, Ninfa bela,  
na florescente idade:  
nasceste para flor,  
como flor acabaste.

Viu-te a Alva no berço,  
a Véspera no jaspe,  
mimo foste da Aurora,  
a lástima da tarde.

O nácar, e os alvares  
da tua mocidade  
foram, se não mantilhas,  
mortalha a teus donaires.

Oh nunca flor nasceras,  
Se imitando-as tão frágil,  
no âmbar de tuas folhas  
te ungiste, e te enterraste.

Morreste, e logo Amor  
quebrou arco, e carcáses;  
que muito se lhe faltas,  
que logo se desarme?

Ninguém há neste monte,  
ninguém naquele vale,  
o cortesão discreto,  
o pastor ignorante:

Que teu fim não lamente,  
dando aos quietos ares  
já fúnebres endechas,  
já trágicos romances.

O eco, que responde  
a qualquer voz do vale,  
já agora só repete  
meus suspiros constantes.

A árvore mais forte,  
que gemia aos combates  
do vento, que a meneia  
ou do raio, que a parte,

Hoje geme, hoje chora  
com lamento mais grave  
forças da tua estrela  
mais que a força dos ares.

Os Ciprestes já negam  
às aves hospedagem,  
porque gemendo tristes,  
andam voando graves.

Tudo enfim se trocou,  
montes, penhas, e vales,  
o penedo insensível,  
o tronco vegetável.

Só eu constante, e firme  
choro o teu duro transe,  
o mesmo triste sempre  
por toda a eternidade.

Ó alma generosa,  
a quem o Céu triunfante  
usurpou a meus olhos  
para ser lá deidade.



Aqui onde o Caípe  
já te erigiu altares  
por Deusa destes montes,  
e por flor destes vales:

Agrário o teu Pastor  
não te forma de jaspes  
sepulcro a tuas cinzas  
túmulo a teu cadáver.

Mas em lágrimas tristes,  
e suspiros constantes  
de um mar tira dois rios,  
de um rio faz dois mares.

#### **LISONJEIA OS SENTIMENTOS DE DONA VITÓRIA COM ESTE SONETO FEITO EM SEU NOME**

Alma ditosa, que na empírea corte  
Pisando estrelas vais de sol vestida,  
Alegres com te ver fomos na vida,  
Tristes com te perder somos na morte.

Rosa encarnada, que por dura sorte  
Sem tempo do rosal foste colhida,  
Inda que melhoraste na partida,  
Não sofre, quem te amou, pena tão forte.

Não sei, como tão cedo te partiste  
Da triste Mãe, que tanto contentaste,  
Pois partindo-te, a alma me partiste.

Oh que cruel comigo te mostraste!  
Pois quando a maior glória te subiste,  
Então na maior pena me deixaste.

#### **LISONJEIA O SENTIMENTO DE FRANCISCO MONIZ DE SOUZA SEU IRMÃO FAZENDO EM SEU NOME ESTE SONETO**

Flor em botão nascida, e já cortada,  
Tiranamente murcha em flor nascida,

Que nos primeiros átomos da vida,  
Quando apenas sois nada, não sois nada.

Quem vos despiu a púrpura corada?  
Como assim da beleza estais despida?  
Mas ah Parca cruel! Morte atrevida!  
Por que cortaste a flor mais engraçada?

Porém que importa, bem que me desvela  
Na flor o golpe, se maior ventura  
Vos prometo no Céu, bela Teresa.

De flor ao Céu passais a ser estrela,  
E não perde de flor a formosura,  
Quem no Céu melhor flor logra a beleza.

#### **PRETENDE O POETA CONSOLAR O EXCESSIVO SENTIMENTO DE VASCO DE SOUZA COM ESTE SONETO**

Sôbolos rios, sóbolas torrentes  
De Babilônia o Povo ali oprimido  
Cantava ausente, triste, e afligido  
Memórias de Sião, que tem presentes.

Sôbolas do Caípe águas correntes  
Um peito melancólico, e sentido  
Um anjo chora em cinzas reduzido,  
Que são bens reputados sobre ausentes.

Para que é mais idade, ou mais um ano,  
Em quem por privilégio, e natureza  
Nasceu flor, a quem um sol faz tanto dano?

Vossa prudência pois em tal dureza  
Não sinta a dor, e tome o desengano  
Que um dia é eternidade da beleza.

#### **A VISTA DO EXCESSO DE VASCO DE SOUZA PONDERA O POETA, QUE O VERDADEIRO AMOR, AINDA TIRADA A CAUSA NÃO CESSA NOS EFEITOS, CONTRA A REGRA DE ARISTÓTELES**

Errada a conclusão hoje conheça

O Mestre, que mais douto na ciência  
Nos deixou em prolóquio sem falência,  
Que em a causa cessando, o efeito cessa.

Porque a dor de um Magoado nos confessa,  
Que arrastou a Beleza com violência,  
Que o que efeito causara uma assistência,  
Apartado da causa então começa:

Apartada a Beleza inda lhe causa  
Um efeito tão forte, que suspeito,  
Que não tem inda a causa feito pausa.

Porque já em domínios de seu peito,  
Se na vida a rendia como causa,  
Hoje o vence na morte pelo efeito.

### **ADMIRÁVEL EXPRESSÃO QUE FAZ O POETA DE SEU ATENCIOSO SILÊNCIO**

Largo em sentir, em respirar sucinto  
Peno, e calo tão fino, e tão atento,  
Que fazendo disfarce do tormento  
Mostro, que o não padeço, e sei, que o sinto.

O mal, que fora encubro, ou que desminto,  
Dentro no coração é, que o sustento,  
Com que para penar é sentimento,  
Para não se entender é labirinto.

Ninguém sufoca a voz nos seus retiros;  
Da tempestade é o estrondo efeito:  
Lá tem ecos a terra, o mar suspiros.

Mas oh do meu segredo alto conceito!  
Pois não me chegam a vir à boca os tiros  
Dos combates, que vão dentro no peito.

### **TERCEIRA IMPACIÊNCIA DOS DESFAVORES DE SUA SENHORA**

Dama cruel, quem quer que vós sejais,  
Que não quero, nem posso descobrir-vos,  
Dai-me agora licença de arguir-vos,

Pois para amar-vos tanto me negais.

Por que razão de ingrata vos prezais,  
Não pagando-me o zelo de servir-vos?  
Sem dúvida deveis de persuadir-vos  
Que a ingratidão a formosenta mais.

Não há cousa mais feia na verdade;  
Se a ingratidão aos nobres envilece,  
Que beleza fará uma fealdade?

Depois que sois ingrata, me parece  
Torpeza hoje, o que ontem foi beldade  
E flor a ingratidão, que em flor fenece.

### **ENCARECE O POETA A GRAÇA E A BIZARRIA COM QUE SUA SENHORA DESEMBARCOU A SEUS OLHOS E FOI LEVADA POR QUATRO ESCRAVOS**

Esperando uma bonança,  
cansado já de esperar  
um pescador, que no mar  
tinha toda a confiança:  
receoso da tardança  
de um dia, e mais outro dia  
pela praia discorria,  
quando aos olhos de repente  
uma onda lhe pôs patente,  
quanto uma ausência encobria.

Entre as ondas flutuando  
um vulto se divisava,  
sendo, que mais flutuava,  
quem por ela está aguardando:  
e como maior julgando  
o tormento da demora  
como se Leandro fora,  
lançar-se ao mar pretendia,  
quando entre seus olhos via  
quem dentro em seu peito mora.

Mora em seu peito uma ingrata  
tão bela ingrata, que adrede  
pescando as demais com rede,

ela só com a vista mata:  
as redes, de que não trata  
vinha agora recolhendo;  
porque como estava vendo  
todo o mar feito uma serra,  
vem pescar almas à terra,  
de amor pescadora sendo.

Logo que à praia chegou,  
tratou de desembarcar,  
mas sair o sol do mar  
só esta vez se admirou:  
tão galharda enfim saltou,  
que quem tão galharda a via,  
justamente presumia,  
para mais abono seu,  
que era Vênus, que nasceu  
do mar, pois do mar saía.

Pôs os pés na branca areia,  
que comparada c'os pés  
ficou pez, em que lhe pés,  
porque em vê-la a areia areia:  
pisando a margem, que alheia  
de um arroio os dois extremos,  
todos julgamos, e cremos  
Galatéia a Ninfa bela,  
pois bem que vimos a Estrela,  
fomos cegos Polifemos.

Toda a concha, e toda a ostrinha,  
que na praia achou, a brio,  
mas nenhum aljôfar viu,  
que todos na boca tinha:  
porém se em qualquer conchinha  
pérolas o sol produz,  
daqui certo se deduz,  
que onde quer, que punha os olhos,  
produz pérolas a molhos  
pois de dois sóis logra a luz.

Em uma portátil silha  
ocaso a seu sol entrou,  
e pois tal peso levou,

não sentiu peso a quadrilha:  
vendo tanta maravilha  
tanta luz de monte a monte,  
abrasar-se o Horizonte,  
temi com tanto arrebol,  
pois sobre as Pias do sol  
ia o carro de Faetonte.

**A VISTA DE UM PENHASCO QUE VERTENDO FRIGIDÍSSIMAS ÁGUAS LHE  
CHAMAM NO CAÍPE A FONTE DO PARAÍSO, IMAGINA AGORA O POETA MENOS  
TOLERÁVEL A SUA DISSIMULAÇÃO**

Como exalas, Penhasco, o licor puro,  
Lacrimante a floresta lisonjeando,  
Se choras por ser duro, isso é ser brando,  
Se choras por ser brando, isso é ser duro.

Eu, que o rigor lisonjear procuro,  
No mal me rio, dura penha, amando;  
Tu, penha, sentimentos ostentando,  
Que enterneces a selva, te asseguro.

Se a desmentir objetos me desvio,  
Prantos, que o peito banham, corroboro  
De teu brotado humor, regato frio.

Chora festivo já, ó cristal sonoro,  
Que quanto choras, se converte em rio,  
E quanto eu rio, se converte em choro.

**COM O EXEMPLO DO LACRIMOSO PENHASCO ENTRA A SUSPIRAR, FAZ PAUSA,  
E RESOLVE ULTIMAMENTE A PROSSEGUIR, RESGATANDO O SILÊNCIO A  
NOBREZA DA CAUSA**

Suspiros, que pretendeis  
Com tanta despesa de ais,  
Se quando um alívio achais,  
todo um segredo rompeis?

Não vedes, que a opinião  
sente o segredo rompido,  
quando no alívio adquirido

Consta a sua perdição?

Não vedes, que se acompanha  
o desafogo do peito,  
mais se perde no respeito,  
do que no alívio se ganha?

Não vedes, que o suspirar  
diminui o sentimento,  
usurpando ao rendimento  
tudo, quanto dais ao ar?

Mas direis, que uma tristeza  
publica a sua desgraça,  
porque o silêncio não faça  
inútil sua fineza.

Direis bem, que o padecer  
da beleza é pundoonor,  
e guardar segredo à dor  
será agravar seu poder.

Eia, pois, coração louco,  
suspirai, dai vento ao vento,  
que tão grande sentimento  
não periga com tão pouco.

Quem disser, que suspirais  
por dar à dor desafogo,  
dizei-lhe, que tanto fogo  
ao vento se acende mais.

Não caleis, suspiros tristes,  
que importa pouco o segredo  
e jamais me vereis ledos,  
como algum tempo me vistes.

**PRETENDE AGORA PERSUADIR A UM RIBEIRINHO A QUE NÃO  
CORRA, TEMENDO, QUE SE PERCA: QUE É MUI PRÓPRIO DE UM LOUCO E  
NAMORADO QUERER QUE TODOS SIGAM O SEU CAPRICHOS E RESOLVE A  
COBIÇAR-LHE A LIBERDADE**

Como corres, arroio fugitivo?

Adverte, para, pois precipitado  
Corres soberbo, como o meu cuidado,  
Que sempre a despenhar-se corre altivo.

Toma atrás, considera discursivo,  
Que esse curso, que levas apressado,  
No caminho, que empreendes despenhado  
Te deixa morto, e me retrata ao vivo.

Porém corre, não pares, pois o intento,  
Que teu desejo conseguir procura,  
Logra o ditoso fim do pensamento.

Triste de um pensamento sem ventura!  
Que tendo venturoso o nascimento,  
Não acha assim ditosa a sepultura.

#### **SOLITÁRIO EM SEU MESMO QUARTO À VISTA DA LUZ DO CANDEEIRO PORFIA O POETA PENSAMENTEAR EXEMPLOS DE SEU AMOR NA BORBOLETA**

Ó tu do meu amor fiel traslado  
Mariposa entre as chamas consumida,  
Pois se à força do ardor perdes a vida,  
A violência do fogo me há prostrado.

Tu de amante o teu fim hás encontrado,  
Essa flama girando apeteçada;  
Eu girando uma penha endurecida,  
No fogo que exalou, morro abrasado.

Ambos de firmes anelando chamas,  
Tu a vida deixas, eu a morte imploro  
Nas constâncias iguais, iguais nas chamas.

Mas ai! que a diferença entre nós choro,  
Pois acabando tu ao fogo, que amas,  
Eu morro, sem chegar à luz, que adoro.

#### **RATIFICA SUA FIDALGA RESOLUÇÃO TIRANDO DENTRE SALAMANDRA E BORBOLETA O MAIS SEGURO DOCUMENTO PARA BEM AMAR**

Renasce Fênix quase amortecida.



Borboleta no incêndio desmaiada:  
Porém se amando vives abrasada,  
Ai como temo morras entendida!

Se te parece estar restituída,  
No que te julgo já ressuscitada,  
Quanto empreendes de vida renovada,  
Te receio na morte envelhecida.

Mas se em fogo de amor ardendo nasces,  
Borboleta, o contrário mal discorres,  
Que para eterna pena redivives.

Reconcentra esse ardor, com que renasces,  
Que se qual Borboleta em fogo morres,  
É melhor, Salamandra, o de que vives.

#### **AO RIO DE CAÍPE RECORRE QUEIXOSO O POETA DE QUE SUA SENHORA ADMITE POR ESPOSO OUTRO SUJEITO**

Suspende o curso, ó Rio, retrocido,  
Tu, que vens a morrer, adonde eu morro,  
Enquanto contra amor me dá socorro  
Algum divertimento, algum olvido.

Não corras lisonjeiro, e divertido.  
Quando em fogo de amor a ti recorro  
E quando o mesmo incêndio, em que me torro,  
Teu vizinho cristal tem já vertido.

Pois já meu pranto inunda teus escolhos,  
Não corras, não te alegres, não te rias,  
Nem prateies verdores, cinge abrolhos.

Que não é bem, que tuas águas frias,  
Sendo o pranto chorado dos meus olhos,  
Tenham que rir em minhas agonias.

**IMAGEM SINGULAR DE SUA DESESPERADA PAIXÃO, VENDENDO QUE SUA  
SENHORA SEM EMBARGO DE RECEBER-LHES SEUS AMOROSOS  
DIVERTIMENTOS, ACEITAVA EM CASAMENTO UM SUJEITO MUITO DA**

## VONTADE DE SEUS PAIS: MAS NEM ESTAS, NEM OUTRAS OBRAS OUSAVA ELE A CONFIAR MAIS QUE DO SEU BAÚ

Enfim, pois vossa mercê  
não ignora, que é forçoso  
acomodar co'as desgraças,  
e desbaratar ao gosto:  
Ouça os últimos suspiros,  
de quem no extremo amoroso  
fala com língua de mágoas,  
sente com vozes de fogo.  
Que nestas minhas ofensas,  
e nestes termos suponho,  
que fez dita o meu afeto,  
do que você fez estorvo.  
Pois adorando excessivo,  
o que não logrou ditoso,  
só da esperança fez caso,  
sem dar ousadia ao logro.  
Parecia-me, que nunca  
chegasse a ser perigoso  
venerar no pensamento  
falsas ideias de um gosto.  
Mas conhecendo mentiras,  
quanto me disse o alvoroço,  
repito agora, o que quis  
fazendo negaça ao gosto:  
Que como em você conheço,  
que lhe será mui custoso  
sem fazer da pena opróbrio:  
Vendo, que minha esperança  
acha o bem dificultoso,  
e se encontra co'as desgraças  
na observação do decoro.  
Adivrto a minha razão  
nos extremos de queixoso  
com a raiva da fineza  
como refúgio do choro.  
Porque limitando a pena  
àquele afeto amoroso,  
cuja firmeza eterniza,  
por alívio o desafogo!  
Quero, se é, que pode ser  
querer, quem por tantos modos

nem para querer lhe deixa  
ação tão tirano afogo!  
Que veja você sepulta  
a presunção do alvoroço,  
que na esperança da posse  
era o caminho do logro.  
Para que em mudos suspiros  
melhor segurem meus olhos,  
que a influência de estrela  
só neste estado me há posto.  
E assim só dela me queixo,  
porque fora lance impróprio  
clamar contra as divindades  
nesta queixa, que a Amor formo.  
Com que advertir-lhe é preciso,  
que de tudo, o que me dão,  
na execução de agravo  
as glórias julgo por sonho.  
Pois se cheguei a adorar,  
foi preciso tão notório  
do destino, a que rendido  
para este fim nasci logo,  
E o pretender suspirando  
com um desvelo, e com outro  
foram protestos do incêndio,  
foi do excessivo acordo.  
Idolstrar um prodígio,  
não foi prodígio, nem noto,  
que o rendimento, e desvelo  
ficassem acaso opostos:  
Porque advertindo, que o céu,  
e o Planeta Luminoso  
juraram pleito homenagem  
na beleza desse rosto:  
O conhecer Liberdade  
à vista de tanto assombro  
fora, perdendo os sentidos  
ser indiscreto e ser louco.

**CHORA O POETA A ÚLTIMA RESOLUÇÃO DE SEU IDOLSTRADO IMPOSSÍVEL  
TÃO MERECEDORA DESTES DELICADOS VERSOS**

Alto: divino impossível,

de cuja dificuldade,  
formosura, e discrição  
qual é maior, não se sabe.  
Se impossível pelo estado,  
a dificuldade é grande,  
pois casada, e a teu gosto  
que força há de conquistar-te?  
Se impossível na dureza,  
a ser pedra incontrastável,  
basta ser de lavradora,  
para que nunca se lavre.  
Se impossível pelo estorvo  
da família vigilante  
é o impossível maior,  
que ao meu coração combate.  
Mas se és, divino impossível,  
de tão alta divindade,  
creio, que esperanças mortas  
ressurgirás a milagres.  
Se és um milagre composto  
de neve incendiada em sangue,  
e sempre o Céu de teu rosto,  
mostra dois astros brilhantes:  
As mãos umas maravilhas,  
um par de jasmims as faces,  
o corpo um garbo vivente.  
os pés um vivo donaire:  
Se são milagres divinos,  
Francelinda, as tuas partes,  
para viver, quem te adora,  
que farás. senão milagres!  
Dá-me por milagre a vida  
na esperança de lograr-te,  
verás ressurgir com glória  
uma esperança cadáver.  
E se és enigma escondido,  
eu sou segredo inviolável,  
pois ouves, e não percebes,  
quem te diz, o que não sabes.  
De que serve a discrição,  
com que o teu nome ilustraste,  
sendo a Palas destes tempos,  
Minerva destas idades.  
Discorre em tuas memórias

os dias, manhãs, e tardes,  
que foste emprego de uns olhos,  
que mudamente escutaste.  
Porque uns olhos, que atrevidos  
registram a divindade  
são sempre d'alma rendida  
emudecidas linguagens.  
Lembra-te, que em tua casa,  
onde cortês me hospedaste,  
não me guardaste o seguro  
das leis da hospitalidade.  
Por que matando-me então  
traidoramente suave  
me calei eu, por guardar  
essas leis, que tu violaste.  
Se inda não cais, em quem sou,  
porque me estorva explicar-me  
de uma parte o teu decoro,  
e o meu temor de outra parte.  
Terei paciência por ora,  
até que me tire os disfarces  
Amor, que com se vender,  
me deu lições de vender-me.  
E se penetras, quem sou,  
porque já o conjeturaste,  
e escolhes de pura ingrata  
não crer-me, por não pagar-me:  
Recorre à tua beleza,  
que sei, que ela há de obrigar-te  
a crer, que em minhas finezas  
corto por muitas verdades.  
E pois me toca pesar  
as tuas dificuldades,  
e a ti tua formosura  
e discrição pesar cabe.  
Julguemos ambos de dois,  
qual dá cuidado mais grande,  
formosura, e discrição,  
ou tantas dificuldades.

### **CHORA O POETA DE UMA VEZ PERDIDAS ESTAS ESPERANÇAS**

A Deus vão pensamento, a Deus cuidado,

Que eu te mando de casa despedido,  
Porque sendo de uns olhos bem nascido  
Foste com desapego mai criado.

Nasceste de um acaso não pensado,  
E cresceu-te um olhar pouco advertido,  
Criou-te o esperar de um entendido.  
E às mãos morreste de um desesperado:

Ícaro foste, que atrevidamente  
Te remontaste à esfera da luz pura,  
De donde te arreou teu voo ardente.

Fiar no sol, é irracional loucura,  
Porque nesse brandão dos céus luzente  
Falta a razão, se sobra a formosura.

#### **VAGAVA O POETA POR AQUELES RETIROS FILOSOFANDO EM SUA DESDITA SEM PODER DESAPEGAR AS HARPIAS DE SEU JUSTO SENTIMENTO**

Quem viu mal como o meu sem meio ativo!  
Pois no que me sustenta, e me maltrata,  
É fero, quando a morte me dilata,  
Quando a vida me tira, é compassivo.

Oh do meu padecer alto motivo!  
Mas oh do meu martírio pena ingrata!  
Uma vez inconstante, pois me mata,  
Muitas vezes cruel, pois me tem vivo.

Já não há de remédio confianças;  
Que a morte a destruir não tem alentos,  
Quando a vida empenar não tem mudanças.

E quer meu mal dobrando os meus tormentos,  
Que esteja morto para as esperanças,  
E que ande vivo para os sentimentos.

#### **AO PÉ DAQUELE PENHASCO LACRIMOSO QUE JÁ DIZEMOS PRETENDE MODERAR SEU SENTIMENTO, E RESOLVE, QUE A SOLEDADE O NÃO ALIVIA**

Na parte da espessura mais sombria,

Onde uma fonte de um rochedo nasce,  
Com os olhos na fonte, a mão na face,  
Sentado o Pastor Sílvio assim dizia.

Ai como me mentiu a fantasia  
Cuidando nesta estância repousasse!  
Que muito a sede nunca mitigasse,  
Se cresce da saudade a hidropisia.

Solte o Zéfiro brando os seus alentos,  
E excite no meu peito amantes fráguas,  
Que subam da corrente os movimentos.

Que é irana oficina para as mágoas  
Ouvir nas folhas combater os ventos,  
Por entre as pedras murmurar as águas.

#### **A MUSA PRAGUEJADORA**

E bem que os descantei bastantemente  
canto segunda vez na mesma lira  
o mesmo assunto, em plectro diferente.  
Que a mudez canoniza bestas feras.  
Oh que cansado trago o sofrimento.

#### **QUEIXA-SE O POETA EM QUE O MUNDO VAI ERRADO, E QUERENDO EMENDÁ- LO O TEM POR EMPRESA DIFICULTOSA**

Carregado de mim ando no mundo,  
E o grande peso embarga-me as passadas,  
Que como ando por vias desusadas,  
Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.

O remédio será seguir o imundo  
Caminho, onde dos mais vejo as pisadas,  
Que as bestas andam juntas mais ornadas,  
Do que anda só o engenho mais profundo.

Não é fácil viver entre os insanos,  
Erra, quem presumir, que sabe tudo,  
Se o atalho não soube dos seus danos.

O prudente varão há de ser mudo,  
Que é melhor neste mundo o mar de enganoso  
Ser louco c'os demais, que ser sisudo.

### **SANTIGUA-SE O POETA CONTRA OUTROS PATARATAS AVARENTOS, INJUSTOS, HIPÓCRITAS, MURMURADORES, E POR VÁRIAS MANEIRAS**

Destes, que campam no mundo  
sem ter engenho profundo,  
e entre gabos dos amigos  
os vemos em papa-figos  
sem tempestade, nem vento:  
Anjo Bento.

De quem com Letras secretas  
tudo, o que alcança é por tretas,  
baculejando sem pejo  
por matar o seu desejo  
dês de manhã até a tarde:  
Deus me guarde.

Do que passeia farfante  
muito prezado de amante,  
por fora luvas, galões,  
insígnias, armas, bastões,  
por dentro pão bolorento:  
Anjo Bento.

Destes beatos fingidos  
cabisbaixos, encolhidos,  
por dentro fatais maganos,  
sendo nas caras uns Janos,  
que fazem do vício alarde:  
Deus me guarde.

Que vejamos teso andar,  
quem mal sabe engatinhar,  
mui inteiro, e presumido,  
ficando o outro abatido  
com maior merecimento:  
Anjo Bento.



Destes avaros mofinos,  
que põem na mesa pepinos  
de toda a iguaria isenta,  
com seu limão, e pimenta,  
porque diz que queima, e arde:  
Deus me guarde.

Que pregue um douto sermão  
um alarve, um asneirão,  
e que esgrima em demasia,  
quem nunca já na Sofia  
soube pôr um argumento:  
Anjo Bento.

Deste Santo mascarado,  
que fala do meu pecado,  
e se tem por Santo Antônio,  
mas em lutas co demônio  
se mostra sempre cobarde:  
Deus me guarde.

Que atropelando a justiça  
só com virtude postiça  
se premie o delinquente,  
castigando o inocente  
por um leve pensamento:  
Anjo Bento.

**EXPÕEM ESTA DOCTRINA COM MIUDEZA, E ENTENDIMENTO CLARO, E SE  
RESOLVE A SEGUIR SEU ANTIGO DITAME**

Que néscio, que era eu então,  
quando o cuidava, o não era,  
mas o tempo, a idade, a era  
puderam mais que a razão:  
fiei-me na discrição,  
e perdi-me, em que me pês,  
e agora dando ao través,  
vim no cabo a entender,  
que o tempo veio a fazer,  
o que a razão nunca fez..

O tempo me tem mostrado,  
que por me não conformar  
com o tempo, e co lugar  
estou de todo arruinado:  
na política de estado  
nunca houve princípios certos,  
e posto que homens espertos  
alguns documentos deram,  
tudo, o que nisto escreveram,  
são contingentes acertos.

Muitos por vias erradas  
têm acertos mui perfeitos  
muitos por meios direitos,  
não dão sem erro as passadas:  
cousas tão disparatadas  
obra-as a sorte importuna,  
que de indignos é coluna,  
e se me há de ser preciso  
lograr fortuna sem siso,  
eu renuncio à fortuna.

Para ter por mim bons fados  
escuso discretos meios,  
que há muitos burros sem freios,  
e mui bem afortunados:  
logo os que andam bem livrados,  
não é própria diligência,  
é o céu, e sua influência,  
são forças do fado puras,  
que põem mantidas figuras  
do teatro da prudência.

De diques de água cercaram  
esta nossa cidadela  
todos se molharam nela,  
e todos tontos ficaram:  
eu, a quem os céus livraram  
desta água fonte de asnia,  
fiquei são da fantasia  
por meu mal, pois nestes tratos  
entre tantos insensatos  
por sisudo eu só perdia.

Vinham todos em manada  
um simples, outro doudete,  
este me dava um moquete,  
aquel'outro uma punhada:  
tá, que sou pessoa honrada,  
e um homem de entendimento;  
qual honrado, ou qual talento?  
foram-me pondo num trapo,  
vi-me tornado um farrapo,  
porque um tolo fará cento.

Considerarei logo então  
os baldões, que padecia,  
vagarosamente um dia  
com toda a circunspeção:  
assentei por conclusão  
ser duro de os corrigir,  
e livrar do seu poder,  
dizendo com grande mágoa:  
se me não molho nesta água,  
mal posso entre estes viver.

Eia, estamos na Bahia,  
onde agrada a adulação,  
onde a verdade é baldão,  
e a virtude hipocrisia:  
sigamos esta harmonia  
de tão fátua consonância,  
e inda que seja ignorância  
seguir erros conhecidos,  
sejam-me a mim permitidos,  
se em ser besta está a ganância

Alto pois com planta presta  
me vou ao Dique botar,  
e ou me hei de nele afogar,  
ou também hei de ser besta:  
do bico do pé à testa  
lavei as carnes, e os ossos:  
ei-los vêm com alvoroços  
todos para mim correndo.  
ei-los me abraçam, dizendo.  
agora sim, que é dos nossos.

Dei por besta em mais valer,  
um me serve, outro me presta;  
não sou eu de todo besta,  
pois tratei de o parecer:  
assim vim a merecer  
favores, e aplausos tantos  
pelos meus néscios encantos,  
que enfim, e por derradeiro  
fui galo de seu poleiro,  
e lhes dava os dias santos.

Já sou na terra bem visto,  
louvado, e engrandecido,  
já passei de aborrecido  
ao auge de ser benquisto:  
já entre os grandes me alisto,  
e amigos são, quando topo,  
estou fábula de Esopo  
vendo falar animais,  
e falando eu que eles mais,  
bebemos todos num copo.

Seja pois a conclusão,  
que eu me pus aqui a escrever,  
o que devia fazer,  
mas que tal faça, isso não:  
decrete a divina mão,  
influam malignos fados,  
seja eu entre os desgraçados  
exemplo de desventura:  
não culpem minha cordura,  
que eu sei, que são meus pecados.

### **SACODE A OUTROS, QUE PECAVAM NA PRESUNÇÃO, E ATREVIMENTO INDIGNO**

Um vendelhão baixo, e vil  
de cornos pôs uma tenda,  
e confiado, em que os venda,  
corre por todo o Brasil:  
para mim de tantos mil  
lhe mandei, que me guardasse,  
se verdade não falasse

em sobrosso, e com sojorno:  
Um corno.

Para o Alcaide ladrão  
com despejo, e com temor,  
que na mão leva o Doutor,  
na barriga a Relação:  
indo à casa de um Sansão  
entra audaz, e confiado,  
e faz penhora no estado  
da mulher, e seu adornos:  
dois cornos.

Para o escrivão falsário,  
que sem chegar-lhe à pousada,  
dando a parte por citada,  
dá fé, e cobra o salário:  
e sendo o feito ordinário,  
como corre à revelia,  
sai a sentença num dia  
mais amarga que piornos:  
três cornos.

Para o Julgador Orate  
ignorante, e fanfarrão,  
que sendo Conde de Unhão,  
já quer ser Marquês de Unhate:  
e por qualquer dou-te, ou dá-te  
resolve do invés um feito  
e assola a torto, e direito  
a cidade, e seus contornos:  
quatro cornos.

Para o Judas Macabeu,  
que porque na tribo estriba,  
foi de Capitão a Escriba,  
e de Escriba a Fariseu:  
pois no ofício se meteu  
a efeito só de comer,  
sufrágios, que em vez de os ter,  
quer antes arder em fornos:  
cinco cornos.

Para o bêbado mestiço,

e fidalgo atravessado,  
que tendo o pernil tostado,  
cuida, que é branco castiço:  
e de flatos enfermijo  
se ataca de jeribita,  
crendo, que os flatos lhe quita,  
quando os vomita em retornos:  
seis cornos.

Para o Cônego observante  
todo o dia. e toda a hora,  
cuja carne é pecadora  
das completas por diante:  
cara de disciplinante,  
queixadas de penitente,  
e qualquer jimbo corrente  
serve para seus subornos:  
sete cornos.

Para as Damas da Cidade  
Branças, Mulatas, e Pretas,  
que com sortílegas tretas  
roubam toda a liberdade:  
e equivocando a verdade  
dizem, que são um feitiço,  
não o tendo em o cortiço  
tanto como caldos mornos:  
oito cornos.

Para o Frade confessor,  
que ouvindo um pecado horrendo  
se vai pasmado benzendo,  
fugindo do pecador:  
e sendo talvez pior  
do que eu, não quer absolver-me,  
talvez porque inveja ver-me  
com tão torpes desadornos:  
nove cornos.

Para o Pregador horrendo,  
que a Igreja esturgindo a gritos,  
nem ele entende os seus ditos,  
nem eu também os entendo:  
e a vida, que está vivendo,

é lá por outra medida,  
e a mim me giza uma vida  
mais amarga, que piornos:  
dez cornos.

Para o Santo da Bahia,  
que murmura do meu verso,  
sendo ele tão perverso,  
que a saber fazer faria:  
e quando a minha Talia  
lhe chega às mãos, e ouvidos  
faz na cidade alaridos,  
e vai gostá-la aos contornos:  
mil cornos.

### **SATIRIZA O POETA ALEGORICAMENTE ALGUNS LADRÕES, QUE MAIS SE ASSINALAVAM NA REPÚBLICA ABOMINANDO A VARIEDADE, E O MODO DE FURTAR**

Ontem, Nise, a prima noite  
vi sobre o vosso telhado  
assentados em cabido  
cinco, ou seis formosos gatos.  
Estava a noite mui clara  
fazia um luar galhardo,  
e porque tudo vos diga,  
estava eu em vós cuidando  
O Presidente, ou Deão  
na Cumeeira sentado  
era um gato macilento  
barbirruço, e caricato.  
Os demais em boa ordem  
pela cumeeira abaixo  
lavandeiros de si mesmos  
lavavam punhos, e rabos.  
Tão profundo era o silêncio,  
que não se ouvia um miau,  
e o Deão o interrompeu  
dando um mio acatarrado.  
Tossiu, tossiu, e não pôde  
articular um miau,  
que de puro penitente  
traz sempre o peito cerrado.

Eis que um gatinho reinol  
mui estético, e mui magro  
relambido de feições,  
e de tono afalsetado:  
quis por primeiro falar,  
e falara em todo o caso,  
se outro gato casquiduro  
lhe não saíra aos embargos.  
Eu sou gato de um meirinho  
(disse) que pelos telhados  
vim fugindo a todo o trote  
do poder de um saibam-quantos.  
Com que venho a concluir,  
que servindo a tais dois amos,  
hei de falar por primeiro,  
porque sou gato dos gatos.  
Fale, disse o Presidente,  
pois lhe toca pro anciano;  
e ele tomando-lhe a vênua,  
foi o seu conto contando.  
Em casa deste Escrivão  
me criei com tal regalo,  
que os demais gatos da casa  
eram comigo uns bichanos.  
Mas cresci, e aborreci,  
porque se cumpra o adágio,  
que o oficial do mesmo ofício  
é inimigo declarado.  
Foi me tomando tal ódio,  
porque foi vendo, e notando,  
que era capaz eu de dar-lhe  
até no ofício um gataço  
Topou me em uns entreforros,  
e tirando-me porraços,  
eu lhe miava os narizes,  
quando ele me enchia os quartos  
Fugi, como tenho dito,  
e me acolhi ao sagrado  
de uma vara de justiça,  
que é valhacouto de gatos.  
Sai meu amo aos prendimentos,  
e eu fico em casa encerrado  
por caçador de balcões,  
onde jejuo o trespasso.



Porque em casa de um meirinho  
nas suas arcas, e armários  
é quaresma toda a vida,  
e têmporas todo o ano.  
Não posso comer ratinhos,  
porque cuidado, e não me engano  
que de meu amo são todos  
ou parentes, ou paisanos.  
Porque os ratinhos do Douro  
são grandíssimos velhacos:  
em Portugal são ratinhos,  
e cá no Brasil são gatos.  
Eu sou gato virtuoso.  
que a puro jejum sou magro,  
não como, por não ter quê,  
não furto, por não ter quando  
E como sobra isto hoje,  
para me terem por Santo,  
venho pedir que me ponham  
no Calendário dos gatos.  
Acabada esta parlenda  
mui ético do espinhaço  
sobre a muleta das pernas  
se levantou outro gato:  
Dizendo: há anos, que sirvo  
na casa de um Boticário,  
que a récipe de pancadas  
me tem os bofes purgado.  
Queixa-se, que lhe comi  
um boião de unguento branco,  
e bebi-lhe a mesma noite  
um canjirão de ruibarbo.  
Diz bem, porque assim passou;  
mas eu fiquei tão passado  
como de tal solutivo  
dirá qualquer mata-sanos.  
Fiquei de humores exangue,  
tão escorrido, e exausto,  
que não sou gato de humor,  
porque nem bom, nem mau gasto.  
Suplico ao senhor Cabido,  
que de um homem tão malvado  
me vingue com ter saúde,  
por não gastar os emplastos.

Apenas este acabou,  
quando se ergueu outro gato,  
e entoando o jube domine  
disse humilde, e mesurado:  
Meu amo é um bom Alfaiate  
gerado sobre um telhado  
na maior força do inverno,  
alcoviteiro dos gatos.  
É pardo rajado em preto,  
ou preto embutido em pardo,  
malhado, ou já malhadiço  
do tempo, em que fora escravo.  
Tão caçador das ourelas,  
tão meador de retalhos,  
que com onças de retrós  
brinca qual gato com ratos.  
E porque eu com dois fios  
joguei o sapateado,  
houve de haver por tão pouco  
uma de todos os diabos.  
Estrugiu-me a puros gritos,  
e plantou-me no pedrado;  
ele pelo cabo é cão,  
e eu fiquei gato por cabo.  
Que de verdades dissera,  
a estar menos indignado!  
mas para falar de um cão  
é mui suspeito um gato.  
Pelo menos quando eu corto,  
nunca dobro a tela em quatro,  
por dar um colete ao demo,  
e outro a mim pelo trabalho.  
Nem menos peço dinheiro  
para retrós e o não gasto,  
porque o gavetão do cisco  
me dá o retrós necessário.  
Não cirzo côvado, e meio  
por dar um colete ao diabo,  
nem vendo de tela fina  
retalhinhos de três palmos.  
Tudo enfim se há de saber  
no universal cadafalso,  
que no tribunal de Deus  
não se estilam secretários

Requeiro a vossas mercês;  
que me ponham com outro amo,  
porque com este hei de estar  
sempre como cão com gato.  
À vista deste Alfaiate  
disse o Cabido espantado.  
somos nós gatos mirins,  
que inda agora engatinhamos.  
O gato tome outro amo  
em qualquer convento honrado.  
seja Fundador Barbônio,  
ou Sacristão-mor do Carmo.  
A propósito do que  
se foi erguendo outro gato.  
e amortalhado de mãos  
armou os lombos em arco:  
E dizendo o jube domine  
se pôs em terra prostrado:  
e eu disse logo: me matem,  
se não é dos Franciscanos.  
Sou gato de refeitório,  
disse, há três ou quatro anos,  
pajem do refeitoreiro,  
do despenseiro criado.  
Fui Custódio da cozinha,  
e dei mal conta do cargo,  
porque sisando rações,  
fui guardião dos traçalhos.  
Eu era por outro tempo  
mui gordo, e mui anafado,  
porque os da esmola então vinham  
despejar-me em casa os sacos.  
Mas hoje, que já da rua  
vêm c'os bolsos despejados,  
veio a ser o refeitório  
uma Tebaida de gatos.  
Não pode o pão das esmolas  
manter tantos Remendados,  
que em lhe manter as amigas  
(sendo infinitas) faz arto.  
Dei com isto entisicar-me,  
e esburgar-me do espinhaço,  
não tanto já de faminto,  
quanto de escandalizado.

Não posso viver entre homens,  
que se remendam seus panos,  
é mais por nos enganar,  
que porque lhes dure o ano.  
E hoje, que na casa nova  
gastam tantos mil cruzados,  
são gatos de maior dura,  
pois de pedra, e cal são gatos.  
Palavras não eram ditas,  
quando zunindo, e silvando  
sentiram pelas orelhas  
um chuveiro de bastardos.  
E logo atrás disso um tiro  
de um bacamarte atacado,  
que disparou de um quintal  
um malfazejo soldado  
Descompôs-se a audiência,  
e cada qual por seu cabo  
pela campanha dos ares  
foram de telha em telhado.  
E depois que légua e meia  
tinha cada qual andado,  
parando, olharam atrás  
atônitos e assustados.  
E vendo-se desunidos,  
confusos, desarranchados,  
usaram de contra-senha  
miau aqui, ali, miau.  
Mas depois, que se juntaram,  
disse uma gato castelhano,  
cada qual a sua cabana,  
que hoje de boa escapamos,  
Chuviscou naquele instante,  
e safaram-se de uma salto,  
porque sempre da água fria  
tem medo o gato escaldado.

**COM VISTA CLARA SACODE OS ENTREMETIDOS, MENCIONANDO ALGUNS DE SEUS PATRÍCIOS, QUE MAIS O ENFADAVAM**

*A várias pessoas*

Como nada veem  
e andam sempre aos tombos  
querem os mazombos  
que eu cegue também:  
não temo ninguém,  
e se os matulões  
hão medo a prisões,  
eu sou de carona:  
forro minha cona

Olhem para a terra  
que está nestes anos  
gafa de maganos  
que El-Rei o desterra:  
O pano da Serra  
em sedas trocou  
quem lá sempre andou  
em uma atafona:  
forro minha cona

Verão um sandeu  
que quer sem disputa  
ser filho da puta,  
por não ser judeu:  
se hábitos perdeu  
por ser cristão-novo,  
a mim todo o povo  
de velho me abona:  
forro minha cona

Aquele é de ver,  
que apuros aqueles  
explica por eles,  
quanto quer dizer:  
Não posso sofrer  
que um tangarumanga  
use de pendanga  
com língua asneirona:  
forro minha cona

Verão um jumento  
de figura rara,  
que anda sempre a vara,  
por lhe darem vento:

Notável portento  
neste tal se enxerga,  
pois trás a chomberga  
a barba capona:  
forro minha cona

Verão um vilão  
na dona montanha  
farto de castanha  
faminto de pão:  
e se bem à mão  
com bois e arado  
cultivou o prado  
de Flora, e Pamona:  
forro minha cona

Clérigo verão  
que porque em Cantabra  
nasceu de uma cabra  
cresceu a cabrão:  
Tão fino ladrão  
que até a filha alheia  
com ser cananéia  
furta à mãe putona:  
forro minha cona

Verão um Doutor  
em Judá nascido  
mais entremetido  
que um grande fedor:  
Grande assistidor  
de Igreja festeira,  
que ao longe lhe cheira  
como mangerona:  
forro minha cona

Verão um Galego  
grande salvajola,  
veste à mariola,  
anda ao palacego:  
Fidalgo Noroego  
em cruz de Calvário,  
que um certo falsário  
nos peitos lhe entona:

forro minha cona

Verão um inocente,  
que a fidalgo vai  
e calando o pai  
a mãe diz somente:  
A este impertinente  
lembro-lhe o Godim  
do pai matachim,  
e a mãe vendilhona:  
forro minha cona

Verão um pasguate  
monstro de ouro, e prata,  
que sendo uma pata,  
é filho de um gato:  
A renda de um trato  
pôs por seu regalo  
um burro a cavalo  
de sela mamona:  
forro minha cona

Entre outros ladrões  
verão um letrado  
na mente graduado  
de quatro asneirões:  
Na cara pontões  
na idéia nem ponto,  
e ou tonto, ou não tonto,  
de rico blasona:  
forro minha cona

Verão um alvar  
fidalgo tendeiro,  
que o pai sapateiro  
lhe fez o solar:  
Cônego ultramar  
por duas patacas  
ferrou ontem atacas  
e hoje se entona:  
forro minha cona

Verão outro Zote,  
a quem Satanás

por culpas de atrás  
fará galeote:  
O tal sacerdote  
só prega a doutrina  
da lei culatrina,  
que ensina, e abona:  
forro minha cona

Verão um Guinéu  
moço assalvado  
fidalgo estirado  
por quedas, que deu:  
O Góis lhe meteu  
sogro do seu jeito  
a torto, e direito  
nobreza sevona:  
forro minha cona

Verão um Gavacho  
com sede tamanha,  
que a palma se ganha  
ao maior borracho:  
Beca sem empacho  
que no mar caiu,  
e o mar lhe fugiu  
por ser borrachona:  
forro minha cona

Verão outrossim  
entregue ao diabo  
um esfola-rabo  
pobre colomim:  
Mau vilão, ruim,  
duas caras trás  
ambas muito más  
que tudo inficiona:  
forro minha cona

Verão borundangas  
que o mundo podia  
vender à Bahia  
três mil bugigangas:  
Figurões de mangas  
que não vi em meus dias



nas tapeçarias  
de Rasa e Pamplona:  
forro minha cona.

## **DEFENDE O POETA POR SEGURO, NECESSÁRIO, E RETO SEU PRIMEIRO INTENTO SOBRE SATIRIZAR OS VÍCIOS**

Eu sou aquele, que os passados anos  
cantei na minha lira maldizente  
torpezas do Brasil, vícios, e enganos.

E bem que os decantei bastante,mente,  
canto segunda vez na mesma lira  
o mesmo assunto em plectro diferente.

Já sinto, que me inflama, ou que me inspira  
Tália, que Anjo é da minha guarda,  
Dês que Apolo mandou, que me assistira.

Arda Baiona, e todo o mundo arda,  
Que, a quem de profissão falta à verdade,  
Nunca a Dominga das verdades tarda.

Nenhum tempo excetua a Cristandade  
Ao pobre pegureiro do Parnaso  
Para falar em sua liberdade.

A narração há de igualar ao caso,  
E se talvez ao caso não iguala,  
Não tenho por Poeta, o que é Pégaso.

De que pode servir calar, quem cala,  
Nunca se há de falar, o que se sente?  
Sempre se há de sentir, o que se fala!

Qual homem pode haver tão paciente,  
Que vendo o triste estado da Bahia,  
Não chore, não suspire, e não lamente?

Isto faz a discreta fantasia:  
Discorre em um, e outro desconcerto,  
Condena o roubo, e increpa a hipocrisia.

O néscio, o ignorante, o inexperto,  
Que não elege o bom, meu mau reprova,  
Por tudo passa deslumbrado, e incerto.

E quando vê talvez na doce trova  
Louvado o bem, e o mal vituperado,  
A tudo faz focinho, e nada aprova.

Diz logo prudentaço, e repousado,  
Fulano é um satírico, é um louco,  
De língua má, de coração danado.

Néscio: se disso entendes nada, ou pouco,  
Como mofas com riso, e algazarras  
Musas, que estimo ter, quando as invoco?

Se souberas falar, também falaras,  
Também satirizaras, se souberas,  
E se foras Poeta, poetizaras.

A ignorância dos homens destas eras  
Sisudos faz ser uns, outros prudentes,  
Que a mudez canoniza bestas feras.

Há bons, por não poder ser insolentes,  
Outros há comedidos de medrosos,  
Não mordem outros não, por não ter dentes.

Quantos há, que os telhados têm vidrosos,  
E deixam de atirar sua pedrada  
De sua mesma telha receosos.

Uma só natureza nos foi dada:  
Não criou Deus os naturais diversos,  
Um só Adão formou, e esse de nada.

Todos somos ruins, todos perversos,  
Só nos distingue o vício, e a virtude,  
De que uns são comensais, outros adversos.

Quem maior a tiver, do que eu ter pude,  
Esse só me censure, esse me note,  
calem-se os mais, chitom, e haja saúde.

**EM TEMPO QUE GOVERNAVA ESTA CIDADE DA BAHIA O MARQUEZ DAS  
MINAS AJUÍZA O POETA COM SUBTILEZA DE HOMEM SAGAZ, E ENTENDIDO O  
FOGO SELVAGEM, QUE POR MEIO DA URBANIDADE SE INTRODUZIU EM CERTA  
CASA**

Cansado de vos pregar  
cultíssimas profecias,  
quero das culterânicas  
hoje o hábito enforçar:  
de que serve arrebentar,  
por quem de mim não tem mágoa?  
verdades direi como água,  
porque todos entendais  
os ladinos, e os boçais  
a Musa praguejadora.  
Entendeis-me agora?

O falar de intercadência  
entre silêncio, e palavra,  
crer, que a testa se vos abra,  
e encaixar-vos, que é prudência:  
alerta homens de Ciência,  
que quer o Xisgaravis,  
que aquilo, que vos não diz  
por lho impedir a rudeza,  
avaliéis madureza,  
sendo ignorância traidora.  
Entendeis-me agora?

Se notais ao mentecapto  
a compra do Conselheiro,  
o que nos custa dinheiro,  
isso nos sai mais barato:  
e se da mesa do trato,  
de bolsa, ou da companhia  
virdes levar Senhoria  
mecânicos deputados;  
crede, que nos seus cruzados  
sangue esclarecido mora.  
Entendeis-me agora?

Se hoje vos fala de perna,

quem ontem não pôde ter  
ramo, de quem descender  
mais que o da sua taverna:  
tende paciência interna,  
que foi sempre D. Dinheiro  
poderoso Cavalheiro,  
que com poderes iguais  
faz iguais aos desiguais,  
e Conde ao vilão cad'hora.  
Entendeis-me agora?

Se na comédia, ou sainete  
virdes, que um D. Fidalgote  
lhe dá no seu camarote  
a xícara de sorvete:  
havei dó do coitadete,  
pois numa xícara só  
seu dinheiro bebe em pó,  
que o Senhor (cousa é sabida)  
lhe dá a chupar a bebida,  
para chupá-la num'hora.  
Entendeis-me agora?

Não reputeis por favor,  
nem tomeis por maravilha  
vê-lo jogar a espadilha  
co Marquês, co grão Senhor:  
porque como é perdedor,  
e mofino adredemente,  
e faz um sangue excelente  
a qualquer dos ganhadores,  
qualquer daqueles Senhores  
por fidalgo igual o adora.  
Entendeis-me agora.

### **CONTEMPLANDO NAS COUSAS DO MUNDO DESDE O SEU RETIRO, LHE ATIRA COM O SEU ÁPAGE, COMO QUEM A NADO ESCAPOU DA TORMENTA**

Neste mundo é mais rico, o que mais rapa:  
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa:  
Com sua língua ao nobre o vil decepa:  
O Velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:  
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;  
Quem menos falar pode, mais increpa:  
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por Tulipa;  
Bengala hoje na mão, ontem garlopa:  
Mais isento se mostra, o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa,  
E mais não digo, porque a Musa topa  
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

### **TORNA O POETA A DAR OUTRA VOLTA AO MUNDO COM ESTA SEGUNDA CRISE**

Que ande o mundo mascarado  
jogando conosco o entrudo,  
e que cada qual sisudo  
ande atrás dele esgalgado!  
que nenhum desenganado  
este patifão conheça,  
e que lhe quebre a cabeça  
para ter dele vitória!  
Boa história.

Mas que alguns queiram viver  
vida tão bruta, e tão fera,  
como que se não houvera  
mais que nascer, e morrer:  
que estes mesmos queiram ser  
tão nobres, tão absolutos,  
como desbocados brutos  
correndo pela carreira!  
Boa asneira.

Que haja turcos belicosos  
filhos da perversidade,  
havendo na cristandade  
Monarcas tão poderosos:  
que não se juntem zelosos  
para prostrar seus furores,  
mandando-se embaixadores

de eloquência persuasória!  
Boa história.

Mas que haja com mais extremos  
entre cristãos batizados  
sacrílegos, renegados,  
ímpios, judeus, e blasfemos:  
que algum cristão (como vemos)  
dos tais seja muito amigo,  
tendo tão grande perigo  
de pagar-se-lhe a manqueira!  
Boa asneira.

Que tantas almas pereçam  
hoje entre gentios vários,  
por não haver Missionários,  
que em convertê-los mereçam:  
que muitos não se ofereçam  
para esta santa conquista,  
bem que o inferno o resista  
com sugestão dissuasória!  
Boa história.

Mas que muitos professores  
da lei católica, e santa  
se metam pela garganta  
dos infernos tragadores:  
que por uns tristes amores,  
ou por uns negros tostões  
vão para eternos tições  
lá na hora derradeira!  
Boa asneira.

Que muitos salvar-se esperem,  
os bens alheios devendo,  
e uma ocasião retendo,  
porque emendar-se não querem:  
e que jamais considerem,  
que deixar a ocasião  
é para uma confissão  
circunstância obrigatória:  
Boa história.

Mas que quando alguns resolvam

confessar os seus delitos,  
que hajam tantos imperitos  
confessores, que o absolvam:  
que com eles se revolvam  
no estígio, que mereceram,  
porque estes tais absolveram  
sem disposição inteira:  
Boa asneira.

Que no estado secular,  
onde houve mais de mil Santos,  
haja hoje tantos, e tantos,  
que se não sabem salvar:  
que estes não queiram cuidar  
na celestial ventura,  
havendo uma pena dura,  
eterna, e cominatória!  
Boa história.

Mas que nas Religiões  
alguns Frades maus Letrados  
sejam de Deus reprovados  
pelas suas eleições:  
que andam com perturbações  
por amor das prelazias,  
e depois de breves dias  
se acham na estígia caldeira  
Boa asneira.

Que algum Frade, que se cobre  
na santa comunidade,  
no tempo, que é pobre frade,  
não queira ser frade pobre:  
que ao mesmo tempo lhe sobre  
o dinheiro equivalente  
para alcançar facilmente  
a valia impetratória!  
Boa história.

Mas que um Frade de mais fundo  
por causa de certos mandos  
se queira meter em bandos,  
qual se fora vagabundo:  
que podendo ir cá do mundo

ao céu vestido, e calçado,  
vá descalço, e remendado  
para uma infernal Leoneira!  
Boa asneira.

Que haja pregador noviço,  
que estude alheios sermões,  
só para juntar dobrões,  
porque os ajunta por isso:  
que cuide muito remisso,  
que poderá bem pregar  
sem teologia estudar,  
ou sem saber a oratória!  
Boa história.

Mas que haja mais pregadores,  
que estudando resolutos,  
não tratem de colher frutos,  
porém só de escolher flores:  
que sendo estes tais doutores  
preguem conceitos galantes,  
bem como os representantes  
na comédia prazenteira?  
Boa asneira.

Que os rústicos montanhese  
não saibam nunca a doutrina,  
porque também nunca a ensina  
o Pároco a seus fregueses:  
que lhes diga muitas vezes  
patranhas, e histórias tantas,  
mas nunca as palavras santas,  
e a doutrina exortatória!  
Boa história.

Mas que Amariles mui vã  
saiba muito bem de cor,  
toda a cartilha de amor,  
não a doutrina cristã:  
que se vá pela manhã  
na quaresma à confissão,  
e por não sabê-la então  
vá para casa à carreira!  
Boa asneira.



Que o Juiz pelo respeito  
profira a sentença absorto,  
fazendo o direito torto,  
mas isto a torto, e direito:  
que cuide, que pode o feito  
no agravo, ou na apelação  
melhorar na Relação  
só pela conservatória!  
Boa história.

Mas que o Juiz da ciência  
por causa de alguns respeitos  
não faça exame nos feitos,  
por forrar o da consciência:  
que o tal com muita insolência  
por descuido, ou por preguiça  
não reforme esta injustiça  
da sentença lisonjeira!  
Boa asneira.

Que Juízes mentecaptos  
sabendo jurisprudência  
castiguem uma inocência  
como fez Pôncio Pilatos:  
que para certos contratos  
o réu, que a si se condena  
absolvam de culpa, e pena  
com uma interlocutória!  
Boa história.

Mas que outros com vozes mudas  
levados da vil cobiça  
vendam a mesma justiça,  
como a vendeu o mau Judas:  
que com razões tartamudas  
indo de mal em pior  
não deem conta ao confessor  
da sentença trapaceira!  
Boa asneira.

Que o Letrado lisonjeiro  
venda, fazendo negaças  
em almoeda as trapaças,

e por muito bom dinheiro:  
que diga, que é verdadeiro  
porque tem famosas partes  
pelas suas grandes artes,  
pela cota dilatória!  
Boa história.

Mas que o Ministro o suporte,  
porque isto na alçada cabe,  
ou pelo que ele só sabe,  
tantas dilações não corte:  
que primeiro chegue a morte,  
e o juízo universal,  
do que a sentença final  
de uma demanda ligeira!  
Boa asneira.

Que haja causas inda assim  
na Legacia piores,  
porque entre réus, e entre autores  
são causas, que não têm fim:  
que se conseguis o fim  
de vir em breve um rescrito,  
o tempo seja infinito,  
e eterna uma compulsória!  
Boa história.

Mas que alguns com tal porfia  
queiram com raivas internas,  
sendo a parte por eternas  
demandas na Legacia:  
que hajam muitos cada dia,  
que gastem seus benefícios  
simples nestes exercícios  
trepando uma, e outra ladeira!  
Boa asneira.

Que haja Escrivães que mal leem  
Letra, que bem se soletra,  
e que fazendo má Letra,  
contudo escrevem mui bem:  
que a este dando o parabém  
as alvíssaras lhe peçam,  
e a est'outro logo despeçam

com ficção consolatória!  
Boa história.

Mas que haja algum, que trabalha  
toda a vida sem proveito,  
e que logo faça um pleito  
sobre dá cá aquela palha:  
que queira em civil batalha  
perder a fazenda, e vida  
nas trapaças consumida,  
com quem lhe faz a moedeira!  
Boa asneira.

Que andam muitos em conjuro  
para cometerem vícios,  
roubando nos seus ofícios,  
e com cartas de seguro,  
que estes, dos quais eu murmuro,  
não vão todos a enforçar,  
só porque sabem roubar  
com sua astúcia notória!  
Boa história.

Mas que andem muitos espertos  
esganados como galgos,  
por parecerem fidalgos,  
sendo ladrões encobertos:  
que estando estes mesmos certos,  
que os conhecem muito bem,  
não se lhes deem de ninguém,  
nem isto lhes dê canseira!  
Boa asneira.

Que haja médicos, que tratam  
só de jogos, e de amores,  
sendo como os caçadores,  
que vivem só, do que matam:  
que estes, que não se recatam,  
venham com pressa esquisita,  
vão-se, e está feita a visita  
depois da purga expulsória!  
Boa história.

Mas que outros, que põem à raça,

e se prezam de estafermos,  
não o tomando aos enfermos,  
só tomem o pulso à casa:  
que haja enfermo, que se abrasa  
em febre, e dores mortais,  
e que se cure com tais,  
que só estudam na frasqueira!  
Boa asneira.

Que haja Poetas ocultos  
nas sombras da poesia,  
fugindo da luz do dia.  
e que estes se chamem cultos;  
que sendo loucos, e estultos,  
por natural tenebrosos  
queiram, que os chame lustrosos  
a fama celebratória!  
Boa história.

Mas que muitos os defendam  
pelos seus gênios bem raros  
chamando-os belos, preclaros,  
suposto que os não entendam:  
que os tais imitar pretendam  
a poesia de Angola,  
cuja catanga os consola,  
qual mandioca negreira!  
Boa asneira.

Que haja muitos pretendentes,  
só porque têm prendas boas  
nas arcas, não nas pessoas,  
que a todos fazem presentes:  
que consigam diligentes,  
quanto quer o seu intento,  
por lhes dar merecimento  
a carta condenatória!  
Boa história.

Mas que outros mil alentados,  
que andaram pelas campanhas  
fazendo muitas façanhas,  
andem tão esfrangalhados:  
que sendo uns pobres coitados

queiram pretender também,  
não se lhes dando a ninguém,  
que andassem pela fronteira!  
Boa asneira.

Que um marido perdulário  
perca o dote da mulher,  
e depois de pouco ter,  
gaste mais do necessário:  
que se ponha temerário  
depois a gritar com ela,  
fazendo-lhe a remoela  
com a praga imprecatória!  
Boa história.

Mas que outro com tanto estudo  
ame a mulher, que lhe agrada,  
que o marido mande nada,  
mas que a mulher mande tudo:  
que se ponha mui sisudo  
em casa a lisonjeá-la,  
e que depois vá gabá-la  
a seus amigos na feira!  
Boa asneira.

Que um pai a seu filho ensine  
a ser vingativo, e vão,  
porém nunca a ser cristão,  
nem na cartilha o doutrine:  
que o tal Pai se determine  
a levá-lo por seu rogo  
rapaz à casa do jogo  
a pôr-se na pasmatória!  
Boa história.

Mas que outro mais esquisito,  
se o filho só andar ousa,  
o permita: é bela cousa!  
Sendo rapaz: é bonito!  
que o deixe de pequenito  
andar em más companhias  
para que ele em breves dias  
vá cair na ratoeira!  
Boa asneira.

Que o Pai pela descendência  
do filho, ou do seu aumento  
meta a filha num convento  
freira da conveniência:  
que não faça consciência,  
se a casá-la o persuade,  
de lhe forçar a vontade,  
e com ordem peremptória!  
Boa história.

Mas que o Pai, que filha tem  
única, a não vá casar,  
por se não desapossar,  
se dote lhe pede alguém:  
que faça com tal desdém,  
que a filha ande às furtadelas  
buscando pelas janelas  
alguém, que traz cabeleira!  
Boa asneira.

Que os Pais andem pelos cantos  
namorando de contínuo,  
e queiram com este ensino  
que os seus filhos sejam Santos:  
que eles então façam prantos,  
se os veem mortos numa briga,  
vindo de casa da amiga,  
e da amante parlatória!  
Boa história.

Mas que haja Pais de tal sorte,  
que seu filho o quer roubar,  
o não deixem castigar  
para escarmento da Corte:  
que se o Ministro de porte  
o quer desterrar, então,  
o Pai chorando o perdão  
lhe solicite, e requeira!  
Boa asneira.

Que Mãe desde pequenina  
ensine a filha a ser vã,  
não a doutrina cristã,

sendo cristã sem doutrina:  
que a costume de menina  
à moda, ao donaire, à gala,  
e lhe ensine por amá-la  
até cantiga amatória!  
Boa história.

Mas que outra Mãe sem cautela  
a filha crie com vício  
sem outro algum exercício  
mais, do que o pôr-se à janela:  
que queira, que uma donzela  
seja honesta, e recolhida,  
quando não tem outra vida  
mais do que ser janeleira!  
Boa asneira.

Que alguns queiram Senhoria,  
quando aos tais (como se vê)  
o tratá-los de mercê  
fora muita cortesia:  
que ande pois a fidalguia  
vendida assim por dinheiro,  
só porque há nisso vanglória!  
Boa história.

Mas que outros tendo tostões  
pelo jogo, ou pela dama  
arrastados pela lama  
andam como uns pedinchões:  
que gastassem seus dobrões,  
porque quiseram jogar,  
e só para namorar  
com a patifa terceira!  
Boa asneira.

Que alguns tanto por seu mal  
vistam (por não ser comuns)  
de altos, e ricos tissuns,  
destruindo o cabedal:  
que com porfia fatal  
se mostram nisso empenhados,  
sendo a noite os seus guisados  
azeitonas, e chicória!

Boa história.

Mas que outros mil à porfia  
por toda a vida o dinheiro  
ajuntem, que o seu herdeiro  
há de gastar num só dia:  
que andem com melancolia  
sem comer, e sem cear  
para poder ajuntar  
todos cheios de lazeira!  
Boa asneira.

Que haja muitos ateístas,  
que pelos costumes seus  
não creem, no que disse Deus  
pelos quatro Evangelistas:  
que só vivam Dogmatistas,  
cuidando por seu prazer,  
que há só nascer, e morrer,  
não crendo no inferno, e glória!  
Boa história.

Mas que outros (como se vê)  
sejam com hipocrisia  
só cristãos por cortesia,  
ou fiéis de meia-fé:  
que inda que febre lhes dê,  
não tratem da confissão,  
cuidando, que escaparão  
com a amiga à cabeceira!  
Boa asneira.

Que alguns fantásticos vão,  
aos quais o vício consome,  
sendo só cristãos no nome,  
queiram nome de cristãos:  
que aos céus levantando as mãos  
esperam com muita fé,  
que Deus os salve, sem que  
obra tenham meritória!  
Boa história.

Mas que hipócritas sandeus  
andem rezando, e no cabo



a todos leve o diabo  
pelo caminho de Deus:  
que pelos rosários seus  
queiram ser homens de conta,  
sem cuidar na estreita, e pronta,  
que hão de dar da vida inteira!  
Boa asneira.

Que haja certas mercancias  
não de cousas temporais  
mas de outras espirituais,  
que se chamam simonias:  
que haja, quem todos os dias  
com modo tão peregrino  
seja Ladrão ao divino  
com tão falsa narratória!  
Boa história.

Mas que o rico prebendado  
que postilou nas escolas,  
não pague as suas esmolas  
ao pobre necessitado:  
que por amor do Cunhado,  
ou por causa dos Sobrinhos  
venha a cair de focinhos  
na sempiterna esterqueira!  
Boa asneira.

Que o riso despreze o pobre,  
só porque tem mais vinténs,  
sendo o pobre inda sem bens  
talvez mais honrado, e nobre:  
que por ter dois réis de cobre,  
se finja, que vem dos Godos,  
quando conhecemos todos,  
que é de estirpe pescatória!  
Boa história.

Mas que o pobre, que não tem,  
que comer, ou que gastar,  
nem tem sangue, nem solar,  
seja soberbo também:  
que não tenha um só vintém,  
e se inche como pirum,

conhecendo cada um,  
que fora a Mãe taverneira!  
Boa asneira.

Que alguns tanto a gastar venham  
na vida de toda a sorte,  
que depois chegando a morte,  
com que enterrar-se não tenham:  
com estes tais, que assim se empenham  
em todo o gosto, e prazer,  
não cuidem, que hão de morrer,  
nem tenham disso memória!  
Boa história.

Mas que outros com muita lida  
edifiquem mausoléus,  
mas não morada nos céus,  
vão na morte, e vão na vida:  
que a soberba sem medida  
fique em pedras estampada,  
e a pobre da alma coitada  
que perneie na fogueira!  
Boa asneira.

Que aqueles, que não têm renda,  
e usam porém de tramóias,  
possuam telas, e jóias,  
como o que tem a comenda:  
que com estes não se entenda,  
inda que estejam culpados,  
mas que sejam celebrados  
na lisonja laudatória!  
Boa história.

Mas que outros com muitos bens  
andem (não sei como o diga)  
com a sela na barriga  
sem ter um par de vinténs:  
que padecendo vaivens  
gastem tudo como tolos,  
e em doces, e bolinhos  
despejem sua algibeira!  
Boa asneira.

Que os lisonjeiros sem leis  
nos palácios muito prontos  
aos Reis se vão com mil contos,  
por ter mil contos de réis:  
que sendo pouco fiéis  
tenham glória, e tenham graça  
com tão verdadeira traça,  
e mentira adulatória!  
Boa história.

Mas que o pobre jovial  
chocarreiro de vis traças  
queira com fingidas graças  
entrar na graça Real:  
que quando ele nada val,  
entre assim no valimento,  
para o seu requerimento  
com a gracinha grosseira!  
Boa asneira.

Que haja ingratos descuidados,  
os quais nunca as graças dão  
do benefício, ou pensão,  
sendo uns beneficiados:  
que estes andem retirados,  
de quem lhes faz tanto bem,  
porque as graças lhe não deem,  
que é lei remuneratória!  
Boa história.

Mas que outros muito piores  
(quando tal lhes não merecem)  
finjam, que eles não conhecem  
os seus mesmos benfeitores:  
que tendo alguns acredores  
queiram livrar do perigo  
pelo benfeitor antigo  
com a súplica embusteira!  
Boa asneira.

Que haja muitos, que se pintam  
de verdadeira piedade,  
os quais falando verdade,  
nunca falam, que não mintam:

que estes mesmos não consintam,  
que os enganem, mas primeiros  
se intitulam verdadeiros  
com mentira defensiva!  
Boa história.

Mas que tenham fatal ira,  
se os apanham, tendo pronta  
a verdade por afronta,  
e por crédito a mentira:  
que com raiva, que delira,  
façam na razão teimosa  
a verdade mentirosa,  
e a mentira verdadeira!  
Boa asneira.

Que juradores parleiros  
hajam, que sem medo algum  
pela manhã em jejum  
comam diabos inteiros:  
que eles sejam os primeiros  
(bem que a verdade não digam)  
que o bom crédito consigam  
para toda a rogatória!  
Boa história.

Mas que haja algum, que imprudente  
dê crédito a seus clamores,  
vendo, que são juradores,  
pois quem mais jura mais mente:  
que logo tão facilmente  
se creia com tal loucura,  
o que dizem, sendo a jura  
da mentira pregoeira!  
Boa asneira.

Que haja muitos, que murmurem  
daqueles, que estão ausentes,  
e os que ali se acham presentes,  
que calados os aturem:  
que advertidos não procurem  
mudar de conversação  
fugindo à murmuração  
de uma língua infamatória!

Boa história.

Mas que outros mil sem receios  
não vejam por ter antolhos  
a grande trave em seus olhos,  
vendo a palha nos alheios:  
que estando estes próprios cheios  
de lepra, com que se tingem,  
olhem para a alheia impingem,  
tendo tão grande coceira!  
Boa asneira.

Que versistas a milhares  
queiram só por seu regalo  
andar no alado cavalo,  
devendo ser alveitares:  
que intentem por singulares  
todo o aplauso, que mais campá,  
e depois saiam na estampa  
com uma destampatória!  
Boa história.

Mas que estes de tão má veia,  
quando a ignorância lhes sobra,  
saindo mal da sua obra,  
se metam em obra alheia:  
que quando essoutra recreia,  
por inveja a satirizem,  
e que todo o mundo avisem  
da sátira frioleira!  
Boa asneira.

Que haja mil de escornicoques,  
que com satíricos modos  
zingando estejam de todos:  
e que não temam mil coques:  
que falando com remoques,  
eles não queiram ser tidos  
por toleirões, e atrevidos,  
tendo uma língua irrisória!  
Boa história.

Mas que outros muitos Orates  
da venerável igreja

façam casa de cerveja  
com risos, e disparates:  
que pareçam bonifrates,  
as cabeças meneando,  
e acenem de quando em quando  
à Dama, que está fronteira!  
Boa asneira.

Que alguém junte cabedais  
para testar, o que em breve  
diga: o diabo te leve,  
porque não deixastes mais:  
e que, a quem com razões tais  
ao diabo os encomenda  
deixe este a sua fazenda  
a principal, e acessória!  
Boa história.

Mas que outro rico avarento  
(bem que ouro, e prata lhe sobre)  
não saiba dar nada ao pobre  
com moedas cento a cento:  
que deixe em seu testamento  
tudo ao mais rico vizinho,  
ou quando muito ao Sobrinho,  
para andar numa liteira!  
Boa asneira.

Que haja muitos, que às centenas  
entre os amigos, e sócios  
façam bem os seus negócios,  
cometendo mil onzenas:  
que conhecendo-se as penas,  
que pelo direito têm,  
não os demande ninguém  
c'uma carta citatória!  
Boa história.

Mas que o outro em confiança  
diga, que vende o seu trigo  
mais barato a seu amigo,  
metendo-lhe então a lança:  
que o tal lhe faça a fiança  
por ser amigo leal,

roubando-lhe o cabedal  
essa amizade onzeneira!  
Boa asneira.

Que haja, quem faltando às Leis  
seja traidor por um rogo,  
não se lhe dando no jogo  
nem de Roques, nem de Reis:  
que tenha ambições cruéis  
sabendo, que inda que cresça,  
não levantará cabeça  
pela lei impetratória!  
Boa história.

Mas que inda que se atropele,  
e de tal se não desvie,  
que haja, quem dele se fie,  
e quem se troça por ele:  
que não tema a sua pele  
vendo, que lha surraram  
só pela sua ambição  
tão fatal, e interesseira!  
Boa asneira.

Que haja muitos pandilheiros,  
os quais às mil maravilhas  
saibam fazer as pandilhas,  
que em Castela são fulheiros:  
que só por interesseiros  
sejam ladrões mui honrados,  
mas nunca são enforcados,  
porque isso é graça ilusória!  
Boa história.

Mas que outros sabendo bem  
que há no jogo esta destreza,  
só por uma sutileza  
entreguem tudo, o que têm:  
que o cabedal todo deem  
ao tal, que nesta conquista  
os está roubando a vista  
despacio, mais à ligeira!  
Boa asneira.

Que andem muitos namorados  
qual ave de rama em rama  
atrás de uma, e outra Dama  
morrendo por seus pecados:  
que por ter estes cuidados  
andem toda a noite escura  
só por dizer com ternura  
à Dama a jaculatória!  
Boa história.

Mas que alguém pague às espias  
para ter Freiras devotas,  
e depois de mil derrotas  
ande pelas portarias:  
que ande este todos os dias  
com cargas, e sem carreto,  
e tendo-se por discreto  
seja o burrinho da feira!  
Boa asneira.

Que os adúlteros adorem  
a alheia mulher, que veem,  
e não queiram, que também  
outros a sua namorem:  
que então neste caso implorem  
à Justiça, ou à vingança,  
e não queiram sem tardança  
outra ação acusatória!  
Boa história.

Mas que uma mulher casada,  
sendo o Marido um corisco,  
pondo-se a tamanho risco  
seja louca enamorada:  
que se acaso alguém lhe agrada,  
com marido turbulento  
busque o seu divertimento  
como uma mulher solteira!  
Boa asneira.

Que ande o moço em mau estado  
podendo nos anos seus  
ser desposado com Deus,  
e não co demo amigado:



que não tenha outro cuidado,  
mais que em viver absoluto,  
tratando só como bruto  
desta vida transitória!  
Boa história.

Mas que o velho, que renova  
os seus vícios namorando  
vá falar à Dama, quando  
anda c'os pés para a cova:  
que este mesmo com corcova  
queira ser galã narciso  
motivando a gente a riso,  
cacundo em grande maneira!  
Boa asneira.

Que haja muitos medianeiros  
do mal, que chamam francês  
os quais em bom português  
dos pecados são terceiros:  
que estes muito lambareiros  
tenham com todos caída,  
e levem tão boa vida,  
sendo tão criminatória!  
Boa história.

Mas que estes pobres tolinhos,  
de que tratos há do mundo,  
caiam no inferno profundo  
pelas culpas dos vizinhos:  
que por tão feios caminhos  
sejam solicitadores,  
e se façam Lavradores  
de uma infernal sementeira!  
Boa asneira.

Que os valentões arrojados  
andem feitos tranca-ruas  
com suas espadas nuas  
comendo a gente a bocados:  
que os Ministros alentados  
se os prendam, quais delinquentes,  
digam, que estão inocentes  
na sentença executória!

Boa história.

Mas que outros andem de noite,  
morando perto o Juiz,  
roubando, como se diz,  
dando em todos muito açoite:  
e não haja, quem se afoite  
com quadrilhas agarrá-los,  
para um algoz cavalgá-los  
com capuz, e com coleira!  
Boa asneira.

Que alguns, bem que os não encanta  
a música celestial,  
gastem todo o cabedal  
em bons passos de garganta:  
que os tais com gula, que espanta,  
se o mundo fora guisado  
o comeram de um bocado,  
qual pequena pepitória!  
Boa história.

Mas que haja, quem facilmente  
dinheiro fie dos tais,  
que vai para o vós reais  
logo todo incontinente:  
que o credor cuide contente,  
que bem empregado está,  
estando o dinheiro já  
em casa da confeitira!  
Boa asneira.

Que andem muitos à porfia,  
que merecem muito açoite,  
fazendo do dia noite,  
da noite fazendo dia:  
que durmam com demasia  
‘té o dia anoitecer,  
querendo assim bem viver,  
mas com vida implicatória!  
Boa história.

Mas que outros com muito espanto  
trabalhem sempre à porfia,

isto todo o santo dia,  
inda sendo o dia Santo:  
que tenham trabalho tanto  
para poder ajuntar,  
não tendo para testar  
nem herdeiro, nem herdeira!  
Boa asneira.

Que haja alguns, que se consomem  
inda com vício mais feio,  
que por não comer o alheio  
logo de inveja se comem:  
que sua ambição não domem,  
e que dos outros o aumento  
aos tais sirva de tormento  
com pena meditatória!  
Boa história.

Mas que outros, que se desfazem,  
porque não têm sendo nobres,  
façam muito por ser pobres,  
isto porque nada fazem:  
que com fome estes se abrasem,  
que tanto mal ocasiona,  
sendo a preguiça potrona  
da pobre da companheira!  
Boa asneira.

Que alguém que aqui se consome  
com a sátira abundante,  
diga, que está mui picante,  
mas quem se queima, alhos come:  
que este por si mesmo a tome,  
quando eu falando bem claro,  
a ninguém hoje declaro  
nesta carta monitória!  
Boa história.

Mas que outros por vários modos  
satirizem muito bem,  
e sem monir a ninguém  
queiram declarar a todos  
que estes tais com mil apodos  
assim queiram ganhar fama,

quando a dos outros se infama,  
levantada tal poeira!  
Boa asneira.

Que haja sem livros Letrado,  
homem, que é pobre, com teima,  
poeta, sem muita fleima,  
e sem muleta aleijado:  
que haja sem funda quebrado,  
estudante sem estudo,  
cavalheiro sem escudo,  
e mestre sem palmatória!  
Boa história.

Mas que haja nos fracos ira,  
e nos que são pobres gula,  
que haja médico sem mula,  
e fidalgo com mentira:  
que haja espingarda sem mira,  
sem tesoura cirurgião,  
com partidos matassão,  
e sem contas merceeira!  
Boa asneira.

E que eu também queira enfim  
no poético exercício,  
que entre outros do mesmo ofício  
algum diga bem a mim:  
que não tema algum malsim,  
que fiscalize os meus versos,  
e com apodos diversos  
diga, que têm muita escória!  
Boa história.

Mas que eu mesmo furibundo  
nisto, que hoje aqui pretendo,  
quando a mim me não entendo,  
intente emendar o mundo:  
que não tendo muito fundo,  
para que possa falar,  
quanto mais para emendar,  
fundar tais acentos queira!  
Boa asneira.

Que os consoantes se acabem,  
tendo eu muito, que escrever,  
e de outros mais que dizer,  
para que nenhuns se gabem:  
que as cousas, que aqui não cabem,  
eu as haja de calar,  
porque as não pode explicar  
minha Musa exortatória!  
Boa história.

Mas que eu fizesse hoje estudo  
para cousas importantes,  
por estéreis consoantes,  
que não podem dizer tudo:  
que algum diga carrancudo,  
quando escrevo para todos,  
que não falo em cultos modos,  
mas em frase corriqueira!  
Boa asneira.

### **A NOSSA SÉ DA BAHIA**

com ser um mapa de festas  
é um presépio de bestas.  
e se nisto maldigo ou me engano,  
eu me submeto à Santa Madre Igreja.  
Se virdes um Dom Abade  
sobre o púlpito cioso,  
não lhe chameis Religioso  
chamai-lhe embora de Frade  
Jesus, nome de Jesus!

### **AOS CAPITULARES DO SEU TEMPO**

A nossa Sé da Bahia,  
com ser um mapa de festas,  
é um presépio de bestas,  
se não for estrebaria:  
várias bestas cada dia  
vemos, que o sino congrega,  
Caveira mula galega,  
o Deão burrinha parda,

Pereira besta de albarda,  
tudo para a Sé se agrega.

## **PONDERA ESTANDO HOMIZIADO NO CARMO QUÃO GLORIOSA É A PAZ DA RELIGIÃO**

Quem da religiosa vida não se namora, e agrada,  
já tem a alma danada,  
e a graça de Deus perdida:  
uma vida tão medida  
pela vontade dos Céus,  
que humildes ganham troféus,  
e tal glória se desfruta,  
que na mesa a Deus se escuta,  
no Coro se louva a Deus.

Esta vida religiosa  
tão sossegada, e segura  
a toda a boa alma apura,  
afugenta a alma viciosa:  
há cousa mais deliciosa,  
que achar o jantar, e almoço  
sem cuidado, e sem sobrosso  
tendo no bom, e mau ano  
sempre o pão quotidiano,  
e escusar o Padre nosso!  
Há cousa como escutar  
o silêncio, que a garrida  
toca depois da comida  
pare cozer o jantar!  
há cousa como calar,  
e estar só na minha cela  
considerando a panela,  
que cheirava, e recendia  
no gosto de malvasia  
na grandeza da tigela!

Há cousa como estar vendo  
uma só Mãe religião  
sustentar a tanto Irmão  
mais, ou menos Reverendo!  
há maior gosto, ao que entendo,  
que agradar ao meu Prelado,

para ser dele estimado,  
se ao obedecer-lhe me animo,  
e depois de tanto mimo  
ganhar o Céu de contado!

Dirão réprobos, e réus,  
que a sujeição é fastio,  
pois para que é o alvedrio,  
senão para o dar a Deus:  
quem mais o sujeita aos céus,  
esse mais livre se vê,  
que Deus (como ensina a fé)  
nos deixou livre a vontade,  
e o mais é mor falsidade,  
que os montes de Gelboé.

Oh quem, meu Jesus amante,  
do Frade mais descontente  
me fizera tão parente,  
que fora eu seu semelhante!  
Quem me vira neste instante  
tão solteiro, qual eu era,  
que na Ordem mas austera  
comera o vosso maná!  
Mas nunca direi, que lá  
virá a fresca Primavera.

### **AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR D. FR. MANUEL DA RESSURREIÇÃO**

Subi a púrpura já, raio luzente  
Do sol Americano, que em dourado  
Dossel o Tibre vos verá sagrado  
Dar um dia leis à sua corrente.

Entonces da Tiara a vossa frente,  
E vosso Patriarca coroadado  
Um redil deveremos, e um cajado  
Às vossas claves, e a seu zelo ardente.

Subi a cumes tão esclarecidos,  
ó vos, de cuja remendada capa  
sombras são já purpúreos resplendores.

Em quem divinamente reunidos  
Os brasões de Seráfico, e de Papa  
Verão os vossos dous Progenitores.

### **A MORTE DO MESMO SENHOR SUCEDIDA DE UMA FEBRE MALIGNA EM BELÉM ANDANDO EM VISITA**

Neste túmulo a cinzas reduzido  
Da virtude o Herói mais portentoso  
Se oculta, feito estrago lastimoso  
Da dura Parca, de que foi vencido.

De um incêndio cruel ficou rendido  
Aquele peito forte, e valoroso,  
Que por Deus tantas vezes amoroso  
Tinha grandes incêndios padecido.

Porém a Parca andou muito advertida  
Em lhe tirar a vida desta sorte,  
E tirana não foi, sendo homicida.

Que se o matou em um incêndio forte,  
Foi, porque se de incêndios teve a vida,  
De incêndios era bem tivesse a morte.

### **EPITÁFIO À SEPULTURA DO MESMO EXMO. SENHOR ARCEBISPO**

Este mármore encerra, ó Peregrino,  
Se bem, que a nossos olhos já guardado,  
Aquele, que na terra foi sagrado,  
Para que lá no céu fosse divino.

De seu merecimento justo, e digno  
Prêmio, pois na terra nunca irado  
Se viu o seu poder, e o seu cajado  
Neste nosso hemisfério ultramarino.

Enfim relíquias de um Prelado santo  
Oculta este piedoso monumento:  
As lágrimas detém, enxuga o pranto.

Prostra-te reverente, e beija atento



As cinzas, de quem deu ao mundo espanto,  
E a todos os Prelados documento.

### **A CHEGADA DO ILUSTRÍSSIMO SENHOR D. JOÃO FRANCO DE OLIVEIRA TENDO SIDO JÁ BISPO EM ANGOLA**

Hoje os Matos incultos da Bahia  
Se não suave for, ruidosamente  
Cantem a boa vinda do Eminente  
Príncipe desta Sacra Monarquia.

Hoje em Roma de Pedro se lhe fia  
Segunda vez a Barca, e o Tridente,  
Porque a pesca, que fez já no Oriente,  
A destinou para a do meio-dia.

Oh se quisera Deus, que sendo ouvida  
A Musa bronca dos incultos Matos  
Ficasse a vossa púrpura atraída!

Oh se como Arion, que a doces tratos  
Uma pedra atraiu endurecida,  
Atraísse eu, Senhor, vossos sapatos!

### **A FROTA EM QUE VEIO O PALIOLO DESTE GRANDE PRELADO**

Tal frota nunca viram as idades  
De rota, desmembrada, e detençosa,  
Mui Santa deve ser, e religiosa,  
Pois de dous em dous veio, como frades.

Não lhe duvido eu destas qualidades,  
Se veio na Almirante venturosa  
Aquela insígnia Santa, e poderosa,  
Que à Mitra episcopal dá potestades.

Chegou o Pálio enfim, que de um Prelado,  
Que nos veio a medida do desejo  
Tão merecido foi, como esperado.

Eu ouço repicar, e folgar vejo:  
Repica a Sé, o Carmo está folgado,

Louco devo eu de ser, pois não doudejo.

**AO MESMO ILUSTRÍSSIMO SENHOR CHEGANDO DE VISITA A VILA DE S. FRANCISCO, ONDE Ò ESPERAVAM MUITOS CLÉRIGOS PARA TOMAREM ORDENS**

Bem-vindo seja, Senhor, Vossa lustríssima  
A este sítio famoso do Seráfico,  
Onde nesta canção de verso alcaico  
Ouça a ovelha balar sua amantíssima

Aqui verá correr água claríssima  
Do grande Seregipe rio antártico,  
Onde para tomar o eclesiástico  
Caráter Santo há gente prestantíssima.

Aqui de Pedro a rede celebérrima  
Cuido, que fez os lanços hiperbólicos,  
Que na Bíblia se leem Santa integérrima.

Porque estes Pescadores tão católicos  
Nunca uma pesca fazem tão pulquérrima,  
Que os buchos nos não deixem melancólicos.

**A MAGNIFICÊNCIA COM QUE OS MORADORES DAQUELA VILA RECEBERAM O DITO SENHOR COM VÁRIOS ARTIFÍCIOS DE FOGO POR MAR, E TERRA CONCORRENDO PARA A DESPESA O VIGÁRIO**

Apareceram tão belas  
no mar canoas, e truzes,  
que se o céu é mar de luzes,  
o mar era um céu de estrelas:  
era uma armada sem velas  
movidada de outro elemento,  
era um prodígio, um portento  
ver com tanto desafogo  
esta navegar com fogo,  
se outras arribam com vento.

Sua Ilustríssima estava  
assustado sobre absorto,  
porque via um rio morto

o fogo, em que se abrasava:  
grande cuidado lhe dava ver,  
que o mar morria então  
infamado na opinião,  
e como um judeu queimado,  
sendo, que o mar é sagrado,  
que inda é mais que ser cristão.

Lá no vale ardia o ar,  
e por ser, comua a guerra,  
no mar há fogo de terra,  
na terra há fogo do mar:  
toda a esfera a retumbar  
fazia correspondência,  
e com alegre aparência  
luzia na ardente empresa  
fogo do ar por alteza,  
e do mar por excelência.

Em cima as rodas paravam,  
que varia a fortuna toda  
desandava a sua roda,  
e as do fogo não paravam:  
os mestres se envergonhavam,  
que era Lourenço, e Diogo:  
e eu vi, que a Lourenço logo  
a face se quebrantava,  
com que a mim mais me queimava  
o seu rosto, que o seu fogo.

Deu-se fogo em conclusão  
a uma roda de encomenda,  
foi como a minha fazenda,  
que ardeu num abrir de mão:  
estava em meio do chão  
um rasto, para que ardesse  
uma câmara, e parece,  
que uma faísca caiu,  
disparou: quem jamais viu,  
que o fogo em câmeras desse.

Era grande a multidão  
do Clero, e dos Seculares,  
que a graça destes folgares

consiste na confusão:  
Sua lustríssima então  
se foi, que o fogo não zomba,  
aqui queima, ali arromba:  
segue-lhe o vigário os trilhos,  
que as rodas não tinham filhos  
mas pariam muita bomba.

A gente ficou pasmada,  
porque viu a gente toda,  
que era a resposta da roda  
de bombarda respostada:  
ficou a turba enganada,  
porque enfim nos perturbamos:  
mas todos nos alegamos,  
que isto somos, e isso fomos,  
que então alegres nos pomos  
quando mais nos enganamos.

Entre o desar, e entre o risco  
a noite alegre passou:  
que mais noite! se a gabou  
‘té o Padre São Francisco:  
nas mais paróquias foi cisco,  
foi sombra, foi ar, foi nada  
do nosso Prelado a entrada,  
e a desconfiança é vã  
de o Cura ter bolsa chã,  
se a vontade é tão sobrada.

**OBRIGADOS OS ORDENANDOS A CANTAR O CANTO CHAM DESAFINARAM  
PERTURBADOS A VISTA DO PRELADO, E OS OBRIGOU, A QUE ESTUDASSEM OS  
SETE SIGNOS CELEBRA O POETA ESTE CASO, E LOUVA A PREDICA, QUE FEZ SUA  
ILUSTRÍSSIMA**

Senhor; os Padres daqui  
por b quadro, e por b mol  
cantam bem ré mi fá sol,  
cantam mal lá sol fá mi:  
a razão, que eu nisto ouvi,  
e tenho para vos dar,  
é, que como no ordenar  
fazem tanto por luzir,

cantam bem para subir,  
cantam mal para baixar.

Porém como cantariam  
os pobres perante vós?  
tão bem cantariam sós,  
quão mal, onde vos ouviam:  
quando o fabordão erguiam  
cad'um parece, que berra,  
e se um dissona, o outro erra,  
mui justo me pareceu,  
que sempre à vista do Céu  
fique abatido, o que é terra.

Os Padres cantaram mal  
como está já pressuposto,  
e inda assim vos deram gosto,  
que eu vi no riso o sinal.  
foi-se logo cada qual  
direito às suas pousadas  
a estudar nas tabuadas  
da música os sete signos,  
não por cantar a Deus hinos,  
mas por vos dar badaladas.

Vós com voz tão doce, e grata  
enleastes meus sentidos,  
que ficaram meus ouvidos,  
engastados nessa prata:  
tanto o povo se desata  
ouvindo os vossos espíritos!  
que com laudatórios gritos  
dou eu fé, que uma Donzela  
disse, qual outra Marcela,  
o cântico Benedictus.

## **A MORTE VIOLENTA QUE LUIZ FERREIRA DE NORONHA CAPITÃO DA GUARDA DO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ DEU À DE MELO SOBRINHO DESTE PRELADO**

Brilha em seu auge a mais luzida estrela,  
Em sua pompa existe a flor mais pura,  
Se esta do prado frágil formosura,  
Brilhante ostentação do céu aquela.

Quando ousada uma nuvem a atropela,  
Se a outra troca em lástima a candura,  
Que há também para estrelas sombra escura,  
Se para flores há, quem as não zela.

Estrela e flor, José, em ti se encerra,  
Porque ser flor, e estrela mereceu  
Teu garbo, a quem a Parca hoje desterra.

E para se admirar o indulto teu,  
Como flor te sepultas cá na terra,  
Como estrela ressurges lá no céu.

**AO RETIRO QUE FEZ ESTE ILUSTRÍSSIMO PRELADO SENTIDÍSSIMO, E  
MAGOADO PELA TIRANA, E VIOLENTA MORTE QUE O CAPITÃO DA GUARDA  
LUIZ FERREIRA DE NORONHA DEU A SEU SOBRINHO**

Um benemérito peito,  
uma Sacra Dignidade  
sentir vem na soledade  
da parca o cruel efeito:  
que de um golpe sem respeito  
quis cortar o vital fio,  
sem atender Senhorio,  
nem ver, o despojo horrendo,  
de quem se agravara, vendo  
desautorizado o brio.

Já de todo o mal distando  
em Belém busca o retiro,  
onde um, e outro suspiro  
a pena estão aumentando:  
e no pesar contemplando  
jamais será divertido,  
vendo de todo perdido  
por culpa de um traidor vil  
aquele Adônis gentil  
a cadáver reduzido

Se a lei se deve observar,  
como agora falta, e tarda?

a Justiça apenas guarda,  
que agradou por aguardar:  
privou por se depravar  
pela via nunca usada,  
deu ao vício franca entrada,  
e bem se pode entender,  
que enquanto vivo há de ser  
privado pela privada.

Mas que muito haja amparado  
um Calígula tirano  
a seu amigo inumano  
Capitão de cama, e lado?  
o vulgo tem murmurado,  
e a maldade não se doma,  
e a sem-razão, que se assoma,  
como demais já sobeja  
contra um Ministro da Igreja  
um nefando de Sodoma.

**AOS MISSIONÁRIOS, À QUEM O ARCEBISPO D. FR. JOÃO DA MADRE DE DEUS  
RECOMENDAVA MUITO AS VIAS SACRAS, QUE ENCHENDO A CIDADE DE  
CRUZES CHAMAVAM DO PÚLPITO AS PESSOAS POR SEUS NOMES,  
REPREENDENDO, À QUEM FALTAVA**

Via de perfeição é a sacra via,  
Via do céu, caminho da verdade:  
Mas ir ao Céu com tal publicidade,  
Mais que à virtude, o boto à hipocrisia.

O ódio é d'alma infame companhia,  
A paz deixou-a Deus à cristandade:  
Mas arrastar por força, uma vontade,  
Em vez de perfeição é tirania.

O dar pregões do púlpito e indecência,  
Que de Fulano? venha aqui sicrano:  
Porque o pecado, o pecador se veja:

E próprio de um Porteiro d'audiência,  
E se nisto maldigo, ou mal me engano,  
Eu me submeto à Santa Madre Igreja.

**A CERTO PROVINCIAL DE CERTA REGIÃO QUE PREGOU O MANDATO EM TERMOS TÃO RIDÍCULOS QUE MAIS SERVIU DE MOTIVO DE RISO, DO QUE DE COMPAIXÃO**

Inda está por decidir,  
meu Padre Provincial,  
se aquele sermão fatal  
foi de chorar, se de rir:  
cada qual pode inferir,  
o que melhor lhe estiver,  
porque aquela má mulher  
da perversa sinagoga  
fez no sermão tal chinoga,  
que o não deixou entender.

Certo, que este lava-pés  
me deixou escangalhado,  
e quanto a mim foi traçado  
para risonho entremez:  
eu lhe quero dar das três  
a outro qualquer Pregador,  
seja ele quem quer que for,  
já filósofo, ou já letrado,  
e quero perder dobrado,  
se fizer outro pior.

E vossa Paternidade,  
pelo que deve à virtude,  
de tais pensamentos mude,  
que prega mal na verdade:  
faça atos de caridade,  
e trate de se emendar,  
não nos venha mais pregar,  
que jurou o Mestre Escola,  
que por pregar pare Angola  
o haviam de degradar.

**AO CURA DA SÉ QUE ERA NAQUELE TEMPO, INTRODUZIDA ALI POR DINHEIRO, E COM PRESUNÇÕES DE NAMORADO SATIRIZA O POETA COMO CRIATURA DO PRELADO**

O Cura, a quem toca a cura  
de curar esta cidade,



cheia a tem de enfermidade  
tão mortal, que não tem cura:  
dizem, que a si só se cura  
de uma natural sezaõ, que lhe dá na ocasião  
de ver as Moças no eirado,  
com que o Cura é o curado,  
e as Moças seu cura são.

Desta meizinha se argúi,  
que ao tal Cura assezoado  
mais lhe rende o ser curado,  
que o Curado, que possui,  
grande virtude lhe influi  
o curado exterior:  
mas o vício interior  
Amor curá-lo procura,  
porque Amor todo loucura,  
se a cura é de louco amor.

Disto cura o nosso Cura,  
porque é curador maldito,  
mas ao mal de ser cabrito  
nunca pôde dar-lhe cura:  
É verdade, que a tonsura  
meteu o Cabra na Sé,  
e quando vai dizer "Te  
Deum laudamus" aos doentes,  
se lhe resvela entre dentes,  
e em lugar de Te diz me.

Como ser douto cobiça,  
a qualquer Moça de jeito  
onde pôs o seu direito,  
logo acha, que tem justiça:  
a dar-lhe favor se atixa,  
e para o fazer com arte,  
não só favorece a parte,  
mas toda a prosápia má,  
se justiça lhe não dá,  
lhe dá direito, que farte.

Porque o demo lhe procura  
tecer laços, e urdir teias,  
não cura de almas alheias,

e só do seu corpo cura:  
debaixo da capa escura  
de um beato capuchinho  
é beato tão maligno  
o cura, que por seu mal  
com calva sacerdotal  
é sacerdote calvino.

Em um tempo é tão velhaco,  
tão dissimulado, e tanto,  
que só por parecer santo  
canoniza em santo um caco:  
se conforme o adágio fraco  
ninguém pode dar, senão  
aquilo, que tem na mão,  
claro está que no seu tanto  
não faria um ladrão santo,  
senão um Santo Ladrão.

Estou em crer, que hoje em dia  
já os cânones sagrados  
não reputam por pecados  
pecados de simonia:  
os que veem tanta ousadia,  
com que comprados estão  
os curados mão por mão,  
devem crer, como já creram,  
que ou os cânones morreram,  
ou então a Santa unção.

### **AO ILUSTRÍSSIMO D. FR. JOÃO DA MADRE DE DEUS MUDANDO-SE PARA O SEU NOVO PALÁCIO, QUE COMPROU**

Sacro Pastor da América florida,  
Que para o bom regímen do teu gado  
De exemplo fabricastes o cajado,  
E de fruta te sene a mesma vida.

Outros tua virtude esclarecida  
Cantem: mas teu palácio por sagrado  
Cante Apolo de raios coroado  
Na musa humilde de álamos cingida.

Gusano a tua folha me alimente,  
Tua sombra me ampare peregrino,  
Passarinho o teu ramo me sustente.

Tecerei tua historia em ouro fino,  
De meus versos serás templo frequente,  
Onde glórias te cante de contínuo.

**O DEÃO ANDRE GOMES CAVEIRA SE INTRODUZIU DE TAL MODO COM ESTE  
PRELADO EM DESABONO DO POETA, QUE ESTIMULADO O DITO FEZ O  
SEGUINTE**

*MOTE*

*O mundo vai-se acabando,  
cada qual olhe por si,  
porque dizem, que anda aqui  
uma Caveira falando.*

Chegou o nosso Prelado  
tão galhardo, e tão luzido,  
tão douro, e esclarecido,  
tão nobre, e tão ilustrado,  
e não houve Prebendado,  
que para o ir enganando  
se lhe não fosse chegando;  
mas só Caveira asnaval  
é, quem co Prelado val:  
O mundo vai-se acabando.

Como não há de acabar-se,  
se uma Caveira tão feia  
ao Prelado galanteia  
a risco de enamorar-se!  
onde se viu galantear-se  
o roxete carmesi  
pela caveira de Heli?  
não é mentira, é verdade;  
pois para seguridade  
cada qual olhe por si.

Olhe por si cada qual,  
e não se deem por seguros,

sabendo, que anda extramuros  
esta Caveira infernal:  
ela anda pelo arrebal,  
e dacolá para aqui,  
eu por mil partes a vi:  
o leigo, o frade, e o monge  
não a imaginem de longe,  
Porque dizem, que anda aqui.

Aqui anda, e aqui está  
rosnando sempre entre nós,  
Deão com cara de algoz,  
e pertensões de Bispá:  
ele é, o que os pontos dá,  
e os vícios vai acusando  
com zelo torpe, e nefando,  
com que nos bota a perder:  
porque quem não há de crer  
Uma Caveira falando.

### **COMO ACREDITOU ESTE PRELADO MAIS OS MEXERICOS DE CAVEIRA, DO QUE AS LISONJAS DO POETA, LHE FEZ ESTA SÁTIRA**

Eu, que me não sei calar,  
mas antes tenho por míngua,  
não purgar-se qualquer língua  
a risco de arrebentar:  
vos quero, amigo, contar,  
pois sois o meu secretário,  
um sucesso extraordinário,  
um caso tremendo, e atroz;  
porém fique aqui entre nós.

Do Confessor Jesuíta,  
que ao ladrão do confessado  
não só absolve o pecado,  
mas os furtos lhe alcovita:  
do Percursor da visita,  
que na vanguarda marchando  
vai pedindo, e vai tirando,  
o demo há de ser algoz:  
porém fique aqui entre nós.

O ladronaço em rigor  
não tem para que o dizer  
furtos, que antes de os fazer,  
já os sabe o confessor:  
cala-os para ouvir melhor,  
pois com ofício alternado  
confessor, e confessado  
ali se barbeiam sós:  
porém fique aqui entre nós.

Aqui o Ladrão consente  
sem castigo, e com escusa,  
pois do mesmo se lhe acusa  
o confessor delinquente:  
ambos alternadamente  
um a outro, e outro a um  
o pecado, que é comum  
confessa em comua voz:  
porém fique aqui entre nós.

Um a outro a mor cautela  
vem a ser neste acidente  
confessor, e penitente,  
porque fique ela por ela:  
o demo em tanta mazela  
diz: faço, porque façais,  
absolvo, porque absolvais,  
pacto inopinado pôs;  
porém fique aqui entre nós.

Não se dá a este Ladrão  
penitência em caso algum,  
e somente em um jejum  
se tira a consolação:  
ele estará como um cão  
de levar a bofetada:  
mas na cara ladrilhada  
emenda o pejo não pôs:  
porém fique aqui entre nós.

Mecânica disciplina  
vem a impor por derradeiro  
o confessor marceneiro  
ao pecador carapina:

e como qualquer se inclina  
a furtar, e mais furtar,  
se conjura a escavacar  
as bolsas um par de enxós:  
porém fique aqui entre nós.

O tal confessor me abisma,  
que releve, e não se ofenda,  
que um Frade Sagrado venda  
o sagrado óleo da crisma:  
por dinheiro a gente crisma,  
não por cera, havendo queixa,  
que nem a da orelha deixa,  
onde crismando a mão pôs:  
porém fique aqui entre nós.

Que em toda a Franciscania  
não achasse um mau Ladrão,  
quem lhe ouvisse a confissão,  
mais que um padre da panhia!  
nisto, amigo, há simpatia,  
e é, porque lhe veio a pelo,  
que um atando vá no orelo,  
e outro enfiando no cós:  
porém fique aqui entre nós.

Que tanta culpa mortal  
se absolva! eu perco o tino,  
pois absolve um Teatino  
pecados de pedra, e cal:  
quem em vida monacal  
quer dar à Filha um debate  
condenando em dote, ou date  
vem a dar-lhe o pão, e a noz;  
porém fique aqui entre nós.

As Freiras com santas sedes  
saem condenadas em pedra,  
quando o ladronaço medra  
roubando pedra, e paredes:  
vós, amigo, que isto vedes,  
deveis a Deus graças dar  
por vos fazer secular,  
e não zote de albernoz:

porém fique aqui entre nós.

**LOUVA O POETA O SERMÃO, QUE PREGOU CERTO MESTRE NA FESTA, QUE A JUSTIÇA FAZ, AO ESPÍRITO SANTO NO CONVENTO DO CARMO NO ANO 1686**

Alto sermão, egrégio, e soberano  
Em forma tão civil, tão erudita,  
Que sendo o pregador um carmelita,  
Julguei eu, que pregava um Ulpiano.

Não desfez Alexandre o nó Gordiano,  
Co'a espada o rompeu (traça esquisita)  
Soltais na forma legal, e requisita  
Soltais o nó do magistrado arcano.

Ó Príncipes, Pontífices, Monarcas,  
Se o Mestre excede a Bártolos, e Abades  
Vesti-lhe a toga, despojai-lhe alparcas.

Rompam-se logo as leis das Majestades,  
Ouçam Ministros sempre os Patriarcas,  
Pois mais podem, que leis, autoridades.

**CELEBRA O POETA (ESTANDO HOMIZIADO NO CARMO), A BURLA, QUE FIZERAM OS RELIGIOSOS COM UMA PATENTE FALSA DE PRIOR A FREI MIGUEL NOVELOS, APELIDADO O LATINO POR DIVERTIMENTO EM UM DIA DE MUITA CHUVA**

Victor, meu Padre Latino,  
que só vós sabeis latim,  
que agora se soube enfim,  
para um breve tão divino:  
era num dia mofino  
de chuva, que as canas rega,  
eis a patente aqui chega,  
e eu por milagre o suspeito  
na Igreja Latina feito,  
para se pregar na grega.

Os sinos se repicaram  
de seu moto natural,  
porque o Padre Provincial,

e outros Padres lhe ordenaram:  
os mais Frades se abalaram  
a lhe dar obediência,  
e eu em tanta complacência,  
por não faltar ao primor,  
dizia a um Victor Prior,  
Victor, vossa Reverência.

Estava aqui retraído  
o Doutor Gregório, e vendo  
um breve tão reverendo  
ficou co queixo caído:  
mas tornando em seu sentido  
de galhofa perenal,  
que não vi patente igual,  
disse: e é cousa patente,  
que se a patente não mente,  
é obra de pedra, e cal.

Victor, Victor se dizia,  
e em prazer tão repentino,  
sendo os vivos ao latino  
soavam a ingresia:  
era tanta a fradaria,  
que nesta casa Carmela  
não cabia refestela,  
mas recolheram-se enfim  
cada qual ao seu celim,  
e eu fiquei na minha cela.

### **AO VIGÁRIO DA VILA DE S. FRANCISCO POR UMA PENDÊNCIA, QUE TEVE COM UM OURIVES A RESPEITO DE UMA MULATA, QUE SE DIZIA CORRER POR SUA CONTA**

Naquele grande motim,  
onde acudiu tanta gente,  
a título de valente  
também veio valentim:  
puxou pelo seu faim,  
e tirando-lhe a barriga,  
você se quer, que lho diga,  
disse ao Ourives da prata,  
na obra desta Mulata



mete muita falsa liga:  
Briga, briga.

É homem tão desalmado,  
que por lhe a prata faltar,  
a estar sempre a trabalhar  
bate no vaso sagrado:  
não vê que está excomungado,  
porque com tanta fadiga  
a peça da igreja obriga  
numa casa excomungada  
com censura reservada,  
pela qual Deus o castiga:  
Briga, briga.

Porque com modos violentos  
a um vigário tão capaz  
sobre quatro, que já traz,  
cornos, lhe põe quatrocentos!  
deixe-se desses intentos,  
e reponha a rapariga,  
pois a repô-la se obriga,  
quando afirma, que a possui,  
e se a razão não conclui,  
vai esta ponta à barriga:  
Briga, briga.

Senhor Ourives, você  
não é ourives da prata?  
pois que quer dessa Mulata,  
que cobre, ou tambaca é?  
Restitua a Moça, que  
é peça da Igreja antiga:  
restitua a rapariga,  
que se vingará o Vigário  
talvez no confessional,  
e talvez na desobriga:  
Briga, briga.

A Mulata já lhe pesa  
de trocar odre por odre,  
pois o leigo é membro podre,  
e o Padre membro da igreja:  
sempre esta telha goteja,

sempre dá grão esta espiga,  
e a bola da rapariga  
quer desfazer esta troca,  
e deixando a sua toca  
quer fazer co Padre liga  
Briga, briga.

Largai a Mulata, e seja  
logo logo a bom partido,  
que como tem delinquido  
se quer acolher à igreja:  
porque todo o mundo veja,  
que quando a carne inimiga  
tenta a uma rapariga,  
quer no cabo, quer no rabo  
a Igreja vence ao diabo  
com outra qualquer cantiga.  
Briga, briga.

#### **A OUTRO VIGÁRIO DE CERTA FREGUESIA, CONTRA QUEM SE AMOTINAVAM OS FREGUESES POR SER MUITO AMBICIOSO**

Reverendo vigário,  
Que é título de zotes ordinário,  
Como sendo tão bobo,  
E tendo tão larguíssimas orelhas,  
Fogem vossas ovelhas  
De vós, como se fôsseis voraz Lobo.

O certo é, que sois Pastor danado,  
E temo, que se a golpe vem de fouce,  
Vos há de cada ovelha dar um couce:  
Sirva de exemplo a vosso desalinho,  
O que ovelhas têm feito ao Padre Anjinho,  
Que por sua tontice, e sua asnia  
o tem já embolsado na euxovia;  
Porém a vós, que sois fidalgo asneiro,  
Temo, que hão de fazer-vos camareiro.

Quisestes tosquear o vosso gado,  
E saístes do intento tosqueado;  
Não vos cai em capelo,  
O que o provérbio tantas vezes canta,

Que quem ousadamente se adianta.  
Em vez de tosquear fica sem pêlo?

Intentastes sangrar toda a comarca,  
Mas ela vos sangrou na veia d'arca  
Pois ficando faminto, e sem sustento,  
Heis de buscar a dente qual jumento  
Erva para o jantar, e para a ceia,  
E se talvez o campo a escasseia,  
Mirrado heis de acabar no campo lhano,  
Fazendo quarentena todo o ano:  
Mas então poderá vossa porfia  
Declarar aos Fregueses cada dia.

Sois tão grande velhaco,  
Que a pura excomunhão meteis no saco:  
Já diz a freguesia,  
Que tendes de Saturno a natureza,  
Pois os Filhos tratais com tal crueza,  
Que os comeis, e roubais, qual uma harpia;  
Valha-vos; mas quem digo, que vos valha?  
Valha-vos ser um zote, e um canalha:  
Mixelo hoje de chispo,  
Ontem um passa-aqui do Arcebispo.  
Mas oh se Deus a todos nos livrara  
De Marão com poder, vilão com vara!  
Fábula dos rapazes, e bandarras,  
conto do lar, cantiga das guitarras.

Enquanto vos não parte algum corisco,  
Que talvez vos despreza como cisco,  
E fugindo a vileza desse couro,  
Vos vai poupando a cortadora espada,  
Azagaia amolada,  
A veloz seta, o rápido pelouro:

Dizei a um confessor dos aprovados,  
Vossos torpes pecados,  
Que se bem o fazeis, como é preciso  
Fareis um dia cousa de júzo:  
E uma vez confessado,  
Como vos tenha Deus já perdoado,  
Todos vos perdoaremos  
Os escândalos mil, que de vós temos,

E comendo o suor de vosso rosto  
Dareis a Deus prazer, aos homens gosto.

**AO VIGÁRIO ANTONIO MARQUES DE PERADA ENCOMENDADO NA IGREJA DA  
Vª DE S. FRANCISCO AMBICIOSO, E DESCONHECIDO**

Da tua Perada mica  
não te espantes, que me enoje,  
porque é força, que a entoje  
sendo doce de botica:  
o gosto não se me aplica  
a uma conserva afamada,  
e em botes tão redomada,  
que sempre por ter que almoces,  
achas para tão maus doces  
a tutia preparada.

Se tua Tia arganaz  
te fez essa alcomonia,  
com colher não ta faria,  
com espátula ta faz:  
criaste-te de rapaz  
co pingue dessas redomas,  
e hoje tal asco lhe tomas,  
que tendo uma herança rica  
hás raízes da botica,  
contudo não tens, que comas.

Teu juízo é tão confuso,  
que quando a qualquer cristão  
lhe entra o uso de razão,  
de então lhe perdeste o uso:  
sempre foste tão obtuso,  
que já desde estudantete  
te tinham por um doudete,  
porque eras visto por alto,  
na fala falso contralto,  
na vista fino falsete.

Correndo os anos cresceste,  
e se dizia em sussurro,  
que era o teu crescer de burro,  
pois cresceste, e aborreceste:

logo em tudo te meteste,  
querendo ser eminente  
nas artes, que estuda a gente,  
mas deixou-te a tua asnia  
Abel na filosofia,  
na poesia inocente.

Deram-te as primeiras linhas  
versos de tão baixa esfera,  
que o seu menor erro era  
serem feitos às Negrinhas:  
com estas mesmas pretinhas,  
por mais que te desbatizes,  
gastaste os bens infelizes  
do Marquês fino herbolário,  
porque todo o Boticário  
é mui rico de raízes.

Sendo um zote tão supino,  
és tão confiado alvar,  
que andas por i a pregar  
geringonças ao divino:  
pregas como um capuchino,  
porque essa traça madura  
um curado te assegura,  
crendo Sua Senhoria,  
que a botica te daria  
as virtudes pare a cura.

Mas ele se acha enganado,  
porque vê evidentemente,  
que os botes para um doente  
são, mas não pare um curado:  
entraste tão esfaimado  
a comer do sacrifício,  
que todo o futuro ofício  
cantaste sobre fiado,  
pelo tirar de contado  
ao dono do benefício.

Nenhuma outra cousa é  
este andar dos teus alparques,  
mais que ser Filho de Marques  
vizinho da Santa Sé:

outro da mesma ralé  
tão Marques, e tão bribante  
te serve agora de Atlante,  
porque para conjurer-se,  
é fácil de congregar-se  
um com outro semelhante.

**AO PADRE DAMASO DA SILVA PARENTE DO POETA, E SEU OPOSTO, HOMEM  
DESBOCADO, E PRESUNÇOSO COM GRANDES IMPULSOS DE SER VIGÁRIO,  
SENDO POR ALGUM TEMPO EM NOSSA SENHORA DO LORETO**

Damaso, aquele madraço,  
que em pés, mãos, e mais miúdos  
pode bem dar seis, e ás  
ao major Frisão de Hamburgo:  
Cuja boca é mentideiro,  
onde acode todo o vulgo  
a escutar sobre la tarde  
as mentiras como punho:  
Mentideiro frequentado  
de quantos senhores burros  
perdem o nome de limpos  
pela amizade de um sujo.  
Cuja língua é relação  
aonde acham os mais puros  
para acusar um fiscal  
para cortar um verdugo.  
Zote muito parecido  
aos vícios todos do mundo,  
pois nunca os alheios corta,  
sem dar no seu próprio escudo:  
Santo Antônio de baeta,  
que em toda a parte do mundo  
os casos, que sucederam,  
viu, e foi presente a tudo:  
O Padre papa jantares,  
hóspede tão importuno,  
que para todo o banquete  
traz sempre de trote o bucho:  
Professo da providência,  
que sem lograr bazaruco,  
para passar todo um ano  
nem dous vinténs faz de custo:

Que os amigos o sustentam,  
e lhe dão como de juro  
o jantar, quando lhes cabe  
a cada qual por seu turno.  
Essa vez, que tem dinheiro,  
que é de sete em sete lustros:  
três vinténs com um tostão,  
ou dous tostões quando muito:  
Com um vintém de bananas,  
e de farinha dous punhos,  
para passar dia, e meio  
tem certo o pão, e conduto:  
Lisonjeiro sem recato  
adulador sem rebuço,  
que por papar-lhe um jantar  
de um sacristão faz um Núncio:  
De um Tambor um General,  
um Branco de um Mamaluco,  
de uma senzala um palácio,  
e um galeão de um pantufo.  
Em passando a ocasião,  
tendo já repleto o bucho,  
desanda co'a taramela,  
e a todos despe de tudo:  
Outro sátiro de Esopo,  
Que co mesmo bafo astuto  
Esfriava o caldo quente,  
E aqueitava o frio punho:  
O Zote, que tudo sabe  
O grande Jurisconsulto  
Dos Litígios fedorentos  
Desta cidade monturo:  
O Bártolo de improviso,  
O subitâneo Licurgo,  
Que anoitece um sabe-nada,  
E amanhece um sabe-tudo:  
O Letrado grátis dato,  
e o que com saber infuso  
quer ser Legista sem mestre,  
canonista sem estudo:  
Agraduado de douto  
na academia dos burros,  
que é braba universidade  
para doutorar brandúzios:

desaforado sem susto,  
entremetido sem riso,  
e sem desar abelhudo:  
Filho da puta com dita,  
alcoviteiro sem lucro,  
cunhado do Mestre-Escola,  
parente que preza muito.  
Fraquíssimo pelas mãos,  
e valentão pelo vulto,  
no corpo um grande de Espanha,  
no sangue escória do mundo.  
Este tal, de quem falamos,  
como tem grandes impulsos  
de ser batiza-crianças,  
para ser soca-defuntos:  
A Majestade d'El-Rei  
tem já com mil esconjuros  
ordenado, que o não colem  
nem numa igreja de juncos.  
Ele por matar desejos  
foi-se ao adro devoluto  
da Senhora do Loreto,  
onde está Pároco intruso:  
Ouvir é um grande prazer,  
e vê-lo é um gosto sumo,  
quando diz "os meus fregueses"  
sem temor de um abrenuntio.  
Item é um grande prazer  
nas manhãs, em que madrugada  
vê-lo repicar o sino,  
para congregar o vulgo.  
E como ninguém acode,  
se fica o triste mazulo  
em solitária estação  
dizendo missa aos defuntos:  
Quando o Frisão considero,  
o menos que dele cuido,  
é ser Pároco boneco  
feito de trapos imundos.

### **RETRATO DO MESMO CLÉRIGO**

Pois me enfada o teu feitio,



quero, Frisão, neste dia  
retratar-te em quatro versos  
as maravi, maravi, maravilhas.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão, da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

A cara é um fardo de arroz,  
que por larga, e por comprida  
é ração de um Elefante  
vindo da Índia.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas

A boca desempenada  
é a ponte de Coimbra,  
onde não entram, nem saem,  
mais que mentiras.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

Não é a língua de vaca  
por maldizente, e maldita,  
mas pelo muito, que corta  
de Tiriricas.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

No corpanzil torreão  
a natureza prevista  
formou a fresta da boca  
para guarita.  
Ouçam, olhem,

venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

Quisera as mãos comparar-lhe  
às do Gigante Golias,  
se as do Gigante não foram  
tão pequeninas.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas

Os ossos de cada pé  
encher podem de relíquias  
para toda a cristandade  
as sacristias.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

É grande conimbricense,  
sem jamais pôr pé em Coimbra,  
e sendo ignorante sabe  
mais que galinha.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.  
Como na lei de Mafoma  
não se argumenta, e se briga  
ele, que não argumenta,  
tudo porfia.  
Ouçam, olhem,  
venham, venham, verão  
o Frisão da Bahia,  
que está retratado  
às maravi, maravi, maravilhas.

## **AO MESMO CLÉRIGO APELIDANDO DE ASNO AO POETA**

Padre Frisão, se vossa Reverência  
Tem licença do seu vocabulário  
Para me pôr um nome incerto, e vário,  
Pode fazê-lo em sua consciência:

Mas se não tem licença, em penitência  
De ser tão atrevido, e temerário  
Lhe quero dar com todo o Calendário,  
Mais que a testa lhe rompa, e a paciência.

Magano, infame, vil alcoviteiro,  
Das dodas corretor por dous tostões,  
E enfim dos arreiaços alveitar:

Tudo isto é notório ao mundo inteiro,  
Se não seres tu obra dos culhões  
De Duarte Garcia de Bivar.

## **AO MESMO COM PRESUNÇÕES DE SÁBIO, E ENGENHOSO**

Este Padre Frisão, este sandeu  
Tudo o demo lhe deu, e lhe outorgou,  
Não sabe musa musae, que estudou,  
Mas sabe as ciências, que nunca aprendeu.

Entre catervas de asnos se meteu,  
E entre corjas de bestas se aclamou,  
Naquela Salamanca o doutorou,  
E nesta salacega floresceu.

Que é um grande alquimista, isso não nego,  
Que alquimistas do esterco tiram ouro,  
Se cremos seus apógrafos conselhos.

E o Frisão as Irmãs pondo ao pespego,  
Era força tirar grande tesouro,  
Pois soube em ouro converter pentelhos.

**A OUTRO CLÉRIGO AMIGO DO FRIZÃO, QUE SE DIZIA ESTAR AMANCEBADO DE  
PORTAS ADENTRO COM DUAS MULHERES COM UMA NEGRA, E OUTRA  
MULATA**

A vós, Padre Baltasar,  
vão os meus versos direitos,  
porque são vossos defeitos  
mais que as areias do mar:  
e bem que estais num lugar  
tão remoto, e tão profundo  
com concubinato imundo,  
como sois Padre Miranda,  
o vosso pobre tresanda  
pelas conteiras do mundo.

Cá temos averiguado,  
que os vossos concubinatos  
são como um par de sapatos  
um negro, outro apolvilhado:  
de uma, e outra cor calçado  
saís pela porta fora,  
hora negra, e parda hora,  
que um zote camaleão  
toda a cor toma, senão  
que a da vergonha o não cora.

Vossa luxúria indiscreta  
é tão pesada, e violenta,  
que em dous putões se sustenta  
uma Mulata, e uma Preta:  
c'uma puta se aquieta  
o membro mais desonesto,  
porém o vosso indigesto,  
há mister na ocasião  
a negra para trovão,  
e a parda para cabresto.

Sem uma, e outra cadela  
não se embarca o Polifemo,  
porque a negra o leva a remo,  
e a mulata o leva a vela:  
ele vai por sentinela,  
porque elas não deem a bomba;  
porém como qualquer zomba

do Padre, que maravilha,  
que elas disponham da quilha,  
e ele ao feder faça tromba.

Elas sem mágoa, nem dor  
lhe põem os cornos em pinha,  
porque a puta, e a galinha,  
têm o ofício de pôr:  
ovos a franga pior,  
cornos a puta mais casta,  
e quando a negra se agasta,  
e c'ó Padre se disputa,  
lhe diz, que antes quer ser puta,  
que fazer com ele casta.

A negrinha se pespega  
c'um amigão de corona,  
que sempre o Frisão se entona,  
que ao maior amigo apega:  
a mulatinha se esfrega  
c'um mestiço requeimado  
destes do pernil tostado,  
que a cunha do mesmo pau  
em obras de bacalhau  
fecha como cadeado.

Com toda esta cornualha  
diz ele cego do amor,  
que as negras tudo é primor,  
e as brancas tudo canalha:  
isto faz a erva, e palha,  
de que o burro se sustenta,  
que um destes não se contenta  
salvo se lhe dão por capa  
para a rua numa gualdrapa,  
para a cama uma jumenta.

Há bulhas muito renhidas  
em havendo algum ciúme,  
porque ele sempre presume  
de as ver sempre presumidas:  
mas elas de mui queridas  
vendo, que o Padre de borra  
em fogo de amor se torra,

andam por negar-lhe a graça  
elas com ele de massa,  
se ele com elas à porra.

Veio uma noite de fora,  
e achando em seu vitupério  
a mulata em adultério  
tocou alarma por fora:  
e por que pegou com mora  
no raio do chumbo ardente,  
foi-se o cão seguramente:  
que como estava o coitado  
tão leve, e descarregado  
se pôde ir livremente.

Porque é grande demandão  
o senhor zote Miranda,  
que tudo, o que vê demanda,  
seja de quem for o chão:  
por isso o Padre cabrão  
de contínuo está a jurar  
que os cães lhe hão de pagar,  
e que as fodas, que tem dado,  
lhas hão de dar de contado,  
e ele as há de recadar.

**AO PADRE MANUEL ÁLVARES CAPELÃO DA MARAPÉ REMOQUEANDO AO  
POETA UMA PEDRADA QUE LHE DERAM DE NOITE ESTANDO SE PROVENDO: E  
PERGUNTANDO-LHE PORQUE SE NÃO SATIRIZAVA DELA! ESCANDALIZADO, E  
PICADO, PORQUE O POETA HAVIA SATIRIZADO OS CLÉRIGOS, QUE VINHAM DE  
PORTUGAL**

Não me espanto, que você,  
meu Padre, e meu camarada,  
me desse a sua cornada  
sendo rês de Marapé:  
mas o que lhe lembro, é,  
que se acaso a carapuça  
da sátira se lhe aguça,  
e na testa se ajustou,  
a chuçada eu não lhe dou,  
você se meta na chuça.

E se por estes respeitos  
diz, que versos não farei  
à pedrada, que eu levei  
quando fazia os meus feitos:  
agora os dará por feitos,  
pois eu de boga arrancada  
a uma, e outra pedrada  
os faço, à que levei já,  
e à que agora você dá,  
que é inda maior pedrada.

Era pelo alto serão,  
fazia um luar tremendo,  
quando eu estava fazendo  
ou câmara, ou vereação:  
não sei, que notícia então  
teve um Moço, um boa-peça,  
pôs-se à janela com pressa  
tão sem propósito algum,  
que quis ter comigo um  
quebradeiro de cabeça.

C'um torrão na mão se apresta,  
e tirando-o com seu momo  
me fez o memento homo,  
pondo-me a terra na testa:  
fez-me uma pequena fresta,  
de que arto Sangue corria,  
mas eu disse, quem seria  
um Médico tão sem lei,  
que primeiro me purguei,  
do que levasse a sangria.

Ergui-me com pressa tanta,  
que um amigo me gritou,  
inda agora se purgou,  
tão depressa se levanta?  
Sim, Senhor, de que se espanta?  
Se este Médico, este tramposo  
é médico tão forçoso,  
que faz levantar num dia  
depois de curso, e sangria  
ao doente mais mimoso.

Este caso, e desventura  
foi na verdade, contado,  
e sendo eu por mim curado,  
o Moço me deu a cura:  
com uma, e outra brabura  
jurei, e prometi, que  
lhe daria um pontapé:  
mas o Moço acautelado  
me deixou calamocado  
para servir a você.

### **ENTRA AGORA O POETA A SATIRIZAR O DITO PADRE**

Reverendo Padre Alvar,  
basta, que por vossos modos  
saís a campo por todos  
os Mariolas de altar?  
mal podia em vos falar,  
quem notícia, nem suspeita  
tem d'asno de tão má seita:  
mas como vos veio ao justo  
a sátira, estais com susto,  
de que por vós fora feita.

Convosco a minha camena  
não fala, se vos não poupa,  
porque sois mui fraca roupa  
para alvo da minha pena:  
se alguém se queima, e condena,  
por que vê, que os meus apodos  
vão frisando por seus modos,  
ninguém os tome por si,  
um pelo outro isso si,  
que assim frisarão com todos.

Vós com malícia veloz  
aplicai-o a um coitado,  
que este tal terá cuidado  
de vo-lo aplicar a vós:  
desta aplicação atroz  
de um por outro, e outro por um,  
como não livrar nenhum,  
ninguém do Poeta então



se virá a queixar, senão  
do poema que é comum.

Bonetes na minha mão,  
como os lanço ao ar direitos,  
caindo em vários sujeitos  
nuns servem, e noutros não:  
não consiste o seu senão,  
nem menos está o seu mal  
na obra, ou no oficial,  
está na torpe cabeça,  
que se ajusta, e endereça  
pelos moldes de obra tal.

E pois, Padre, vos importa  
nos meus moldes não entrar,  
deveis logo endireitar  
a cabeça, que anda torta:  
mas sendo uma praça morta,  
e um zotíssimo ignorante  
vir-vos-á a Musa picante  
a vós, Padre mentecapto,  
de molde como sapato,  
e ajustada como um guante.

Outra vez vos não metais  
sentir alheios trabalhos,  
que dirão, que comeis alhos  
galegos, pois vos queimais:  
e porque melhor saibais,  
que os zotes, de que haveis dor,  
são de abatido valor,  
vede nos vossos sentidos,  
quais serão os defendidos,  
sendo vós o defensor.

**AO PADRE MANUEL DOMINGUES LOUREIRO QUE REUSANDO IR POR CAPELÃO  
PARA ANGOLA POR ORDEM DE SUA ILUSTRÍSSIMA, FOI AO DEPOIS PREZO, E  
MALTRATADO, PORQUE RESISTIU AS ORDENS DO MESMO PRELADO**

Para esta Angola enviado  
vem por força do destino,  
um marinheiro ao divino,

ou mariola sagrado:  
com ser no monte gerado  
o espírito lhe notei,  
que com ser besta de lei,  
tanto o ser vilão esconde,  
que vem da vila do conde  
morar na casa d'El-Rei.

Por não querer embarcar  
com ousadia sobeja  
atado das mãos da Igreja  
veio ao braço secular:  
a empuxões, e a gritar  
deu baque o Padre Loureiro:  
riu-se muito o carcereiro,  
mas eu muito mais me ri,  
pois nunca Loureiro vi  
enxertado em Limoeiro.

No argumento, com que vem  
da navegação moral,  
diz bem, e argumenta mal,  
diz mal, e argumenta bem:  
porém não cuide ninguém,  
que com tanta matinada  
deixou de fazer jornada,  
porque a sua teima astuta  
o pôs de coberta enxuta,  
mas mal acondicionada.

O Mestre, ou o capitão  
(diz o Padre Fr. Orelo),  
que há de levar um capelo,  
se não levar capelão:  
vinha branco, e negro pão  
diz, que no mar fez a guerra,  
pois logo sem razão berra,  
quando na passada mágoa  
trouxe vinho como água,  
e farinha como terra.

Com gritos a casa atroa,  
e quando o caso distinga,  
quer vomitar na moxinga,

antes que cagar na proa:  
querer levá-lo a Lisboa  
com brandura, e com carinho,  
mas o Padre é bebedinho,  
e ancorado a porfiar  
diz, que não quer navegar  
salvo por um mar de vinho.

Aquentou muito a História  
sobre outras ações velhacas  
ter-lhe aborcado as patacas.-  
o magano do Chicória:  
mas sendo a graça notória,  
diz o Padre na estacada,  
que ficarão a pancada,  
quando um, e outro desfeche  
se o Loureiro de escabeche,  
o Chicória de selada.

**AO VIGÁRIO DA MADRE DE DEUS MANUEL RODRIGUES SE QUEIXA O POETA  
DE TRÊS CLÉRIGOS QUE LHE FORAM A CASA PELA FESTA DO NATAL, ONDE  
TAMBÉM ELE ESTAVA E COM GALANTARIA O PERSUADE, A QUE SACUDA OS  
HOSPEDES FORA DE CASA PELO GASTO, QUE FAZIAM**

Padre, a casa está abrasada,  
porque é mais danosa empresa  
pôr três bocas numa mesa,  
que trezentas numa espada:  
esta trindade sagrada,  
com que toda a case abafa  
a tomara ver já safa,  
porque à casa não convém  
trindade, que em si contém  
três Pessoas, e uma estafa.

Vós não podeis sem dar pena  
pôr à mesa três Pessoas,  
nem sustentar três coroas  
em cabeça tão pequena:  
se a fortuna vos condena,  
que vejais a casa rasa  
com gente, que tudo abrasa,  
não sofro, que desta vez

vos venham coroas três  
fazer princípio de casa.

Se estamos na Epifania,  
e os três coroas são Magos,  
hão de fazer mil estragos  
no caju, na valancia:  
mágica é feitiçaria,  
e a terra é tão pouco esperta,  
e a gentinha tão incerta,  
que os três a vosso pesar  
não vos hão de oferta dar,  
e hão de mamar-vos a oferta.

O incenso, o ouro, a mirra  
que eles vos hão de deixar,  
é, que vos hão de mirrar,  
se vos não defende um irra:  
o Crasto por pouco espirra,  
porque é dado a valentão,  
e se lhe formos à mão  
no comer, e no engolir,  
aqui nos há de frigir  
como postas de cação.

### **AOS MESMOS PADRES HOSPEDES ENTRE OS QUAIS VINHA O P<sup>e</sup> PÉRICO, QUE ERA PEQUENINO**

Vieram Sacerdotes dous e meio  
Para a casa do grande sacerdote,  
Dous e meio couberam em um bote,  
Notável carga foi para o granjeiro.

O barco, e o Arrais, que ia no meio,  
Tanto que em terra pôs um, e outro zote,  
Se foi buscar a vida a todo o trote,  
Deixando a carga, o susto, e o recreio.

Assustei-me em ver tanta clerezia,  
Que como o trago enfermo de remela,  
Cuidei, vinham rezar-me a agonia.  
Porém ao pôr da mesa, e postos nela,  
Entendi, que vieram da Bahia

Não mais que por papar a cabidela.

### **AO CELEBRE FR. JOANICO COMPREENDIDO EM LISBOA EM CRIMES DE SODOMITA**

Furão das tripas, sanguessuga humana,  
cuja condição grave, meiga, e pia,  
sendo cristel dos Santos algum dia,  
hoje urinol dos presos vive ufana.

Fero algoz já descortês profana  
Sua imagem do nicho da enxovia,  
Que esse amargoso traje em profecia  
Com a lombriga racional se dana.

Ah, Joanico fatal, em que horóscopos,  
Ou porque à costa, ou porque à vante deste,  
Da camandola Irmão quebraste os copos.

Enfim Papagaio humano te perdeste,  
Ou porque enfim darias nos cachopos,  
Ou porque em *culis mundi* te meteste.

### **A FR. TOMÁS D'APRESENTAÇÃO PREGANDO EM TERMOS LACÔNICOS A PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA**

Padre Tomás, se Vossa Reverência  
Nos pregar as Paixões desta arte mesma,  
Viremos a emender, que na Quaresma  
Não há mais pregador do que vossência.

Pregar com tão lacônica eloquência  
Em um só quarto, o que escrevo em resma,  
À fé, que o não fazia Frei Ledesma,  
Que pregava uma resma de abstinência.

Quando pregar o vi, vi um São Francisco,  
Senão mais eficaz, menos chagado,  
E de o ter por um Anjo estive em risco.

Mas como no pregar é tão azado,  
Achei, que no evangélico obelisco

É Cristo no burel ressuscitado.

**UM AMIGO DESTE RELIGIOSO PEDIU AO POETA SUAS APROVAÇÕES SOBRE A  
MESMA PREDICA, A PEDITÓRIO DO MESMO PREGADOR NESTE**

*MOTE*

*Louvar vossas orações  
é próprio do Pregador,  
e a mim me dá mais temor  
o Pregador, que os sermões.*

Só o vosso entendimento  
vos pode Tomás louvar,  
e eu se pudera imitar  
qualquer vosso pensamento:  
para mostrar seu talento  
fez um círculo em borrões  
Apeles com dous carvões;  
quem vira uma risca vossa?  
Riscai vós, para que eu possa  
Louvar vossas orações.

A causa é melhor, que o efeito  
na boa filosofia,  
e assim é vossa energia  
menor, que o vosso sujeito:  
logo se no humano peito  
não há alcançar o primor  
nas obras de tal autor,  
mal a causa alcançarão,  
pois o pregar do sermão  
É próprio do Pregador.

Se louvo vossa alta idéia,  
sou culpado em me atrever,  
e sou culpado em meter,  
a fouce em seara alheia:  
nesta empresa, em que receia  
entrar o engenho major,  
entra o néscio sem pavor,  
porque a louca valentia  
dá ao néscio a ousadia,

E a mim me dá mais temor.

Ou cobarde, ou atrevido,  
ou ousado, ou não ousado  
hei de dizer empenhado,  
o que calava entendido:  
um amigo a vós rendido  
pede a vossas orações  
as minhas aprovações,  
e eu calando lhe obedeço,  
porque fique em maior preço  
O Pregador, que os sermões.

**O MESMO AMIGO PEDIU AO POETA EM OUTRA OCASIÃO LHE GLOSASSE ESTE MOTE, CUJA MATÉRIA FOI HAVER TRIUNFADO O DITO FR. TOMÁS DE CERTA OPOSIÇÃO CAPITULAR**

*MOTE*

*Nuvens, que em oposição  
o sol querem desluzir,  
seus raios sabem sentir  
por ser seu cuidado em vão.*

No Céu pardo de Francisco  
pardo à força de nublados  
há vapores humilhados,  
e soberbos com seu risco:  
o soberbo ao sol arisco  
se põe, e o humilhado não,  
e o sol menos queima então  
as nuvens, que chegar vê  
em acatamentos, que  
Nuvens, que em oposição.

As nuvens, que se lhe opõem  
com tão néscio atrevimento,  
o sol de um raio violento  
queima, abrasa, e descompõe:  
tudo o mais o sol dispõe  
pare o manter, e cobrir  
criar, e reproduzir,  
e com razão não tem fé

co'as nuvens ingratas, que  
O sol querem desluzir.

O sol por sua altiveza,  
e nativo luzimento  
não recebe abatimento  
e abatê-lo é louca empresa:  
quando se atreve a vileza  
do vapor, que o vai seguir  
na nuvem, que o quer cobrir,  
se a subir não tem desmaios,  
ao resistir dos seus raios  
Seus raios sabem sentir.

Sentem com tanto pesar,  
que têm por melhor partido  
não haver ao sol subido  
que subir para baixar:  
era força escarmentar  
na queda de Faetão,  
e na Icária perdição,  
que estes outros se arruinaram,  
quando ao sol subir cuidaram,  
Por ser seu cuidado em vão.

**AO SOBREDITO RELIGIOSO DESDENHANDO CRITICO DE HAVER GONÇALO  
RAVASCO, E ALBUQUERQUE NA PRESENÇA DE SUA FREIRA VOMITADO UMAS  
NÁUSEAS, QUE LOGO COBRIU COM O CHAPÉU**

Quem vos mete, Fr. Tomás,  
em julgar as mãos de amor,  
falando de um amador  
que pode dar-vos seis e ás?  
Sendo vós disso incapaz,  
quem vos mete, Fr. Franquia,  
julgar, se foi policia  
o vômito, que arrotastes,  
se quando vós o julgastes,  
vomitastes uma asnia:

Sabeis, por que vomitou  
aquele amante em jejum?  
lembrou-lhe o vosso budum,



e a lembrança o enjoou;  
e porque considerou,  
que o tal budum vomitado  
era um fedor refinado,  
por não ver poluto um céu,  
o cobriu com seu chapéu,  
e em cobri-lo o fez honrado.

Vós sois um pantufo em zancos,  
mais oco do que um tonel,  
e se estudais no burel,  
entendereis de tamancos:  
que as ações dos homens brancos,  
tão brancos como Fuão,  
não as julga um maganão  
criado em um oratório,  
julgador de refeitório,  
que dá o nosso Guardião.

O que sabeis, Frei Garrafa,  
é a traça, e a maneira,  
com que estafais uma Freira,  
dizendo, que vos estafa:  
vós saís com a manga gafa  
do palangana, e tigela  
d'ovos moles com canela,  
e tão mal correspondeis,  
que esse tempo, que a comeis,  
são as tēmporas para ela.

Item sabeis tresladar  
falto de próprios conselhos  
de trezentos sermões velhos  
um sermão para pregar:  
e como entre o pontear,  
e cirgir obras alheias  
se enxergam vossas idéias,  
mostrais pregando de falso,  
que sendo um Frade descalço,  
andais pregando de meias.

E pois vossa Reverência  
quis ser julgador de nora,  
tenha paciência, que agora

se lhe tira a residência:  
e inda que a minha clemência  
se há com dissimulação,  
livre-se na relação  
dos cargos, em que é culpado  
ser glutão como um capado,  
como um bode fodinchão.

**A CERTO FRADE NA VILA DE SAM FRANCISCO, A QUEM UMA MOÇA  
FINGINDO-SE AGRADECIDA À SEUS REPETIDOS GALANTEIOS, LHE MANDOU  
EM SIMULAÇÕES DE DOCE UMA PANELA DE MERDA**

Reverendo Frei Antônio  
se vos der venérea fome,  
praza a Deus, que Deus vos tome,  
como vos toma o demônio:  
uma purga de antimônio  
devia a moça tomar,  
quando houve de vos mandar  
um mimo, em que dá a emender,  
que já vos ama, e vos quer  
tanto, como o seu cagar.

Fostes-vos mui de lampeiro  
vós, e os amigos de cela  
ao miolo da panela,  
e achastes um camareiro:  
metestes a mão primeiro,  
de que vos enganásseis,  
e foi bem feito, que achásseis,  
cagalhões, que então sentistes,  
porque aquilo, que não vistes,  
quis o demo, que cheirásseis.

A hora foi temerária,  
o caso tremendo, e atroz,  
e essa merda para vós  
se não serve, é necessária:  
se a peça é mui ordinária,  
eu de vós não tenho dó:  
e se não disse-me: é pó  
mandar-vos a ponto cru  
a Moça prendas do cu,

que tão vizinho é do có?

Se vos mandara primeiro  
o mijo num panelão,  
não ficáreis vós então  
mui longe do mijadeiro:  
mas a um Frade malhadeiro  
sem correia, nem lacerda,  
que não sente a sua perda,  
seu descrédito, ou desar,  
que havia a Moça mandar,  
senão merda com mais merda?

Dos cagalhões afamados  
diz esta plebe inimiga,  
que eram de ouro de má liga  
não dobrões, porém dobrados:  
aos Fradinhos esfamiados,  
que abrindo a panela estão,  
daí por cabeça um dobrão,  
e o mais mandai-o fechar;  
que por isso, e por guardar,  
manhã serei guardião.

Se os cagalhões são tão duros,  
tão gordos, tão bem dispostos,  
é, porque hoje foram postos,  
e ainda estão mal maduros:  
que na enxurrada dos tais  
é de crer, que abrandem mais,  
porque a Moça cristãmente  
não quer, que quebreis um dente,  
mas deseja, que os comais.

**O CERTO FRADE QUE GALANTEANDO UMAS SENHORAS NO CONVENTO DE ODIVELAS, LHES ENTREGOU HÁBITO, E MENORES PARA UM FINGIDO ENTREMEZ, E CONHECENDO O CHASCO, EM ALTA NOITE DEU EM CANTAR O MISERERE, BORRANDO, E URINANDO TODO O PARLATÓRIO, PELO QUE A ABADESSA LHE DEU OS SEUS HÁBITOS, E UMA LANTERNA PARA SE RETIRAR À LISBOA**

Reverendo Frei Carqueja,  
quentárida com cordão,

magano da religião,  
e mariola da Igreja:  
Frei Sarna, ou Frei Bertoeja,  
Frei Pirtigo, que o centeio  
móis, e não dás receio,  
Frei Burro de Lançamento,  
pois que sendo um Frei Jumento,  
és um jumento sem freio.

Tu, que nas pardas cavernas  
vives de um grosso saial,  
és carvoeiro infernal,  
pois andas com saco em pernas:  
lembram-te aquelas fraternas,  
que levaste a teu pesar,  
quando a Prelada Bivar  
por culpa, que te cavou,  
de dia te desfradou  
para à noite te expulsar.

Pela dentada, que Adão  
deu no vedado fruteiro,  
de folhas fez um cueiro,  
e cobriu seu cordavão:  
a ti o querer ser glutão  
de outra maçã reservada,  
ao vento te pôs a ossada,  
mas com diferença muita,  
que se nu te pôs a fruta,  
tu não lhe deste a dentada.

De José se diz cad'hora,  
que o fez um seno de chapa  
deixar pela honra a capa  
nas mãos da amante senhora:  
tu na mão, que te namora,  
por honra, e por pundonor  
deixas hábito, e menor,  
mas com desigual partido,  
que José de acometido,  
e tu de acometedor.

Desfradado em conclusão  
te vistes em couro puro,

como vinho bem maduro,  
sendo, que és um cascarrão:  
era pelo alto serão,  
quando a gente às adivinhas  
viu entre queixas mesquinhas  
na varanda um Frade andeiro  
saído do Limoeiro  
a berrar pelas casinhas.

Como Galeno na praça  
apareceste ao luar  
pobre, roubado do mar,  
que era ver-te um mar de graça:  
quando um pasma, e outro embaça;  
não me tenham por visão,  
frade sou inda em cueiros,  
tornei-me aos anos primeiros,  
e Bivar foi meu Jordão.

Porque luz se te não manda,  
tu por não dar num ferrolho,  
dizem, que abriste o teu olho,  
que é cancela, que tresanda:  
chovias por uma banda,  
e por outra trovejavas,  
viva tempestade andavas,  
porque à comédia assistias,  
que era tramóia fingias,  
e na verdade o passavas.

Ninguém há, que vitupere  
aquele lanço estupendo,  
quando o teu pecado vendo  
tomaste o teu *miserere*:  
mas é bem, que me exaspere  
de ver, que todo o sandeu,  
que nos tratos se meteu  
de Freiras, logo confessa,  
que isso lhe deu na cabeça,  
e a ti só no cu te deu.

Dessa hora temerária  
ficou a grade de guisa,  
que se até ali foi precisa,

desde então foi necessária:  
tu andaste como alimária,  
mas isso não te desdoura,  
porque fiado na coura  
da brutescia fradaria  
estercaste estrebaria,  
o que gostas manjedoura.

Que és frade de habilidade,  
dás grandíssima suspeita,  
pois deixas câmara feita,  
o que foi 'té agora grade:  
tu és um corrente Frade  
nos lances de amor, e brio,  
pois achou teu desvario  
ser melhor, e mais barato,  
do que dar o teu retrato,  
pôr na grade o teu feitio.

Corrido enfim te ausentaste,  
mas obrando ao regatão,  
pois levaste um lampião  
pela cera, que deixaste:  
sujamente te vingaste  
Frei Azar, ou Frei Piorno,  
e estás com grande sojorno,  
e posto muito de perna,  
sem veres, que essa lanterna  
te deram, por dar-te um corno.

O com que perco o sentido,  
é ver, que em tão sujo tope  
levando a Freira o xarope  
tu ficaste o escorrido:  
na câmara estás provido  
e de ruibarbo com capa,  
mas lembro-te Frei Jalapa,  
que por cagar no sagrado  
o cu tens excomungado,  
se não recorres ao Papa.

Muito em teus negócios medras  
com furor, que te destampa,  
pois sendo um louco de trampa,

te tem por louco de pedras:  
é muito, que não desmedras,  
vendo-te trapo, e farrapo,  
antes co'a Freira no papo,  
como no sentido a tinhas,  
parece, que a vê-la vinhas,  
pois vinhas com todo o trapo.

Tu és magano de lampa,  
Bivar é Freira travessa,  
a Freira pregou-te a peça,  
mas tu armaste-lhe a trampa:  
se o teu cagar nunca escampa,  
nunca estie o seu capricho,  
e pois ta pregou, Frei Mixo,  
chame-se por todo o mapa  
ela travessa de chapa,  
e tu magano de esguicho.

**A CERTO FRADE, QUE QUERENDO EMBARCAR-SE PARA FORA DA CIDADE,  
FURTOU UM CABRITO, O QUAL SENDO CONHECIDO DA MÃE PELO BERRO O  
FOI BUSCAR DENTRO DO BARCO, E COMO NÃO TEVE EFEITO O DITO  
ROUBO, TRATOU LOGO DE FURTAR OUTRO, E O LEVOU ASSADO**

De fornicário em ladrão  
se converteu Frei Foderibus  
o lascivo em mulieribus,  
o mui alto fodinchão:  
foi o caso, que um verão  
tratando o Frade maldito  
de ir da cidade ao distrito,  
querendo a cabra levar,  
para mais a assegurar,  
embarcou logo o cabrito.

Mas a cabra esquiva, e crua  
a outro pasto já inclinada  
não quis fazer a jornada,  
nem que a faça cousa sua:  
balou uma, e outra rua  
com tal dor, e tal paixão,  
que respondendo o mamão  
alcançou todo o distrito

nas respostas do cabrito  
o codilho do cabrão.

Estava ele muito altivo  
com seu jogo bem assaz,  
porém, por roubar sem ás  
perdeu bolo, cabra, e chibo:  
porque sem pôr pé no estrivo  
saltou na barca do Alparca,  
e dizendo desembarca  
saiu co filho a correr,  
porque então não quis meter  
com tal cabrão pé em barca.

O Frade ficou num berro,  
porque temia o maldito  
se não levasse o cabrito,  
de achar, que lhe pegue um perro:  
e por não cair nesse erro  
num rebanho em boa fé  
outro, a quem o Frei Caziqui,  
quando ele dizia mihi,  
ele respondia mé.

Do mé desaparecido  
foi logo o dono avisado,  
que o Frade lhe havia achado  
antes dele o haver perdido:  
e sendo o sítio corrido,  
se achou, que a modo de pá  
num forno o cabrito está,  
que o Frade é destro ladrão  
porém nesta ocasião  
saiu-lhe a fornada má.

**A CERTO FRADE QUE PREGANDO MUITOS DESPROPÓSITOS NA MADRE DE DEUS FOI APEDREJADO PELOS RAPAZES, E SE FINGIU DESMAIADO POR ESCAPAR: MAS DEPOIS FURTANDO AO POETA UM BORDÃO, E AO HARPISTA DA FESTA UM CHAPÉU SE RETIROU: POREM SABENDO-SE DO FURTO LHE FOI AO CAMINHO TIRAR DAS MÃOS UM MULATO DE DOMINGOS BORGES**

Reverendo Padre em Cristo,  
Fr. Porraz por caridade,



Padre sem paternidade  
salvo a tem pelo Anticristo:  
não me direis, que foi isto,  
que dizem, quando pregastes,  
tão depressa vos pagastes,  
que antes que o sermão findara  
tanto cascalho embolsastes.

Pregastes tanta parvoíce  
de tolo, e de beberrão,  
que o povo bárbaro então  
entendeu, que era louquice:  
quis-vos seguir a doudice,  
e posto no mesmo andar,  
em lugar de persignar  
uma pedrada vos prega,  
que a testa ainda arrenega  
de tal modo de pregar.

Aqui-d'El-Rei me aturdistes,  
e como um Paulo pregáveis,  
entendi, quando gritáveis,  
que do cavalo caístes:  
vós logo me desmentistes,  
dizendo, não tenho nada,  
fingi aquela gritada,  
porque entre tantos maraus  
com seixos, limões, e paus  
não viesse outra pedrada.

Bem creio eu, Peralvilho,  
que sois cavalo de Troia,  
e fazeis uma tramóia  
co'a morte no garrotilho:  
mas se perdendo o codilho,  
que ganhais a mão, dizeis,  
a vós o engano fazeis,  
porque se quem compra, e mente,  
se diz, que na bolsa o sente,  
vós na testa o sentireis.

Vendo-vos escalavrado  
o Vigário homem do céu  
em casa vos recolheu,

por vos salvar no sagrado:  
vós sois tão desaforado,  
que não quisestes cear,  
não mais que pelo poupar,  
sendo que sois tão má preia,  
que lhe poupastes a ceia,  
por lhe roubar o jantar.

Fostes-vos de madrugada,  
deixando-lhe aberta a porta,  
mas a porta pouco importa,  
importa a casa roubada:  
fizestes uma trocada,  
que só a pudera fazer  
um beberrão a meu ver,  
d'um por outro chapéu podre,  
que trocar odre por odre  
venha o demo a escolher.

Ficou o Mestre solfista  
sem chapéu destro, ou sinistro,  
e ainda que na arpa é destro,  
vós fostes maior arpista:  
quem por ladrão vos alista,  
saiba, que sois mau ladrão,  
que não perdendo ocasião,  
lá em cima na vossa estada,  
levastes a bordoadada,  
cá em baixo o meu bordão.

Tomastes do rio a borda,  
e vendo os amigos Borges,  
que leváveis tais alforjes,  
trataram de dar-vos corda:  
mas vendo, que vos engorda,  
mais do que a vaca, o capim,  
puseram-vos um selim,  
um freio, e um barbicacho,  
porque sendo um burro baio  
logreis honras de rocim.

Vendo-vos ajaezado,  
pela ocasião não perder,  
botastes logo a correr

atrás das éguas mangado:  
apenas tínheis chegado  
de Caípe à casaria,  
quando um Mulataço harpia  
arrogante apareceu,  
e vos tirou o chapéu  
sem vos fazer cortesia.

Tirou-vos o meu cajado,  
porque sois ladrão tão mau,  
que levastes o meu pau,  
que não serve a um barbado:  
e vendo-vos despojado  
dos furtos deste lugar  
vos pusestes a admirar,  
de que um Mulato valente  
de vos despir se contente,  
podendo-vos açoutar.

Nunca vós, borracho alvar,  
a pregar-nos vos metais,  
que se a rapazes pregais,  
eles vos lá hão de pregar:  
tratai logo de buscar  
alguma Dona Bertola,  
para pregar pela gola,  
como aqui sempre fizestes,  
que esse é o pregar, que aprendestes,  
do que podeis pôr escola.

E guardai-vos, maganão  
bêbado, jeribiteiro,  
de tornar a este oiteiro  
fazer vossa pregação:  
que o Mestre Pantaleão,  
e o Doutor, a quem roubastes,  
e os mais, que aqui encontrastes  
vos esperam com escurbas.  
para arrancar-vos as barbas,  
se é que a vinho as não pelastes.

**INDO CERTO FRADE A CASA DE UMA MERETRIZ LHE PEDIU ESTA QUINZE MIL  
REIS DE ANTEMÃO PARA TIRAR UMAS ARGOLAS, QUE TINHA EMPENHADAS**

Quinze mil-réis de antemão  
Cota a pedir-me se atreve,  
o diabo a mim me leve,  
se ela val mais que um tostão:  
que outra fêmea de canhão,  
por seis tostões, que lhe dei  
toda a noite a pespeguei,  
e a quem faz tal peditório  
Borrório.

Ora está galante o passo;  
Menina, não me direis,  
se vos deu quinze mil-réis,  
quem vos tirou o cabaço?  
fazeis de mim tão madraço,  
que vos dê tanto dinheiro  
por um triste parrameiro,  
que está junto ao cagatório?  
Borrório.

Quereis argolas tirar  
Co'as moedas, que são minhas?  
para tirar argolinhas  
só lança vos posso dar;  
vós pedis por pedinchar  
sem vergonha, nem receio,  
como se eu tivera cheio  
de dinheiro um escritório:  
Borrório.

Saís muito à vossa Mãe  
nos costumes de pedir,  
e eu em não contribuir  
me pareço com meu Pai:  
essa petição deixai;  
quereis sustentar-vos só  
vossa Mãe, e vossa Avó,  
e todo o mais avolório?  
Borrório.

Vindes a mui ruim mato,  
Menina, fazer a lenha,  
que outra fêmea mais gamenha  
mo fazia mais barato:

buscai outro melhor pato;  
quereis depenar, a quem  
a penas segura tem  
a ração do refeitório?  
Borrório.

Quereis, que o Prelado astuto  
me tome conta da esmola,  
e que a bom livrar dê a sola?  
que tal faça! fideputo:  
eu não sou amba macuto,  
nem sou tampouco matreiro,  
que vós comais o dinheiro,  
e eu fique de gorgotório?  
Borrório.

Vós quereis sem mais nem mais,  
que no sermão de repente  
eu faça chorar a gente,  
para que vós vos riais?  
tão ruim alma me julgais,  
que para as vossas cobiças  
tome capelas de missas,  
e que chore o Purgatório?  
Borrório.

Ora enfim vós a pedir,  
e eu Cota a vo-lo negar,  
ou vós havei de cansar,  
ou eu me hei de sacudir:  
com que venho a inferir  
destas vossas petições,  
que heis de pedir-me os culhões,  
a parvoíce, e zimbório  
Borrório.

**SATIRIZA OUTRO CASO DE UMA NEGRA QUE FOI ACHADA COM OUTRO  
FRADE, E FOI BEM MOÍDA COM UM BORDÃO POR SEU AMÁSIO, POR CUJA  
CAUSA SE SAGROU, E SE FINGIU MANCA DE UM PÉ**

Nunca cuidei do burel,  
nem menos do seu cordão,  
que fosse tão cascarrão,

tão duro, nem tão cruel:  
mas vós como sois novel,  
e ignorais o bom, e o mau,  
e o que tirastes do escote  
foi ver, que era o seu picote  
tão duro como um bom pau

Vós fostes bem esfregada  
do burel esfregador,  
mas depois o pão do amor  
vos deixou mais bem pisada:  
no bananal enramada  
vos atastes ao cordão,  
que vos fez a esfregação;  
depois quem vos vigiou,  
nas costas vos assentou  
as costuras c'um bordão.

Fingistes-vos mui doente,  
e atastes no pé um trapo,  
sendo a doença o marzapó  
do Franciscano insolente:  
enganastes toda a gente  
fingidamente traidora,  
mas eu soube na mesma hora,  
que nos tínheis enganado,  
e por haver-vos deitado,  
fingis deitar-vos agora.

Eu sinto em todo o rigor  
os vossos sucessos maus,  
pois levastes com dois paus  
um do Frade, outro do amor:  
qual destes paus foi pior  
vós nos haveis de dizer,  
que eu não deixo de saber,  
que sendo negras, ou brancas  
é sempre um só pau de trancas  
pouco para uma mulher.

Não vades ao bananal,  
que e cousa escorregadia,  
e eis de levar cada dia  
lá no có, cá no costal:

sed libera nos a mal  
dizei no vosso rosário,  
e se o Frade é frandulário,  
vá folgar a seu convento,  
que vós no vosso aposento  
tendes certo o centenário.

Muito mal considerastes,  
no que o sucesso parou,  
que o Frade vos não pagou,  
e vós em casa o pagastes:  
tal miserere levastes,  
que vos digo na verdade,  
fora melhor dá-lo ao Frade  
porque é maior indecência  
dá-lo a vossa negligência,  
que à sua Paternidade.

**A CERTO FRADE QUE TRATAVA COM UMA DEPRAVADA MULATA POR NOME  
VICÊNCIA QUE MORAVA JUNTO AO CONVENTO, E ATUALMENTE Á ESTAVA  
VIGIANDO DESTE CAMPANÁRIO**

Reverendo Fr. Sovela,  
saiba vossa Reverência,  
que a caríssima Vivência  
põe cornos de cabidela:  
tão vária gente sobre ela  
vai, que não entra em disputa,  
se a puta é mui dissoluta,  
sendo, que em todos os povos  
a galinha põe os ovos  
e põe os cornos a puta.

Se está vossa Reverência  
sempre à janela do coro,  
como não vê o desaforo  
dos Vicências co'a Vicência?  
como não vê a concorrência  
de tanto membro, e tão vário,  
que ali entra de ordinário?  
mas se é Frade caracol,  
bote esses cornos ao sol  
por cima do campanário.

Do alto verá você  
a puta sem intervalos  
tangida de mais badalos,  
que tem a torre da Sé:  
verá andar a cabra mé  
berrando atrás dos cabrões,  
os ricos pelos tostões  
os pobres por piedade,  
os leigos por amizade,  
os Frades pelos pismões.

Verá na realidade  
aquilo, que já se entende  
de uma puta, que se rende  
às porcarias de um Frade:  
mas se não vê de verdade  
tanto lascivo exercício,  
é, porque cego do vício  
não lhe entra no oculorum  
o secula seculorum  
de uma puta de ab initio.

**AO LOUCO DESVANECIMENTO, COM QUE ESTE FRADE TIRANDO ESMOLAS  
CANTAVA REGAÇANDO O HABITO POR MOSTRAR AS PERNAS, COM  
PRESUNÇÕES DE GENTIL-HOMEM, BOM MEMBRO, E BOA VOZ**

Ouve, Magano, a voz, de quem te canta  
Em vez de doces passos de garganta  
Amargos pardieiros de gasnate:  
Ouve, sujo Alparcate,  
As aventuras vis de um Dom Quixote  
Revestido em remendo de picote.

Remendado dos pés até o focinho  
Me persuado, que és Frade Antoninho:  
Por Frei Basílio saís de São Francisco,  
E entras Frei Basilisco,  
Pois que deixas à morte as Putas todas,  
Ou já pela má vista, ou pelas fodas.

Tu tens um membralhaz aventureiro,  
Com que saís cada trique ao terreiro



A manter cavalhadas, e fodengas,  
Com que as putas derrengas;  
Valha-te: e quem cuidara, olhos de alpistre,  
Que seria o teu membro o teu enristre!

Gabas-te, que se morrem as Mulatas  
Por ti, e tens razão, porque as matas  
De puro pespegar, e não de amores,  
Ou de puros fedores,  
Que exalam, porcalhão, as tuas bragas,  
Com que matas ao mundo ou as estragas.

Dizem-me, que presumes de três partes,  
E as de Pedro serão de malas artes:  
Boa voz, boa cara, bom badalo,  
Que é parte de cavalo:  
Que partes podes ter, vilão agreste,  
Se não sabes a parte, onde nasceste?

Vestido de burel um salvajola  
Que partes pode ter? de mariola:  
Quando o todo é suor, e porcaria,  
A parte que seria?  
Cada parte budum, catanga, e lodos,  
Que estas as partes são dos Frades todos.

Não te desvaneça andar-te a puta ao rabo,  
Que Joana Lopes dormirá c' o diabo;  
E posto que a Mangá também forniques,  
Que é moça de alfiniques,  
Supõe, que tinha então faminta a gola,  
E que te quis mamar o pão da esmola.

Não hão mister as putas gentilezas,  
Que arto bonitas são, arto belezas:  
O que querem somente, é dinheiro,  
E se as cavalgas tu, pobre sendeiro,  
É, porque dando esmolos, e ofertório,  
Quando as pespegas, geme o refeitório.

Prezas-te de galã, bonito, e pulcro,  
E os fedores da boca é um sepulcro  
A cães mortos te fede a dentadura,  
E se há puta, que te atura

Tais alentos de boca, ou de traseiro,  
É porque tu as incensas com dinheiro.

O hábito levantas no passeio,  
E cuidas, que está nisso o galanteio,  
Mostras a perna mui lavada, e enxuta,  
Sendo manha de puta  
Erguer a saia por mostrar as pernas,  
Com que és hermafrodita nas cavernas.

Tu és Filho de um sastre de bainhas,  
E botas muito mal as tuas linhas,  
Pois quando fidalgão te significas,  
A ti mesmo te picas,  
E dando pontos em grosseiro pano,  
Mostras pela entertela, que és magano.

Torna em teu juízo, louco Durandarte,  
Se algum dia o tiveste, a quem tornar-te;  
Teme a Deus, que em tão louco desatino  
De algum celeste signo  
Hei medo, que um badalo se despeça,  
E te rompa a cabaça, ou a cabeça.

Se és Frade, louva ao Santo Patriarca,  
Que te sofre calçar-lhe a sua alparca,  
Que juro a tal, se ao século tornaras,  
Nem ainda te fartaras  
De ser um tapanhuno de carretos,  
Por não ser mariola, onde há pretos.

**AO MESMO FRADE TORNA A SATIRIZAR O POETA, SEM OUTRA MATÉRIA  
NOVA, SENÃO PRESUMINDO, QUE QUEM O DEMO TOMA UMA VEZ SEMPRE  
LHE FICA UM JEITO**

Reverendo Fr. Fodaz,  
não tenho matéria nova,  
de que vos faça uma trova,  
mas de antiga tenho assaz:  
que como sois tão capaz  
de ires de mau a pior,  
suponho de vosso humor,  
que enquanto a velha, e o frade

sois sempre em qualquer idade  
mais ou menos fodedor.

Na boa filosofia  
mais ou menos não difere,  
e assim vós que estais, se infere,  
na mesma velhacaria:  
Lembra-me a mim cada dia  
tanto sucesso indecente,  
que de vós refere a gente,  
que inda que d'outra monção,  
sei, que de hoje para então  
nada tendes diferente.

Se o burel, que se remenda,  
e o ser frade, e ser vilão  
vos fazem mais fodinchão,  
como haveis de ter emenda?  
Será inútil contenda  
querer, que vos emendeis,  
pois como vós não deixeis  
de ser frade, e ser vilão,  
sempre heis de ser fodinchão,  
fodereis, mais fodereis.

Quem a causa não desfaz,  
não destrói o seu efeito,  
com que vós no hábito estreito  
sempre haveis de ser fodaz.  
Valha o diabo o mangaz,  
que em vendo a pinta, e a franga  
aqui, em Jacaracanga,  
em público, e em secreto,  
se lhe cheira o vaso preto,  
logo a porra se lhe emanga.

De um pirtigo tão velhaco,  
que tão súbito se engrossa,  
que direi, senão que almoça  
vinte picas de Macaco:  
membro, que em todo o buraco  
se quer meter apressado,  
qual arganaz assustado,  
fugindo ao ligeiro gato,

que direi, que é membro rato?  
Não: porque este é consumado.

Pois logo que hei de dizer,  
como, e com que paridade  
porei o membro de um frade,  
a quem não fartam foder?  
Eu não me sei nisto haver,  
nem por que apodo me reja:  
mas o mundo saiba, e veja,  
que o membro deste mangado  
é já membro desmembrado  
da justiça, mais da Igreja.

### **A CERTO FRADE QUE INDO PREGAR A UM CONVENTO DE FREIRAS, E ESTANDO COM UMA NA GRADE, LHE DEU TAL DOR DE BARRIGA, QUE SE CAGOU POR SI**

Ficaram neste intervalo  
pagos a Freira, e o Frade,  
ela a ele deu-lhe a grade,  
que a vós não convém correr  
com homem tão despejado,  
ele a ela deu-lhe o ralo:  
fê-lo ir com tanto abalo  
o seu sujo proceder,  
que se andar tão desatado,  
logo vos há de feder.

Estas novas enxurradas  
fizeram com novo estilo  
na casa da grade um Nilo,  
catadupa nas escadas:  
não foram mal suportadas  
dos vizinhos do lugar,  
se chegaram a alcançar  
(como ouvimos referir)  
que os índios perdem o ouvir,  
cá perdessem o cheirar.

Ao Frade, que assim vos trata,  
porque outra vez não se entorne,  
mandai, que à grade não torne,  
até soldar a culatra:

que escopeta, que não mata,  
quando tão junto atirou,  
bem mostra, que se errou,  
e toda a munição troca,  
não rebentou pela boca,  
pela escorva rebentou.

Neste hediondo tropel  
cem mil causas achareis,  
que não são para papéis,  
posto que as ponha em papel:  
o passo foi tão cruel,  
que a dizê-lo me tentou:  
se bem lastimado estou,  
do que deste Frade ouvi,  
torne ele mesmo por si,  
já que por si se entornou.

Do monte Olimpo se conta,  
que quando há maior tormento  
deixa sua altura isenta,  
porque das mais se remonta:  
não sei, se vós nessa conta  
entrastes, Senhora, então  
naquela suja ocasião;  
só sei, que o Frade seria,  
pelo que dele corria,  
monte, mais o limpo não.

Deste Frade ouvi dizer,  
e é cousa digna de riso,  
que tendo-se por Narciso,  
fez fonte para se ver:  
e deve-se reprender,  
Dama bela, se vos praz  
o que este Narciso faz,  
pois ofende o fino amante,  
deixando claro diante,  
ver-se no escuro de trás.

Foi o Padre aqui mandado  
para pregar: grande error!  
Não pode ser pregador  
um Frade tão despregado:

seja do ofício privado,  
e de entre a gente falar,  
pois todos veem alcançar  
o seu salvo presumir,  
que sendo mau para ouvir,  
é pior para cheirar.

### **EU FIQUEI COM MINHAS MÁGOAS**

Oh nunca foram tantos  
nem tão fortes meus males  
como as ondas

### **NESTE RETIRO DEVEMOS SUPOR O POETA CONSULTADO DE VÁRIOS AMIGOS COM ALGUNS ASSUNTOS PARA RESOLVER, E ASSIM PROSSEGUIREMOS COM AS OBRAS SEGUINTE**

Fábio; que pouco entendes de finezas.  
Quem faz só, o que pode, a pouco obriga;  
Quem contra os impossíveis se afadiga,  
A esses se dê amor em mil ternezas.

Amor comete sempre altas empresas;  
Pouco amor muita sede não mitiga;  
Quem impossíveis vence, este me instiga  
Vencer por ele muitas estranhezas.

As durezas da cera o Sol abranda,  
E da terra as branduras endurece,  
Atrás do que resiste, o Raio se anda.

Quem vence a Resistência, se enobrece,  
Quem pode, o que não pode, impera, e manda;  
Quem faz mais do que pode, esse merece.

### **CONTINUA O POETA EM LOUVAR A SOLEDADE VITUPERANDO A CORTE**

Ditoso aquele, e bem aventurado,  
Que longe, e apartado das demandas  
Não vê nos tribunais as apelandas,  
Que à vida dão fastio, e dão enfado.

Ditoso, quem povoa o despovoado,  
E dormindo o seu sono entre as Holandas  
Acorda ao doce som, e às vozes brandas  
Do tenro passarinho enamorado.  
Se estando eu lá na Corte tão seguro  
Do néscio impertinente, que porfia,  
A deixei por um mal, que era futuro;  
Como estaria vendo na Bahia,  
Que das Cortes do mundo é vil monturo,  
O roubo, a injustiça, a tirania.

**PERGUNTA-SE NESTE PROBLEMA, QUAL É MAIOR, SE O BEM PERDIDO NA POSSE, OU O QUE SE PERDE ANTES DE SE LOGRAR? DEFENDE O BEM JÁ POSSUÍDO**

Quem perde o bem, que teve possuído,  
A morte não dilate ao banimento,  
Que esta dor, esta mágoa, este tormento  
Não pode ter tormento parecido.

Quem perde o bem logrado, tem perdido  
O discurso, a razão, o entendimento:  
Porque caber não pode em pensamento  
A esperança de ser restituído.

Quanto fosse a esperança alento à vida,  
‘Té nas faltas do bem seria engano  
O presumir melhoras desta Sorte.

Porque onde falta o bem, é homicida  
A memória, que atalha o próprio dano,  
O Refúgio, que priva a mesma morte.

**DEFENDE-SE O BEM QUE SE PERDEU NA ESPERANÇA PELOS MESMOS CONSOANTES**

O bem que não chegou ser possuído,  
Perdido causa tanto sentimento,  
Que faltando-lhe a causa do tormento,  
Faz ser maior tormento o padecido.

Sentir o bem logrado, e já perdido  
Mágoa será do próprio entendimento,  
Porém o bem, que perde um pensamento,  
Não o deixa outro bem restituído.

Se o logro satisfaz a mesma vida,  
E depois de logrado fica engano  
A falta, que o bem faz em qualquer Sorte:

Infalível será ser homicida  
O bem, que sem ser mal motiva o dano,  
O mal, que sem ser bem apressa a morte.

### **TENTADO A VIVER NA SOLEDADE SE LHE REPRESENTAM AS GLORIAS DE QUEM NÃO VIU, NEM TRATOU A CORTE**

Ditoso tu, que na palhoça agreste  
Viveste moço, e velho respiraste,  
Berço foi, em que moço te criaste,  
Essa será, que para morto ergueste.

Aí, do que ignoravas, aprendeste,  
Aí, do que aprendeste, me ensinaste,  
Que os desprezos do mundo, que alcançaste,  
Armas são, com que a vida defendeste.

Ditoso tu, que longe dos enganos,  
A que a Corte tributa rendimentos,  
Tua vida dilatas, e deleitas!  
Nos palácios reais se encurtam anos;  
Porém tu sincopando os aposentos,  
Mais te deleitas, quando mais te estreitas.

### **MORALIZA O POETA OUTRA VEZ A SUA DECLINAÇÃO PELO SEU LUZIMENTO NO AMORTECIDO DESMAIO DE UMA POMPOSA FLOR**

De que serviu tão florida,  
caduca flor, vossa Sorte,  
se havia da própria morte  
ser ensaio a vossa vida?  
quanto melhor advertida  
andáveis em não nascer,



que se a vida houvera ser  
instrumento de acabar,  
em deixares de brilhar,  
deixaríeis de morrer.

Enquanto presa vos vistes  
no botão, onde morastes,  
bem que a vida não lograstes,  
de esperança vos vestistes:  
mas depois que, flor, abristes,  
tão depressa fenecestes,  
que quase a presumir destes  
(se se pode presumir)  
que para a morte sentir,  
somente viver quisestes.

Fazendo da pompa alarde  
abre a Rosa mais louçã,  
e o que é gala na manhã,  
em luto se torna à tarde:  
pois se a dita mais cobarde,  
se a mais frágil duração  
renascestes, porque não  
terei de crer fundamento,  
que foi vosso luzimento  
da vossa sombra ocasião.

E pois acabais florida,  
bem se vê, flor desditosa,  
que a não seres tão formosa,  
não fôreis tão abatida:  
desgraçada por luzida,  
ofendida por louçã  
mostrais bem na pompa vã  
as mãos do tempo cobarde,  
que fenecestes à tarde,  
por luzires na manhã.

Assim pois quando contemplo  
vossa vida, e vossa morte,  
em vós, flor, da minha sorte  
encontro o mais vivo exemplo:  
subi da fortuna ao templo,  
mas apenas subi digno,

quando me mostra o destino,  
que, a quem não é venturoso,  
o chegar a ser ditoso  
é degrau de ser mofino.

### **MORALIZA O POETA SEU DESASSOSSEGO NA HARMONIA INCAUTA DE HUM PASSARINHO, QUE CHAMA SUA MORTE A COMPASSOS DE SEU CANTO**

Contente, alegre, ufano Passarinho,  
Que enchendo o Bosque todo de harmonia,  
Me está dizendo a tua melodia,  
Que é maior tua voz, que o teu corpinho.  
Como da pequenez desse biquinho  
Sai tamanho tropel de vozeria?  
Como cantas, se és flor de Alexandria?  
Como cheiras, se és pássaro de arminho?  
Simples cantas, e incauto garganteias,  
Sem ver, que estás chamando o homicida,  
Que te segue por passos de garganta!  
Não cantes mais, que a morte lisonjeias;  
Esconde a voz, e esconderás a vida,  
Que em ti não se vê mais, que a voz, que canta.

### **MORALIZA O POETA NOS OCIDENTES DO SOL A INCONSTÂNCIA DOS BENS DO MUNDO**

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da Luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém se acaba o Sol, por que nascia?  
Se formosa a Luz é, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,  
Na formosura não se dê constância,  
E na alegria sintam-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstância.

### **A UMA DAMA A QUEM NÃO RENDIAM FINEZAS**

Sobre esta dura penha,  
que repartida em rocas  
contra o mar inimigo  
quatro fileiras forma:

Dos mares combatida,  
escalada das ondas,  
incêndios de salitre  
não rendem tanta força.

A rocha permanente  
às ondas porfiosa,  
cheio o mar de coragem  
a penha de vitórias.

Não há um desengano  
para fúrias tão loucas  
de um elemento débil,  
a quem o vento assopra.

Mas o curso dos dias,  
e a carreira das horas,  
que dão a todo o mundo  
escarmento e memória,

Hão de mostrar-lhe enfim,  
que nas maiores forças  
não há intento sisudo  
com esperanças loucas.

Aqui pois onde o fado  
me conduz, ou me arroja  
a escrever desenganos  
ao mar desde esta roca:

Quero queixar-me ao céu  
nas cordas numerosas

de minha triste lira  
já de queixar-me rouca.

Porque razão, pergunto,  
a esfera luminosa  
me fez tão semelhante  
desta invencível roca?

A roca inexpugnável  
reveste-se animosa  
da pólvora dos ventos,  
que dentro d'água estoura:

E eu também me resisto,  
há mais de mil auroras  
aos vaivens da fortuna,  
vários, como ela própria.

A penha incontrastável,  
cada maré se molha,  
e leva o branco pé  
nas sucessivas ondas.

Eu também incansável  
me levo cada hora  
no sucessivo pranto,  
que me inunda, e me afoga.

As ondas à porfia  
até ver se se prostra  
o firme de um penhasco  
o duro de uma rocha.

Também minha fortuna  
tenaz, e porfiosa  
insiste, em que se prostre  
minha firmeza heróica.

#### ESTRIBILHO

Oh nunca semelhante  
fora eu desta roca,  
oh nunca foram tantos

nem tão fortes meus males  
como as ondas.

### **A UMA DAMA, QUE SE RECATAVA DE PAGAR FINEZAS**

Filena: eu que mal vos fiz,  
que sempre a matar-me andais,  
uma vez, quando me olhais,  
outra quando me fugis:  
vi-vos, e logo vos quis  
tão inseparavelmente,  
que nem a vista ao presente  
ao menos sabe dizer-me,  
entre ver-vos, e render-me  
qual foi primeiro acidente.

Vós sois tão esquiva, e tal,  
que outras cousas não sabendo,  
da vossa esquivação entendo,  
que o meu amor me fez mal:  
não cabe em meu natural  
fugir, de quem me maltrata,  
e se me sai tão barata  
a vingança de querer-vos,  
quero amar-vos, e sofrer-vos,  
porque fiqueis mais ingrata.

Não sinto esta pena atroz,  
que me fazeis padecer,  
antes folgo de morrer,  
vendo, que morro por vós:  
e se com passo veloz  
vejo a morte já chegar,  
não sinto ver-me acabar,  
sinto a glória, que vos cresce,  
que uma ingrata não merece  
a glória de me matar.

Vivam vossas esquivações,  
e vossa crueldade viva,  
que a sem-razão de uma esquiva  
acredita as esperanças:  
tudo tem certas mudanças,

também se muda o rigor,  
e se Amor me dá valor  
para sofrer-vos, e amar-vos,  
claro está, que não de mudar-vos  
firmezas do meu amor.

### **A UMAS SAUDADES**

Pelo mar do meu tormento,  
em que padecer me vejo,  
já que amante me desejo  
navegue meu pensamento:  
meus suspiros formem vento,  
com que me façam ir ter,  
onde me desejo ver,  
e diga minha alma assi,  
Parti, coração parti,  
navegai sem vos deter.

Ide donde meu amor  
apesar desta distância  
nem há perdido a constância,  
nem há admitido rigor:  
antes mais superior  
assim se quer exceder,  
porém se desfalecer  
em tantas adversidades  
Ide-vos minhas saudades  
a meu amor socorrer.

### **NASCE A ROSA, E NASCE A FLOR**

#### *MOTE*

*Para que nasceste, rosa,  
se tão depressa acabaste,  
nascas na manhã triunfante,  
morres despojo de tarde.*

Nasce a rosa, e nasce a flor  
de tanta cor matizada,  
quando se vê desmaiada

triste sem vida, e sem cor:  
tudo quanto no candor  
se ostentava majestosa,  
então menos venturosa  
perde toda a louçania,  
e para brilhar um dia  
Para que nasceste Rosa?

Se por nascer tão subida  
perde a rosa a perfeição,  
enquanto a rosa em botão  
mais se lhe dilata a vida:  
nessa pompa já perdida,  
com que, rosa, te enfeitaste,  
vendo o pouco que duraste,  
da vida foste um nonada,  
nem foste rosa, nem nada,  
Se tão depressa acabaste.

Se na manhã encarnada  
te julgas perfeita rosa,  
olha o lustre de formosa  
como o perdes desmaiada:  
quem te viu na madrugada  
entre as mais flores reinante,  
que na tarde não se espante,  
quando murcha assim te vê!  
dize, rosa, para que  
Nasces de manhã triunfante.

Se como rosa nasceste  
com tão galhardo valor,  
como rosa, e como flor  
a pompa, e garbo perdeste:  
se tanto te engrandeceste,  
como te mostras cobarde,  
pois quando fazendo alarde  
de te ver tão majestosa,  
por ver-te na manhã rosa,  
Morres despojo de tarde.

**ENFADA-SE O POETA DO ESCASSO PROCEDER DE SUA SORTE**

Oh que cansado trago o sofrimento,  
E que injusta pensão de humana vida,  
Que dando-me o tormento sem medida,  
Me encurta o desaforo de um contento!

Nasceu para oficina do tormento  
Minha alma a seus desgostos tão unida,  
Que por manter-se em posse de afligida,  
Me concede os pesares de alimento.

Em mim não são as lágrimas bastantes  
contra incêndios, que ardentes, me maltratam,  
Nem estes contra aqueles são possantes.

Contrários contra mim em paz se tratam,  
E estão em ódio meu tão conspirantes,  
Que só por me matarem, não me matam.

#### **ZELOSO, E TRISTE CONSULTA O POETA A SOLEDADE DOS MONTES PARA SEU DESAFOGO**

Montes, eu venho a buscar-vos  
para contar-vos meu mal,  
inda que o vosso silêncio  
interrompa com meus ais.  
Já sabeis, que adora à Menga,  
a quem para sujeitar  
frágil corrente é meu pranto  
desatado em seu cristal.  
Já vos referi mil vezes,  
como Menga com Pascoal,  
em cima de me dar zelos,  
zelos me obriga a aceitar.  
Se o remédio é não tomá-los,  
dá-me Menga em se queixar,  
de que sou Pastor grosseiro,  
pois não tomo, o que me dá.

#### **QUEIXA-SE DE QUE NUNCA FALTEM PENAS PARA A VIDA, FALTANDO A VIDA PARA AS MESMAS PENAS**



Em o horror desta muda soledade,  
Onde voando os ares a porfia  
Apenas solta a luz a aurora fria,  
Quando a prende da noite a escuridade.

Ah cruel apreensão de uma saudade,  
De uma falsa esperança fantasia,  
Que faz que de um momento passe o dia,  
E que de um dia passe à eternidade!

São da dor os espaços sem medida,  
E a medida das horas tão pequena,  
Que não sei, como a dor é tão crescida.  
Mas é troca cruel, que o fado ordena,  
Porque a pena me cresça para a vida,  
Quando a vida me falta para a pena.

#### **CHORA UM BEM PERDIDO, PORQUE O DESCONHECEU NA POSSE**

Porque não conhecia, o que lograva,  
Deixei como ignorante o bem, que tinha,  
Vim sem considerar, aonde vinha,  
Deixei sem atender, o que deixava.  
Suspiro agora em vão, o que gozava,  
Quando não me aproveita a pena minha,  
Que quem errou, sem ver, o que convinha,  
Ou entendia pouco, ou pouco amava.  
Padeça agora e morra suspirando  
O mal, que passo, o bem, que possuía,  
Pague no mal presente o bem passado.  
Que quem podia, e não quis, viver gozando,  
Confesse, que esta pena merecia,  
E morra, quando menos confessado.

#### **NO FLUXO E REFLUXO DA MARÉ ENCONTRA O POETA INCENTIVO PARA RECORDAR SEUS MALES**

Seis horas enche e outras tantas vaza  
A maré pelas margens do Oceano,  
E não larga a tarefa um ponto no ano,  
Depois que o mar rodeia, o sol abrasa.

Desde a esfera primeira opaca, ou rasa  
A Lua com impulso soberano  
Engole o mar por um secreto cano,  
E quando o mar vomita, o mundo arrasa.

Muda-se o tempo, e suas temperanças.  
Até o céu se muda, a terra, os mares,  
E tudo está sujeito a mil mudanças.

Só eu, que todo o fim de meus pesares  
Eram de algum minguante as esperanças,  
Nunca o minguante vi de meus azares.

### **PONDERA NA CORRENTE ARREBATADA DE UM CAUDALOSO RIO QUÃO DISTINTO VEM A SER O CURSO DA HUMANA VIDA**

#### *MOTE*

*Vai-te, mas tornas a vir,  
eu vou, e não torno mais,  
nascemos mui desiguais,  
hemo-nos de dividir:  
em ti tudo é repetir,  
vazas, e tornas a encher:  
em mim tudo é fenecer,  
tudo em mim é acabar,  
tudo em mim é sepultar,  
finalmente hei de morrer.*

Vai-te refazer ao mar  
o cabedal, que hás perdido  
pela terra divertido,  
e és ditoso em o cobrar:  
eu não posso restaurar,  
nem tampouco conseguir,  
o que de mim fiz fugir,  
tudo se tem acabado:  
tu, em que vais apressado,  
Vai-te, mas tornas a vir.

O cansaço, e amargura,  
que te custa o teu correr,  
tornas logo a converter

em leite, mel e doçura:  
eu correndo à sepultura  
cada vez me dano mais:  
somos muito desiguais  
em converter dissabores,  
tu te voltas com favores.  
Eu vou, e não torno mais.

Suposto que sem medida  
roubando vás dessa sorte,  
nem por isso passas morte,  
que dure, ou seja sentida:  
eu, enquanto dura a vida,  
se cometo absurdos tais,  
sem que me valham meus ais,  
pago mui pelo miúdo,  
o que a morte faz a tudo,  
Nascemos mui desiguais.

Afogas mil passageiros,  
mas tu a ti não te prendes,  
antes mais forçoso empreendes  
submergir montes, e outeiros:  
eu, se não são verdadeiros  
meus passos para a Deus ir,  
me encaminho a destruir:  
tudo em mim é puro estrago,  
diversamente naufrago,  
Hemo-nos de dividir.

Inda que assim te despenhes,  
não vejo não naufragar-te,  
antes mais vejo espalhar-te  
por campos, vales, e brenhas:  
de mim pobre não há senhas,  
em chegando a me fundir  
não me hei de reproduzir,  
antes para meu encanto  
fico num contínuo pranto,  
Em ti tudo é repetir.

Qualquer tronco, que por si  
se vê murcho, ou molestado,  
este mui regozijado

se arranca, e vai trás de ti:  
eu, se culpas cometi,  
tudo é chorar, e gemer,  
ninguém me dá seu poder,  
ando corrido, e feneço,  
e tu, enquanto eu padeço,  
Vazas, e tornas a encher.

És vandoleiro, e pirata  
de ramos, flores, e frutos  
teus procederes são brutos,  
e a ti ninguém te maltrata:  
eu, se falta em mim se trata,  
e nela chego a morrer,  
tudo em mim é padecer,  
peno toda a eternidade,  
tu tens outra liberdade,  
Em mim tudo é fenecer.

Tens mui tiranos efeitos  
no furor, com que devoras,  
e todos todas as horas  
te têm notáveis respeitos:  
eu, aguardam-me sujeitos  
para me mais estragar,  
gusanos para me dar  
o pago, que hei merecido,  
tu vives obedecido,  
Tudo em mim é acabar.

Vê, quanto tens destruído,  
quanto tens desbaratado,  
o que tens morto de gado,  
de toda a sorte nascido:  
mostra-te disso doído?  
não: que não tens que penar,  
em mim sim tudo é chorar,  
tudo em mim é sentir danos,  
tudo em mim são desenganos.  
Tudo em mim é sepultar.

Enfim certamente és rio,  
foste mar, mar hás de ser,  
mas eu só devo de crer,

que fui, e serei pó frio:  
assim creio, assim confio,  
nele me hei de converter,  
os bichos me hão de comer  
hei de todo acabar,  
hei de estreita conta dar,  
Finalmente hei de morrer.

## **SE NÃO POSSO IR RASTEJANDO**

### *MOTE*

*Como se pode alcançar  
de dous, que se querem bem,  
qual terá maior pesar,  
se o que vai para tornar,  
se o que espera, por quem vem.*

Se não posso ir rastejando  
a pena, que pode ter,  
quem há temor de perder  
a prenda, que está logrando:  
e se me confundo, quando  
me disponho a penetrar  
aquela pena, e pesar,  
que deixa um bem já perdido,  
do mal de ausente o sentido,  
Como se pode alcançar?

Parece uma pena chica,  
que chica é por tal arte,  
que inda que a dor se reparte,  
toda em um se multiplica:  
pena, que mais se duplica,  
quanto mais partida vem,  
na extensão o aumento tem,  
que a pena, que a ausência ordena,  
sobre ser de dous, é pena  
De dous, que se querem bem.

Se é pena de dous, que se amam,  
quem não vê, que em tal querer  
dobrado incêndio há de haver,

se há dous fogos, que se inflamam:  
quando dous a um tempo clamam,  
por força se há de aumentar  
a um clamar outro clamar;  
assim no mal de não ver-se  
cresce a pena, sem saber-se  
Qual terá maior pesar.

Quem vai, porque a pena rima,  
deixa a alma, que se inflama,  
para que anime, adonde ama  
muito mais, que adonde anima:  
quem fica, e se desanima,  
quer logo as almas trocar,  
por confundir, e ocultar,  
qual mais sabe padecer,  
quem fica para não ver,  
Se o que vai para tornar.

Nesta confusão de amor  
duvida a perplexidade,  
nunca se sabe a verdade  
sobre a vantagem da dor:  
mas o discreto Leitor,  
que quer lhe resolva em bem,  
o que o mote em si contém,  
veja, que tem mais cuidado,  
quem não vem, sendo esperado,  
Se o que espera, por quem vem.

## **NUMA ILUSTRE ACADEMIA**

### *MOTE*

*Perguntou-se a um discreto,  
qual era a morte tirana:  
respondeu, que estar ausente  
daquilo, que mais se ama.*

Numa ilustre academia,  
que com ciências infusas  
fizeram as nove Musas,  
onde Apolo presidia:

leu o Secretário Admeto,  
um problema mui seleteo  
propôs, para argumentar-se,  
e havendo de perguntar-se,  
Perguntou-se a um discreto.

Ele, que estava distante,  
e não ouvia a proposta,  
não deu por então resposta  
de Surdo, e não de ignorante:  
mas vendo no seu semblante  
a academia Sob'rana,  
que tinha a desculpa lhana,  
lhe advertiram com agrado,  
que lhe haviam perguntado:  
Qual era a morte tirana.

Ele entonces como um raio  
prontamente, e sem detença  
tomando vênica, e licença  
fez consigo um breve ensaio:  
o mais horrível desmaio  
que um peito amoroso sente,  
é a falta do bem presente:  
ficou-lhe a resposta lhana;  
e a qual é a morte tirana,  
Respondeu, que estar ausente.

Deixou a resposta absorto  
a aquele douto congresso,  
porque é já provérbio expresso,  
que ausente é o mesmo que morto:  
eu me persuado, e exorto,  
que quem se abrasa, e inflama  
de amor na contínua chama,  
inda que sinta abrasar-se,  
e menos mal, que ausentar-se  
Daquilo, que mais se ama.

**CORAÇÃO, QUE EM PRETENDER**

## *MOTE*

*Se de um bem nascem mil males,  
de um mal quisera saber  
quantos bens podem nascer?*

Coração, que em pretender  
perdes tempo em esperanças,  
e quando algum bem alcanças,  
é por ter mais que perder:  
por cousas, que não têm ser,  
e de que nunca te vales,  
como direi, que te abales?  
como direi, que convém,  
andar em busca de um bem,  
Se de um bem nascem mil males?

Quando um firme bem procuras,  
te desavéns com teus bens,  
porque perdendo os que tens,  
noutros males te asseguras:  
aos bens nunca te aventuras  
sem certos males colher,  
e eu para te defender,  
e a vida te conservar,  
um bem não tomara achar,  
De um mal quisera saber.

Do bem os males nasceram  
do mal nunca nasceu bem,  
salvo o mal de quem não tem  
bens, de que os males se geram:  
e inda que do mal puderam  
os bens produzidos ser,  
se os hás de vir a perder,  
antes toma um mal por gosto  
Quantos bens podem nascer.

## **SERVIU LUÍS A ISABEL**

## *MOTE*



*Amar Luís a Maria,  
amaria não é amar  
logo como pode estar  
num tempo amar, e amaria.*

Serviu Luís a Isabel  
Por prêmio de um favor só  
mais tempo do que Jacó  
serviu à bela Raquel:  
e porque Isabel infiel  
o enganou de dia em dia,  
em pena de aleivosia  
em Maria o empreguei,  
e então lhe certifiquei  
Amar Luís a Maria.

Deixei-a tão persuadida,  
quanto ela é presuntuosa,  
que o presumir de formosa  
persuade o ser querida:  
porém como é entendida,  
e em toda a arte de amar  
sabe mui bem conjugar,  
disse, tomando-me a mão,  
que em boa conjugação  
Amaria não é amar.

Que amaria é imperfeito,  
e perfeito o ter amado,  
e a um presente cuidado  
não serve o plus-quão-perfeito:  
vi eu a Moça de jeito,  
que me pus pela quietar  
nesta forma a conjugar  
"Amar Luís, e amaria  
não está em filosofia",  
Logo como pode estar?

Este aparente argumento,  
e sutil proposição  
não só tirou a questão,  
mas deu-lhe contentamento:  
firme enfim ao fundamento  
da minha sofisteria

diz, que a boa astronomia  
tem uns pontos tão sutis,  
que pode estar em Luís  
Num tempo amar, e amaria.

## **SE HOUVERA CONFORMIDADE**

### *MOTE*

*Não quero, o que vós quereis,  
só quero, que vós queirais  
aquilo, que não quereis,  
só quero, não quero mais.*

Se houvera conformidade  
em um, e outro querer,  
ambos poderiam ser  
atos da mesma vontade:  
porém na diversidade  
de uma, e de outra vereis,  
quando firme pergunteis,  
onde minha alma está posta,  
como tendes por resposta,  
Não quero, o que vós quereis.

E se acaso se oferece  
outro objeto a vosso amor,  
e publicais por favor,  
que em vós só o meu floresce:  
esta ação nada merece,  
mas antes me ofende mais,  
e do prêmio, que buscais,  
deponde a louca esperança  
e não ter de mim lembrança  
Só quero, que vós queirais.

Se nesta deformidade,  
que em vossas vontades há,  
algum meio indústria dá  
para haver conformidade,  
é, que na vossa vontade  
mil impossíveis obreis,

porque amando não ameis,  
sendo fino, o não sejais,  
e não querendo queirais  
Aquilo, que não quereis.

Se isto muito parecer  
em uma vontade humana  
isso mesmo desengana  
os quilates do seu ser:  
pouco amor, pouco querer  
é força, que concedais,  
pelo que não pretendais  
as lisonjas do meu gosto,  
porque, o que tenho proposto,  
Só quero, não quero mais.

#### **VIDINHA: POR QUE CHORAIS?**

##### *MOTE*

*Se lágrimas aliviam,  
como padece, quem chora?*

Vidinha: por que chorais?  
porque padeço, meu bem.  
Mui grande dúvida tem  
a resposta, que me dais:  
se lágrimas são sinais  
dos que dantes padeciam,  
alívio já sentiriam  
das lágrimas ao verter;  
logo implica o padecer  
Se lágrimas aliviam.

Dúvida não pode haver,  
que enquanto os olhos me choram,  
suposto a pena melhoram,  
se está rindo o padecer:  
alívio deve de ter,  
quem já seus males melhora,  
mas se nele a pena mora  
até o choro acabar,

fácil é de se mostrar  
Como padece, quem chora.

## DE UNS OLHOS SE VIU RENDIDO

### MOTE

*Para retratar uns olhos  
Cupido se fez pintor,  
desfez o céu para tinta  
moeu para luz o Sol.*

De uns olhos se viu rendido  
Amor, que os arpões quebrou,  
porque afrontados julgou  
arpões doutro arpão vencido:  
cego, e turbado Cupido  
guiado de seus antolhos  
trilha espinhos, pisa abrolhos,  
e por curar seu cuidado  
um pincel pede emprestado  
Para retratar uns olhos.

Para uns olhos tão brilhantes  
buscava o melhor pincel,  
negou-lhe Apeles cruel,  
piedoso lhe deu Timantes:  
como Mestres tão prestantes  
puseram de morte cor,  
olhos, que vencem a Amor:  
nesta pena, que o soçobra,  
para colorir a obra  
Cupido se fez pintor.

Sempre eu vi que aos amadores  
nada falta em bom primor:  
porém hoje ao mesmo Amor  
para pintar faltam cores:  
ele perdeu as melhores  
em ter a presença extinta  
dos olhos belos, que pinta,  
cuja cor é celestial,  
e por lhe dar natural

Desfez o céu para tinta.

Para cópia tão divina,  
como Amor a imaginou,  
todo o aparelho tirou  
dessa esfera cristalina:  
excedia a ultramarina  
cor desse azul arrebol,  
e do divino farol  
sendo precisa a luz pura,  
por dar claros à pintura  
Moeu para luz o Sol.

## **PARECE QUE JÁ SE ENFASTIAVA O POETA DO SEU RETIRO COMO SE VÊ NA OBRA**

### *MOTE*

*Contentamento, onde estás,  
que te não acha ninguém,  
se intenta buscar-te alguém,  
não sabe, por onde vás.*

Amigo contentamento,  
peço-te por esta vez,  
que não me busques, que intento  
buscar-te em teu aposento,  
para lançar-me a teus pés:  
que não quês, e a ousadia,  
ou a desserviço o hás,  
para que te acha algum dia,  
me digas em cortesia,  
Contentamento, onde estás.

Por mil partes diferentes  
andei, e te certifico  
não ver-te por entre as gentes,  
antes todos descontentes  
alto, baixo, pobre, rico:  
fui-me aos palácios e ouvi,  
que se acaso ali te veem,  
sem deixar sinais de ti,  
tão cedo te vais dali,

Que te não acha ninguém.

Dei logo em imaginar,  
que estás entre os namorados,  
busquei-te, e vendo-os queixar,  
mal (disse) se podem dar  
contentamento, e cuidados:  
com que vendo o teu desvio  
julguei, que passar além  
era trabalho baldio,  
e que intenta um desvario,  
se intenta buscar-te alguém.

Fiquei tão desenganado,  
que direi por toda a parte,  
que quem por dita, ou por fado  
se não vir de ti buscado,  
não se canse com buscar-te:  
Porque é tal tua conquista,  
que inda o triste, a quem te dás,  
por muito, que ele te assista,  
em perdendo-te de vista,  
Não sabe, por onde vás

### **DESPEDE-SE O POETA DO SEU AMOROSO DIVERTIMENTO COM PRETEXTOS FRÍVOLOS, E TOTALMENTE CONTRÁRIOS A RAZÃO DO AMOR**

#### *MOTE*

*Deixar quero o vosso bem,  
para tomar vosso mal,  
porque o vosso bem é tal,  
que do mal melhor me vem.*

Se dor me infunde no peito,  
Clóri, quererdes-me assaz,  
dai ao demo amor, que traz  
mais dano, do que proveito:  
não vi amor de tal jeito  
no mundo d'aquém, e além,  
e pois simulado vem  
todo o mal, que me fazeis,  
neste bem, que me quereis,

Deixar quero o vosso bem.

Se mal vosso bem me influi,  
bens vosso mal dará vários,  
porque de agentes contrários  
contrário efeito se argúi:  
a consequência conclui  
por força filosofal;  
e pois vosso mal é tal,  
que em vós doutro bem não sei,  
que bens não repudiarei,  
Para tomar vosso mal?

Pois o bem pelo mal troco  
pelas causas, que já disse,  
terei a grã parvoíce,  
que vós me tenhais por louco,  
que eu o que experimento, e toco  
neste bem prejudicial  
me faz homem desigual,  
avesso, néscio, e sandeu:  
porém tal homem sou eu,  
Porque o vosso bem é tal.

Se tal fora o vosso amor,  
como são outros amores,  
fecundo para os favores,  
estéril para o rigor:  
tivera a grande favor,  
Clóri, quererdes, a quem  
vos adorara um desdém,  
que outro tempo aborrecia,  
porque então não entendia,  
Que do mal melhor me vem.

### **ANDANÇAS DE UMA VIOLA DE CABAÇA**

Fazia apreço particular de UMA viola, que por suas curiosas mãos fizera de cabaço, frequentado divertimento de seus trabalhos; e nunca sem ela foi visto nas funções a que o convidavam.

Manuel Pereira Rabelo, licenciado.

Que eu o ponho à viola  
na postura de um cruzado  
Tem-na lá, senhor vizinho,  
a minha Ilária, Senhor?  
Fugiu perdida de amor  
pela manhã bem cedinho

**DESCREVE A DEPLORÁVEL PESTE, QUE PADECEU A BAHIA NO A. 1686, A QUEM DISCRETAMENTE CHAMARAM BICHA, PORQUE VARIANDO NOS SINTOMAS, PARA QUE A MEDICINA NÃO SOUBESSE ATALHAR OS EFEITOS, MORDIA POR DIFERENTES BOCAS, COMO A BICHA DE HÉRCULES TAMBÉM LOUVAM CARITATIVO ZELO DE ALGUMAS PESSOAS COM OS ENFERMOS**

Deste castigo fatal,  
que outro não vemos, que iguale,  
serei Mercúrio das penas,  
e Coronista dos males.  
Tome esta notícia a Fama,  
para que voe, e não pare,  
e com lamentáveis ecos  
soe numa, e noutra parte.  
Ano de mil, e seis centos  
oitenta e seis, se contar-se  
pode por admiração,  
escutem os circunstantes.  
Chegou a morte à Bahia,  
não cuidando, que chegasse,  
aqueles, que não temiam  
seus golpes por singulares.  
Representou-nos batalha  
com rebuços no disfarce,  
facilitando a peleja  
para segurar o saque.  
Mas tocando a degolar  
levou tudo a ferro, e sangue  
divertindo a medicina  
com variar os achaques.  
Fez estrago tão violento  
em discretos, ignorantes,  
em pobres, ricos, soberbos,  
que nenhum pode queixar-se.  
Ao discreto não valeram  
seus conceitos elegantes,



nem ao néscio o ignorar,  
que ofensas hão de pagar-se.  
Ao rico não reparou  
de seu poder a vantagem,  
nem ao soberbo o temido  
nem ao pobre o humilhar-se.  
Ao galante o ser vistoso,  
nem ao polido o brilhante,  
nem ao rústico descuidos,  
que a vida há de acabar-se.  
E se algum quis de manhã  
rosa brilhante ostentar-se,  
chegava a morte, e se via  
funesta pompa de tarde.  
Emudeceu as folias,  
trocou em lamento os bailes,  
cobriu as galas de luto,  
encheu de pranto os lugares.  
Foi tudo castigo em todos  
por esta, e aquela parte,  
se aos pobres faltou remédio,  
aos ricos sobraram males.  
Para o sexo feminino  
veio a morte de passagem,  
deixando-lhe, no que via  
exemplo para emendar-se.  
Nos inocentes de culpa  
foi a morte relevante,  
que tanto a inocência livra,  
quanto condena o culpável.  
Pela caterva etiópia  
passou tocando rebate,  
mas corpos, que pagam culpas,  
não é bem, que à vida faltem.  
Já se via pelas ruas  
de porta em porta chegar-se  
um devoto Teatino  
intimando a confessar-se.  
Quem para a morte deixara  
negócio tão importante,  
porque as lembranças da vida  
negam da morte o lembrar-se.  
Os campanários se ouviam  
uma hora em outra dobrarem,

despertadores da morte,  
porque aos vivos lhe lembrasse.  
Fez abrir nos cemitérios  
em um dia a cada instante  
para receber de corpos,  
o que tinham de lugares.  
Foi tragédia lastimosa,  
em que pode ponderar-se,  
que a terra sobrando a muitos,  
se viu ali, que faltasse.  
Os que nela não cabiam,  
quando vivos, hoje cabem  
numa sepultura a três,  
quero dizer a três pares.  
Viam-se as enfermarias  
de corpos tão abundantes,  
que sobrava a diligência,  
para que a todos chegassem.  
O remédio para as vidas  
era impossível achar-se,  
porque o número crescia  
cada minuto, e instante.  
Titubeava Galeno  
com a implicância dos males,  
porque o tributo das vidas,  
mandava Deus, que pagassem.  
O Senhor Marquês das Minas,  
que Deus muitos anos guarde,  
zeloso como cristão,  
liberal como Alexandre:  
Preveniu para a saúde,  
Para que em tudo acertasse,  
dividirem-se os enfermos  
por casas particulares.  
Este zelo foi motivo,  
de que todos por vontade  
(digo os possantes) mostraram,  
serem próximos amantes.  
Havia um novo hospital,  
onde se admirou notável  
o zelo de uma Senhora  
Dona Francisca de Sande:  
Mostrando como enfermeira  
o desvelo em toda a parte,

e administrando a mezinha,  
a quem devia de dar-se.  
Consolando a quem gemia,  
animando os circunstantes,  
tolerando o sentimento  
de que assim não acertasse.  
Não reparando nos gastos  
da fazenda, que eram grandes,  
porque só quis reparar  
vidas, por mais importantes.  
O Marquês como Senhor  
quis em tudo aventejar-se,  
abrindo para a pobreza  
os tesouros da vontade.  
Repartia pelos pobres  
esmolas tão importantes,  
que o seu zelo nos mostrava  
querer, que nada faltasse.  
Publicando geralmente,  
que a ele os pobres chegassem,  
porque ao remédio de todos  
sua Excelência não falte.  
Mas se estava Deus queixoso,  
que muito passasse avante  
este castigo de culpas,  
mais que inclemência dos ares.  
Finalmente que a Bahia  
chegou a extremo tão grande,  
que aos viventes parecia  
querer o mundo acabar-se.  
Punha a morte cerco às vidas  
tão cruel, e exorbitante,  
que em três meses sepultou  
da Bahia a maior parte.  
Ah Bahia! bem puderas  
de hoje em diante emendar-te,  
pois em ti assiste a causa  
de Deus assim castigar-te.  
Mostra-se Deus ofendido,  
nós sem desculpa que dar-lhe;  
emendemos nossos erros,  
que Deus porá termo aos males.

## ENCONTRO QUE TEVE COM UMA DAMA, MUI ALTA CORPULENTA, E DESENGRAÇADA

Mui alta, e mui poderosa  
Rainha, e Senhora minha,  
por poderosa Rainha,  
Senhora por alterosa:  
permiti, minha formosa,  
que esta prosa envolta em verso  
de um Poeta tão perverso  
se consagre a vosso pé,  
pois rendido à vossa fé  
sou já Poeta converso.

Fui ver-vos, vim de admirar-vos,  
e tanto essa luz me embaça,  
que aos raios da vossa graça  
me converti a adorar-vos:  
servi-vos de apiedar-vos,  
ídolo d'alma adorado,  
de um mísero, de um coitado,  
a quem só consente Amor  
por galardão um rigor,  
por alimento um cuidado.

Dai-me por favor primeiro  
ver-vos uma hora na vida,  
que pela vossa medida  
virá a ser um ano inteiro:  
permiti, belo luzeiro  
a um coração lastimado,  
que por destino, ou por fado  
alcance um sinal de amor,  
que sendo vosso o favor  
será por força estirado.

Fodamo-nos, minha vida,  
que estes são os meus intentos,  
e deixemos cumprimentos,  
que arto tendes de comprida:  
eu sou da vossa medida,  
e com proporção tão pouca  
se este membro vos emboca,  
creio, que a ambos nos fica

por baixo crica com crica,  
por cima boca com boca.

**FUGINDO UMA MULATINHA COM O SUJEITO, QUE A TINHA FORRADO,  
DESCREVE O POETA OS EXCESSOS, E SENTIMENTO, QUE MOSTRAVA UMA  
FULANA DE LIMA SUA SENHORA**

Fonseca — Senhora Lima, o que tem,  
que amanheceu tão sentida?  
diga-me por sua vida,  
assim Deus lhe faça bem:  
diga-me qual é, e quem  
lhe causa tanta tristeza?  
porquanto eu por natureza  
sinto, se é ingratidão,  
ou talvez murmuração  
dessa sua sutileza.

Lima — Que hei de ter, minha Fonseca?  
Um tormento, que me mata.  
Fugiu Ilária a mulata,  
porque já não quer ser peca:  
despediu-se assim tão seca.  
Fons. — Não chore, que ela virá.  
Lim. — Jesus! que o mundo dirá!  
que a mandei a Sor Martinho.  
Fons. — Veja em casa do vizinho.  
Lim. — Meu Estrela, tem-na lá?

Estr. — Quem, Senhora, cá tão cedo?  
Lim. — Ilária, Senhor, pergunto,  
que não sei, se algum defunto  
ma levou tanto em segredo;  
Ai vida cansada! hei medo,  
pelo que se há de dizer.  
Onde se iria esconder,  
se ela não sabe caminho,  
nem carreira? Meu vizinho.  
Estr. — Senhora Lima? Lim. Que hei de fazer?

Lim. — Chica, que é de Ilarinha?  
dize, negra do diabo.  
Vai vê-la, senão teu rabo

pagará, por vida minha;  
Chic. —Eu não sei da mulatinha,  
nem me entendo com papéis:  
quem deu cinquenta mil-réis  
a deve de ter em casa  
porque aqui nunca fez vaza.  
Lim. —Ó putona, isso dizeis?

Chic. —Digo, que Ilária é forra.  
Lim. — Há de ser, quando eu morrer,  
que isso está no meu querer;  
cala essa boca, cachorra:  
traga-me aqui logo, e corra,  
que hei de quebrar-lhe o focinho.  
Tem-na lá, senhor vizinho,  
a minha Ilária, Senhor?  
Estr. —Fugiu perdida de amor  
pela manhã bem cedinho.

## COM CIRRO NOS ESTREFOLHOS

### MOTE

*Ó meu pai, tu qué's, que eu morra?*

Co cirro nos estrefolhos  
se queixava um negro cono  
de ver, lhe fincava o mono  
o fodedor dos antolhos:  
e revirando-lhe os olhos  
dizia a puta cachorra,  
desencaixa um pouco a porra,  
eu venho a regalar-me,  
e tu fodes a matar-me?  
Ó meu Pai, tu qué's, que eu morra?

Fretei uma negra mina  
e fodendo-a todo o dia  
a coitada não podia  
porém era puta fina:  
a porra nela se inclina  
inclino com força a porra,  
e forcejando a cachorra

ela me disse esperai,  
e eu lhe disse chegai,  
Ó meu Pai, tu qués, que eu morra?

## **AUSENTE DE SUA CASA PONDERA O POETA O SEU MESMO ERRO, EM OCASIÃO DE SER BUSCADO POR SUA MULHER**

### *MOTE*

*Foi-se Brás da sua aldeia,  
Sabe Deus, se tornará,  
que viu no caminho a Menga,  
e a Gila não quer ver mais.*

Brás um Pastor namorado  
tão nobre, como entendido  
das Pastoras tão querido,  
como na aldeia invejado:  
dos arpões do Amor crivado  
tanto os sentidos lhe enleia,  
Menga, e tanto se lhe afeia  
Gila em seu ciúme esquivo,  
que por um, e outro motivo  
Foi-se Brás da sua aldeia.

Gila, que esta ausência sente,  
movida de seus pesares  
correu terras, passou mares  
zelosa, e impaciente:  
 nenhuns vestígios persente  
das passadas, que Brás dá,  
mas tendo notícia já,  
que o leva um novo cuidado,  
disse, se vai namorado,  
Sabe Deus, se tornará.

No tempo, em que Brás me olhava,  
e a vista não divertia,  
então sim que me queria,  
e de querer me adorava:  
porém hoje, que da aljava,  
de Amor, que tanto o derrenga,  
anda ferido: que arenga,

que razão, que pundonor  
há de virar a um Pastor,  
que viu no caminho a Menga?

Se anda atrás de uma beleza,  
um garbo, uma bizzarria,  
e é homem Brás, que varia  
por gosto, e por natureza,  
quem o tirará da empresa  
de merecer prendas tais,  
se os meus suspiros, e ais  
valem com ele tão pouco,  
que se anda por Menga louco,  
E a Gila não quer ver mais.

#### **A UMA DAMA FULANA DE MENDONÇA FURTADO, COM QUEM FOI O POETA ACHADO POR SUA MULHER**

Rifão é justificado  
desde o Índio ao Etiópico,  
que sabendo muito próprio,  
muito mais sabe o furtado:  
eu deste engodo levado,  
que desde menino ouvia,  
forçado da simpatia,  
ou da minha ardente chama,  
a furto da própria Dama,  
a vossa nata comia.

Comendo uma, e outra vez  
da nata, que Amor cobiça,  
o demo, que tudo atiça,  
descobriu tudo, o que fez:  
deu-me a Dama tal revés,  
tal repúdio, e tal baldão,  
sabendo a minha traição,  
como é de crer de uma Dama,  
que me achou na vossa cama  
co mesmo furto na mão.

Não tive, que lhe alegar,  
ou que dar-lhe por desculpa,  
que quem tem gosto na culpa,



o perde em se desculpar:  
não consiste o meu pesar  
em perder esta mulher,  
sinto, Senhora, o perder  
junto com a vossa afeição  
uma, e outra ocasião  
de torná-la a ofender.

Mas se a ocasião deixei,  
como não me deixa amor!  
Não vos gozarei traidor,  
e fiel vos gozarei:  
até agora vos logrei  
com susto, que acabou já,  
agora vos logrará  
amor sem susto, e cuidado,  
e quando não for furtado,  
gosto, Mendonça, será.

### **DESCREVE UM HORROROSO DIA DE TROVÕES**

Na confusão do mais horrendo dia,  
Painel da noite em tempestade brava.  
O fogo com o ar se embaraçava,  
Da terra, e ar o ser se confundia.

Bramava o mar, o vento embravecia,  
A noite em dia enfim se equivocava,  
E com estrondo horrível, que assombrava,  
A terra se abalava, e estremecia.

Desde o alto aos côncavos rochedos,  
Desde o centro aos altos obeliscos  
Houve temor nas nuvens, e penedos.

Pois dava o Céu ameaçando riscos  
Com assombros, com pasmos, e com medos  
Relâmpagos, trovões, raios, coriscos.

### **DECANTA OS ESTRAGOS QUE NO BOQUEIRÃO DE SANTO ANTONIO FAZIA UM SURUCUCU, EM QUEM PASSAVA DESDE UMA PEÇA DESCALVAGADA, ONDE SE RECOLHIA DE DIA**

Acabou-se esta cidade,  
Senhor, já não é Bahia,  
já não há temor de Deus,  
nem d'El-Rei nem da Justiça.  
Lembra-me, que há poucos anos,  
inda não há muitos dias,  
que para qualquer função  
de um crime a prisão fervia.  
Iam por esse sertão  
ao centro de Jacobina  
prender a algum matador,  
inda que fosse a espadilha.  
E hoje dentro na praça  
nas barbas da Infantaria,  
nas bochechas dos Granachas  
com polé, e forca à vista,  
Que esteja um surucucu  
com soberana ousadia  
feito Parca das idades,  
cortando os fios às vidas:  
Com tantas mortes às costas,  
e que não haja uma rifa  
de paus, que ao tal matador  
o Basto lhe ponha em cima!  
É muito brabo rigor  
o desta Cobra atrevida,  
que esteja na estrada pública  
fazendo assaltos à vista.  
Onde está Gaspar Soares,  
que não vai a esposa fita  
no Lazão lançar-lhe a gorra,  
e metê-la na enxovia?  
Se está no mato emboscada,  
no seu mocambo metida,  
mandem-lhe um terço ligeiro  
de Infantes de Henrique Dias  
Se dizem, que está na peça,  
deem-lhe fogo à culambrina,  
já que faz peças tão caras,  
custe-lhe esta peça a vida.  
Vão quatro, ou seis artilheiros  
cavalgar-lhe a artilharia,  
porque sendo noite dê

fogo a toda cousa viva.  
Tira com balas ervadas,  
a que não há medicina,  
porque as traz sempre na boca  
com venenosa saliva.  
O caso é monstrosidade,  
porém não é maravilha,  
que hajam cobras, e lagartos  
entre tanta sevandija.  
Só digo, que é boa peça,  
porque na peça escondida  
vela na peça de noite  
dorme na peça de dia.

#### **REGRA DE BEM VIVER, QUE A PERSUASÕES DE ALGUNS AMIGOS DEU A UNS NOIVOS, QUE SE CASAVAM. REGRA PARA A NOIVA**

Será primeiramente ela obrigada,  
Enquanto não falar, estar calada:  
Item por nenhum caso mais se meta  
A romper fechaduras da gaveta,  
Salvo, se por temer algum agouro,  
Quiser tirar de dentro a prata, e ouro.  
Lembre-se de ensaboar, quem a recreia,  
Porém não há de ser de volta, e meia,  
E para parecer mulher, que poupa,  
Não se descuide em romendar-lhe a roupa,  
Mas porém advertindo, que há de ser,  
Quando ele de raiva a não romper,  
Que levar merecia muito açoite  
Por essa, que rompeu ontem a noite  
Furioso, e irado  
Diante de seu Pai e seu Cunhado,  
Que esteve em seu romper com tal azar.  
E eu em pontos também de me rasgar.  
Irá mui poucas vezes à janela,  
Mas as mais que puder irá à panela:  
Ponha-se na almofada até o jantar,  
E tanto há de cozer, como há de assar:  
Faça-lhe um bocadinho mui caseiro,  
Porém podendo ser, coma primeiro,  
E ainda que o veja pequenino,  
Não lhe dê de comer como a menino.

Quando vier de fora, vá-se a ele,  
E faça por se unir pele com pele,  
Mas em lhe dando a sua doençinha,  
De carreira se vá para a cozinha,  
E mande a Madalena com fervor  
Pedir a sua Mãe água-de-flor;  
Isto deve observar sem mais propostas,  
Se quiser a saúde para as costas.  
Isto deve fazer,  
Se com o bem casado quer viver;  
E se a regra seguir,  
Cobrará boa fama por dormir,  
Na qual interessado muito vai  
Seu Cunhado, seu Pai, e sua Mãe.  
E adeus, que mais não posso ou mais não pude;  
Ninguém grite, chitom, e haja saúde.

#### NOTE PARA O NOIVO SUSTENTAR OS ENCARGOS DA CASA

Uma casa para morar.....de botões  
Com seu quintal.....de ferro  
Um leito.....de carro  
Uma cama.....de bobas  
Com seus lençóis.....de Itapoã  
Suas cortinas.....de muro  
Um vestido de seda.....de cavalo  
Com seus botões.....de fogo  
Um guarda-pé.....de topadas  
Um vaqueiro.....do sertão  
Dous gibões.....de açoute  
Um com mangas.....de mosquetaria  
Outro com mangas.....de tede  
Uma saia.....de malha  
Uma saia.....de dentro a fora  
Uma cinta.....de desgostos  
Um manto de fumo.....de chamin  
Dous pares de meias.....canadas  
Uns sapatos.....de pilar.

#### ROUPA BRANCA

Duas camisas.....de enforcado  
Arrendadas com as renda.....do verde peso  
Duas fraldas.....da serra  
Dous lenços de caça.....do mato  
Dous guardanapos.....de cutilaria

Para a mais roupa duas  
Peças de pano.....do rosto.

#### TRASTES DE CASA

Uma caixa grande.....de guerra  
Outra meã.....de muchachins  
E outra pequenina.....de óculos  
Dous contadores da Índia.....Manuel de  
Faria e Sousa, e Fernão Mendes Pinto  
Duas cadeiras.....do espinhaço  
Uma cadeira para o estrado de navio  
Dous caixões.....de fervura  
Uma armação fresca para  
A cama.....de xaréus  
Um espelho.....de viola.

#### PEÇAS DE OURO

Uns brincos para as orelhas.....de junco  
Dous cordões para o pescoço.....de franciscanos  
Duas manilhas para os  
Braços.....de copas, e espadas  
Quatro memórias para os  
Dedos.....da Morte  
Do Inferno, do Paraíso, e outra de Galo.

#### PEÇAS DE SERVIÇO OITO

O Canário, o Cãozinho, o Pandalunga, o vilão,  
O Guandu, o Cubango, a Espanholeta, e um  
Valente negro em Flandres.  
Para chamar estes negros  
Uma campainha.....na garganta  
Dão-lhe mais duas toalhas.....de arrenegado  
Uma salva.....de artilharia  
Para se alumiar duas velas.....de gávea  
Para rezar umas contas.....de quebrados  
Para sair fora uma rede.....de arrasto  
E para a limpeza um  
Servidor.....de VM.

#### COMESTIVOS

Carneiro.....de sepultura  
Picado.....de bexigas  
Tortas.....de um olho  
Pastéis.....de estrada

Almôndegas.....de capim.

#### FRUITAS

Figos.....fêmeas

Limas.....surdas

Maças.....de espada, e escaravelho

#### PARA OS DIAS DE PEIXE

Caldo.....de grãos

Agulhas.....de osso

Lampreias.....de termo

#### DOCES

Morgados.....sem renda

Marmelada.....de caroço

Cidrão.....de pé de muro

E muitos doces.....afagos.

#### PARA SEUS DIVERTIMENTOS

Uma quinta.....feira

Com duas fontes.....nos braços

E para os gastos.....500 selos na fralda.

### **A VASCO MARINHO FALCÃO, QUE SENDO HOMEM VELHO, E ACHACOSO SE CASOU COM UMA MULHER MOÇA, E FORMOSA**

Tem Vasco para seus danos.....noventa anos,

e por mazela tem outra.....potra

há mais males que le apontes?.....fontes.

Dessa sorte não me contes

que é galharda, e limpa a Dama,

que escolher quis para a cama

noventa anos, Potra, e Fontes

Tem na boca muito vivas.....gengivas,

com que as palavras acaba.....com baba,

tem uma tromba, que diz.....nariz.

Dama, que empregar se quis

em tão suzanário rosto,

tenha por espelho ao gosto

gengivas, Baba, e Nariz.

Seu corpo é saco de grossos.....ossos.

Correm-lhe das luzes belas.....ramelas,

e que mais há, que lhe corra?.....borra.

Mil vezes borrada morra

dama de tão pouca estima,  
que quis para pôr em cima  
ossos, Ramelas, e Borra.

## **O MULEIRO, E O CRIADO**

### *MOTE*

*Caralho do Muleiro é feito de papelão,  
arreita pelo inverno,  
para foder no verão.*

### GLOSA

O Muleiro, e o Criado  
tiveram grande porfia  
sobre qual deles teria  
mor membro, e mais estirado:  
pôs-se o negócio em julgado,  
e botando ao soalheiro  
um, e outro membro inteiro,  
às polegadas medido,  
se viu, que era mais comprido  
O caralho do Muleiro.

Disto Criado apelou,  
e foi a razão, que deu,  
que o membro então mais cresceu,  
porque então mais arreitou:  
logo alegou, e provou  
não ser bastante razão  
a polegada da mão  
para vencer-lhe o partido.  
que suposto que é comprido,  
É feito de papelão.

Item sendo necessário,  
disse mais, que provaria,  
que se era papel, se havia  
abaixar como ordinário:  
que o membro era mui falsário  
feito de um pobre quaderno,  
tão fora do uso moderno,

que se uma Moça arreitada  
lhe dá no verão entrada,  
É para foder no inverno.

E que depois de se erguer,  
é tão tardo, e tão ronçeiro,  
que há de mister o Muleiro  
seis meses para o meter:  
porque depois de já ter  
aceso como um tição,  
engana a putinha então,  
pois pedindo a fornicasse,  
lhe dizia, que esperasse  
Para foder no verão.

#### **DESCREVE O POETA UMA BOCA LARGA**

É justa razão, que eu gabe,  
boca, a vossa perfeição,  
porque vos caiba a razão,  
onde a razão vos não cabe:  
quem conhecer-vos não sabe,  
não teme tamanha empresa,  
que vos faz a natureza,  
para ser do mundo espanto,  
pois nele não cabe tanto,  
como na vossa grandeza.

Os extremos, que mostrais,  
quando esses beiços abris  
lisos, delgados, sutis,  
brancos, como dois cristais,  
em nada são naturais,  
que até esses dentes belos  
usurparam aos cabelos,  
e tem com eles trocada  
a cor castanha, e dourada,  
e são pardos, e amarelos.

E se os outros escondidos  
samente o riso os declara,  
vós, boca, de pouco avara  
os tendes desimpedidos:



porque todos os sentidos  
os tenham sempre presentes,  
os olhos sempre luzentes  
podem sem pestanejar  
em tão remoto lugar  
ver a beleza dos dentes.

Amor, que as almas condena,  
por melhor as conquistar,  
para ensinar a atirar,  
que sejais meu branco ordena:  
não creais, que por pequena  
vos há de errar a medida,  
antes minha alma duvida  
de escapar-lhe em toda a toca,  
se a medida dessa boca  
houver de dar a ferida.

Aviso, graça, e saber,  
amor, cuidado, e desejos,  
quando for grande o bocejo,  
em vós não se hão de esconder:  
tesouro não podeis ser,  
mas sois mina descoberta,  
sendo cousa muito certa,  
que a serem os dentes de ouro  
éreis má para tesouro,  
por andares sempre aberta.

## **AO CASAMENTO DE UM SUJEITO VALENTE COM UMA ELENA DE TAL**

### *MOTE*

*Uma Helena por garbosa  
Páris troiano a roubou  
porém Miguel conquistou  
outra Helena mais formosa.*

Dous monstros a Roma bela  
deram princípio e mofina,  
uma casada à ruína,  
o princípio uma donzela:  
uma troiana, uma estrela,

um sol, um raio, uma rosa  
abrasou Tróia formosa;  
porém há de se entender  
não por sol qualquer mulher  
Uma Helena por garbosa.

Páris troiano Juiz,  
que no monte Ida se achou,  
o pomo à Vênus julgou  
por mais bela, e mais feliz:  
à Juno Deusa infeliz  
tanto ofendeu, e irritou,  
e tanto a Deusa forjou,  
que tentando-o, a que roubasse  
a Helena, e Tróia abrasasse,  
Páris Troiano a roubou.

Hoje melhor imitada  
Vemos de Páris a pena,  
Páris perdeu pela pena,  
Miguel ganhou pela espada:  
pela fidalguia herdada,  
pela riqueza, que herdou,  
Miguel a Helena ganhou;  
Páris amante descalço,  
perdeu por roubar de falso,  
Porém Miguel conquistou.

Miguel ditoso se alista  
por conquistador do amor,  
serviu, ganhou uma Flor,  
e está Senhor da conquista:  
Páris julgando a revista  
civil, e contenciosa  
de uma, e Outra Deusa irosa  
teve uma Helena roubada,  
mas a Miguel foi julgada  
Outra Helena mais formosa.

**PASSANDO DOIS FRADES FRANCISCANOS PELA PORTA DE ÁGUEDA PEDINDO  
ESMOLA, DEU ELA UM PEIDO, E RESPONDEU HUM DELES ESTAS PALAVRAS  
"IRRA, PARA TUA TIA"**

Sem tom, nem som por detrás  
espirra Águeda à janela,  
mas foi espirro de trela,  
porque tal estrondo faz:  
que um Reverendo Sagaz  
lastimado, do que ouvia,  
se já não foi, que sentia  
ouvia tal ronco ao traseiro,  
disse para o companheiro,  
"irra para tua Tia".  
Sentiu-se Águeda do irra,  
e disse, perdoe, Frade,  
quem pede por caridade,  
não se agasta com tal birra:  
aqui nesta casa espirra  
todo o coitado, e coitada;  
passe avante, que isto é nada,  
e se acaso se enfastia,  
será para sua Tia,  
ou para seu camarada.  
Basta, que se escandaliza  
do meu cu, porque se caga?  
Venha cá, boca de praga,  
que cousa mais mortaliza?  
o peido, que penaliza,  
é sorrateiro, e calado:  
o peido há de ser falado,  
ou ao menos estrondoso,  
porque aquele, que é fanhoso,  
é peido desconsolado.  
Quantas vezes, Frei Remendo,  
dará co meio do cu  
peido tão rasgado, e cru,  
que lhe fique o rabo ardendo?  
perdoe, pois, Reverendo,  
não cuidei, tão bem ouvia;  
e se esmola me pedia,  
aceite-o por caridade,  
se não servir para um Frade,  
leve-o para tua Tia.

**PONDERA MISTERIOSO EM AMORES O DESCUIDO, COM QUE UMA DAMA  
CORTOU O SEU DEDINHO QUERENDO APARAR UMA PENA PARA ESCREVER A  
SEU AMANTE**

Para escrever intentou  
Nise uma pena aparar,  
e começando a cortar,  
o seu dedinho cortou:  
incontinenti a largou  
sentida desta ocasião,  
e com tão justa razão  
chorosa sente: porque  
teve neste golpe pé,  
para sentir-se da mão.

Duas penas descontente  
padece Nise em verdade,  
da ferida a crueldade,  
e viver de Fábio ausente:  
qual destas duas mais sente  
difícil é de advertir;  
mas eu venho a concluir,  
que mais sente Nise amante  
viver de Fábio distante,  
do que chegar-se a ferir.

Quisera a Fábio escrever  
por dar alívio a seu mal,  
porém a sorte fatal  
não lho consentiu fazer:  
quis-lhe o gosto perverter,  
dando-lhe o golpe, que a assusta,  
por cuidar, que é cousa justa  
mostrar, quando Nise chora,  
que esse Fábio, a quem adora,  
gotas de sangue lhe custa.

Bem claramente constou  
de Nise na mão ferida,  
que o ser liberdade, e vida  
tudo a Fábio sujeitou:  
discreta, e entendida andou  
neste amoroso embaraço,  
pois para apertar o laço

mais da sua sujeição,  
que o firma nesta ocasião,  
mostrou o sangue do braço.

Queixosa Nise em verdade  
se mostrou nesta ocasião,  
não da ferida da mão,  
do golpe sim da saudade:  
porque com tal crueldade  
a move de Fábio a ausência,  
que sem haver resistência  
no peito, que amante o adora,  
Lágrimas de sangue chora  
com repetida veemência.

De propósito parece,  
que se deu Nise este corte,  
porque um amor, que é tão forte,  
só bem assim se encarece:  
e quem duvida, o fizesse  
para dar-nos a entender,  
que quis seu sangue verter  
para mostrar sua fé,  
que tanto ama a Fábio, que  
quer dar-lhe o sangue a beber.

### **SONHO QUE TEVE COM UMA DAMA ESTANDO PREZO NA CADEIA**

Adormeci ao som do meu tormento:  
E logo vacilando a fantasia  
Gozava mil portentos de alegria,  
Que todos se tornaram sombra, e vento.

Sonhava, que gozava o pensamento  
Com liberdade o bem, que mais queria,  
Fortuna venturosa, claro dia;  
Mas ai, que foi um vão contentamento!

Estava, Clóris minha, possuindo  
Desse formoso gesto a vista pura,  
Alegre glórias mil imaginando:

Mas acordei, e tudo resumindo,

Achei dura prisão, pena segura:  
Oh se sempre estivera assim sonhando!

### **A LUIZA SAPATA QUERENDO, QUE O AMIGO LHE DESSE QUATRO INVESTIDAS DUAS DE DIA, E DUAS DE NOITE**

Uma com outra são duas  
pela minha tabuada,  
e vós, Mulata esfaimada,  
quereis duas vezes duas:  
se isso vos dera por luas,  
e o quiséreis cada mês,  
dera-vos três vezes três;  
mas quatro entre dia, e noite,  
dar-vos-ei eu tanto açoite,  
que farão dez vezes dez.

Pois, Puta, essa vossa crica  
tão gulosa é de rescaldos,  
que cuidais que os nossos caldos  
os compramos na botica?  
o caldo não multiplica,  
quando entre quatro virilhas  
se liquida em escumilhas,  
e vós a lavadas mãos  
quereis um caldo de grãos,  
por um caldo de lentilhas?

É o caldo uma quinta-essência,  
e tal, que uma gota fria  
produz uma Senhoria,  
e talvez uma Excelência:  
se tendes dele carência,  
e por fartar a vontade  
o quereis em quantidade,  
não trateis não de esgotar  
os culhões de um secular,  
ide à barguilha de um Frade.

Putá, se a vossa Ração  
hão de ser quatro à porfia,  
dormi com quatro em um dia,  
e quatro se vos darão:

mas tirá-las de um Cristão,  
que apenas janta, e não ceia,  
e não dará foda, e meia,  
isso é mais que crueldade,  
e mais tendo vós um Frade,  
que é gato que nunca mia.

Mudai pois os pensamentos,  
e se não heis de quietar  
com uma do secular,  
ide servir aos conventos:  
que os leigos já macilentos,  
esvaídos, e esgotados  
com um mês de amancebados  
cobram tão grande fastio,  
que já pagam de vazio  
dois mil vasos alugados.

No Filho do Caldeireiro  
tendes emprego adequado,  
pois aos malhos ensinado  
fode com um malhadeiro:  
se no vale, ou se no oiteiro  
lhe dais a mama, e o peito,  
e achais, que é moço de jeito,  
na parte do olhinho morto  
tendes razão, pois é torto,  
mas tem o membro direito.

### **A UMA DAMA QUE SE ENCARECIA DE FORMOSA POR VENDER-SE CARO**

Dizem, que é mui formosa Dona Urraca.  
Quem o sabe, ou quem viu esta minhoca?  
Poderá ter focinho de Taoca,  
E parecer-me a mim uma macaca.  
Hei de querê-la, sem ver-lhe a malaca  
Em risco de estar podre a Sereroca?  
E se ela acaso for galinha choca,  
Como hei de dar por ela uma pataca?  
A mim me tenham todos por velhaco  
Se amar a tal fragona por capricho,  
Sem primeiro revê-la até o buraco.  
Que pode facilmente o muito lixo,

Por não limpar às vezes o mataco,  
Terem-lhe os caxandés tapado o esguicho.

**A BITANCOR, QUE NA PRIMEIRA VEZ QUE COM ELA CONVERSOU O POETA,  
LOGO FOI ADMITIDO SEM A MÍNIMA REPUGNÂNCIA**

Querendo obrigar-me Amor  
depois de tanta afeição  
me pôs na palma da mão  
a discreta Bitancor:  
agradeci-lhe o favor,  
e querendo-o pôr nas palmas,  
agonizando entre calmas  
de amor minhas altivezes,  
lhe rendi a alma mil vezes  
porque não tive mil almas.

Multipliquei de artifício  
o rendimento, e amor,  
porque uma alma a seu candor  
era curto sacrifício:  
e ela destra no exercício  
de amor, e seu rendimento,  
com gosto, e contentamento  
me agradeceu por então  
medir eu minha afeição  
pelo seu merecimento.

Que lhe caísse eu em graça,  
seus olhos o não desdizem,  
porque sempre os olhos dizem,  
o que dentro n'alma passa:  
graças a Amor, que a desgraça  
não veio empecer-me aqui,  
porque muitas vezes vi,  
que enamorado, e rendido  
por perder o merecido  
até o perder-me perdi.

Ela me dá por perdido,  
e está disposta a querer-me,  
c'um que não perco o perder-me,  
pois já a tenho merecido:



um amor tão bem sortido  
por mãos de uma divindade:  
este amor em realidade,  
que não trazer-me um ninguém  
da fortuna no vaivém  
do tempo na eternidade.

**A TOMÁS PINTO BRANDÃO QUEIXANDO-SE DE UMA MULA QUE LHE TINHA  
PEGADO UMA MULATA, AQUÉM DAVA DIVERSOS NOMES, POR DISFARCE,  
DIZENDO UMAS VEZES, QUE ERA ÍNGUA, E OUTRAS QUEBRADURA**

Fábio: essa bizzarria,  
essa flor, donaire, e gala,  
mui mal empregada está  
em uma cara caraça.  
Sobre ser caraça o rosto,  
dizem, que a dita Mulata  
de mui dura, e rebatida  
tem já o couro couraça.  
Item que está muito podre,  
e não escusa esta Páscoa  
para secar os humores  
fazer da salsa salsada.  
Não me espanto, que nascessem  
tais efeitos de tal causa,  
que de Mulata sai mula,  
como de mula Mulata.  
Um dia dizeis, que é íngua,  
no outro, que não é nada,  
e eu digo, se não for mula,  
que será burra burrada.  
Mas direi por vossa honra,  
que é quebradura sem falta,  
que de cantar, e bailar  
mil vezes o talo estala.  
Ponde de contra-rutura  
Um parche na parte inchada  
confunda, porque a saúde  
fique na funda fundada.

**A FRANCISCO PEREIRA DE AZEVEDO NASCENDO-LHE UM NETO NA MESMA  
HORA, EM QUE LHE MORREU UMA NETA**

Até vir a manhã serena, e pura  
A estrela-d'alva está resplandecente,  
Mas quanto o sol se mostra mais Luzente,  
Tanto ela se retira mais escura.

Enfim rompe do sol a formosura  
As frias nuvens desfazendo ardente,  
Quando se vê nascido no Oriente,  
Então morta se vê na sepultura.

No céu de vossa casa Luminoso  
Mariana assistiu estrela bela,  
Até nascer-lhe de Pero o sol formoso:

E se o Sol se vê nele, e a estrela nela,  
Sendo nascido o Sol, era forçoso,  
Que se havia de ser defunta a estrela.

**CHICA OU FRANCISCA UMA DESENGRAÇADA CRIOULA, QUE CONVERSAVA  
COM O POETA E SE ARREPIAVA TODA ZELOSA DE Ò VER CONVERSAR COM  
MARIA JOÃO, NO MESMO TEMPO, EM QUE ELA NÃO FAZIA ESCRÚPULO DE  
ADMITIR UM MULATO**

Estais dada a Berzabu,  
Chica, e não tendes razão,  
sofrei-me Maria João,  
pois eu vos sofro a Mungu:  
vós dais ao rabo, e ao cu,  
eu dou ao cu, e ao rabo,  
vós com um Negro, um diabo,  
eu com uma Negrinha brava,  
pois fique fava por fava,  
e quiabo por quiabo.

Vós heis de achar-me escorrido,  
não vo-lo posso negar,  
eu também o hei de achar  
remolhado, e rebatido  
assim é igual o partido,  
e mesmíssima a razão,  
porque quando o vosso cão  
dorme co'a minha cadela,

que fique ela por ela,  
diz um português rifão.

Vós dizeis-me irada e ingrata,  
co'a mão na barguilha posta  
"eu me verei bem disposta!"  
e eu digo-vos: "Quien se mata?"  
eu vou-me à putinha grata,  
e descarrego o culhão,  
vós ides ao vosso cão,  
e regalais o pasmado,  
leve ao diabo enganado,  
e andemos co'a procissão.

Chica, fazei-me justiça,  
e não vo-la faça eu só,  
eu vos deixo o vosso có,  
vós deixai-me a minha piça:  
e se o demo vos atiça  
mamar numa e noutra teta,  
pica branca, e pica preta,  
eu também por me fartar  
quero esta pica trilhar  
numa greta, e noutra greta.

Dizem, que o ano passado  
mantínheis dez fodilhões  
branco um, nove canzarrões,  
o branco era o dizimado,  
o branco era o escornado,  
por ter pouco, e brando nabo;  
hoje o vosso sujo rabo  
me quer a mim dizimar,  
que não hei de suportar  
ser dízimo do diabo.

Chica, dormi-vos por lá,  
tendo de negros um cento,  
que o pau branco é corticento  
e o negro é jacarandá:  
e deixai-me andar por cá  
entre as negras do meu jeito,  
mas perdendo-me o respeito,  
se o vosso guardar quereis,

contra o direito obrareis,  
sendo amiga do direito.

Sois puta de entranha dura,  
e inda que amiga do alho  
sois uma arranha-caralho  
sem carinho, nem brandura:  
dou ao demo a puta escura,  
que estando a todas exposta,  
não faz festa ao de que gosta;  
dou ao demo o quies vel qui,  
e não para quem a encosta.

Quem não afaga o sendeiro,  
de que gosta, e bem lhe sabe,  
vá-se dormir c'uma trave,  
e esfregue-se c'um coqueiro:  
seja o cono presenteiro,  
faça o mimo o agasalho  
ao membro, que lhe dá o alho,  
e se de carinho é escassa,  
ou vá se enforçar, ou faça  
do seu dedo o seu caralho.

### **ENFURECIDO O POETA DAQUELES CIÚMES DESCOMPOSTOS LHE FAZ ESTA HORRENDA ANATOMIA**

Vá de aparelho,  
vá de painel,  
venha um pincel  
retratarei a Chica  
e seu besbelho.  
É pois o caso  
que a arte obriga,  
que pinte a espiga  
da urtiga primeiro  
e logo o vaso.  
A negra testa  
de cuiambuca  
a põe tão cuca,  
que testa nasce, e em cuia  
desembesta.  
Os dous olhinhos

com ser pequenos  
são dois venenos,  
não do mesmo tamanho  
maiorzinhos.  
Nariz de preta  
de cocras posto,  
que pelo rosto  
anda sempre buscando  
onde se meta.  
Boca sacada  
com tal largura,  
que a dentadura  
passeia por ali  
desencalmada.  
Barbinha aguda  
como sovela,  
não temo a ela,  
mas hei medo à barba:  
Deus me acuda.  
Pescoço longo,  
socó com saia,  
a quem dão vaia  
negros, com quem se farta  
de mondongo.  
Tenho chegado  
ao meu feitio  
do corpo esguio,  
chato de embigo,  
erguido a cada lado.  
Peito lazeira  
tão derribado,  
que é retratado  
ao peito espaldar  
debaixo da viseira.  
Junto as cavernas  
tem as perninhas  
tão delgadas,  
não sei, como se tem  
naquelas pernas.  
Cada pé junto  
forma a peanha,  
onde se amanha  
a estátua do pernil,  
e do presunto.

Anca de vaca  
mui derribada,  
mais cavalgada,  
que sela de rocim,  
charel de faca.  
Putá canalha,  
torpe, e mal feita,  
a quem se ajeita  
uma estátua de trapo  
cheia de palha.  
Vamos ao sundo  
de tão mau jeito,  
que é largo, e estreito  
do rosto estreito, e largo  
do profundo.  
Um vaso atroz,  
cuja portada  
é debruada  
com releixos na boca,  
como noz.  
Horrível odre,  
que pelo cabo  
toma de rabo  
andar são, e feder  
a cousa podre.  
Modos gatunos  
tem sempre francos,  
arranha os Brancos,  
e afaga os membros só  
dos Tapanhunos.  
Tenho acabada  
a obra, agora  
rasguem-na embora,  
que eu não quero ver Chica  
nem pintada.

**A UM AMIGO APADRINHANDO-LHE A ESCRAVA DE ALCUNHA A JACUPEMA, A  
QUEM SUA SENHORA QUERIA CASTIGAR PELO FURTO DE UM OVO**

Se acaso furtou, Senhor,  
algum ovo a Jacupema,  
o fez só, para que gema  
c'os pesos do meu amor:

não creio do seu primor,  
que furte a sua senhora,  
sendo franca, e não avara,  
porque para ela campar,  
escusa claras comprar,  
pois negra val mais que clara.

**À PENDÊNCIA QUE TEVE MARANA DE LEMOS COM VICÊNCIA POR RESPEITO DE ANTONIO DE MOURA A QUE ACUDIU UM CAPM. HIPÓCRITA QUE TRAZIA UM CRUCIFIXO AO PESCOÇO**

Botou Vicência uma armada  
de uma canoa, e dous remos  
contra Marana de Lemos,  
que estava numa emboscada:  
por uma encoberta estrada  
entrou no reduto, e logo  
o Capitão, disse "fogo":  
e vendo arder o seu fato  
o Capitão, que é beato,  
tomou as de Vila Diogo.

Por Diogo Pissaro grita,  
que acuda a casa queimada,  
que Vicência vinha assada  
por ver a Marana frita:  
Pissaro, que perto habita  
entrou, e vendo as disputas  
de putas tão dissolutas,  
disse (porque elas teimam)  
aqui-d'El-Rei, que se queimam  
de ciúmes duas putas.

Marana a nenhum partido  
a praça quis entregar,  
que é soldado singular,  
nas campanhas de Cupido:  
Vicência tinha vencido,  
pois entrou na fortaleza,  
mas Deus sabe, o que lhe pesa  
de não poder conseguir.  
haver então de sair  
com armas, e mecha acesa.

Não pôde dizer-lhe ali  
esta honra militar,  
que Marana por se armar  
quis a mecha para si:  
o que há, que notar aqui  
é, que uma, e outra velhaca  
dando tão grande matraca,  
e o sentinela, que brama,  
o General sobre a carna  
roncava como uma vaca.

Se é certo, que o General  
em tal conflito roncou  
é, que a prima noute andou  
visitando o arraial:  
como por todo o arrebal  
andou qual Jacurutu,  
sempre à espera de um Tatu,  
que do laço lhe escapou,  
com pé leve se deitou,  
dormiu com pesado cu.

Vicência a passos contados  
perdeu a praça, e a presa,  
porque é por sua simpleza  
moça de bofes lavados:  
mas o Capitão dá brados  
de lidar sempre com isto,  
e de um, e doutro anticristo  
se deseja em liberdade,  
como há de ver, se há verdade  
nas cartas, e no seu Cristo?

### **A CARIDADE COM QUE ESTA MESMA VICÊNCIA AGASALHAVA TRÊS AMANTES**

Com vossos três amantes me confundo,  
Mas vendo-vos com todos cuidadosa,  
Entendo, que de amante, e amorosa  
Podeis vender amor a todo o mundo.  
Se de amor vosso peito é tão fecundo,  
E tendes essa entranha tão piedosa,  
Vendei-me de afeição uma ventosa,



Que é pouco mais que um selamim sem fundo.  
Se tal compro, e nas cartas há verdade,  
Eu terei quando menos trinta Damas,  
Que infunde vosso amor pluralidade.  
E dirá, quem me vir com tantas chamadas,  
Que Vicência me fez a caridade,  
Porque o leite mamei das suas mamas.

### **BAIXA QUE DERAM A ESTA VICÊNCIA, POR DIZER-SE QUE EXALAVA MAO CHEIRO PELOS SOVACOS, E SE FOI METER COM JOANA GAFEIRA**

Lavai, lavai, Vicência, esses sovacos,  
Porque li num pronóstico almanaque,  
Que vos tresanda sempre o estoraque,  
E por isso perdeste casa, e cacos.  
Hoje que estais vizinha dos buracos  
Das pernas gafeirais, dareis mor baque,  
Que tanta caca hei medo, que vos caque,  
E que fujam de vós 'té os macacos.  
Tratai de perfumar-vos, e esfregar-vos,  
Que quem quer esfregar-se, anda esfregada,  
Senão ide ser Freira, ou enforcar-vos.  
Porque está toda a terra conjurada,  
Que antes de vos provar, hão de cheirar-vos,  
E lançar-vos ao mar, se estais danada.

### **INTENTA AGORA O POETA DESAGRAVAR A VICÊNCIA JUSTAMENTE SENTIDA DOS SEUS VERSOS**

Os vossos olhos, Vicência,  
tão belos, como cruéis,  
são de cor tão esquisita,  
que não sei, que cor lhes dê.  
Se foram verdes, folgara,  
que o verde esperança é,  
e tivera eu esperanças  
de um favor vos merecer.  
Os azuis de porçolana  
força é, quer pesar me deem,  
que porçolanas não servem,  
onde não hei de comer.  
Se são negros vossos olhos,

é já luto, que trazeis  
pelos homens, que haveis morto  
a rigores, e desdéns.  
Mas sendo tais olhos pares,  
no mundo outro par não têm,  
pois nem os Pares de França  
podem seus escravos ser.  
Se os vossos olhos se viram  
um a outro alguma vez,  
como se namorariam!  
e se queressem bem!  
Que de amores se disseram  
um a outro, que desdéns!  
meus olhos se chamariam,  
meu sol, minha luz, meu bem,  
Um pelo outro chorando,  
ambos chorariam, que  
quando os olhos veem chorar,  
força é, que chorem também.  
Mas por isso a natureza  
catelosamente fez  
entre os olhos o nariz,  
com que os olhos se não veem.  
Que se um a outro se viram,  
Vicência, tivera eu  
no prezar dos vossos olhos  
a vingança, que hei mister.

### **CELEBRA O POETA À UMA GRACIOSA DONZELA, E NÃO MENOS FORMOSA DE MARAPÉ CHAMADA ANTONIA**

Vi-me Antônia, ao vosso espelho,  
e com tal raiva fiquei,  
que não sei, como julguei  
por linda, a quem me faz velho:  
mas tomei melhor conselho  
de então não enraivecer,  
que se do sol ao correr  
vai murchando o Girassol,  
que muito, que o vosso sol  
me fizeste envelhecer.

O com que mais me admirais,

é, que com tanto arrebol  
para vós não sejais sol,  
pois sois flor, e não murchais.  
Como os passos naturais  
do Sol pela esfera pura  
mo legam toda a criatura,  
e o sol sempre se remoça,  
assim mesmo não faz moça  
em si o sol da formosura.

Tantos anos sol sejais,  
que com giros soberanos  
enchais dos mortais os anos,  
e os vossos nunca os enchais:  
a todos envelheçais,  
como é próprio na oficina  
da luz sempre matutina,  
sintam do sol as pisadas  
as idades mais douradas,  
vós sejais sempre menina.

**A BRÁSIA DO CALVÁRIO OUTRA MULATA MERETRIZ DE QUEM TAMBÉM  
FALAREMOS, QUE ESTANDO EM ATO VENÉREO COM UM FRADE  
FRANCISCANO, LHE DEU UM ACIDENTE A QUE CHAMAM VULGARMENTE  
LUNDUZ, DE QUE O BOM FRADE NÃO FEZ CASO, MAS ANTES FOI  
CONTINUANDO NO MESMO EXERCÍCIO SEM DESENCAVAR, E SOMENTE O FEZ,  
QUANDO SENTIU O GRANDE ESTRONDO, QUE O VAZO LHE FAZIA**

Brásia: que brabo desar!  
vós me cortastes o embigo,  
mas inda que vosso amigo,  
não vos hei de perdoar:  
pusestes-vos a cascar,  
e invocastes os Lundus;  
Jesus, nome deJesus!  
quem vos meteu no miolo,  
que se enfeitiçava um tolo  
mais que co jogo dos cus?

O Fradinho Franciscano  
sendo um servo de Jesus,  
que lhe dava dos Lundus,  
se é mais que os Lundus magano?

tinha ele limpado o cano  
quatro vezes da bisarma,  
e como nunca desarma  
tão robusta artilharia,  
dos lundus que lhe daria,  
se ele estava co'aquela arma?

Chegados os tais lundus  
os viu no vosso acidente,  
que se os vê visivelmente  
também lhe dera o seu truz:  
desamarrados os cus,  
porque o Frade desentese,  
foi-se ele, pese a quem pese,  
e vós assombrada toda,  
perdestes a quinta foda,  
e talvez que fossem treze.

O melhor deste desar  
é, que o Padre, que fodia,  
quando o jogo lhe acudia,  
vos tocava o alvarar:  
vos enforcando no ar  
esse como a balravento,  
então o Frade violento  
entrava como um cavalo,  
e o cono com tanto abalo  
zurrava como um jumento.

Eu não vi cousa mais vã,  
do que o vosso cono bento,  
pois com dous dedos de vento  
roncava uma Itapoã,  
estava agora louçã,  
crendo, que salva seria  
toda aquela artilharia,  
mas vós o desenganastes,  
quando o murrão lhe apagastes  
com chuva, e com ventania.

Se achais, que vos aniquilo,  
porque mais pede inda o caso,  
digo, que há no vosso vaso  
as catadupas do Nilo:

e se o vaso vos perfilo  
com rio tão hediondo;  
crede, que o Nilo redondo  
com todas as sete bocas  
tem ruído, e vozes poucas  
à vista do vosso estrondo.

Ninguém se espanta, que vós  
venteis com tal trovoadá,  
porque de mui galicada  
tendes no vaso comboz:  
é caso aqui entre nós,  
que se o membro é uma viga,  
em tocando na barriga  
uma enche, e outra extravasa,  
e vaso, que enche, e vaza,  
como de marés se diga.

Tantas faltas padeceis  
fora do vaso, e no centro,  
que nada ganhais por dentro,  
por fora tudo perdeis:  
já por isso recorreis  
ao demo, a quem vos eu dou,  
e tanto vos enganou,  
que o Frade o demo sentindo,  
dele, (e de vós) foi fugindo,  
e co demo vos deixou.

O demo, que é mui manhoso,  
veio então a conjurar-vos,  
que à força de espedorrear-vos  
veja o mundo um Frei Potroso:  
coitado do religioso  
corria com reverência,  
nos culhões tendo esquinência  
de vossa ventosidade,  
mas se a casta tira o Frade,  
sei, que há de ter paciência.

## **A UMA DAMA QUE POR UM VIDRO DE ÁGUA TIRAVA O SOL DA CABEÇA**

Qual encontra na luz pura

a Mariposa desmaios,  
tal de Clóri sente a raios  
assaltos a formosura:  
remédio a seu mal procura,  
mas com ser a doença clara,  
já eu lha dificultara,  
temendo em tanto arrebol,  
que tirar da testa o sol,  
lhe custa os olhos da cara.

Posto que o sol não resista,  
temo, que ali não faleça,  
porque se ofende a cabeça,  
nunca desalenta a vista:  
nesta pois de ardor conquista  
vejo a Clóri perigar,  
pois querendo porfiar,  
das duas uma há de ser,  
ou não há de ao sol vencer,  
ou sem vista há de ficar.

Mas Clóri assim achacada  
que está, é cousa sabida,  
menos do sol ofendida,  
que da lua perturbada:  
que esteja Clóri aluada,  
é inferência comua,  
pois se ao sol da fonte sua  
perturbam nuvens de ardores,  
quando ao sol sobem vapores,  
é nas mudanças da lua.

Se Clóri se persuadira,  
que só da lua enfermara,  
da cabeça não curara,  
mas aos pés logo acudira:  
se o calor porém lhe inspira,  
que o seu mal todo é calor,  
pois o maior ao menor  
por razão deve prostrar,  
para as do sol sepultar,  
procure as chamas do amor.

Mas se as do fogo não quer,

bem se val das armas d'água,  
que só pode em tanta frágua  
tanto vidro alívio ser:  
nele o mal remédio ter,  
o mesmo sol o assegura,  
que se nas águas procura  
em seus ardores abrigo,  
quem tem em cristal jazigo,  
acha em vidros sepultura.

### **UMA FORMOSA MULATA, A QUEM UM SARGENTO SEU AMASIO ARROJOU AOS VALADOS DE UMA HORTA**

Que cantarei eu agora,  
Senhora Dona Talia,  
com que todo o mundo ria,  
do pouco que Jelu chora:  
inspira-me tu, Senhora,  
aquele tiro violento,  
que à Jelu fez o Sargento;  
mas que culpa o homem teve?  
não fora ela puta leve,  
para ser péla do vento.

Dizem, que ele pegou dela,  
e que gafando-a no ar,  
querendo a chaça ganhar  
a jogou como uma péla:  
fez chaça a branca Donzela  
lá na horta da cachaça,  
que mais de mil peças passa,  
e tal jogo o homem fez,  
que eu lhe seguro esta vez,  
que ninguém lhe ganha a chaça.

Triste Jelu sem ventuta  
ali ficou enterrada,  
mas foi bem afortunada  
de ir morrer à sepultura:  
poupou a esmola do Cura,  
as cruzes, e as confrarias,  
pobres, e velas bugias,  
e como era lazarenta,

depois de mui fedorenta  
ressuscitou aos três dias.

Dizem, que depois de erguida  
da morte se não lembrou,  
que como ressuscitou,  
se tornou à sua vida:  
eu creio, que vai perdida,  
e me diz o pensamento,  
que há de ter um fim violento,  
como se lhe tem fadado,  
ou nas solas de um soldado,  
ou nas viras de um sargento.

### **RESSENTIDA TAMBÉM COMO AS OUTRAS O POETA LHE DÁ ESTA SATISFAÇÃO POR ESTILO PROPORCIONADO AO SEU GÊNIO**

Jelu, vós sois rainha das Mulatas,  
E sobretudo sois Deusa das putas,  
Tendes o mando sobre as dissolutas,  
Que moram na quitanda dessas Gatas.  
Tendes muito distantes as Sapatas,  
Por poupar de razões, e de disputas,  
Porque são umas putas absolutas,  
Presumidas, faceiras, pataratas.  
Mas sendo vós Mulata tão airosa  
Tão linda, tão galharda, e folgazona,  
Tendes um mal, que sois mui cagarrosa.  
Pois perante a mais ínclita persona  
Desenrolando a tripa revoltosa,  
O que branca ganhais, perdeis cagona.

### **AO PROVIDOR DA FAZENDA REAL FRANCISCO LAMBERTO FAZENDO NA RIBEIRA O FAMOSO GALEÃO S. JOÃO DE DEUS**

Fazer um passadiço de madeira,  
Pelo qual se haja de ir daqui a Lisboa,  
E fazermos pessoa por pessoa  
Vizinhos de São Paulo, ou da Ribeira.  
Esta alta ponte estável, e veleira  
Tal virtude terá de popa a proa,  
Que orbes avizinhandos a esta coroa,



A esfera habitaremos derradeira.  
Por esta ponte, e passadiço de ouro  
Conduzireis os pomos mais fecundos  
Que o de Vênus esférico tesouro.  
E serão vossos anos tão jucundos  
Em todo o Orbe, que o Planeta Louro  
Dirá, que dais a Pedro novos mundos.

**OUTRA MULATA, DE QUEM O POETA FALA ENTRE AS BORRACHAS DO JUIZADO  
DE NOSSA SENHORA DO EMPARO TAMBÉM SE RESENTIU DA AFRONTA, E ELE  
À SATISFAZ AGORA NA MESMA FORMA**

Marta: mandai-me um perdão  
em qualquer continha benta  
tocada na vossa venta  
passada por vossa mão:  
porque ainda que a contrição  
que tenho, de que entre nós  
haja ofensa tão atroz,  
é obra, que tanto monta,  
que me hei de tocar a conta,  
ou me hei de ir tocar em vós.

Quero, que me perdoeis,  
e para me perdoar,  
sendo ara do meu altar,  
nela é força, me toqueis:  
assim me indulgenciareis  
por esta obra meritória,  
que ofereço à vossa memória,  
pela qual no foro externo  
podeis livrar-me do inferno,  
e levar-me à vossa glória.

Maldita seja a caraça,  
que me meteu na cabeça;  
que éreis vós, Marta, má peça,  
para ir perder vossa graça:  
e agora que a vista embaça  
em tão alta galhardia,  
praguejarei noite, e dia  
a patifa, que me ordena,  
que pegando então na pena

vos metesse na folia.

Vós sois a gala das Pardas,  
e como sol das Mulatas  
sombra fazeis às Sapatas,  
que presumem de galhardas:  
formosuras são bastardas  
todas as mais formosuras,  
mas eu tomara às escuras  
topar vosso fraldelim,  
porque novo para mim  
assentara-lhe as costuras.

**LOUVA O POETA OBSEQUIOSAMENTE O GRANDE ZELO, E CARIDADE, COM  
QUE ANTONIO DE ANDRADE JUIZ, QUE ERA DOS ÓRFÃOS DESTA CIDADE DA  
BAHIA SENDO DESPENSEIRO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA TRATAVA AOS  
POBRES DOENTES DO HOSPITAL**

Senhor Antônio de Andrade,  
não sei, se vos gabe mais  
as franquezas naturais,  
ou se a cristã caridade:  
toda esta nossa Irmandade,  
que a pasmos emudeceis,  
vendo as obras, que fazeis,  
não sabe decidir não,  
se igualais o amor de Irmão,  
ou se de Pai o excedeis.

Ou, Senhor, vós sois parente  
de toda esta enfermaria,  
ou vos vem por reta via  
ser Pai de todo o doente:  
quem vos vê tão diligente,  
tão caritativo, e tão  
inclinado à compaixão,  
dirá de absorto, e pasmado,  
que entre tanto mal curado,  
só vós fostes homem são.

Aquela mesma piedade,  
a que vos move um doente,  
vos mostra evidentemente

homem são na qualidade:  
de qualquer enfermidade  
são aforismos não vão,  
que enfermaram mil Irmãos,  
mas se o contrário se alude,  
somente a vossa saúde  
foi contágio de mil sãos.

Quem não sarou desta vez,  
fica muito temeroso,  
que lhe há de ser mui penoso  
acabar-se-vos o mês:  
ninguém jamais isto fez,  
nem é cousa contingente  
o ficar toda esta gente  
com perigo tão atroz,  
que se acabe o mês a vós,  
para mal de outro doente.

### **DISPARATES NA LÍNGUA BASÍLICA A UMA CUNHÃ, QUE ALI GALANTEIAVA POR VÍCIO**

Indo à caça de tatus  
encontrei Quatimondé  
na cova de um Jacaré  
tragando treze Teiús:  
eis que dous Surucucus  
como dous Jaratacacas  
vi vir atrás de umas Pacas,  
e a não ser um Preá  
creio, que o Tamanduá  
não escapa às Gebiracas.

De massa um tapiti,  
um cofo de Sururus,  
dous puçás de Baiacus,  
Samburá de Murici:  
Com uma raiz de aipi  
vos envio de Passé,  
e enfiado num imbé  
Guiamu, e Caiaganga,  
que são de Jacaracanga  
Bagre, timbó, Inhapupê.

Minha rica Cumari,  
minha bela Camboatá  
como assim de Pirajá  
me desprezas tapiti:  
não vedes, que murici  
sou desses olhos timbó  
amante mais que um cipó  
desprezado Inhapupê,  
pois se eu fora Zabelê  
vos mandara um Miraró.

### **A UMA DAMA, QUE MANDANDO-A O POETA SOLICITAR LHE MANDOU DIZER QUE ESTAVA MENSTRUADA**

O teu hóspede, Catita,  
foi mui atrevido em vir  
a tempo, que eu hei mister  
o aposento para mim.  
Não vou topar-me com ele,  
porque havemos de renhir,  
e há de haver por força sangue,  
porque é grande espadachim.  
Tu logo trata de pôr  
fora do teu camarim  
um hóspede caminheiro  
que anda sempre a ir, e vir.  
Um hóspede impertinente  
de mau sangue, vilão ruim:  
por mais que Cardeal seja  
vestido de carmesim.  
Despeje o hóspede a casa,  
pois lhe não custa um ceitel,  
e a ocupa de ordinário  
sem pagar maravedi.  
Não tenhas hóspede em casa  
tão asqueroso, tão vil,  
que até os que mais te querem  
fujam por força de ti.  
Um hóspede aluado,  
e sujeito a frenesis,  
que em sendo quarto de lua  
de fina força há de vir.

Que diabo há de sofrê-lo,  
se vem com tão sujo ardil,  
a fazer disciplinante,  
quem foi sempre um serafim?  
Acaso o teu passarinho  
é pelicano serril,  
que esteja vertendo sangue  
para os filhos, que eu não fiz?  
Vá-se o mês, e venha o dia,  
em que eu te vá entupir  
essas cruéis lancetadas  
com lanceta mais sutil.  
Deixa já de ensanguentar-te,  
porque os pecados que eu fiz,  
não é bem, que pague em sangue  
o teu pássaro por mim.

#### **A UMA DAMA, QUE LHE MANDOU UM REGISTRO DE SANTA JULIANA QUE HAVIA TIRADO POR SORTES EM SANTA ANA**

Não me maravilha não,  
tirares hoje em Santa Ana  
uma Santa Juliana,  
e o touro por um grilhão:  
porque a vossa devoção  
é certo, que a meus adornos  
decretou estes subornos,  
para que veja a minha alma,  
que por dar à Santa a palma,  
me prende hoje pelos cornos.

#### **A UMA NEGRA QUE TINHA FAMA DE FEITICEIRA CHAMADA LUIZA DA PRIMA**

Dizem, Luíza da Prima,  
que sois puta feiticeira,  
no de puta derradeira,  
no de feiticeira prima:  
grandemente me lastima,  
que troqueis as primazias  
a lundus, e a putarias,  
sendo-vos melhor ficar  
puta em primeiro lugar,

em último as bruxarias.

Mas é certo, e sem disputa,  
que isso faz a idéia vossa,  
pois para bruxa sois moça,  
e sois velha para puta:  
que os anos vos computa  
e a idade vos arrima,  
esse a fazer vos anima  
pela conta verdadeira  
no de puta derradeira,  
no de feiticeira prima.

Esta é forçosa ocasião,  
de que o Cação vos passeie,  
porque é força que macheie  
um cação a outro cação:  
enquanto a fornicção  
o fazeis naturalmente,  
e quanto o enjeitar a gente  
é tanto, o artifício, e tal,  
que exercendo o natural,  
obrais endiabradamente.

Isto suposto, Luizica,  
vos digo todo medroso,  
que deve ser valoroso  
o homem, que vos fornica;  
porque se vos comunica  
toda a noite com sojornos  
o demo dos caldos mornos  
com seu priapo à faísca,  
à fé que a muito se arrisca,  
quem põe ao Diabo cornos.

Dormi c'o diabo à destra,  
e fazei-lhe o rebolado,  
porque o mestre do pecado  
também quer a puta mestra:  
e se na torpe palestra  
tiveres algum desar,  
não tendes, que reparar,  
que o Diabo, quando emboca,  
nunca dá a beijar a boca,

e no cu o heis de beijar.

Se foi vaso de eleição  
São Paulo a passos contados,  
vós pelos vossos pecados  
sois vaso de perdição:  
toda a praga, e maldição  
no vosso vaso há de entrar,  
e a tal termo há de chegar  
esse vaso sempiterno,  
que há de ser da vida inferno  
onde as porras vão parar.

### **A PEDITÓRIO DE UMA DAMA QUE SE VIU DESPREZADA DE SEU AMANTE**

Até aqui blasonou meu alvedrio,  
Albano, meu, de livre, e soberano,  
Vingou-se, ai de mim triste! Amor tirano,  
De quem padeço o duro senhorio.  
E não só se vingou cruel, e impio  
Com sujeitar-me ao jugo desumano  
De bem querer, mas de querer-te, Albano,  
Onde é traição a fé, e amor desvio.  
Se te perdi, não mais que por querer-te,  
Paga tão justa, quanto merecida,  
Pois com amar não soube merecer-te.  
De que serve uma vida aborrecida?  
Morra, quem teve a culpa de perder-te:  
Perca, quem te perdeu, também a vida.

### **A MANUEL FERREIRA DE VERAS NASCENDO-LHE UM FILHO, QUE LOGO MORREU, COMO TAMBÉM AO MESMO TEMPO UM SEU IRMÃO, E AMBOS FORAM SEPULTADOS JUNTOS EM N. SENHORA DOS PRAZERES**

Um prazer, e um pesar quase irmanados,  
Um pesar, e um prazer mas divididos  
Entraram nesse peito tão unidos,  
Que Amor os acredita vinculados.  
No prazer acha Amor os esperados  
Fruitos de seus extremos conseguidos,  
No pesar acha a dor amortecidos  
Os vínculos do sangue separados.

Mas ai fado cruel! que são azares  
Toda a sorte, que dás dos teus haveres,  
Pois val o mesmo dares, que não dares.  
Emenda-te, fortuna; e quando deres,  
Não seja esse pesar em dous pesares,  
Nem um prazer enterrado nos Prazeres.

## **A UMA CRIOLA POR NOME INÁCIA QUE LHE MANDOU PARA GLOSAR O SEGUINTE**

### *MOTE*

*Para que seja perfeito  
um bem feito cono em tudo,  
há de ser alto, carnudo  
rapadinho, enxuto, estreito.*

Inácia, a vossa questão,  
quem crerá, que é de uma preta,  
mas vós sois preta discreta,  
criada entre a discricção:  
a proposta veio em vão,  
pois a um tolo de mau jeito  
tínheis vós proposto o pleito:  
ele respondeu em grosso,  
que o cono há de ser o vosso,  
Para que seja perfeito.

Vós com tamanha tolice  
ficastes soberba, e inchada,  
porque vistes tão gabada  
a proposta, e parvoíce:  
mas quem, Inácia, vos disse,  
que o vosso batido escudo  
era macio, e carnudo,  
se é tão magro, e pilhancrado,  
devendo ser gordo, e inchado  
Um bem feito cono em tudo:

Agora quero mostrar-vos,  
que o vosso Mandu magriço  
vos pôs um cono postiço  
para efeito de louvar-vos:



hoje hei de enganar-vos,  
que o Mandu pouco sisudo  
vos engana, e mente em tudo:  
tendes raso, e esguio cono,  
e para dar-se-lhe abono  
Há de ser alto, carnudo.

Se o vosso cono há de ser  
molde de cono melhor,  
qualquer cono, que bom for,  
nisso se bota a perder:  
mas antes deve entender  
todo o cono de bom jeito,  
que para ser mais perfeito,  
não há de imitar-vos já,  
e desta sorte será  
Rapadinho, enxuto, estreito.

#### **A MARGARIDA, MULATA PERNAMBUCANA QUE CHORAVA AS ESQUIVANÇAS DE SEU AMANTE COM PRETEXTO DE LHE HAVER FURTADO UNS CORÃES**

Carira: por que chorais?  
que é perdição não vereis,  
as pérolas, que perdeis  
pela perda dos corais?  
pérolas não valem mais  
dos vossos olhos chorados,  
que de coral mil ramadas?  
pois como os olhos sentidos  
vertem por corais perdidos  
pérolas desperdiçadas?

Basta já, mais não choreis,  
que os corais, todos sabemos,  
que não tinham os extremos,  
que vós por eles fazeis:  
que os quereis cobrar, dizeis:  
mas como em cobrança tal  
meteis tanto cabedal?  
como empregais nesta empresa  
o aljôfar, que val, e pesa  
muito mais do que coral?

Vós sois fraca mercadora,  
pois em câmbio de uns corais  
tais pérolas derramais,  
quais as não derrama Aurora:  
sempre o negócio melhora  
as Damas do vosso trato,  
mas sem risco, e mais barato:  
e em vós é fácil de crer,  
que os corais heis de perder,  
sobre quebrar no contrato.

Se vós adita o sentido,  
que o mar cria coral tanto,  
e no mar do vosso pranto  
se achará o coral perdido:  
levais o rumo torcido,  
e ides, Carira, enganada,  
porque a água destilada,  
que 'té os beijos vos corria,  
muito coral vos daria  
de cria, mas não de achada.

Se tratais ao camarada  
de ladrão, de ladronaço,  
porque vos tirou do braço  
coral, que val pouco, ou nada:  
é, que estais apaixonada,  
bem que com pouca razão:  
mas ponde-lo de ladrão,  
quando os corais bota fora,  
e não os pondés na hora,  
que vos rouba o coração.

### **A UMA DAMA GRATIFICANDO-LHE O FAVOR, QUE POR SUA INTERCESSÃO ALCANÇARA**

Quem tal poderia obrar,  
se não vossa perfeição,  
beijo-vos, Senhora, a mão,  
por tal favor alcançar:  
e para graças vos dar,  
é bem, que obséquio vos faça,  
que quem só sobe com graça

ao trono de merecer,  
é bom, que eu venha a dizer,  
que é toda cheia de graça.

Não tenho, que encarecer,  
o quanto estou obrigado,  
que, o que me dá vosso agrado,  
é digno de agradecer:  
pois ninguém pode fazer  
o que quer meu coração,  
senão que a vossa afeição,  
quis na mão levar a palma,  
do que rendido a minha alma  
vos beija a palma da mão.

#### **A CERTO HOMEM DE DISTINÇÃO QUE SE COSTUMAVA EMBEBEDAR E QUEIMANDO-SE-LHE A CASA FICOU ELE ILESO, E TODA A FAMÍLIA**

O vício da Sodomia  
em Gomorra, e em Sodoma  
Lavrava como carcoma,  
e como traça roía:  
quis Deus arrancar num dia,  
e arrancou de um lanço só,  
porque reduzindo em pó  
a cidade, e sua gente,  
livrou do incêndio somente  
toda a família de Lot.

Segundo Lot ao burlesco  
temos hoje em Andrezão,  
como sodomita não,  
como bebedor tudesco:  
estava dormindo ao fresco,  
e roncando a seu prazer  
para a cachaça cozer,  
e por mais que a palhoça arda,  
Deus lhe defende, e resguarda,  
ele, família, e mulher.

O vulgo, que é todo asnal,  
tem este caso horroroso  
por prodígio milagroso,

sendo cousa natural:  
porque tomado um sendal,  
ou qualquer lenço tomado,  
e em jeribita ensopado,  
se o fogo se lhe puser,  
a jeribita há de arder,  
sem ser o lenço queimado.

Assim o nosso Andrezão  
de jeribita atacado  
não podia ser queimado  
num fio do casacão:  
a palhoça ardeu então  
porém a pele maldita  
seria cousa esquisita,  
que pudesse em fogo arder,  
porque a pele vinha a ser  
o lenço da jeribita.

E suposta esta livrança  
entre Sodoma, e Tudesco  
ou há grande parentesco,  
ou mui grande semelhança:  
quem quiser com confiança  
entrar no fogo veemente,  
escuse o ser inocente,  
como os Moços do Salmista,  
trate de ser flautista,  
e beba muita aguardente.

Lá no forno do Pombal  
Vila do Conde Valido,  
quando está mui acendido  
entra (prodígio fatal!)  
um vilão de ânimo tal,  
que dentro vira a fogaça,  
com que a todo o povo embaça,  
sem o mistério alcançar,  
e eu agora venho a dar,  
que vai cheio de vinhaça.

E pois o nosso Andrezão  
leva o fogo de vencida,  
para toda a sua vida

temos nele um borrachão:  
e como é mui asneirão,  
e em tudo tão material,  
fará um discurso tal,  
que a beber, e mais beber  
há de escapar, e viver  
no dilúvio universal.

Engana-se o asneirão,  
porque no final juízo  
há de acabar, que é preciso,  
vinho, vide, cepa, e chão:  
tudo há de acabar então,  
e quando ache o Brichote  
escondido algum pipote,  
como é tão geral a mágoa,  
porque morra, dar-lhe-ão água,  
que é veneno de um vinhote.

**LAMENTA A MULHER DESTE MESMO SUJEITO A MÁ SORTE, QUE TEVE EM SE  
CASAR COM HOMEM DE TAL CONDIÇÃO, PORQUE ATUALMENTE ESTAVA  
BÊBADO**

*MOTE*

*Mofina mulher,  
que tão mal casou!  
Ai que se lá vou  
hei-vos de moer.*

Coitada de quem  
teve tal marido,  
que bebe o vestido,  
e sem ele vem:  
porventura alguém  
pode tal sofrer?  
Mofina mulher,  
que tão mal casou!  
Ai que se lá vou  
hei-vos de moer.

Mofina de mim,  
nunca eu fora feita

por não ser sujeita  
a um vilão ruim:  
Até o chapim  
me foi já beber.  
Mofina mulher,  
que tão mal casou!  
Ai que se lá vou  
hei-vos de moer.

Melhor me tivera  
meu Pai encerrada,  
num canto fechada  
melhor estivera,  
e não conhecera,  
quem me há de beber!  
Mofina mulher,  
que tão mal casou!  
Ai que se lá vou  
hei-vos de moer.

Sobre camarões  
Sem comer mais nada  
Só de uma assentada  
bebe dez tostões:  
vendeu os calções,  
só para beber.  
Mofina mulher,  
que tão mal casou!  
Ai que se lá vou  
hei-vos de moer.

Darei um pregão:  
sabia todo o mundo,  
que é poço sem fundo  
este Beberrão:  
com tal condição  
há de já morrer.  
Mofina mulher,  
que tão mal casou!  
Ai que se lá vou  
hei-vos de moer.

## **A AMASIA DESTE SUJEITO QUE FIADA NO SEU RESPEITO SE FAZIA SOBERBA, E DESAVERGONHADA**

Puta Andresona, eu pecador te aviso,  
que o que amor te tiver, não terá siso;  
tu te finges não ser senão honrada  
e nunca vi mentira mais provada:  
porque de mui metida, e atrevida  
te vieste a sair com ser saída;  
mas quando de ti, Puta, não cuidara,  
fazeres tais baratos de tal cara!

Esse vaso encharcado, qual Danúbio  
dá a crer, que és puta inda antes do dilúvio:  
tão velha puta és, que ser podias  
Eva das putas, mãe das putarias,  
e por puta antiquíssima puderas  
dar idade às idades, e era às eras;  
e havendo feito putarias artas,  
inda hoje dás a crer, que te não fartas.

Entram na tua casa a seus contratos  
Frades, Sargentos, Pajens, e Mulatos  
porque é tua vileza tão notória,  
que entre os homens não achas mais que escória:  
a todos esses guapos dás a língua,  
e por muito que dêes não te faz míngua:  
antes és linguaraz, e a mim me espanta,  
que dando a todos, tenhas língua tanta.

Mas isso te nasceu, puta Andresona,  
de seres puta vil, puta fragona:  
que o falar da janela, e da varanda,  
só se achará em putas de quitanda.  
Cal-te, que a puta grave, qual donzela,  
geme na cama e cala na janela:  
mete a língua no cu, e havendo míngua  
quando deres ao cu darás à língua.

Pois te deixas calar sempre por baixo,  
e lá para calar-te tens o encaixe,  
cal-te um dia por cima atroadora,  
que já se enfada quem na rua mora:  
e diz até uma Preta, e mais não erra,

que a ovelha ruim é, a que berra;  
cal-te Andresona, que de me aturdires,  
tomei eu a ocasião de hoje me ouvires.

### **A MORTE DE AFONSO BARBOSA DA FRANCA AMIGO DO POETA**

Quem pudera de pranto soçobrado,  
Quem pudera em choro submergido  
Dizer, o que na vida te hei querido,  
Contar, o que na morte te hei chorado.  
Só meu silêncio diga o meu cuidado,  
Que explica mais que a voz de um afligido,  
Porque na esfera curta de um sentido  
Não cabe um sentimento dilatado.  
Não choro, amigo, a tua avara sorte,  
Choro a minha desgraça desmedida,  
Que em privar-me de ver-te foi mais forte.  
Tu com tanta memória repetida  
Acharás nova vida em mãos da morte,  
Eu triste nova morte às mãos da vida.

### **AO MESMO ASSUNTO**

Alma gentil, espírito generoso,  
Que do corpo as prisões desamparaste,  
E qual cândida flor em flor cortaste  
De teus anos o pâmpano viçoso.  
Hoje, que o sólio habitas luminoso,  
Hoje, que ao trono eterno te exaltaste,  
Lembra-te daquele amigo, a quem deixaste  
Triste, confuso, absorto, e saudoso.  
Tanto a tua vida ao céu subiste,  
Que teve o céu cobiça de gozar-te,  
Que teve a morte inveja de vencer-te.  
Venceu-te o foro humano, em que caíste,  
Goza-te o céu, não só por premiar-te,  
Senão por dar-me a mágoa de perder-te.

### **ÀS DUAS MULATAS PREZAS FINGE O POETA, QUE VISITA NESTES DOIS SONETOS INTERLOCUTORES FALA COM A MÃE**



Perg. Dona Secula in seculis Ranhosa,  
Por que estais aqui presa, Dona Paio?  
Resp. Dizem, que por furtar um Papagaio:  
Porém mente a querela maliciosa.  
Perg. Estais logo por ladra, e por gulosa:  
Não vos lembra o jantar de Fr. Pelaio?  
Resp. Então traguei de carne um bom balaio,  
e de vinha uma selha portentosa.  
Perg. Para tanto pecado é curta a sala,  
Ide para a moxinga florescente,  
Onde tanta vidrada flor exala.  
Resp. Irei, que todo o preso é paciente;  
Porém se hoje furtei cousa, que fala,  
Amanhã furtarei secretamente.

### **FALA O POETA COM A FILHA**

Perg. Bertolinha gentil, pulcra, e bizarra,  
Também vos trouxe aqui o Papagaio?  
Resp. Não, Senhor: que ele fala como um raio,  
E diz, que minha Mãe lhe pôs a garra.  
Perg. Isso está vossa Mãe pondo à guitarra,  
E diz, que há de pagá-lo para Maio.  
Resp. Ela é muito animosa, e eu desmaio,  
Se cuido no Alcaide, que me agarra.  
Perg. Temo, que haveis de ser disciplinante  
Por todas estas ruas da Bahia,  
E que vos há de ver o vosso amante.  
Resp. Quer me veja, quer não: estimaria,  
Que os açoutes se deem ao meu galante,  
Porque eu também sei ver, e vê-lo-ia.

### **PINTURA ADMIRÁVEL DE UMA BELEZA**

Vês esse Sol de luzes coroado?  
Em pérolas a Aurora convertida?  
Vês a Lua de estrelas guarnecida?  
Vês o Céu de Planetas adorado?  
O Céu deixemos; vês naquele prado  
A Rosa com razão desvanecida?  
A Açucena por alva presumida?  
O Cravo por galã lisonjeado?

Deixa o prado; vem cá, minha adorada,  
Vês desse mar a esfera cristalina  
Em sucessivo aljôfar desatada?  
Parece aos olhos ser de prata fina?  
Vês tudo isto bem? pois tudo é nada  
À vista do teu rosto, Caterina.

### **DESAIRES DA FORMOSURA COM AS PENSÕES DA NATUREZA PONDERADAS NA MESMA DAMA**

Rubi, concha de perlas peregrina,  
Animado Cristal, viva escarlata,  
Duas Safiras sobre lisa prata,  
Ouro encrespado sobre prata fina.  
Este o rostinho é de Caterina;  
E porque docemente obriga, e mata,  
Não livra o ser divina em ser ingrata,  
E raio a raio os corações fulmina.  
Viu Fábio uma tarde transportado  
Bebendo admirações, e galhardias,  
A quem já tanto amor levantou aras:  
Disse igualmente amante, e magoado:  
Ah muchacha gentil, que tal serias,  
Se sendo tão formosa não cagaras!

### **A OUTRO SUJEITO QUE ESTANDO VARIAS NOITES COM UMA DAMA, À NÃO DORMIU POR NÃO TER POTENCIA; E LHE ENSINARAM, QUE TOMASSE POR BAIXO UMAS TALHADAS DE LIMÃO, E METEU QUATRO**

Tal desastre, e tal fracasso,  
com razão vos chega ao vivo,  
que eu não vi nominativo  
com tão vergonhoso caso:  
do Oriente até o Ocaso,  
desde o Olimpo até o Baratro,  
do Orbe por todo o teatro  
se diz, que sois fraca rês,  
porque às três o Demo as fez  
mas vós nem três, nem as quatro.

Quatro noites de desvelo  
fostes passar com Joana,

tocaram-vos a pavana,  
bailastes o esconderelo:  
um homem do vosso pêlo  
que dirá em tal desvario,  
senão que foi tanto o frio,  
tanto essas noites ventou,  
que a cera se não gastou  
por não pegar o pavio.

Isto é para insensatos,  
não para os gatos de lei,  
nem para mim, que bem sei,  
que o frio é, que arreita os gatos:  
deixemos esses recatos,  
demos na verdade em cheio,  
o que eu pressuponho, e creio,  
é, que era alheia a mulher,  
e a vossa porra não quer,  
levantar-se com o alheio.

Vos quereis adrede errar,  
porque nos alheios trastes  
uma vez que vos deitastes,  
força será levantar:  
se vos não hão de emendar  
estas lições de Gandu,  
dai a porra a Berzabu,  
que não presta para o alho,  
ou tomai este caralho  
metei-o, amigo, no cu.

Engano foi de capricho  
a mezinha do Limão,  
pois a cura do pismão  
é uma, e outra a do bicho:  
para entesar esse esguicho,  
e endurecer esse cano  
o remédio é um sacamano,  
e se sois de fria casta,  
e nada disto vos basta,  
sede frade franciscano.

Meter um limão sem tédio  
no cu, é cousa de bruto,

é remédio para puto,  
não para as putas remédio:  
em todo o Antártico prédio  
não se viu tal asnidade,  
porque se na realidade  
sois tão frio fodedor,  
como curais o calor,  
se enfermais de frialdade.

**A CERTO SUJEITO DE SUPOSIÇÃO, QUE TENDO-SE RETIRADO DA CORTE E VIVIA NA SOLEDADE DE UMA QUINTA MANDOU AO POETA A SEGUINTE DÉCIMA**

Goze a Corte o ambicioso  
de aplausos, e vaidades,  
que eu cá nestas soledades  
o melhor descanso gozo:  
aqui vivo cuidadoso  
de descuidos, e este estado  
julgo bem-aventurado,  
que o melhor estado, cuidado,  
é aquele, em que o descuido  
vem a ser todo o cuidado.

**RESPONDE O POETA A SEGUINTE DÉCIMA COM ESTE SONETO**

Ditoso Fábio, tu, que retirado  
Te vejo ao desengano amanhecido  
Na certeza do pouco, que hás vivido,  
Sem para ti viver no povoado.  
Enquanto nos palácios enredado  
Te enlaçaram cuidados divertido,  
De ti mesmo passavas esquecido,  
De ti próprio vivias desprezado.  
Mas agora que nessa choça agreste,  
Onde, quanto perdias, alcançaste,  
Viver contigo para ti quiseste.  
Feliz mil vezes tu, pois começaste  
a morrer, Fábio, desde que nasceste,  
Para ter vida agora, que expiraste.

**AO DOUTOR FRANCISCO XIMENES, QUE INDO A CASA DE SUA DAMA, ACHOU  
O LUGAR OCUPADO POR OUTRO, A QUEM DESAFIOU: MAS NÃO PROIBIU,  
NEM PÔDE O LOGRO DOS AMORES**

Foi um tonto amancebado  
de noite ao seu palomar,  
foi por se descarregar,  
e saiu mais carregado:  
tinha-lhe o leito ocupado  
outro mais madrugador,  
e quando ouviu o rumor,  
de quem batia de fora,  
estava ele nessa hora  
batendo às portas do amor.

Logo acabou de bater,  
e prevendo pelo tino,  
que quem vinha era um menino,  
jogou com ele a esconder:  
lá dentro se foi meter  
na última camarinha,  
e dando com Macotinha,  
E Guiomar moças modernas,  
deitou-se entre quatro pernas,  
e ficou mui de perninha.

Fizeram tanta galhofa  
as duas mal maridadas,  
que ouvindo o tonto as risadas  
se foi queixando da mofa:  
entrou, e vendo na alcova  
os três de la vida airada  
arrancou da sua espada,  
e disse ao outro Alfaqui,  
com tal descanso está aqui?  
não o assusta uma estocada?

O outro, que era mau cão,  
sem mudar de cabeceira,  
não lhe falou de cadeira,  
respondeu-lhe de colchão:  
e enchendo-se de paixão,  
que o tonto lhe ocasionou,  
num pistolete pegou,

e pondo-lhe no focinho,  
lhe disse: ande, maganinho,  
e ele em vez de andar, voou.

Plantou na sala a falua,  
donde disse ao fanfarrão  
saca afuera, valentão,  
se é homem, eu vou para a rua:  
saiu com a espada nua  
mas o outro na mesma hora  
saltou pela cama fora,  
e chegando à porta já  
lhe disse: amanhã será,  
que eu quero foder agora.

Fechou a porta, e no centro  
disse, entre as quatro Paredes,  
lá de fora dormirdes  
enquanto eu durmo cá dentro:  
foi-se como a bom coentro  
o tonto com leda cara,  
e me dizem se gabara,  
quando o caso referira,  
que posto que o não ferira,  
ao menos o encurralara.

O cupido encurralado,  
vendo-se senhor do bolo,  
rebolou como um crioulo  
sobre o vaso amulatado:  
e porque quis ir poupado  
ao duelo do outro dia,  
parou, e a Puta dizia,  
fornique quanto quiser,  
que fraco nunca há de ser.  
como é, quem o desafia.

Então com forças dobradas  
o Moço encendido em fogo  
se foi picando no jogo,  
e foi dobrando as paradas:  
a Puta ouvindo as pancadas  
do fuzil, e pedernal,  
ficou de todo mortal,

vendo correr pela cama  
entre dilúvios de chama  
incêndios de radical.

Vinha amanhecendo já,  
quando ele vestido, e armado  
diga, disse, a esse barbado,  
(se acaso tornar por cá)  
que me busque, e me achará  
nos desempenhos forçosos,  
de cornos tão afrontosos;  
sendo, que não deve estar  
sentido de eu lhos plantar,  
a um traidor dous aleivosos.

Se é Pedro de malas artes,  
que com tão sujos modilhos  
por comer a dous carrilhos  
fala por ambas as partes:  
e com tão infames artes  
vai recolhendo as maquias  
das Partes todos os dias,  
saiba, que as come em má fé,  
porque bem conhece, que é  
letrado de aleivosias.

Com isto se foi embora  
entendendo a cada passo  
que encontrava co madraço,  
que o veio esperar cá fora:  
e se tão fraco não fora,  
assim havia de ser:  
mas essa noite é de crer  
que estaria em seu beco  
ele a engolir em seco,  
quando a puta a se foder.

Acabado o desgostinho  
mandou-o a Puta chamar,  
que um corno não é desar,  
que a um destes muda o focinho:  
veio ela com todo alinhio,  
ele embravecido, e irado  
lhe disse, é bem empregado

depois de eu vender o mundo  
pata comprar-lhe esse sundo  
tirá-lo por mal comprado.

Ela disse-lhe um dichote,  
e o tontinho, ou asnaval  
abriu a boca sem sal,  
e sorriu-se a meio trote:  
com um, e outro risote  
o pôs ela tão virado,  
que ficou logo assentado  
por um artigo de paz,  
que ela ao outro machacaz  
lhe mandou este recado.

A esse magano dizei,  
que eu não sou louca perene  
que troque um Doutor Ximene  
nem pelo cetro d'El-Rei;  
que se uma noite lho dei,  
foi por um certo respeito;  
foi-lhe o recado direito  
com aviso de antemão,  
e dando-se, o asneirão  
se deu por mui satisfeito.

#### **A UM AMIGO PEDINDO-LHE UMA CAIXA DE TABACO**

Senhor: o vosso tabaco  
que muito me ensoberbeça,  
se uns fumos lança à cabeça  
mais divinos, que os de Baco:  
e bem, que nunca em meu caco  
entra tão rico alimento,  
por isso mesmo eu intento  
para meu proveito, e pró,  
porque me deis desse pó,  
mandar-vos este memento.

#### **A CERTO BARQUEIRO DE MARAPÉ PRESUMIDO DE GENTIL, VALENTE, E NAMORADO, O QUAL TINHA POR GRUMETE DA NAU, EM QUE O POETA VEIO DE PORTUGAL**



Gentil-homem, valente e namorado  
Trindade vem a ser de perfeições,  
Com que a vós triunviro dos varões  
Vos teme a morte, e vos venera o fado.  
Pelo gentil Adônis sois pintado,  
Pelo valente o Marte das nações,  
Que unir, e conformar contradições  
Só em vós se viu já facilitado.  
Sobretudo, Senhor Manuel Fernandes,  
Podereis ser de Enéias Palinuro  
E conduzir de Europa Ulisses grandes:  
Pois trazíeis o barco tão seguro,  
Quando passei para esta nova Flandes,  
Que o mar me parecia vinho puro.

### **MESMO BARQUEIRO E PELO MESMO CASO**

Por gentil-homem vos tendes,  
por valente, e namorado,  
que a um Fernandes não é dado,  
e cai melhor em um Mendes:  
e pois as prendas retendes,  
que em boa filosofia  
nenhuma em vós caberia,  
tão grande amor me deveis,  
que porque vós o dizeis,  
vo-lo creio em cortesia.

Só por cerimônia urbana  
me resolvera eu a crer,  
que podeis formoso ser  
tendo olhos de porcelana:  
se vo-lo diz vossa mana  
(que se a tendes, preta é)  
por vos manter nessa fé,  
sabei, que vos troca as prosas,  
porque são mui mentirosas  
as Negras de Marapé.

Que sois valente, bem creio,  
que esses pulsos, essas pernas,  
e o grosso dessas cavernas

me estão dizendo "temei-o":  
eu vos creio, e vos recreio,  
não faleis mais nisso: tá,  
porque em rigor, claro está,  
que um valentão D. Ortis  
me assusta quando mo diz,  
e outra vez, quando me dá.

Mas quanto a ser namorado,  
nisso consiste a questão,  
que esta vez vos vou à mão,  
como quem vos vai ao dado:  
todo o Americano Estado,  
que digo? este mundo inteiro  
namorei eu tão primeiro,  
que nisto de namorar  
podeis vós comigo estar  
a soldada de escudeiro.

Sou namorado de chapa,  
e de idade pueril  
de Portugal, e Brasil  
tenho namorado o mapa:  
nenhuma cara me escapa,  
e em todo o rosto me embarco,  
e vós no salgado charco  
(posto que em vãos pensamentos)  
sempre andais bebendo os ventos,  
que é bom para o vosso barco.

### **CELEBRA A CARREIRA QUE DEU UM CABOCLO A UM SUJEITO, QUE ACHOU COM UMA NEGRINHA ANGOLA, COM QUEM ELE FALAVA**

Arre lá co Aricobé,  
como ele é corredor,  
porque fiz co pecador,  
o que já com São Tomé:  
o pobre teve bom pé,  
e esta parte não é má,  
pois se ao chinelo não dá,  
e no fugir não insiste,  
creio, que diria o triste,  
se isto assim é, arre lá.

O pobrete inadvertido  
de avançada tão medonha,  
diz, que não tendo vergonha,  
só então se viu corrido:  
e sendo a pulso seguido  
do cioso Paiaíá,  
sem dizer cobé, nem pá,  
gritava por toda a rua,  
se te deixo a fêmea tua,  
que me queres? arre lá.

Não deu por isto o Tapuia  
cortesão do Santo Sé,  
que apertava mais o pé,  
só para lhe dar na cuia:  
vendo o pobre esta aleluia,  
que tanto susto lhe dá,  
ajuntava a perna à pá  
para mais veloz correr,  
que quanto isto de morrer  
faz mui mal cabelo cá.

Nada disto lhe valeu,  
nem o dar tanta passada,  
porque quando nada nada  
alguma cousa lhe deu:  
na fugida não perdeu,  
mais que o que se falará:  
se bem, que mais sentirá  
que se diga em todo o ano,  
que o Tapuia desumano  
sabe mais do que cará.

O Frecheiro a pouco custo  
dizia, porque é magano,  
o cão livrou-se do dano,  
mas não se livrou do susto:  
irracionalmente injusto  
o vulgo me chamará,  
mas eu pouco se me dá,  
porque no caso presente  
quis, que conhecesse a gente,  
se é gente o Barabauá.

Não é de beijo furado  
o caboclo maligno,  
que me pareceu menino  
só em ser demasiado:  
se bem, que por ter gostado  
do que qualquer gostará,  
quem o desculpe, haverá,  
no cometer este excesso,  
que eu também morro (confesso)  
por este có mangará.

Com que afagos a negrinha  
ao pobrete trataria,  
uma onde se lhe ia,  
e outra onda se lhe vinha,  
medrosa estava a pretinha,  
que nunca a cor mudará,  
e como não era má,  
que a qualquer outra acontece,  
não quis o pobre morresse  
entre mil soluços cá.

Este gostinho roubou  
o Tatu do Carapai,  
pois sem dançar o chegai,  
no pobrezinho chegou:  
porque logo que os achou  
um de lá, outro de cá,  
disse a ambos arre lá,  
na minha casa, velhaca,  
vos tira cá o meu faca,  
minha comer catucá.

A negra, que nisto estava,  
já que fazer não sabia,  
porque se de um gosto ria,  
também de um susto chorava:  
desta maneira gritava  
"Paí na matá, a lá lá,  
aqui sá tu mangalá,  
saiba Deus e todo o mundo,  
que me inguizolo mavundo  
mazanha, mavunga, e má"

O Tapuia é mui valente,  
pouco digo, valentão,  
pois no centro do sertão  
fez já fugir muita gente:  
e se na ocasião presente  
se diz, que costas virara  
(cousa, em que qualquer repara)  
é, pois que a discursar entro,  
porque fora do seu centro  
jamais cousa alguma pára.

Também diz, que se deu costas  
já depois do susto feito  
foi, porque certo sujeito  
de o prender fazia apostas:  
entre pergunta, e respostas  
diz mais, que fugira só,  
porque na garganta um nó  
(que este bem cego seria)  
se lhe punha, quando ouvia  
aripotá treminó.

Ao Cabocolete iníquo,  
antes que em raiva se engafe  
lhe fez o cu tafe tafe,  
e a bunda fez tico tico:  
estava feito um Perico,  
porque aqui, e ali se escanCHA,  
sentindo-se muito a mancha,  
de quando preso o levavam,  
dos rapazes, que gritavam,  
pois que é isso? vai na lancha!

### **A UMAS FREIRAS QUE MANDARAM PERGUNTAR POR OCIOSIDADE AO POETA A DEFINIÇÃO DO PRIAPO E ELE LHES MANDOU DEFINIDO, E EXPLICADO NESTAS DÉCIMAS**

Ei-lo vai desenfreado,  
que quebrou na briga o freio,  
todo vai de sangue cheio,  
todo vai ensanguentado:  
meteu-se na briga armado,

como quem nada receia  
foi dar um golpe na veia,  
deu outro também em si,  
bem merece estar assi,  
quem se mete em casa alheia.

Inda que pareça nova,  
Senhora, a comparação,  
É semelhante ao Furão,  
que entra sem temer a cova:  
quer faça calma, quer chova,  
nunca receia as estradas,  
mas antes se estão tapadas,  
para as poder penetrar,  
começa de pelejar  
como porco às focinhadas.

Este lampreão com talo,  
que tudo come sem nojo,  
tem pesos como relojó,  
também serve de badalo:  
tem freio como cavalo,  
e como frade capelo,  
é cousa engraçada vê-lo  
ora curto, ora comprido,  
anda de peles vestido  
curtidas já sem cabelo.

Quem seu preço não entende,  
não dará por ele nada,  
é como cobra enroscada,  
que em aquecendo se estende:  
é círio, quando se acende,  
é relógio, que não mente,  
é pepino de semente,  
tem cano como funil,  
é pau para tamboril,  
bate os couros lindamente.

É grande mergulhador,  
e jamais perdeu o nado,  
antes quando mergulhado  
sente então gosto maior:  
traz cascavéis como Assor,

e como tal se mantém  
de carne crua também,  
estando sempre a comer,  
ninguém lhe ouvirá dizer,  
esta carne falta tem.

Se se agasta, quebra as trelas  
como leão assanhado,  
tendo um só olho, e vazado,  
tudo acerta às palpadelas:  
amassa tendo gamelas  
doze vezes sem cansar,  
e traz já para amassar  
as costas tão bem dispostas,  
que traz envolto nas costas  
fermento de levedar.

Tanto tem de mais valia,  
quanto tem de teso, e relho,  
é semelhante ao coelho,  
que somente em cova cria:  
quer de noite, quer de dia,  
se tem pasto, sempre come,  
o comer lhe acende a fome,  
mas às vezes de cansado  
de prazer inteiriçado  
dentro em si se esconde, e some.

Está sempre soluçando  
como triste solitário,  
mas se avista seu contrário,  
fica como o barco arfando:  
quer fique duro, quer brando,  
tem tal natureza, e casta,  
que no instante, em que se agasta,  
(qual Galgo, que a Lebre vê)  
dá com tanta força, que,  
os que tem presos, arrasta.

Tem uma contínua fome,  
e sempre para comer  
está pronto, e é de crer,  
que em qualquer das horas come:  
traz por geração seu nome,

que por fim hei de explicar,  
e também posso afirmar,  
que sendo tão esfaimado,  
dá leite como um danado,  
a quem o quer ordenhar.

É da condição de Ouriço,  
que quando lhe tocam, se arma,  
ergue-se em tocando alarma,  
como cavalo castiço:  
é mais longo, que roliço,  
de condição mui travessa,  
darei, porque não me esqueça,  
que é criado nas cavernas,  
e que somente entre as pernas  
gosta de ter a cabeça.

É bem feito pelas costas,  
que parece uma banana,  
com que as mulheres engana  
trazendo-as bem descompostas:  
nem boas, nem más respostas  
lhe ouviram dizer jamais,  
porém causa efeitos tais,  
que quem experimenta, os sabe,  
quando na língua não cabe  
a conta dos seus sinais.

É pincel, que cem mil vezes  
mais que os outros pincéis val,  
porque dura sempre a cal,  
com que caia, nove meses:  
este faz haver Meneses,  
Almadas, e Vasconcelos,  
Rochas, Farias, e Teles,  
Coelhos, Britos, Pereiras,  
Sousas, e Castros, e Meiras,  
Lancastros, Coutinhos, Melos.

Este, Senhora, a quem sigo,  
de tão raras condições,  
é caralho de culhões  
das mulheres muito amigo:  
se o tomais na mão, vos digo,



que haveis de achá-lo sisudo;  
mas sorumbático, e mudo,  
sem que vos diga, o que quer,  
vos haveis de oferecer  
a seu serviço contudo.

### **A UMA DAMA QUE LHE MANDOU UM CRAVO EM OCASIÃO, QUE SE LHE QUEIXAVA DE CERTO AGRAVO**

Nise, vossa formosura  
queixosa de certo agravo  
me dá hoje uma no cravo  
e a outra na ferradura:  
uma verde, outra madura  
achei no vosso craveiro,  
que o cravo é favor inteiro;  
mas cravo com queixa ao pé  
é o mesmo que dizer, que  
o gosto não, mas o cheiro.

Que mal fica ao meu intento,  
que o cheiro me queirais dar?  
dai-mo vós sempre a cheirar,  
que eu co cheiro me contento:  
quando um roçagante vento  
passa de uma em outra rosa,  
e de cada flor cheirosa  
lhe leva a fragrância inteira,  
se assim por seu modo a cheira,  
também por seu modo a goza.

Se com soberba, e jactância  
de uma flor tão rescendente  
me dais o cheiro somente,  
eu tomo a flor, e a fragrância:  
se eu entrar na verde estância,  
onde Amor vos tem disposto,  
crede do meu bom suposto,  
que em vendo o vosso craveiro,  
lhe hei de tomar não só o cheiro,  
mas hei de tomar-lhe o gosto.

Hei de ser como o vilão,

e com boa, ou com má fé,  
se vós me deres o pé,  
vos hei de tomar a mão:  
e se nem o pé me dão  
vossos rigores tão vãos,  
tão ímpios tão maus cristãos,  
nem por isso afrouxarei,  
porque outro pé buscarei,  
para beijar-vos as mãos.

Se o cheiro agora me toca,  
logo o gosto me dareis,  
que vós, Nise, bem sabeis,  
que ao nariz se segue a boca:  
nunca o bocado se emboca,  
sem que se cheire primeiro,  
agora me dais o cheiro,  
e depois que eu o cheirar,  
sei mui bem, que me heis de dar  
o vaso, e mais o craveiro.

Depois que o vaso tiver,  
que me dará vosso amor,  
hei de colher-vos a flor,  
se no vaso flor houver:  
se não sempre sois mulher,  
que na cabeça vos entre  
ser justo, se reconcentre  
minha carne em vossa olha,  
com que em vez de flor eu colha  
um fruto de vosso ventre.

#### **NOVAS DO MUNDO QUE LHE PEDIU POR CARTA UM AMIGO DE FORA POR OCASIÃO DA FROTA**

França está mui doente das ilhargas,  
Inglaterra tem dores de cabeça,  
Purga-se Holanda, e temo lhe aconteça  
Ficar debilitada com descargas.

Alemanha lhe aplica ervas amargas,  
Botões de fogo, com que convaleça.  
Espanha não lhe dá, que este mal cresça.

Portugal tem saúde e forças largas.

Morre Constantinopla, está unvida.  
Veneza engorda, e toma forças dobres,  
Roma está bem, e toda a Igreja boa.

Europa anda de humores mal regida.  
Na América arribaram muitos pobres.  
Estas as novas são, que há de Lisboa.

### **A UMA DAMA QUE TINHA UM CRAVO NA BOCA**

Vossa boca para mim  
não necessita de cravo,  
que o sentirá por agravo  
boca de tanto carmim:  
o cravo, meu serafim,  
(se o pensamento bem toca)  
com ele fizera troca:  
mas, meu bem, não aceiteis,  
porque melhor pareceis,  
não tendo o cravo na boca.

Quanto mais que é escusado  
na boca o cravo: porque  
prefere, como se vê  
na cor todo o nacarado:  
o mais subido encarnado  
é de vossa boca escravo:  
não vos fez nenhum agravo  
ele de vos dar querela,  
que menina, que é tão bela,  
sempre tem boca de cravo.

**POR AVISO CELESTIAL DAQUELA GRANDE PESTE, QUE CHAMARAM BICHA APARECEU UM FÚNEBRE, HORROROSO, E ENSANGUENTADO COMETA NO ANO 168 POUCOS DIAS ANTES DO ESTRAGO. ASSENTAVAM GERALMENTE, QUE ANUNCIAVA ESTERILIDADE, FOMES, E MORTES: POREM VARIAVAM NOS SUJEITOS DELAS, COMO COUSA FUTURA O POETA APLICA COMO MAIS PRUDENTE CONTRA OS QUE SE ASSINALAVAM EM ESCÂNDALOS NAQUELE TEMPO**

Se de estéril em fomes dá o cometa,  
não fica no Brasil viva criatura,  
Mas ensina do juízo a Escritura,  
Cometa não o dar, senão trombeta.

Não creio, que tais fomes nos prometa  
Uma estrela barbada em tanta altura;  
Prometerá talvez, e porventura  
Matar quatro saíões de impreialeta.

Se viera o cometa por coroas,  
Como presume muita gente tonta,  
Não lhe ficara Clérigo, nem Frade.

Mas ele vem buscar certas pessoas:  
Os que roubam o mundo com a vergonta,  
E os que à justiça faltam, e à verdade.

#### **A UMA DAMA QUE LHE PEDIU UM CRAVEIRO**

O craveiro, que dizeis,  
não vo-lo mando, Senhora,  
só porque não tem agora  
o vaso, que mereceis:  
porém se vós o quereis,  
quando por vós eu me abraso,  
digo em semelhante caso,  
sem ser nisso interesseiro,  
que vos darei o craveiro,  
se vós me deres o vaso.

#### **PRETENDE AGORA (POSTO QUE EM VÃO) DESENGANAR AOS SEBASTIANISTAS, QUE APLICAVAM O DITO COMETA À VINDA DO ENCOBERTO**

Estamos em noventa era esperada  
De todo o Portugal, e mais conquistas,  
Bom ano para tantos Bestianistas,  
Melhor para iludir tanta burrada.  
Vê-se uma estrela pálida, e barbada,  
E deduzem agora astrologistas  
A vinda de um Rei morto pelas listas,  
Que não sendo dos Magos é estrelada.

Oh quem a um Bestianista pergunta,  
Com que razão, ou fundamento, espera  
Um Rei, que em guerra d'África acabara?  
E se com Deus me dá; eu lhe dissera,  
Se o quis restituir, não o matara,  
E se o não quis matar, não o escondera.

**NA ERA DE 168 QUIMERIAVÃO OS SEBASTIANISTAS A VINDA DO ENCOBERTO  
POR UM COMETA QUE APARECEU O POETA PRETENDE EM VÃO DESVANECÊ-  
LOS TRADUZINDO UM DISCURSO DO PE. ANTONIO VIEIRA QUE SE APLICA A EL  
REI D. PEDRO II**

Ouçam os sebastianistas  
ao Profeta da Bahia  
a mais alta astrologia  
dos sábios Gimnosofistas:  
ouçam os Anabatistas  
a evangélica verdade,  
que eu com pura claridade  
digo em literal sentido  
que o Rei por Deus prometido  
é: quem? Sua Majestade.

Quando no campo de Ourique  
na luz de um raio abrasado  
viu Cristo crucificado  
El-rei Dom Afonso Henrique:  
para que lhe certifique  
afetos mais que fiéis,  
Senhor, disse, aos infiéis  
mostrai a face divina,  
não a quem a Igreja ensina  
a crer tudo, o que podeis.

E Deus vendo tão fiel  
aquele peito real,  
auspicando a Portugal,  
quis ser o seu Samuel:  
na tua Prole novel  
(diz) hei de estabelecer  
um império a meu prazer:  
e crê, que na atenuação  
da dezesseis geração

então hei de olhar, e ver.

A dezesseis geração  
por cômputo verdadeiro  
assevera o Reino inteiro  
ser o quarto Rei D. João:  
e da prole a atenuação  
(conforme a mesma verdade)  
vê-se em Sua Majestade,  
pois sendo de três varões  
com duas atenuações  
se tem posto na unidade.

Logo em boa consequência  
na Pessoa realçada  
de Pedro está atenuada  
desta Prole a descendência:  
logo com toda a evidência  
e a luz da divina luz  
se vê, que o Pedro conduz  
o olhar, e ver de Deus,  
que ao primeiro Rei, e aos seus  
prometeu na ardente cruz.

E se o tempo é já chegado,  
perguntem-no a Daniel,  
que no sétimo aranzel  
o traz bem delineado:  
diz o Profeta sagrado,  
que a quarta fera inumana  
tinha na testa tirana  
dez pontas, e que entre as dez  
uma de grã pequenez,  
surgiu com potência insana.

Que esta ponta tão pequena,  
mas tão potente, e tão forte  
a três das grandes deu morte  
cruel, afrontosa, e obscena:  
quer dizer, que a sarracena  
potência, ou poder tirano  
do pequeno Maometano  
tirara a seu desprazer  
as três partes do poder

do grande império Romano.

E que pelo prejuízo,  
que a pequena ponte fez,  
das dez maiores as três  
as chamou Deus a juízo,  
e as condenou de improviso  
ao fogo voraz, que as coma,  
e daqui o Profeta toma  
(pois Deus assim a condena)  
o fim da gente Agarena,  
e seita do vil Mafoma.

Continuando a visão,  
refere a história sagrada,  
que esta audiência acabada  
chagou Deus um Rei cristão,  
ao qual lhe entregou na mão  
seu império prometido;  
logo bem tenho inferido,  
que o sarraceno acabado  
é o tempo deputado  
de ser este império erguido.

E pois a gente otomana  
vendo esta sua ruína  
na luz da espada divina  
em tanta armada Austriana:  
pode a Nação Lusitana  
confiada neste agouro  
preparar a palma, e louro,  
para o Príncipe Cristão,  
que há de empunhar o bastão  
do império de Deus vindouro.

Pode a Nação Lusitana,  
que foi terror do Oriente  
confiar, que no Ocidente  
o será da Maometana:  
pode cortar a espadana  
em tal número, e tal soma,  
que, quando o tempo a corcoma,  
digamos com este exemplo,  
que abriu, e fechou seu templo

o Bifronte Deus em Roma.

Estes secretos primores  
não são da idéia sonhados,  
são da escritura tirados,  
e dos Santos Escritores:  
e se não cito os Doutores,  
e poupo esses aparatos,  
é, porque basta a insensatos  
por rudeza, e por cegueira,  
que em prosa o compôs Vieira,  
traduziu em versos Matos.

**POR OCASIÃO DO DITO COMETA REFLETINDO O POETA OS MOVIMENTOS QUE  
UNIVERSALMENTE INQUIETAVAM O MUNDO NAQUELA IDADE, O SACODE  
GERALMENTE COM ESTA CRISE**

Que esteja dando o Francês  
camoesas ao Romano,  
castanhas ao Castelhana,  
e ginjas ao Português:  
e que estejam todos três  
em uma seisma quieta  
reconhecendo esta treta  
tanto à vista, sem a ver.  
Será: mas porém a ser  
efeitos são do cometa.

Que esteja o Inglês mui quedo  
e o Holandês mui ufano  
Portugal cheio de engano,  
Castela cheia de medo:  
e que o Turco viva ledado  
vendo a Europa inquieta,  
e que cada qual se meta  
em uma cova a temer,  
tudo será: mas a ser  
efeitos são do cometa.

Que esteja o francês zombando,  
e a Índia padecendo,  
Itália olhando, e comendo,  
Portugal rindo, e chorando:



e que os esteja enganando,  
quem sagaz os inquieta,  
sem que nada lhes prometa!  
Será: mas com mais razão,  
segundo a minha opinião  
efeitos são do cometa.

Que esteja Angola de graça,  
o Marzagão cai não cai,  
o Brasil feito cambrai,  
quando Holanda feita caça:  
e que jogue a passa-passa  
conosco o Turco Maometa,  
e que assim nos acometa!  
Será, pois é tão ladino:  
porém segundo imagino,  
efeitos são do cometa.

Que venham os Franchinotes  
com engano sorrasteiro  
a levar-nos o dinheiro  
por troco de assobiotes:  
que as patacas em pipotes  
nos levem à fiveleta!  
Não sei se nisto me meta!  
Porém sem meter-me em rodas,  
digo, que estas cousas todas  
efeitos são do cometa.

Que venham homens estranhos  
às direitas, e às esquerdas  
trazer-nos as suas perdas,  
e levar os nossos ganhos!  
e que sejamos tamanhos  
ignorantes, que nos meta  
em debuxos a gazeta!  
Será, que tudo é pior:  
mas porém seja, o que for,  
efeitos são do cometa.  
Que havendo tantas maldades,  
como experimentado temos,  
tantas novidades vemos,  
não havendo novidades:  
e que estejam as cidades

todas postas em dieta,  
mau é: porém por decreta  
permissão do mesmo Deus,  
se não são pecados meus,  
efeitos são do cometa.

Que se vejam sem razão  
no extremo, em que se veem,  
um tostão feito um vintém,  
e uma pataca um tostão;  
e que estas mudanças vão  
fabricadas à curveta,  
sem que a ventura prometa  
nunca nenhuma melhora!  
Será: que pois o céu chora,  
efeitos são do cometa.

Que o Reino em um estaleiro  
esteja, e nesta ocasião  
haja pão, não haja pão,  
haja, não haja dinheiro:  
e que se tome em Aveiro  
todo o ouro, e prata invecta  
por certa via secreta;  
eu não sei, como isto é:  
porém já que assim se vê,  
efeitos são do cometa.

Que haja no mundo, quem tenha  
guisados para comer,  
e traças para os haver,  
não tendo lume, nem lenha:  
e que sem renda mantenha  
carro, carroça, carreta,  
e sem ter adonde os meta,  
dentro em si tanto acomode!  
Pode ser: porém se pode,  
efeitos são do cometa.

Que andem os oficiais  
como fidalgos vestidos,  
e que sejam presumidos  
os humildes como os mais:  
e que sejam presumidos

cavalgar sem a maleta,  
e que esteja tão quieta  
a cidade, e o povo mudo!  
Será: mas sendo assim tudo  
efeitos são do cometa.

Que se vejam por prazeres,  
sem repararem nas fomes  
as mulheres feitas homens,  
e os homens feitos mulheres:  
e que estejam os misteres  
enfronhados na baeta,  
sem ouvirem a trombeta  
do povo, que é um clarim!  
Será: porém sendo assim,  
efeitos são do cometa.

Que vista, quem rendas tem,  
galas vistosas por traça,  
suposto que bem mal faça,  
inda que mal, fará bem:  
mas que vista, quem não tem  
mais que uma pobre sarjeta,  
que lhe vem pela estafeta  
por milagre nunca visto!  
Será: porém sendo isto  
efeitos são do cometa.

Que não veja, o que há de ver  
mal no bem, e bem no mal,  
e se meta cada qual,  
no que não se há de meter:  
que queira cada um ser  
Capitão sem ter gineta,  
sendo ignorante profeta,  
sem ver, quem foi, e quem é!  
Será: mas pois se não vê,  
efeitos são do cometa.

Que o pobre, e rico namore,  
e que com esta porfia  
o pobre alegre se ria,  
e que o rico triste chore:  
e que o presumido more

em palácio sem boleta,  
e por não ter, que lhe meta,  
o tenha cheio de vento!  
Pode ser: mas ao intento  
efeitos são do cometa.

Que ande o mundo, como anda,  
e que se ao som do seu desvelo  
uns bailem ao saltarelo  
e os outros à sarabanda:  
e que estando tudo à banda,  
sendo eu um pobre Poeta,  
que nestas cousas me meta,  
sem ter licença de Apolo!  
Será: porém se eu sou tolo,  
efeitos são do cometa.

### **NECESSIDADES FORÇOSAS DA NATUREZA HUMANA**

Descarto-me da tronga, que me chupa,  
Corro por um conchego todo o mapa,  
O ar da feia me arrebatava a capa,  
O gadanho da limpa até a garupa.  
Busco uma Freira, que me desentupa  
A via, que o desuso às vezes tapa,  
Topo-a, topando-a todo o bolo rapa,  
Que as cartas lhe dão sempre com chalupa.  
Que hei de fazer, se sou de boa cepa,  
E na hora de ver repleta a tripa,  
Darei, por quem ma vaze toda Europa?  
Amigo. quem se alimpa da carepa,  
Ou sofre uma muchacha, que o dissipa,  
Ou faz da sua mão sua cachopa.

### **A UMA DAMA QUE SE DESVIAVA DE LHE FALAR**

*MOTE*

*Busco, a quem achar não posso.*

Amo sem poder falar,  
morro, porque quero bem,

o calar morto me tem,  
quero, mas quero calar:  
porque enfim hei de penar  
sendo toda vida vosso,  
pois por mais que me alvoroço  
largando as velas à fé,  
morro, meu amor, porque  
Busco, a quem achar não posso.

### **A UM LIVREIRO QUE COMEU UM CANTEIRO DE ALFACES**

Levou um livreiro a dente  
de alfaces todo um canteiro,  
e comeu, sendo livreiro,  
desenquadradamente:  
porém eu digo, que mente,  
o que nisso o quer culpar;  
antes é para notar,  
que trabalhou como um Mouro,  
que o meter folhas no couro  
também é enquadrar.

### **ELEGE PARA VIVER O RETIRO DE UMA CHÁCARA, QUE COMPROU NAS MARGENS DO DIQUE, E ALI CONTA, O QUE PASSAVA RETIRADO**

Por bem-afortunado  
Me tenho nestes dias,  
Em que habito este monte a par do Dique,  
Vizinho tão chegado  
Às Taraíras frias,  
A quem a gula quer, que eu me dedique.  
Aqui vem o Alfenique  
Das pretas carregadas  
Com roupa, de que formam as barrelas:  
Não serão as mais belas,  
Mas hão de ser por força as mais lavadas;  
E eu namorado desta, e aquel'outra  
De um a lavar me rende o torcer doutra.  
Os que amigos meus eram,  
Vêm aqui visitar-me;  
Amigos, digo, de uma e outra casta:  
Oh nunca aqui vieram,

Porque vêm agastar-me,  
E nunca deixam cousa, que se gasta.  
Outro vem, quando basta,  
Fazer nesta varanda  
Chacotas, e risadas,  
Cousas bem escusadas,  
Porque o riso não corre na quitanda,  
Corre de cunho a prata,  
E amizade sem cunho é patarata.  
A casa é espaçosa  
Coberta, e retelhada  
Com telha antiga de primeiro mundo,  
Palha seca, e frondosa  
Um tanto refohada  
Da que sendo erva Santa, é vício imundo;  
O torrão é fecundo  
Para a tal erva Santa:  
Porque esta negra terra  
Nas produções, que erra,  
Cria venenos mais que boa planta:  
Comigo a prova ordeno,  
Que me criou para mortal veneno.

## **DEFINIÇÃO DO AMOR**

Mandai-me, Senhores hoje  
que em breves rasgos descreva  
do Amor a ilustre prosápia,  
e de Cupido as proezas.  
Dizem, que da clara escuma,  
dizem, que do mar nascera,  
que pegam debaixo d'água,  
as armas, que Amor carrega.  
Outros, que fora ferreiro  
seu Pai, onde Vênus bela  
serviu de bigorna, em que  
malhava com grã destreza.  
Que a dous assopros lhe fez  
o fole inchar de maneira,  
que nele o fogo acendia,  
nela aguava a ferramenta.  
Nada disto é, nem se ignora,  
que o Amor é fogo, e bem era

tivesse por berço as chamas  
se é raio nas aparências.  
Este se chama Monarca,  
ou Semideus se nomeia,  
cujo céu são esperanças,  
cujo inferno são ausências.  
Um Rei, que mares domina,  
um Rei, o mundo sopeia,  
sem mais tesouro, que um arco,  
sem mais arma, que uma seta.  
O arco talvez de pipa,  
a seta talvez de esteira,  
despido como um maroto,  
cego como uma Topeira.  
Um maltrapilho, um ninguém,  
que anda hoje nestas eras  
com o cu à mostra, jogando  
com todos a cabra-cega.  
Tapando os olhos da cara,  
por deixar o outro alerta  
por detrás à italiana,  
por diante à portuguesa.  
Diz, que é cego, porque canta,  
ou porque vende gazetas  
das vitórias, que alcançou  
na conquista das finezas.  
Que vende também folhinhas  
cremos por cousa mui certa,  
pois nos dá os dias santos,  
sem dar ao cuidado tréguas;  
E porque despido o pintam,  
é tudo mentira certa,  
mas eu tomara ter junto  
o que Amor a mim me leva.  
Que tem asas com que voa  
e num pensamento chega  
assistir hoje em Cascais  
logo em Coima, e Salvaterra.  
Isto faz um arrieiro  
com duas porradas tesas:  
e é bem, que no Amor se gabe,  
o que o vinho só fizera!  
E isto é Amor? é um corno.  
Isto é Cupido? má peça.

Aconselho, que o não comprem  
ainda que lhe achem venda.  
Isto, que o Amor se chama,  
este, que vidas enterra,  
este, que alvedrios prostra,  
este, que em palácios entra:  
Este, que o juízo tira,  
Este, que roubou a Helena,  
este, que queimou a Tróia,  
e a Grã-Bretanha perdera:  
Este, que a Sansão fez fraco,  
este, que o ouro despreza,  
faz liberal o avarento  
é assunto dos Poetas:  
Faz o sisudo andar louco,  
faz pazes, ateia a guerra,  
o Frade andar desterrado,  
endoudece a triste Freira.  
Largar a almofada a Moça,  
ir mil vezes à janela,  
abrir portas de cem chaves,  
e mais que gata janeira.  
Subir muros, e telhados,  
trepar cheminés, e gretas,  
chorar lágrimas de punhos  
gastar em escritos resmas.  
Gastar cordas em descantes  
perder a vida em pendências,  
este, que não faz parar  
oficial algum na tenda.  
O Moço com sua Moça,  
o Negro com sua Negra,  
este, de quem finalmente  
dizem, que é glória, e que é pena.  
É glória, que martiriza,  
uma pena, que receia,  
é um fel com mil doçuras,  
favo com mil asperezas.  
Um antídoto, que mata,  
doce veneno, que enleia,  
uma discricção sem siso,  
uma loucura discreta.  
Uma prisão toda livre,  
uma liberdade presa,



desvelo com mil descansos,  
descanso com mil desvelos.  
Uma esperança, sem posse,  
uma posse, que não chega,  
desejo, que não se acaba,  
ânsia, que sempre começa.  
Uma hidropisia d'alma,  
da razão uma cegueira,  
uma febre da vontade  
uma gostosa doença.  
Uma ferida sem cura,  
uma chaga, que deleita,  
um frenesi dos sentidos,  
desacordo das potências.  
Um fogo incendiado em mina,  
faísca emboscada em pedra,  
um mal, que não tem remédio,  
um bem, que se não enxerga.  
Um gosto, que se não conta,  
um perigo, que não deixa,  
um estrago, que se busca,  
ruína, que lisonjeia.  
Uma dor, que se não cala,  
pena, que sempre atormenta,  
manjar, que não enfastia,  
um brinco, que sempre enleva.  
Um arrojo, que enfeitiça,  
um engano, que contenta,  
um raio, que rompe a nuvem,  
que reconcentra a esfera.  
Víbora, que a vida tira  
àquelas entranhas mesmas,  
que segurou o veneno,  
e que o mesmo ser lhe dera.  
Um áspide entre boninas,  
entre bosques uma fera,  
entre chamas Salamandra,  
pois das chamas se alimenta.  
Um basilisco, que mata,  
lince, que tudo penetra,  
feiticeiro, que adivinha,  
marau, que tudo suspeita  
Enfim o Amor é um momo,  
uma invenção, uma teima,

um melindre, uma carranca,  
uma raiva, uma fineza.  
Uma meiguice, um afago  
um arrufo, e uma guerra,  
hoje volta, amanhã torna,  
hoje solda, amanhã quebra.  
Uma vara de esquivanças,  
de ciúmes vara e meia,  
um sim, que quer dizer não,  
não, que por sim se interpreta.  
Um queixar de mentirinha,  
um folgar muito deveras,  
um embasbacar na vista,  
um ai, quando a mão se aperta.  
Um falar por entre dentes,  
dormir a olhos alerta,  
que estes dizem mais dormindo,  
do que a língua diz discreta.  
Uns temores de mal pago,  
uns receios de uma ofensa  
um dizer choro contigo,  
choromingar nas ausências.  
Mandar brinco de sangrias,  
passar cabelos por prenda,  
dar palmitos pelos Ramos,  
e dar foliar pela festa.  
Anel pelo São João,  
alcachofras na fogueira,  
ele pedir-lhe ciúmes,  
ela sapatos, e meias.  
Leques, fitas, e manguitos,  
rendas da moda francesa,  
sapatos de marroquim,  
guarda-pé de primavera.  
Livre Deus, a quem encontra,  
ou lhe suceder ter Freira;  
pede-vos por um recado  
sermão, cera, e caramelas.  
Arre lá com tal amor!  
isto é amor? é quimera,  
que faz de um homem prudente  
converter-se logo em besta.  
Uma bofia, uma mentira  
chamar-lhe-ei mais depressa,

fogo salvaje nas bolsas,  
e uma sarna das moedas.  
Uma traça do descanso,  
do coração bertoeja,  
sarampo da liberdade,  
carruncho, rabuge, e lepra.  
É este, o que chupa, e tira  
vida, saúde, e fazenda,  
e se hemos falar verdade  
é hoje o Amor desta era  
Tudo uma bebedice,  
ou tudo uma borracheira,  
que se acaba co dormir,  
e co dormir se começa.  
O Amor é finalmente  
um embaraço de pernas,  
uma união de barrigas,  
um breve temor de artérias.  
Uma confusão de bocas  
uma batalha de veias,  
um rebuliço de ancas,  
quem diz outra coisa, é besta.

**A DOIS IRMÃOS FULANOS DA CRUZ, QUE FORAM PRESOS POR FURTAREM UM  
ESPADIM A UM SURDO DA PRAIA, TENDO JÁ FURTADO UMAS SALVAS, QUE  
PEDIRAM EMPRESTADO PARA TIRAREM A ESMOLA PARA N. SENHORA DA  
PALMA DE QUE FORAM DEGRADADOS PARA ANGOLA**

As cruces dos dous ladrões,  
ou os dous ladrões das cruces  
com capa dos arcabuzes  
armaram aos taralhões:  
mas vendo, que estas ações  
lhes não tinha a pança cheia,  
a vil canalha plebéia  
por comer à tripa forra,  
sem recear a masmorra  
meteu-se, e chegou a ceia.  
Consumando o seu intento  
por infames malfeitores,  
à sentença dos maiores  
foram para um aposento:  
e se o seu merecimento

é castigo temerário,  
pena é muito ao contrário,  
que quem calvários só quer  
os não mandam padecer  
noutras cruzes ao calvário.  
E fora mui justa lei,  
que a qualquer ladrão previsto,  
inda chamando por Cristo,  
lhe não valesse o pequei:  
e se hoje o memento mei  
não acode a um patifão  
por judaica geração,  
se tira por consequência,  
que é por sua violência  
cada qual mui mau ladrão.  
Porém o seu pensamento  
antevendo a perdição  
com capa de devoção  
cuidou ir a salvamento:  
e pedindo a bom intento  
os dous duas salvações  
foram em tais conjunções,  
se bem careciam dalvas,  
que dando-lhe as culpas salvas  
se ficaram bons ladrões.  
As salvas foram pedidas,  
e sendo enfim emprestadas,  
depois de lhas terem dadas,  
foram salvas, e perdidas:  
e com ser às escondidas  
o pedido, que as assola,  
triunfando vão para Angola,  
pois se levanta a sua alma  
tirando a esmola da Palma  
com o Santo, e com a esmola.  
Outros crimes mais atrozes  
têm os dous Judas malvados,  
que justamente culpados  
os publicam muitas vozes:  
porque os delitos ferozes  
no seu inútil estado  
os criminam de contado,  
e são no erro inaudito  
um Judas para o bendito

inimigo do Louvado.  
Vendo ao pobre varão  
de grave espadim à cinta,  
conhecendo-o pela pinta  
o tomam de guarnição:  
e andando de mão em mão  
foi o espadim consumido  
pelo valor atrevido,  
e o mesmo espadim achado  
para eles foi deparado,  
e para ele foi corrido.  
Pelas cruzes foi tomado,  
e o que a todos mais atonta,  
é, que não foi pela ponta  
por um, ou outro Soldado:  
mas como o valor mostrado  
era em passos tão ligeiro,  
chegou ao Cabo primeiro,  
para levar tudo ao punho,  
que só por força tem cunho,  
ou cruzes o seu dinheiro.  
Suspenso o mundo, e absorto  
pasma em tal desassossego  
maltratar um surdo a um cego,  
que o seu direito é ser torto:  
pois quando viu Cristo morto  
com a lança o investiu,  
e ele de cego sentiu  
de então toda a vista ter,  
Linguinhos viu por não ver,  
e ele chegou, porque viu.  
E se pelo atrevimento  
de tão grandes desaforos  
merecem dous mil estouros,  
não é castigo violento:  
que se fora a meu contento,  
os queimaram logo logo,  
e não satisfaz meu rogo  
ter sentença de água fria,  
quem somente merecia,  
que lhe pusessem o fogo.  
Porém, Senhores, porém  
é escusado o falar,  
nem mais pareceres dar,

já que remédio não tem:  
e se do degredo vêm  
e sai seu intento à luz,  
vinguem-se logo de um plus,  
que se governa até o cabo,  
guarde-se a cruz do diabo,  
não o diabo da cruz.

### **MANAS, DEPOIS QUE SOU FREIRA**

#### *MOTE*

*É do tamanho de um palmo  
com dous redondos no cabo.*

Manas, depois que sou Freira  
apoleguei mil caralhos,  
e acho ter os barbicalhos  
qualquer de sua maneira:  
o do Casado é lazeira,  
com que me canso, e me encalmo,  
o do Frade é como um salmo  
o maior do Breviário:  
mas o caralho ordinário  
É do tamanho de um palmo.  
Além desta diferença,  
que de palmo a palmo achei,  
outra cousa, que encontrei,  
me tem absorta, e suspensa:  
é, que diz correndo a imensa  
grandeza daquele nabo,  
quando o fim vi do diabo,  
achei, que a qualquer jumento  
se lhe acaba o comprimento  
Com dous redondos no cabo.

### **AS TRÊS IRMÃS FORMOSAS DAMAS PARDAS, QUE MORAVAM NO AREAL**

Ontem vi no Areal  
a trindade das formosas,  
que consta de uma beleza  
repartida em três pessoas.

Três Irmãs Ana, Leonor,  
e a discreta Maricota,  
três pessoas tão distintas  
e uma beleza entre todas.  
Três pessoas, e uma só  
beleza a trindade soa,  
unidade em formosura,  
sendo a trindade das moças.  
Mas eu com sua licença  
quisera escolher de todas  
Maricas por mais discreta,  
já que não por mais formosa.  
Por mais formosa também  
escolhera a Maricota,  
que a vantagem da beleza  
está no olhar de quem olha.  
Não consiste em realidade  
a beleza de uma moça;  
consiste na inclinação  
de quem dela se enamora.  
Eu como tão inclinado  
aos olhos de Maricota  
com licença das Irmãs  
a escolho por mais formosa.  
Os olhos se vão as mais,  
e o coração pede outra,  
e o dividir a trindade  
é d'almas pouco devotas.  
Mas em tal perplexidade,  
e em tal pena, em tal afronta,  
há de fazer a eleição  
o que disser essa copla.

#### DÉCIMA

Dá-me Amor a escolher  
de duas uma devota,  
Leonor, ou Maricota,  
e eu me não sei resolver:  
se me hei de vir a perder  
pela minha inclinação  
tomando uma, e outra não,  
quero, que me dê Amor

Maricota, e Leonor,  
por não errar na eleição.

**A UM NEGRO DE ANDRE DE BRITO SOLICITADOR DE SUAS DEMANDAS  
GRANDE TRAPACEIRO, E ALCOVITEIRO CHAMADO O LOGRA, A QUEM UM  
IMAGINÁRIO VAZOU UM OLHO**

Está o Logra torto? é cousa rara!  
Diz que um olho perdeu por uma puta;  
Barato o fez, que há puta dissoluta,  
Que me quer arrancar ambos da cara.  
Oh quem tão baratinho amor comprara,  
Que um olho é pouco preço sem disputa;  
Se não diga-o Betica, que de astuta  
Mais de uma dúzia de olhos me almoçara.  
Saí desta canalha tão roido,  
E deixaram-me Harpias tão roubado,  
Que não logrei da vista um só sentido.  
Não foi o Logra não mais desgraçado,  
Porque posto que um olho tem perdido,  
O outro lhe ficou para um olhado.

**AO MESMO CRIOULO, E PELO MESMO CASO**

Estou pasmado e absorto,  
de que o Logra em qualquer pleito  
curasse do seu direito,  
e agora cure do torto:  
ele fora mui bem morto,  
porque outra vez não insista  
ir, onde se lhe resista:  
mas se noutras ocasiões  
requeria execuções,  
agora pedirá vista.

Ia o Logra perseguindo  
pela rua de São Bento  
certo calcanhar bichento,  
e ia-lhe a Negra fugindo:  
quando a Dafne foi seguindo  
Apolo pastor de Admeto:  
ela por alto decreto



em Louro transfigurou-se,  
e agora desfigurou-se,  
ao Logra, que fica em preto.

A Negra sumiu-se, e quem  
não sabe na medicina,  
que em se perdendo a menina,  
se perde o olho também:  
andou o Logra mui bem  
em perder o olho então,  
porque noutra ocasião  
saibam, que o Logra acertado  
se co'a preta é desgraçado  
com a branca é um Cipião.  
Dizem as Putas por cá  
com rostos muito serenos,  
que o Logra c'um olho menos  
menos as vigiará:  
mas quem não afirmará  
neste azar, nesta agonia,  
que as Putinhas da Bahia  
ficam de melhor emprego,  
que as guiava um amor cego,  
e já agora um torto as guia.

Se é certo, que ele investia  
as Damas, que acarretava,  
quem com olhos se cegava,  
sem olhos o que faria?  
agora é, que eu temeria,  
que ele me guiasse a Dama,  
porque suposto que as chama,  
será para a sua estufa,  
porque quem fechou a adufa,  
trata já de ir para a cama.  
O imaginário impio  
quis-lhe o vulto reformar,  
e em vez de o aperfeiçoar,  
botou-lhe a longe o feitio:  
saltou-lhe uma lasca em fio,  
e no caso que saltasse,  
quis Deus, que o olho lascasse,  
porque o escultor estulto  
ou corresse ao Logra o vulto,

ou de todo o acabasse.  
O Imaginário, que há  
de todas tantas vantagens,  
diz, que é mau para as imagens  
o pau de Jacarandá:  
mas que outra imagem fará  
tão bela, e perfeita, que  
sina entre as outras da Sé,  
ou que de outro pau, que engenha,  
fará um São Miguel, que tenha  
o demo do Logra ao pé.

O Logra ficou zarolho,  
porque o homem na estacada  
lhe deu tão boa pancada,  
que foi pancada do olho:  
correu logo tanto molho  
pela cara, que ao cair,  
quem foi ali acudir,  
disse, que quando chorava  
o Logra, ao olho cantava  
"ojos, que lo vieron ir".

Pelo seu olho gritava,  
e quem o não entendia  
outra cousa parecia,  
que no olho lhe passava:  
e demais gente, que estava  
na casa atrás do rumor,  
vendo o Logra em tanta dor  
com o olho fora da cara,  
cria, que era, o que o vazara,  
prateiro, e não escultor.

Dizem por esta Cidade,  
que seu Senhor enfadado  
de o ver todo, e desairado  
lhe quer dar a Liberdade:  
bom fora metê-lo frade  
na Arrábida, ou em Buçaco,  
onde vestido de saco  
dê graças ao Criador,  
que em estado o pôs melhor  
para ser maior velhaco.

## **A MEDIDA PARA O MALHO**

*MOTE*

*Não quero mais do que tenho.*

A medida para o malho  
pela taxa da Cafeira,  
que tem do malho a craveira,  
são dous palmos de caralho:  
não quer nisto dar um talho,  
e eu zombo do seu empenho,  
pois tendo um palmo de lenho,  
com que outras putas desalmo,  
inda que tenho um só palmo,  
Não quero mais do que tenho.

## **A UMA PENDÊNCIA QUE TEVE O MULATO QUIRINGA COM UM MOURO NA CADEIA, PELA QUAL FOI CASTIGADO: ESTANDO O POETA NESSA OCASIÃO TAMBÉM PREZO**

Vendo tal desenvoltura,  
como vai nesta cadeia,  
quis também a minha veia  
fazer uma travessura:  
inda a memória me dura  
dos mulatetes maraus,  
quando entre desares maus  
o pobre do nosso Mouro,  
indo jogar prata, e ouro,  
saiu-lhe o trunfo de paus.  
Entre bem e mal fadado  
foi o Mouro em sua lei  
batizado por um Rei,  
por um Mulato crismado:  
ele ficou estirado,  
vendo tanta matinada  
de uma pendência causada;  
e eu quase fiquei absorto,  
de que vendo um Mouro morto  
ninguém lhe desse a lançada.

Com sair-lhe o ano mau,  
diz ele, que outro tal venha,  
pois será ano de lenha  
um ano de tanto pau:  
o Mouro é mui vaganau,  
e é tal o descoco seu,  
que mal da terra se ergueu,  
tão desaforado está,  
que diz, que se lhe não dá  
do muito, de se lhe deu.

O Quiringa valentão  
por unir esta pendência,  
se não ganhou indulgência,  
teve um ano de perdão:  
pôs-se em pé o velhacão  
recebendo as alabanças,  
e eu entre tantas mudanças  
a guitarra lhe cantei:  
"servio na moxinga a El-Rei  
un Quiringa con dos lanças".

### **ADMIRÁVEL EXPRESSÃO DE AMOR MANDANDO-SE-LHE PERGUNTAR, COMO PASSAVA**

Aquele não sei quê, que Inês te assiste  
No gentil corpo, na graciosa face,  
Não sei donde te nasce, ou não te nasce,  
Não sei, onde consiste, ou não consiste.  
Não sei quando, ou como arder me viste,  
Porque Fênix de amor me eternizasse,  
Não sei, como renasce, ou não renasce,  
Não sei como persiste, ou não persiste.  
Não sei como me vai, ou como ando,  
Não sei, o que me dói, ou porque parte  
Não sei, se vou vivendo, ou acabando.  
Como logo meu mal hei de contar-te,  
Se de quanto a minha alma está penando,  
Eu mesmo, que o padeço, não sei parte.

### **MULATINHAS DA BAHIA**

## MOTE

*Vós dizeis, que arromba arromba:  
não se arromba desse modo;  
quem o tem apertadinho,  
não o quer aberto logo.*

Mulatinhas da Bahia,  
que toda a noite em bolandas  
correis ruas, e quitandas  
sempre em perpétua folia,  
porque andais nesta porfia,  
com quem de vosso amor zomba?  
eu logo vos faço tromba,  
vós não vos dais por achado,  
eu encruzo o meu rapado,  
Vós dizeis arromba arromba.

Nenhum propósito tem,  
o que dizeis, e o que eu faço,  
que eu fujo do vosso laço,  
e vós botais fora o trem:  
e se eu o cubro tão bem,  
e o tenho escondido todo,  
de donde tirais o engodo  
para arrombar, a quem zomba?  
Vós cuidais, que assim se arromba?  
Não se arromba desse modo.  
É necessário, que eu queira,  
e que vos diga, que sim,  
que me ponha assim, e assim  
a jeito, e em boa maneira:  
que descubra a dianteira,  
e entregando o passarinho  
lho metais devagarzinho,  
pois qualquer mulher se sente,  
que entre de golpe, mormente  
Quem o tem apertadinho.  
A mulher fonte de enganos  
por melhor aproveitar-se  
começa hoje a desonrar-se,  
e acaba de hoje a dez anos:  
e já quando os desenganos

publicam com desafogo  
ser mais quente do que o fogo  
não se deixa revolver,  
e por mais virgos vender,  
Não o quer aberto logo.

## **AJUÍZA AS DIFERENÇAS, E TOTAL DIVORCIO DE PORTUGAL COM CASTELA PROFETIZADAS MUITO ANTES PELOS PRUDENTES**

### *MOTE*

*Portugal, e mais Castela  
nunca foram bem casados:  
agora estão separados,  
dizem, que as causas deu ela.*

Tão por força e sem razão  
não pode haver bem casados,  
nem de ânimos encontrados  
se fez perfeita união:  
quis casar Dona Ambição  
por traças, e com cautela,  
mas ouvindo dele, e dela  
o mundo as cousas, a fama  
diz, que hão de brigar na cama  
Portugal, e mais Castela.  
Porém já depois de feito  
este inválido contrato  
Portugal pelo mau trato  
conhece as causas do efeito:  
que se uns casam por respeito,  
outros de amos obrigados,  
Castela só por cruzados  
se casou com Portugal,  
mas como a causa foi tal,  
Nunca foram bem casados.  
Foi por força recebido  
o Noivo de outro jurado,  
e se ficou mal casado,  
justamente é dividido:  
veio a ser restituído  
por caminhos não cuidados,  
porque bens não esperados

têm diferente valia,  
e estes, que a fortuna unia,  
Agora estão separados.  
O tempo desordenado  
se ordenou em caso tal,  
ficou livre Portugal  
com clandestino julgado:  
que se por caso há intentado  
desquitar-se com cautela,  
foi o ver-se livre dela  
por inspiração divina,  
porém de Espanha a ruína,  
Dizem, que as causas deu ela.

### **É MEU DAMO TANTO MEU**

#### *MOTE*

*Do meu Damo estou contente,  
Que diz, que por mim derrama  
Muitas lágrimas na cama,  
Não sei, se é assim ou se mente.*

#### GLOSA

É meu Damo tanto meu,  
e tão namorado está,  
que facilmente me dá,  
tudo quanto Deus lhe deu:  
também o que tenho, é seu,  
e assim reciprocamente  
convém, que este amor se aumente,  
e nesta igualdade enfim  
se está contente de mim,  
Do meu Damo estou contente.

Chora amante, e com verdade  
vendo, e deixando de ver:  
vendo chora com prazer;  
não vendo com saudade:  
nesta pois conformidade  
cada qual de nós se inflama,

e eu com quem tão bem me ama,  
quisera no mesmo estilo,  
que em mim derramara aquilo,  
Que diz, que por mim derrama.  
É tenro, amoroso, e brando,  
sendo no trabalho duro,  
e se com queixas o apuro,  
dá satisfações chorando:  
de sorte que vive amando,  
e diz, que tanto se inflama,  
que ele só sente, e derrama,  
e que ele só pena, e adora,  
que chora na grade, e chora  
Muitas lágrimas na cama.  
Chora de noite, e de dia  
sempre a agradar-me disposto  
lágrimas, que me dão gosto,  
porque nascem de alegria:  
de sorte que eu chore, ou ria,  
sempre me faz só contente,  
e quando estas ânsias sente,  
diz, que estas lágrimas são  
sangue do seu coração,  
Não sei, se é assim ou se mente.

#### **A UMA NEGRA CHAMADA EVA RECOLHIDA DE UM CLÉRIGO EM MARÉ, QUE ENGANOU AO POETA FAZENDO-O ESPERAR**

Não me maravilha não  
que a matar-me se me atreva  
uma Eva, pois outra Eva  
já fez pecar outro Adão:  
nem é para admiração,  
que quem com lindeza muita  
tanto alvedrio desfruta,  
o meu desfrutar intente,  
nem que com fruita me tente,  
sendo eu amigo da fruita.  
Eu me vejo embaraçado  
no meio, que hei de tomar,  
tudo há de vir a parar  
em deixar-me ela esquentado:  
darei em desesperado,



irei um dia enforcar-me  
com ela, por não matar-me,  
e ao faltar soga d'El-Rei,  
algum pêlo lhe acharei,  
em que possa espernegar-me.

Pois me deu palavra, e mão,  
creio, que não mentirá,  
senão novo não será,  
que uma Eva engane a Adão:  
alguma serpe, ou dragão  
anda por esse pomar,  
que veio a Eva enganar,  
para ela enganar-me a mim,  
coma eu da fruíta enfim,  
peque embora quem pecar.

E se o Padre chamar,  
que venha estar em juízo,  
direi com todo o meu siso,  
Senhor, são erros de amar:  
esta Eva, ou este azar,  
que me destes por mulher,  
diz, que Deus havia ser,  
quem do seu pomo comesse,  
e eu porque Deus parecesse,  
co Demo me fui meter.  
Bem sei eu, que era impossível  
ser Deus, e fazer pecado,  
mas a serpe me há enganado,  
ou Eva, que é mais terrível:  
esta carne tão sensível,  
tão fraca, e tão miseranda  
pelo perdão vos demanda:  
indulto, indulto, Senhor,  
que um preso de amor  
em artos infernos anda.

E pois me diz, que serei  
o Deus da sua vontade,  
ou me fale, ou não verdade  
da fruíta lhe provarei:  
inda que então me verei  
dos pés até à carantonha

despido, e cheio de ronha,  
posto em tamanha lazeira,  
folhas dera-me a figueira  
para cobrir a vergonha.  
Se fora do Paraíso  
derem comigo em alberca,  
como a tal Eva não perca,  
vai pouco, em que perca o siso:  
basta, que um Anjo Narciso  
se não ponha por meu mal  
na porta do terreal,  
para a entrada defender,  
que eu não mereço Anjos ver  
estando em culpa mortal.  
E se sobre este desgosto  
tiver por condenação,  
que vá comer o meu pão  
com o suor do meu rosto:  
tudo levarei com gosto  
por uma Eva tão bela,  
tão guardada tão donzela,  
que claro está, hei de andar  
eu, e ela a trabalhar,  
pois hei de trabalhar nela.  
Em vez de belota má,  
que comeram nossos Pais,  
teremos melões reais,  
que é belota de cá:  
cavando aqui, e acolá,  
nos verão todos os dias  
comer ricas melancias;  
inda que seja o bocado  
tão trabalhado, e suado,  
mais val suor, que sangrias.  
Eva falta, e Eva mente,  
e tem-me enganado enfim,  
com que a Eva para mim  
é pior, que uma serpente:  
a serpente incontinenti  
deixou-a Deus condenada,  
que andasse sempre arreitada  
co'a barriga para o chão,  
e eu ponho a Eva a pensão,  
que ande de costas virada.

Se ela de costas andara,  
à fé, que eu a impingira,  
à fé, que não me mentira,  
nem agora eu me queixara:  
se ela me não enganara,  
não dera as minhas propostas  
respostadas por respostas:  
andara, qual sempre andou,  
mas pois Eva me enganou  
mando, que ande Eva de costas.

### **SENHOR SOLDADO DONZELO**

Senhor soldado donzelo  
a quem custa mais fadiga  
dormir uma rapariga  
do que ganhar um castelo:  
se o pistolete é de ourelo  
e anda sempre desarmado  
crede que sois mau soldado  
porque na venérea classe  
vai pouco que a velha entrasse  
se o moço tivesse entrado.  
Suponho que o neto entrasse  
e viesse logo a avó  
tereis vós o vosso nó  
e a velha que o desatasse:  
se acaso vos assaltasse  
na vossa cama, ou retiro  
todo um exército em giro  
e armado lhe aparecêreis,  
vós algum risco corrêreis,  
mas daríeis vosso tiro.

Assim mesmo conjeturo  
nos rencontros de Cupido  
trazeis vós o perro enguido  
que o tiro eu vo-lo asseguro:  
se vós o tivéreis duro  
e fôreis fazendo ilhós  
nas moças, que estavam sós  
à fé que o não taparia  
Avó, nem menos a Tia,

dez Tias, nem trinta Avós.  
Vós conversando, ela rindo  
se perde do logro a era:  
que importa que a Avó viera  
se vós vos tivéreis vindo?  
Como estais sempre cumprindo  
com cerimônias cruéis,  
por isso sois, e sereis  
(perdendo contentamentos)  
um homem de cumprimentos  
porém nunca cumprireis.  
Dizem, que quem perde o mês,  
contudo não perde o ano,  
mas neste caso magano  
perde o ano quem perde a vez:  
já vós, por seres má rês,  
perdestes noutra hora a sorva:  
sempre achais, quem vos estorva,  
e perdestes, a ocasião,  
sem que houvesse velha então,  
que vos mijasse na escorva.  
Amigo, a pura verdade  
é que a velha do socrócio  
não desfez este negócio;  
bem o faz a mocidade:  
culpai vossa frialdade  
que a velha não fez o dano,  
e senão, por desengano,  
e contra o mal das Avós  
tomai cantárida em pós  
ou metei-vos franciscano.

#### **DESPEDIDA EM CANTIGAS AMOROSAS QUE FAZ A UMA DAMA QUE SE AUSENTAVA**

Já vos ides, ai meu bem!  
já de mim vos ausentais?  
morrerei de saudades,  
se partis, e me deixais.

É forçoso este argumento,  
tem conclusão infalível,  
ires vós, e ficar eu,

meu amor, com é possível?  
Meu amor, sem vós não sei,  
como poderei ficar,  
se vós partis, morrerei  
ao rigor do meu pesar.  
Esperai detende o passo,  
que cada arranco, que dais,  
sendo a vida da minha alma,  
alma, e vida me levais.  
Ó que rigoroso transe,  
e saudosa despedida!  
já sinto efeitos da morte  
com os efeitos da vida.  
Lágrimas aljofaradas,  
como assim vos despenhais,  
sem atender tiranias,  
nem atender a meus ais.  
Adeus de mim muito amada  
Prenda, que me dais mil dores,  
como mais não hei de ver-vos,  
adeus, adeus, meus amores.

**A DOMINGOS NUNES DO COUTO VIZINHO DO POETA A QUEM BURLARAM  
UNS AMIGOS FINGINDO-SE OFICIAIS DE JUSTIÇA, E BATENDO  
ESTRONDOSAMENTE NA PORTA, ELE COMO CRIMINOSO FUGIU PELO QUINTAL  
FAZENDO, E PADECENDO TUDO, O QUE O POETA PINTA**

Ontem sobre a madrugada  
à porta do meu vizinho  
foi bater certo meirinho  
com toda a justiça armada:  
o vizinho à matinada  
de tão grande rebuliço,  
quis logo erguer o toutiço,  
mas não deu passo o coitado,  
que ficou embasbacado,  
porque era tudo feitiço.  
A um bater tão porfiado,  
que ele atento porfiou,  
quando se desenganou,  
então foi mais enganado:  
cuidou, que era já tomado  
da Justiça, que madruga:

ergue-se, dizendo esbruga,  
e tendo por justa causa  
cantar-lhe a turba sem pausa,  
lhe quis responder com fuga.  
"Cerca, cerca o aposento",  
e apenas ele ouviu tal,  
tinha varado o quintal  
a sua pá como um vento:  
achou por impedimento  
espinhas de um limoeiro,  
um bosque, um tronco, um madeiro,  
e tudo isto quanto achou,  
um só Nunes arrastou,  
como se fora um Ribeiro.  
Com tanto medo no rabo  
o levou com mil pesares  
a Justiça pelos ares,  
como se fora o diabo:  
achando-se já por cabo  
no mar entre mil cardumes,  
hoje faz muitos queixumes  
aos frateros, e fratelas,  
de que tem dor de canelas,  
sem ninguém lhe dar ciúmes.  
Sobre isto teima, e porfia  
da dor entre os desatinos,  
que com tão maus Teatinos  
não quer fazer companhia:  
que de noite, nem de dia  
há de ir aos homiziados,  
e a mais que venham soldados,  
antes ir preso se atreve  
do que por culpa tão leve  
sofrer brincos tão pesados.  
Não remoqueia às escuras,  
mas diz muito claramente,  
que antes preso a uma corrente,  
que sofrer estas solturas:  
queixa-se em tais desventuras  
ao Surgião, e ao Barbeiro,  
dizendo por derradeiro  
lastimoso, e lastimado,  
que o chasco o tem tão picado,  
que lhe criara um unheiro.

Queixa-se de que a Mãe velha  
lhe nascesse nesta festa  
um bom corno sobre a testa  
como vaca, sendo ovelha:  
a Mãe como velha relha  
está sobre a testa inchada  
de praguejar tão cansada,  
que diz, que antes de morrer  
sobre o Lobinho há de ver  
a justiça, justiça da.  
Curando-se o Filho estava,  
a casa se confundia,  
a crioula lhe carpia,  
e a tal velha praguejava:  
tudo em confusão andava,  
o ferido a se curar,  
a crioula a trabalhar,  
o Surgião a ir, e vir,  
toda a Justiça a se rir,  
quando a Velha a praguejar.

#### **PINTURA GRACIOSA DE UMA DAMA CORCOVADA**

Laura minha, o vosso amante  
não sabe, por mais que faz,  
quando ides para trás,  
nem quando para diante:  
olha-vos para o semblante,  
e vê no peito a cacunda,  
é força, que se confunda,  
pois olha para o espinhaço,  
e vendo segundo inchaço,  
o tem por cara segunda.  
Com duas corcovas postas,  
que amante não duvidara,  
se tendes costas na cara,  
se trazeis a cara às costas:  
quem fizer sobre isso apostas,  
não é de as ganhar capaz,  
que a vista mais perspicaz  
nunca entre as confusas ramas  
vê, se as pás trazeis nas mamas,  
se as mamas trazeis nas pás.

Entre os demais serafins,  
que há ali de belezas raras,  
só vós tendes duas caras,  
e ambas elas mui ruins:  
quem vos for buscar os rins,  
que moram atrás do peito,  
nunca os há de achar a jeito,  
crendo, que adiante estão,  
com que sois mulher, que não  
tem avesso, nem direito.  
Vindo para mim andando,  
cuido (como é cousa nova  
trazer no peito a corcova)  
que vos ides ausentando:  
cuido (estando-vos olhando  
no peito o corcoz tremendo)  
que às costas vos estou vendo:  
e porque vos vejo assim  
vir co'a giba para mim,  
que as costas me dais, entendo.  
A vossa corcova rara  
deixe o peito livre, e cru,  
ou crerei, que é vosso cu  
parecido à vossa cara:  
e se acaso vos enfara  
dar-vos por tão verdadeira  
esta semelhante asneira,  
por mais que vos descontente,  
hei de crer, que é vossa frente  
irmã da vossa traseira.  
Um bem tem vosso aleijão  
mui útil, a quem vos ama,  
e é, que haveis de dar na cama  
mais voltas do que um pião:  
se o pião de um só ferrão  
voltando em giros contínuos  
dá gostos tam peregrinos,  
vós pião de dois ferrões  
sereis sem comparações  
desenfado dos meninos.

**VEM, QUE ESTOU PARA TAS DAR**



## MOTE

*Dá-mas, Mana, que tas dou,  
que tas estou esperando,  
mete-me a língua na boca,  
enquanto tas estou dando.*

Vem, que estou para tas dar,  
chega-te, vida, que morro,  
necessito de socorro,  
não me queiras acabar:  
estou já para estalar,  
não me ajudas, por quem sou?  
que para tas dar estou:  
pois que é isto? tanto tardas?  
acaba, vida, que aguardas?  
Dá-mas, Mana, que tas dou.  
Meu coração, que me abraso,  
morro com tão lindo gosto,  
que em perigo me tem posto  
gosto de tão lindo vaso:  
vê, que se vem passo a passo  
estas lágrimas chegando:  
dize, meu bem, para quando,  
hão de ser? olha, que vem:  
acaba, dá-mas, meu bem,  
Que tas estou esperando.  
Acrescenta o excessivo,  
para o gosto acrescentar,  
não queiras, vida, matar,  
a quem morre, estando vivo:  
e se em modo tão esquivo  
o gosto sempre se apouca,  
por que seja igual a troca,  
que fazemos neste caso,  
pois tens o membro no vaso,  
Mete-me a língua na boca.

Hás, pois, vida, de advertir  
que em modo tão sublimado  
se acha menos desmaiado,  
quem mais se deixa dormir:  
para mais tempo sentir,  
o que estamos trabalhando,

quisera, vida, que quando  
me canso para tas dar,  
nunca quisera acabar,  
Enquanto tas estou dando.

### **DESCREVE O QUE LHE ACONTECEU EM S. GONÇALO DO RIO VERMELHO COM AVISTA DE UMA DAMA FORMOSA, E BEM ADORNADA**

Fui à missa a São Gonçalo,  
e nunca fora à tal missa,  
que uma custa dous tostões,  
e esta há de custar-me a vida.  
Estava eu fora esperando,  
que o Clérigo se revista,  
quando pela igreja entrou  
o sol numa serpentina.  
Uma mulher, uma flor,  
um Anjo, uma Paraninfa,  
sol disfarçado em mulher,  
e flor em Anjo mentida.  
Fui ver a metamorfoses,  
vi uma moça divina  
ocasionada da cara,  
quando arriscada de vista.  
Onde tal risco se corre,  
ou onde tanto se arrisca,  
que menos se há de perder,  
que a liberdade, e a vida.  
Desde então fui seu cativo,  
seu morto daquele dia,  
e dentre ambos quis Amor,  
que só o cativo lhe sirva.  
Serve o cativo talvez,  
mortos não têm serventia,  
e se tiver de matar-me  
vanglória, o terei por dita.  
Por entre a nuvem do manto,  
que a luz própria então vencia,  
às claras estive vendo  
aquela estrela divina:  
Aquele sol soberano,  
que pela elítica via  
de seu rosto anda fazendo

um solstício a cada vista.  
Acabou-se a missa logo,  
e foi a primeira missa,  
que por breve me enfadou,  
pois toda a vida a ouvira.  
Foi-se para sua casa,  
e eu a segui a uma vista,  
passou o rio, e cobrou-se,  
cheguei ao rio, e perdi-a.  
Vi-a no monte, e lhe fiz  
co chapéu as despedidas,  
e lhe inculquei meu amor  
por meio da cortesia.  
Não tornei a São Gonçalo,  
nem tornarei em meus dias,  
que entre beleza, e adorno  
todo o home ali periga.

#### **APLICA O POETA O CASO SEGUINTE A IGNÁCIO PISSARRO SENDO APANHADO COM UMA MOÇA POR SEUS IRMÃOS**

##### *MOTE*

*Maria mais o Moleiro,  
tiveram certas razões,  
Maria caiu-lhe a saia,  
e ao Moleiro os calções.*

Maria todos os dias  
levava a moer o trigo:  
vem o Moleiro inimigo  
rapa-lho todo em maquinas.  
Tiveram certas porfias  
andaram aos empuxões,  
Maria caiu-lhe a saia,  
e ao Moleiro os calções.

Maria escapou da briga,  
mas logo no outro dia,  
eis o Moleiro, e Maria  
qual de cu, qual de barriga:  
qual de baixo, qual de riba  
jogaram os repelões,

Maria caiu-lhe a saia,  
e ao Moleiro os calções.

Com tão grandes travessuras  
Maria tanto esbofou,  
que a candeia se apagou,  
e ficaram às escuras:  
ela cruzou logo as curvas,  
e ele deu-lhe uns bofetões;  
Maria caiu-lhe a saia  
e o Moleiro os calções.

Em aperto tão urgente  
tanto o Moleiro suou,  
que a fralda em suor molhou,  
não sei se é assim, ou se mente:  
ela afirma que ele mente,  
que era caldo dos culhões:  
Maria caiu-lhe a saia,  
e ao Moleiro os calções.

Mas por lograr a ocasião  
quis o triste do Moleiro  
levar a praça a dinheiro,  
não à força do canhão:  
puxou pelo seu bolsão,  
e dando-lhe dous tostões  
Maria caiu-lhe a saia  
e ao Moleiro os calções.

Maria inda que cansada  
gritava com tal pujança,  
que acudiu a vizinhança  
vendo tanta matinada:  
mas vendo a luz apagada  
cuidaram, que eram ladrões:  
Maria caiu-lhe a saia  
e ao Moleiro os calções.

Veio a luz num castiçal,  
e sem temer maus agouros,  
acham a Maria em couros,  
ao Moleiro outro que tal:  
ela a contar o seu mal

e ele a dar suas razões,  
Maria caiu-lhe a saia  
e ao Moleiro os calções.

### **DESCREVE METAFORICAMENTE AS PERFEIÇÕES DE UMA DAMA PELOS NAIPES DA BARALHA**

Pelos naipes da baralha  
vos faço, Nise, um retrato,  
levantai, que eu dou as cartas.  
Saiu de ouros. Vou trunfando.  
Ouro é o vosso cabelo,  
e de preço, e valor tanto,  
que desse pêlo as manilhas  
eu co'a espadilha não ganho.  
A testa é de outro metal,  
que na baralha não acho,  
que muito, que me ganheis,  
se jogais com naipes falsos.  
Não acho em toda a baralha  
o naipe de prata, salvo  
copas: são copas de prata,  
que à vossa testa comparo.  
Os olhos são matadores,  
verbi gratia, sota, e basto  
com que me dais os capotes,  
e com que vaza não faço.  
Em vosso rosto o nariz  
grande, nem pequeno o acho,  
que isso é carta, que não joga,  
e diz, se joga, eu me ganho.  
Boca, e dentes são espadas  
pelo risco, e pelo estrago,  
que vão às almas fazendo,  
se os ides desembainhando.  
Os dous peitos, e a garganta  
é um jogo soberano  
de sota, cavalo, rei,  
e garatusa com ganhos.  
As mãos vós todas ganhais,  
porque nas cartas pegando  
todos os trunfos vos tocam,  
e as minhas pintais em branco.

Para ser o vosso pé  
não acho em todo o baralho  
mais que o ás, que val um ponto,  
como tem vosso sapato.  
Porém a carta coberta,  
que metem assaz picado,  
eu vo-la direi depois,  
que inda vou bruxuleado.

**A D. MARTA SOBRAL QUE SENDO-LHE PEDIDA DO POETA UMA ARROBA DE CARNE DE UMA RÊS, QUE MATARA, RESPONDEU, QUE LHA FOSSE TIRAR DO OLHO DO CU**

Ó tu, ó mil vezes tu,  
que se uma arroba de vaca  
te pedia, és tão velhaca,  
que me ofereces do teu cu:  
essa carne a Berzabu  
a devias dar em pó,  
a mim não, porque em meu pró  
não me atrevo a escolher  
nem teu cu pelo feder,  
nem pelo podre o teu có.

**A UM CABRA DA ÍNDIA QUE SE AGARRAVA À ESTA MARTA VIVENDO DE ENGANAR POR FEITICEIRO À SUAS ESCRAVAS, E A OUTRAS**

Veio da infernal masmorra  
um cabra, que tudo cura,  
às Mulatas dá ventura,  
aos homens aumenta a porra:  
acudiu toda a cachorra  
e tratar do seu conchego,  
e o cabra pelo pespego,  
tanto a todos melhorou,  
que aos amigos lhes deixou  
as porras com seu refego.  
Tanto cada qual se estira  
nos refegos, que trazia,  
que nos canos parecia  
óculo de longa mira:  
porém a mim não me admira,

que esta, e aquela putinha  
desse a saia, e a vasquinha  
pela cura, e pelo enredo,  
senão que rompa o segredo  
para perder a mezinha.  
O Cura soube da cura,  
e ao céu levantando as palmas  
disse, que em curar as almas  
ele somente era o Cura:  
e porque de acusar jura  
ao cabra das pataratas,  
e em consequência às Mulatas,  
elas ao Cura temeram,  
e como a cura perderam,  
ficaram muito malatas.  
Sobre isto houve matinadas,  
fostes vós, e não fui eu,  
o cabra a vida perdeu,  
e elas estão mal curadas:  
as porras acrescentadas  
estão na sua medida,  
a mezinha está perdida,  
o dinheiro se gastou,  
e porque Chica falou,  
anda de medo fugida.  
Houve grande desafio  
do sítio para a Catala,  
na Antonica não se fala,  
que enfim foi Moça de brio:  
viu-se pendente de um fio  
quase a Cajaíba toda,  
e o que a mim mais me acomoda,  
é, que vão durando as rinhas,  
e arranhem-se as Mulatinhas  
sobre a questão de uma foda.  
A Custódia, e Antonica  
se matam, porque se invejam,  
sobre mais, ou menos pica:  
o que a medicina aplica  
ao mal da fodengaria  
é, que a cada uma o seu dia  
se dê para pespegar,  
porque saibam conjugar  
tu fodias, e eu fodia.

## MORTO O CABRA LHE FAZ O POETA O TESTAMENTO NA MANEIRA SEGUINTE

Eu Pedro Cabra da Índia,  
que me sinto morrer já  
de uma doença, que Deus  
foi servido de me dar:  
Não sabendo a hora certa,  
em que Deus me levará,  
se é possível, que Deus leve  
um feiticeiro infernal:  
Posto à gineta na cama  
se é cama uma cama tal  
feita de tábua, e tabua  
uma dura, outra molar:  
Em meu perfeito juízo,  
que Deus me deu tal, ou qual  
faço este meu testamento  
solene de se contar.  
Primeiramente declaro,  
que sou Cabra oriental  
filho da Igreja Romana  
por cerimônia não mais.  
Creio na Trindade Santa,  
porém creio muito mais  
na trindade das Mulatas  
de Dona Marta Sobral:  
Nas quais espero salvar-me  
principalmente na Irmã  
mais velha, que chamam Quita,  
que é jangada universal.  
Deixo muito encomendado  
ao Vigário do lugar,  
que não me enterre em sagrado,  
que interdito ficará.  
Não porque vá excomungado  
por bula alguma papal,  
pois sempre vivi faminto  
de papas, e cardeais.  
Não mais quero, que me enterrem  
na Igreja paroquial,  
porque fico muito perto  
da quatinca cavalari.



E temo, que à meia-noite  
me venham desenterrar  
este miserável corpo  
com unhas, e com queixais.  
Este miserável corpo,  
que sendo tão natural,  
querem, que seja feitiço,  
e feitiço há de ficar.  
Com que uma, e mil vezes peço  
ao Cura, que é tão sagaz,  
pois hão de fazê-lo em caldos,  
que o mande lançar ao mar.  
Lá o comam caranguejos,  
que ver será menos mal  
um homem nos caranguejos,  
que os homens caranguejar.  
E se enfeitiçar os peixes,  
comendo o meu rosalgar,  
com peixes enfeitiçados  
que mal às Quitas irá.  
Ao primeiro piscar de olho  
os mandará Quita entrar,  
e o que não deitar consigo  
ao menos o escamará.  
A casa se verá farta,  
e de sorte abundará,  
que descanse a Cajaíba,  
e as negras de mariscar.  
Irá crescendo nas honras  
Mandu caraça, que já  
se jacta de ter cunhado  
tão fidalgo, e tão galã.  
Porque me dizem, que diz,  
muito devo à minha Irmã,  
que se dorme c'um fidalgo  
só por mais me autorizar.  
Não serei vil pescador,  
ninguém me verá jamais  
sobre a proa em ceroulinhas  
desonrando tais Irmãs.  
Mil honras devo a Marana,  
que se veio amancebar  
no segundo ano de puta  
c'um fidalgo principal.

Outro tanto devo a Quita,  
que lhe soube aconselhar,  
ensinando-lhe os maneios,  
de que é mestra, e capataz.  
E a boa da rapariga  
(muito pode o natural)  
sendo um ranho, uma criança  
saiu puta singular.  
Tal conta se tem consigo  
que sabe as noites contar,  
em que lhe falta a razão,  
e um pleito por ela faz.  
Mete lhe a mão na barguilha  
ao mano, que dorme já,  
e quer queira, quer não queira,  
a tamina há de pagar.  
Sobre isto há muita galhofa,  
que (bendito Deus) tem já,  
Marana tanta gracinha,  
que aos mortos enfadará.  
Mas tornando ao testamento,  
que me importa já acabar,  
porque anda a morte de ronda  
com mil demônios atrás:  
Quero herdeiro instituir,  
pois sei, que não valerá  
sem instituição de herdeiro,  
conforme o Maranta o traz.  
Instituo a Quita enfim  
por herdeiro universal  
dos móveis e das raízes,  
que ganhei com Satanás.  
O meu cabaço das ervas  
cumbuca de carimá,  
a tigela dos angus,  
o tacho de aferventar.  
O surrão de pele d'Onça,  
que tudo cheio achará  
de cousas mil importantes  
para ventura ganhar.  
O braço de um enforcado,  
dous dentes, quatro queixais,  
buço de Lobo marinho,  
sangue de Pomba trocás:

Um olho de galo preto,  
cabo de touro negral,  
as enxúndias da raposa,  
a caquinha de um rapaz,  
Mijo de velha roupeira,  
ramela do lagrimal  
de Negro torto, e cambaio,  
Tinharós, e Mangará.  
Que tudo isso val um Reino,  
se o souber aferventar  
nas noites de São João  
por adros, e por quintais:  
Na forma, que lhe ensinei,  
quando me vinha chupar  
a pica todas as noites,  
té que vinha arrebentar.  
Quando a pica me chupava,  
e Antonica por detrás  
nos companheiros pegava  
para o cano endireitar,  
Marana se punha a rir,  
mas tratava de ajudar  
a Antonica, se cansava  
co peso dos dous quintais.  
E quando entrava Isabel,  
como sentia cheirar  
o fervedouro das ervas,  
que no fogareiro está:  
como é gulosa de tudo,  
quanto aos outros vê mascar,  
lhe dava com seu remoque,  
que belo, e que lindo está.  
Como embruxado acabei,  
chupado pelo canal,  
sendo um cabra tão mirrado,  
que não tinha, que chupar.  
Mas eu lhe perdô a Quita,  
porque me quero salvar,  
e porque como aprendia,  
chupava, que chuparás.  
A minha benção lhe deixo,  
e a encomenda a Barrabás,  
que a tenha na sua graça  
para seu gozo alcançar.

Com isso tenho acabado  
meu testamento, e me apraz,  
que mo cumpra inteiramente  
minha herdeira universal.

### **A DUAS IRMÃS TAMBÉM PARDAS DE IGUAL FORMOSURA**

Altercaram-se em questão  
Teresa com Mariquita  
sobre qual é mais bonita,  
se Teresa, se Assunção:  
eu tomo por conclusão  
nesta questão altercada,  
que Assunção é mais rasgada,  
e Teresa mais sisuda,  
e se houver, quem a sacuda,  
verá a conclusão provada.  
Se Teresa é mui bonita  
Mulata guapa, e bizarra,  
com mui bom ar se desgarra  
a mestiça Mariquita:  
ninguém a uma, e outra quita  
serem lindíssimas ambas,  
e o Cupido, que d'entrambas  
quiser escolher a sua,  
escolha, vendo-as na rua,  
que eu para mim quero ambas.  
As Putas desta cidade,  
ainda as que são mais belas,  
não são nada diante delas,  
são bazófia da beldade:  
são patarata em verdade,  
se já verdade em pataratas,  
porque Brancas, e Mulatas,  
Mestiças, Cabras, e Angolas  
são azeviche em parolas,  
e as duas são duas pratas.  
Jamais amanhece o dia,  
porque sai a Aurora bela,  
senão porque na janela  
se põem Teresa, e Maria:  
uma manhã, em que ardia  
o sol em luzes divinas,

pelas horas matutinas  
eu vi Teresa assistir,  
ensinando-a a luzir  
como mestra de meninas.

### **FRETEI-ME CO'A TINTUREIRA**

*MOTE*

*Duas horas o caralho.*

Fretei-me cota tintureira,  
mas dizem os camaradas,  
que peca pelas estradas,  
porque é puta caminheira:  
fui contudo à capoeira,  
porque faminto do alho  
quis dar de comer ao malho:  
mas vi-lhe o cono tão mau,  
que tive como mingau  
Duas horas o caralho.

### **A UMA PENDÊNCIA QUE TIVERAM DOIS AMANTES A VISTA DA DAMA JUNTO AO CONVENTO DE S. FRANCISCO**

Dizem, que muito elevado  
um amante se ostentava,  
quando se considerava  
ver-se de uma Flor amado:  
eis que chega um disfarçado  
com passo tão desumano,  
ferra a gávea, larga o pano,  
vem chegando sorrateiro,  
vai-se ao patacho veleiro,  
emprega nele seu dano.  
Pego na escota co'a mão,  
e bem fora de notar,  
que na mão quis demonstrar,  
o quanto deve ao Sansão:  
correu, é clara questão  
este Adônis desdichado  
e vendo o Sansão deixado  
o posto, se retirou,

quando Sansão golpeou  
o dedo do assinalado.  
E vendo-se desta sorte  
ferido o triste Zagal  
não pôde executar mal,  
porque teme o triste a morte:  
chegando então Pedro forte  
deixa o capote sem tento,  
corre à popa sem ter vento,  
porque no porto, claro é,  
que lhe ficava um guiné  
carregando mantimento.  
Perico então se prepara  
com pedras, que já trazia,  
e cuidando o estendia,  
ao Sansão pedras dispara:  
as pedras Sansão repara,  
e delas sendo livrado  
em ira, e raiva abrasado  
vem co'a espada o crioulo  
rompe-lhe o casco ao casquete,  
rompe o frisão ao frisado.  
O Adônis, que no seu posto  
deixou vigia de espaço  
correu com grande trespasso,  
e co'a vergonha no rosto:  
o guiné com seu desgosto  
vendo-se tão assombrado,  
das pedras desamparado,  
e o companheiro ferido  
mostra estar arrependido  
por se ver bem castigado.  
Já perdido, e envergonhado  
corre com tal ligeireza  
dizendo, que com presteza  
ia buscar o traçado:  
porém bem considerado  
era medo tudo isto,  
porque a morte tinha visto  
naquela espada tão feia,  
cuidando por não ter ceia,  
iria ceiar com Cristo.  
Chega à casa o beberica,  
e com a espada se amaina,

lança mão da tarantaina,  
para espeto cousa rica:  
estava em casa Joanica,  
e vendo-o isto fazer  
lhe diz, tu podes morrer,  
meu bem, com essa ferida,  
e sem ti, que és minha vida,  
como poderei viver?  
Porém Pedro resoluto  
não ouviu rogos de Joana,  
porque com raiva inumana  
saiu como um forte bruto:  
o Sansão como era astuto,  
foi-se sem ver o tal Cão,  
e Pedro como asneirão  
o que quer põe-se a dizer,  
que um Sansão era em poder,  
Pedro no ralho um Sansão.  
O Adônis como temia,  
se pôs de largo a escutar,  
e se vamos a falar,  
do canto fez a vigia:  
e sem saber quem seria,  
se ocultou, e claro é,  
que não chegava, porque  
o tal vulto ali estava,  
e de muito não fiava  
o primor do seu Guiné.  
A Vênus, que da janela  
tinha tudo bem notado  
chorava o seu desgraçado  
por largar aos pés a vela:  
com pesares se arrepela  
chora, geme, e se entristece,  
e quanto mais se enfraquece  
com dores pelo galante,  
então deveras amante  
com acidentes fenece.  
Mas ao depois conhecendo  
o Adônis o seu Guiné  
em fé, que Sansão não é,  
chega-se a ele, dizendo:  
meu amigo, estou tremendo,  
de Sansão estou ferido

de forças enfraquecido,  
pois escapei-lhe fugindo,  
e inda agora estou sentindo  
daqui o ficar despido.  
Careci de língua, e voz  
para o caso referir,  
que sendo digno de rir,  
foi caso tremendo, e atroz:  
porém peço, que entre nós  
este sucesso feneça,  
pois não quero se entristeça  
a Dama com tais abalos  
pois fizeram três cavalos  
o seu jogo de trapeça.

## COM CACHOPINHA DE GOSTO

### *MOTE*

*As excelências do cono  
é ser bem grande, e papudo  
apertado, bordas grossas,  
chupão, enxuto, e carnudo.*

Com cachopinha de gosto  
em cama de bom colchão,  
nos peitinhos posta a mão,  
e o pé no fincapé posto:  
ajuntar rosto com rosto,  
dormir um homem seu sono,  
acordar, calcar-lhe o mono  
já quase ao gorgolejar,  
então é o ponderar  
As excelências do cono.  
Eu na minha opinião,  
segundo o meu parecer,  
digo, que não há foder,  
senão cono de enchemão:  
porque um homem com Sezão,  
inda sendo caralhudo,  
meterá culhões, e tudo,  
e assim mostra a experiência,  
que do cono a excelência



É ser bem grande, e papudo.  
É também conveniente,  
que não tenha o parrameiro  
a nota de ser traseiro,  
e que seja um tanto quente:  
que às vezes mui facilmente  
são tais as misérias nossas,  
que havemos mister as moças  
para regalo da pica  
com cono de pouca crica,  
Apertado, bordas grossas.  
Mas a maior regalia,  
que no cono se há de achar,  
para que possa levar  
dos conos a primazia  
(este ponto me esquecia)  
para ser perfeito em tudo,  
é nunca se achar barbudo,  
por dar bom gosto ao foder,  
como também deve ser  
Chupão, enxuto, e carnudo.

**A CERTO HOMEM QUE ESTANDO COM UMA DAMA À NÃO DORMIU, POR VIR  
UMA LUZ NESSA OCASIÃO FICANDO-SE COM UM ANEL DA MESMA DAMA**

Amigo, a quem não conheço,  
inda que amigo vos chame,  
pois no desar, com que amo,  
a vós tanto me pareço:  
bem alcanço, e reconheço,  
qual é a força do destino,  
mas se o desar mais mofino  
estorva a luz da razão,  
como a luz de um lampião  
perdeis da ventura o tino.  
Não duvido, que sejais  
avechucho de Noruega,  
se mostrais, que a luz vos cega,  
perdendo, o que à luz buscais:  
ave noturna cortais  
a sombra mais denegrada,  
e à luz, que é vossa homicida,  
perdeis (estranho rigor)

emprego, dama e favor,  
esperança, amor, e vida?  
Que Madama, ou que Senhora  
tendes tão pouco brilhante,  
se vemos, que todo o amante  
sua Dama é sua aurora?  
eu cuidava, que na hora,  
que um amante a Dama via,  
nessa hora lhe amanhecia;  
e a vossa Dama chegou,  
mas nem tocar-se deixou,  
por falta da luz do dia.  
É verdade, que a candeia  
rompeu da noite o capuz,  
mas dai-vos ao demo a luz,  
que estorva, e não alumeia:  
dai ao demo a luz, que ateia  
para o dano vos urdir;  
a luz sirva de luzir,  
e não sirva de estorvar,  
luz para alumiar,  
e não para descobrir.  
E se a luz o véu noturno  
rompeu por vos dar na treta,  
de Vênus não foi cometa,  
foi influxo de Saturno:  
se de um Planeta diurno  
raio de luz campeará,  
nem gostos vos estorvara,  
em, quem éreis, descobrira,  
mas a Moça se enxerira,  
e algo mais se beliscara.  
E seu dono, que aguardava,  
que vigia sempiterna,  
não vira à luz da lanterna,  
se ela vinha, ou se ficava:  
e enquanto se apolegava  
essa pêra mal madura,  
assim pela noite escura  
ficara a Moça sincera  
derretida como cera,  
batida como costura.  
Mas vós sobre tanto anelo  
ficastes em tal desdouro

com anel, que se era de ouro,  
era anel do seu cabelo:  
quis pagar-vos o desvelo  
de perder aquela glória  
tão breve, e tão transitória,  
e porque lembre o sucesso  
tão infausto, e tão avesso,  
vo-lo deixou na memória.  
Vós a prenda recebestes,  
e vendo a perda tão clara  
da Luz, que vos desgostara,  
por ela vos esquecesteis:  
qual mercador vos houvestes,  
e faltastes na verdade  
do amor a sinceridade,  
pois a Moça não lograstes,  
e a memória lhe tomastes  
em desconto da vontade.

#### **ASSUNTO QUE UMA DAMA MANDOU AO POETA**

Quisera, Senhor Doutor  
uma informação, e é,  
que me deram junto ao que  
(do cu dissera melhor)  
um golpe de tal rigor,  
que passo mui maltratada  
por me ver ali cortada:  
quero me mande dizer  
que remédio pode ter  
junto do cu cutilada.  
Anda aqui um Surgião  
Fulano Lopes Monteiro,  
que dizem para o traseiro  
tem ele mui boa mão:  
quisera saber então,  
pois vivo tão desviada,  
e como serei curada  
por uma sua receita,  
ficando sempre sujeita  
a Dama da cutilada.

## RESPOSTA DO POETA

Senhora Dona formosa  
li a de vossa mercê  
com a cutilada, que  
a traz tanto desgostosa.  
a ferida é mui danosa,  
e não é para cheirada,  
traga-a sempre abotoada,  
que é, o que mais lhe convém,  
pois nunca curou ninguém  
junto do cu cutilada.  
Vi sarar dez mil feridas,  
e muitas tão desestradas,  
que por serem bem rasgadas,  
lhes chamavam desabridas:  
sasar cabeças fendidas,  
toda uma cara amassada,  
rota uma perna, e escalada,  
um braço, e outra cousa assi,  
porém sarar nunca vi  
junto do cu cutilada.  
Causa grande admiração,  
como em tal parte a cascou,  
só se dormindo a apanhou,  
ou estirada no chão:  
esta é minha presunção,  
que para ali ser cortada  
devia estar estirada  
com as pernas para o ar,  
quando lhe foram cascar  
junto do cu cutilada.  
Mas se estava conversando  
zainamente, e par a par,  
deviam de lha cascar  
a barriga assovelhando:  
que por juntas lhas meter  
uma, e outra punhalada  
teve a mão tão assentada,  
que o contrário resvelando  
de muitas veio a fazer  
junto do cu cutilada.  
Há feridas do diabo,

e de si muito nojentas,  
porém as mais fedorentas  
são, as que estão junto ao rabo:  
eu tal ferida não gabo  
por ser em parte arriscada,  
que em que seja seringada,  
como a parte é tão reimosa,  
e sempre mui perigosa  
junto do cu cutilada.  
Algumas vezes curei  
com ovos tão grandalhões,  
que pareciam culhões,  
mas debalde me cansei:  
com mecha lhos encaixei,  
que entrava tão ajustada,  
que ia algum tanto apertada:  
mas era cansar-me em vão,  
porque ovos não curam não  
junto do cu cutilada.  
Toda a ferida se ajunta:  
porém esta, que se afasta,  
é ferida de má casta,  
que mesmo se desconjunta:  
o óleo, com que se unta,  
tenho por cousa baldada,  
que como não é ligada  
a cura na parte bem,  
não pode sarar também  
junto do cu cutilada.  
Para se poder curar,  
hão de se as pernas abrir:  
começando a dividir  
como se pode soldar?  
também devem reparar,  
que vai dentro profundada,  
e se não for seringada,  
também pode apodrecer:  
pois que remédio há de ter  
junto do cu cutilada?  
Tenho dito em português,  
que se não pode curar,  
inda que se esgote amar  
porque não falo francês:  
a ferida que se fez,

é em tão má parte dada,  
que toda a cura é baldada,  
e assim digo em conclusão,  
que não há, quem cure não  
junto do cu cutilada.

Mas eu tenho para mim,  
para que dela não morra,  
que lhe unte sebo de porra,  
ou sumo de parati:  
porque já enferma vi  
com semelhante golpada  
ficar muito consolada,  
que a experiência mostrou,  
que curar ninguém tratou  
junto do cu cutilada.

#### **RETRATO DO RICO FEITIO DE UM CELEBRE GREGÓRIO DE NEGREIROS, COM QUEM GRACEJAVA O POETA, E EM QUEM MUITAS VEZES FALA**

Eu vos retrato, Gregório,  
desde a cabeça à tamanca  
c'um pincel esfarrapado  
numa pobríssima tábua.  
Tão pobre é vossa gadelha,  
que nem de lêndeadas é farta,  
e inda que cheia de anéis,  
são anéis de piaçaba.  
Vossa cara é tão estreita,  
tão faminta, e apertada,  
que dá inveja aos Buçacos,  
e que entender às Tebaidas.  
Tendes dous dedos de testa,  
porque da testa a fachada  
quis Deus, e a vossa miséria,  
que não chegue à polegada.  
Os olhos dous ermitães,  
que numa lôbrega estância  
sempre fazem penitência  
nas grutas da vossa cara.  
Dous arcos quiseram ser  
as sobranceiras, mas para  
os dous arcos se acabarem  
até de pêlo houve faltas.

Vosso pai vos amassou,  
porém com miséria tanta,  
que temeu a natureza,  
que algum membro vos faltara.  
Deu-vos tão curto o nariz,  
que parece uma migalha,  
e no tempo dos catarros  
para assoar-vos não basta.  
Vós devíeis de ser feito  
no tempo, em que a lua anda  
pobríssima já de luz,  
correndo a minguante quarta.  
Pareceis homem meminho,  
como o meminho da palma,  
o mais pequeno na rua,  
e o mais pobrezinho em casa.  
Vamos aos vossos vestidos,  
e pequenos na cassaca  
com tento, porque sem tento  
a leva qualquer palavra.  
Anda tão rota, Senhor,  
que tenho por cousa clara,  
que no tribunal da Rota  
de Roma está sentenciada.  
A vossa grande pobreza  
para perpétua lembrança  
dedico a de Manuel Trapo,  
que foi no mundo afamada.

**AO NASCIMENTO DE UMA MENINA QUE SE DIZIA SER FILHA DE JOAN DE MORALEZ CASTELHANO AMIGO DO POETA FEZ SILVESTRE CARDOZO UNS DESCONCERTADOS VERSOS, AO QUE O POETA FEZ ESTAS DÉCIMAS**

Compôs Silvestre Cardoso  
um poema esta manhã,  
e era assunto a Moná  
nascida ao Morais Famoso:  
por ser o verso jocoso,  
foi festejado em verdade  
com toda a celebridade  
e não deixei de notar,  
que sendo o Pai secular  
folgou co'a paternidade.

A um Pai qualquer filho enguiça  
se a Mãe puta lhe imputou  
e o Morais esta aceitou  
só por crédito da piça:  
que como o mal se lhe atixa  
e é de tão mau navegar,  
que sempre anda a bordejar:  
aceitou a filha parda  
por mostrar, que da mãe sarda  
soube o golfo penetrar.  
Pela conta da cartilha  
ficou verdadeira a Mãe;  
Pasquinha ficou com Pai,  
e o Morais ficou com filha:  
todos nós os da quadrilha  
ficamos de par em par,  
Pissaro a zombetear,  
e eu a pasmar, e aplaudir  
Morais a rir, e mais rir,  
Silvestre a nos suportar.

**NÃO PODIA O POETA LEVAR EM CAPELO O CONTINUADO MENTIR DESTE  
SILVESTRE CARDOZO, E POR ISSO O SACODE AGORA**

*MOTE*

*Em qualquer risco de mar  
quereis, Silvestre, ser Ema;  
se a Ema no mar não rema,  
como vos hei de salvar?*

Sois Silvestre tão manemo,  
tão cagão, e tão coitado,  
que antes que branco afogado,  
desejais ser negro Emo:  
se ao Emo lhe falta o remo  
da pata para nadar,  
quem se não há de espantar,  
de ver, que um branco indiscreto  
se passe de branco a preto  
Em qualquer Risco de mar.  
As Emas no mar não vogam,  
que não são patos modernos,



os pretos não são eternos,  
as aves também se afogam:  
logo como assim avogam  
à divindade suprema  
vossos ais com tanto emblema,  
e virando o papa-figo  
para livrar do perigo  
Quereis, Silvestre, ser Ema.  
Nesta heresia tão crassa  
deu Pitágoras gentil,  
crendo, que a alma é tão vil,  
que de um corpo a outro passa:  
a vossa sim tem mais graça,  
porque é asneira da gema:  
senão vede o entimema,  
como trocáis em tal calma  
em Ema o corpo, e a alma,  
Se a Ema no mar não rema.  
Sendo erro o transmigrar-se  
(como Pitágoras disse)  
a alma é grã parvoíce  
alma, e corpo transmutar-se:  
e se deve condenar-se  
alma, e corpo transmigrar,  
e vós vos possais trocar  
em Ema, isso nada voga,  
porque se a Ema se afoga,  
Como vos heis de salvar?

**AO MESMO SUJEITO NÃO SÓ POR MENTIR MUITO, MAS TAMBÉM POR NEGAR  
UMA FORNICAÇÃO, EM QUE FOI VISTO COM UMA NEGRA**

Viu-vos o vosso Parente  
numa moita fornicando,  
e vós o caso negando  
sois Pedro Silvestremente:  
vós mentis, ou ele mente  
dizendo a verdade pura:  
vós estáveis na espessura,  
onde a Negra vos espera,  
e onde vos viram, ou era  
o demo em vossa figura.  
Já por vosso menoscabo

depois de injúrias tamanhas  
dizem das vossas entranhas,  
que é morada do diabo:  
porque no cabo, ou no rabo  
me dizia o coração,  
que se há demo fodinchão,  
havendo o tal de foder,  
não podia tal fazer,  
senão com vosso pismão.  
Não sei, que menos torpeza  
a vossa torpeza rara  
acha na moita mais clara,  
que na moita mais espessa:  
tudo é foder à montesa,  
e não tendes, que dizer,  
replicar, nem defender,  
que aqui foi, e não ali,  
porque seja ali, ou aqui,  
Silvestre, tudo é foder.  
Se mudais de situação  
não mais que por concluir,  
em que anda sempre a mentir  
vosso parente Fuão:  
eu vos digo em conclusão,  
que o tirardes a cassaca,  
e abaixar-se-vos à taca  
(como diz vosso Parente)  
tudo é sinal evidente,  
de que sois o autor da caca.

### **A PROPENSÃO COM QUE ESTE SILVESTRE CARDOZO SEMPRE QUERIA IMITAR O PIOR**

Senhor Silvestre Cardoso,  
só eu invejar sei bem  
a inveja, que aqui vos tem  
a esse membro façanhoso:  
vosso Primo de invejoso  
tanto o abate, e quebranta,  
que isso a todos nos espanta,  
pois quando a mentira encaixa,  
como de falso o abaixa,  
ele é, quem vo-lo levanta.

Diz, que Cristina jurou,  
que se vos não levantara,  
vós dizeis, que alguém tomara,  
levar, o que ela levou:  
e eu, que tão perplexo estou  
entre crer, e duvidar,  
quero levar, e apostar,  
que tal não levou Cristina,  
porque se acabe a contina  
de alguém tomara levar.  
Se vos põem algum defeito,  
costumais logo dizer:  
isso vi eu suceder  
em tal parte a tal sujeito:  
dai ao demo esse conceito,  
que a alheia imperfeição  
é triste consolação;  
porque o amigo, ou parente  
é como vós tão doente,  
ficais vós acaso são?  
Não vos mova a desairado  
o mal daquele, e defeito:  
tratai vós de andar direito,  
e ande o mundo corcovado:  
o mau exemplo estampado  
no bronze, jaspe, ou história  
o seu fim, e a sua glória  
não é para se imitar,  
senão para o desterrar  
pelo escarmento a memória.  
Vós toda a falta inquiris.  
e em a chegando a saber  
em vez de a aborrecer,  
correntemente a seguis:  
se a vossa má sorte quis,  
que fôsseis, do que é pior  
um perpétuo imitador,  
e tendes habilidade  
para imitar a maldade,  
não é a virtude melhor?  
E se o alheio se não  
tomais por vossa desculpa,  
quando vo-la dão em culpa,  
até isso é imitação:

desculpai-vos co'a razão,  
se a tendes para empreendê-lo,  
se não calá-lo, e sofrê-lo,  
porque geralmente dito,  
do pecado, e do delito  
a desculpa é não fazê-lo.  
*Verbi gratia* uma senhora  
cativa do coadjutor,  
que nos trabalhos de amor  
hoje é vossa coadjutora:  
porque a bateis cada hora  
com tanto afã, e cansa  
no pasto, praia, e ladeira,  
para que heis de publicar,  
que vos não deixa parar,  
porque é grande bolideira?  
Este excesso tão insano  
será acaso menos grave,  
para que menos agrave,  
porque o mesmo fez Fulano?  
não: que fora entonces lhano  
poderdes herege arder,  
porque Lutero o quis ser:  
poderdes ser um Mafoma,  
poderdes ser um Sodoma,  
tendo, a quem vos parecer.  
Ter sucedido o delito,  
haver-se feito o pecado,  
não faz, que esteja acabado  
seu rencor, ou já prescrito:  
antes um, e outro aflito  
co'a pena, que se lhe pôs  
pelo seu delito atroz,  
faz a esses, que imitáveis  
homens irremediáveis,  
e incorrigível a vós.  
Este amoroso vexame  
vos dá um amigo, e aplica,  
que não queirais não, que implica,  
que vos censure, e vos ame:  
antes, porque o mundo aclame  
o zelo, com que me atrevo,  
vendo, que nada relevo,  
a quem devo obrigações,

vos mostro nestas razões,  
que assim pago, o que vos devo.

### **À NEGRA MARGARIDA, QUE ACARIAVA UM MULATO CHAMANDO-LHE SENHOR COM DEMASIADA PERMISSÃO DELE**

Carina, que acariais  
aquele Senhor José  
ontem tanga de guiné,  
hoje Senhor de Cascais:  
vós, e outras catingas mais,  
outros cães, e outras cadelas  
amais tanto as parentelas,  
que imagina o vosso amor,  
que em chamando ao cão Senhor  
lhe dourais suas mazelas.  
Longe vá o mau agouro;  
tirai-vos desse furor,  
que o negro não toma cor,  
e menos tomará ouro:  
quem nasceu de negro couro,  
sempre a pintura o respeita  
tanto, que nunca o enfeita  
de outra cor, pois fora aborto,  
é, como quem nasceu torto,  
que tarde, ou nunca endireita.  
A nenhum cão chamais tal,  
Senhor ao cão? isso não:  
que o Senhor é perfeição,  
e o cão é perro neutral:  
do dilúvio universal  
a esta parte, que é  
desde o tempo de Noé,  
gerou Cão filho maldito  
negros de Guiné, e Egito,  
que os brancos gerou Jafé.  
Gerou o maldito Cão  
não só negros negregados,  
mas como amaldiçoados  
sujeitos à escravidão:  
ficou todo o canzarrão  
sujeito a ser nosso servo  
por maldito, e por protervo;

e o forro, que inchar se quer,  
não pode deixar de ser  
dos nossos cativos nervo.  
Os que no direito expertos  
penetram termos tão finos,  
bem sabem, que os libertinos  
distam muito dos libertos:  
se há brancos tão inexpertos,  
que dão benignos, ou bravos  
alforrias por agravos:  
os que destes são nascidos,  
por libertinos são tidos,  
porém são filhos de escravos.  
O filho da minha escrava,  
e dos meus vizinhos velhos,  
que eu vejo pelos artelhos,  
que ontem soltaram da trava;  
porque tanto se deprava  
com tal brio, e pundonor,  
que quer lhe chamem Senhor:  
se consta o seu senhorio  
de um bananal regadio,  
que cavou com seu suor!  
E se são justos os brios  
daqueles, que escravos têm,  
nisso a mor baixeza vêm,  
pois têm por servos seu tios:  
e se algum com desvarios  
diz, que o ter por natural  
sangue de branco o faz tal,  
nisso a condenar-se vêm,  
porque se o branco faz bem,  
como o negro não faz mal?  
Tomem de leite um cabaço,  
lancem-lhe um golpe de tinta,  
a brancura fica extinta,  
todo o leite sujo, e baço:  
assim sucede ao madraço,  
que com a negra se tranca;  
do branco o leite se arranca,  
da negra a tinta se entorna,  
o leite negro se torna,  
e a tinta não se faz branca.  
Mas tornando a vós, Carira,

que ao negro Senhor chamais,  
porque é Senhor de Cascais,  
quando vos casca, e atira:  
crede, amiga, que é mentira  
ser branco um negro da Mina,  
nem vós sejais tão menina,  
que creiais, que ele não crê,  
que é negro, pois sempre vê  
em casa a mãe Caterina.  
Dizei ao Vosso Senhor  
entre um, e outro carinho,  
que o negro do seu focinho  
é cor, que não toma cor:  
e que dê graças a Amor  
que vos pôs os olhos tortos  
para não ver tais abortos,  
mas que há de esbrugar mantenha  
daqui até que Deus venha  
julgar os vivos, e mortos.

## **O HOMEM MAIS A MULHER**

### *MOTE*

*O cono é fortaleza,  
o caralho é capitão,  
os culhões são bombardeiros  
o pentelho é o murrão.*

O homem mais a mulher  
guerra entre si publicaram,  
porque depois que pecaram,  
um a outro se malquer:  
e como é de fraco ser  
a mulher por natureza,  
por sair bem desta empresa,  
disse, que donde em rigor  
o caralho é batedor,  
O cono é fortaleza.  
Neste Forte recolhidos  
há mil soldados armados  
à custa de amor soldados,  
e à força de amor rendidos:

soldados tão escolhidos,  
que o General disse então,  
de membros de opinião,  
que assistem com tanto abono  
na fortaleza do cono,  
O caralho é capitão.  
Aquartelaram-se então  
com seu capitão caralho  
todos no quartel do alho,  
guarita do cricalhão:  
e porque na ocasião  
havam de ir por primeiros,  
além dos arcabuzeiros  
os bombardeiros, se disse,  
do que serve esta parvoíce?  
Os culhões são bombardeiros.  
Marchando por um atalho  
este exército das picas,  
toda a campanha das cricas  
se descobriu de um carvalho:  
quando o capitão caralho  
mandou disparar então  
ao bombardeiro culhão,  
que se achou sem bota-fogo,  
porém gritou-se-lhe logo,  
O Pentelho é o murrão.

#### **NAMOROU-SE DO BOM AR DE UMA CRIOULINHA CHAMADA CIPRIANA, OU SUPUPEMA, E LHE FAZ O SEGUINTE ROMANCE**

Crioula da minha vida,  
Supupema da minha alma,  
bonita como umas flores,  
e alegre como umas páscoas.  
Não sei que feitiço é este,  
que tens nessa linda cara,  
a gracinha, com que ris,  
a esperteza, com que falas.  
O Garbo, com que te moves,  
o donaire, com que andas,  
o asseio, com que te vestes,  
e o pico, com que te amanhas.  
Tem-me tão enfeitado,



que a bom partido tomara  
curar-me por tuas mãos,  
sendo tu, a que me matas.  
Mas não te espante o remédio,  
porque na víbora se acha  
o veneno na cabeça,  
de que se faz a triaga.  
A tua cara é veneno,  
que me traz enfeitada  
esta alma, que por ti morre,  
por ti morre, e nunca acaba.  
Não acaba, porque é justo,  
que passe as amargas ânsias  
de te ver zombar de mim,  
que a ser mono não zombaras.  
Tão infeliz sou contigo,  
que a fim de que te agradara,  
fora o Bagre, e fora o Negro,  
que tinha as pernas inchadas.  
Claro está, que não sou negro,  
que a sê-lo tu me buscaras;  
nunca meu Pai me fizera  
branco de cagucho, e cara.  
Mas não deixas de querer-me,  
porque sou branco de casta,  
que se me tens cativado,  
sou teu negro, e teu canalha.

**DESCREVE AGORA O POETA, COMO OBRIGARAM UM SUJEITO A CASAR COM  
UMA MOÇA, TENDO DADO UNS PONTOS NO VAZO PARA SE FINGIR DONZELA**

Casou Filipa rapada  
com o Guapo do lugar,  
e porque quis bem casar,  
ficou arto mal casada:  
hoje é a mal maridada  
do sítio de São Francisco,  
porque o Guapo vendo o risco,  
que seu crédito corria,  
em vez de dar-lhe a maquia  
se contentou c'um belisco.  
Que não consumou, se fala,  
porque o Noivo em tanta glória

se pôs fraco de memória,  
e esqueceu-lhe a cavalgá-la:  
a Noiva fez disto gala,  
porque ficou co'a honrinha,  
e ele diz, que assim convinha:  
porque se um homem de bem  
não tira a honra a ninguém,  
menos a quem a não tinha.  
Ele está mui arriscado  
a um sucesso infeliz,  
porque o que dele se diz,  
é, que o tinha bem provado:  
a mim me não dá cuidado  
ver, que o Noivo consentiu,  
porque se a Noiva dormiu,  
e diz, que o há de provar,  
se cumpriu, hei de eu mostrar,  
que já provou, e cumpriu.  
Fez o Noivo às carreirinhas  
uma airosa retirada,  
vendo estar fortificada  
a praça com tantas linhas:  
mas eu já por contas minhas  
tenho a maranha entendida,  
e é, que o Noivo em sua vida  
não quis, que o Povo malvado  
dissesse, que andava assado  
por uma mulher cozida.  
Se coseu o berbigão,  
como diz a gente toda,  
muito a Moça me acomoda  
para arrais de um galeão:  
porque se a sua intenção  
foi acaso em tanta bulha  
meter (fora vá de pulha)  
uma fragata alterosa  
por barra tão perigosa  
é, que se fiou na agulha.  
O Noivo se veio embora,  
e ela chora, ao que eu creio,  
porque o Noivo se não veio,  
não entendo esta Senhora:  
mas o que se teme agora,  
é, que um dos Cunhados mande,

que o pleito vá a Roma, e ande;  
eu não sei, que demo o toma,  
pois quer, que passe por Roma  
mulher de nariz tão grande.

## **DUAS MULATAS QUE INDO A FESTA DE SAM CAETANO SE LHE QUEBRARAM AS CORDAS DA REDE COM PUBLICO DESAIRE**

Foi com fausto soberano  
Macotinha, e a Pelica  
assistir à festa rica  
dia de São Caetano:  
o povo bárbaro, e insano  
vendo aqueles dous putões,  
calçado de admirações  
disse, que o caso era adrede,  
pois nunca em malhas de rede  
vira tomar dous cações.  
Um cação duro, e grosseiro,  
má pele, e péssimo dente  
ou à força de um tridente  
se toma, ou de um bicheiro:  
este é o dia primeiro,  
que em rede os vimos tomar;  
as redes a caminhar,  
e a murmurar os meus Chitas,  
palavras não eram ditas,  
quando as cordas vi quebrar.  
Caiu Pelica no entanto,  
e ficando o cu no cisco  
buscou logo o basalisco,  
que lhe dera o tal quebranto:  
pareceu-lhe, que era encanto  
quebrar-se-lhe o barbicacho,  
e assim disse em tono baixo:  
o basalisco anda em cima,  
mas eu tenho noutro clima  
um basalisco por baixo.  
De um e outro basalisco  
veremos, qual obra mais,  
vós as cordas me cortais,  
e eu os ossos vos confisco:  
eu sempre vos ponho em risco,

se me tomais, eu vos tomo,  
pois vos tomo, e vos corcomo;  
e do basalisco a ingrata  
vista não co me, só mata,  
mas eu vos mato, e vos como.  
A rede se consertou,  
e ela metendo-se dentro,  
como se viu no seu centro,  
como peixe n'água andou:  
dizem, que as cordas pagou,  
com que a rede se lhe atara,  
e bom fora, que pagara  
em vez de cordas então  
de um dos negros o bordão,  
se nas costas lho quebrara.  
A gente ficou mui leda  
vendo a Pelica no chão,  
e dizia o Povo então  
quem mais sobe, dá mor queda:  
porém ela não se arreda  
de andar sem rede, porque  
quer antes, como se vê,  
haver da rede caído  
para ter um pé torcido,  
que ser sã, e andar a pé.

### **A OUTRA DAMA QUE GOSTAVA DE O VER MIJAR**

Inda que de eu mijar tanto gosteis,  
que vos mijeis com riso, e alegria,  
haveis de ver de siso inda algum dia,  
porque de puro gosto vos mijeis.

Então destes dois gostos sabereis,  
qual é melhor, e qual de mais valia:  
se mijares-vos vós na pedra fria,  
se mijando eu tapar, que não mijeis.

À fé, que aí fiqueis desenganada,  
e então conhecereis de entre ambos nós,  
qual é melhor, mijar, ou ser mijada.

Pois se nós nos mijamos sós por sós,

haveis de festejar uma mijada,  
porque eu a mijar entro dentro em vós.

### **DEFINIÇÃO DE POTÊNCIAS**

Trique trique, zapete zapete.

O casado de enfadado  
por não ter, a quem lhe aplique  
anda já tão desleixado,  
que inda depois de deitado  
não faz senão trique trique.

O soldado de lampeiro,  
quando chega ao batedouro,  
vai lhe sacudindo o couro,  
e com a força, que bate  
faz trique zapete zapete.

O Frade, que tudo sabe,  
e corre os caminhos todos,  
vai dando por vários modos,  
e olhando por toda a parte,  
e faz trique zapete zapete.

### **ERGUIAM-SE TRÊS MULHERES A UM MESMO TEMPO PARA CHEGAR AO CONFESSIONÁRIO EM NOITE DE NATAL E A MAIS CORPULENTA DELAS SOLTOU UM TRAQUE COM A FADIGA DE CHEGAR PRIMEIRO**

Quem viu cousa como aquela,  
que aconteceu na Igreja  
o dia, que ela festeja  
a Deus nascido por ela?  
quem inda não sabe dela,  
aplique o sentido ao canto  
da minha Musa, e enquanto  
ela cantando lho diz,  
vá perfumando o nariz  
por se livrar do quebranto.  
Estavam três naus em carga,  
e entre si com grã porfia

de qual primeiro entraria  
a fazer sua descarga:  
então a da popa larga,  
vendo que há, quem se lhe atreva,  
nada sofre, nom releva,  
sendo a principal da tropa  
com meio conhão de popa  
atirou peça de leva.  
Peça de leva atirou  
com tal ronco, e tais ruídos,  
que atordoou os ouvidos  
da gente, que ali se achou:  
e posto que disparou  
lá por baixo de socapa,  
de excomunhão não escapa  
por disparar em sagrado,  
que é pecado reservado  
na bula da ceia ao Papa.  
Tal estrago a peça fez  
pelos narizes vizinhos,  
que mais de trinta focinhos  
se torceram esta vez:  
sentindo a maldita rês  
que tão fedorenta está,  
disse uma negra "cá cá;  
p'o diabo: e que má casta  
de pólvora ali se gasta"  
respondeu outra "má má."  
Quando ouviram o sinal  
as outras duas naus ambas,  
foram chorar suas lambas,  
dando fundo cada qual:  
certo não fizeram mal  
em não querer provocá-la  
porque assim lhes escala  
o nariz a artilharia  
com pólvora, que seria  
se lhe atirasse com bala?  
Alguns, creio, admiraram  
da pólvora a fortaleza,  
por rebentar nesta empresa  
pela culatra o conhão  
mas a minha admiração  
está, no que o povo diz

por aí, que essa infeliz,  
e traidora artilharia  
fazendo aos pés pontaria,  
fez o emprego no nariz.  
Mas que muito que assim seja,  
se este canhão português  
faz andar tudo ao revés,  
quando sem pejo despeja:  
já se sabe ser a igreja  
asilo a todo o culpado;  
mas quando foi disparado  
o canhão aos combatentes,  
nem ainda aos inocentes  
narizes valeu sagrado.  
Mas se perguntasse alguém  
com desdém, e desafogo  
como a peça tomou fogo,  
sendo, que ouvido não tem:  
eu respondendo mui bem  
dissera que por estar  
a peça tão par a par  
do crisol generativo  
se comunicou ativo  
o fogo no abalroar.  
Mas não o quero dizer,  
porque não mande, que o prove  
algum, que isto me reprove,  
querendo-o melhor saber:  
e assim já boto a correr  
seguindo a ruína da nau,  
que aberta vai pelo vau,  
e vou procurar-lhe estopa  
por calefetar-lhe a popa,  
antes que saia o mingau.  
Logo pois que o seu canhão  
deu fogo, o baixel violento,  
largando velas ao vento  
foi pedir absolvição:  
porém eu digo, que não  
pecou ela desta vez,  
pois com soltar de cortês  
o preso, que se valeu  
do Sagrado, mereceu  
a festa que se lhe fez.

As Fragatas da companhia  
botando as barbas de molho,  
porque esta lhe dera de olho,  
lhe fizeram festa estranha:  
deram-lhe trela tamanha,  
que cuida, porque o não vi,  
que a pobre partiu dali  
tão corrida, e envergonhada,  
que foi de voga arrancada  
a dar fundo em Parati.  
E se passou mais avante,  
já pôde chegar à Europa,  
porque foi com vento em popa,  
e escoou-se co'a vazante:  
mas se algum bom estudante  
na arte da disenteria  
por desgraça, ou por miséria  
reprovou desta poesia  
a forma, por cortesia  
prove ao menos a matéria.

**A UMA MOÇA QUE PERDEU DOIS CASAMENTOS AJUSTADOS, O PRIMEIRO  
COM UM FLAMENGO, QUE SE DESCULPOU AO DEPOIS QUE TINHA FEITO VOTO  
DE CASTIDADE, E O SEGUNDO COM UM SOLDADO, QUE SE EMBEBEDAVA, E  
FUGIU DEPOIS DE A ROUBAR**

Senhora Donzela: à míngua  
de um casamento jucundo  
cousas sucedem no mundo,  
que me puxam pela língua:  
o que se conta, vos míngua  
na fortuna do himeneu,  
pois a sorte vos perdeu  
dous, que o céu vos deparou,  
um, que inda nada provou,  
e outro que tudo bebeu.  
O vosso Noivo Flamengo  
não sintais vê-lo fugir,  
que não é para sentir  
a fugida de um podengo:  
eu com riso me derrengo,  
vendo, que de mui previsto,  
vos dissesse um Anticristo,



que castidade jurou,  
quando eu sei, que não votou,  
salvo foi um "voto a Cristo".  
O que ele prometeria,  
não seria castidade,  
mas não falar-vos verdade,  
e usar de velhacaria:  
grande peça, vos faria,  
se vos tivera a mão dado,  
que um homem mal encarado,  
e de pouco cabedal  
mentir-vos antes mais val,  
do que depois de casado.  
Dai vós ao demo o brichote,  
que com coração traidor,  
qual boticário de amor  
vo-la pregou com serrote:  
e vamos ao matalote  
do segundo matrimônio,  
a quem o mesmo demônio  
tão destro vo-lo mandou,  
que o matrimônio deixou,  
e levou o patrimônio.  
Levou com destreza, e manha  
de calçar, e de vestir,  
porque nisto do mentir  
ninguém descalço o apanha:  
ser ladrão já não se estranha  
nesta idade um soldadinho;  
mas vós tendes este gostinho,  
(quando a paixão vos corcoma)  
e é, que ele o vestido toma,  
mas a ele o toma o vinho.  
Se por bêbado livrou,  
valha-lhe o mesmo direito,  
porque ao mais atroz efeito  
todo o bêbado escapou:  
o Céu vos apadrinhou  
em vos livrar de um pirata  
e se conforme a vulgata,  
porque o inimigo se vá,  
ponte de prata se dá,  
vós destes ponta de prata.

## A UMA MULHER QUE SE BORROU, ESTANDO NA IGREJA EM QUINTA FEIRA DE ENDOENÇAS

Diz, que a mulher da buzeira  
na Cachoeira nasceu,  
e assim quando a dor lhe deu,  
vazou como cachoeira:  
mas a gente, a quem mal cheira  
a cebolinha cecém,  
disse, que era de Siquém,  
e outra ali se confrangia  
ou judia ou não judia  
não me cheira a mulher bem.  
Como havia de cheirar  
a fêmea em pressa tão alta,  
se a cachoeira lhe falta,  
para haver de se lavar;  
mas logo mandou levar  
por uma negra Xarifa  
a alcatifa tão patifa,  
que eu ouvi pelos carrilhos,  
que a mulher cagou cadilhos,  
que lá iam na alcatifa.  
Estavam ao redor dela  
umas Mocinhas garridas  
de nós todos conhecidas  
por vista, e por parentela:  
deram-lhe tão grande trela  
à pobrete da coitada,  
que disse uma camarada,  
era bem mais evidente  
ser limpa, e viver doente,  
que suja, e ficar purgada.  
Ergueu-se a triste Senhora,  
e outra amiga lhe gritou,  
inda agora se purgou,  
já sai pela porta fora?  
sim Senhora: morra embora,  
e seja do vento grimpa  
u'a mulher, que se alimpa,  
e entre gente tão honrada  
não lhe basta estar purgada,  
para se crer, que está limpa.

Que fora, se hoje jantara!  
ontem ceei parcamente;  
não vi coisa mais corrente,  
que feijões da Pericoara:  
se meu amigo cheirara  
este desar da buzeira,  
corre risco, não me queira,  
como é todo um arminho,  
há de fazer-me focinho,  
como à coisa, que mal cheira.  
Pô diabo, há de dizer,  
sem ser diabo, nem pó:  
bebi o caldinho só,  
e o feijão não quis comer:  
que lhe havia eu de fazer,  
se o caldo era solutivo,  
e no corpo semivivo  
sem ter puxo, nem repuxo,  
antes de eu tomar o puxo,  
se saiu de seu motivo.  
Eu nunca o caldo sentira  
sair-me pelo franjido,  
a não ter outro sentido  
no nariz, que mo advertira:  
então vi, que se saíra,  
e temendo outra jornada  
(semelhante cavalgada  
não houve daqui ao Cairu)  
não pude enfrear o cu,  
e a fralda ficou selada.  
Algum meu apaixonado  
a gritos de aqui-d'El-Rei  
afirma que eu não caguei,  
e cuida, que o tem provado:  
meu amigo está empenhado  
em fazer esta pesquisa,  
e como é coisa precisa  
por sua honra defendê-lo,  
porá na matéria o selo,  
e eu lhe darei na camisa.  
A ocasião foi temerária,  
e na Igreja, onde assistia,  
não faria valentia,  
mas fiz coisa necessária:

a dor foi extraordinária,  
é, que neste desconcerto,  
é, que neste desacerto,  
e em tão grande desalinho  
um humor tão delgadinho  
me pusesse em tal aperto.  
Era água simples de cubos  
a caca dos meus calções,  
com que entendam, que os feijões  
não tinham dez réis de adubos:  
não fedem pubas, nem pubos,  
o que fedia o meu rabo:  
foi caçoula do diabo,  
quanto me cheirava a caca,  
depois fui Jaratacaca,  
tresandava pelo rabo.  
Fui-me logo para o manguê  
co'a fralda disciplinante  
molhada atrás, e adiante,  
muita caca, e pouco sangue:  
com medo, que se remanguê  
meu amigo contra mim,  
borrada fiquei assim,  
porque quando ele se segue,  
e algum bofetão me pregue,  
eu lhe apregue o fraldelim.  
Se do dia de Endoenças  
a própria Etimologia  
são andanças do tal dia,  
para mim foram correnças:  
por evitar desavenças  
não irei mais aos sermões,  
onde há tantos empuxões,  
onde me agoniam Evas,  
onde os Frades dão as trevas,  
e me fazem dar trovões.

### **A UMAS DAMAS DE LA VIDA AIRADA, QUE INDO E VINDO AO DIVERTIMENTO DE UMA ROÇA ZOMBAVAM DA HONESTIDADE DE UMA IRMÃ CASADA**

Vamos cada dia à roça,  
se é, que vai o camarada,  
que ri, e folga à francesa,

e pinta à italiana.  
Vamos, e fiquemos lá  
um dia, ou uma semana,  
que enquanto as gaitas se tocam,  
sabe a roça, como gaitas.  
Vamos à roça, inda que  
nos fique em cada jornada  
cada meia sem palmilha,  
e sem sola cada alparca.  
Vá Mané, e vá Marcela,  
vá toda a nossa prosápia,  
exceto a que por casada  
não põe pé fora de casa.  
Case, e tão casada fique,  
que nem para fazer caca  
jamais o marido a deixe,  
nem se lhe tire da ilharga.  
Case, e depois de casar  
tanto gema, e tanto paira,  
que caia em meio das dores  
na razão das minhas pragas.  
Case, e tanto se arrependa,  
como faz toda, a que casa,  
que nem para descasar-se  
a via da Igreja saiba.  
E nos vamos para a roça  
com nosso feixe de gaitas  
até ver-me descasada  
para me rir, de quem casa.

#### **A UMA MULATA APELIDADA MONTEIRA QUE DAVA CASA DE ALCOUCE**

Hoje em dia averiguou-se  
(e aqui ninguém vos adula)  
que dais, por mostrar-vos mula,  
em lugar de couce alcouce:  
por verdade isto assentou-se,  
e eu também não vou contra ela,  
antes sem contradizê-la,  
quero sobre isto arguir,  
que caça hei de descobrir  
por Monteiro, e por cadela.

**A DAMÁSIA QUE DAVA PRESSA À UMA SAIA QUE SE ESTAVA FAZENDO, PARA  
BOTAR NUMA FESTA, DIZENDO SER SUA SENDO ELA DE SUA SENHORA**

Muito mentes, Mulatinha:  
valha-te deus por Damásia!  
não sei, quem sendo tu escura,  
te ensina a mentir às claras.  
Tal vestido, com tal pressa?  
não vi mais ligeira saia;  
mas como a seda é ligeira,  
foi a mentira apressada.  
Tal vestido não é teu,  
nem tu tens, Damásia, cara,  
para ganhar um vestido,  
que custa tantas patacas.  
Tu ganhas dous, três tostões  
por duas ou três topadas;  
não chegam as galaduras  
para deitar uma gala.  
Nem para os feitios chegam  
os troquinhos, que tu ganhas,  
pois não vale o teu feitio  
mais que até meia-pataca.  
De Soldado até Sargento,  
ou até Cabo de esquadra  
não passa o teu roçagante,  
nem te chega a triste alçada.  
Estes, que te podem dar,  
mais que uma vara de caça,  
uma cinta de baeta  
e saia de persiana.  
Colete de chamalote,  
e de vara e meia a fralda,  
que fazem oito mil-réis,  
que é valor da pobre farda.  
Todos sabem, que o vestido,  
que em verdes campos se esmalta,  
é verdura de algum besta,  
que em tua Senhora pasta.  
Mas o que é dela, teu é,  
que é outra que tal jangada,  
e talvez por to emprestar,  
que ficaria ela em fraldas.

Apostemos, que não vestes  
outra vez a verde saia,  
e nem de a vestires mais,  
te ficam as esperanças?  
Ora toma o meu conselho,  
e vive desenganada,  
que enquanto fores faceira,  
não hás de ganhar pataca.

### **A UMA DAMA QUE ESTAVA SANGRADA**

Estava Clóris sangrada,  
e Fábio, que a visitava  
com ver, que sangrada estava  
lhe deu logo outra picada:  
ela tão aliviada  
ficou, que se ergueu da cama,  
dizendo, bem haja a Dama  
de Adônis, cuja virtude,  
quando me pica em saúde,  
eu me sangro, ele derrama.  
Como na vida acertou,  
onde habita a saudade,  
extinta a má qualidade,  
a enfermidade acabou:  
nunca Galeno alcançou  
nas sangrias, que me aplica,  
quanto o ferro prejudica,  
e eu curada com dieta  
já sei, que pica a lanceta,  
e somente sangra a pica.  
Fábio me curou do mal,  
que na cama lhe informei,  
não com xarope de rei,  
mas com régio cordial:  
se se curar cada qual  
somente com seu galante,  
há de sarar num instante,  
pois quando eu caio doentinha,  
não hei mister mais meizinha,  
que a meu Mano se levante.

## **A UMA DAMA, A QUEM SOLICITANDO-A O POETA, LHE PEDIU DINHEIRO, DE QUE ELE SE DESEMPULHA**

Senhora, é o vosso pedir  
um impedir as vontades,  
que pretendem humildades,  
de quem deseja servir:  
faz-me vontade de rir  
um pedir tão despedido,  
que dele tenho entendido,  
que o pedir despedir é:  
bem podeis viver na fé,  
que esse pedir é perdido.  
Peça amores, e finezas,  
peça beijos, peça abraços,  
pois que os abraços são laços,  
que prendem grandes firmezas:  
não há maiores despesas  
que um requebro, e um carinho,  
pois no tomar de um beijinho  
fica a riqueza ganhada,  
e tudo o mais não val nada:  
não peças mais, meu Anjinho.  
Se vos vira, minha Mana,  
recolhida, e não faceira  
dissera, que como Freira  
pedíeis à franciscana:  
porém vós sois muito ufana,  
e logo pedis a panca:  
eu de vós direi, arranca,  
que o vosso pedir cruel  
pica mais do que um burel,  
e dói mais que uma tranca.

## **A UMA DAMA QUE MACHEAVA OUTRAS MULHERES**

### *MOTE*

*Namorei-me sem saber  
esse vício, a que te vás,  
que a homem nenhum te dás,  
e tomas toda a mulher.*



Foste tão presta em matar-me  
Nise, que não sei dizer-te,  
se em mim foi primeiro o ver-te,  
do que em ti o contentar-me  
sendo força o namorar-me  
com tal pressa houve de ser,  
que importando-me aprender  
a querer, e namorar,  
por mais me não dilatar  
Namorei-me sem saber.  
A saber como te amara,  
menos mal me acontecera,  
pois se mais te compreendera,  
tanto menos te adorara:  
a vista nunca repara,  
no que dentro d'alma jaz,  
e pois tão louca te traz  
que só por Damas suspiras,  
não te amara, que tu viras,  
Esse vício, a que te vás.  
Se por Damas me aborreces  
absorta em suas belezas,  
a tua como a desprezas,  
se é maior que as que apeteces?  
se a ti mesma te quisesses,  
querendo, o que a mim me praz,  
seria eu contente assaz,  
mas como serei contente,  
se por mulheres se sente,  
Que a homem nenhum te dás?  
Que rendidos homens queres,  
que por amores te tomem?  
se és mulher, não para homem,  
e és homem para mulheres?  
Qual homem, ó Nise, inferes,  
que possa, senão eu, ter  
valor para te querer?  
se por amor nem por arte  
de nenhum deixas tomar-te  
E tomas toda a mulher!

**A UM SUJEITO, QUE LHE MANDOU UM PERU CEGO, E DOENTE**

Mandou-me o filho da pu-  
-um peru cego, e doente,  
cuidando, que no presente,  
mandava todo o Peru:  
alimpei com ele o cu,  
e o botei na onda grata,  
mas é tal o patarata,  
e o seu louco desvario,  
que vendo o peru no rio,  
diz que é o Rio da Prata.

**A UMA DAMA QUE MANDANDO-SE COÇAR EM UM BRAÇO PELO SEU  
MOLEQUE, E SENTINDO, QUE DAQUELE CONTATO SE LHE ENTESAVA O  
MEMBRO, O CASTIGOU**

Corre por aqui uma voz,  
e vem a ser o motivo,  
Sílvia, que o vosso cativo  
se levantou para vós:  
o caso é torpe, e atroz,  
e quis, que a fama corresse  
só para que se estendesse  
pelo vosso braço, e mão,  
que junto ao fogo o carvão  
era força, se acendesse.  
Vós mandastes, que o moleque  
vos fosse o braço coçar,  
e ele quis vos esfregar  
mais que o braço, o sarambeque:  
procedeu bem o alfaqueque,  
se bem nisso se repara,  
e eu o mesmo intentara,  
se me vira nesses passos,  
que isto de chegar a braços,  
bem sabeis vós, no que pára.  
Vós estendestes a mão,  
e chegando-lha a barguilha  
entre virilha, e virilha  
topastes um camarão:  
ia entrando no tesão  
o coitado do negrete,  
e porque vós em falsete

tal grito lhe levantastes,  
como o fogo lhe afastastes,  
apagou-se-lhe o pivete.  
Se outra vez vos der a tosse  
de coçar a comichão,  
não chameis o negro não,  
coçai-vos, com que vos coce:  
e se estais já sobre posse,  
ou vos não podeis mexer,  
deixai a sarna a comer,  
pois bem sabeis, que há de andar  
atrás do comer coçar,  
e atrás do coçar foder.

## ENCONTRO QUE TIVERAM DOIS NAMORADOS

### *MOTE*

*Pica-me, Pedro, e picar-te-ei.*

Jogando Pedro, e Maria  
os piques sobre a merenda,  
vi pois, que sobre a contenda  
Maria picar queria:  
ela, que a Pedro entendia  
disse então: aqui-d'El-Rei:  
pica-me, Pedro, e picar-te-ei.  
Abrasado em vivo fogo  
Pedro, que o jogo sabia,  
disse, eu te pico, Maria,  
porque tu me piques logo:  
disse ela, pois o teu fogo  
é dos melhores, que achei,  
pica-me, Pedro, e picar-te-ei.  
Picou Pedro, e de feição,  
que a Maria fez saltar:  
quis ela também picar,  
pois que assim picado a hão:  
picados ambos estão:  
diz Maria o jogo sei,  
pica-me, Pedro, e picar-te-ei.  
Pedro, que já se enfadava  
de picar, queria erguer-se;

Maria quis mais deter-se,  
porquanto picada estava:  
disse ela, que então gostava  
do jogo, que lhe ensinei:  
pica-me, Pedro, e picar-te-ei.

#### **A QUATRO NEGRAS QUE FORAM BAILAR GRACIOSAMENTE A CASA DO POETA MORANDO JUNTO AO DIQUE**

Catona, Ginga, e Babu,  
com outra pretinha mais  
entraram nestes palhais  
não mais que a bolir co cu:  
eu vendo-as, disse, Jesus,  
que bem jogam as cambetas!  
mas se tão lindas violetas  
costuma Angola brotar,  
eu hoje hei de arrebentar,  
se não durmo as quatro Pretas.

#### **UMA MULATA DAMA UNIVERSAL DE QUEM JÁ FALAMOS, SATIRIZA AGORA O POETA O FAUSTO COM QUE FOI SEPULTADA A MÃE**

Ser um vento a nossa idade  
é da Igreja documento:  
e por ser a vida um vento,  
a morte é ventosidade:  
viu-se isto na realidade  
na morte de uma pobreta,  
cuja casa de baeta,  
reparando o Irmão da vara,  
e descobrindo-lhe a cara,  
viu, que a defunta era preta.  
Uma Negra desta terra  
em uma casa enlutada,  
no hábito amortalhada  
do santo, que tudo enterra:  
quem cuidáreis, que era a perra  
tão grave, e tão reverenda?  
era uma sogra estupenda  
de todo o mundo em geral,  
Mãe em pecado mortal

de Dona Brásia Caquenda.  
A Negra com seu cordão  
no hábito franciscano  
era retratada em pano  
Santa Clara de alcatrão:  
tiveram grande questão  
os Irmãos da caridade,  
se era maior piedade  
lançá-la no mar salgado,  
se enterrá-la no sagrado  
ofendendo a imunidade.  
Acudiu o Tesoureiro,  
que era genro da Cachorra,  
dizendo, esta Negra é forra,  
e eu tenho muito dinheiro:  
houve dúvida primeiro,  
mas vieram-na a levar,  
e começando a cantar  
os Padres o sub venite,  
tomaram por seu desquite  
em vez de cantar chorar.  
Dos genros a melhor parte,  
e os homens de melhor sorte  
choravam a negra morte  
da negra sorte, que parte:  
a essa fizeram de arte  
tão regenda, e tão real,  
que não foi piramidal,  
para que cresse o distrito,  
que era Cigana do Egito,  
quem fora negra boçal.  
Ficou a gente pasmada  
de ver uma Negra bruta,  
sendo na vida tão puta,  
pela morte tão honrada:  
quem é tão aparentada,  
sempre na honra se estriba,  
e assim a gente cativa  
ficou pasmada, e absorta,  
de ver com honras em morta,  
quem nunca teve honra em vida.  
Ficou a casa enlutada  
então até o outro dia,  
e todo o ano estaria,

a não ter uma encontrada  
foi, que a baeta pregada  
era de quatro estudantes  
quatro capas roçagantes:  
e bem que as deram, contudo  
para irem ao estudo  
foi força mandar-lhas antes.  
Os amantes se pintaram  
como amantes tão fiéis,  
um largou oito mil-réis,  
outro em dez o condenaram:  
ao Tesoureiro ordenaram,  
mandasse a cera comprada;  
ele a deu tão esmerada,  
e tanta, que se murmura,  
que o fez, porque à sepultura  
fosse a perra bem pingada.

#### **ERA DESTA MULATA BASTANTEMENTE DESAFORADA E O POETA, QUE À NÃO PODIA SOFRER LHE CANTA A MOLIANA**

Caquenda, o vosso Jacó  
me deu com risa não pouca  
notícias da vossa boca,  
e tão bem do vosso có:  
diz, que está tornado um Jó  
pobre, podre, e lazarento:  
porque quando o barlavento  
navegava o vosso charco,  
sempre enjoou nesse barco  
por ser muito fedorento.  
Afirma, que a vossa quilha  
em chegando a dar a bomba,  
se muito vos fede a tromba,  
muito vos fede a cavilha:  
a mim não me maravilha,  
que exaleis esses vapores,  
porque se os cheiros melhores  
caçoula formam conjuntos,  
de muitos fedores juntos  
nasce o fedor dos fedores.  
Triste da boca enganada,  
que sendo vossa cativa,

quando convosco mais priva  
então beija uma privada:  
vós não sois não desdentada,  
com que o fedor vos não toca:  
porém isso me provoca  
a ver, se o fedor acaso  
vai da boca para o vaso,  
se do vaso para a boca.  
Isto suporte, é o caso,  
a querer, e namorar,  
que a natureza vos troca  
o bacalhau para a boca  
o mau bafo para o vaso:  
eu me consumo, e me abraso,  
por saber, minha Brasica,  
com isto se comunica,  
ou como vos não faz minguá  
fornicar-vos pela língua  
e beijar-vos pela crica.  
Fedendo em baixo, e em cima,  
que sois má casa, receio,  
e quem viver nesse meio,  
inda assim cresce em mau clima:  
de cima o fedor lastima,  
de baixo sobem maus fumos,  
e entre tão ruins perfumos  
dirá o triste gazul,  
pois fedeis de Norte a Sul,  
que fedeis de ambos os rumos.  
Como o sêmen, que entornais,  
dá fedores tão ruins,  
é de crer, que lá nos rins  
algum bacio guardais:  
e pois tanto tresandais,  
quando remolhando as botas  
as dais ao som das cachotas,  
tenho por remédio são,  
que tomeis, as que vos dão,  
mas vós a ninguém dois gotas.  
Se a boca vos fede a caca,  
e tanto, puta, fedeis,  
eu creio, que descendeis  
de alguma Jaratacaca:  
sobre seres tão velhaca,

que não há pobre despido,  
que vos não tenha dormido,  
Jaratacaca bufais,  
e quando vós fornicais,  
deixais o membro aturdido.  
Fedeis mais que um bacalhau,  
e prezai-vos de atrevida,  
como que se a vossa vida  
não fora sujeita a um pau:  
olhai, não vos dê o quinau  
um Mina de cachaporra,  
que um cão morde uma cachorra,  
e se em ser puta vos fiais,  
sois puta, que tresandais,  
e enfastiais toda a porra.

#### **SENTIU-SE BRÁSIA GRAVEMENTE DESTA SÁTIRA, E O POETA AGORA CAVILOSAMENTE À SATISFAZ COM ESTAS DÉCIMAS**

Brásia: aqui para entre nós  
muitos vossos males sinto,  
porque me dizem, que minto,  
no que falei contra vós:  
se a informação foi atroz,  
os versos como seriam?  
mas os que vos conheciam,  
não me desmentiram não,  
senão os da informação,  
que esses são, os que mentiam.

Estou mui arrependido,  
e muito desenganado,  
de que este povo é malvado,  
falso, fito, e fementido:  
vós sois como o sol luzido,  
que inda que eclipses padece,  
como em um instante tece  
mais gala a seu luzimento,  
vencido o assombramento,  
muito mais claro aparece.  
Assim vós sombras vencendo  
de inveja, e de detrações  
ides com mais perfeições



a verdade amanhecendo:  
eu a vossas luzes rendo  
minha dor e contrição  
de haver-vos dado ocasião  
a tão sentidos pesares,  
e pois o sol busca os mares,  
não fujais meu pranto não.  
Estou mui desenganado,  
que os mesmos murmuradores  
vão ao campo a buscar flores,  
que não veem no povoado:  
por isso no ameno prado,  
onde tendes as raízes,  
há quatro flores de Lises  
Escolástica, Apolônia,  
a flor de Brásia, e Antônia  
tão belas, como felizes.  
Vivei por entre os verdores  
de anos pousos, que contaís,  
com que cada qual sejais  
a Musalém das flores:  
vivei tanto, que os amores  
ao mesmo Amor ensineis,  
e porque temo, falteis  
de flores à condição,  
na beleza, e duração  
flores perpétuas sereis.  
Tanto quero, que vivais,  
que essoutras papoulas pardas  
vendo flores tão galhardas  
creiam, que as aventejais:  
tanto assim permaneçais  
tão mestra da formosura,  
que 'té a flor mais futura,  
que está ainda por nascer,  
nasça só para aprender  
beleza, e mais compostura.  
E pois minha contrição  
de todo me tem trocado,  
eu me dou por perdoado,  
sem ter conta de perdão:  
mas faço conta, que não  
hei de tornar a ofender-vos,  
e se basta a merecer-vos,

meu sentimento, e meu pranto,  
perdoai-me, Brásia, enquanto  
busco algum modo de ver-vos.

**A UMA MULATA DENTUÇA, QUE TAMBÉM VIVIA ESCANDALIZADA, VINDO UM  
DIA DA FESTA DE SAM GONÇALO, ONDE COM OUTRAS DANÇOU A  
MANGALAÇA, A GARUPA DE SEU AMASIO PASSANDO PELO POETA LHE PEDIU  
UNS VERSOS**

Por estar na vossa graça  
mando os versos, que quereis:  
mas vós que me pedireis,  
Úrsula, que vos não faça?  
Veio aqui a Mangalaça  
uma com outra mixela  
fazer uma refestela,  
e entre tanta pecadora  
nunca Mangalaça fora,  
se não viésseis vós nela.  
Estava eu vendo passar  
as Pardas tão mal fardadas,  
que cri, que vinham roubadas,  
e elas vinham nos roubar:  
não tive então, que lhes dar,  
que em mim o dar se acabou;  
mas como sempre ficou  
a vanglória de agradar-lhes  
se até agora dei em dar-lhes  
já agora em não dar-lhos dou.  
Enquanto ao sorvo, e ao trago  
não houve falta, antes sobre,  
que ainda que a Juíza é pobre,  
ganha às vezes, que é um lago:  
houve mais vinho que bago,  
e mais caldo que pimentas,  
e estando todas sedentas  
bebendo uma e outra vez  
o relógio dava as três,  
e o frasco dava as trezentas.  
Só vós, Úrsula bizarra,  
entre uma e outra borracha  
cantáveis como gavacha  
sustenidos de guitarra:

deu-vos o sumo da parra  
numa fábrica estrangeira,  
pois num palafrém lazeira  
formastes, com dar um zurro,  
para vosso amigo um burro,  
para vós uma liteira.  
Fostes nas ancas chantada,  
e haveis de vos agastar,  
se Sodoma vos chamar,  
indo de ancas cavalgada:  
eu já vos não digo nada,  
porque hei medo a vossos dentes:  
só digo, que andam as gentes  
dizendo, que o vosso amigo  
se expôs a tanto perigo,  
porque ia co'as costas quentes.  
As mais sobre o seu palmilho  
como iam com tanto ardil,  
cuidei, que eram de Madril,  
onde há festa do trapilho:  
eu nunca me maravilho  
de ver, que Moças honradas  
vão a pé grandes jornadas:  
porém, maravilha encerra,  
que as Mulatas desta terra  
andam sempre cavalgadas.  
Bem fez o vosso Mandu  
dar-vos lugar consoante,  
pois levando as mais diante,  
vos pôs atrás do seu cu:  
da Bahia até o Cairu  
não vi justiça fazer  
tão razoada a meu ver,  
e portanto creio eu,  
que quem hoje o cu vos  
deu, vos mande amanhã beber.  
Vós me destes grande abalo,  
quando nas ancas vos vi,  
porque cegamente cri,  
que éreis rabo do cavalo:  
olhei com mais intervalo,  
e com vista menos presta:  
então pus a mão na testa,  
vendo, que se pelo cabo

não éreis da besta o rabo,  
íeis por rabo da besta.  
Deixai esse amigo imundos  
porque vi grandes apostas,  
que quem assim vos deu costas,  
tem dado as costas ao mundo:  
tomai um rapaz jucundo,  
mundano, e não abestruz,  
que receio, que os Mundus,  
que são, os com quem falais,  
hão de dizer, que lhe andais  
atrás sempre dos seus cus.  
Deixai essas galhofinhas,  
e retirai-vos de ambófiás,  
que isto de andar em bazófiás  
é mui próprio de putinhas:  
cosei em casa as bainhas,  
fazei costuras, e rendas,  
que mulheres de altas prendas  
tratam só do seu remendo:  
isto só vos encomendo,  
senão: minhas encomendas.

**A SAGACIDADE CAVILOSA COM QUE O RELIGIOSO FR. PASCOAL FEZ PRENDER  
A TOMÁS PINTO BRANDÃO: DÁ O POETA CONTA A UM AMIGO DA CIDADE  
DESDE A VILA DE S. FRANCISCO**

Já que entre as calamidades,  
em que a fortuna me encerra,  
não colho os frutos da terra,  
vos mando outras novidades:  
e como nesta as verdades  
têm mais que noutra amargor,  
será ardil de mercador  
embarcá-las além-mar,  
porque a risco vão ganhar  
dez por cento em seu valor.  
Sucedem nesta conquista  
cada dia sobre os vasos  
casos, que por serem casos,  
se propõem a um Moralista:  
cursava um Frei Algebrista  
de certa ordem sagrada

na escola de uma casada,  
que lia em falsa cadeira  
putaria verdadeira  
por postila adulterada.  
a tomar-lhe a postila  
um curioso estudante  
secular como um diamante  
Moço honrado desta vila:  
e como tinha quizila  
o Frade no companheiro,  
lhe grunhia o dia inteiro  
ao pobre do secular,  
porque lhe havia encaixar  
a pena no seu tinteiro.  
Não cuide, que temo agouros,  
nem creia de mim, que sinta,  
que me ande gastando a tinta,  
mas não destripe os poedouros:  
queria dar-lhe uns estouros  
ao pobre do secular,  
que como vinha a furtar,  
e lhe convinha o sofrer,  
calava só por comer,  
comia só por calar.  
Mas o Frade impaciente  
com tão leiga sociedade  
se vestiu de caridade,  
e foi queixar-se ao Regente:  
disse, que o Moço insolente  
difamava uma casada,  
e tinha a vida arriscada,  
porque em certa ocasião  
o Frade lhe dera ao cão,  
e o cão não lhe dera nada.  
O Regente, que encaminha  
tudo à boa providência,  
suposto que tem prudência,  
contudo não adivinha,  
entendeu, que a casadinha  
era parenta do Frade,  
não se enganou em verdade,  
porque estando ela co mês,  
é parenta, em que lhe pês,  
do Frade em sanguinidade.

Preso enfim o secular,  
porque a todos nos espante,  
foi o primeiro estudante,  
que prendem por estudar:  
o que venho a perguntar,  
é, quem foi o alcoviteiro,  
deste Fradinho embusteiro,  
se a prisão, se o Regedor,  
ou se acaso o prendedor,  
que se diz Manuel Monteiro?  
O preso tudo é gritar,  
que se ouve por toda a vila,  
que dele tomar postila  
têm todos, que argumentar:  
o Frade tudo é instar,  
que a culpa é muito maligna,  
que à popa, ou pela bolina  
deve ir numa paviola  
o secular para Angola,  
porque ele fique na mina.  
Afirma o Preso em verdade,  
que àquela escola ruim  
ia aprender mau Latim,  
por se querer meter frade:  
e sua Paternidade  
usava de ingratidão,  
pois sem causa, nem razão,  
a quem lhe fez o favor  
de o ir desprender de amor,  
o tinha posto em prisão.  
Item, que sempre fugia  
do Fradinho as encontradas,  
pois ia em horas minguadas,  
quando o Frade às cheias ia:  
que sempre se lhe escondia,  
por lhe ouvir, que é sua Prima  
e porque ele o não oprima,  
tomava em horas traidoras  
as lições das outras horas,  
e lhe deixava as da Prima.  
Eu vos proponho os motivos  
do sucesso, e seus fracassos,  
porque quem ignora os casos,  
não sabe os nominativos:

eu perco logo os estrivos  
com estas filatarias,  
pois vejo todos os dias,  
que um Frade (seja quem quer)  
pelo meio de as perder  
assegura as putarias.  
O pobre do secular,  
porque o caso vá distinto,  
se chama Fulano Pinto,  
mas já Pinto de galar:  
porém o Frade alveitar,  
que eu tenho por macacão,  
não entra em publicação,  
por que eu perca esse regalo,  
pois morro por batizá-lo,  
para que morra cristão.

#### **ALGUNS PASSOS DISCRETOS E TRISTES**

Eu fiquei com minhas mágoas

Oh nunca foram tantos  
nem tão fortes meus males  
como as ondas.

#### **NESTE RETIRO DEVEMOS SUPOR O POETA CONSULTADO DE VÁRIOS AMIGOS COM ALGUNS ASSUNTOS PARA RESOLVER, E ASSIM PROSSEGUIREMOS COM AS OBRAS SEGUINTE**

Fábio; que pouco entendes de finezas.  
Quem faz só, o que pode, a pouco obriga;  
Quem contra os impossíveis se afadiga,  
A esses se dê amor em mil ternezas.

Amor comete sempre altas empresas;  
Pouco amor muita sede não mitiga;  
Quem impossíveis vence, este me instiga  
Vencer por ele muitas estranhezas.

As durezas da cera o Sol abranda,  
E da terra as branduras endurece,

Atrás do que resiste, o Raio se anda.

Quem vence a Resistência, se enobrece,  
Quem pode, o que não pode, impera, e manda;  
Quem faz mais do que pode, esse merece.

#### **CONTINUA O POETA EM LOUVAR A SOLEDADE VITUPERANDO A CORTE**

Ditoso aquele, e bem aventurado,  
Que longe, e apartado das demandas  
Não vê nos tribunais as apelandas,  
Que à vida dão fastio, e dão enfado.  
Ditoso, quem povoa o despovoado,  
E dormindo o seu sono entre as Holandas  
Acorda ao doce som, e às vozes brandas  
Do tenro passarinho enamorado.  
Se estando eu lá na Corte tão seguro  
Do néscio impertinente, que porfia,  
A deixei por um mal, que era futuro;  
Como estaria vendo na Bahia,  
Que das Cortes do mundo é vil monturo,  
O roubo, a injustiça, a tirania.

#### **PERGUNTA-SE NESTE PROBLEMA, QUAL É MAIOR, SE O BEM PERDIDO NA POSSE, OU O QUE SE PERDE ANTES DE SE LOGRAR? DEFENDE O BEM JÁ POSSUÍDO**

Quem perde o bem, que teve possuído,  
A morte não dilate ao banimento,  
Que esta dor, esta mágoa, este tormento  
Não pode ter tormento parecido.

Quem perde o bem logrado, tem perdido  
O discurso, a razão, o entendimento:  
Porque caber não pode em pensamento  
A esperança de ser restituído.

Quanto fosse a esperança alento à vida,  
Té nas faltas do bem seria engano  
O presumir melhoras desta Sorte.



Porque onde falta o bem, é homicida  
A memória, que atalha o próprio dano,  
O Refúgio, que priva a mesma morte.

### **DEFENDE-SE O BEM QUE SE PERDEU NA ESPERANÇA PELOS MESMOS CONSOANTES**

O bem que não chegou ser possuído,  
Perdido causa tanto sentimento,  
Que faltando-lhe a causa do tormento,  
Faz ser maior tormento o padecido.

Sentir o bem logrado, e já perdido  
Mágoa será do próprio entendimento,  
Porém o bem, que perde um pensamento,  
Não o deixa outro bem restituído.

Se o logro satisfaz a mesma vida,  
E depois de logrado fica engano  
A falta, que o bem faz em qualquer Sorte:

Infalível será ser homicida  
O bem, que sem ser mal motiva o dano,  
O mal, que sem ser bem apressa a morte.

### **TENTADO A VIVER NA SOLEDADE SE LHE REPRESENTAM AS GLORIAS DE QUEM NÃO VIU, NEM TRATOU A CORTE**

Ditoso tu, que na palhoça agreste  
Viveste moço, e velho respiraste,  
Berço foi, em que moço te criaste,  
Essa será, que para morto ergueste.

Aí, do que ignoravas, aprendeste,  
Aí, do que aprendeste, me ensinaste,  
Que os desrezos do mundo, que alcançaste,  
Armas são, com que a vida defendeste.

Ditoso tu, que longe dos enganos,  
A que a Corte tributa rendimentos,  
Tua vida dilatas, e deleitas!  
Nos palácios reais se encurtam anos;

Porém tu sincopando os aposentos,  
Mais te deleitas, quando mais te estreitas.

### **MORALIZA O POETA OUTRA VEZ A SUA DECLINAÇÃO PELO SEU LUZIMENTO NO AMORTECIDO DESMAIO DE UMA POMPOSA FLOR**

De que serviu tão florida,  
caduca flor, vossa Sorte,  
se havia da própria morte  
ser ensaio a vossa vida?  
quanto melhor advertida  
andáveis em não nascer,  
que se a vida houvera ser  
instrumento de acabar,  
em deixares de brilhar,  
deixaríeis de morrer.

Enquanto presa vos vistes  
no botão, onde morastes,  
bem que a vida não lograstes,  
de esperança vos vestistes:  
mas depois que, flor, abristes,  
tão depressa fenecestes,  
que quase a presumir destes  
(se se pode presumir)  
que para a morte sentir,  
somente viver quisestes.

Fazendo da pompa alarde  
abre a Rosa mais louçã,  
e o que é gala na manhã,  
em luto se torna à tarde:  
pois se a dita mais cobarde,  
se a mais frágil duração  
renascestes, porque não  
terei de crer fundamento,  
que foi vosso luzimento  
da vossa sombra ocasião.

E pois acabais florida,  
bem se vê, flor desditosa,  
que a não seres tão formosa,  
não fôreis tão abatida:

desgraçada por luzida,  
ofendida por louçã  
mostrais bem na pompa vã  
as mãos do tempo cobarde,  
que fenecestes à tarde,  
por luzires na manhã.

Assim pois quando contemplo  
vossa vida, e vossa morte,  
em vós, flor, da minha sorte  
encontro o mais vivo exemplo:  
subi da fortuna ao templo,  
mas apenas subi digno,  
quando me mostra o destino,  
que, a quem não é venturoso,  
o chegar a ser ditoso  
é degrau de ser mofino.

#### **MORALIZA O POETA SEU DESASSOSSEGO NA HARMONIA INCAUTA DE HUM PASSARINHO, QUE CHAMA SUA MORTE A COMPAÇOS DE SEU CANTO**

Contente, alegre, ufano Passarinho,  
Que enchendo o Bosque todo de harmonia,  
Me está dizendo a tua melodia,  
Que é maior tua voz, que o teu corpinho.  
Como da pequenez desse biquinho  
Sai tamanho tropel de vozeria?  
Como cantas, se és flor de Alexandria?  
Como cheiras, se és pássaro de arminho?  
Simples cantas, e incauto garganteias,  
Sem ver, que estás chamando o homicida,  
Que te segue por passos de garganta!  
Não cantes mais, que a morte lisonjeias;  
Esconde a voz, e esconderás a vida,  
Que em ti não se vê mais, que a voz, que canta.

#### **MORALIZA O POETA NOS OCIDENTES DO SOL A INCONSTÂNCIA DOS BENS DO MUNDO**

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da Luz se segue a noite escura,

Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém se acaba o Sol, por que nascia?  
Se formosa a Luz é, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,  
Na formosura não se dê constância,  
E na alegria sintam-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstância.

### **A UMA DAMA A QUEM NÃO RENDIAM FINEZAS**

Sobre esta dura penha,  
que repartida em rocas  
contra o mar inimigo  
quatro fileiras forma:

Dos mares combatida,  
escalada das ondas,  
incêndios de salitre  
não rendem tanta força.

A rocha permanente  
às ondas porfiosa,  
cheio o mar de coragem  
a penha de vitórias.

Não há um desengano  
para fúrias tão loucas  
de um elemento débil,  
a quem o vento assopra.

Mas o curso dos dias,  
e a carreira das horas,  
que dão a todo o mundo  
escarmento e memória,

Hão de mostrar-lhe enfim,  
que nas maiores forças  
não há intento sisudo  
com esperanças loucas.

Aqui pois onde o fado  
me conduz, ou me arroja  
a escrever desenganos  
ao mar desde esta roca:

Quero queixar-me ao céu  
nas cordas numerosas  
de minha triste lira  
já de queixar-me rouca.

Porque razão, pergunto,  
a esfera luminosa  
me fez tão semelhante  
desta invencível roca?

A roca inexpugnável  
reveste-se animosa  
da pólvora dos ventos,  
que dentro d'água estoura:

E eu também me resisto,  
há mais de mil auroras  
aos vaivéns da fortuna,  
vários, como ela própria.

A penha incontrastável,  
cada maré se molha,  
e leva o branco pé  
nas sucessivas ondas.

Eu também incansável  
me levo cada hora  
no sucessivo pranto,  
que me inunda, e me afoga.

As ondas à porfia  
até ver se se prostra  
o firme de um penhasco

o duro de uma rocha.

Também minha fortuna  
tenaz, e porfiosa  
insiste, em que se prostre  
minha firmeza heróica.

#### ESTRIBILHO

Oh nunca semelhante  
fora eu desta roca,  
oh nunca foram tantos  
nem tão fortes meus males  
como as ondas.

#### **A UMA DAMA, QUE SE RECATAVA DE PAGAR FINEZAS**

Filena: eu que mal vos fiz,  
que sempre a matar-me andais,  
uma vez, quando me olhais,  
outra quando me fugis:  
vi-vos, e logo vos quis  
tão inseparavelmente,  
que nem a vista ao presente  
ao menos sabe dizer-me,  
entre ver-vos, e render-me  
qual foi primeiro acidente.

Vós sois tão esquiva, e tal,  
que outras cousas não sabendo,  
da vossa esquivança entendo,  
que o meu amor me fez mal:  
não cabe em meu natural  
fugir, de quem me maltrata,  
e se me sai tão barata  
a vingança de querer-vos,  
quero amar-vos, e sofrer-vos,  
porque fiqueis mais ingrata.

Não sinto esta pena atroz,  
que me fazeis padecer,  
antes folgo de morrer,

vendo, que morro por vós:  
e se com passo veloz  
vejo a morte já chegar,  
não sinto ver-me acabar,  
sinto a glória, que vos cresce,  
que uma ingrata não merece  
a glória de me matar.

Vivam vossas esquivações,  
e vossa crueldade viva,  
que a sem-razão de uma esquiva  
acredita as esperanças:  
tudo tem certas mudanças,  
também se muda o rigor,  
e se Amor me dá valor  
para sofrer-vos, e amar-vos,  
claro está, que hão de mudar-vos  
firmezas do meu amor.

### **A UMAS SAUDADES**

Pelo mar do meu tormento,  
em que padecer me vejo,  
já que amante me desejo  
navegue meu pensamento:  
meus suspiros formem vento,  
com que me faças ir ter,  
onde me desejo ver,  
e diga minha alma assi,  
Parti, coração parti,  
navegai sem vos deter.

Ide donde meu amor  
apesar desta distância  
nem há perdido a constância,  
nem há admitido rigor:  
antes mais superior  
assim se quer exceder,  
porém se desfalecer  
em tantas adversidades  
Ide-vos minhas saudades  
a meu amor socorrer.

## NASCE A ROSA, E NASCE A FLOR

### MOTE

*Para que nasceste, rosa,  
se tão depressa acabaste,  
nasces na manhã triunfante,  
morres despojo de tarde.*

Nasce a rosa, e nasce a flor  
de tanta cor matizada,  
quando se vê desmaiada  
triste sem vida, e sem cor:  
tudo quanto no candor  
se ostentava majestosa,  
então menos venturosa  
perde toda a louçania,  
e para brilhar um dia  
Para que nasceste Rosa?

Se por nascer tão subida  
perde a rosa a perfeição,  
enquanto a rosa em botão  
mais se lhe dilata a vida:  
nessa pompa já perdida,  
com que, rosa, te enfeitaste,  
vendo o pouco que duraste,  
da vida foste um nonada,  
nem foste rosa, nem nada,  
Se tão depressa acabaste.

Se na manhã encarnada  
te julgas perfeita rosa,  
olha o lustre de formosa  
como o perdes desmaiada:  
quem te viu na madrugada  
entre as mais flores reinante,  
que na tarde não se espante,  
quando murcha assim te vê!  
dize, rosa, para que  
Nasces de manhã triunfante.



Se como rosa nasceste  
com tão galhardo valor,  
como rosa, e como flor  
a pompa, e garbo perdeste:  
se tanto te engrandeceste,  
como te mostras cobarde,  
pois quando fazendo alarde  
de te ver tão majestosa,  
por ver-te na manhã rosa,  
Morres despojo de tarde.

### **ENFADA-SE O POETA DO ESCASSO PROCEDER DE SUA SORTE**

Oh que cansado trago o sofrimento,  
E que injusta pensão de humana vida,  
Que dando-me o tormento sem medida,  
Me encurta o desafogo de um contento!

Nasceu para oficina do tormento  
Minha alma a seus desgostos tão unida,  
Que por manter-se em posse de afligida,  
Me concede os pesares de alimento.

Em mim não são as lágrimas bastantes  
contra incêndios, que ardentes, me maltratam,  
Nem estes contra aqueles são possantes.

Contrários contra mim em paz se tratam,  
E estão em ódio meu tão conspirantes,  
Que só por me matarem, não me matam.

### **ZELOSO, E TRISTE CONSULTA O POETA A SOLEDADE DOS MONTES PARA SEU DESAFOGO**

Montes, eu venho a buscar-vos  
para contar-vos meu mal,  
inda que o vosso silêncio  
interrompa com meus ais.  
Já sabeis, que adora à Menga,  
a quem para sujeitar  
frágil corrente é meu pranto  
desatado em seu cristal.

Já vos referi mil vezes,  
como Menga com Pascoal,  
em cima de me dar zelos,  
zelos me obriga a aceitar.  
Se o remédio é não tomá-los,  
dá-me Menga em se queixar,  
de que sou Pastor grosseiro,  
pois não tomo, o que me dá.

### **QUEIXA-SE DE QUE NUNCA FALTEM PENAS PARA A VIDA, FALTANDO A VIDA PARA AS MESMAS PENAS**

Em o horror desta muda soledade,  
Onde voando os ares a porfia  
Apenas solta a luz a aurora fria,  
Quando a prende da noite a escuridade.

Ah cruel apreensão de uma saudade,  
De uma falsa esperança fantasia,  
Que faz que de um momento passe o dia,  
E que de um dia passe à eternidade!

São da dor os espaços sem medida,  
E a medida das horas tão pequena,  
Que não sei, como a dor é tão crescida.  
Mas é troca cruel, que o fado ordena,  
Porque a pena me cresça para a vida,  
Quando a vida me falta para a pena.

### **AO MESMO ASSUNTO**

#### *MOTE*

*Ao pé de uma junqueira  
nasce uma fonte de prata,  
assentei-me junto dela,  
bem tolo é, quem se mata.*

Por divertir saudades  
de Fílis do céu traslado  
quis escolher meu cuidado  
por alívio as soledades:

e revolvendo as verdades  
da fé, e firmeza minha,  
como cessado não tinha,  
de sentir, e imaginar,  
me deitei por descansar  
Ao pé de uma junqueirinha.

Tomou-me o sono os sentidos,  
e em sonhos e fantasia  
arrebatado me guia  
a ver uns campos floridos:  
e para mais divertidos  
meus cuidados, me retrata  
uma graciosa mata  
fabricada de craveiros,  
donde entre verdes oiteiros  
Nasce uma fonte de prata.

Estava as graças notando  
de tão linda arquitetura,  
quando a melhor formosura  
à fonte se vem chegando:  
um véu de rosto tirando  
para melhor poder vê-la,  
conhecer ser Fílis bela,  
a que a minha alma roubou,  
e vendo, que se assentou,  
Assentei-me junto dela.

Eis que gozando de amor  
as delícias, acordei,  
e só sem Fílis me achei  
da junqueirinha ao redor:  
que presto vence uma dor  
qualquer aparência grata!  
quem em seus amores trata  
de glórias, não tem razão,  
e por deleites em vão  
Bem tolo é, quem se mata.

## **AO MESMO INTENTO**

*MOTE*

*Deixai-me, tristes memórias.*

Nesta ausência, bem querido,  
nada me serve de gosto,  
que o bem, que em vós tenho posto,  
por ausente está perdido:  
mas aparta-te, sentido,  
pois se apartam essas glórias,  
porque as antigas vitórias,  
com que amor triunfou então,  
já lá vão, já nada são,  
Deixai-me, tristes memórias.

### **CHORA UM BEM PERDIDO, PORQUE O DESCONHECEU NA POSSE**

Porque não conhecia, o que lograva,  
Deixei como ignorante o bem, que tinha,  
Vim sem considerar, aonde vinha,  
Deixei sem atender, o que deixava.  
Suspiro agora em vão, o que gozava,  
Quando não me aproveita a pena minha,  
Que quem errou, sem ver, o que convinha,  
Ou entendia pouco, ou pouco amava.  
Padeça agora e morra suspirando  
O mal, que passo, o bem, que possuía,  
Pague no mal presente o bem passado.  
Que quem podia, e não quis, viver gozando,  
Confesse, que esta pena merecia,  
E morra, quando menos confessado.

### **NO FLUXO E REFLUXO DA MARÉ ENCONTRA O POETA INCENTIVO PARA RECORDAR SEUS MALES**

Seis horas enche e outras tantas vaza  
A maré pelas margens do Oceano,  
E não larga a tarefa um ponto no ano,  
Depois que o mar rodeia, o sol abrasa.

Desde a esfera primeira opaca, ou rasa  
A Lua com impulso soberano

Engole o mar por um secreto cano,  
E quando o mar vomita, o mundo arrasa.

Muda-se o tempo, e suas temperanças.  
Até o céu se muda, a terra, os mares,  
E tudo está sujeito a mil mudanças.

Só eu, que todo o fim de meus pesares  
Eram de algum minguante as esperanças,  
Nunca o minguante vi de meus azares.

### **PONDERA NA CORRENTE ARREBATADA DE UM CAUDALOSO RIO QUÃO DISTINTO VEM A SER O CURSO DA HUMANA VIDA**

#### *MOTE*

*Vai-te, mas tornas a vir,  
eu vou, e não torno mais,  
nascemos mui desiguais,  
hemo-nos de dividir:  
em ti tudo é repetir,  
vazas, e tornas a encher:  
em mim tudo é fenecer,  
tudo em mim é acabar,  
tudo em mim é sepultar,  
finalmente hei de morrer.*

Vai-te refazer ao mar  
do cabedal, que hás perdido  
pela terra divertido,  
e és ditoso em o cobrar:  
eu não posso restaurar,  
nem tampouco conseguir,  
o que de mim fiz fugir,  
tudo se tem acabado:  
tu, em que vais apressado,  
Vai-te, mas tornas a vir.

O cansaço, e amargura,  
que te custa o teu correr,  
tornas logo a converter  
em leite, mel e doçura:  
eu correndo à sepultura

cada vez me dano mais:  
somos muito desiguais  
em converter dissabores,  
tu te voltas com favores.  
Eu vou, e não torno mais.

Suposto que sem medida  
roubando vás dessa sorte,  
nem por isso passas morte,  
que dure, ou seja sentida:  
eu, enquanto dura a vida,  
se cometo absurdos tais,  
sem que me valham meus ais,  
pago mui pelo miúdo,  
o que a morte faz a tudo,  
Nascemos mui desiguais.

Afogas mil passageiros,  
mas tu a ti não te prendes,  
antes mais forçoso empreendes  
submergir montes, e oiteiros:  
eu, se não são verdadeiros  
meus passos para a Deus ir,  
me encaminho a destruir:  
tudo em mim é puro estrago,  
diversamente naufrago,  
Hemo-nos de dividir.

Inda que assim te despenhes,  
não vejo não naufragar-te,  
antes mais vejo espalhar-te  
por campos, vales, e brenhas:  
de mim pobre não há senhas,  
em chegando a me fundir  
não me hei de reproduzir,  
antes para meu encanto  
fico num contínuo pranto,  
Em ti tudo é repetir.

Qualquer tronco, que por si  
se vê murcho, ou molestado,  
este mui regozijado  
se arranca, e vai trás de ti:  
eu, se culpas cometi,

tudo é chorar, e gemer,  
ninguém me dá seu poder,  
ando corrido, e feneço,  
e tu, enquanto eu padeço,  
Vazas, e tornas a encher.

És vandoleiro, e pirata  
de ramos, flores, e frutos  
teus procederes são brutos,  
e a ti ninguém te maltrata:  
eu, se falta em mim se trata,  
e nela chego a morrer,  
tudo em mim é padecer,  
peno toda a eternidade,  
tu tens outra liberdade,  
Em mim tudo é fenecer.

Tens mui tiranos efeitos  
no furor, com que devoras,  
e todos todas as horas  
te têm notáveis respeitos:  
eu, aguardam-me sujeitos  
para me mais estragar,  
gusanos para me dar  
o pago, que hei merecido,  
tu vives obedecido,  
Tudo em mim é acabar.

Vê, quanto tens destruído,  
quanto tens desbaratado,  
o que tens morto de gado,  
de toda a sorte nascido:  
mostra-te disso doído?  
não: que não tens que penar,  
em mim sim tudo é chorar,  
tudo em mim é sentir danos,  
tudo em mim são desenganos.  
Tudo em mim é sepultar.

Enfim certamente és rio,  
foste mar, mar hás de ser,  
mas eu só devo de crer,  
que fui, e serei pó frio:  
assim creio, assim confio,

nele me hei de converter,  
os bichos me hão de comer  
hei de todo acabar,  
hei de estreita conta dar,  
Finalmente hei de morrer.

## SE NÃO POSSO IR RASTEJANDO

### MOTE

*Como se pode alcançar  
de dous, que se querem bem,  
qual terá maior pesar,  
se o que vai para tornar,  
se o que espera, por quem vem.*

Se não posso ir rastejando  
a pena, que pode ter,  
quem há temor de perder  
a prenda, que está logrando:  
e se me confundo, quando  
me disponho a penetrar  
aquela pena, e pesar,  
que deixa um bem já perdido,  
do mal de ausente o sentido,  
Como se pode alcançar?

Parece uma pena chica,  
que chica é por tal arte,  
que inda que a dor se reparte,  
toda em um se multiplica:  
pena, que mais se duplica,  
quanto mais partida vem,  
na extensão o aumento tem,  
que a pena, que a ausência ordena,  
sobre ser de dous, é pena  
De dous, que se querem bem.

Se é pena de dous, que se amam,  
quem não vê, que em tal querer  
dobrado incêndio há de haver,  
se há dous fogos, que se inflamam:  
quando dous a um tempo clamam,



por força se há de aumentar  
a um clamar outro clamar;  
assim no mal de não ver-se  
cresce a pena, sem saber-se  
Qual terá maior pesar.

Quem vai, porque a pena rima,  
deixa a alma, que se inflama,  
para que anime, adonde ama  
muito mais, que adonde anima:  
quem fica, e se desanima,  
quer logo as almas trocar,  
por confundir, e ocultar,  
qual mais sabe padecer,  
quem fica para não ver,  
Se o que vai para tornar.

Nesta confusão de amor  
duvida a perplexidade,  
nunca se sabe a verdade  
sobre a vantagem da dor:  
mas o discreto Leitor,  
que quer lhe resolva em bem,  
o que o mote em si contém,  
veja, que tem mais cuidado,  
quem não vem, sendo esperado,  
Se o que espera, por quem vem.

## **NUMA ILUSTRE ACADEMIA**

### *MOTE*

*Perguntou-se a um discreto,  
qual era a morte tirana:  
respondeu, que estar ausente  
daquilo, que mais se ama.*

Numa ilustre academia,  
que com ciências infusas  
fizeram as nove Musas,  
onde Apolo presidia:  
leu o Secretário Admeto,

um problema mui seletto  
propôs, para argumentar-se,  
e havendo de perguntar-se,  
Perguntou-se a um discreto.

Ele, que estava distante,  
e não ouvia a proposta,  
não deu por então resposta  
de Surdo, e não de ignorante:  
mas vendo no seu semblante  
a academia Sob'rana,  
que tinha a desculpa lhana,  
lhe advertiram com agrado,  
que lhe haviam perguntado:  
Qual era a morte tirana.

Ele entences como um raio  
prontamente, e sem detença  
tomando vênua, e licença  
fez consigo um breve ensaio:  
o mais horrível desmaio  
que um peito amoroso sente,  
é a falta do bem presente:  
ficou-lhe a resposta lhana;  
e a qual é a morte tirana,  
Respondeu, que estar ausente.

Deixou a resposta absorto  
a aquele douto congresso,  
porque é já provérbio expresso,  
que ausente é o mesmo que morto:  
eu me persuado, e exorto,  
que quem se abrasa, e inflama  
de amor na contínua chama,  
inda que sinta abrasar-se,  
e menos mal, que ausentar-se  
Daquilo, que mais se ama.

## **CORAÇÃO, QUE EM PRETENDER**

*MOTE*

*Se de um bem nascem mil males,  
de um mal quisera saber  
quantos bens podem nascer?*

Coração, que em pretender  
perdes tempo em esperanças,  
e quando algum bem alcanças,  
é por ter mais que perder:  
por cousas, que não têm ser,  
e de que nunca te vales,  
como direi, que te abales?  
como direi, que convém,  
andar em busca de um bem,  
Se de um bem nascem mil males?

Quando um firme bem procuras,  
te desavéns com teus bens,  
porque perdendo os que tens,  
noutros males te asseguras:  
aos bens nunca te aventuras  
sem certos males colher,  
e eu para te defender,  
e a vida te conservar,  
um bem não tomara achar,  
De um mal quisera saber.

Do bem os males nasceram  
do mal nunca nasceu bem,  
salvo o mal de quem não tem  
bens, de que os males se geram:  
e inda que do mal puderam  
os bens produzidos ser,  
se os hás de vir a perder,  
antes toma um mal por gosto  
Quantos bens podem nascer.

### **SERVIU LUÍS A ISABEL**

#### *MOTE*

*Amar Luís a Maria,  
amaria não é amar*

*logo como pode estar  
num tempo amar, e amaria.*

Serviu Luís a Isabel  
Por prêmio de um favor só  
mais tempo do que Jacó  
serviu à bela Raquel:  
e porque Isabel infiel  
o enganou de dia em dia,  
em pena de aleivosia  
em Maria o empreguei,  
e então lhe certifiquei  
Amar Luís a Maria.

Deixei-a tão persuadida,  
quanto ela é presuntuosa,  
que o presumir de formosa  
persuade o ser querida:  
porém como é entendida,  
e em toda a arte de amar  
sabe mui bem conjugar,  
disse, tomando-me a mão,  
que em boa conjugação  
Amaria não é amar.

Que amaria é imperfeito,  
e perfeito o ter amado,  
e a um presente cuidado  
não serve o plus-quão-perfeito:  
vi eu a Moça de jeito,  
que me pus pela quietar  
nesta forma a conjugar  
"Amar Luís, e amaria  
não está em filosofia",  
Logo como pode estar?

Este aparente argumento,  
e sutil proposição  
não só tirou a questão,  
mas deu-lhe contentamento:  
firme enfim ao fundamento  
da minha sofisteria  
diz, que a boa astronomia  
tem uns pontos tão sutis,

que pode estar em Luís  
Num tempo amar, e amaria.

## SE HOUVERA CONFORMIDADE

### MOTE

*Não quero, o que vós quereis,  
só quero, que vós queirais  
aquilo, que não quereis,  
só quero, não quero mais.*

Se houvera conformidade  
em um, e outro querer,  
ambos poderiam ser  
atos da mesma vontade:  
porém na diversidade  
de uma, e de outra vereis,  
quando firme pergunteis,  
onde minha alma está posta,  
como tendes por resposta,  
Não quero, o que vós quereis.

E se acaso se oferece  
outro objeto a vosso amor,  
e publicais por favor,  
que em vós só o meu floresce:  
esta ação nada merece,  
mas antes me ofende mais,  
e do prêmio, que buscais,  
deponde a louca esperança  
e não ter de mim lembrança  
Só quero, que vós queirais.

Se nesta deformidade,  
que em vossas vontades há,  
algum meio indústria dá  
para haver conformidade,  
é, que na vossa vontade  
mil impossíveis obreis,  
porque amando não ameis,  
sendo fino, o não sejais,

e não querendo queirais  
Aquilo, que não quereis.

Se isto muito parecer  
em uma vontade humana  
isso mesmo desengana  
os quilates do seu ser:  
pouco amor, pouco querer  
é força, que concedais,  
pelo que não pertendais  
as lisonjas do meu gosto,  
porque, o que tenho proposto,  
Só quero, não quero mais.

### **VIDINHA: POR QUE CHORAIS?**

#### *MOTE*

*Se lágrimas aliviam,  
como padece, quem chora?*

Vidinha: por que chorais?  
porque padeço, meu bem.  
Mui grande dúvida tem  
a resposta, que me dais:  
se lágrimas são sinais  
dos que dantes padeciam,  
alívio já sentiriam  
das lágrimas ao verter;  
logo implica o padecer  
Se lágrimas aliviam.

Dúvida não pode haver,  
que enquanto os olhos me choram,  
suposto a pena melhoram,  
se está rindo o padecer:  
alívio deve de ter,  
quem já seus males melhora,  
mas se nele a pena mora  
até o choro acabar,  
fácil é de se mostrar  
Como padece, quem chora.

## DE UNS OLHOS SE VIU RENDIDO

### MOTE

*Para retratar uns olhos  
Cupido se fez pintor,  
desfez o céu para tinta  
moeu para luz o Sol.*

De uns olhos se viu rendido  
Amor, que os arpões quebrou,  
porque afrontados julgou  
arpões doutro arpão vencido:  
cego, e turbado Cupido  
guiado de seus antolhos  
trilha espinhos, pisa abrolhos,  
e por curar seu cuidado  
um pincel pede emprestado  
Para retratar uns olhos.

Para uns olhos tão brilhantes  
buscava o melhor pincel,  
negou-lhe Apeles cruel,  
piedoso lhe deu Timantes:  
como Mestres tão prestantes  
puseram de morte cor,  
olhos, que vencem a Amor:  
nesta pena, que o soçobra,  
para colorir a obra  
Cupido se fez pintor.

Sempre eu vi que aos amadores  
nada falta em bom primor:  
porém hoje ao mesmo Amor  
para pintar faltam cores:  
ele perdeu as melhores  
em ter a presença extinta  
dos olhos belos, que pinta,  
cuja cor é celestial,  
e por lhe dar natural  
Desfez o céu para tinta.

Para cópia tão divina,  
como Amor a imaginou,  
todo o aparelho tirou  
dessa esfera cristalina:  
excedia a ultramarina  
cor desse azul arrebol,  
e do divino farol  
sendo precisa a luz pura,  
por dar claros à pintura  
Moeu para luz o Sol.

## **PARECE QUE JÁ SE ENFASTIAVA O POETA DO SEU RETIRO COMO SE VÊ NA OBRA**

### *MOTE*

*Contentamento, onde estás,  
que te não acha ninguém,  
se intenta buscar-te alguém,  
não sabe, por onde vás.*

Amigo contentamento,  
peço-te por esta vez,  
que não me busques, que intento  
buscar-te em teu aposento,  
para lançar-me a teus pés:  
que não quês, e a ousadia,  
ou a desserviço o hás,  
para que te acha algum dia,  
me digas em cortesia,  
Contentamento, onde estás.

Por mil partes diferentes  
andei, e te certifico  
não ver-te por entre as gentes,  
antes todos descontentes  
alto, baixo, pobre, rico:  
fui-me aos palácios e ouvi,  
que se acaso ali te veem,  
sem deixar sinais de ti,  
tão cedo te vais dali,  
Que te não acha ninguém.



Dei logo em imaginar,  
que estás entre os namorados,  
busquei-te, e vendo-os queixar,  
mal (disse) se podem dar  
contentamento, e cuidados:  
com que vendo o teu desvio  
julguei, que passar além  
era trabalho baldio,  
e que intenta um desvario,  
se intenta buscar-te alguém.

Fiquei tão desenganado,  
que direi por toda a parte,  
que quem por dita, ou por fado  
se não vir de ti buscado,  
não se canse com buscar-te:  
Porque é tal tua conquista,  
que inda o triste, a quem te dás,  
por muito, que ele te assista,  
em perdendo-te de vista,  
Não sabe, por onde vás

### **DESPEDE-SE O POETA DO SEU AMOROSO DIVERTIMENTO COM PRETEXTOS FRÍVOLOS, E TOTALMENTE CONTRÁRIOS A RAZÃO DO AMOR**

#### *MOTE*

*Deixar quero o vosso bem,  
para tomar vosso mal,  
porque o vosso bem é tal,  
que do mal melhor me vem.*

Se dor me infunde no peito,  
Clóri, quererdes-me assaz,  
dai ao demo amor, que traz  
mais dano, do que proveito:  
não vi amor de tal jeito  
no mundo d'aquém, e além,  
e pois simulado vem  
todo o mal, que me fazeis,  
neste bem, que me quereis,  
Deixar quero o vosso bem.

Se mal vosso bem me influi,  
bens vosso mal dará vários,  
porque de agentes contrários  
contrário efeito se argúi:  
a consequência conclui  
por força filosofal;  
e pois vosso mal é tal,  
que em vós doutro bem não sei,  
que bens não repudiarei,  
Para tomar vosso mal?

Pois o bem pelo mal troco  
pelas causas, que já disse,  
terei a grã parvoíce,  
que vós me tenhais por louco,  
que eu o que experimento, e toco  
neste bem prejudicial  
me faz homem desigual,  
avesso, néscio, e sandeu:  
porém tal homem sou eu,  
Porque o vosso bem é tal.

Se tal fora o vosso amor,  
como são outros amores,  
fecundo para os favores,  
estéril para o rigor:  
tivera a grande favor,  
Clóri, quererdes, a quem  
vos adorara um desdém,  
que outro tempo aborrecia,  
porque então não entendia,  
Que do mal melhor me vem.

**AO GOVERNADOR D. JOÃO D'ALENCASTRE QUANDO MANDOU PRENDER AO  
AUTOR PARA O DEGRADAR POR TER CHEGADO DISFARÇADO DE LISBOA EM  
UMA NÃO DE GUERRA O FILHO DE ANTONIO LUIZ DA CÂMARA COUTINHO  
COM INTENTO DE Ó MATAR PELAS SÁTIRAS QUE FEZ A SEU PAI: O QUE  
CONHECIDO PELO GOVERNADOR D. JOÃO D'ALENCASTRE, LHE QUIS SEGURAR  
A VIDA COM O PRETEXTO DE DEGREGO PARA ANGOLA O QUE O AUTOR  
NESTA OBRA QUER NEGAR DESCULPANDO-SE**

*MOTE*

*Não há mais tirano efeito,  
que padecer, e calar  
ter boca para falar,  
e não falar por respeito.*

Que hoje à força meu fado  
um Governador envolto,  
que, por ser na língua solta,  
seja no discurso atado:  
velhacamente informado  
formou de mim tal conceito:  
porém (salvo o seu respeito)  
fazer-me a defesa pausa,  
havendo mentir a causa,  
Não há mais tirano efeito.

Já não há bem, e conheço  
que neste presente abalo  
padeço mais, do que calo,  
calo mais, do que padeço:  
porém, Senhor, se eu mereço  
nos dous extremos votar,  
se qualquer me há de ultrajar,  
tenho a melhor padecer,  
antes falar, e morrer,  
Que padecer, e calar.

Eu tenho a língua embargada  
aqui, que se a não tivera,  
cousa boa não dissera,  
fizera cousa falada:  
tudo digo neste nada,  
nada faço em me explicar;  
assim quero-me calar,  
porque no presente ano  
só pode qualquer magano  
Ter boca para falar.

Serei qual melão letrado  
com bem estranho sentido,  
que hei de ser mais entendido,  
quando estiver mais calado:  
mande-me já degradado  
por sentença, ou de percebeito,

ao mar largo, ou mar estreito,  
onde os campos de Zafir  
com respeito me hão de ouvir,  
E não falar por respeito.

**DESCREVE A UM AMIGO DESDE AQUELE DEGREGO AS ALTERAÇÕES, E MISÉRIAS DAQUELE REINO DE ANGOLA, E O QUE JUNTAMENTE LHE ACONTECEU COM OS SOLDADOS AMOTINADOS, QUE O LEVARAM PARA O CAMPO, E TIVERAM CONSIGO PARA OS ACONSELHAR NO MOTIM**

Angola é terra de pretos,  
mas por vida de Gonçalo,  
que o melhor do mundo é Angola,  
e o melhor de Angola os trapos.  
Trapos foi o seu dinheiro  
este século passado,  
hoje já trapos não correm,  
corre dinheiro mulato.  
Dinheiro de infame casta,  
e de sangue inficionado,  
por cuja causa em Angola  
houve os seguintes fracassos.  
Houve amotinar-se o Terço,  
e de ponto em branco armado  
na praia de Nazaré  
pôr-nos em sítio apertado.  
Houve, que Luís Fernandes  
foi entonces aclamado  
por rei dos jeribiteiros,  
e por sova dos borrachos.  
Houve expulsão do Ouvidor,  
que na chinela de um barco  
botou pela barra fora  
mais medroso, que outro tanto.  
Houve levar-se o Doutor  
rocim pelo barbicacho,  
à campanha do motim  
por Secretário de estado.  
Houve, que receando o Terço  
mandou aqui lançar bandos,  
alguns com pena de morte,  
outros com pena de tratos.  
Houve, que sete cabeças

foram metidas num saco,  
porque o dinheiro crescesse,  
como os fizessem em quartos.  
Houve, que sete mosquetes  
leram aos sete borrachos  
as sentenças aos ouvidos  
em segredo aqui entre ambos.  
Houve, que sete mosquetes  
inda hoje se estão queixando,  
que aquela grande porfia  
lhe tem os cascos quebrados.  
Houve, que após da sentença,  
e execução dos madraços  
prenderam os esmoleiros,  
que deram socorro ao campo.  
Houve, que saíram livres  
por força de um texto Santo,  
cuja fé nos persuade,  
que a esmola apaga os pecados.  
Houve mil desaventuras,  
mil sustos, e mil desmaios,  
uns tremiam com quartãs,  
a outros tremiam os quartos.  
Houve, que esteve em depósito,  
a ponto de ser queimado  
arremedando nas cinzas  
ao antigo mar Troiano.  
Leve o diabo o dinheiro,  
por cujo sangue queimado  
tanta queimação de sangue  
padecem negros, e brancos.  
Com isto não digo mais,  
antes tenho sido largo,  
que me esqueia até agora  
do nosso amigo Lencastro.

#### **LAMENTA O POETA O TRISTE PARADEIRO DA SUA FORTUNA DESCREVENDO AS MISÉRIAS DO REINO DE ANGOLA PARA ONDE Ò DESTERRARAM**

Nesta turbulenta terra  
armazém de pena, e dor,  
confusa mais do temor,  
inferno em vida.

Terra de gente oprimida,  
monturo de Portugal,  
para onde purga seu mal,  
e sua escória:

Onde se tem por vanglória  
o furto, a malignidade,  
a mentira, a falsidade,  
e o interesse:

Onde a justiça perece  
por falta, de quem a entenda,  
e onde para haver emenda  
usa Deus,

Do que usava c'os Judeus,  
quando era Deus de vinganças,  
que com todas as três lanças  
de sua ira

De seu tronco nos atira  
com peste, e sanguínea guerra,  
com infecúndias da terra,  
e pestilente

Febre maligna, e ardente,  
que aos três dias, ou aos sete  
debaixo da terra mete  
o mais robusto.

Corpo queimado, e combusto,  
sem lhe valer medicina,  
como se peçonha fina  
fora o ar:

Deste nosso respirar  
efeitos da zona ardente,  
onde a etiópica gente  
faz morada:

Gente asnaval, e tostada,  
que da cor da escura noite  
a pura marca, e açoite

se encaminha:

Aqui a fortuna minha  
conjurada com seu fado  
me trazem em tal estado,  
qual me vejo.

Aqui onde o meu desejo  
debalde busca seu fim,  
e sempre me acho sem mim,  
quando me busco.

Aqui onde o filho é fusco,  
e quase negro é o neto,  
negro de todo o bisneto  
e todo escuro;

Aqui onde ao sangue puro  
o clima gasta, e conforme,  
o gesto róí, e corcome  
o ar, e o vento,

Sendo tão forte e violento,  
que ao bronze metal eterno,  
que o mesmo fogo do inferno  
não gastara,

O racha, quebra, e prepara,  
que o reduz a quase nada;  
os bosques são vil morada  
de Empacassas

Animais de estranhas raças,  
de Leões, Tigres, e Abadas,  
Elefantes às marradas,  
e matreiros:

Lobos servis, carniceiros,  
Javalis de agudas setas,  
Monos, Bugios de tretas  
e dos rios

Há maldições de assobios  
de crocodilos manhosos

de cavalos espantosos  
dos marinhos,

Que fazem horrendo ninhos  
nas mais ocultas paragens  
das emaranhadas margens,  
e se acaso,

Quereis encher de água um vaso,  
chegando ao rio ignorante  
logo nesse mesmo instante  
vos sepulta

Na tripagem mais oculta  
um intrépido lagarto,  
vós inda vivo, ele farto:  
pelo que

Não ousais a pôr o pé  
uma braça da corrente  
que este tragador da gente  
vos obriga

A fugir-lhe da barriga;  
Deus me valha, Deus me acuda,  
e com sua santa ajuda  
me reserve:

Em terra não me conserve,  
onde a sussurros, e a gritos  
a multidão de mosquitos  
toda a noite

Me traga em contínuo açoite,  
e bofetadas soantes,  
porque as veias abundantes  
do vital

Humor puro, e cordial  
não veja quase rasgadas  
a puras ferretoadas:  
e inda é mais;

Se acaso vos inclinais



por fugir da ocasião  
da vossa condenação  
a lavrador,

Estando a semente em flor,  
qual contra pintos minhotos,  
um bando de gafanhotos,  
imundícia,

Ou qual bárbara milícia  
em confusos esquadrões  
marcham confusas legiões,  
(estranho caso!)

Que deixam o campo raso,  
sem raiz, talo, nem fruto,  
sem que o lavrador astuto  
valer lhe possa:

Antes metido na choça  
se lastima, e desconsola  
vendo, o quão geral assola  
esta má praga.

Há uma cobra, que traga  
de um só sorvo, e de um bocado  
um grandíssimo veado:  
e se me ouvis,

Há outra chamada Enfuís,  
que se vos chegais a ela  
vos lança uma esguicha dela  
de peçonha,

Quantidade, que se exponha  
bem dos olhos na menina,  
com dores, que desatina  
o paciente:

Cega-vos incontinenti  
que o trabuco vos assesta  
distante um tiro de besta:  
(ó clemência

De Deus?) ó onipotência,  
que nada embalde criaste!  
Para que depositaste  
num lugar

Instrumentos de matar  
tais, e em tanta quantidade!  
e se o sol com claridade,  
e reflexão

É causa da geração  
como aqui corrompe, e mata?  
e se a lua cria a prata,  
e seu humor

Almo, puro, e criador  
comunica às verdes plantas,  
como aqui maldades tantas  
descarrega?

E se a chuva só se emprega  
em fertilizar os prados,  
como febres aos molhados  
dá mortais?

E se quantos animais  
a terra sustenta, e cria,  
são dos homens comedia,  
como nesta

Terra maldita, e infesta,  
triste, horrorosa, e escura  
são dos homens sepultura?  
Mas, Senhor,

Vós sois sábio e criador  
desta fábrica do mundo,  
e é vosso saber profundo,  
e sem medida.

Lembraí-vos da minha vida,  
antes que em pó se desfaça,  
ou dai-me da vossa graça  
por eterna despedida.

## **BELETA**

*Namora-se de outra chamada Beleta, ou Izabel.*

(Manuel Pereira Rabelo, licenciado)

Desde que, Isabel, te vi,  
tal fiquei; que desde então  
em mim se verá quem não  
sabe já parte de si.

## **NAMORA-SE DE OUTRA CHAMADA BELETA, OU IZABEL, A QUEM FAZ O SEGUINTE**

### *MOTE*

*Desde que, Isabel, te vi  
tal fiquei, que desde então  
em mim se verá quem não  
sabe já parte de si.*

Jactou-se o meu alvedrio  
de nascer com isenção  
contra a dura escravidão  
de Amor, e seu Senhorio:  
como neste altivo brio  
vivo, desde que nasci,  
agora que me rendi,  
confessa com suma dor,  
que é já vassalo de Amor,  
Desde que, Isabel, te vi.

E como não sei contar-te,  
nem posso formar conceito  
qual foi primeiro em meu peito  
se o ver-te, se o adorar-te,  
e sei, que de ver-te, e amar-te  
foi tudo uma ocasião,  
por resolver a questão  
de quando entrei a querer-te,  
digo, que ao tempo de ver-te

Tal fiquei, que desde então.

Tal fiquei, e tão absorto,  
Quando vi tua beleza,  
que a minha menor fineza  
é amar, a quem me tem morto:  
e como a viver me exorto  
só por lograr a ocasião  
de pensar meu coração,  
tendo-se visto, quem já  
por não penar morrerá,  
em mim se verá, quem não.

Em mim se verá cumprida  
a mor afeição de sorte,  
que porque dure até à morte,  
por padecer guarde a vida:  
afeição jamais ouvida,  
amor não visto até aqui  
ficará, Isabel, de ti,  
mas como enfim to diria,  
quem por nenhum modo, ou via  
Sabe já parte de si.

### **COMO O NÃO QUIS ADMITIR, A DESCOMPÕE NO SEGUINTE SONETO**

Beleta, a vossa perna tão chagada  
Olha poderá ser pelo podrida,  
Mas eu não quero Olha em minha vida  
Podrida pelo mal inficionada.

Estais tão lazarenta, e empestada,  
Tão ética, mirrada, e corcomida,  
Que uma pilhancra vossa bem moída  
Servirá de peçonha refinada.

O que vos gabo é ser presuntuosa  
Em tal camalidade, em tal miséria,  
Como se a podridão fora formosa.

Mas se o acaso vos dói, Dona Lazéria,  
O gume deste verso, ou desta prosa,  
Sabei que o vosso humor deu a matéria.

**ACONTECEU QUE FALANDO ESTA IZABEL COM UM SERTANEJO, FOI POR ELE  
ACHADA COM ALEXANDRE DE SOUZA MARQUES, RAPAZ, DE QUEM O POETA  
SE ENFURECIA ZELOSO, E DESCREVE, A CARREIRA, QUE O SERTANEJO LHE DEU**

Colheu-vos na esparrela  
o Tabaréu inimigo,  
vós queríeis o postigo,  
e tomastes a janela:  
Beleta de sentinela  
vendo-vos dentro da praça  
deu um tiro, e à fumaça  
acudiu logo o Tenente,  
fugistes, que o mais valente  
nas mãos do inimigo embaça.

Como do postigo a malha  
ocupou logo o Tenente,  
vós em risco tão urgente  
saltastes pela muralha:  
se caísseis sobre a palha,  
livráreis com menos perda,  
mas como Beleta é esquerda,  
e o laço vos pôs no chão,  
não caístes na traição,  
porém caístes na merda.

As mãos pusestes no chão,  
e sentindo a terra branda,  
da brandura, que tresanda,  
tivestes má presunção:  
e assim discorrendo então,  
se aquela papa-moleta  
era favor, ou era treta,  
por informes do nariz  
soubestes mais de raiz,  
que era caca de Beleta.

Então mais precipitado  
fostes fugindo ao perigo,  
menos do ferro inimigo,  
que de Beleta ao ferrado:  
deixando o mato roçado,

e a poia menos pomposa  
vos pondes em polvorosa,  
que é menos para temido  
qualquer zeloso ofendido,  
que uma Puta cagajosa.

Não me espanto não da perda  
que então teve o tal vinagre,  
porque como o Moço é bagre  
se havia de ir logo à merda:  
espanta-me que tão lerda  
fosse uma Puta velhaca,  
pois não lhe dando uma ataca  
ele, e sendo ela mesquinha,  
lhe sofresse a passarinha,  
que ele lhe rapasse a caca.

Tanto Beleta se ria,  
que me dizem, que afirmara,  
que a caca de então ficara  
açúcar de Alexandria:  
eu não sei, porque o dizia,  
só sei, que aqui se contou,  
que porque a merda pisou  
um Alexandre, a velhaca  
dissera, que a sua caca  
Alexandria ficou.

Como estranha a má pessoa,  
que o seu segredo não dura,  
se dorme com tô forçura,  
que todo o lanço apregoa?  
que esperava a Tabaroa  
de um inocente sendeiro  
raso de barba, e dinheiro?  
que esperava esta velhaca?  
que ele se borre de caca,  
e ela lhe alimpe o cueiro.

Beleta é olha podrida,  
de que Deus livre meu odre,  
e se é ardida, como é podre,  
não vi puta mais ardida:  
está de sarna manida,

e anda gafa de coceira,  
a cara é uma caveira,  
a carne pilha morrinha,  
e porque é puta ratinha,  
mora em uma ratoeira.

Beleta, como passais  
nesta troca tão bizarra:  
eu vos dou pela bandarria,  
vós por bandarria me dais:  
se vós de mim vos queixais,  
eu também de vós me queixo,  
e pondo a cousa em seu eixo,  
a mim por razão me vem,  
pois me deixais por ninguém,  
como eu por alguém vos deixo.

Vós por um Dom Tabaréu  
deixais um Doutor em Leis,  
eu deixo, como sabeis,  
um bagre por um xaréu:  
vós me quitais o chapéu  
com infame ingratidão,  
eu não fui ingrato não,  
e quem troca odre por odre,  
um deles há de ser podre,  
e o meu nesta troca é são.

### **QUEIXAVA-SE IZABEL DO POETA, ELE A SATISFAZ CAVILOSAMENTE NESTE ROMANCE**

Beleta, eu zombeteava,  
que nunca falei deveras  
satirizando as amigas,  
senão contando finezas.  
Vós não dormis co Alexandre,  
nem o rapaz tal intenta,  
nem da janela saltou,  
nem foi passado por merda.  
Tudo é embustes de moços,  
tudo são contos de velhas,  
e se o sítio o diz assim,  
mente o sítio, e toda a terra.

Mas quem ao Amor tirara,  
que mil ciúmes conceba  
da mais pequena mentira,  
e da mais leve suspeita.  
Eu ouvia, e escutava,  
e passava estas misérias  
de manhã pelos ouvidos,  
de tarde pelas orelhas.  
Entendi, que assim seria,  
imaginei, que assim era,  
que a um amor de bom gosto  
sempre acompanha má estrela.  
Senti a minha fortuna,  
queixei-me da vossa ofensa:  
quem com finezas ofende,  
como agradará com queixas?  
Muger lora, e vencerás,  
dizia a doutor Poeta,  
vós chorastes, e vencestes,  
e eu choro, por quem me vença.  
Estais tão justificada  
no juízo das suspeitas,  
que Amor vos absolve já,  
se lhe prometeis emenda.  
Retirai-vos de rapazes,  
que é gente, que se conversa,  
é força, que infama a casa,  
pelas cócegas, que deixa.  
Enxugai, Beleta, o pranto,  
em riso se torne a queixa,  
comei cajus, e voltai,  
que a minha fruta está certa.

## **BETICA**

*Vista do Poeta em certa manhã à sua janela.*

(Manuel Pereira Rabelo, licenciado).

Uma confusão das bocas  
uma batalha de veias,  
um reboiço de ancas,



quem diz outra coisa, é besta

**FOI ESTA DAMA VISTA DO POETA EM CERTA MANHÃ A SUA JANELA, E ELE LHE DÁ OS BONS DIAS COM ESTE GRACIOSÍSSIMO ROMANCE**

Ontem ao romper da Aurora,  
começando o amanhecer,  
vi desta parte do ocaso  
dois sóis, a quem quero bem.  
Que fazendo oposições  
com brilhantes rosicler,  
ao sol, que de envergonhado  
se começava a esconder.  
Eclipsados vi seus raios,  
mas quem suas luzes vê,  
nas admirações se pasma,  
nas invejas perde o pé.  
Que a beleza singular,  
que ostentam seus olhos, sei,  
que o sol não quer competi-la,  
porque a saiba engrandecer.  
Cegam os seus resplendores,  
e de tal sorte me tem,  
que não como ao sol me escondo,  
porém morro por te ver.  
Como cega borboleta  
ao fogo da minha fé  
se queima a desconfiança  
de nunca te merecer.  
Valha-te Deus por Betica,  
não sei dizer-te, meu bem,  
como vivo enamorado,  
como estou, não sei dizer.  
Porque entre o doce de amar-te,  
e o amargo de te não ver,  
hei de viver da esperança  
ou da saudade morrer.  
Tua rara formosura,  
eu a não sei compreender,  
porque um não és tens de humana,  
e um quase divina és.  
E já que nesta cegueira  
tua beleza me tem,

ou me corresponde amante,  
ou me acaba de uma vez.  
Porque tão confuso vivo,  
tão triste me chego a ver,  
tão temeroso me atrevo,  
que é um abismo cruel.  
Tal abismo o peito sente:  
ora permite, meu bem,  
diminuir os incêndios,  
acabe-se o padecer.  
Toma o astuto Piloto  
o sol, só para saber,  
se se acha na boa altura,  
mas sem carta nada fez.  
E pois no mar de meus olhos  
perigos receia a fé,  
manda-me, por não perder-te,  
uma carta desta vez.  
Dá-me velas à esperança,  
com elas marearei,  
já que o fogo da vontade  
sempre está firme a teus pés.

**PASSOU O POETA PELA PORTA DESTA DAMA, ARRIBANDO DE FORA POR CAUSA DA CHUVA, COM UM CASACÃO, E UMA CARAPUÇA. E ELA LHE DISSE, QUE SE FORA POETA, COMO ELE, O HAVIA DE SATIRIZAR PELO DESCOCO: AO QUE ELE FEZ ESTAS DÉCIMAS**

Que não vos enganais, digo,  
Betica, e antes cuidai,  
que uma sátira a meu Pai  
farei, se bulir comigo:  
fá-la-ei ao mor amigo,  
quando aleivoso me toe,  
e porque melhor vos soe,  
se vos pus em tanta calma,  
sendo meu ídolo d'alma,  
a quem quereis, que perdoe?

E se mal vos pareceu,  
que eu fosse por esse posto  
tão despido, e descomposto,  
sem ter respeito a esse céu,

bem sabeis vós, que choveu,  
e eu vinha de me embarcar:  
porém entoldou-se o ar,  
e para casa arribei,  
com que se desagradei,  
quero-me satirizar.

Betica, eu sou um magano,  
um patife, um mariola,  
um sátiro, um salvajola,  
e mais doudo que um galhano:  
de pois de ser vosso mano,  
em tempo, que eu era honrado,  
fui muito desaforado  
em ir pela vossa rua  
com barrete de falua,  
e o pá de gato pingado.

Sou um sujo, e um patola,  
de mau ser, má propensão,  
porque se gasto o tostão,  
é só com negras de Angola:  
um sátiro salvajola,  
a quem a universidade  
não melhorou qualidade,  
nem juízo melhorou,  
e se acaso lá estudou,  
foi loucura, e asnidade.  
Sou um tonto, e um cabaça,  
pois fui qual bruto indigesto,  
onde os mais compõem o gesto  
por cair na vossa graça:  
e se então fugi da praça,  
onde estão homens de porte,  
bem é, que a praça me corte,  
pois atento à vossa fé  
devia de entender, que  
onde vós estais, é corte.

Se da sátira entenderes,  
que pouco pesada vai,  
vós, Betica, a acrescentai,  
chamando-me, o que quiseres:  
quantos nomes me puseres,

todos me viram frisando,  
e se enfim acrescentando  
não vos parecer bastante,  
mudai-os de instante a instante,  
pondo-me uns, e outros tirando.

### **INDO O POETA, E GONÇALO RAVASCO A CASA DE BETICA E QUERENDO TRATAR COM ELA LHE PEDIU UMA GALA DE ANTEMÃO**

Fui, Betica, à vossa casa  
uma noite de luar  
entrei com Senhor Gonçalo,  
e saí com Barrabás.  
Propus-vos minha doença,  
comuniquei-vos meu mal,  
receitastes-me um veneno  
com matar-vos ofertar.  
Logo entendi o remoque,  
e que fiz, vos lembrará,  
cara, como de quem prova  
cousa, que lhe sabe mal.  
Contudo tive paciência,  
que, a quem saúde não há,  
morre às vezes do remédio,  
mais que do seu próprio mal.  
Assentei de obedecer-vos,  
e pus-me a considerar,  
onde uma gala acharia  
em tempo, que ovos não há.  
Fiei-me no mercador,  
que por fiar fiará  
as sedas, que heis de vestir,  
no roca de Portugal.  
Mas tornando ao vosso conto  
creio, que se há de notar,  
que por pedires diante  
vós quereis dar por detrás.  
Que diante a luz caminhe,  
diz o antigo rifão: mas  
como a posso levar eu,  
se o que quero, é tropeçar.  
O que eu quisera, Betica,  
é, convosco me encontrar,

que assim no escuro caíra,  
quem com luz não cairá.  
Eu quero convosco amores,  
rinhas não, e claro está,  
que dar, e tomar são rinhas,  
de que Deus me há de livrar.  
Dizem, que sois trigueirinha,  
juro, o que posso jurar,  
que mente, quem tal afirma,  
porque vós bem clara estais.  
Contudo torno a dizer-vos  
que tenho de vos mandar  
tão grande luz adiante,  
que cegueis, e me caiais.  
Entretanto só vos peço,  
não queirais acrescentar  
barrete de quatro cornos  
com trezentos cornos mais.  
Porque vos quero já tanto,  
que a vida me há de custar,  
ver chupar outras abelhas  
flor, que sempre em flor está.

#### **TEVE O POETA NOTICIA, QUE SEBASTIÃO DA ROCHA PITA SENDO RAPAZ, SE ESTRAGAVA COM BRITES**

Brás pastor inda donzelo,  
querendo descabaçar-se,  
viu Betica a recrear-se  
vinda ao prado de amarelo:  
e tendo duro o pinguelo,  
foi lho metendo já nu,  
fossando como Tatu:  
gritou Brites, inda bem,  
que tudo sofre, quem tem  
rachadura junto ao cu.

#### **OFENDIDO SEBASTIÃO DA ROCHA PITA POR CAUSA DE UNS CIÚMES À QUIS CASTIGAR: AO QUE ACUDIU A MÃE E LHE FEZ AS DESCOMPOSTURAS SEGUINTE**

Um Sansão de caramelo  
quis a Dalila ofender,  
ela pelo enfraquecer  
lançou-lhe mão do cabelo:  
ele vendo-se sem pêlo  
franqueou a retirada;  
de um pulo tomou a escada,  
e por ser Sansão às tortas,  
em vez de levar as portas  
levou muita bofetada.

O Filisteu, que lhas deu,  
(segundo ele significa)  
a Mãe era de Betica  
mulher como um filisteu:  
a bofetões o cozeu,  
e o pôs como um sal moído;  
mas ele está agradecido  
sair com olhos na cara,  
que ela diz, lhos não tirara,  
por já lhos haver comido.

Posto o meu Sansão na rua,  
por firmar-se na estacada  
tomou de um burro a queixada,  
outros dizem, que era sua:  
com ela o inimigo acua,  
mas não fez dano, nem mal,  
porque afirma cada qual  
entre alvoroço, e sussurro,  
quem livrou dos pés do burro,  
mal morrerá do queixal.

Enfim foi preso o Sansão  
pelas mãos da filistéia,  
não nos bofes da cadeia,  
nas tripas de um torreão:  
ali o cabelo lhe dão,  
que perdeu na suja guerra;  
jura Sansão, brama, e berra,  
que se torna a ver Betica,  
e as colunas se lhe aplica,  
que há de lançá-la por terra.

**POR UM ESCRAVO MANDOU O POETA À BETICA UM FORMOSO CARÁ COM ESTE**

*MOTE*

*Dize a Betica que quando  
buscava, que lhe mandar,  
um só cará pude achar,  
que por ser cará lho mando.*

Bernardo, há quase dous anos,  
que andais a ir, e a vir  
sem podermos conseguir  
de Betica, mais que enganoso:  
se hás de dar fim a meus danos  
em vencê-la porfiando  
vai trazendo, e vai levando,  
e pois já chega a dizer  
que hei de lograr, e vencer,  
dize a Betica que quando?

Pede-lhe o dia, e a hora,  
em que a hei de ver louçã  
porque é mui longe amanhã  
para uma alma, que a adora:  
e porquanto essa Senhora  
dá agora em desconfiar,  
dos que a não sabem comprar,  
dize-lhe, que isso entibia,  
a quem já por cortesia  
buscava, que lhe mandar.

Que há de ter em grande apreço  
os desejos da vontade,  
que valem na realidade  
mais que a dita do sucesso:  
e que se o dar não tem preço,  
também se deve estimar,  
quem tem desejos de dar,  
como eu, que com tanto afinco  
desejando achar um brinco,  
só um cará pude achar.

Pois se a sorte mais não quis  
conceder-me, e deparar-me,  
inda assim posso gabar-me,  
que lhe dei bem de raiz:  
que o que pude, agora fiz,  
ao depois de quando em quando  
lhe irei aos poucos mandando,  
sendo, que tão fora está  
de ser pouco esse cará,  
que por ser cará lho mando.

### **VINDO ESTA DAMA UMA VEZ A CASA DO POETA LHE PEDIU CEM MIL REIS PARA UM DESEMPENHO**

Betica: a bom mato vens  
com teu dá cá, com teu toma,  
o diabo te enganou,  
não pode ser outra cousa.  
Viste-me acaso com jeito,  
de comissário da frota,  
que faz roupa de francês  
dos borcados de Lisboa?  
Sou eu acaso o Mazulo,  
que, do que tem de outras contas,  
dá sem conta cada um ano  
cem mil cruzados à Rola?  
Sou Mataxim por ventura,  
que vim ontem ontem d'Angola,  
e dos escravos alheios  
faço mercancia própria?  
Menina, eu bato moeda?  
eu sou um pobre idiota,  
que para um tostão ganhar  
estudo uma noite toda.  
Cem mil-réis me vens pedir?  
a mim, cem mil-réis, demônia?  
se eu algum dia os vi juntos,  
Deus mos dê, e mos comei.  
Se eu nascera Genovês,  
ou fora visrei de Goa,  
vinte quatro de Sevilha,  
ou quarenta e oito de Roma:  
Dera-te, minha Betica,



pela graça, com que tomas,  
mais ouro, que vinte minas,  
mais sedas, que trinta frotas.  
Mas um pobre estudantão,  
que vive à pura tramóia,  
e sendo leigo, se finge  
cleriguíssimo corona:  
Que pode, Betica, dar-te,  
se não qués versos, nem prosa?  
eu não dou senão conselhos,  
se mos paga, quem mos toma.  
Se me há de custar tão caro  
erguer-te uma vez as roupas,  
com outra antes de barrete,  
do que castigo de gorra.  
Para que sendo tão rica  
pedes como pobretona,  
se esses teus dentes de prata  
estorvem o dar-te esmolas!  
Que mais cabedal desejas,  
se és tão rica de parolas,  
que com vários chistes pedes  
todo um dia a mesma cousa?  
Tu pedindo, e eu negando,  
que cousa mais preciosa,  
que val mais, do que desejas,  
e a ti nada te consola.  
Cem mil-réis de uma só vez?  
pois, pobreta, à outra porta;  
Deus te favoreça Irmã,  
não há trocado; perdoa.  
Não há real em palácio,  
ando baldo, perdi a bolsa;  
que são os modos, com que  
se despede uma pidona.

**TORNA ESTA DAMA A INVESTIR SEGUNDA VEZ AO POETA PEDINDO-LHE UMA GALA, E ELE FAMOSAMENTE SE DESEMPULHA DESTE MODO**

Culpa fora, Brites bela,  
não vos dar aquela gala,  
em que o vosso amor me fala  
tantas vezes com cautela:

mas que gala será? Tela?  
Tela não, minha menina,  
porque como sois tão fina,  
e tão lindo serafim,  
para luzirdes assim  
vossa gala é serafina.

**PICADA BETICA, DE QUE O POETA LHE NÃO DESSE A GALA, LHE APARECEU EM CERTA OCASIÃO COM UMA SAIA DE SEDA AMARELA, MAS O POETA SE DESPICA COM ESTAS DÉCIMAS**

Toda a noite me desvelo  
por saber, com que conselho  
para meter de vermelho,  
vos vestistes de amarelo:  
não sabe o vosso Donzelo,  
qual amante, ou quais amores  
vos deu a gala de flores:  
porque assim como chamais  
para a cama oficiais,  
para a gala coadjutores.

Como se fora o deitá-la  
render um forte iminente,  
andais ajuntando gente,  
para deitar uma gala:  
noutra cousa se não fala,  
mais que a gente, que fazeis,  
porque quando os convoqueis,  
e eles vos forem galando,  
mil galas vos irão dando,  
com que mil galas tereis.

De tanto amante sem conto  
a gala haveis recebido,  
que nos pontos do cosido,  
cabe a cada amante um ponto:  
não vos sinto outro desconto,  
sendo a vossa obrigação  
tanta quantos pontos são:  
senão, que um e outro se afoite,  
irem pagar-se de noite

nos pontos, que se lhes dão.

Não tendes, que vos queixar  
destas minhas travessuras,  
porque eu vos bato as costuras,  
para o vestido assentar:  
se todos hão de pagar  
em chegando a vos dormir,  
deixai também repartir  
por mim esta obrigação,  
que os mais de vestir vos dão,  
e eu vos corto de vestir.

**CERTO COMISSÁRIO DA PRAIA SEU AMÁSIO, SABENDO, QUE ANTES DE ELA IR  
À SUA CASA, COSTUMAVA PRIMEIRO TRATAR CO MANUEL RAMOS PARENTE,  
LHE PREPAROU UMA LAVAGEM DE PIMENTAS, DE QUE FICOU EM MISERÁVEL  
ESTADO**

Dá-me, Betica, cuidado,  
o desastre, que tivestes,  
quando gulosa comestes  
o paio salpimentado:  
não era inda divulgado  
vosso mal, vosso desmaio,  
quando eu soube como um raio  
de u'as agulhas ferrugentas,  
que comestes as pimentas,  
mas não gostastes do paio.

Em vinganças tão cruentas  
tenho por justas sequelas,  
que, a quem dais dor de canelas,  
vos dê dores de pimentas:  
mais vezes do que duzentas  
vos mandou pôr atalaia  
o vosso amigo da praia,  
e vendo, que o outro malho  
vos punha de vinha-d'alho  
quis pôr-vos de jiquitaia.

Fez bem vosso barregão,  
pois que via com seu olho,  
que vínheis com tanto molho,

de botar-lhe o pimentão:  
vós vínheis de outra ocasião  
que ele viu, e coligiu,  
e como tanto o sentiu  
(sendo vós sua manceba)  
que muito, que vos receba  
com puta que te pariu.

Ele vos pôs justamente  
Bética, em tanto perigo,  
porque se tendes amigo,  
não tendes outro parente:  
nem se sofre à boa mente  
(inda que sejam subornos  
a beleza, e os adornos)  
que uma Moça de reclamos  
se deite à sombra dos Ramos,  
se os Ramos produzem cornos.

E pois vos vejo estalar  
tomara agora saber,  
em que vaso heis de cozer,  
o que haveis de manducar?  
eu não hei de lá chegar,  
bem que a estrela violenta  
me inclina, arrasta, e atenta,  
pois tendes vaso tão mau,  
que sobre ser bacalhau  
tem muchíssima pimenta.

Mas deixada esta matéria,  
a saber de vós me alhano,  
que é feito daquele abano,  
com que à noite da miséria  
a vossa negra Quitéria  
(sendo na gema do inverno)  
vos abanava o interno  
do vaso, que em viva chama  
vos ardia mais na cama,  
que o Avarento no Inferno.

**AS DIFERENÇAS QUE TINHAM SEUS QUATRO AMANTES, SOBRE QUEM À  
HAVIA DE LEVAR**

Betica: a vossa charola  
levam-na quatro galantes  
discretos, ricos, brilhantes  
peanhas da vossa sola:  
qualquer deles acrisola  
o vosso trono eminente;  
mas tem reparado a gente,  
que é muito para sentir,  
que um para o Norte quer ir,  
e que outro para o Poente.

Um por não perder o abrigo,  
vos quer levar para fora,  
outro por vos ver cad'hora,  
vos quer ter aqui consigo:  
este diz, "há de ir comigo":  
aquele: "aqui se há de estar":  
e é muito para chorar,  
que um andor tão buliçoso  
sempre o tenham duvidoso  
entre partir, e ficar.

A mim me tem parecido,  
por fugir pesares artos,  
que um algoz vos faça em quartos,  
que o tendes bem merecido:  
e que cada qual Cupido,  
o que leva, e o que atraca,  
da vossa carne velhaca  
leve um quarto por partilha,  
e dos quartos a quadrilha  
como irmãmente da vaca.

Para repartir-vos bem  
entre os quatro quadrilheiros,  
tirem-se os quartos inteiros  
soã, coxão, alcatra, acém:  
e se entre eles houver quem  
vos dê mais prazer, e gosto,  
esse leve o entrecosto,  
a alcatra, quem bem vos quer,  
o acém, o que mais vos der,  
e o coxão a todo o posto.

## **A MESMA APARECENDO NO DIA DAS VIRGENS VESTIDA DE LUTO**

Bética: que dó é esse,  
de que por Virgens te vestes?  
acaso é, que dó tivestes,  
de que tal bem se perdesse?  
compre-te, quem te conhece,  
que eu vendo-te assim vestida  
com dó, te vejo saída,  
e creio, que já és tal,  
que cores te fazem mal,  
e honesto só te dá vida.

## **BRITES**

*Uma Dama bem parecida de negros olhos, e formosos, com negros cabelos sobre UMA notável alvura. Foi Dama, a quem agradaram muito os requebros do Poeta: mas nunca se resolveu a agradecê-los, temendo-o pela fama, que dele davam outras de menos méritos, de quem era havido por inconstante: porque as vezes satirizava aquilo mesmo, que encarecia.*

(Manuel Pereira Rabelo, licenciado).

Que tens comércio co vento  
E se bem pode um Poeta  
uma flor negra estimar,  
também eu posso adorar  
no céu um pardo Planeta

## **DESCREVE O POETA O MELINDRE, COM QUE ESTA GALHARDA DAMA SAIU A SER VISTA DO MESMO POETA DEPOIS DE MUITOS ROGOS SEM EFEITO DE VÁRIAS PESSOAS, E SOMENTE A PEDITÓRIO DE GENEBRA**

Depois de mil petições  
deste, daquele, e daquela  
saiu Brites pare fora  
a rogo só de Genebra.  
Atravessou toda a sala,  
chegou, e tomou cadeira,  
ela diz, que com vergonha,

mas eu não dou fé de vê-la.  
Porque a coisa mais oculta,  
mais escondida, e secreta,  
é de Brites a vergonha,  
porque não há, quem lha veja.  
Vi eu aquele prodígio  
de graça, e de gentileza,  
e absorto estive admirando  
sobre uma pedra outra pedra.  
Até que tornei em mim,  
por cortês recompensa  
(uma razão mais, ou menos)  
lhe fui dizendo esta arenga.  
Permitiu minha ventura,  
não sei se a minha desgraça,  
que não cegasse com ver-te,  
para padecer mais ânsias.  
Que sempre em ódio de um triste  
faz natureza mudanças  
pois cheguei a ver um sol,  
sem ter as potências d'água.  
Movido da mão de Amor,  
das liberdades pirata,  
por fim dei a meus suspiros  
tumba ardente, amante frágua.  
E por ser curta a vitória  
para beleza tamanha,  
achei, que era pouco excesso  
entregar-te toda um'alma.  
De novo não me rendi,  
que era fineza encontrada,  
ter ainda, que render-te  
d'alma, que vencida estava.  
Mas por obrar as finezas  
em respondência das causas  
fiz contando as tuas prendas  
mil holocaustos desta alma.  
Enfadei de mui rendido,  
que amor sem ventura enfada,  
mas não me emendei de amar-te,  
de mofino me emendara.  
Vimos p'ra casa, e cantei  
ao som da minha guitarra  
"ay, verdades, que en amor

siempre fuistes desdichadas."  
E Brites me respondeu  
tão doce, como tirana:  
en vano lama la puerta,  
quien no ha lamado en el alma.

### **INCLINAVA-SE BRITES A UM SUJEITO DE MAIS ESPERANÇAS, QUE MÉRITOS, E EM SUA COMPETÊNCIA CONTINUA O POETA ESTE GALANTEIO**

Dizem, por esta comarca,  
Brites, que, a quem vos conquista,  
matais da primeira vista  
por ter olhos mais da marca.  
Eu o quis ir a dizer  
à justiça, mas de inveja  
me há de mandar, que vos veja  
para acabar de morrer.  
Eu me vejo, e me desejo  
com penas, que me causais,  
se me vedes, me matais,  
e morro, se vos não vejo.  
Dai remédio à minha flama,  
mais que seja com matar-me:  
porque se eu quis namorar-me,  
só a morte cura, a quem ama.  
Procuro o vosso favor,  
mas não lhe acerto o caminho,  
porque me dana o carinho,  
e não me aproveita amor.  
Tudo consiste em ventura,  
que eu conheço algum talento  
com menos merecimento,  
porém com dita segura.  
Mas espero todavia  
merecer o vosso agrado,  
que é suspeito cuidado,  
o que de si desconfia.  
Da vossa benevolência  
tudo os meus desejos fiam,  
que sempre amor entibiam  
faltas de correspondência.  
Faço por ver meu emprego  
cada dia, e toda a vida



estais adrede escondida,  
não vejo, a quem me faz cego.  
Vejo casa tão-somente,  
porque achais, que é justo, que  
quem a pérola não vê,  
vendo a concha se contente.  
Não val convosco a fineza,  
não val convosco a verdade,  
não sei, como vos agrade,  
não sei, como vos mereça.  
Amor, que tem compaixão,  
de quem aflige um cuidado,  
ou vos arranque o agrado,  
ou vos mude a condição.

#### **RETRATA O POETA AS PERFEIÇÕES DESTA DAMA COM GALHARDO ASSEIO**

Podeis desafiar com bizzarria  
Só por só, cara a cara a bela Aurora,  
Que a Aurora não só cara vos faria  
Vendo tão boa cara em vós, Senhora:  
Senhora sois do sol, e luz do dia,  
Do dia, que nascestes até agora,  
Que se Aurora foi luz por uma estrela,  
Duas tendes em vós, a qual mais bela.

Sei, que o sol vos daria o seu tesouro  
Pelo negro gentil desse cabelo  
Tão belo, que em ser negro foi desdouro  
Do sol, que por ser d'ouro foi tão belo:  
Bela sois, e sois rica sem ter ouro  
Sem ouro haveis ao sol de convencê-lo,  
Que se o sol por ter ouro é celebrado,  
Sem ter ouro esse negro é adorado.

Vão os olhos, Senhora, estai atento;  
Sabeis os vossos olhos o que são?  
São de todos os olhos um portento,  
Um portento de toda a admiração:  
Admiração do sol, e seu contento,  
Contento, que me dá consolação,  
Consolação, que mata o bom desejo,

Desejo, que me mata, quando os vejo.

A boca para cravo é pequenina,  
Pequenina sim é, será rubi,  
Rubi não tem a cor tão peregrina,  
Tão peregrina cor eu a não vi:  
Vi a boca, julguei-a por divina,  
Divina não será, eu não o cri:  
Mas creio, que não quer a vossa boca  
Por rubi, nem por cravo fazer troca.

Ver o aljôfar nevado, que desata,  
A Aurora sobre a gala do rosal,  
Ver em rasgos de nácar tersa prata,  
E pérolas em concha de coral:  
Ver diamantes em golpe de escarlata  
Em picos de rubi puro cristal,  
É ver os vossos dentes de marfim  
Por entre os belos lábios de carmim.

No peito desatina o Amor cego  
Cego só pelo amor do vosso peito,  
Peito, em que o cego Amor não tem sossego,  
Só cego por não ver-lhe amor perfeito:  
Perfeito, e puro amor em tal emprego  
Emprego assemelhando à causa efeito,  
Efeito, que é mal feito ao dizer mais,  
Quando chega o amor a extremos tais.

Tanto se preza o Amor do vosso amor,  
Que mais prazer o tem em amor tanto,  
Tanto, que diz o Amor, que outro maior  
Não teve por amor, nem por encanto:  
Encanto é ver o amor em tal ardor,  
Que arde tão bem o peito, por espanto,  
Tendo de vivo fogo por sinal  
Duas vivas empolas de cristal.

Ao dizer das mãos não me aventuro,  
Que a ventura das mãos a tudo mata,  
Mata Amor nessas mãos já tão seguro,  
Que tudo as mãos lavadas desbarata:  
A cuja neve, prata, e cristal puro  
Se apurou o cristal, a neve a prata

Belíssimas pirâmides formando  
Onde Amor vai as almas sepultando.

Descrever a cintura não me atrevo,  
Porque a vejo tão breve, e tão sucinta,  
Que em vê-la me suspendo, e me elevo,  
por não ver até agora melhor cinta:  
Mas porque siga o estilo, que aqui levo,  
Digo, que é a vossa cinta tão distinta,  
Que o Céu se fez azul de formosura,  
Só para cinto ser de tal cintura.

Vamos já para o pé: mas tate-tate,  
Que descrever um pé tão peregrino,  
Se loucura não é, é desbarate,  
Desbarate, que passa o desatino:  
A que me desatina, me dá mate  
O picante de pé tão pequenino,  
Que pé tomar não posso em tal pegada,  
Pois é tal vosso pé, que em pontos nada.

### **FINGE O POETA QUE SE ARREPENDE DE A TER AMADO, E TUDO PIQUES PARA SER QUERIDO**

De uma Moça tão ingrata  
que pode contar agora  
a Musa, que me arrebatou,  
senão que é falsa traidora,  
e traidoramente mata.

Para a ingratidão não sei,  
que se ponha certa a pena,  
porque se a condena a Lei,  
nunca certa pena achei  
na mesma Lei, que a condena.

Isto agraveza casou  
da culpa, que se condena,  
que como torpe a julgou,  
não pode chegar a pena,  
onde a ingratidão chegou.

A maior condenação,  
a mais terrível, e forte,  
é, quando de morte a dão;  
porém uma ingratidão  
não se paga nem co'a morte.

Mas eu vejo, que esta ingrata  
sobre não pagar co'a morte  
as vidas, que desbarata,  
vive ufana em sua sorte,  
e sobre viver me mata.

Não me mata a ingratidão,  
com que trata o meu amor,  
mata-me a satisfação,  
e glória, com que o rigor  
me dá como galardão.

Se chegara a conhecer  
que falta ao gratificar,  
me obrigara a mais querer,  
sem pressupor, que o dever  
é gênero de pagar.

Mas cuidar de presumida,  
que com deixar-se querer  
me paga os riscos da vida,  
e as ânsias do pretender  
com dar-se por pertendida:

É crueldade, é rigor  
que nenhum peito suporta:  
mas recate o seu furor,  
que eu sei, que nem sempre amor  
há de estar atrás da porta.

Eu perdoara, o que deve  
a meu ardor, e fineza,  
e afirmo para firmeza  
esta quitação tão breve,  
que, do que lhe quis, me pesa.

## CASUAL ENCONTRO QUE TEVE O POETA COM BRITES NO SEU RETIRO DE UMA ROÇA

Fui ver a fonte da roça,  
e quando a mais gente vai  
a refrescar-se na fonte,  
eu me fui nela abrasar.  
Dentro na fonte achei Brites,  
que ali se foi a banhar,  
por dar que entender aos olhos  
um cristal noutro cristal.  
Noutras horas corre a fonte:  
com Brites corrida vai,  
vendo que a sua brancura  
a excede nos cabedais.  
Sentiu-me Brites ao longe,  
e o fraldelim posto já  
era narciso no campo,  
quem foi incêndio do mar.  
Cheguei, e vendo tão claro  
da fonte o rico raudal,  
estive um pouco perplexo  
entre o crer, e o duvidar.  
Enfim vim a persuadir-me  
que Brites em caso tal  
não foi lavar-se na fonte,  
mas foi à fonte lavar.  
Tão líquida, e transparente  
corria, que por sinal  
de Brites lhe pôr as mãos  
desatada em prata vai.  
Por entre pedras a fonte  
percipita o seu cristal,  
que lhas tira como louco,  
quem o vê precipitar.  
Convidou-me, a que bebesse  
a neve do manancial,  
e se a neve assim me abrasa,  
o incêndio que fará.  
Bebi, e não matei sede,  
porque no inferno de amar  
fui Tântalo, cuja pena  
o beber acende mais.  
Queira Amor, Brites ingrata,

que essa fonte, esse cristal  
não seja o vosso perigo,  
em que Narciso morrais.  
Que, quem me matou na fonte  
por seu gosto a meu pesar,  
será despique de um cego,  
e vingança de um rapaz.

**INSISTE O POETA (VENDO ESTES DESAPEGOS DE BRITES EM O NÃO QUERER ADMITIR) PARA SER CORRESPONDIDO EM SEU AMOR, ARGUMENTANDO-LHE RIJAMENTE CAUTELOSOS SILOGISMOS MAS TUDO DEBALDE**

Tenho-vos escrito assaz,  
e torno nesta ocasião  
a escrever-vos pertinaz,  
para ver se o tempo faz,  
o que não pode a razão.

Que talvez de importunada,  
muito mais que de rendida  
cede a vontade obstinada  
mais que à razão de adorada,  
à força de perseguida.

Vós não me correspondeis,  
porque haveis medo de amar,  
e esses riscos, que temeis,  
são falsos, pois bem podeis  
agradecer sem pagar.

Agradecei-me não mais  
verdes-vos idolatrada,  
porque com leves sinais  
a mais amor me empenhais,  
e ficais desobrigada.

Isto tem a gratidão,  
que escusa grandes despesas,  
com uma demonstração,  
gastando pouca afeição  
se ganham muitas finezas.

Fazei comigo um assento  
de amor, e seu galardão,  
ganhareis cento por cento,  
se entraís co agradecimento,  
entrando eu com afeição.

Não sei, que mal vos esteja,  
Senhora, o meu bem-querer,  
e porque a Lua se veja,  
tudo, o que quer bem, deseja  
muitos bens, a quem bem quer.

Isto é, o que significa  
querer bem, isso contém,  
que quem a Amor se dedica,  
ao sujeito, a quem se aplica,  
quer bem, e deseja bem.

Para os que mal vos quiserem,  
que lhes guarda, ou lhes prepara  
vossa condição tão rara?  
se àqueles, que bem vos querem,  
mostrais desabrida a cara.

Estou por me arrepender  
de adorar, a quem me mata,  
porque se a ambos maltrata,  
mau fim tenha o bem-querer,  
que vos faz a vós ingrata.

Mas eu tenho averiguado,  
que isto consiste na estrela,  
e o que perde o meu cuidado,  
porque vós sois Moça bela,  
e eu velho mal estreado.

Não o tenhais a escarcéu,  
que se às estrelas mais belas  
levais ganhado o troféu,  
depois que eu trato esse céu,  
entendo muito de estrelas.

E pois com vosso crisol  
se ilumina a esfera bela,

em seu azul arrebol  
bem podereis vós, meu sol,  
dar-me outra melhor estrela.

Servi-vos de apiedar-vos  
deste triste sem ventura,  
porque é certa conjetura,  
que, quem pretende adorar-vos,  
nem faz mal, nem mal procura.

**REFORÇA O POETA SEUS ENGANOS PROTESTANDO, QUE QUER SOMENTE  
AMAR POR AMAR, SEM OUTRO GÊNERO DE GALARDÃO, OU INTERESSE**

Menina: estou já em crer,  
que não é vosso rigor  
crueldade: mas temor,  
que tendes de vos render  
hei de dar-vos a entender  
por mais vos desenganar,  
que só pretendo adorar  
isento, e independente,  
que o querer do pretendente  
é mui distinto do amar.

Bem posso sem ser amado,  
amar-vos, minha Senhora,  
porque amor sempre melhora  
o fino em o desgraçado:  
no impossível adorado  
está o afeto maior,  
que quem aspira ao favor  
em sua dor importuna,  
faz lisonjas à fortuna,  
e não serviços a Amor.

Se do meu conhecimento  
nasceu a minha vontade,  
não pague uma divindade  
ter eu este entendimento:  
que mais agradecimento  
quer uma amante paixão,  
que amar, e amar com razão?  
e se é preciso querer



ao belo, porque há de ser  
mérito a obrigação?

O amar correspondido  
não é o mais perfeito amar,  
que não se hão de equivocar  
amante, e agradecido:  
sempre contingência há sido  
o rigor, ou a clemência  
e se da correspondência  
nascera sempre a vontade,  
não fora Amor divindade,  
porque o fosse a contingência.

Todo amante, que procura  
ser em seu amor ditoso,  
tem ambição ao formoso,  
não amor à formosura:  
quem idolatra a luz pura  
da beleza rigorosa,  
com fineza generosa  
ame sempre desprezado,  
porque o ser eu desgraçado,  
não vos tira o ser formosa.

Não ser de vós admitido  
acredita o meu cuidado,  
logo a ser tão desprezado  
devo estar agradecido:  
rigores peço sofrido,  
não clemência, nem piedade,  
porque inútil é a vontade,  
que deixa em sua fineza  
pelos logros da beleza  
respeitos da divindade.

**COROU A FORMOSA BRITES ESTAS PRECIOSAS MENTIRAS DAQUELE  
GALHARDO ENGENHO COM UM ALEGRE RISO NA PRIMEIRA OCASIÃO, QUE  
TEVE DE ENCONTRO COM ELA, PARA CONTRADIZER-SE CAVILOSO; O QUE LHE  
DEU MOTIVO PARA FAZER O SEGUINTE**

*MOTE*

*Se é por engano esse riso,  
fortuna, não me contenho,  
que tens comércio co vento,  
e mudas-te de improviso.*

Se haveis por pouco custoso  
pagar meu amor, Senhora,  
vos quero afirmar agora,  
que é muito dificultoso:  
porque se um olhar iroso  
me rouba a vontade, e sigo,  
argumento é não preciso,  
que amor me pagais assim  
com um rir-vos para mim,  
Se é por engano esse riso.

Um amor paga outro amor:  
logo mal podeis pagar-me  
um render-me, e cativar-me,  
que são obras de rigor:  
se me déreis um favor  
levada do rendimento,  
fora igual o pagamento;  
porém sendo eu firme amante  
com acasos de inconstante,  
Fortuna, não me contenho.

Mas não te enojas, fortuna,  
de que em matérias de amor  
repudie um tal favor,  
por quem a alma te importuna:  
em hora mais oportuna  
o aceitarei mais atento,  
mas por agradecimento  
do mais firme amor aqui  
tanto não fio de ti,  
Que tens comércio co vento.

Tu não és vento mudável,  
nem és nuvem aparente,  
nem exalação corrente,  
és fortuna variável:  
em um peito incontrastável,

onde o fim está indeciso,  
não faz fincapé, nem siso  
teu jeroglífico errante,  
que és vária, como inconstante,  
E mudas-te de improviso.

### **A GRACIOSA BRITES, DE QUEM JÁ FALAMOS POR COMER UM CAJU, QUE VINHA PARA O POETA**

Se comestes por regalo,  
Brites, o caju vermelho,  
tomastes mui mau conselho,  
e temo, que heis de amargá-lo  
no pomo há de ter abalo  
toda a vossa geração,  
pois vós sem comparação  
gulosa à Eva excedestes,  
quando só por só comestes,  
sem dar parte ao vosso Adão.

Pôs-vos Deus Eva segunda  
nesse novo paraíso,  
fiando de vosso siso,  
que fosses menos imunda:  
vós como mais moribunda,  
mais fraca, e mais alfenim  
comestes o pomo enfim,  
e por lhe meter o dente  
não fugistes da serpente,  
e andais fugindo de mim.

Sinto amarguissimamente,  
que visto o vosso pecado  
hei de sair condenado,  
como se fosse a serpente:  
do Vigário era o presente,  
e meu o caju do meio,  
e assim com razão receio,  
que pelo vosso pecar,  
hei de sair a arrastar,  
como a serpente lhe veio.

Eu não vos persuadi,  
para haveres de o comer,  
que Deusa havíeis de ser,  
pois Deusa sempre vos vi:  
mas vendo o caju rubi,  
gulosa, e arremessada  
lhe fostes dar a dentada,  
e diz a lei com a glosa,  
que pois fostes a gulosa,  
haveis de ser arrastada.

**TENDO BRITES DADO ALGUMAS ESPERANÇAS AO POETA SE LHE OPÔS UM  
SUJEITO DE POUÇOS ANOS, PRETENDENDO-A POR ESPOSA, RAZÃO POR ONDE  
VEIO ELA A DESVIAR-SE, DESCULPANDO-SE POR SER JÁ VELHO**

P.

Ao Velho, que está na roça,  
que fuja às Moças dizei.

R.

A bofé não fugirei,  
enquanto Brites for moça.  
Se lhe não fazeis já mesa,  
por que não heis de fugir?

P.

Por quê? Porque hei de cumprir  
co'a obrigação de cascar,  
dando-lhe sete ao entrar,  
e quatorze ao despedir.  
E já que em vosso sujeito  
há fidalguia estirada  
honrai-me, que a que é honrada  
não perde a um velho o respeito.

P.

Tendes comigo mau pleito  
pelas cãs, que penteais.

R.

Nisso mais vos enganais,  
que eu penteio desenganos,  
não pelo peso dos anos,  
pelo pesar, que me dais.

**SABENDO O POETA O MOTIVO DO DESVIO LHE MANDOU ESTAS DÉCIMAS**

Se mercê me não fazeis  
pelas cãs, que me enxergais,  
vós sois, a que perdeis mais,  
pois tal simpleza dizeis:  
que se a um velho aborreceis  
por ser homem de maior,  
que heis de fazer ao menor?  
porque se pela trocada  
deixais o muito por nada,  
entendeis pouco de amor.

Não vos entra no miolo,  
que é de valor mais subido  
um velho, sendo entendido  
que um menino, sendo tolo?  
Se da Dama de alto colo  
(diz a história, que dizia)  
que para o que ela queria,  
arto sabia o seu preto  
de teologia, um discreto  
sabe inda mais teologia.

A diferença, que há  
entre o homem, e entre o bruto,  
é da razão o atributo,  
que Deus aos homens nos dá:  
logo mais homem será  
o homem, que é mais sagaz,  
mais homem o mais capaz,  
mais home o mais racional,  
e o rapaz mais animal  
mas bruto por mais rapaz.

### **AO MESMO ASSUNTO E PELO MESMO MOTIVO**

Senhora Beatriz: foi o demônio  
Este amor, esta raiva, esta porfia,  
Pois não canso de noite nem de dia  
Em cuidar nesse negro matrimônio.

Oh se quisesse o Padre Santo Antônio,  
Que é Santo, que aos perdidos alumia,

Resvelar-lhe a borrada serventia  
Desse Noivo essa purga, esse antimônio!

Parece-lhe, que fico muito honrado  
Em negar-me por velho essa clausura?  
Menos mal me estaria o ser capado.

Não sofro esses reveses da ventura,  
Mas antes prosseguindo o começado  
A chave lhe hei de pôr na fechadura.

**MAGOADO O POETA E SENTIDÍSSIMO COM ESTA PENA DE VER FRUSTRADO  
TODOS OS SEUS INTENTOS, CANTAVA AO SOM DO SEU INSTRUMENTO A  
SEGUINTE LETRA**

Aqui-d'El-Rei, que me matam  
os negros olhos de Brites!  
eu não vi mulher tão branca  
com tão negros azeviches.  
Dizem, que pelos cabelos  
a leva certa velhice,  
que como enfim é menina,  
gosta mais das meninas.  
Quer-se casar c'um Menino,  
e está nisto tão terrível,  
que amanhã há de enjeitá-lo,  
por lhe passar da puerice.  
Está nisto tão teimosa,  
tão dura, e tão invencível,  
que quer enforçar-se o velho  
pela demônia de Brites.  
E porque Amor a beber  
me deu artos alfiniques,  
a Mãe, que disto não sabe,  
sabe somente afligir-me.  
Vai divertir-se na roça  
confusa, chorosa, e triste,  
onde os compadres lhe cantam  
os desenganos seguintes.

ESTRIBILHO

Tá tá,  
não me mateis tá,  
que inda que sou velho,  
não hei de cansar.

**RESOLVE-SE BRITES TOTALMENTE A DEIXAR OS GALANTEIOS DO POETA POR  
LOGRAR SEUS PRÓPRIOS INTERESSES: E COMPADECIDA DESTAS QUEBRAS  
TEREZA IRMÃ DE BRITES REPETIU AO POETA PASSANDO-LHE PELA RUA O  
SEGUINTE**

*MOTE*

*Campos bem-aventurados,  
tornai-vos agora tristes,  
que os dias, em que vos vistes  
alegres, já são passados.*

Estes campos, que a firmeza  
com tais afetos cultiva,  
se choram ser Lise esquiva,  
não os muda uma aspereza:  
que renascendo a beleza  
dessa Deusa em seus cuidados,  
mostram, quando derrotados  
da tirana sem razão,  
que por amar Lise, são  
Campos bem-aventurados.

Neles sempre Amor perfeito  
sustentou tantos poderes,  
que não pode Malmequeres  
tirá-lo nunca do peito:  
as mais flores com efeito  
(segundo vós advertistes)  
ficaram tais, quais as vistes,  
e em suma melancolia  
o mesmo sol lhe dizia,  
Tornai-vos agora tristes.

Não é maravilha não  
durar nos campos tal flor,  
que como a cultiva Amor,

sempre guarda a duração:  
e assim não pode a paixão  
deixá-la, como inferistes,  
que posto os meus olhos tristes  
não logrem sua beleza,  
mais firme estou na fineza,  
Que os dias, em que vos vistes.

E por fim não há rigor,  
que abalar possa esta fé,  
pois nela, e em mim se vê,  
que a Lise só tenho amor:  
não merecer seu favor  
não basta para os cuidados,  
pois da pena acrisolados,  
requintando idolatrias,  
vendo de amor as porfias  
Alegres já são passados.

**ACABA O POETA DE CRER A RESOLUÇÃO DE BRITES, ESTRANHANDO LHE EM CERTA OCASIÃO UM TAL DESAPEGO.**

*MOTE*

*Que fostes meu bem, mostrastes,  
mas já agora não sentistes,  
que os bens não duram nos tristes  
sem que padeçam contrastes.*

Horas de contentamento  
sempre são poucas, e breves,  
que os gostos, como são leves,  
voam como o pensamento:  
trocou-se o gosto em tormento,  
Lise, porque vos trocastes,  
e como um mal me deixastes  
em câmbio de um bem, Senhora,  
em seres meu mal agora,  
Que fostes meu bem, mostrastes.

O mal sempre é substituto  
do bem, que a fortuna veda,  
e que ao bem o mal suceda,



é já lei, é já estatuto:  
um do outro é flor, e fruto,  
e num bem que me aplaudistes,  
porque vós mo repetistes,  
tempo sei eu, Lise fera,  
que chorareis, se o perdera,  
Mas já agora não sentistes.

Não me espanto, Lise, não  
dessa dureza, e rigor,  
porque da fonte do amor  
é, que nasce a paixão:  
não sinto em minha paixão  
ver, que vós a não sentistes;  
sinto saber, que a urdistes:  
como há de chorar-me alguém,  
se todos sabem mui bem,  
Que os bens não duram nos tristes?

Nunca da vossa dureza  
dor alguma se esperou:  
porque aonde amor faltou,  
falta a lei da natureza:  
logrei na vossa beleza  
os bens, que me dispensastes,  
enquanto a ira aplacastes  
do mar dessa formosura,  
que não dá bens a ventura,  
Sem que padeçam contrastes.

#### **A MESMA COM IRAS DE NAMORADO RESPONDE O POETA A UM MAL CONSIDERADO AMIGO, QUE O MATRAQUEAVA DE COBARDE NESTA MATÉRIA**

Deixei a Dama, a outrem, mas que fiz?  
Deixar o começado é ser falaz,  
Porém Amor por louco, e por rapaz  
Ao mesmo tempo afirma, e se desdiz.

Consenti de outro amante ações gentis,  
Largando o bem, fiquei dele incapaz,  
Se eu não souber fazer, o que outrem faz,  
Que muito, que outrem queira, o que eu não quis.

O Sítio, em que a vontade a mim me pôs,  
Do qual fora a razão já me conduz,  
Seja a outrem prisão, seja cadoz.

Seja ele o infeliz, que eu ser propus  
Alexandre, que em laços cortou nós,  
Teseu, que em labirintos achou luz.

### **COSTUMAVA CANTAR O POETA ESTA LETRA A SEU INSTRUMENTO EM QUANTO LHE DUROU O PESAR DAS TIRANIAS DESTA DAMA**

Forasteiro descuidado,  
se acaso chegar vos move  
ou negócio, ou pretensão,  
curiosidade, ou amores.  
Guardai-vos, digo mil vezes,  
de pôr os olhos nas torres  
dessa traidora cidade,  
que tal basilisco encobre.  
De um serafim o mais belo,  
que o Céu corta, os ares rompe,  
tão cruel, e tão tirano,  
qual jamais admira o orbe:  
Com estes sinais vos dou  
exemplo nas minhas dores,  
forasteiro, caminhai,  
queira, Amor, que vos não olhe.  
Caminhai, digo outra vez,  
prevenido de temores,  
que eu já me vou a enterrar,  
porque me condena a morte.

### **DESENGANADO O POETA AO EFETUAREM-SE AQUELAS VODAS COM UM MOÇO LICENCIADO SAIU RAIVOSAMENTE COM ESTA SÁTIRA**

Casai-vos, Brites, embora,  
mas adverti, que em solteira  
se até aqui fostes rendeira,  
sereis costureira agora:  
heis de coser cada hora,  
para enganar o esposado,  
esse berbigão rasgado:

saiba o Moço de corrida,  
que andais por ele cozida,  
quando ele por vós assado.

Se por douto se vos vende,  
bem sabe a filosofia,  
mas tão pouca astrologia,  
que, o que é virgo, não entende:  
e se na esfera pretende  
lançar linhas sem medida,  
ignorância é conhecida,  
pois a saber as da esfera,  
logo as linhas conheceu,  
com que vos estais cosida.

Pontos em cousa surrada  
fazem o feitio caro:  
melhor é falar-lhe claro,  
e dizer, que estais usada:  
não entenda o Noivo nada  
dos usos, que há em direito,  
que eu, que lhe tenho algum jeito,  
sei, que a vossa honrinha falsa,  
posto que um ponto só calça,  
grande entrada tem no peito.

O que me tem mais confuso,  
é, que casar-vos temais,  
porque tão usada estais,  
sendo a gala andar ao uso:  
se o Noivo está já obtuso  
na regra de musa musa,  
como há de tomar a escusa,  
de casar com Noiva honrada,  
por se dizer ser usada,  
se o que se usa, não se escusa.

Animai-vos, Brites, pois,  
tomai de casada o estado,  
servireis de guardar gado,  
pois sabeis o nome aos bois:  
e se o Noivo lá depois  
vos der no rasto da linha,  
direis chorosa, e mesquinha

(culpando o poder do Amor)  
não é culpa do pastor  
meterem-lhe os bois na vinha.

Quem fez ao Noivo capaz  
de vos tocar na desonra,  
quando vós em pontos d'honra  
excedeis ao Noivo assaz?  
não é ele tão audaz,  
que fale no vosso vício,  
pois lhe fazeis benefício  
casando, que sois na empresa  
honrada por natureza  
não só, mas por artifício.  
Quereis (fora vá de pulha)  
por dar à vida descarga,  
que numa barra tão larga  
entre o Noivo pela agulha?  
vós mesma fazeis a bulha,  
pois dais com essa cautela  
sinais da vossa mazela;  
agulha se há de escusar,  
que para essa foz entrar,  
o que importa, é pôr a vela.

Muito ao Noivo lhe convinha,  
que vós por me dar o jeito  
entupísseis bem o estreito,  
para que ele passe a linha:  
e se a hora for mesquinha,  
que antes da linha passada  
ache calma, ou trovoada,  
com que se esgote o fresco,  
vós fareis, com ele o fresco,  
para seguir a jornada.

Casai-vos, bebei o trago,  
que estou já frito, e assado  
por ver o Licenciado  
alagado nesse lago  
sempre me destes mau pago  
ao bem, que sempre vos quis,  
e agora estou por um triz  
de bem vingado me ver,

se vos quer, ou não vos quer  
o Sô Licenciado Ortis.

Ele virá no partido,  
porque verá como honrado,  
que qualquer virgo ensopado  
não tem mais do que cozido:  
ele é da terra o Cupido,  
o Narciso, e o Nanaço,  
e não sirva de embaraço  
não ir para a nova casa,  
cabaço, que se ele casa,  
eu jurarei, que é cabaço.

**A VISTA DO AMOR, QUE TEVE O POETA A ESTA DAMA, COMO SE COLHE É A  
SEGUINTE OBRA UM TESTEMUNHO DA SUA GENEROSIDADE: POIS LHE RECUSA  
OS SEUS CONVITES, ACONSELHANDO-A A SOFRER SEU ESPOSO NEM OS SEUS  
GALANTEIOS FORAM COM PESSOA PROIBIDA**

Vós casada, e eu vingado,  
todo o meu coração sente,  
mas a vingança presente  
mais que o agravo passado:  
o agravo já perdoado  
pelas desculpas, que dais,  
menos dor me ocasionais  
por ser contra meu respeito  
que, o que contra vós é feito,  
força é, que doa mais.

Chorar vosso casamento  
é sentir a minha dor  
e agora me obriga Amor  
a sentir vosso tormento:  
vosso descontentamento  
do meu mal distância encerra,  
que no meu coração não erra  
censurando um, e outro sim,  
pois de vós vai tanto a mim,  
como vai dos céus a terra.

Um só coração assestam  
os pesares, de quem ama,

mas os pesares da Dama  
a dois corações molesta:  
se duas vidas infestam  
males, de que estais sentida,  
com razão, prenda querida,  
dois prantos faço em comum.  
pela minha vida um,  
outro pela vossa vida.

Levai prudente, e sagaz  
esse cargo, essa pensão,  
porque o erro da eleição  
consigo outros erros traz:  
se é de remédio incapaz  
o erro do casamento,  
dissimule o sofrimento  
esse erro: porque maior  
não faça o erro de amor  
erros do arrependimento.

### **COM ESTA RESPOSTA SE AVIVARAM NA DAMA OS INCÊNDIOS DE AMOR E NO POETA SE AVIVARAM OS QUILATES DESTA HONRA**

Não me culpes, Filena, não de ingrato,  
Se notado hás de mim tanta esquivança;  
Por que a força do fado em tal mudança  
Ou inclina o desdém, ou move o trato.  
Mas que importa, se quando olvidar trato  
Teus amores por lei, que não se alcança,  
Dura impressa no amor tua lembrança;  
Vive n'alma estampado teu retrato.

Os efeitos combatem da vontade  
Amoroso desdém zelosa pena,  
Produzindo tão grande variedade.

Teu amor, que me obriga, te condena,  
Que como não tens livre a liberdade,  
Não me podes prender o amor, Filena.

### **CATONA**

*Entre os serventes, que naquela casa assistiram, namorou-se o Poeta de Catona com todas as veras.*

(Manuel Pereira Rabelo, licenciado).

É parda de tal talento  
que a mais branca, e a mais bela  
deseja trocar com ela  
a cor pelo entendimento

É um prodígio, um portento.

**ENTRE OS SERVENTES, QUE NAQUELA CASA ASSISTIRAM, SE NAMOROU O POETA DE CATONA COM TODAS AS VERAS, AGORA, QUE A VIU DEDILHANDO RENDAS**

Pela alma dessa almofada,  
que quando a cara vos vi,  
Catona, me arrependi  
de fazer esta jornada:  
porque estais amancebada,  
conforme ouço aqui dizer,  
e que mais hei de eu fazer,  
que querer idolatrar!  
mas vós me haveis de mandar  
por isso mesmo beber.

Tendes-me tão prisioneiro,  
Catona, em tal embaraço  
que por um vosso pedaço  
me darei em todo inteiro:  
neste vosso cativoiro,  
que por docíssimo entendo,  
de vosso Senhor pretendo,  
(a quem obrigado vivo)  
que me tome por cativo,  
por vos estar sempre vendo.  
A vossa cara me agrada,  
o vosso rir me enfeitiça,  
essa vossa anca me enguiça,  
e uma só coisa me enfada:  
e é, que estais tão arrimada

ao gosto do Fernandinho,  
que apenas vos dá de olhinho,  
quando já vos levantai,  
e renda, e bilro deixais,  
e o triste do meu bilrinho.

Se eu vos amo, e vos não minto,  
e tudo por vós descarto,  
deixai, quem já tendes farto,  
por mim, que inda estou faminto:  
num período sucinto  
vos direi tudo de um lanço:  
quero para meu descanso,  
Catona, a vossa barriga;  
quereis, que mais claro o diga?  
 façamos, Tona, um crianço.

**SACODE ZELOSO O POETA A FERNÃO ROIZ VASSALO, QUE SE CONTRATAVA  
COM ESTA CELEBRADA CATONA, SENDO O VIOLISTA DAS PUTAS DAQUELE  
DISTRITO: PORQUE VINDO DANÇAR COM ALGUMAS EM PRESENÇA DO  
MESMO POETA LHE SAIU O MEMBRO POR ENTRE OS TRAJOS DA BRAGUILHA**

Veem vocês este Fernando,  
guar-te dele, que te espreita,  
que é moço, que logo arreita  
ou bailando, ou não bailando:  
e quem lhe disse, que quando  
para bailar o convido,  
posto que saia luzido,  
e posto que airoso andasse,  
queria eu, que bailasse  
com seu fariseu saído?

Não veem o grande despejo,  
com que o demo do priapo  
saiu pelo roto trapo,  
qual faminto percevejo?  
eu tenho grande desejo  
de ver bailar o Gandu  
mais duro, que um Berzabu,  
e se o seu lhe soluçou,  
pois que me não respeitou,  
por que não o mete no cu?



Não sabia, que a Vermelha  
corria por conta, e risco  
dos Guapos de São Francisco,  
a quem tudo se ajoelha?  
não sabe a história velha  
por toda esta Cachoeira?  
pois se a sabe, foi asneira,  
que a quem andava a bailar,  
a saísse a vigiar  
com pica vigiadeira.

Ou cosa a barguilha em pena  
deste agravo, que me fez,  
ou corte o xesmeninês,  
ou não baile com Elena:  
que em tudo isto o condena  
o Sancho, que desconfia  
de ver tal aleivosia,  
pois com trincos bailadores  
quer levantar-se as maiores  
co'a mulher, que se lhe fia.

**FAZIA O POETA TAIS EXCESSOS POR ESTA CATONA, QUE TOMÁS PINTO, E  
OUTROS LHOS ESTRANHARAM, E ELE OS INCREPA NESTAS DÉCIMAS DE  
NÉSCIOS NO AMOR**

Que pouco sabe de amor,  
quem viu, formosa Catona,  
que há nessa celeste Zona  
astro, ou luminar maior:  
também a violeta é flor,  
e mais é negra a violeta,  
e se bem pode um Poeta  
uma flor negra estimar,  
também eu posso adorar  
nos céus um pardo planeta.

Catona é moça luzida,  
que a pouco custo se asseia,  
entende-se como feia,  
mas é formosa entendida:  
escusa-se comedida,

e ajusta-se envergonhada,  
não é tão desapegada,  
que negue a uma alma esperança,  
porque enquanto a não alcança,  
não morra desesperada.

Pisa airoso, e compassado,  
sabe-se airoso mover,  
calça, que é folgar de ver,  
e mais anda a pé folgado:  
conversa bem sem cuidado,  
ri sisuda na ocasião,  
escuta com atenção,  
responde com seu desdém,  
e inda assim responde bem,  
é benquista a sem-razão.

É parda de tal talento,  
que a mais branca, e a mais bela  
deseja trocar com ela  
a cor pelo entendimento:  
é um prodígio, um portento,  
e se vos espanta ver,  
que adrede me ando a perder,  
dá-me por desculpa Amor,  
que é Anjo trajado em cor,  
e Sol mentido em mulher.

**COROAVA CATONA TODOS ESTES DOTES DE UMA CONSTANCIA RARAS VEZES  
ACHADA EM SEMELHANTE GENTE, POIS GUARDANDO FÉ A SEU AMANTE,  
PUNHA O POETA EM TOTAL DESESPERAÇÃO DE QUE NASCEU A OBRA  
SEGUINTE**

Valha o diabo o concerto,  
Catona, que assim me tem  
desanimado, e confuso  
sem esperança, e sem fé.  
Vós um concerto fizestes  
de nunca o Mano ofender,  
com que o negócio está feito,  
porém que hei de fazer eu.  
Hei de botar-me no mar,  
morrer, e perder a Deus,

enforçar-me como Judas  
morrendo como infiel.  
Hei de ir direito ao inferno,  
que me há de condenar Deus  
pelo pecado de amar  
a uma ingrata cruel.  
Querer bem não é pecado,  
a vós grande culpa é,  
porque se adoro a um bronze,  
idólatra venho a ser.  
Morra eu, e perca a vida,  
vida, e alma perderei,  
e folgarei, que se perca  
uma alma, que vos quer bem.  
Tenho um inferno na vida,  
outro na morte terei,  
na morte são meus pecados,  
na vida vossos desdéns.  
Já não tenho medo à morte,  
dá-me pouco de morrer,  
porque desde que vos vi,  
morro, passa já de um mês.  
Ou neste, ou no outro inferno,  
Catona, tudo é morrer,  
lá pelos pecados feitos,  
cá pelos que homem não fez.  
O mal é, que nem os fiz,  
nem espero de os fazer,  
nisto está o meu inferno,  
que arda, quem culpa não tem.  
Já morro, e não é possível  
meu testamento fazer,  
porque me tirais a fala  
cada vez, que vós quereis.  
Mas declaro por acenos,  
que não vos deixo os meus bens,  
porque se vos deixo a vós,  
arto deixada estareis.

**TORNA O POETA A INVESTIR À CATONA LANÇANDO O RESTO DE SEUS  
EMPENHOS, E ELA PARA SE DESCULPAR LHE RESPONDEU, QUE ESTAVA  
MENSTRUADA**

Estou triste, e solitário  
esperando pelo baque  
que há de dar, Tona, esse achaque,  
que em vós é mal ordinário:  
sangue, que tem oitavário,  
festa solene parece;  
com que saber se me oferece,  
porque razão me convenha,  
que a vós o sangue vos venha,  
e seja eu, quem o padece.

A vós, Tona, vem o mal,  
e em vez de mal vos faz bem,  
e a mim, que nunca me vem,  
me é tão prejudicial:  
só se eu sou tão animal,  
tão cavalo, e tão rocim,  
que quando vos chega enfim  
o mês pelo calendário,  
em vós corre de ordinário,  
porém corre contra mim.

Se vos vejo desta vez  
tal, que é força, vos maltrate,  
vaya: mas que a mim me mate  
que tenho eu com vosso mês?  
Se mereço por cortês,  
ou pela força da estrela,  
que me deis uma titela,  
dai-ma com sangue, ou sem sangue  
que eu irei ao pé de um mangue  
e lá me haverei com ela.

Eu lá a irei cozinhando  
de sorte, que o vosso dado  
com ser de sangue queimado,  
não me ande o sangue queimando  
a mim que me dá, que quando  
fizemos o catatau,  
saia o fariseu tão mau,  
que seja cousa precisa  
alimpá-lo na camisa,  
ou na esquina de um calhau?

**TORNA O POETA OUTRA VEZ A TENTAR A CATONA POR ESTILO DESONESTO,  
DE QUE AS VEZES MELHOR SE PAGA SEMELHANTE GENTE**

*MOTE*

*Castelo do põe-te neste,  
todo o meu meti em ti,  
por amor do calco-te este, Menina, venho eu aqui.*

Trinta anos, ricos e belos  
cursei em outras idades  
várias universidades,  
pisei fortes, vi castelos:  
ao depois os meus desvelos  
me trouxeram a esta peste  
do pátrio solar, a este  
Brasil, onde quis a Sorte,  
Castelo do põe-te neste.

Vi logo a forte muralha,  
Catona, eu teu duro peito,  
que por força, nem por jeito  
venci em trégua, ou batalha:  
com soldadesca canalha,  
quanto tinha, despendi;  
obrei lá, dispus aqui  
o cuidado, a manha, a arte,  
e sem fiar de ganhar-te  
Todo o meu meti em ti

São pensões, de quem guerreia,  
tudo causa a lei da guerra,  
o sossego se desterra,  
perde-se jantar, e ceia:  
e quando a guerra se ateia,  
segue-se a fome, e a peste,  
tudo se sofre por este,  
pundonor de te alcançar,  
e tudo hei de suportar  
Por amor do calco-te este.

Fui mau general 'té agora,  
porque fiz, Catona, a guerra

em país alheio, em terra,  
onde vós sois tão Senhora:  
hei de sair daqui fora  
armado a Pernamerim,  
e sendo fronteiro ali  
a trombeta hei de cantar  
que para de vós triunfar,  
Menina, venho eu aqui.

### **EXAGERA O POETA SEUS AMORES À CATONA EM OCASIÃO, QUE ELA SE QUEIXAVA DE UMA DOR DE DENTES**

Partiu entre nós Amor  
por não haver desavença  
a mim a dor da doença,  
a vós da doença a dor:  
mas que mal seja o pior  
destes males repartidos  
não o sabem meus Sentidos,  
só sabe o meu coração,  
que vos dáveis a ocasião,  
eu vos mandava os gemidos.

Vós tínheis a dor de dente  
no dente, que vos doía,  
e eu na alma tinha agonia,  
pois vos amo ardentemente  
qual de nós maior dor sente  
minha alma vo-lo dirá,  
e entendido ficará,  
que era a minha dor maior,  
por ser n'alma, porque amor,  
n'alma nasce, e n'alma mora.

### **PRETENDIA O POETA RETIRAR-SE PARA A VILA DE S. FRANCISCO E VENDO AS DUREZAS DE CATONA, LHE FAZ ESTE MEMORIAL DE FINEZAS**

Não vos pude merecer,  
porque não pude agradar,  
mas eu hei de me vingar,  
Catona, em mais vos querer;  
vós sempre a me aborrecer

com ódio mortal, e atroz,  
e eu a seguir-vos veloz:  
se sois veremos enfim  
mais firme em fugir-me a mim,  
que eu em seguir-vos a vós.

Quisera-vos persuadir,  
como vós haveis de haver,  
que sou mais firme em querer,  
que vós ligeira em fugir:  
eu não hei de desistir  
desta minha pertensão,  
quer vós a aproveis, quer não,  
porque ver-me importaria,  
se talvez faz a porfia,  
o que não faz a razão.

Mil vezes o tempo faz,  
o que à razão não conveio,  
meterei o tempo em meio,  
porque ele nos meta em paz:  
vós estais muito tenaz  
em dar-me um, e outro não,  
e eu levado da afeição  
espero tempo melhor,  
onde, o que não obra amor,  
vença o tempo, obre a razão.

Catona, minha esperança  
me dá por consolação,  
que espere: porque o rifão  
diz, que, quem espera, alcança:  
tudo tem certa mudança:  
o bem males ameaça,  
o mal para bem se passa,  
que como a fortuna joga,  
o braço, que hoje me afoga,  
talvez que amanhã me abraça.

**DEIXA RECOMENDADO A TOMAS PINTO AS DILIGÊNCIAS DE ABRANDAR A CATONA, E SE DESPEDE DE PERNAMERIM EM UM CAVALO CHAMADO O TAINHA**

Adeus, meu Pernamerim,  
que me vou sobre o Tainha  
engasgado em crueldades,  
espinhando em tiranias.  
Adeus vizinhas do pasto,  
que na varanda de cima  
nos mataram a marrã,  
e a comemos de rebimba.  
Adeus rica cachoeira,  
onde a Vermelha coabita  
co peregrino, que passa,  
co mercador, que a visita.  
Adeus casa principal  
aos olhos nunca escondida,  
por ser sobre o monte posta,  
como se canta na missa.  
Adeus, Catona bizarra,  
adeus gente da cozinha,  
adeus putíssima Samba,  
e honestíssima Luzia.  
Adeus Grácia faladeira,  
bem que com graça infinita,  
adeus a outra Mãe Monda,  
que se chama Clara Dias.  
Adeus Moçorongo alegre,  
e Fofó da estribaria,  
adeus Barroso de baixo,  
adeus Catuge de cima.  
Adeus, ó fresca varanda,  
onde joga a rapazia  
castanhas com mil trapaças,  
e trapaças com mil brigas.  
Adeus Maria Pereira,  
que sempre à mesa assistias  
diligentemente alegre  
co'a comida, e co'a bebida.  
Adeus Brites gavachona,  
que inda que sois concubina  
do Gabriel, que vos sangra,  
nunca vos deixa ferida.  
Adeus terras agradáveis  
cheias de canas tão ricas,  
que estão dizendo, comei-me,  
a quem passa, a quem caminha.



Adeus Inês amuada,  
que por uma negra pinga  
três dias me não falaste,  
e me xingaste três dias.  
Morto de vossas saudades  
me vou por essas campinas  
a risco de chegar morto,  
se não fora no Tainha.

**SAUDOSO DE PERNAMERIM, E SENDO ACASO TOPADO NAQUELA VILA UM MOLEQUE CHAMADO O MOÇORONGO DE TOMÁS PINTO BRANDÃO SEM CARTA, NEM RECADO DO SENHOR PARA O POETA, ELE SE MOSTRA SENTIDO NESTE ROMANCE**

Veio aqui o Moçorongo  
tão oculto, e escondido,  
que não sei se o tenha a ele,  
se a vós por meu inimigo.  
Chegou terça-feira à tarde,  
meteu-se em casa de Chico,  
passou a tarde, e a noite,  
e o pior é, que dormindo.  
Porque havia de dormir  
o Moçorongo maldito,  
sabendo, que eu estava  
desvelado, e afligido.  
Amanheceu quarta-feira,  
chegou o nosso Arcebispo,  
gastou-se toda a manhã  
com visitas, e visitas:  
Deu meio-dia, e fui eu  
para casa dos amigos  
esfaimado como um cão,  
e como um lobo faminto:  
Quando o cão do Moçorongo  
saiu do seu esconderijo,  
e sem cuidar no encontro  
deu de focinho comigo.  
Alegrei-me, e enfadei-me,  
que há casos, em que é preciso,  
que se mostre ao mesmo tempo  
alegre um peito, e mofino.  
Amofinou-me a traição,

com que ele esteve escondido,  
e alegrei-me de encontrar  
com gente desse distrito.  
Perguntei logo por vós,  
por Inácio, e Antonico,  
por Luzia, e por Catona,  
e mais gente desse Sítio.  
Todos estão de saúde,  
me disse o Crioulo esquivo  
um tanto triste da cara,  
pouco alegre do focinho.  
Mas eu fiz-lhe muita festa,  
assim por ser seu amigo,  
como por ser cousa vossa,  
e nesse pasto nascido.  
Perguntei, se me escreveras:  
zombou disso, e deu-me um trinco;  
zombou com cara risonha,  
trincou com dedo tangido.  
Disto formo a minha queixa,  
disto fico mui sentido,  
pois sei, que tendes papel,  
tinteiro, pena, e juízo.  
Mas andar lá nos veremos,  
e vereis, que de sentido  
vos hei de estrugir a vozes,  
e me hei de espojar a gritos.

**POR ESTE MOLEQUE, QUE DEU AO POETA MUITAS LEMBRANÇAS DA PARTE DE  
CATONA, LHE REMETEU ELE O SEGUINTE ROMANCE**

Mandais-me vossas lembranças,  
eu as não hei de mister,  
porque de vós sempre as tenho,  
quer mas deis, quer não mas deis.  
Se o fazer mal não se perde,  
como é adágio português,  
quem me faz tão grandes males,  
como me pode esquecer?  
Sinto, que vossas lembranças  
me viessem esta vez  
na desconfiança envoltas  
lembrarei, não lembrarei.

Como não há de lembrar-me  
um coração tão cruel,  
se as feridas n'alma dadas  
nem curadas saram bem?  
A cada passo me lembram  
os rigores, e os desdêns,  
com que, ingrata, castigastes  
a culpa de vos querer.  
O certo é, que este temor  
nasce de vossa má fé,  
que quem se sangra em saúde  
culpada deve de ser.  
De vós mesma desconfiai,  
que de mim não pode ser:  
de vós sim, que me matastes,  
de mim não, que vos amei.  
Porque se aquela pessoa  
na minha memória fez  
entrada por mão de amor,  
quem lhe havia de empecer?  
Se haveis medo de querer-me,  
porque isso me mereceis,  
e o que mereceis, não faço,  
faço por vos merecer.  
Mereceis-me já esquecido  
do tempo, que vos quis bem,  
e nem me lembra esquecer-me  
a fim de inda vos querer.  
Pelo que sois não vos amo,  
que não se adora o cruel,  
o belo sim, e eu vos amo,  
pelo que me pareceis.  
Pois por mais que fôsseis dura,  
isenta, ingrata, e cruel,  
que vos não quita o ser linda,  
não vos quitara o querer.  
Agravos não mos fizestes,  
males, e injúrias também:  
se de alguém hei de queixar-me,  
de um ninguém me queixarei.  
Vós não tivestes a culpa:  
toda a culpa teve, quem  
vos quis tratar com lisonjas,  
suceda, o que suceder.

Que vos não diz a distância,  
que o negro do branco tem,  
esse teve a culpa toda,  
é amigo, pode-o fazer.  
Mas deixando estes queixumes,  
que será força ofender  
com queixas, quem nunca pôde  
com finezas dar prazer:  
Digo, que as vossas lembranças  
tanto n'alma as estimei,  
como vós sois testemunha,  
que lá as vistes receber.  
Queira Amor restituir-me  
dos agravos, que me fez;  
e vos faça já a destroca  
do branco pelo guiné.

**POR ESTE MESMO ESCRAVO ESCREVE TAMBÉM O POETA A OUTRO AMIGO EM  
PERNAMERIM CHAMADO IGNÁCIO, QUEIXANDO-SE DE LHE NÃO ESCREVER,  
NEM LHE MANDAR NOVAS DAS FÊMEAS**

Senhor Inácio, é possível,  
que quisestes desdizer  
daquela boa opinião,  
que eu tinha na vossa fé?  
É possível, que um amigo,  
de quem tanto confiei,  
nem por escrito me fala,  
nem em pessoa me vê?  
É possível, que uma ausência  
tanta potestade tem,  
que ao vivo morto reputa,  
no que toca ao bem-querer?  
Se isto em vós a ausência faz,  
como em meu peito o não fez,  
não sois vós o meu ausente,  
que em minha idéia viveis?  
O certo é, meu amigo;  
disse amigo: mas erreí,  
que não sois amigo já,  
fostes meu sócio talvez.  
Fostes sócio nos caminhos  
daquela terra infiel,

onde Luzia traidora,  
e Catona descortês  
Me privaram dos sentidos,  
e me deixaram cruéis  
o corpo uma chaga viva  
a golpes de seu desdém.  
Mas eu me não queixo delas,  
que de nenhuma mulher  
má, ou boa há de queixar-se  
homem, que juízo tem.  
Queixo-me de vosso Tio,  
que se foi por me empecer  
esta terceira jornada  
para acabar o entremez.  
Praza a Deus, que ache Simoa,  
a quem amante foi ver,  
como há de achar Antonica  
farta do Xesmeninês.  
Daquela Antonica falo,  
que pôs no negro poder  
das Quitas, para que a guardem,  
e a guardaram ao revés.  
Que a Silvestre a entregaram,  
o qual, como vós sabeis,  
apesar dos dias santos  
lhe deu tanto que fazer.  
Mas pois em Pernamerim,  
e em suas cousas toquei,  
neste mesmo assunto quero,  
me façais uma mercê.  
Dizei — e, se está o Antônio  
recolhido a seu vergel,  
onde era geral Adão  
das Evas, que Deus lhe deu.  
E se acaso tiver vindo,  
vos peço, que lhe mandeis  
este romance fechado  
em um molhado papel.  
Porque no molhado veja  
o choro, com que lancei  
estes versinhos tão tristes  
por amar, e querer bem.  
A ele, que me fugiu  
desta casa, há mais de um mês,

e à Catona, que o imita  
no esquivo, e no infiel.  
E com isto, e outro tanto,  
que me fica por dizer,  
adeus, até que tenhais,  
quem vos traga a meu vergel.

**MANDA-LHE TOMÁS PINTO DESDE PERNAMERIM ESTE ROMANCE,  
RECORDANDO, O QUE O POETA LÀ PASSÀRA**

Ao pasto de Santo Antônio  
vieram quatro quadrilhas,  
todas quiseram luzir,  
e só Luzia luzia.  
Vinham por guias da dança  
a Catona, e a Betica  
cantando irmãmente alegres  
pelo mar ia Maria.  
Vinham logo Inês, e Samba  
duas putonas malditas,  
que qualquer pelas sanzalas  
negregada pingapinga.  
E por remate de todas  
vinha a galharda Luzia  
tão outra, que então se viu,  
que, se Amor a vira, vira  
Toda a casa se alegrou,  
todos molhamos as picas,  
houve um consolo geral  
nas putas, que a pica pica.  
Não vou de Pernamerim,  
sem ver por essas cozinhas  
penduradas as marrãs,  
e às cabritas as cabritas.  
Tão alegre sexta-feira  
não vi em todos meus dias,  
porque tivemos na ceia  
sobre tainha tainha.  
Fomos buscar a vermelha,  
que esperava na cozinha  
um negro, para que, quando  
lhe coçar a impinja, impinja.  
A puta não quis sair

sendo, que estava saída  
pelo negro, que aguardava,  
a quem com vida convida.  
C'os olhos na refestela  
todo o mundo me esquecia,  
porque de Luzia o emprego  
memórias de Quita quita.  
Viemo-nos muito embora,  
um que salta, outro que brinca,  
porque o jimbo, que pediu,  
muito mais que urtiga urtiga.  
Mas embaixo já chegados  
de moto próprio Luzia  
mostrou, que estava sem causa  
por tão fementida tida.  
O Doutor a consolou,  
fazendo marital vida,  
e então confessaram todas,  
que só Luzia luzia.

## **RESPONDE O POETA TODO SAUDOSO A TOMÁS PINTO**

Gostou da vossa Lira a minha Musa,  
gostou sim pela vida de uma Tona,  
que à custa do seu sangue se me escusa.

Vos devíeis lavar-vos na Helicon,  
ou beber nas torrentes do Pegaso,  
segundo a vossa Musa é folgazona:

Mas senti, que caísseis no fracasso  
de me não dares novas de Luzia  
a tintin por tintin, caso por caso.

Se imaginastes, que o não sentiria,  
porque um ausente morto se reputa,  
enganou-vos a vossa fantasia:

Que eu sou fino berrante sem disputa  
de tudo, o que são fêmeas, e mulheres,  
seja a puta qualquer, se é minha puta.

Quem goza, como vós, tantos prazeres

de tanta fêmea em baixo tão servido,  
dormindo sobre tantos bem-me-queres

Bem se zomba do pobre foragido,  
que rendido ao bom ar de uma Catona  
nem por toque se viu favorecido.

Ora vede os poderes de uma cona,  
que me vejo cercado de peixeiras,  
e estou mais tristalhão, do que uma mona.

As putinhas daqui são mulambeiras,  
e fedem ao peixum com os diabos,  
e importa pouco serem gritadeiras.

Em chegando ao repuxo dos quiabos  
fica-lhe a fralda um lago de ensopada,  
e vão-se umedecidas pelos rabos.

Amor me leve a cachoeira honrada,  
onde a Vermelha enxuta de pentelho  
toda a conana traz polvorizada.

Leve-me Amor a ver no lindo espelho  
de Luzia, que cheira em se deitando,  
qual se nunca metera de Vermelho.

Moças desse país me estão lembrando,  
de Catona a fidalga gravidade,  
e não saber mentir de quando em quando.

Que de gabos lhe dera na verdade,  
se o Catuge esperara uma só hora,  
e não fora com tal celeridade.

Mas vós fazei presente à tal Senhora,  
que aqui me estou morrendo por beijá-la  
naqueles dentes pérolas da Aurora:

Naquela boca aljôfar de Bengala,  
e que espero, que Amor me há de dar hora,  
em que ela meta a mão na consciência;

Porque, quem me pariu, me diga agora,



que sou servo de Vossa Reverência.

**RESPONDEU TOMÁS PINTO A RECOMENDAÇÃO DO POETA, QUE A DUREZA DE CATONA NENHUM REMÉDIO TINHA, POIS CADA VEZ ESTAVA MAIS FIRME AO QUE ELE FEZ ESTE SONETO**

Oh que esvaída trago a esperança  
Depois das tristes novas de Catona,  
Nas quais a vossa Musa desabona,  
E me despede toda a confiança.

Eu a amava com força, e com pujança  
Por bizarra, graciosa, altiva, ampona;  
Nunca a Mulher finezas galardona,  
Nunca outro prêmio de um rapaz se alcança.

Que amor com outro amor há de pagar-se  
É já comum rifão, soe dizer-se,  
Mas é erro, que agora há de emendar-se.

Amor do próprio amor deve entender-se,  
Que amor consigo mesmo há de premiar-se,  
E ser prêmio da pena o padecer-se.

**A PERSUASÕES DE TOMÁS PINTO ESCREVE CATONA AO POETA UMA CARTA TODA CHEIA DE AMORES, E FINEZAS, E ELE LHE RESPONDE COM ESTE ROMANCE**

Recebi as tuas regras,  
meu amor, minha Antonica,  
as quais, te juro, me deram  
para mais penas mais vida.  
Ressuscitei, quando as li  
do letargo, em que me via,  
mas quem vive para as penas,  
morre, quando ressuscita.  
Teu objeto em cada letra  
contemplei por vida minha,  
mostrando-me em cada termo  
tua essência uma alegria.  
Recebi os teus abraços,  
gozei-me em tuas carícias

e por te ver, meus amores,  
todo me enchi de alegrias.  
Eu zeloso te falava,  
tu mil zelos me pedias,  
eu queixoso, e tu queixosa,  
eu morto, e tu insofrida.  
Nesta amante confusão,  
no logro destas delícias  
me vi, Tona dos meus olhos,  
quando tuas regras lia.  
Mas porém foram de amor  
tudo aparências fingidas,  
tudo sombras fabulosas,  
e tudo doces mentiras.  
Porque logo o desengano,  
que as verdades acredita,  
me fez ponderar-te ausente  
na distância, onde me ficas.  
Vendo então, que era sonhada  
a fortuna sobredita,  
comecei com meus excessos  
a fazer, o que convinha.  
Enternecido, e saudoso,  
meus olhos lágrimas vivas  
lançam, vendo-me já morto  
em correntes repetidas.  
Um suspiro as acompanha  
pronóstico de agonias,  
que publicando saudades  
os mesmos astros lastima.  
E como a causa tu sejas,  
minha ausente, minha rica,  
hão de ser dela os efeitos  
por desiguais sem medida.  
Os efeitos, que me causam  
saudades tão repetidas,  
meu afeto tos relata,  
meu grande amor tos publica.  
Considero-te, meu bem,  
distante da minha vista,  
e como vivo de ver-te,  
sem ver-te não tenho vida.  
Sempre está meu coração  
em sobressalto, e fadigas,

porque sabe bem sentir  
qualquer achaque, que sintas.  
Entra logo a combater-me  
dos zelos a bateria,  
e como Tróia o meu peito  
abrasam em chamas vivas.  
Considero-te lograda,  
de quem és mal merecida,  
falsa, no que me prometes,  
ingrata a tantas carícias.  
Logo torno a desculpar-te,  
julgando cousas impias,  
as que de ti considero,  
por saber, que és compassiva.  
Esta consolação traz  
por saudosa companhia  
uma esperança, que tenho  
para ver cedo cumprida.  
E como por festa chega,  
e na festa se limita,  
quanto esta festa me tarda,  
tanto o prazer se aniquila.  
Estes dias para mim  
são anos, e não são dias,  
as horas parecem meses,  
dos quartos não sei, que diga.  
Considera tu agora  
como estará, minha vida,  
quem tantos contrários tem  
para tantas agonias.  
Quem combatido se vê  
com rigor, e tirania  
de esperanças dilatadas,  
suspiros, ânsias, fadigas.  
No mais aqui te não falo,  
tudo deixo para a vista;  
entretanto Deus te guarde,  
Deste, que muito te estima.

**TEVE CATONA UMA GRANDE ENFERMIDADE LOGO A ESTE TEMPO, E  
CHEGANDO AS NOVAS AO POETA LHE MANDOU ESTE**

*MOTE*

*Ontem soube o vosso mal  
e de então, meu doce emprego,  
não pude enxugar meus olhos,  
nem calar meu sentimento.*

Dizem os experimentados  
nos bens, e males da vida,  
que os males vêm de corrida,  
e os bens chegam retardados:  
eu tomo em termos trocados  
esta sentença fatal,  
pois estando vós mortal  
doente de tantos dias,  
tão mal, com tantas sangrias,  
Ontem soube o vosso mal.

Como a nova chegou tarde,  
perdeu tempo o meu pesar,  
que para mim foi desar,  
pois de amar-vos faço alarde:  
que, quem no vosso amor arde  
tão louco, arrojado, e cego,  
no vosso desassossego  
quisera meu coração  
padecer antes de então,  
E de então, meu doce emprego.

Quando a triste nova ouvia,  
fiquei tão amortecido,  
que de puro estar sentido  
não senti, o que sentia:  
quem tão confuso se via,  
vendo como por antolhos,  
que estava pisando abrolhos  
entre a vossa, e minha mágoa,  
como chorei mares d'água,  
Não pude enxugar meus olhos.

Alma me pus a partir,  
e em pedaços a chorei  
toda junta a não botei  
só por viver, e sentir:  
assim vim a conseguir

dar à minha dor aumento,  
e como era o meu intento  
fazê-la extensiva um tanto,  
não pude parar meu pranto,  
Nem calar meu sentimento.

**DESTA ENFERMIDADE PASSOU CATONA A CURAR-SE NA VILA DE SAM FRANCISCO, ONDE O POETA ESTAVA, E A SUA VINDA LHE CANTOU ESTE ROMANCE**

É chegada a Catona,  
e vem muito doente,  
que se há gostos, que matem,  
havê-los-á, que enfermem.  
Se enferma de seus gostos,  
gosta, do que padece,  
e assim ninguém a cure,  
que, quem a cura, a ofende.  
Da gente desta casa  
ninguém há, que penetre,  
se ele apertou com ela,  
se ela apertou com ele.  
O que se sabe ao certo,  
é, que se ela adocece  
daquilo de que vive,  
livre está de morrer-se.  
É ditosa Catona,  
que quanto mais padece,  
mais assegura a vida,  
pois vive, do que geme.  
Para se não enferma,  
contra mim adocece,  
se morre por deixar-me,  
hei medo, que me deixe.  
Na sua enfermidade  
logra dous interesses,  
o gosto de enfermar-se,  
e o prazer de morrer-me  
Se a curo então a ofendo,  
pois lhe tiro os prazeres:  
se a não curo, me mato,  
valha-me Deus, mil vezes.  
Que nesta confusão,

em que o fado me mete,  
ou se cure, ou não cure,  
hei medo, que me enterre.

### COMO ESTA NENHUM CASO FEZ DO POETA DIVERTIDA COM OUTROS DE SUA QUALIDADE, LHE DESANDA COM ESTES EPÍLOGOS

Quem deu à Pomba eitiços?	Mestiços
E quais são os seus objetos?	Pretos
Quais deles lhe são mais gratos?	Mulato

É logo de cães e gatos  
a Pemba por seu desdouro,  
pois lhe vão somente ao couro  
Mestiços, Pretos, Mulatos.

Que são da testa as carcomas? Gomas	
Ela diz, que são vertiges Impiges	
E lá dentro das alcobas?	Bobas,

Bem merece um par de sobas,  
pois com quantos se pespega,  
cada qual deles lhe pega  
Gomas, Impiges, e Bobas.

Ela é bandarra, e airosa	Gulosa
Mas é linda sem disputa	Puta
Nenhuma parte a abona?	Mijona.

Dai vós ao demo a putona,  
a quem o mesmo diabo  
lhe chama por menoscabo  
Gulosa, Puta, Mijona.

Quem a leva ao Quicauabo?	O diabo
Lá tem o amigo Vinagre	Bagre
E quem lhe leva o balaio?	O Cambaio.

Por isso vai como um raio  
uma légua caminhando,  
porque a vão acompanhando

Diabo, Bagre, Cambaio.

Quem lhe despeja o alforje?  
Outro há, com quem mais me aturdo  
E outro mais de quando em quando

o Jorge  
o Surdo  
o Quibando

Não vi putão mais nefando,  
pois todos seus sarambeques  
vai fazer com três moleques  
o Jorge, o Surdo, o Quibando.

Que lhe dão tão fracas linhas?  
Nenhuma coisa mais quis?  
Por tão pouco tantas bulhas?

Sardinhas  
Siris  
Aglulhas.

Eu creio, que isto são pulhas,  
que negra de entendimento  
não toma por pagamento  
Sardinhas, Siris, e Agulhas.

Ela tem Jorge escolhido  
E demais o quer com figo  
Ele diz, que há de ser forro

Por marido  
Por amigo  
Por cachorro.

Eu de ouvir isto me morro,  
pois ela o negrinho quer  
para o mesmo tempo ser  
Marido, Amigo, e Cachorro.

### **ESPADA E ESPADILHA**

Quando andáveis lá nas tropas  
de tanta campanha armada,  
jogáveis jogo de espada  
ou da espadilha?

Basta, Senhor Capitão.

### **AO CAPITÃO FRANCISCO MONIZ DE SOUZA CORRENDO NA FESTA DAS VIRGENS COM GARBOSA FORTALEZA**

Amigo capitão forte, e guerreiro,  
Sempre vos observei no pensamento  
Por homem de grandíssimo talento,  
Mas dunca por tão grande cavaleiro.

Quando vos vi na festa do Terreiro  
Torreão cavalgado sobre o vento,  
Onde irá parar (disse) este portento,  
Senão na admiração do povo inteiro,

Dito, e feito; porque vos aplaudiram  
De tal modo os Mirões daquela praça,  
Que de vos dar um gabo me excluíram.

Mas se os Céus vos formaram de tal traça,  
Que de prendas tão nobres vos urdiram,  
Eu me dou por contente em vossa graça.

**AO MESMO CAPITÃO CHEGANDO A MADRE DE DEUS, ONDE O POETA ASSISTIA, A UMA FESTIVIDADE COM SUAS TRÊS IRMÃS SENDO DONA ÂNGELA UMA DEISS E PORTENTO MAIOR DA FORMOSURA POR QUEM SE DESVELOU O POETA COMO VEREMOS NO QUARTO TOMO**

Faltava para alegria  
desta festa a vossa vinda,  
que só fica sendo linda  
assistindo vós ao dia:  
confesso, que não sabia  
de tão ditosa ocasião,  
mas agora em conclusão  
protesto com viva fé  
ir-me pôr ao vosso pé,  
para beijar-vos a mão.

**AO MESMO CAPITÃO PEDE O POETA LICENÇA PARA O IR VISITAR NA SUA FAZENDO DO CAIPE, ONDE ASSISTIA EM COMPANHIA DE SEUS PAIS, E IRMÃOS**

Meu capitão, meu amigo,  
mui entendido e bizarro,  
asseio sem artifício,  
galanice sem cuidado:



Benquisto por graça própria,  
não por estudo, ou trabalho,  
sem presunção valoroso,  
sem afetação fidalgo:  
Imitador dos brasões  
de Avoengos tão preclaros,  
que a não seres vós nascido,  
não foram nunca imitados.  
Deixou-nos a vossa ausência  
tão tristes, tão solitários,  
que todos nos persuadimos,  
que em um deserto habitamos.  
Faltou-nos vossa alegria,  
riso, prazer, desenfado,  
e porque o digo de um golpe,  
de vós mesmo estamos faltos.  
Subindo por este oiteiro  
ver a Deus no templo sacro,  
nem pé de pessoa vemos,  
nem com viva alma encontramos.  
O Ilustríssimo Isidoro,  
e o valoroso Carvalho  
parecem padres de ermo,  
ou ermitães do Busaco.  
Porque apartado um do outro  
andam por estes mentrastos  
como dentes de caveira  
dous somente, e afastados.  
Lourenço, que foi convosco,  
veio aqui como um pasmado,  
tudo, o que diz, são caipes  
em assuntos mui contrários.  
O Padre anda como um doudo,  
e jura aos dedos sagrados,  
que as festas, que embora vêm,  
hão de durar de ano a ano.  
Para prender-vos consigo  
fará ele piores caos,  
diz, que sois o seu feitiço,  
e eu tenho zelos, que raivo.  
E pois a Cururupeba  
desde então se tem trocado  
uma Tebaida, um deserto,  
uma Arrábida, um Busaco.

Eu sou alegre de brio,  
quanto risonho de cascos,  
e não sofro vida, em que  
da solidão me acompanho.  
Haveis de me dar licença,  
para que vá visitar-vos,  
ou mandai-me uma mortalha,  
hissope, e gatos pingados.  
Mandai-me com que me enterrem,  
porque de vós apartado  
deveis (pois morro por vós)  
fazer-me do enterro os gastos.  
Não venha cá vosso Tio,  
porque em se pondo de um lado  
a lançar-me a água benta,  
estou com ele de um salto.  
Demais que se há de encontrar  
aqui co Padre Gonçalo,  
e hei medo, que se renove  
o sucesso do seu barco.  
E hão de ferver os muquetes,  
porque estão desconfiados,  
um, porque a vela vá acima,  
e outro, porque venha abaixo.  
Eu sou defunto de prendas,  
e quando este mundo largo,  
brigas não quero em lugar  
de um parce mihi cantado.

**AO CAPITÃO JOÃO ROIZ DOS REIS HOMEM GENEROSO, E ALENTADO GRANDE  
AMIGO DO POETA, LHE LOUVA A SUA GENEROSIDADE COM TODOS**

Meu Capitão dos Infantes,  
que por vossas boas artes  
sois homem de muitas partes  
nascendo só em Abrantes:  
por vossos ditos galantes,  
discretos, e cortesãos,  
e por largueza de mãos  
a todos nos pareceis  
não somente João dos Reis,  
senão o Rei dos Joãos.

O Príncipe, que de juro  
senhoreia os corações  
(como lá disse Camões)  
que sois vós, o conjeturo:  
tanto nisto me asseguro,  
que em ver como procedeis,  
presumo, que descendeis  
dalgum Príncipe da França  
donde tendes por herança  
esse apelido dos Reis.

A boa arte de reinar  
em um coração rendido,  
e não seres vós nascido,  
não se pudera imitar:  
vós nos podeis ensinar  
com paridades, e apodos  
os bons meios, e os bons modos,  
com que todo o mundo embaça,  
porque sempre estais de graça,  
por fazeres graça a todos.

O generoso da mão,  
o coração varonil,  
onde vos cabe o Brasil,  
vos sobeja o coração:  
com pobres a compaixão,  
cos ricos o liberal,  
na amizade tão leal,  
na palavra tão mucição  
para mim tudo é feitiço,  
sendo cousa natural.

### **AO CAPITÃO BENTO PEREIRA HOMEM SIMPLES E COM PRESUNÇÕES DE BOM**

Amigo Bento Pereira,  
que em todo o nosso Brasil  
sois homens de muitas prendas,  
tendo tão pouco quattrim.  
Assim agradara eu  
a quatro vilões ruins,  
a quem nesta terra enfado,  
como me agradais a mim.

Vós sois um homem honrado  
de generosa raiz,  
nobre com ventosidade,  
honrado com retentiz.  
Sois galã com artifício,  
asseado com ardil,  
só vós sois homem honrado,  
os demais homens gentis.  
Todo o mundo vos quer bem,  
porque tendes, e é assim,  
cara de ter mil amigos:  
mil amigos? mais de mil.  
Sois muito leal com todos,  
cousa, que não se usa aqui,  
por isso sois mal servido,  
de quantos sabem servir.  
Empeceu-vos a fortuna,  
que a fortuna é vilão ruim,  
para os seus sempre a chegar-se,  
e de vós sempre a fugir.  
Agradais-me dentro d'alma,  
que como eu também saí,  
e os semelhantes se amam,  
por semelhante vos quis.  
Tende-me em conta de amigo,  
e tereis sempre de mim  
excessos de par em par  
finezas de mil em mil.

#### **AO CAPITÃO JOSÉ PEREIRA POR ALCUNHA O SETE CARREIRAS LOUCO COM CAPRICHOS DE POETA SENDO ELE IGNORANTÍSSIMO**

Amigo Senhor José,  
não me fareis uma obra;  
porque se a graça vos sobra,  
me fazeis graça, e mercê:  
fazei-me uma obra, em que  
honra me deis aos almudes,  
e se em vossos alaúdes,  
que Apolo vos temperou,  
não cabe o pouco, que eu sou,  
cabirão vossas virtudes.

Fazei-me uma obra, enquanto  
a Musa se me melhora,  
que eu prometo desde agora  
pagar-vos tanto por tanto:  
que como Deus é bom Santo,  
e não há ovo sem gema,  
sereis do meu plectro o tema,  
porque, a quem me faz um verso,  
não serei eu tão perverso,  
que lhe não faça um poema.

Saiam esses resplendores  
essas luzes rutilantes,  
rubis, pérolas, diamantes,  
cravos, açucenas, flores:  
saíam da Musa os primores,  
que há hortelão da poesia,  
que gasta em menos de um dia  
de flores um milénário,  
e há Poeta Lapidário  
gastador da pedraria.

Eu quatro versos fazendo  
não me meto em gasto tal,  
nem posso chamar cristal,  
a mão, que humana estou vendo:  
aos olhos, que ao que eu entendo,  
são de sangue dous pedaços,  
não chamo diamantes baços,  
porque os não tenho por tais,  
que há Poetas Liberais,  
e os meus são versos escassos.

Vós sois o Deus da poesia,  
que sobre o vosso Pégaso  
andais mudando o Parnaso  
neste monte da Bahia:  
nos ensina aos praticantes  
tão graciosos consoantes,  
que vos juro a Jesus Cristo,  
que em quantos versos hei visto,  
não vi versos semelhantes.

Sois Poeta natural,

e tendes sempre a mão cheia  
não só na Aganipe a veia,  
mas na veia um mineral:  
correm por um manancial  
da vossa boca Aretusas,  
e as nove Musas obtusas  
de ver o vosso partolo,  
em vez de Musas de Apolo,  
querem ser as vossas Musas.

### **AO MESMO CAPITÃO SEVANDIJA DO PARNASO**

Meu Senhor Sete Carreiras  
você não é bom Poeta,  
quando o juízo inquieta  
em fazer tantas asneiras:  
oxalá que em caganeiras  
lhe dera a sua poesia,  
porque então a não faria,  
ou a fazê-la de noite  
eu lhe dera tanto açoite,  
que lhe apurara a Talia.

### **AO CAPITÃO DOMINGOS CARDOZO POR ALCUNHA O MANGARÁ, QUERELANDO, E PRENDENDO DUAS MULATAS, MÃE, E FILHA PELO FURTO DE UM PAPAGAIO, SENDO UMA DELAS SUA AMÁSIA**

A quem não causa desmaio  
esta querela recente,  
as Mulatas na corrente  
em falta do Papagaio?  
eu de verdade não caio  
nesta justiça em rigor:  
ora este tal prendedor  
quem seria, ou quem será?  
Mangará.

Diz, que em tudo tinha graça  
a Jandaia abrindo a boca,  
dizendo já toca toca,  
meu Papagaio, quem passa?  
Mangará, que vai à caça:

porém na presente perda  
passará a beber da merda,  
que não faltará, quem vá,  
Mangará.

As Mulatas no seu mal  
vão disfarçando a paixão,  
pois lhes deu uma prisão  
o Papagaio Real:  
diz, que para Portugal  
lindamente dava o pé,  
mas uma articula, que  
o contrário provará  
Mangará.

Provará, que ele gostara,  
e que não satisfizera,  
e muitas cousas dissera,  
se o Papagaio falara:  
que o Capitão intentara  
pagar-lhe em bens de raiz,  
pois sendo Mangará quis  
transfigurar-se em cará  
Mangará

Pondo-se o pleito em julgado  
dar testemunhas procura  
com o Primo Rapadura,  
e um compadre seu melado:  
mas há de ficar borrado  
como o tal Primo ficou,  
quando a Mulata o purgou  
naquele triste aracá  
Mangará.

Na gaiola apassarada,  
onde as duas pobres vejo,  
a primeira entrou sem pejo,  
mas a segunda pejada:  
arrebentou de embuchada  
um presoquinho pequeno,  
que criado com veneno  
prisões não estranhará,  
Mangará.

Todo o povo, que isto vê,  
pergunta em seu desabono,  
não ao Papagaio, ao dono,  
que casta de pássaro é;  
eu por me fazer mercê,  
dou o sentido cabal,  
e um contrafeito asnaval  
empenado em Pirajá  
Mangará.

### **AO CAPITÃO JOÃO TEIXEIRA DE MENDONÇA QUERENDO FUGIR COM A FAZENDA DOS DEFUNTOS, E AUSENTES, DE QUE ERA TESOUREIRO E FOI PREZO**

O Senhor João Teixeira  
Mendonça de quando em quando  
na cadeia está purgando  
humores de ladroeira:  
a Putaina, que era herdeira  
universal dos defuntos,  
perdeu já redoma, e untos,  
e está já desenganada,  
que o ladrão mata a porcada,  
e o Fisco come os presuntos.

Tinha o Fidalgo tostado  
(como ladrão tão astuto)  
os bens em lugar enxuto,  
mas mal acondicionado:  
estava o barco ancorado,  
e nisto esteve a ruína,  
porque a carga era rapina,  
e deu-nos espanto, e mágoa,  
de que pela veia d'água  
se desse naquela mina.

As Almas do Purgatório,  
como os fardos eram seus,  
estavam pedindo a Deus  
cada qual seu envoltório:  
ouviu Deus o peditório,  
e com ter tão forte mão  
em qualquer execução,



vendo-as perder por instantes,  
se ajudou de uns Ajudantes  
para fazer a prisão.

Foram eles à setia,  
e dizem, que se prendera,  
porque tão sôfrego era,  
que furtava, e não partia:  
o Tesoureiro esse dia  
fazia conta de se ir,  
e a tardança o fez cair  
e então se lhe ouviu dizer,  
furtava para esconder,  
porém não para partir.

Ladrão como mentecapto  
no profundo do porão,  
passado como ladrão,  
e fino como mulato:  
deram-lhe muito mau trato  
em o trazer amarrado,  
sendo que andou como honrado  
em seguir aquela via,  
que eu não vi na fidalguia  
Mendonça sem ter Furtado.

A parentela se ria,  
que é gente, que aqui negreja,  
porque lhe causava inveja  
ver, que lhe dava honraria:  
alvorçou-se a Bahia  
entre admiração, e gozo,  
porque era caso espantoso,  
que tomasse sem ser Saulo  
o caminho de São Paulo  
um ladrão facinoroso.

Ficou no porto a setia,  
e o Tesoureiro selvagem  
chegou, sem fazer viagem  
a salvamento a enxovia:  
diz o povo, que fugia  
por de todo estar quebrado;  
mas o povo está enganado,

porque eu vi o Tesoureiro  
na cadeia mui inteiro,  
e mui desavergonhado.

Já dizem as profecias  
dos homens exp'rimentados,  
que a quatro dias andados,  
ou daqui a quatro dias,  
todas as tesourarias  
adrede lhas hão de dar,  
por ser homem singular,  
que guarda a rigor da lei  
tanto a fazenda d'El-Rei,  
que El-Rei a não pode achar.

E se a justiça lhe deu  
no rasto por tantas calmas,  
já disse, que foram almas,  
que choraram pelo seu:  
aos Santos (sempre ouvi eu)  
era seguro o furtar,  
porque não podem falar;  
mas d'almas não há fiar-se,  
que se não podem queixar-se,  
contudo podem rezar.

Toda a cidade notou,  
que este Tesoureiro alvar  
é tão destro no embolsar,  
que a si mesmo se embolsou:  
na cadeia se encaixou,  
que é bolsa dos maus ladrões,  
e se os doutos cabeções  
fazem crime de ausentar-se,  
hei medo, que há de chegar-se  
do verdugo aos calções.

### **AO MESMO CAPITÃO PELO MESMO CASO, E NA MESMA OCASIÃO**

Isto faz-se à gente honrada?  
Quem viu outro tal desprezo?  
Senhor Jam, por que vem preso?  
Eu, meus amigos, por nada.

É dos nossos, camarada,  
venha para a nossa gente  
coma, e beba alegremente,  
crie bojo de animal,  
porque não pode deixar  
de ser defunto, e ausente.

Meu Pai para meu desdouro  
dizem alguns, que era sastre,  
eu por cobrir tal desastre  
troquei tesoura em tesouro:  
luzi logo como o ouro,  
em grande fui transformado,  
e por mais enfidalgado  
usei desta geringonça,  
porque como sou Mendonça  
quis lograr o meu Furtado.

Outro, que anda por aqui  
esquecido, do que foi,  
lo que va de ayer a oy  
aprender pode de mi:  
e vê-lo também assi  
espero-lhe a ocasião,  
abatida a inchação  
só pelo crime de ausente,  
e por ser tanto parente  
e na ligeireza Irmão.

Vós, Ajudantes Saltões,  
abençoados sejais,  
que pareceis um Chegais  
em vossas execuções:  
andais rompendo calções,  
e disso vos não dá nada,  
ires a qualquer jornada:  
porém é presunção minha,  
sois soldados à meirinha,  
não Meirinhos à soldada.

#### ESTRIBILHO

Tu esperavas na paixão

quando no furto te animas  
de salvar-te como Dimas,  
mas não fostes bom ladrão.

### **AO CAPITÃO MANUEL DIAS FILGUEIRA PREZO, E RETRAÍDO NA MOXINGA POR HAVER QUEBRADO UM CAMAREIRO NA PORTA DE CERTA PERSONAGEM**

Preso está no Limoeiro  
repicando uma corrente  
certo Capitão valente,  
por matar um camareiro:  
e se o caso é verdadeiro,  
e foi ele o matador,  
pois o maior ao menor  
usurpa, arrasta, e convence,  
quem um camareiro vence,  
será camareiro mor.

Rompeu a testa a um cortiço,  
que estava em certa calçada,  
cuida ele, que não fez nada,  
e à rua fez mau serviço;  
porque tendo aviso disso  
pelo favônio, que entrava,  
a gente, que ali morava,  
enfadada do vapor,  
que exalava o servidor,  
por mal servida se dava.

Como os miolos saltaram  
da cabeça, que ofenderam,  
assim as novas correram,  
'té que à cadeia chegaram:  
logo então se despacharam  
os Morenos da corrente,  
e o caso era tão recente,  
que sem mais informação  
prenderam ao Capitão,  
porque cheirava a valente.

Entre tanta cachaporra  
veio à prisão, que o maltrata,  
porque quem com ferro mata,

quer Deus, que com ferro morra:  
e porque nada o socorra,  
na moxinga o entupiram,  
onde os mais dos presos viram,  
que por serviço do Céu,  
pois que o vidrado ofendeu,  
vidrados o perseguiram.

Lastimou-se o mundo disso,  
pois quantos serviços fez  
como homado Português.  
perdeu por um mau serviço:  
hoje que livre o toutiço  
já penteia o pêlo louro,  
ganhou (fora vá de agouro)  
por indústria, e por santaca  
uma Noiva de tambaca  
com dote de prata, e ouro.

Mas ficou em tão ruim fé  
este sucesso infeliz,  
que nenhum homem já diz,  
servidor de Vossarcê:  
item qualquer homem, que  
publicar, que é servidor  
do Fidalgo, e do Senhor,  
há de vir, com maus feitiços  
o Capitão dos serviços  
a quebrar-lhe o servidor.

**AO CAPITÃO ADÃO DE TAL QUE ESTANDO PREZO SAIU COM FINGIDA  
NECESSIDADE A VER UMAS COMEDIAS, QUE SE FIZERAM NA PALMA ONDE  
COM SUA AMÁSIA SE DEIXOU FICAR ALGUNS DIAS; E DEPOIS A ROGOS DO  
CARCEREIRO VEIO COM UM PÉ ENTRAPADO, DANDO A ENTENDER, QUE O  
DESMENTIRA**

Dizem, Senhor Capitão,  
que quando à Palma marchastes,  
a vossa Eva levastes  
como Adão, e bom Adão:  
dizem-me também, que então  
a esse terreno sagrado  
da Palma íeis convidado

para ver uma comédia,  
que para vós foi tragédia,  
pois saístes aleijado.

A Puta com seus extremos  
vos quis da via torcer,  
que nós por uma mulher  
a cabeça, e pés torcemos:  
todos o mesmo fazemos,  
e o temos todos à asnice,  
senão eu, que logo disse,  
quando o pé se vos entreva,  
que se Adão se achou com Eva,  
era força, que caísse.

Vós manquejastes de um pé,  
e segundo sois Gascão  
podíeis cantar então  
"nanja do pernil bofe":  
tão malato estáveis, que  
faltastes ao carcereiro  
quase um mês inteiro,  
até que de importunado  
fostes a um pau arrimado  
com figura de embusteiro.

O carcereiro entendia,  
que estáveis pior, que mal,  
porque a figura era tal,  
que o mesmo bordão vos cria:  
Peralvilho parecia,  
senhor, o vosso modilho,  
porém se eu nesse corrilho  
fora, e c'um pau vos cascara,  
creio, que o pé vos voara,  
como voou Peralvilho.

De ver-se o pé desmentido  
tomou tão grande pesar,  
que por de vós se vingar  
andou três dias sentido:  
envergonhado, e corrido  
de ver, que o desacatais,  
foi causa de vossos ais,

que eu por justos avalio,  
porque um pé de tanto brio  
outra vez não desmintais.

Vós sois muito boa preia,  
e todos sabemos, que  
desse pé tomastes pé,  
para não vir à cadeia:  
mas a parte, que receia,  
e tem grandíssimo medo,  
que lhe façais um enredo  
fez, que fôsseis recolhido,  
porque para um pé torcido  
o remédio é estar quedo.

**AO CAPITÃO BENTO RABELO MORADOR NA VILA DE S. FRANCISCO AMIGO DO  
POETA, QUE POR ESTAR TOTALMENTE DIVERTIDO COM O JOGO O NÃO FOI  
VISITAR; ELE O ADMOESTA, A QUE LARGUE O JOGO, E VÁ PARA A CAJAÍBA**

Pois me deixais pelo jogo,  
licença me haveis de dar  
para vos satirizar  
como amigo.

Fará isso um inimigo,  
deixares-me miserando,  
por estar sempre beijando  
o ás de copas.

Quando andáveis lá nas tropas  
de tanta campanha armada,  
jogáveis jogo de espada  
ou da espadilha?

Quem vos meteu a potrilha,  
para estares noite, e dia  
na triste tafularia  
de um cruzado?

Não é melhor desenfado  
passares à Cajaíba,  
onde o jogo vos derriba  
e escangalha?

É mau ver esta canalha  
Clara, Bina, e Lourencinha,  
a quem dizeis a gracinha  
de soslaio?

É mau encaixar-lhe o paio  
encostado aqui na torre,  
e ela dizer-vos, que morre  
de olho em alvo?

É mau meteres o calvo  
entre tanta pentelheira,  
e sair co'a cabeleira  
encrespadinha?

Que mau é Mariquitinha,  
quando está com seus lundus  
fazer-vos com quatro cus  
o rebolado?

Quem vos chamar home honrado,  
não tem honra, nem razão,  
que vós sois um toleirão,  
e um Pasguate.

Mas se deixais por remate  
esse jogo, esse monturo  
sois Príncipe, que de juro  
senhoreia.

Sois o Mecenaz da veia  
deste Poeta nefando,  
que aqui vos está esperando  
com jantar, merenda, e ceia.

### **AO MESMO CAPITÃO SENDO ACHADO COM UMA GROCÍSSIMA NEGRA**

Ontem, senhor Capitão,  
vos vimos deitar a prancha,  
embarcar-vos numa lancha  
de gentil navegação:  
a lancha era um galeão,



que joga trinta por banda,  
grande proa, alta varanda,  
tão grande popa, que dar  
podia o cu a beijar  
a maior urca de Holanda.

Era tão azevichada,  
tão luzente, e tão flamante,  
que eu cri, que naquele instante,  
saiu do porto breada:  
estava tão estancada  
que se escusava outra frágua  
e assim teve grande mágoa  
da lancha por ver, que quando  
a estáveis calafetando  
então fazia mais água.

Vós logo destes à bomba  
com tal pressa, e tal afinco,  
que a pusestes como um brinco  
mais lisa, que uma pitomba:  
como a lancha era mazomba,  
jogava tanto de quilha,  
que tive por maravilha,  
não comê-la o mar salgado,  
mas vós tínheis, o cuidado,  
de lhe ir metendo a cavilha

Desde então toda esta terra  
vos fez por aclamação  
Capitão de guarnição  
não só, mas de mar, e guerra:  
eu sei, que o Povo não erra,  
nem nisso vos faz mercê,  
porque sois soldado, que  
podeis capitanear  
as charruas d'além-mar,  
se são urcas de Guiné.

**AO CAPITÃO JOÃO FRANCO POR ALCUNHA O *BICANCRO* PELA SUA BICUDA  
FISIONOMIA, O QUAL CALOTEOU UMA POBRE MULHER COM UMA CAIXA DE  
AÇÚCAR**

Meu Joanico, uma Dama  
mui galharda, e mui luzida  
está mui arrependida  
do cu lhe pores na cama;  
porque diz, que a boa fama,  
que a gente de vós lhe dava,  
a movia, e enganava:  
mas eu nunca louvarei  
Capitão, que diz, cuidei  
nem Dama, que diz, cuidava.

Diz, que João Tacanho andastes  
naquela caixa de branco,  
e que, se fôreis João Franco,  
lha déreis, pois lha ofertastes:  
que vilmente a enganastes,  
porque de graça a comestes,  
e se vos lha prometestes,  
acho eu cá no meu direito,  
que arto caixa lhe haveis feito  
na caixa, que lhe fizestes.

Item na negra boçal,  
que tendes de porta adentro,  
diz, que estais no vosso centro,  
porque sois branco asnaval:  
pesa-me, que o vosso mal  
vos venha por essa banda,  
porque diz, que vos tresanda,  
(quando lá pondes o cu)  
o sovaco a putiú,  
e que a catinga a palanda.

Que primor vos não faltara  
em qualquer ocasião,  
se fôreis largo de mão,  
como sois largo da cara:  
bom fora, que se trocara,  
(por não lhe dares desgosto)  
co'a mão o largo do rosto;  
mas ter de cegonha o bico,  
e a garra de Maçarico,  
é ser Bicancro por gosto.

Se porque não vitupere  
pouparde o cabedal  
dizeis, que todo o animal  
o faz no campo a gaudere:  
nem por isso é bem, que espere  
a Moça, o xesmeninez,  
que dais de talho, e revés,  
que os privilégios poupantes  
são só dos quadrupedantes,  
vós sois besta de dous pés.

Tudo a Moça suportou,  
tudo sofreu a tal Moça,  
porque a caixa tudo adoça,  
e a ela tudo amargou:  
nesciamente se enganou  
sem desculpa, e sem razão,  
pois na força da sezaõ,  
devia ver, que a encaixa  
quem lhe promete uma caixa,  
para correr-lhe o caixão.

A los Moros por dinero  
a los christianos debalde  
ha mandado nuestro Alcaide  
discretamente severo:  
em vós eu o considero  
doutro modo, e doutra traça,  
e porque lei se vos faça,  
manda El-Rei por este Oiteiro,  
que aos toleirões por dinheiro,  
aos entendidos de graça.

Fica a terra aproveitada,  
se a Moça acaso emprenhar,  
e de Bicancros botar  
uma rencova, ou ninhada:  
ver-se-á a Ilha assolada,  
e a Deus fazendo mil votos  
virão os Capuchos rotos,  
descalços em procissão  
e Bicancros benzerão,  
como benzem gafanhotos.

**AO CAPITÃO DOMINGOS GLZ. FERREIRA APELIDADO O RAPADURA, A QUEM  
UMA DAMA PURGOU COM UNS ARAÇÁS, DE QUE TEVE UMA DIARRÉIA**

Minha gente, você vê  
as loucuras tão borrachas  
deste Capitão das Taxas,  
que agora direi, quem é:  
veio pedir de mercê,  
que lhe celebrasse a cura  
de uma purgação madura,  
que a amiga lhe tinha dado,  
porque, sem comer melado  
o fez cagar rapadura.

Eu cuido, e é de cuidar,  
que esta Puta sem agrado,  
como o tinha já sangrado,  
o queria purgar:  
não há nela, que estranhar,  
nem que reprovar-lhe a ação,  
antes muita compaixão,  
porque quis piedosamente,  
que se era de amor doente,  
ficasse co'a praga são.

Se livrais do palalá,  
alerta meu Capitão,  
que há Puta, que dá pinhão  
com rebuço de araçá:  
vosso Primo Mangará,  
que nesta matéria bole,  
diz, que quem tal purga engole,  
e no cagar tanto atura,  
já não será rapadura,  
porque foi jalapa mole.

Temos por cá averiguado  
com este vosso entremez,  
que o fruto, que tal mal fez,  
devia de ser vedado:  
vós ficastes enganado  
por aquela Eva atroz;  
se outra vez vos quiser dar,

e não puderdes cagar,  
eu irei cagar por vós.

#### ESTRIBILHO

Saiba-se em qualquer lugar,  
que esta rapadura inteira,  
foi da casa de caldeira  
para a casa de purgar.

#### **AO MESMO CAPITÃO FRETANDO-LHE A AMASIA CERTO HOMEM CHAMADO O SURUCUCU**

Passou o surucucu,  
e como andava no cio,  
com um e outro assobio,  
pediu a Luísa o cu:  
Jesus nome de Jesus,  
disse a Mulata assustada,  
se você é cobra mandada  
que me quer ferir da escolta  
dê uma volta, e na volta  
poderá dar-me a dentada.

Apenas isto escutou,  
quando a boa cobra solta  
deu a volta, mas a volta  
não foi, a que a namorou:  
porque o bom Adão achou  
no Paraíso, ao entrar,  
sem poder a Eva falar,  
jurando o seu nome em vão,  
pecou no segundo então,  
por no sexto não pecar.

O seu Santo nome disse  
em vão: mas o capitão  
perguntou a Luísa então  
a causa da parvoíce:  
ela; porque ele ouviu,  
toda de risinhos morta,  
este mandu (disse absorta)

não repara, que se implica  
marchar eu com outra pica,  
tendo o Capitão à porta?

Saiba, Senhor Capitão,  
que se Luísa, se fornicava,  
antes com homem de pica,  
que com homem de bastão:  
porém se este toleirão,  
quiser vomitar peçonha,  
livrar-me-ei dessa erronha,  
pois na sua cara vejo,  
que terá muito de pejo,  
mas tem mui pouca vergonha.

Prometeu vir do passeio  
veio como um corruptio,  
eu não vi homem tão frio,  
que tão depressa se veio:  
sobre ser frio é mui feio;  
sobre ser feio é mui tolo:  
porém se o meu porta-colo  
não erra, tem o magano  
nos culhões muito tutano,  
na testa pouco miolo.

**A OUTRO CAPITÃO QUE TINHA SIDO DE COURAÇAS EM PORTUGAL QUE SE  
CASOU COM UMA FILHA DE CERTO LETRADO FULANO COELHO, DE QUEM JÁ  
FALAMOS QUE SE CASARA COM UMA MULHER, QUE DEU UNS PONTOS NO  
VAZO; E DESTA TAMBÉM SE DIZIA SER JÁ CORRUPTA, E CRISTÃ NOVA**

Basta, Senhor Capitão,  
que se recebeu Você?  
estimo muito: porque  
deu à terra um alegrão:  
a este himeneu lhe dão  
os parabéns, os que o veem,  
e eu lhos darei também:  
porque é razão natural,  
que como sinto o seu mal  
folgue também com seu bem.

A Noiva, que você goza,

partes tem para querida,  
é nobre, é bem entendida,  
é rica, e muito formosa:  
não tem finalmente cousa,  
das que a malícia reprova:  
não é velha, é muito nova,  
dizem, que honrada seria,  
o que você provaria,  
quando lhe tirou a prova.

Bem mostra, que com quatro olhos  
buscou tão bela consorte,  
porque mulher de tal porte  
não se enxerga sem antolhos:  
livre está você de abrolhos,  
meu Capitão de Couraças,  
de que pode a Deus dar graças;  
mas repare nos retornos,  
não se convertam em cornos  
essas luzentes vidraças.

Que a mulher, que se requesta,  
ou seja dama, ou casada,  
de quem se vê mais amada,  
põe logo o dado na testa:  
e veja você, que desta  
ter muitos zelos convinha,  
que, quem foi levianazinha,  
não é grande maravilha,  
siga os passos, como filha  
da mãe, que vai pela vinha.

Você no ardente aparelho  
além de ser grão soldado,  
me parece sutil galgo  
no alcançar deste Coelho:  
mui honrado fica o velho  
da sua filha lhe dar  
para com você casar:  
porque sabe sem descontos  
dessa fidalguia os pontos  
e entende do seu Solar.

Só duas mães feiticeiras

tal casamento fariam,  
que já de putas viviam,  
e hoje só de alcoviteiras:  
estas duas medianeiras  
com redomas, e unguentos,  
Circes nos encantamentos  
fizeram com seus assaltos  
vossos pensamentos altos  
sujos, e vis pensamentos.

Fizeram estas traidoras  
com seus feitiços sutis  
semelhantes os ardis  
das Circes encantadoras:  
as quais com traças sonoras  
(muitos nas fábulas leram)  
que alguns homens converteram  
em porcos: mas estas duas  
com feitiçarias suas  
mais do que porco o fizeram.

**A CERTO TENENTE CHAMADO O SURDO INSIGNE VENDILHÃO, E  
ATRAVESSADOR VENDENDO UNS PAIOS POR COUSA MUI SELETA QUANDO OS  
MAIS DELES ESTAVAM PODRES**

Porque a fama vos celebre,  
meu Tenente mercador,  
dizem em vosso louvor,  
que vendeis gato por lebre:  
temo, que o trato vos quebre,  
e temo, que vos quebreis,  
quando as bocas não tapeis,  
que dizem, por onde andais,  
o modo, com que comprais,  
e o modo, com que vendeis.

Se vós a boca vazia  
tapásseis do nosso Alferes,  
não disseram más mulheres  
mal da vossa mercancia:  
que o Alferes a porfia  
anda estrugindo os quartéis  
com dous mil aqui-d'El-Reis,



porque sois tão mau cristão,  
que o que vos custa um tostão,  
vendeis por duzentos réis.

Se os paios, que vós vendeis,  
são do castelo de vide,  
guardai-lhe embora a pevide,  
mas co não a semeeis:  
porque se esta terra encheis  
de tão pobre sementeira,  
sobre perder a queijeira,  
em que ganhais quatro réis,  
virão os Almotacéis  
meter-vos na Leoneira.

Se os paios tão podres são,  
quando vo-los pede alguém,  
quando os vendeis muito bem,  
como é cada qual tão são?  
o certo é, meu Irmão,  
que nos trazeis enganados,  
pois sois na verdade tal,  
que gabando-os sem sal  
no-los vendeis bem salgados.

Meu Tenente, e meu Senhor,  
vós mereceis justamente  
comer praça de Tenente,  
porque sois bom tenedor:  
por força, nem por amor,  
por jeito, nem por violência  
pôde nunca a diligência  
do Alferes vosso parceiro  
tirar do vosso fumeiro  
um fole de pestilência.

Por esta terra se conta,  
que por preços tão diversos  
destes os paios preversos,  
que nem vós lhe dais na conta:  
um contador vos desconta  
pobres mais de nove, ou dez,  
dados de graça nem três:  
mas isto é dito de graça,

pois vem revendido em praça,  
quanto dais sem interes.

Sobre a partida dos queijos,  
que vós intentais comprar,  
me dizem, que heis de ganhar  
mais de quatro percevejos:  
creio, que destes sobejos  
tirareis ganância boa,  
com que honreis casa, e pessoa;  
mas tenho o meu pesarzinho  
de ser mercador ratinho,  
quem é filho de Lisboa.

Quanto ao outro negocinho  
da frasqueira rosa soles,  
que intentais vender aos goles  
a frasquinho por frasquinho:  
tirareis tal coscorinho  
deles, como de um crisol,  
que no sagrado arrebol  
do convento heis de meter  
uma filha, que há de ser  
Madre Sórora Rosa Sol.

Enquanto aos demais contratos,  
para que o dito não quebre,  
ou vendeis gato por lebre,  
ou vendeis lebres por gatos:  
guardai-vos de mentecaptos,  
que dirão já boto o dente  
com mofina escarnecente  
depois de sorver aos goles  
paços, queijos, rosa soles  
má cousa, Senhor Tenente.

### **A UM ALFERES QUE INDO PREZO PERANTE O SEU AUDITOR, SALTOU DAS SUAS JANELAS, DE QUE QUEBROU OS QUADRIS E SE FOI HOMIZIAR EM S. FRANCISCO**

Se vós fôreis tão ousado  
nos militares assaltos,  
como sois destro nos saltos,

fôreis um grande soldado:  
mas eu tenho averiguado,  
quão distinto vem a ser  
saltar para escafeder,  
de assaltar para triunfar,  
vós saltais por escapar,  
não assaltais por vencer.

Lançastes-vos brutaemente,  
e ao cairdes na razão,  
como caístes no chão,  
fôreis discreto, e prudente:  
ficou espantada a gente,  
vendo, que apenas caístes,  
quando às carreiras fugistes,  
e é, que os que se confundiram,  
por entoncos não caíram,  
no aperto, em que vos vistes.

Cair sem susto, ou pavor,  
levantar, correr, fugir,  
é ser corrente em cair,  
como qualquer pecador:  
porém fora-vos melhor  
não cair na falta, em que  
caístes, faltando à fé,  
e verdade tão devida,  
a quem por essa caída  
subir vos pode à polé.

Dizem, que estais retraído  
curando-vos de quebrado  
com que hoje sois mal soldado  
porque ontem fostes rompido:  
tenho por melhor partido,  
que em casa do Provedor  
assente praça um Tambor,  
que vós, quando escafedeis,  
a de soldado assenteis  
na calçada do Ouvidor.

Bom será, que vos cureis  
nesse convento Sagrado,  
donde saindo soldado,

força é, que o posto deixeis:  
quando o venablo encosteis,  
que eu vo-lo aprovo, e concedo,  
vos advirto em tal enredo,  
se sois homem de bom gosto,  
que vos reformeis de posto  
não tanto, como de medo.

O Alcaide acelerado  
vos teve quase colhido,  
mas ficou muito corrido,  
e vós pouco envergonhado:  
Se vos não causa cuidado  
estar entre ardentes brasas  
calafetando linhaças  
para tanto osso quebrado  
é, que a um raso soldado  
lhe bastam cadeiras rasas.

### **EU ME VOU POR ESTE MUNDO**

Chovendo maldições, e praguejando sátiras,  
peregrinou os mares aquele que por instantes  
nafragava nas tempestades da terra.

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

Que me quer o Brasil, que me persegue?

.....

Com seu ódio a canalha, que consegue?

que aqui honram os mofinos

e mofam dos liberais

Que os Brasileiros são bestas,

e estarão a trabalhar

toda a vida por manter

maganos de Portugal.

### **DESEMPULHA-SE O POETA DA CANALHA PERSEGUIDORA CONTRA OS HOMENS SÁBIOS, CATANDO BENEVOLÊNCIA AOS NOBRE**

Que me quer o Brasil, que me persegue?

Que me querem pasguates, que me invejam?

Não veem, que os entendidos me cortejam,  
E que os Nobres, é gente que me segue?

Com o seu ódio a canalha, que consegue?  
Com sua inveja os néscios que motejam?  
Se quando os néscios por meu mal mourejam,  
Fazem os sábios, que a meu mal me entregue.

Isto posto, ignorantes, e canalha  
Se ficam por canalha, e ignorantes  
No rol das bostas a roerem palha.

E se os senhores nobres, e elegantes  
Não querem que o soneto vá de valha,  
Não vá, que tem terríveis consoantes.

**PREZO FINALMENTE O NOSSO POETA PELOS MOTIVOS QUE JÁ DIZEMOS EM SUA VIDA, E CONDENADO A IR DEGREDADO PARA ANGOLA, POR ORDEM DE D. JOÃO D'ALENCASTRE GOVERNADOR ENTÃO DESTE ESTADO: PONDERA, QUÃO ADVERSO É O BRASIL SUA INGRATA PÁTRIA AOS HOMENS BENEMÉRITOS; E COM DESAFOGO DE HOMEM FORTE GRACEJA UM POUCO AS MULATAS MERETRIZES**

Não sei, para que é nascer  
neste Brasil empestado  
um homem branco, e honrado  
sem outra raça.

Terra tão grosseira, e crassa,  
que a ninguém se tem respeito,  
salvo quem mostra algum jeito  
de ser Mulato.

Aqui o cão arranha o gato,  
não por ser mais valentão,  
mas porque sempre a um cão  
outros acodem.

Os Brancos aqui não podem  
mais que sofrer, e calar,  
e se um negro vão matar,  
chovem despesas.

Não lhe valem as defesas  
do atrevimento de um cão,  
porque acode a Relação  
sempre faminta.

Logo a fazenda, e a quinta  
vai com tudo o mais à praça,  
onde se vende de graça,  
ou fiado.

Que aguardas, homem honrado  
vendo tantas sem-razões,  
que não vás para as nações  
de Berberia.

Porque lá se te faria  
com essa barbaridade  
mais razão, e mais verdade,  
que aqui fazem.

Porque esperas, que te engrazem,  
e esgotem os cabedais,  
os que tens por naturais,  
sendo estrangeiros!

Ao cheiro dos teus dinheiros  
vêm com cabedal tão fraco,  
que tudo cabe num saco,  
que anda às costas.

Os pés são duas lagostas  
de andar montes, passar vaus,  
as mãos são dois bacalhaus  
já bem ardidos.

Sendo dous anos corridos,  
na loja estão recostados  
mais doces, e enfidalgados,  
que os mesmos Godos.

A mim me faltam apodos,  
com que apodar estes tais  
maganos de três canais

até a ponta.

Há outros de pior conta,  
que entre estes, e entre aqueles  
veem cheios de P, e L  
atrás do ombro.

De nada disto me assombro  
pois bota aqui o Senhor  
outros de marca maior  
gualde, e tostada.

Perguntai à gente honrada,  
por que causa se desterra;  
diz, que tem, quem lá na terra  
lhe queima o sangue.

Vem viver ao pé de um mangue,  
e já vos veda o mangal,  
porque tem mais cabedal,  
que Porto Rico.

Se algum vem de agudo bico,  
lá vão prendê-lo ao sertão,  
e ei-lo bugio em grilhão  
entre os galfarros.

A terra é para os bizarros,  
que vêm da sua terrinha  
com mais gorda camisinha,  
que um traquete.

Que me dizeis do clerguete,  
que mandaram degradado  
por dar o óleo sagrado  
à sua Puta.

E a velhaca dissoluta  
destra em todo o artifício  
fez co óleo um malefício  
ao mesmo Zote.

Folgo de ver tanto asnote,  
que com seus risonhos lábios

andam zombando dos sábios  
e entendidos.

E porque são aplaudidos  
de outros da sua facção,  
se fazem co'a discricção  
como com terra.

E dizendo ferra ferra,  
quando vão a pôr o pé,  
conhecem, que em boa fé  
são uns asnhinhos.

Porque com quatro ditinhos  
de conceitos estudados  
não podem ser graduados  
nas ciências.

Então suas negligências  
os vão conhecendo ali,  
porque de si para si  
ninguém se engana.

Mas em vindo outra semana,  
já caem no pecado velho,  
e presumem dar conselho  
a um Catão.

Aqui frisava o Frisão,  
que foi o Heresiarca,  
porque mais da sua alparca  
o aprenderam.

As Mulatas me esqueceram,  
a quem com veneração  
darei o meu beliscão  
pelo amoroso.

Geralmente é mui custoso  
o conchego das Mulatas,  
que se foram mais baratas,  
não há mais Flandes.

As que presumem de grandes,



porque têm casa, e são forras  
têm, e chamam de cachorras  
às mais do trato.

Angelinha do Sapato,  
valeria um pino de Ouro,  
porém tem o cagadouro  
muito abaixo.

Traz o amigo cabisbaixo  
com muitas aleivosias,  
sendo, que às Ave-Marias  
lhe fecha a porta.

Mas isso porém que importa  
se ao fechar se põe já nua,  
e sobre o plantar na rua  
ainda a veste.

Fica dentro, quem a investe,  
e o de fora suspirando  
lhe grita de quando em quando  
ora isto basta.

Há gente de tão má casta,  
e de tão ruim catadura,  
que até esta cornadura  
bebe, e verte.

Todos Agrela converte,  
porque se com tão ruim puta  
a alma há de ser dissoluta,  
antes mui Santa.

Quem encontra ossada tanta  
nos beijos de uma caveira,  
vai fugindo de carreira,  
e a Deus busca.

Em uma cova se ofusca,  
como eu estou ofuscado,  
chorando o magro pecado,  
que fiz com ela.

É mui semelhante a Agrela  
a Mingota do Negreiros,  
que me mamou os dinheiros,  
o pôs-me à orça.

A Mangá com ser de alcorça  
dá-se a um Pardo vaganau,  
que a cunha do mesmo pau  
melhor atocha.

À Mariana da Rocha,  
por outro nome a Pelica,  
nenhum homem já dedica  
a sua prata.

Não há no Brasil Mulata  
que valha um recado só.  
Mas Joana Picaró  
o Brasil todo.

Se em gostos não me acomodo  
das mais, não haja disputa,  
cada um gabe a sua puta,  
e haja sossego.

Porque eu calo o meu emprego  
e o fiz com toda atenção,  
porque tal veneração  
se lhe devia.

Fica-te em boa, Bahia,  
que eu me vou por esse mundo  
cortando pelo mar fundo  
numa barquinha.

Porque inda que és pátria minha,  
sou segundo Cipião,  
que com dobrada razão  
a minha idéia  
te diz "non possedebis ossa mea".

**TOMÁS PINTO BRANDÃO ESTANDO PREZO POR INDUSTRIAS DE CERTO FRADE:  
AFOMENTADO NA PRISÃO POR SEUS DOIS IRMÃOS APELIDADOS O FRISÃO, E  
O CHICÓRIA EM VÉSPERAS, QUE ESTAVA O POETA DE IR PARA ANGOLA**

É uma das mais célebres histó-,  
A que te fez prender, pobre Tomá-,  
Porque todos te fazem degradá-,  
Que no nosso idioma é para Angó-.

Oh se quisesse o Padre Santo Antô-,  
Que se falsificara este pressá-,  
Para ficar corrido este Frisá-,  
E moído em salada este Chicó-.

Mas ai! que lá me vem buscar Mati-,  
Que nestes casos é peça de lé-;  
Adeus, meus camaradas, e ami-.

Que vou levar cavalos a Bengué-,  
Mas se vou a cavalo em um navi-,  
Servindo vou a El-Rei por mar, e té-.

**EMBARCADO JÁ O POETA PARA O SEU DEGREDADO, E POSTOS OS OLHOS NA SUA  
INGRATA PÁTRIA LHE CANTA DESDE O MAR AS DESPEDIDAS**

Adeus praia, adeus Cidade,  
e agora me deverás,  
Velhaca, dar eu adeus,  
a quem devo ao demo dar.  
Que agora, que me devas  
dar-te adeus, como quem cai,  
sendo que estás tão caída,  
que nem Deus te quererá.  
Adeus Povo, adeus Bahia,  
digo, Canalha infernal,  
e não falo na nobreza  
tábula, em que se não dá,  
Porque o nobre enfim é nobre,  
quem honra tem, honra dá,  
pícaros dão picardias,  
e inda lhes fica, que dar.  
E tu, Cidade, és tão vil,  
que o que em ti quiser campar,

não tem mais do que meter-se  
a magano, e campará.  
Seja ladrão descoberto  
qual águia imperial,  
tenha na unha o rapante,  
e na vista o perspicaz.  
A uns compre, a outros venda,  
que eu lhe seguro o medrar,  
seja velhaco notório,  
e tramoeiro fatal.  
Compre tudo, e pague nada,  
deva aqui, deva acolá  
perca o pejo, e a vergonha,  
e se casar, case mal.  
Com branca não, que é pobreza,  
trate de se mascarar;  
vendo-se já mascarado,  
arrime-se a um bom solar.  
Porfiar em ser fidalgo,  
que com tanto se achará;  
se tiver mulher formosa,  
gabe-a por esses poiaes.  
De virtuosa talvez,  
e de entendida outro tal,  
introduza-se ao burlesco  
nas casas, onde se achar.  
Que há Donzela de belisco,  
que aos punhos se gastará,  
trate-lhe um galanteio,  
e um frete, que é principal.  
Arrime se a um poderoso.  
que lhe alimente o gargaz,  
que há pagadores na terra,  
tão duros como no mar.  
A estes faça alguns mandados  
a título de agradar,  
e conserve-se o afetuoso,  
confessando o desigual.  
Intime-lhe a fidalguia,  
que eu creio, que crerá,  
porque fique ela por ela,  
quando lhe ouvir outro tal.  
Vá visitar os amigos  
no engenho de cada qual,

e comendo-os por um pé,  
nunca tire o pé de lá.  
Que os Brasileiros são bestas,  
e estarão a trabalhar  
toda a vida por manter  
maganos de Portugal.  
Como se vir homem rico,  
tenha cuidado em guardar,  
que aqui honram os mofinos,  
e mofam dos liberais.  
No Brasil a fidalguia  
no bom sangue nunca está,  
nem no bom procedimento,  
pois logo em que pode estar?  
Consiste em muito dinheiro,  
e consiste em o guardar,  
cada um o guarde bem,  
para ter que gastar mal.  
Consiste em dá-lo a maganos,  
que o saibam lisonjear,  
dizendo, que é descendente  
da casa do Vila Real.  
Se guardar o seu dinheiro,  
onde quiser, casará:  
os sogros não querem homens,  
querem caixas de guardar.  
Não coma o Genro, nem vista  
que esse é genro universal;  
todos o querem por genro,  
genro de todos será.  
Oh assolada veja eu  
Cidade tão suja, e tal,  
avesso de todo o mundo,  
só direita em se entortar.  
Terra, que não parece  
neste mapa universal  
com outra, ou são ruins todas,  
ou ela somente é má.

#### **A MORTE DO GOVERNADOR MATIAS DA CUNHA**

Ó caso o mais fatal da triste sorte!  
Ó terrível pesar! ó dor imensa!

Quem viu, que em breves dias de doença  
Acabasse valor, que era tão forte!

Quem viu prostrar-se a gala de Mavorte,  
Que hoje em cinza se vê à morte apensa!  
Que como se prostrou, logo a licença  
Concedeu livremente ousada à morte.

Já se vê o valor, que esclarecido  
Foi, em urnas de pedra sepultado  
Do sujeito mais grave, e entendido.

À Parca rigorosa sujeitado,  
Acabado já, e em cinzas consumido  
o esforço, que se viu mais alentado.

#### **AO MESMO ASSUNTO**

Teu alto esforço, e valentia forte  
Tanto a outro nenhum valor iguala,  
Que teve o céu cobiça de lográ-lo,  
Que teve inveja de vencê-la a morte.

O céu veio a lográ-la, mas por sorte,  
Que por poder não pôde conquistá-la;  
A morte por haver de contrastá-la  
Vigor de lei tomou, e deu-lhe o corte.

Prêmios, que mereceste, e nunca viste,  
Todos com teu valor os desprezaste,  
E com os merecer lhe resististe.

O cargo, que na vida não lograste,  
Esse o mofino é, órfão, e triste,  
Pois te não falta a ti, tu lhe faltaste.

#### **AO MESMO ASSUNTO**

Quem há de alimentar de luz ao dia?  
Quem de esplendor ilustrará a Nobreza?  
Quem há de dar lições de gentileza  
A toda a gentileza da Bahia?

Já feneceu do mundo a galhardia,  
Melancólica jaz a natureza,  
Vendo em pó reduzida a fortaleza,  
E em cinzas desatada a fidalguia.

O Marte (digo), que ao combate expunha  
O peito sem temor, que ao mundo assombra,  
Sendo da paz terror, da guerra espanto.

Foi este o Senhor Matias da Cunha,  
Que hoje nos dá tornado em fria sombra  
Ao discurso pesar, aos olhos pranto.

### **DISCRIÇÃO, ENTRADA, E PROCEDIMENTO DO BRAÇO DE PRATA ANTONIO DE SOUZA DE MENEZES GOVERNADOR DESTE ESTADO**

Oh não te espantes não, Dom Antonio,  
Que se atreva a Bahia  
Com oprimida voz, com plectro esguio  
Cantar ao mundo teu rico feitio,  
Que é já velho em Poetas elegantes  
O cair em torpezas semelhantes.

Da Pulga acho, que Ovídio tem escrito,  
Lucano do Mosquito,  
Das Rãs Homero, e destes não desprezo,  
Que escreveram matérias de mais peso  
Do que eu, que canto cousa mais delgada  
Mais chata, mais sutil, mais esmagada.

Quando desembarcaste da fragata,  
Meu Dom Braço de Prata,  
Cuidei, que a esta cidade tonta, e fátua  
Mandava a Inquisição alguma estátua  
Vendo tão espremida salvajola  
Visão de palha sobre um Mariola.

O rosto de azarcão afogueado,  
E em partes mal untado,  
Tão cheio o corpanzil de godolhões,  
Que o julguei por um saco de melões;  
Vi-te o braço pendente da garganta,

E nunca prata vi com liga tanta.

O bigode fanado feito ao ferro  
Está ali num desterro,  
E cada pêlo em solidão tão rara,  
Que parece ermitão da sua cara:  
Da cabeleira pois afirmam cegos,  
Que a mandaste comprar no arco dos pregos.

Olhos cagões, que cagam sempre à porta,  
Me tem esta alma torta,  
Principalmente vendo-lhe as vidraças  
No grosseiro caixilho das couraças:  
Cangalhas, que formaram luminosas  
Sobre arcos de pipa duas ventosas.

De muito cego, e não de malquerer  
A ninguém podes ver;  
Tão cego és, que não vês teu prejuízo  
Sendo cousa, que se olha com juízo:  
Tu és mais cego, que eu, que te sussurro,  
Que em te olhando, não vejo mais que um burro.

Chato o nariz de cocras sempre posto:  
Te cobre todo o rosto,  
De gatinhas buscando algum jazigo  
Adonde o desconheçam por embigo:  
Até que se esconde, onde mal o vejo  
Por fugir do fedor do teu bocejo.

Faz-lhe tal vizinhança a tua boca,  
Que com razão não pouca  
O nariz se recolhe para o centro  
Mudado para os baixos lá de dentro:  
Surge outra vez, e vendo a bafarada  
Lhe fica a ponta um dia ali engasgada.

Pernas, e pés defendem tua cara:  
Valha-te; e quem cuidara,  
Tomando-te a medida das cavernas  
Se movesse tal corpo com tais pernas!  
Cuidei, que eras rocim das alpujarras,  
E já frisão te digo pelas garras.



Um casaquim trazias sobre o couro,  
Qual odre, a quem o Touro  
Uma, e outra cornada deu traidora,  
E lhe deitou de todo o vento fora;  
Tal vinha o teu vestido de enrugado,  
Que o tive por um odre esfuracado.

O que te vir ser todo rabadilha  
Dirá que te perfilha  
Uma quaresma (chato percevejo)  
Por Arenque de fumo, ou por Badejo:  
Sem carne, e osso, quem há ali, que creia,  
Senão que és descendente de Lampreia.

Livre-te Deus de um Sapateiro, ou Sastre,  
Que te temo um desastre,  
E é, que por sovela, ou por agulha  
Arme sobre levar-te alguma bulha:  
Porque depositando-te à justiça  
Será num agulheiro, ou em cortiça.

Na esquerda mão trazias a bengala  
ou por força, ou por gala:  
No sovaco por vezes a metias,  
Só por fazer enfim descortesias,  
Tirando ao povo, quando te destapas,  
Entonces o chapéu, agora as capas.

Fundia-se a cidade em carcajadas,  
Vendo as duas entradas,  
Que fizeste do Mar a Santo Inácio,  
E depois do colégio a teu palácio:  
O Rabo erguido em cortesias mudas,  
Como quem pelo cu tomava ajudas.

Ao teu palácio te acolheste, e logo  
Casa armaste de jogo,  
Ordenando as merendas por tal jeito,  
Que a cada jogador cabe um confeito:  
Dos Tafuis um confeito era um bocado,  
Sendo tu pela cara o enforcado.

Depois deste em fazer tanta parvoíce,  
Que inda que o povo risse

Ao princípio, cresceu depois a tanto,  
Que chegou a chorar com triste pranto:  
Chora-te o nu de um roubador de falso,  
E vendo-te eu direito, me descalço.

Xinga-te o negro, o branco te pragueja,  
E a ti nada te aleija,  
E por teu sensabor, e pouca graça  
És fábula do lar, riso da praça,  
Té que a bala, que o braço te levara,  
Venha segunda vez levar-te a cara.

### **SUBTILEZA COM QUE O POETA SATIRIZA À ESTE GOVERNADOR**

Tempo, que tudo trasfegas,  
fazendo aos peludos calvos,  
e pelos tornar mais alvos  
até os bigodes esfregas:  
todas as caras congregas,  
e a cada uma pões mudas,  
tudo acabas, nada ajudas,  
ao rico pões em pobreza,  
ao pobre dás a riqueza,  
só para mim te não mudas.

Tu tens dado em mal querer-me,  
pois vejo, que dá em faltar-te  
tempo só para mudar-te, s  
e é para favorecer-me:  
por conservar-me, e manter-me  
no meu infeliz estado,  
até em mudar-te hás faltado,  
e estás tão constante agora,  
que para minha melhora  
de mudanças te hás mudado.

Tu, que esmaltas, e prateias  
tanta gadelha dourada,  
e tanta face encarnada  
descoras, turbas, e afeias:  
que sejas pincel, não creias,  
senão dias já passados;  
mas se esmaltes prateados

branqueiam tantos cabelos,  
como, branqueando pêlos,  
não me branqueias cruzados?

Se corres tão apressado,  
como paraste comigo?  
corre outra vez, inimigo,  
que o teu curso é meu sagrado:  
corre para vir mudado,  
não pares por mal de um triste:  
porque, se pobre me viste,  
paraste há tantas auroras,  
bem de tão infaustas horas  
o teu relógio consiste.

O certo é, seres um caco,  
um ladrão da mocidade,  
por isso nesta cidade  
corre um tempo tão velhaco:  
farinha, açúcar, tabaco  
no teu tempo não se alcança,  
e por tua intemperança  
te culpa o Brasil inteiro,  
porque sempre és o primeiro  
móvel de qualquer mudança.

Não há já, quem te suporte;  
e quem armado te vê  
de fouce, e relógio, crê,  
que és o percussor da morte:  
vens adiante de sorte,  
e com tão fino artifício,  
que à morte forras o ofício;  
pois ao tempo de morrer,  
não tendo já que fazer,  
perde a morte o exercício.

Se o tempo consta de dias,  
que revolve o céu opaco,  
como tu, tempo velhaco,  
constas de velhacarias?  
não temas, que as carestias,  
que de ti se hão de escrever,  
te darão a aborrecer

tanto as futuras idades,  
que, ouvindo as tuas maldades,  
a cara te hão de torcer.

Se, porque penas me dês,  
paras cruel, e inumano,  
o céu santo, e soberano  
te fará mover os pés:  
esse azul móvel, que vês,  
te fará ser tão corrente,  
que não parando entre a gente,  
preveja a Bahia inteira,  
que há de correr a carreira  
com pregão de delinquente.

### **A PRISÃO QUE FEZ ESTE GOVERNADOR À SEU CRIADO O BRAÇO FORTE**

Preso entre quatro paredes  
me tem Sua Senhoria  
por golotão de despachos,  
por fundidor de mentiras.  
Dizem, que sou um velhaco,  
e mentem por vida minha,  
que o velhaco era o Governo,  
e eu sou a velhacaria.  
Quem pensara, e quem dissera,  
quem cuidara, e quem diria,  
que um braço de prata velha  
pouca prata, e muita liga!  
Tanto mais que o Braço Forte  
fosse forte, que poria  
um cabo de calabouço,  
e um soldado de golilha!  
Porém eu de que me espanto,  
se nesta terra maldita  
pode uma onça de prata  
mais que dez onças de alquimia.  
Quem me chama de ladrão,  
erra o trincho à minha vida,  
fui assassino de furtos,  
mandavam-me, obedecia.  
Despachavam-me a furtar;  
eu furtava, e abrangia,

e são boas testemunhas  
inventários, e partilhas.  
Eu era o ninho de guincho,  
que sustentava, e mantinha  
com suor das minhas unhas  
mais de dez aves rapinhas.  
O Povo era, quem comprava,  
o General, quem vendia,  
eu triste era o corretor  
de tão torpes mercancias.  
Vim depois a enfadar,  
que sempre no mundo fica  
aborrecido o traidor,  
e a traição muito bem vista.  
Plantar de fora o ladrão,  
quando a ladroíce fica,  
será limpeza de mãos,  
mas de mãos mui pouco limpas.  
Eles cobraram o seu  
dinheiro, açúcar, farinha,  
até a mim me embolsaram  
nesta hedionda enxovia.  
Se foi bem feito, ou mal feito,  
o sabe toda a Bahia,  
mas se a traição ma fizeram,  
com eles a traição fica.  
Eu sou sempre o Braço Forte,  
e nesta prisão me anima,  
que se é casa de pecados,  
os meus foram ninharias.  
Todo este mundo é prisão,  
todo penas, e agonias,  
até o dinheiro está preso  
em um saco, que o oprima.  
A pipa é prisão do vinho,  
e da água fugitiva  
(sendo tão leve, ligeira)  
é prisão qualquer quartinha.  
Os muros de pedra, e cal  
são prisão de qualquer vila,  
d'alma é prisão o corpo,  
do corpo é qualquer almilha.  
A casca é prisão das frutas,  
da rosa é prisão a espinha,

o mar é prisão da terra,  
a terra é prisão das minas.  
É cárcere do ar um odre,  
do fogo é qualquer pedrinha,  
e até um céu de outro céu  
é uma prisão cristalina.  
Na formosura, e donaire  
de uma muchacha divina  
está presa a liberdade,  
e na paz a valentia.  
Pois se todos estão presos,  
que me cansa, ou me fadiga,  
vendo-me em casa d'El-Rei  
junto à Sua Senhoria?  
Chovam prisões sobre mim,  
pois foi tal minha mofina,  
que, a quem dei cadeias d'ouro,  
de ferro mas gratifica.

#### **A DESPEDIDA DO MAO GOVERNO QUE FEZ ESTE GOVERNADOR**

Senhor Antão de Sousa de Meneses,  
Quem sobe a alto lugar, que não merece,  
Homem sobe, asno vai, burro parece,  
Que o subir é desgraça muitas vezes.

A fortunilha autora de entremezes  
Transpõe em burro o Herói, que indigno cresce  
Desanda a roda, e logo o homem desce,  
Que é discreta a fortuna em seus reveses.

Homem (sei eu) que foi Vossenhoria,  
Quando o pisava da fortuna a Roda,  
Burro foi ao subir tão alto clima.  
Pois vá descendo do alto, onde jazia,  
Verá, quanto melhor se lhe acomoda  
Ser home em baixo, do que burro em cima.

**SUCEDE A ESTE GOVERNADOR O MARQUEZ DAS MINAS COM SEU FILHO O CONDE DO PRADO, DESFAZENDO TODAS AS SUAS OBRAS, E MANDANDO VIR OS PRINCIPAIS DA BAHIA DO DESTERRO, EM QUE ANDAVAM, PELA MORTE, QUE OUTROS DERAM AO ALCAIDE MOR FRANCISCO TELES**

## MOTE

*De flores, e pedras finas  
floresce, e enriquece o Estado,  
floresce sim pelo Prado,  
e enriquece pelas Minas:  
As Aves, que peregrinas  
aos montes se retiraram,  
nesta manhã já cantaram  
com tão doce melodia,  
que a noite se tornou dia,  
porque as penas se acabaram.*

Já da Primavera entrou  
a alegre serenidade,  
com que toda a tempestade  
do triste inverno acabou:  
já Saturno declinou  
nas operações malignas,  
com influências benignas  
Júpiter predominante  
nos promete ano abundante  
De flores, e pedras finas.

Se destes aspectos tais  
bem se calcula a figura,  
teremos grande fartura,  
não há de haver fome mais:  
mostras temos, e sinais  
de um tempo muito abastado:  
porque bem considerado  
dele tem o próprio efeito;  
já vemos, que a seu respeito  
Floresce, e enriquece o Estado.

Para ser enriquecido  
este Estado, e florescente,  
temos a causa patente  
no Planeta referido:  
nem se equivoca o sentido  
no efeito aqui declarado:  
porque sendo bem notado  
o estado, como parece,

se pelo mais não floresce,  
Floresce sim pelo Prado.

Pelo Prado flor a flor  
se vai a terra esmaltando,  
com que o clima está mostrando  
temperamento melhor:  
do Luminar superior  
por tais influências dignas  
sendo as pedras, e boninas  
da terra únicos primores  
pois se esmalta pelas flores,  
E enriquece pelas Minas.

Na terra já se experimentam  
virações tão temperadas,  
que as aves determinadas  
tornar aos ninhos intentam:  
já não sentem, nem lamentam  
tempestuosas ruínas,  
pois com salvas matutinas  
se mostram tão prazenteiras,  
que mais parecem caseiras  
As aves, que peregrinas.

Sua peregrinação  
influxo foi de Saturno,  
Planeta sempre noturno,  
e muito importuno então:  
todas nessa conjunção  
seus doces ninhos deixaram,  
e tanto se recearam  
do nocivo temporal,  
que escolhendo o menor mal,  
Aos montes se retiraram.

Porém tanto que sentiram  
haver no tempo mudança,  
sem receio, e sem tardança  
aos ninhos se reduziram:  
outros ares advertiram,  
outra clemência notaram,  
com que alegres publicaram  
dos astros os movimentos,



e com festivos acentos  
Nesta manhã já cantaram.

Cantaram para mostrar  
com repetidas cadências  
singulares excelências  
de um Planeta singular:  
tal doçura no cantar  
não se ouviu nesta Bahia,  
ouvindo-se na harmonia  
modulações tão suaves,  
que nunca cantaram aves  
com tão doce melodia.

Cada qual com voz sonora  
nos mutetes, que cantavam,  
por mil modos explicavam  
de todo estado a melhora:  
cada instante, e cada hora  
a música mais se ouvia;  
no Prado resplandecia  
por modo maravilhoso  
um lustre tão luminoso  
que a noite se tornou dia.

Entre as aves modulantes,  
que este nosso País tem  
todas cantavam o bem,  
de que são participantes:  
dos males, que foram dantes,  
todas também se queixaram;  
assim que todas mostraram  
com alegrias notórias,  
que começaram as glórias,  
Porque as penas se acabaram.

**A SEU FILHO O CONDE DO PRADO, DE QUEM ERA O POETA BEM VISTO,  
ESTANDO RETIRADO NA PRAIA GRANDE, LHE DÁ CONTA DOS MOTIVOS, QUE  
TEVE PARA SE RETIRAR DA CIDADE, E AS GLORIAS, QUE PARTICIPA NO RETIRO**

Daqui desta Praia grande,  
Onde à cidade fugindo,  
conventual das areias

entre os mariscos habito:  
A vós, meu Conde do Prado,  
a vós, meu Príncipe invicto,  
Ilustríssimo Mecenaz  
de um Poeta tão indigno.  
Enfermo de vossa ausência  
quero curar por escrito  
sentimentos, e saudades,  
lágrimas, penas, suspiros.  
Quero curar-me convosco,  
porque é discreto aforismo,  
que a causa das saudades  
se empenhe para os alívios.  
Ausentei-me da Cidade,  
porque esse Povo maldito  
me pôs em guerra com todos,  
e aqui vivo em paz comigo.  
Aqui os dias me não passam,  
porque o tempo fugitivo,  
por ver minha solidão,  
pára em meio do caminho.  
Graças a Deus, que não vejo  
neste tão doce retiro  
hipócritas embusteiros,  
velhacos entremetidos.  
Não me entram nesta palhoça  
visitadores prolixos,  
políticos enfadonhos,  
cerimoniosos vadios.  
Uns néscios, que não dão nada,  
senão enfado infinito,  
e querem tirar-me o tempo,  
que me outorga Jesus Cristo.  
Visita-me o lavrador  
sincero, simples, e liso,  
que entra co'a boca fechada,  
e sai co queixo caído.  
E amanhecendo Deus,  
acordo, e dou de focinhos  
co sol sacristão dos céus  
toca aqui, toca ali signos.  
Dou na varanda um passeio,  
ouço cantar passarinhos  
docemente, ao que eu entendo,

exceto a letra, e o tonilho.  
Vou-me logo para a praia,  
e vendo os alvos seixinhos,  
de quem as ondas murmuram  
por mui brancos, e mui limpos:  
os tomo em minha desgraça  
por exemplo expresso, e vivo,  
pois ou por limpo, ou por branco  
fui na Bahia mofino.  
Queimada veja eu a terra,  
onde o torpe idiotismo  
chama aos entendidos néscios,  
aos néscios chama entendidos.  
Queimada veja eu a terra  
onde em casa, e nos corrilhos  
os asnos me chamam d'asno,  
parece cousa de riso.  
eu sei um clérigo zote  
parente em grau conhecido  
destes, que não sabem musa,  
mau grego, e pior latino:  
Famoso em cartas, e dados  
mais que um ladrão de caminhos,  
regatão de piaçavas,  
e grande atravessa-milhos:  
Ambicioso, avarento,  
das próprias negras arnigo  
só por fazer a gaudere,  
o que aos outros custa jimbo.  
Que se acaso em mim lhe falam,  
torcendo logo o focinho,  
ninguém me fale nesse asno,  
responde com todo o siso.  
Pois agora (pergunto eu)  
e Job fora ainda vivo  
sofrera tanto ao diabo,  
como eu sofro este percito?  
Também sei, que um certo Beca  
o pretório presidindo,  
onde é salvage em cadeira,  
me pôs asno de banquinho.  
Por sinal que eu respondi,  
a quem me trouxe este aviso,  
se fosse asno, como eu sou,

que mal fora a esse Ministro.  
Eu era lá em Portugal  
sábio, discreto, e entendido,  
Poeta melhor, que alguns,  
douto como os meus vizinhos.  
Chegando a esta cidade,  
logo não fui nada disto:  
porque o direito entre o torto  
parece, que anda torcido.  
Sou um herege, um asnote,  
mau cristão, pior ministro,  
mal entendido entre todos,  
de nenhum bem entendido.  
Tudo consiste em ventura,  
que eu sei de muitos delitos  
mais graves que os meus alguns,  
porém todos sem castigo.  
Mas não consiste em ventura,  
e se o disse, eu me desdigo;  
pois consiste na ignorância  
de Idiotas tão supinos.  
De noite vou tomar fresco,  
e vejo em seu epiciclo  
a lua desfeita em quartos  
como ladrão de caminhos.  
O que passo as mais das noites,  
não sei, e somente afirmo,  
que a noite mais negra, escura  
em claro a passo dormindo.  
Faço versos mal limados  
a uma Moça como um brinco,  
que ontem foi alvo dos olhos,  
hoje é negro dos sentidos.  
Esta é a vida, que passo,  
e no descanso, em que vivo,  
me rio dos Reis de Espanha  
em seu célebre retiro.  
Se, a quem vive em solidão,  
chamou beato um gentio,  
espero em Deus, que hei de ser  
por beato inda benquisto.  
Mas aqui, e em toda a parte  
estou tão oferecido  
às cousas do vosso gosto,

como de vosso serviço.

**AO CONDE DO PRADO EMBARCANDO-SE PARA PORTUGAL EM COMPANHIA  
DE SEU PAI, DEPOIS DE TER ACABADO O TEMPO DE SEU GOVERNO LHE FAZ O  
POETA ESTAS SAUDOSAS DESPEDIDAS**

Generoso Dom Francisco,  
mais que Conde Rei do prado,  
porque se a Rosa é Rainha,  
rei sois vóis, pois sois o Cravo.  
Majestoso ramilhete  
por cuja causa logramos  
trinta e seis meses de flores,  
que um mês fizeram de Maio.  
Luminar esclarecido,  
em quem tanto estão brilhando  
as luzidas excelências  
desses ascendentes Astros.  
Ouvi de meus sentimentos  
a voz, inda que o reparo  
note, que para a matéria  
o instrumento é mui baixo.  
Ouvi meus saudosos tonos,  
que é bem, Senhor Soberano,  
que, quem deu assunto à solfa,  
se digne de ouvir os cantos.  
Neste papel ponde os olhos,  
pois já quisestes dignar-vos  
de verdes da minha Musa  
noutro tempo outro traslado.  
Naquele tempo, então digo,  
quando escapei são, e salvo  
por vosso bom patrocínio  
de mil testemunhos falsos.  
Quando viu toda a Bahia  
no decurso de três anos  
sempre em flor vosso carinho,  
nunca murcho o vosso agrado  
Aqui mil órgãos quisera,  
para que com mil meatos  
sempre ferisse os encômios,  
onde soam os aplausos.  
Mas inda assim não podiam

entender-se os vôos tanto,  
que não ficassem sucintos  
para elogios tão altos.  
Aquele ligeiro monstro,  
que nas presunções de alado  
pelas plumas marca os vôos,  
pelos vôos mede os passos.  
Só pode com nova tuba  
referir em pregões altos  
os timbres da vossa pompa,  
as prendas do vosso garbo.  
Referirá, Senhor Conde,  
que sempre os feitos preclaros  
têm por doação dos tempos  
da Fama os maiores brados.  
Esta vai com grande empenho  
desta Praça, para dar-vos  
sobre as aras do meu trono  
da memória os holocaustos.  
Digo, que vai desta Praça,  
onde em público teatro  
vemos do melhor governo  
os mais heróicos ensaios.  
Do Mestre as prerrogativas  
toquei em hino mais amplo  
por ver-se nas lições suas  
da pena o primeiro aparato.  
Aqui dos seus documentos  
nada digo, nada trato,  
que pois o assunto é só vosso,  
só convosco agora falo.  
Só convosco, porque o gênio,  
que é para pouco trabalho,  
mal pode ser juntamente  
Jardineiro, e Lapidário.  
Tanto que vos embarcastes,  
logo então fiquei notando,  
que na falta do presente  
se conhece o bem passado.  
Por vossa ausência às escuras  
fica a terra, e não me espanto,  
de que quando o sol se ausenta,  
se ausente da Luz os raios.  
A vista dos nossos olhos

éreis; com que fica claro,  
pois, meu Senhor, vos perdemos,  
que sem vós cegos ficamos.  
A vossa falta sentimos  
geralmente neste estado,  
que sentir-se a grande perda  
efeito é muito ordinário.  
Sente o grande, que não tem  
o Prado alegre em Palácio,  
o gentil Cravo na rua,  
a Flor brilhante no Campo.  
Sente igualmente o pequeno  
não ter em seus desamparos  
abrigo para a tormenta  
e tábua para o naufrágio.  
Eu sinto, e sentimos todos,  
que fosse tão breve o prazo  
dos objetos para a vista,  
da vista para os regalos.  
Mas não podia o triênio,  
sendo um bem dos bens humanos,  
deixar de incluir o logro  
nos termos de momentâneo.  
Nesta suposição nossa  
concorrem motivos vários  
uns por parte dos alívios,  
outros em favor dos prazos.  
Mas prevalecem as penas,  
que os corações magoados,  
quando a dor mais dissimulam,  
então estão mais penando.  
Não permita vossa ausência,  
no sentimento intervalos,  
que no mal sempre contínuo  
nunca desconsolos faltam.  
Vossa saudade gememos  
nossa solidão choramos  
se na solidão chorosos,  
na saudade solitários.  
Nesta assistência tão breve  
nos mostrou o desengano  
não ser para pecadores  
o comércio de tal Anjo.

## **A MORTE DESTE CONDE SUCEDIDA NO MAR QUANDO SE RETIRAVA PARA LISBOA**

Do Prado mais ameno a flor mais pura,  
Que em fragrâncias o alento há desatado,  
Hoje a fortuna insípida há roubado  
A pompa, o ser, a gala, a formosura.

Flor foste, ó Conde, a quem a desventura  
Por decreto fatal do iníquo fado  
Quis dar-te como flor do melhor Prado  
Tumba no mar, nas águas sepultura.

Porque menos decente o monumento  
Poderias achar no infeliz caso  
De ver extinto tanto luzimento.

Por magnânimo herói no final prazo  
Somente na extensão desse elemento  
Terias como sol decente ocaso.

## **AO MESMO ASSUNTO**

Em essa de cristal campanha errante  
Da morte um peito ilustre foi vencido,  
Mágoa, que o mar chorava fementido  
Com lágrimas de neve, ou de diamante.

Neste teatro horrível, e inconstante  
Aos rigores do tempo pôs rendido  
A sua pompa o Prado mais florido,  
Fim a seu curso o sol mais rutilante.

Como Prado em tormentas inundado,  
Como sol, que apressado a esfera corre,  
Teve o seu fim nas águas destinado.

Por que se bem se adverte, ou se discorre,  
Se o mar inunda, se sepulta o prado,  
E se fenece o sol, nas ondas morre.



## **AO MESMO ASSUNTO**

No Reino de Netuno submergido  
Nos campos de Anfitrite sepultado  
Tem a Sorte a mais bela Flor, que o Prado  
Em sua amenidade há produzido.

Os realces ilustres tem perdido,  
porque a Parca os alentos lhe há roubado,  
cuja memória os mares têm chorado,  
cuja lembrança as águas têm sentido.

Mas se de flor, ó Conde a preeminência  
Gozavas em teu florido viver,  
Que muito não tivesses existência!

Pois a flor, que mais pompa vem a ter  
Se pondera em uma hora sem falência  
Sujeita à pensão fera de morrer.

## **AO MESMO ASSUNTO**

Nasce el sol de los astros presidente  
Principe en las esferas conocido,  
Y aunque el dia le mira el mas luzido,  
La noche se le atreve irreverente.

Sirve le de sepulchro transparente  
El mar, pension fatal de haver nascido,  
Pues el que en todo un ciclo nó ha cabido,  
Le viene a ser el mar urna decente.

Sol fuiste, Conde ilustre, en la nobleza,  
A quien la triste noche se le atreve,  
Pues es el morir del sol naturaleza.

Halaste como el sol tumba de nieve,  
Pues siendo corto el sol à tu grandeza,  
Solo à tal sol tal urna se le deve.

**AO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ GLZ. DA CAMARA COUTINHO EM DIA DE REIS OBSEQUIA O POETA PEDINDO-LHE EM NOME DE UM AMIGO UMA**

**DAQUELAS ESMOLAS, QUE SUA MAJESTADE CONSIGNA DO REAL TESOURO  
CADA UM ANO PARA OS HOMENS DE BEM, A QUE CHAMAM MERCÊ  
ORDINÁRIA**

Num dia próprio a liberalidades,  
No qual o Rei dos Reis aos Reis aceita,  
Não é muito, que quem Rei vos respeita,  
Vos troque a Senhoria em majestades.

Obriga-me a pedir calamidades  
A que o meu fado triste me sujeita,  
Obriga-vos a dar a mão perfeita,  
Com que sabeis matar necessidades.

Chegaram hoje os Reis do diversório  
A tributar incenso, mirra, e ouro,  
Fazendo do presépio um oratório:

Se guiou aos três Reis Planeta Louro,  
Guie-me a minha estrela o peditório,  
Com que na vossa mão ache um tesouro.

**EMPENHA O POETA PARA CONSEGUIR ESTA MERCÊ AO CAPITÃO DA GUARDA  
LUIZ FERREIRA DE NORONHA SEU PARTICULAR CRIADO**

Senhor: se quem vem, não tarda,  
vim eu em boa ocasião,  
pois da Guarda o capitão  
é Anjo da minha guarda:  
vossa presença galharda,  
vossa dócil natureza  
bem mostram, que sois na empresa  
da minha fortuna imensa  
capitão pela defesa  
Anjo pela gentileza.

Obrigado a tão bom trato,  
que em mim é lance infalível,  
o desempenho impossível  
temo, que me faça ingrato:  
mas como já me precató  
de tão previsto desar,  
que eu não basto a desviar,

sirva de escusa, ou perdão,  
que não falta à gratidão,  
quem se peja de faltar.

Na Corte em era oportuna  
vistes a minha abastança,  
hoje vereis a mudança  
da minha infausta fortuna:  
de estrela tão importuna  
dera uma justa querela,  
porque hajais de corrigi-la:  
mas no mundo é já patente,  
que como sábio, e prudente  
dominastes minha estrela.

Mudei-me de ponto a ponto  
de Portugal ao Brasil,  
lá deixo infortúnios mil,  
acho cá ditas sem conto:  
co'as ditas é, que de ponto  
a desgraça lá passada,  
e a graça considerada  
está em vós, meu capitão,  
que a dita está na eleição  
da sombra, a que está chegada.

**A PEDITÓRIO DOS PRETOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO FEZ O POETA O  
SEGUINTE MEMORIAL PARA O MESMO GOVERNADOR, IMPETRANDO LICENÇA  
PARA SAÍREM MASCARADOS À UMA OSTENTAÇÃO MILITAR, A QUE  
CHAMAVAM ALARDE**

Senhor: Os Negros Juízes  
da Senhora do Rosário  
fazem por uso ordinário  
alarde nestes Países:  
como são tão infelizes,  
que por seus negros pecados  
andam sempre emascarados  
contra a lei da policia,  
ante Vossa Senhoria  
pedem licença prostrados.

A um General Capitão

suplica a Irmandade preta,  
que não irão de careta,  
mas descarados irão:  
todo o negregado Irmão  
desta Irmandade bendita  
pede, que se lhe permita  
ir ao alarde enfrascados,  
não de pólvora atacados,  
calcados de jeribita.

### **OUTRO MEMORIAL POR UM SEU SOBRINHO, QUE DESEJAVA SENTAR PRAÇA DE SOLDADO**

Senhor: deste meu Sobrinho  
afirmou um Padre tolo,  
que é furado do miolo,  
sendo o tal Padre o tolinho:  
não é doudo, nem doudinho,  
falando na realidade,  
mas se hei de dizer verdade,  
e nada hei de encobrir,  
anda morto por servir  
aqui Sua Majestade.

Pode Vossa Senhoria,  
se nisto acertar deseja,  
permitir, que o Moço seja  
soldado de Infantaria:  
e se alcançar algum dia,  
que falei afeiçoado,  
eu me dou por condenado,  
e sem recurso nenhum  
a servir sem soldo algum  
em lugar deste Soldado.

**AO MESMO GOVERNADOR SUTILMENTE REMOQUEIA O POETA AO DESCUIDAR-SE DE SUA HONRADA SUPLICA SOBRE A MERCÊ ORDINÁRIA, LEMBRANDO-LHE, QUE Á DERA A HUM SOLDADO RIDÍCULO CHAMADO O FARIA, POR QUEM NAQUELE TEMPO CANTAVAM OS CHULOS "A MULHER DO FARIA VÃO PARA ANGOLA"**

Sei eu, Senhor, que Vossa Senhoria

Mandou dar ao Faria um bom vestido,  
Sendo, que mais o tinha merecido  
A mulher do mesmíssimo Faria

Provo: todo o prazer, gosto, e alegria,  
Que se tem do Faria deduzido,  
O deu sempre a Mulher, nunca o Marido.  
Que ela ia pra Angola, e ele não ia.

Assim que se a Mulher vai para Angola,  
E ele fica na infame lupanária,  
Sua ausência cruel pondo à viola:

Tiro por consequência temerária,  
Que à Mulher se lhe deve dar a esmola,  
Que em crítico se diz mercê ordinária.

#### **TORNA O POETA A INVOCAR LUIZ FERREIRA DE NORONHA**

Se da Guarda pareceis  
Anjo sobre capitão,  
não é novidade não,  
que de males nos livres:  
dobrado ofício fazeis  
em qualquer nossa aflição,  
pois com nobre coração  
nos livrais amante interno,  
se como Anjo do inferno,  
do mais como capitão.

#### **ATE AQUI NÃO ERA AINDA VINDA A MERCÊ ORDINÁRIA E NO DIA, EM QUE O GOVERNADOR FEZ ANOS LHE MANDOU O SEGUINTE SONETO**

Quem, Senhor, celebrando a vossa idade,  
Os anos com prazer vos vai contando,  
Parece, que vos vai aproximando  
Para lograr tal dia a vossa herdade.

Se a conta vos chegara a eternidade,  
Contente vo-la iria numerando,  
Mas dá-me desprazer a conta, quando  
Temo a raia tocar da mortandade.

Com olhos sempre postos na Ordinária  
Vos dou os parabéns sem falso engano  
De ver-vos contrastando a sorte vária.

Mas se por fim me dais o desengano  
(que em vós seria cousa extraordinária)  
Direi, que em tal dia fará um ano.

**A D. JOÃO D'ALENCASTRE VINDO DO GOVERNO DE ANGOLA, ASSISTINDO NO  
MESMO PALÁCIO, QUEIXANDO-SE, DE QUE O POETA O NÃO VISITASSE, E  
PEDINDO-LHE UMA SÁTIRA POR OBSEQUIO**

A quem não dá aos fiéis  
perdão, se lhe há de outorgar,  
eu hoje vos hei de dar,  
pedindo me perdoeis:  
dou-vos, o que mais quereis,  
e o que pedis por favor,  
que quando chega um Senhor  
a pedir, por não mandar,  
mal lhe podia eu faltar  
c'uma sátira em louvor.

Não fui beijar-vos a mão,  
e dar-vos a bem chegada,  
porque nessa alta morada  
nunca tive introdução:  
até agora a indignação  
não quis tão altivo trato,  
mas hoje é quase distrato,  
porque em todo mundo inteiro  
de fidalgo, e de escudeiro  
são brincos de cão com gato.

Os Fidalgos, e os Senhores  
faltos de jurisdição  
fazem tudo, e tudo dão  
a amigos, e servidores:  
os que jogam de maiores  
por sangue, e não por poder  
fazem jogo de entreter:  
porque o sangue desigual

sempre brota ao natural,  
e o mando bota a perder.

Perdoai a digressão,  
porque esta prolixidade  
é boa luz da verdade,  
e escusa a sátira então:  
quando se ofereça ocasião,  
meu Senhor, de que eu vos veja  
(na Igreja, ou na rua seja)  
hei de prender-vos os pés,  
e estai certo, que essa vez  
vos não valerá a Igreja.  
Estou na minha quintinha,  
que é chácara soberana,  
ora comendo a banana,  
jogando ora a laranjinha:  
nem vizinho, nem vizinha  
tenho, porque sempre cansa  
quem vê tudo, e nada alcança,  
e na cidade são raros  
os olhos, que não são claros,  
se olhos são de vizinhança.

Mas inda que desterrado  
me tem o fado, e a sorte  
por um Juiz de má morte,  
de quem não tenho apelado:  
é hoje, que sois chegado,  
Senhor, o tempo, em que apele;  
fazei, que El-Rei o desvele  
pagar o serviço meu,  
pois é bizarro, e só  
eu não vim muito pago dele.

**A JOÃO PLZ. DA CÂMARA COUTINHO FILHO DO MESMO GOVERNADOR  
TOMANDO POSSE DE UMA GINETA EM DIA DE S. JOÃO BATISTA, E LHE  
ASSISTIU DE SARGENTO D. JOÃO DE LANCASTRO SEU TIO VINDO DO  
GOVERNO DE ANGOLA**

No culto, que a terra dava,  
equivocava-se a vista,  
se celebrava o Batista,

se ao Coutinho festejava:  
um e outro João estava  
arrojando à sua planta  
tanto aplauso, e festa tanta:  
mas viu-se, que ao mesmo dia,  
em que o Batista caía,  
o Coutinho se levanta.

Viu-se, que um João Batista  
na terça-feira caíra,  
e que outro João subira  
a imperar esta conquista:  
mas não se enganou a vista  
por desacerto, ou desgraça,  
antes com divina traça  
se notou, e se advertiu,  
que se um com graça caiu,  
outro nos caiu em graça.

Braba ocorrência se achou  
no martirólogo então,  
o dia era de um João,  
e outro João lhe levou:  
toda a cidade assentou  
por razão, se por carinho  
ser mais acerto, e alinhado  
preferir entre dous grandes  
como um Silva a um Fernandes  
a um Batista um Coutinho.

Mais ocorrências se leram,  
porque pasmasse a Bahia,  
dous num dia há cada dia,  
mas três nunca concorreram:  
três de um nome então vieram,  
e qual mais para aplaudido,  
e assim confuso, e sentido  
ficou com tão nova traça  
restaurada a nossa Praça  
e o Calendário aturdido.

Se de um só João no dia  
se abalava a cristandade,



por três de tal qualidade  
quem se não abalaria!  
tudo quanto então se via,  
se via com grande abalo,  
um mar de fogo a cavalo,  
a pé um Etna de flores,  
e por ver tantos primores  
o Céu dava tanto estalo.

A ver o grande Alencastro  
quem não fez do aperto graça:  
se saiu o sol à praça  
fazer praça a tanto Astro?  
o bronze pois, e alabastro  
por solenizar a glória  
consentirão, que esta história  
fique por mais segurança  
nos arquivos da lembrança  
nos volumes da memória.

### **AO MESMO ASSUNTO**

Entre aplausos gentis com luz preclara  
Resplandece do sol a monarquia,  
E o Príncipe da Luz, que o céu regia  
Estático a carroça ardente pára.

E com razão: pois vê, se bem repara,  
outro novo Faetonte neste dia,  
E sente arder o mundo, como ardia,  
Quando ao filho o governo delegara.

Pare pois, e repare, que o decreta  
Astréia, porque aprenda no alto pólo  
Ditames de luzir deste Planeta.

Sua fama andaré de pólo a pólo,  
Pois o Jove, que empunha uma gineta,  
Faetonte é na luz, no garbo Apolo.

**GENEALOGIA QUE O POETA FAZ DO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ  
DESABAFANDO EM QUEIXAS DO MUITO, QUE AGUARDAVA NA ESPERANÇA DE  
SER DELE FAVORECIDO NA MERCÊ ORDINÁRIA**

Veio ao Espírito Santo  
da Ilha da Madeira Alz.  
um Escudeiro Gonçalves  
mais pobretão, que outro tanto:  
e topando a cada canto  
as Tapuias do lugar  
havendo uma de tomar  
para a bainha da espada,  
tomou Vitória agradada,  
que então lhe soube agradar.

A tal era uma Tapuia  
grossa como uma jibóia,  
que roncava de tipóia,  
e manducava de cuia:  
tocando ela a Aleluia,  
tirava ele a culumbrina  
com tal estrago, e ruína,  
que chegando a conjunção  
lhe encaixou a opilação  
por entre as vias da urina.

Pariu a seu tempo um cuco,  
um monstro (digo) inumano,  
que no bico era tucano  
e no sangue mameluco:  
mas não tendo bazaruco,  
com que faça o batizado  
lhe assistiu sem ser rogado  
um troço de fidalguia  
pedestre cavalaria  
toda de beijo furado.

O Cura, que não curou  
de buscar no Calendário  
nome de Santo ordinário,  
por Antônio o batizou:  
tanto o colonim mamou,  
e tais forças tomou, que  
antes de se pôr de pé,

e antes de estar já de vez,  
não falava o português,  
mas dizia o seu cobé.

Cansado de ver a Avoa  
co'as cuias à dependura,  
tratou de buscar ventura,  
e embarcou numa canoa:  
vindo aportar a Lisboa,  
presumiu de fidalguia,  
cuidou, que era outra Bahia,  
onde basta a presunção  
para fazer-se a um cristão  
muchíssima cortesia.

Casou com uma rascoa,  
que por ele ardia em chamas,  
e era criada das Damas  
da Rainha de Lisboa:  
era uma grande pessoa,  
porque tinha um cartapácio,  
onde estudava de espácio  
todo o primor cortesão,  
que até um sujo esfregão  
cheira a primor em Palácio.

Nasceu deste matrimônio  
um Anjo, digo, um Marmanjo,  
que era no simples um Anjo,  
e no maligno um demônio:  
deram-lhe por nome Antônio;  
oh se o Santo tal cuidara!  
creio eu, que se irritara  
o grande Português tanto,  
que deixara de ser Santo,  
e o nome lhe não sujara.

Este pois por exaltar-se  
veio reger a Bahia:  
que bom governo faria,  
quem não sabe governar-se!  
se ele quisera enforcar-se  
pelos que enforcar fazia,  
que bom dia nos daria!

mas ele tão mal se salva,  
que quando dava a mão alva  
então tomava o bom dia.

O Ministro há de ser são,  
justo, e não desobrigado,  
há de ter ódio ao pecado,  
e ao pecador compaixão:  
que se tem má propensão,  
faz justiça, mas com vício,  
e se maior malefício  
tem, e pode condenar-me,  
livre-me Deus de julgar-me  
oficial do meu ofício.

Que, porque furto, o que coma,  
me enforcem, pode passar,  
mas que me mande enforçar  
a bengala de um Sodoma!  
quem sofrerá, que Mafoma  
me queime por mau cristão,  
vendo, que Mafoma é cão,  
velhaco, e de suja alparca,  
e o mais torpe heresiarca,  
que houve entre os filhos de Adão.

Quem na terra sofreria,  
que o fedor de um ataúde  
com bioco de virtude  
disfarçasse a Sodomia?  
e de feito em cada dia  
desse ao povo um enforcado,  
e que de puro malvado  
desse esse dia um banquete,  
e alegrasse o seu bofete  
com bom vinho, e bom bocado?

O bem, que os mais bens encerra,  
e as glórias todas contém,  
é reinar, quem reina bem,  
pois figura a Deus na terra:  
eu cuido, que o mundo erra  
nesta alta reputação,  
que se o Rei erra uma ação,

paga a seu alto atributo  
um tristíssimo tributo,  
e misérrima pensão.

O Príncipe soberano  
bom cristão temente a Deus,  
se o não socorrem aos céus,  
pensões paga ao ser humano:  
está sujeito ao tirano,  
que adulando ambicioso  
é áspide venenoso,  
que achacando-lhe os sentidos,  
turbado o deixa de ouvidos,  
de olhos o deixa ludoso.

Se fosse El-Rei informado,  
de quem o Tucano era,  
nunca à Bahia viera  
governar um povo honrado:  
mas foi El-Rei enganado,  
e eu com o povo o paguei,  
que é já costume, e já lei  
dos reinos sem intervalo,  
que pague o triste vassalo  
os desacertos de um Rei.

Pagamos, que um figurilha  
corcova de canastrão  
com nariz de rebecão  
em cara de bandurilha,  
descompusesse a quadrilha  
dos homens mais bem nascidos,  
e que dos mal procedidos  
tal estimação fizesse,  
que honras, e postos lhes desse  
por lhe encherem os ouvidos.

Pagamos ver esta Hiena,  
que com a voz nos engana,  
pois fala como putana,  
e como fera condena:  
que uma terra tão amena,  
tão fértil, e tão fecunda  
a tornasse tão imunda

falta de saúde, e pão;  
mas foi força, que tal mão peste,  
e fome nos infunda.

Pagamos que um homem bronco  
racional como um calhau,  
mameluco em quarto grau,  
e maligno desde o tronco:  
apenas se dá um ronco,  
em briga apenas se fala,  
quando os sargentos a escala  
prendem com descortesia  
aos honrados na enxovia,  
todo o patifão na sala.

Pagamos, que um Sodomita,  
porque o seu vício dissesse,  
todo o homem aborrecesse,  
que com mulheres coabita:  
e porque ninguém lhe quita  
ser um vigário-geral  
com pretexto paternal,  
aos filhos, e aos criados  
tenha sempre aferrolhados  
para o pecado mortal.

Pagamos, que o tal jumento  
isento de mãos guadunhas  
não furtasse pelas unhas,  
senão por consentimento:  
e que os quatro vezes cento,  
que se vieram trazer  
ao seu capitão mulher,  
porque o pão suba mais dez,  
não foi furto, que ele fez,  
mas deu jeito a se fazer.

Pagamos ver o Prelado,  
que se peca, é de prudente,  
dos serventes de um agente  
descortesmente ultrajado:  
o sobrinho amortalhado  
com tão fidalgos brasões  
pela Puta dos calções,

que fiado em ser valido  
fez do sangue esclarecido  
tão lastimosos borrões.

Pagamos com dor interna,  
que nos passos da Paixão  
tão devoto é da prisão,  
que quer levar a lanterna:  
se entende, que a glória eterna  
prendendo há de merecer,  
fora melhor entender,  
que o céu lhe dá mais ganhado,  
não dormir-se co criado,  
que desvelar-se em prender.

Pagamos vê-lo esperar,  
e estar com expectativas  
de ser Conde das Maldivas  
por serviços de enforcar:  
e como mandou tirar  
um rol dos quatro maraus,  
que enforcou por vaganaus,  
cuidei (assim Deus me valha)  
que entre os Condes da baralha  
fosse ele o Conde de paus.

Porém Sua Majestade,  
Qual Príncipe Soberano,  
que não se indigna de humano  
sem dano da dignidade:  
conhecida esta verdade,  
que é verdade conhecida,  
fará justiça cumprida,  
para que se lhe agradeça,  
que o mau na própria cabeça  
traga a justiça aprendida.  
E porque nós de antemão  
a seus favores mostremos,  
quanto lhos agradecemos,  
lhe agradecemos D. João:  
era justo, era razão,  
conforme o direito e lei,  
quando o Rei dá Juiz a Grei,  
outro em seu lugar dispor,

que seja o Governador  
tão fidalgo como El-Rei.

### **CONTINUA O POETA SATIRIZANDO-O COM O SEU CRIADO LUIZ FERREIRA DE NORONHA**

Estas as novas são de Antônio Luí=  
No que passa sobre um gato de algá=  
Que algália tira com colher de Itá=  
que coze e corcoja em fonte Rabi=.

Se lhe escalda ou não a serventi=  
Isto tem já provado o mesmo ga=  
Porque passando os rios de cuá=  
O caso tocou logo a Inquisi=

Há cousa mais tremenda e mais atró=  
Que em terra, onde há tanta fartu=  
E haja que por um cu enjeite um có=?

E que por mau gosto seja um pu=?  
Eu me benzo, e arrenego do demô=  
E do pecado, que é contra a natu=.

### **AOS MESMOS AMO, E CRIADO**

Que aguarde Luís Ferreira de Norô=  
Tão grande pespegar pelo besbê=!  
Para o Puto, que aguarda tal pespê=  
E faz servir seu cu de cocó=.

Subverteu-se a cidade de Sodô=  
Pelo muito, que andou de caranguê=:  
A Palácio também cteio, sucé=  
O mesmo, que à cidade de Gomô=.

Que desse em pescador Antônio Luí=?  
Nefando gosto tem o seu cará=  
Em não querer topar ponta de cri=.

Pois tanto se narnora do pescá=,



A cuama se vá pescar lombri=,  
E em castigo de Deus morra queimá=.

### **PROSSEGUE O MESMO ASSUNTO**

No *beco do cagalhão*,  
no de *espera-me rapaz*,  
no de *cata que farás*  
e em *quebra-cus* o acharam,  
que tirando ao *come-em-vão*  
que era esperador de cus,  
lhe arrebentou o arcabuz  
no *beco de lava-rabos*,  
onde lhe cantam diabos  
três ofícios de catruz.

Tomem pois exemplo aqui  
o Tucano e o Ferreira,  
pois lhos diz esta caveira,  
aprende, flores, de mi:  
mais aqui, ou mais ali  
sempre os demônios são artos  
sempre bichos, e lagartos,  
e dar-lhe-ão sobre beijus,  
a comer sempre cusuz,  
a ver se se dão por fartos.

### **REPETE A MESMA SÁTIRA**

Quem aguarda a luxúria do Tucano  
Também pode esperar a do Lagarto,  
Se acaso conceber, verá no parto  
A substância que leva do tutano.

Estes, que se debreiam mano a mano,  
Disciplinar-se-ão de quarto em quarto,  
E o que de mais sustância estiver farto,  
A via busque, que o negócio é cano.

Conheça a Inquisição estas verdades,  
E como é certo, o que o soneto diz,  
Paguem-se em vivo fogo estas maldades,

Ardendo morram já como Solis,  
E como arderam já duas cidades,  
Ardam Luís Ferreira, e Antônio Luís.

## **AO MESMO ASSUNTO**

### *MOTE*

*Quem sai a mijar de Beja  
por fora de Vidigueira  
Dá c'o piçalho em Ferreira.*

Senhora velha roupeira  
pois todo Alentejo andou  
não me dirá, quanto achou,  
que vai de Beja a Ferreira:  
porque outra velha embusteira,  
com profia, e com inveja,  
não quer que uma légua seja,  
e por palmos de cará  
diz, que só um palmo achará  
quem sai a mijar de Beja.

Isto a velha quer, que seja,  
e do seu querer colijo,  
que vai a beber do mijo,  
quem sai a mijar de Beja:  
porém quem saber deseja  
a conclusão verdadeira,  
deste caminho, ou carreira,  
pelos passos do pismão  
quer saber, que passos vão  
por fora da Vidigueira.

Porque parvoíce fora  
não ver entre boca, e centro,  
que uma cousa é mijar dentro  
outra cousa andar por fora:  
e assim vós, minha Senhora  
velha, que nesta carreira  
já sois useira, e vezeira  
desmenti da velha a inveja,

pois diz, que quem sai de Beja,  
dá co piçalho em Ferreira.

### **DIZ MAIS COM O MESMO DESENFADO**

Sal, cal, e alho  
caiam no teu maldito caralho. Amém.  
O fogo de Sodoma e de Gomorra  
em cinza te reduzam essa porra. Amém  
Tudo em fogo arda,  
Tu, e teus filhos, e o Capitão da Guarda.

### **DEDICATÓRIA EXTRAVAGANTE QUE O POETA PAZ DESTAS OBRAS AO MESMO GOVERNADOR SATIRIZADO**

Desta vez acabo a obra,  
porque é este o quarto  
tomo das ações de um Sodomita,  
dos progressos de um fanchono.  
Esta é a dedicatória,  
e bem que preverto o modo,  
a ordem preposterando  
dos prólogos, os prológios.  
Não vai esta na dianteira,  
antes no traseiro a ponho,  
por ser traseiro o Senhor,  
a quem dedico os meus tomos.  
A vós, meu Antônio Luís,  
a vós, meu Nausau ausônio,  
assinalado do naso  
pela natura do rosto:  
A vós, merda dos fidalgos,  
a vós, escória dos Godos,  
Filho do Espírito Santo,  
E bisneto de um caboclo:  
A vós, fanchono beato,  
Sodomita com bioco,  
e finíssimo rabi  
sem nascerdes cristão-novo:  
A vós, cabra dos colchões,  
que estoqueando-lhe os lombos,  
sois figgador de lombrigas

nas alagoas do olho:  
A vós, vaca sempiterna  
cosida, assada, e de molho,  
Boi sempre, Galinha nunca  
in secula seculorum:  
A vós, ó perfumador  
do vosso pagem cheiroso,  
para vós algália sempre,  
para vós sempre mondongo:  
A vós, ó enforcador,  
e por testemunhas tomo  
os Irmãos da Santa Casa,  
que lhes carregam os ossos:  
Pois no dia dos Finados,  
quando desenterram mortos  
também murmuram de vós  
pela grã carga dos ombros:  
A vós, ilustre Tucano,  
mal direito, e bem giboso,  
pernas de rolo de pau,  
antes de o levar ao torno:  
A vós: basta tanto vós,  
porque este insensato Povo  
vendo, que por vós vos trato,  
cuidará, que sois meu moço:  
A vós dedico, e consagro  
os meus volumes, e tomos,  
defendei-os, se quiserdes,  
e se não, vai nisso pouco.

#### **APOLOGIA CAVILOSA EM DEFESA DO MESMO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ**

Agora saio eu a campo  
por vós, meu Antônio Luís,  
que já fede tanto verso,  
e enfada tanto pasquim!  
Que vos quer esta canalha  
tropel de vilões ruins,  
tanto Poeta sendeiro,  
tanto trovador rocim?  
Se fizestes mau governo,  
que é certo, que foi ruim,  
eles, que o façam pior,

que eu lhe dou das quatro mil.  
Entorcastes muita gente?  
mente, quem tal coisa diz:  
Gabriel os enforcava,  
que eu com estes olhos vi.  
É verdade, que gostáveis  
vós muito de vê-los ir,  
sois amigo de enforcados,  
ter-lhes ódio, isso fora ruim.  
Cada qual gosta, o que gosta,  
uns carneiro outros perdiz,  
vós um quarto de enforcado,  
e eu de um quarto do pernil.  
Em gostos não há disputa  
dai ao demo o povo vil,  
que até nos gostos se mete  
a ser dos gostos juiz.  
O querer não tem razão,  
que a vontade é mui sutil,  
e assim por onde quer entra,  
e talvez não quer sair.  
Cada um quer, o que quer,  
não há nisto, que arguir,  
fez Deus as vontades livres,  
prendê-las é frenesi.  
Sois amigo de enforcados,  
quem vo-lo pode impedir?  
oxalá fôreis amigo  
levar o mesmo fim.  
Ora vamos a farinha,  
foi pouca, cara, e ruim:  
mas vós não sois sol, nem chuva,  
para haver de a produzir.  
Eu confesso, que houve fome,  
governando vós aqui,  
sois mofino, e por contágio  
ficou mofino o Brasil.  
Ser mofino não é culpa,  
a fortuna o quer assim:  
quem é mofino consigo,  
cos mais há de ser feliz?  
Não vos mandou governar  
El-Rei farinhas aqui,  
as carnes, nem os pescados,

porém a forca isso sim.  
Valha o diabo a vossa alma  
cabelos de colomim,  
mandou-vos El-Rei acaso  
desgovernar os quadris?  
Mandou-vos acaso El-Rei  
com as fêmeas não dormir,  
senão com vosso criado,  
que é bomba dos vossos rins?  
No mais vos levanta falsos  
todo este povo civil,  
mas isto do vosso corpo  
vo-lo levanta o Luís.  
Mandou-vos El-Rei acaso  
a Sodoma, ou ao Brasil?  
Se não viveis em Judá,  
quem vos meteu a Rabi?  
Mandou-vos El-Rei que fosse  
vosso pajem meretriz,  
madrasta de vossos filhos,  
como dizem por aí?  
Ora ide-vos co diabo,  
que ja não quero acudir  
por um Tucano, um Fanchono,  
um Sodoma, um vilão ruim.

**DESCANTA O POETA AGORA A DESPEDIDA DESTE GOVERNADOR EM  
METÁFORA DE CHULARIAS, QUE SE USAVAM NAQUELE TEMPO. POR DIZER-SE  
VINHA RENDÊ-LO D. JOÃO DE ALENCASTRE SEU CUNHADO**

Banguê, que será de ti  
em vindo o Governador,  
que manda El-Rei meu Senhor  
para te botar daqui?  
que será de ti, maldi-  
to, que assaz a ti te toca  
por neto de curiboca  
e porque este teu pepino  
no que é vaso feminino  
jamais toca, nem emboca.

Que será de ti, Banguê,  
quando o sucessor vier,

que hás de perder a mulher,  
que é fêmea de cutilque?  
e se teu criado é,  
que o podes também levar,  
não te há de sofrer o mar,  
nem suas ondas sagradas,  
antes por essas porradas  
a porra te há de salgar.

### **RETRATO QUE FAZ EXTRAVAGANTEMENTE O POETA, AO MESMO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ DA CÂMARA NA SUA DESPEDIDA**

Vá de retrato  
por consoantes,  
que e eu sou Timantes  
de um nariz de tucano  
pés de Pato.  
Pelo cabelo  
começo a obra,  
que o tempo sobra  
para pintar a giba  
do camelo.  
Causa-me engulho  
o pêlo untado,  
que de molhado  
parece, que sai sempre  
de mergulho.  
Não pinto as faltas  
dos olhos baios,  
que versos raios  
nunca foram, senão  
a cousas altas.  
Mas a fachada  
da sobancelha  
se me assemelha  
a uma negra vassoura  
esparramada.  
Nariz de embono  
com tal sacada,  
que entra na escada  
duas horas primeiro  
que seu dono.  
Nariz, que fala

longe do rosto,  
pois na Sé posto  
na Praça manda pôr  
a guarda em ala.  
Membro de olfatos,  
mas tão quadrado,  
que um Rei coroado  
o pode ter por copa  
de cem pratos.  
Tão temerário  
é o tal nariz,  
que por um triz  
não ficou cantareira  
de um armário.  
Você perdoe,  
nariz nefando,  
que eu vou cortando,  
e inda fica nariz,  
em que se assoe.  
Ao pé da altura  
no naso oiteiro,  
tem o sendeiro,  
o que boca nasceu, e é  
rasgadura.  
Na gargantona  
membro do gosto  
está composto  
o órgão mais sutil  
da voz fanchona.  
Vamos à giba:  
mas eu que intento,  
se não sou vento  
para poder trepar  
lá tanto arriba?  
Sempre eu insisto,  
que no horizonte  
deste alto monte  
foi tentar o diabo  
A Jesus Cristo.  
Chamam-lhe autores,  
por falar fresco  
dorso burlesco,  
no qual fabricaverunt  
peccatores.



E havendo apostas,  
se é homem, ou fera,  
se assentou, que era  
um caracol, que traz  
a casa às costas.  
De grande a riba,  
tanto se entona,  
que já blasona,  
que enjeitou ser canastra  
por ser giba.  
Ó pico alçado,  
quem lá subira,  
para que vira,  
se és Etna abrasador  
se Alpe nevado!  
Cousa pintada  
sempre uma cousa,  
pois onde pousa,  
sempre o veem de bastão  
sempre de espada.  
Dos santos passos  
na bruta cinta  
uma cruz pinta  
a espada o pau da cruz,  
e eles os braços.  
Vamos voltando  
para a dianteira,  
que na traseira  
o cu vejo açoutado  
por nefando.  
Se bem se infere  
outro fracasso,  
porque em tal caso  
só se açouta, quem canta  
o miserere.  
Pois que seria,  
que eu vi vergões?;  
serão chupões,  
que o bruxo do Ferreira  
lhe daria.  
Seguem-se as pernas,  
sigam-se embora,  
porque eu por ora  
não me quero embarcar

em tais cavernas.  
Se bem, que assento  
nos meus miolos  
que são dous rolos  
de tabaco já podre,  
e fedorento.  
Os pés são figas  
a mor grandeza,  
por cuja empresa  
tomaram tantos pés  
tantas cantigas.  
Velha coitada  
suja figura,  
na arquitetura  
da popa de Nau nova  
está entalhada.  
Boa viagem  
senhor Tucano,  
que para o ano  
vos espera a Bahia  
entre a bagagem.

#### **A D. JOÃO D'ALENCASTRE TOMANDO POSSE DO SEU GOVERNO OBSEQUIA O POETA COM AS QUEIXAS DO SEU ANTECESSOR, E CUNHADO**

Quando Deus redimiu da tirania  
da mão do Faraó endurecido  
o Povo Hebreu amado, e esclarecido.  
Páscoa ficou de redenção o dia.

Páscoa de flores, dia de alegria  
Àquele Povo foi tão afligido  
O dia, em que por Deus foi redimido;  
Ergo sois vós, Senhor, Deus da Bahia.

Pois mandado pela alta Majestade  
Nos remiu de tão triste cativoiro,  
Nos livrou de tão vil calamidade.

Quem pode ser senão um verdadeiro Deus,  
que veio estirpar desta cidade  
O Faraó do Povo Brasileiro.

**AO MESMO GOVERNADOR CHEGANDO-LHE A NOVA DA MORTE DE SUA SOGRA, A QUEM DEIXOU CONVALESCIDA DA MESMA ENFERMIDADE, DE QUE MORREU DEPOIS**

Alto Príncipe, a quem a Parca bruta  
Aos estragos negando-se de horrível,  
Quando acredita assombro no inflexível,  
Em rendimento a vossos pés tributa.

Tímida a vossa vista se reputa,  
E o mostra nesta ação quase visível,  
Onde em vós o pesar, sendo possível,  
Reverente o rigor não executa.

Pouco faz a Bahia, se venera  
Humilde, e grata a vossa presidência,  
Se inda a morte convosco não é fera

Porque admirando em vós tanta excelência  
Para dar-vos um golpe, astuta espera  
(Por temer-vos, Senhor) a vossa ausência.

**LOUVA O SECRETARIO DE ESTADO BERNARDO VIEIRA RAVASCO A UM SUJEITO, QUE FOI À COSTA DA MINA E LÁ FEZ UMA ILUSTRE AÇÃO**

Vindes da Mina, e só trazeis a fama,  
De que vosso valor fez alta empresa,  
Que não consiste a glória na riqueza  
No seu desprezo sim, que honra se chama.

O vosso zelo, que ambição se inflama,  
Do serviço fiel de Sua Alteza  
Lhe deu prudente aquela Fortaleza,  
Que é padrão imortal, que vos aclama.

Quanto co'a espada, e co'juízo obrastes,  
Quanto na África, e Europa merecestes,  
São ações, que convosco competistes.

Não vos queixeis do pouco, que alcançastes,  
Pois na glória, em que a todos excedestes,  
Dificultais o prêmio, ao que servistes.

**RESPONDE O POETA A BERNARDO VIEIRA RAVASCO PELOS MESMOS CONSOANTES POR AQUELA PESSOA A QUEM SE FEZ O OBSÉQUIO**

Hoje é melhor ter mina, que ter fama,  
Que no tesouro se acha a nobre empresa,  
Porque onde se idolatra só riqueza,  
A glória dos progressos nada clama.

Ambicioso e avarento mais se inflama  
Pretendendo subir a nova alteza,  
E fragando nos bens a fortaleza,  
Quer estragar a honra, que se aclama.

Mas vós, que a acreditar-me tanto obrastes,  
Fiado, no que, é certo, merecestes,  
Em mérito, a que sempre competistes:

A mim me dais a glória, que alcançastes,  
Que como vós em tudo me excedestes,  
Té para me abonar hoje servistes.

**CONTINUA BERNARDO VIEIRA RAVASCO NO SEU PROPÓSITO PELOS MESMOS CONSOANTES**

Nos assuntos, que dais à vossa fama,  
Têm as invejas mais ardente empresa,  
Pois se a glória do nome é mor grandeza,  
No vosso acende mais ativa a chama

A emulação, que sempre assim se inflama,  
O seu incêndio exala à suma alteza,  
Mas esse incêndio em rara fortaleza  
Salamandra vos faz, Fênix aclama.

Quanto nas armas valoroso obrastes,  
Nas invejas prudente merecestes,  
Triunfando sempre nunca competistes.

Mas outra maior glória inda alcançastes;  
Não há Musa, que conte, o que excedestes,

Nem grandeza, que pague, o que servistes.

**AO MESMO SECRETARIO DE ESTADO BERNARDO VIEIRA PEDINDO UMAS  
OITAVAS AO POETA, EM TEMPO, EM QUE FAZIA ANOS CONVALESCENDO DE  
UMA GRAVE DOENÇA**

Oitavas canto agora por preceito,  
Sem que na oitava possa diligente  
Louvar as excelências de um sujeito,  
Que pode ser em tudo o melhor Lente:  
Mas como em mim não pode ser perfeito  
O canto, ficará menos cadente  
A música de Apolo, e de Talia,  
Que não há cantar bem sem melodia.

Se do tempo perfeito o meu compasso  
A compasso cantara neste canto,  
Não faltara à garganta agora o passo,  
E em passos de garganta fora espanto:  
Porém se em canto nunca da mão passo  
Como posso afinar no canto tanto,  
Que me atreva a cantar vossa ciência,  
Sem que falte ao compasso na cadência.

Canora a voz tomara, e tão suave,  
Que em passos largos, e ecos repetidos  
Sonora requintasse aquela clave,  
Em que fossem meus ecos esparcidos:  
Porém se o vosso nome o canto grave  
Eleva suspendendo os mais sentidos,  
Com a voz, que formar o meu alento  
Chegar posso também ao Firmamento.

Discutindo esse globo de ciências  
No mapa desta esfera Americana,  
Acho um todo formado de excelências  
Maravilha fatal em forma humana:  
De modo se une, e formam as essências  
Que o natural as graças vos germana:  
Mas que muito se vós no largo mundo  
Sois da graça, e ciências tão fecundo.

Se emulações tiraram Luzimentos,

Que soube a natureza vincular-vos,  
Apolo não perdera os pensamentos,  
Temendo-se na empresa de louvar-vos:  
Suspende a admiração os vãos intentos  
Ao discurso, que emprende realçar-vos,  
Que a Musa enfraquecida, a pena leve  
Nunca diz, o que sente, no que escreve.

Deixem-se os Gregos já do seu Eliano,  
Condenam a silêncio um Xenofonte,  
Não louve Alexandria Herodiano,  
Que na Bahia tem Timocreonte:  
O qual pode ensinar Quintiliano,  
Camões, Terêncio, Ênio, Anacreonte,  
Platões, Anaximandros, e Musés,  
Acusilaus, Priscianos, e a Timéus.

Nos anos climatéricos glorioso  
Vosso nome será tão dilatado,  
Que suba, onde o decrépito invejoso  
O veja nas estrelas colocado:  
Sereis novo Planeta luminoso,  
E Sol em nova esfera sublimado,  
Que, a quem o mundo singular aclama,  
Só descansa no céu com ele a fama.

Separar vossas partes, e Louvores  
Absurdo fora certo, e averiguado,  
Que à grandeza dos orbes superiores  
Ninguém pode pôr termo limitado:  
Receba o infinito por maiores,  
Quem foi por singular ao mundo dado,  
Com que as partes publica deste modo,  
Quem de todo admirado admira o todo.

Cesse pois em louvar-vos minha pena,  
Que impossível será, que sem engano  
Presuma, que fazendo esta novena  
Vos possa ponderar em todo um ano:  
Este novo, e felice, que hoje ordena  
O Céu, lograi, Senhor, sem tanto dano,  
Porque sejam em vós os mais gloriosos  
Aqueles, que vos faltam de invejosos.

## **INÁCIA, APOLÔNIA E MARIANA**

Dá-me Amor a escolher  
de duas uma demônia  
ou Inácia, ou Apolônia  
Branca em mulata retinta

## **PRETENDE O POETA INTRODUZIR-SE, COM A PRIMEIRA, OU SEGUNDA**

Dá-me Amor a escolher  
de duas uma demônia,  
ou Inácia, ou Apolônia,  
e eu me não sei resolver:  
a ambas hei de querer,  
porque depois de as lograr  
mais fácil será acertar,  
que nos riscos da eleição  
o seguro é lançar mão  
de tudo por não errar.

Assim será: mas que monta  
isto que fazer pretendo,  
se dirão, que estou fazendo  
sem a hóspeda esta conta:  
qual delas será tão tonta,  
que se acomode aos desares  
de partir com seus pesares  
amor, assistência, e tratos,  
se as Damas não são sapatos,  
que se hajam de ter aos pares.

Mas se debaixo da Luz  
não val mais esta, que estoutra  
eu não deixo, uma por outra,  
nem escolho outra por uma,  
não há dúvida nenhuma,  
que ambas são moças de porte,  
e se não mo estorva a morte,  
ambas me hão de vir à mão,  
Inácia por eleição,  
e Apolônia pela sorte.

Isto que remédio tem,  
sejam entre si tão manas,  
que repartindo as semanas,  
vá uma, quando outra vem;  
que eu repartirei também  
jimbo, carinho, e favor,  
porque advirta algum Doutor,  
que sendo à lógica oposto,  
na aritmética do gosto  
pode repartir-se o amor.

### **DEIXARAM ESTAS DAMAS DE IR A FESTA DA CRUZ POR FALTA DE REDE E O POETA SE MOSTRA SENTIDO DE O NÃO SABER**

Quis ir à festa da Cruz  
Inácia, e faltou-lhe a rede,  
com que foi força ficar  
Paredes sobre paredes.  
Outros dizem, que uma amiga  
lhe pedira o manto adrede  
pela ter emparedada  
todo o dia, em que lhe pese.  
Não sei a verdade disto,  
sei, que eu paguei a patente,  
tendo um dia de trabalho,  
porque de festa lho desse.  
A saber, que estava em casa,  
visitara-a como sempre,  
e fizera, o que costumam  
casados *in facie ecclesiae*.  
Fora-me pôr à janela,  
porque o calor me refresque,  
falara c'os Guapas sujas,  
que são limpas guapamente.  
Mariana se agastara,  
que tudo escuta, e atende,  
por isso diz o adágio  
"manso, que ouvem as paredes."  
Sabendo deste ciúme  
foram os Guapas contentes  
que inda que mulheres feias,  
são feias, porém mulheres.  
Inácia se sossegava,



que é moça mansa, e alegre,  
e com dous dedos se põem  
sendo Inácia, uma clemente.  
Da sua amiga me queixo,  
que cão d'horta me parece,  
pois em todo o dia não  
comeu, nem deixou comer-me.  
Com Inácia já não quero  
lançar mais barro à parede,  
que de mui seca receio,  
que ali meu barro não pegue.  
Uma Mãe com duas Filhas  
na verdade é pouca gente,  
para que eu possa cantar  
preso entre quatro paredes.  
Três só não fazem prisão,  
porque um triângulo breve,  
que um signo salmão figura,  
mais enfeitiça, que prende.  
Mas a parede de Inácia  
com ser uma tão-somente  
como é tão forte, e tão rija,  
bastou só para prender-me.  
Perdi o ganho esta tarde,  
e cuido, que para sempre;  
quem ma pegou uma vez,  
não quero, que outra me pegue.  
Da Santa Cruz era a festa,  
e a maldita da Paredes  
com cruz, e sem cruz receio  
me faça calvários sempre.  
Eu perdi Moça, que agrada,  
ela velho, que aconselhe,  
ambos ficamos perdidos,  
quem o vê o remedeie.

### **INSISTE O POETA A QUERER SER AMADO DE IGNÁCIA**

Inácia, vós que me vedes  
em tal desesperação  
remediai-o senão  
dareis por essas paredes:  
na malha das vossas redes

quis eu minha alma enredar  
por vos servir, e adorar:  
mas vós, sem que Amor me valha,  
mesmo me rompeis a malha,  
a fim de me não pescar.

Não vos rende o meu carinho,  
porque em vossa estimação  
sou já peixe sabichão,  
e vós me quereis peixinho:  
se com todo o meu alinho  
vos não mereço o favor,  
que importa o vosso rigor,  
se se sabe, e vós o vedes,  
que quero nessas Paredes  
fundar um templo de Amor.

Quando as paredes juntemos  
a vossa, que é frontal,  
co'a minha de pedra e cal,  
uma grande obra faremos:  
a Amor a dedicaremos,  
porque guarde as vossas redes,  
que eu creio, e vós bem o vedes,  
que tudo irá em rigor  
ver as paredes de Amor,  
só por amor das Paredes.

**COMO A NÃO PÔDE O POETA RENDER ENTRA A PICÁ-LA COM LOUVAR A  
APOLÔNIA, E É DE ADVERTIR, QUE ESTAS TRATAVAM COM UNS MÚSICOS  
FULANOS JARDINS, QUE MORAVAM NAS HORTAS**

A ser bela a formosura,  
a beleza a ser formosa  
mudamente as ensinava  
a boquinha de Polônia.  
Ensinava de cadeira  
na academia, ou escola,  
onde era lente de prima,  
sendo a terceira das Moças.  
A Açucena repreendia  
com duas faces formosas,  
por que unisse ao carmim,

para alento pouca boca.  
E como o cravo é jurado  
Príncipe em cortes de Flora,  
se fez conselho de estado  
sobre casar-se co'a rosa.  
Respondeu ela, que sim,  
e incendida de vergonha  
ficou-lhe a boca mais cravo,  
do que era o cravo na boca.  
Assistir ao desposório  
correu a nobreza toda,  
com galas de várias cores,  
porque de campo era a boda.  
A nobreza dos Jardins,  
que tem seu solar nas Hortas,  
cortando galas de novo  
veio com elas em folha.  
Desposou-se Rosa, e Cravo,  
mas eu creio, que da boda,  
onde folgou toda a casa,  
vi as Paredes queixosas.

### **IGNÁCIA IRRITADA DESTA SÁTIRA DESCOMPÔS DE PALAVRAS AO POETA E ELE SE DESPICA COM ESTAS DÉCIMAS**

Branca em mulata retinta,  
quem vos meteu no caqueiro,  
que uma pinga do tinteiro  
não suja a mais branca tinta!  
mas se sois branca distinta,  
se sois sem mistura branca,  
que importa, se a porta franca  
tendes a todo o pismão,  
aos Brancos pelo tostão,  
aos Mulatos pela franca.

Vós sois mulata tão mula,  
que amais fanada mulata  
é negra engastada em prata,  
e vós sois mulata fula:  
se quem lá vai, vos adula,  
e de sangue vos melhora,  
porque lho deis cada hora,

dai-lo cada vez, que vá,  
que na catanga verá  
que sois branca como amora.

As putas do toque-emboque  
são putas esfarrapadas,  
são paredes arruinadas  
com seu branco por reboque:  
eu não meto o meu estoque  
em burquês esfurcados  
porque vasos tão usados  
de estoques, ou membros vivos  
não são vasos, são uns crivos,  
de que os membros saem relados.

Viveis no jogo da bola,  
só por teres sempre à vista  
o Monge, que vos conquista,  
o Frade, que vos consola;  
e quando vos falta a esmola  
aos soldados vos tornais,  
e como ali não achais  
a cura, que pretendeis,  
c'os Frades vos corrompeis,  
e assim nunca vos soldais.

#### **DESCONFIADO O POETA DOS DESPREZOS QUE LHE FAZIA IGNÁCIA ENTRA A DESCOMPÔ-LA POR UM ARRISCADO PARTO QUE TEVE**

Pariu numa madrugada  
Inácia, como já vedes,  
e caindo-lhe as paredes  
ficou desemparedada:  
temo, que não valha nada,  
pois tendo o vaso partido,  
qual pardieiro caído,  
recolherá todo o gado,  
ou das chuvas acochado,  
ou das calmas retraído.

E vendo, que ali se apóia  
o gado no pardieiro,  
dirá todo o passageiro

tristemente "aqui foi Tróia":  
por aquela clarabóia  
despedaçada em caqueiros  
entrar eu vi cavaleiros,  
que quando Tróia reinava,  
apenas um a um entrava,  
mas agora entram carreiros.

Não me espanto dos adornos  
de uma Dama singular,  
que em cornos venham parar,  
porque ela parirá cornos:  
mas que tantos caldos mornos  
de estéticas qualidades  
em tantas calamidades  
não valham, são desenganos  
da resolução dos anos,  
da carreira das idades.

Deixai pois o artifício,  
Inácia, porque bem vedes,  
que ao baque de umas paredes  
espirra todo o artifício:  
deixai a vida do vício,  
as que o seu vício eternizam,  
e se a vós vos finalizam,  
alerta, que as pedras falam,  
que as paredes vos estalam,  
que os estalos vos avisam.

## **JOANA**

*Uma Moça galharda, e formosa, que morara na Vila de São Francisco com duas Irmãs também formosas, honestas, e recatadas.*

As mulatas me esqueceram  
a quem com veneração  
darei o meu beliscão.

**ACHANDO SE O POETA EM UMA FESTIVIDADE NA IGREJA DE SAM FRANCISCO DAQUELA VILA, VIU ESTAS TRÊS MOÇAS; E ENTRANDO EM QUESTÃO COM**

**OUTROS AMIGOS, QUE ALI ESTAVAM SOBRE QUAL ERA A MAIS FORMOSA,  
ELEGE ENTRE AS TRÊS A JOANA POR MAIS FORMOSA E SINGULAR**

Dão agora em contender  
sobre qual Moça é mais bela,  
Joana, se a parentela,  
e eu me não sei resolver:  
se eu pudera a Páris ser  
de tão diversos Zagalos,  
de tais garbos, de tais galas,  
não só Joana julgara,  
que as mais prefere na cara  
mas a Vênus, Juno, e Palas.

Se Páris julgou com risco,  
pois pela sentença dada  
vemos a Tróia abrasada,  
arda embora São Francisco:  
reduzida a cinza, ou cisco  
o sítio de idade a idade  
dê assunto à posteridade;  
arda ao sítio, o mundo arda,  
viva Joana galharda,  
e eu morra pela verdade.

As mais são muito formosas,  
mui graves, e mui atentas,  
nas Joana entre as Parentas  
é Almirante entre as rosas:  
as estrelas luminosas  
sendo à Lua paralelas  
são belas, mas menos belas,  
e assim Joana em rigor  
sendo a Luminar maior  
és mais bela, que as estrelas.

Um Céu a Igreja se viu,  
onde em luzido arrebol  
brilham astros, veio o Sol,  
e as estrelas desluziu:  
qual sol Joana subiu,  
e os astros escureceu;  
se o que sucede no Céu,  
sucede na Terra enfim,

bem haja eu, que o julgo assim  
porque assim me pareceu.

### **RETRATA O POETA AS GALHARDAS PERFEIÇÕES DESTA DAMA SEM HIPÉRBOLE DE ENCARECIMENTO**

Retratar ao bizarro  
quero Joanica,  
por ser Moça, galharda  
sobre bonita.

Que os cabelos são d'ouro,  
não se duvida,  
porque o Sol é Joana,  
que o certifica.

São seus olhos por claros  
alvas do dia,  
que põem de ponto em branco  
a rapariga.

Certo dia encontrei,  
que alegre ria,  
mas não vi, que de prata  
os dentes tinha.

Por entre eles a língua  
mal se divisa,  
mas é certo, que fala  
como entendida.

A boquinha bem feita,  
e pequenina  
a pedir vem de boca  
por bonitinha.

Que tem mãos liberais,  
quem o duvida.  
que as mãos sempre lavadas  
dá como rica.

Da camisa o cambrai  
tem rendas finas,

e eu lá vi, que os peitinhos  
me davam figas.

Ser de peito atacado  
me parecia  
porque muito delgada  
a cinta tinha.

Com um guarda-pé verde  
Os pés cobria,  
sendo que tomou pé  
para ser vista.

Sim julguei, que pequenos  
os pés teria,  
quando vi que de firme  
mui pouco tinha.

E com isto vos juro  
minha Menina,  
que vos quero, e vos amo  
por minha vida.

**DESCAINDO ESTA MOÇA DA GRAÇA DO POETA, À SACODE COM A MESMA  
PENA, QUE À LOUVOU NAS OBRAS ANTECEDENTES, APARECENDO COM UMA  
SAIA VERDE**

Quando lá no ameno prado  
a Mãe Eva a graça perde,  
vestiu-se logo de verde  
em sinal de haver pecado:  
a Dama nos há mostrado  
no verde a sua caída;  
se Eva de puro sentida  
logo de verde se enluta,  
esta, que provou a fruta,  
de verde seja vestida.

**JUÍZES DE IGARAÇU**

Se tratam a Deus por tu,  
e chamam a El-Rei por vós



como chamaremos nós  
ao Juiz de Igarapu?  
Tu, e vós, e vós, e tu.

Que me há de suceder nestas montanhas  
Com um Ministro de leis tão pouco visto,  
Como previsto em trapas, e maranhas?

**AO DESEMBARGADOR DIONÍSIO DE ÁVILA VARREIRO OUVIDOR GERAL DO  
CÍVEL DESTE ESTADO DO BRASIL INDO À PORTO SEGURO PRENDER TRINTA E  
SETE FACINOROSOS QUE ANDAVAM ROUBANDO, E MATANDO NAQUELA  
POVOAÇÃO, SOMENTE COM CINQUENTA SOLDADOS DESTA PRAÇA E ALGUNS  
ÍNDIOS, LÁ AGREGOU AÇÃO QUE SEM O FAVOR DIVINO NÃO PUDERA  
CONSEGUIR ESFORÇO HUMANO**

Herói Númen, Herói soberano,  
Cujo esforço, e conceito peregrino  
Transcende os termos do limite humano,  
E quase logra foros de divino:  
Ouvi, se é, que as grandezas do Oceano  
Cabem neste clarim tão pouco fino,  
Que mais preclara tuba, e voz merece  
Cam. Quem a tamanhas cousas se oferece.

Tu, que abres o cristal da Aônia fonte,  
Ó doce Musa, se até agora ingrata,  
Solta a corrente, porque em verso conte,  
O que só cabe em lâminas de prata:  
Fecunde esse cristal tão duro monte,  
Que se fluido, e belo se desata.  
Eu farei, que se admire no universo  
Cam. Se tão sublime preço cabe em verso.

Sê pródiga comigo, porque vejo,  
Que hei de cantar proezas levantadas,  
E do ouro, que cria o Lago Tejo  
Te farei uns pendentos, e arracadas:  
Põe, Musa amada, fim ao meu desejo,  
E terás para o colo as congeladas  
Lágrimas puras, e no dedo amante  
Cam.Outra pedra mais clara, que diamante.

Nesta do mundo a mais mimosa parte,

Em cujo soberano, e fértil pólo  
Vos reconhece o mundo novo Marte,  
Onde vos representa novo Apolo:  
Inculcando o valor, engenho, e arte  
Inveja dos murmúrios de Pactolo,  
Mostrastes nesta ação, que tudo alcança  
Cam. Em uma mão a pena e noutra a lança.

Para vencer os fortes adversários  
Vibrastes valoroso a dura espada,  
Para prender aspérrimos contrários  
Inculcastes idéia celebrada:  
Valor, e engenho foram necessários,  
Porque soubesse a fama remontada,  
Partistes tão guerreiro, quão fecundo  
Cam. Ameaçando terra, mar, e mundo.

Com insultos, e roubos aleivosos  
Não perdoando vida, casa, ou muro  
Trinta e sete cruéis facinorosos  
Roubam a Povoação Porto Seguro:  
Para castigo destes criminosos  
O fado destinou celeste, e puro  
Esse braço, esse peito, esse conselho  
Cam. Para leais vassallos claro espelho.

Eram tiranos tais, e de tal sorte,  
Que com nenhuma valia o medo, ou rogo,  
Despojavam, feriam, davam morte,  
Os povos assolando a ferro, e fogo  
Qual atrevido rompe o muro forte,  
Qual temerário cerca a casa logo,  
Qual sem mudar cor, gesto, ou semblante  
Cam. Salteia o descuidado caminhante.

Incultas matas nunca penetradas,  
Subterrâneas cavernas, triste seio  
Destes vandidos eram as moradas  
Do maior coração maior recreio:  
Aqui com tiranias desusadas  
Era comum no roubo o bem alheio,  
Deixando os povos, sítio, bens, e gados  
Cam. Mortos, perdidos, e desbaratados.

Esta pública fama, que amedrenta  
A todo coração, a todo peito,  
Do Númen Português o braço alenta,  
Que iguala seu valor ao seu conceito:  
Intrépidos elege a cincuenta  
Bem prevenidos para o grande efeito  
Únicos escolhidos na Bahia  
Cam. Dos belicosos peitos, que em si cria.

Luzidos todos, todos bem armados  
O sítio buscam dos cruéis vandidos:  
Voam as plumas, pendem os traçados,  
E os perros das clavinas dão latidos:  
Lestos vão bacamartes carregados,  
E os peitos mais seguros que luzidos,  
Rijos estoques, carregadas clavas,  
Cam. Partesanas agudas, chuças bravas.

Mais forte, mais bizarro, mais ufano  
O invicto cabo para a empresa parte,  
Por arnês leva o peito do Tebano,  
No talim por espada o mesmo Marte:  
Em uma mão aperta o ferro cano,  
Na outra o freio, e inquirindo à parte  
Todo o valor, que leva por muralha  
Cam. Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

Qual raio, que o trovão tem despendido  
Contra a Nau sobre o túmido alabastro,  
E tendo-a a voraz fogo reduzido  
Em mil pedaços faz o grande mastro:  
Tal se mostrou nas matas o temido  
Contra os inimigos valoroso Astro:  
Prostrando tudo sem temer agouros  
Cam. Com ferro, fogo, setas, e pilouros.

Chegada a belicosa companhia  
Do capitão valente industriada  
Logo correu a fama, em como ia  
E fugiu para o mato a gente irada:  
Não sofrem dilatação os da Bahia  
Intrépidos buscando a emboscada,  
Qualquer na mata salta tão ligeiro

Cam. Que nenhum dizer pode, que é primeiro.

Não val aos criminosos força, manha,  
Golpes, reverses, tiros, e ameaços,  
Mas buscando o seguro da montanha  
Livrando as vidas vão nos próprios passos.  
O Herói com os seus os acompanha,  
Que é mais que humano esforço o de seus braços:  
Bem se vê, porque em caso tão veemente,  
Cam. Mais peleja o favor do céu, que a gente.

Dentro do bosque teatro enfim eleito  
Se trava a briga de uma, e outra parte,  
Quebra-se a espada, e sem romper o peito,  
Que há Deus mais poderoso, que o Deus Marte:  
Zune o pilouro sem fazer efeito,  
Voa a seta, porém a si se parte,  
Que quis Deus despertar no ato presente  
Cam. Com tal milagre os ânimos da gente.

Teme o bando inimigo a resistência  
Da belicosa, e forte companhia,  
Vendo ali com certíssima evidência,  
Que o Céu propício a todos defendia:  
Trata da fuga, deixa a competência  
Última resolução da cobardia:  
O Céu o quis assim: porque se veja,  
Cam. Que quem resiste, contra si peleja.

Fogem cobardes, que é cobarde o vício  
Tratando a cara vida com desprego,  
Qual porventura acha o precipício  
Qual acha dita em se botar ao pego:  
Não tendo já da liberdade indício  
O criminoso bando iníquo, e cego,  
Antes quer a mor risco aventurar-se  
Cam. Que nas mãos inimigas entregar-se.

Nada lhe val que o Cabo diligente  
Futuros antevendo, inopinados,  
Fiado em Deus anima a sua gente  
Talvez com a espada, e tal com os brados:  
Esta é ocasião (diz o valente  
Jurisconsulto aos férvidos soldados)

Que sempre alcançará fama perfeita  
Cam. Quem do oportuno tempo se aproveita.

Isto ouvindo os belígeros guerreiros,  
Bem que a maleza inculta os embaraça,  
Raivosos acometem, quais rafeiros  
Quando armado a novilho veem na praça:  
Rende-se o bando a tais aventureiros,  
Que em duas cordas a um, e outro enlaça:  
Assim o Cabo pôs em dura liga  
Cam. A vil malícia, pérfida, inimiga.

Prende homicida a mão a dura algema,  
Ao pescoço grilhão férreo, e seguro,  
Não porque o Númen seu esforço tema,  
Mas por exemplo ao século futuro:  
Qual temendo o patíbulo blasfema,  
Qual por desesperado está seguro,  
Temendo suas culpas desta sorte  
Cam. Que o menor mal de todos seja a morte.

Enquanto ao ar os gritos atroavam,  
Que os céus, e os corações duros feriam,  
O seu mesmo despojo lhes mostravam,  
Que com dobrada pena alheio viam:  
Pistolas, e espingardas, que atiravam,  
Duros alfanjes, que um arnês abriam,  
Guarnecendo-se tudo, o que se alega,  
Cam. Do metal, que a fortuna a tantos nega.

Enfim permitiu Deus, que tudo ordena,  
Esta ação, tão feliz, tão venturosa  
Sem ferida, estocada alguma ou pena  
Entre gente tão árdua, e belicosa:  
Milagre augusto foi da Mão serena  
Divina em tudo, em tudo poderosa,  
Só um índio dirá com voz sentida  
Cam. Esta perna trouxe eu de lá ferida.

Alegre com a empresa desejosa  
Corta o Cabo a espessura, e busca a via,  
Não faltando da esquadra criminosa  
Algum, que não prendesse neste dia:  
Marcha triunfando a gente belicosa,

Pasmam de ver os Filhos da Bahia  
O sucesso, a prisão, os Rebelados,  
Cam. As armas, e os varões assinalados.

Já divulgava a fama a novidade  
Pela gente em contorno mais distante,  
Porque as ruas pisava da cidade  
O Númen dos vandidos triunfante:  
Por ver o herói brasão da eternidade  
O Povo corre, e muda de semblante:  
Enchem a praça, ruas, e janelas  
Cam. Velhos, e Moços, Damas e Donzelas.

Qual Paulo Emílio, quando entrou por Roma  
Com Perseu preso, e sua fidalguia,  
Sendo o despojo, que recolhe, e toma  
Quatrocentas coroas, que trazia:  
Vós mereceis mais numerosa soma,  
Porque unindo ciência à valentia  
Mereceis as marciais, também as de ouro  
Cam. Do Bacaro, e do sempre verde Louro.

Chega a Palácio, onde é recebido  
Com alegria, amor, e autoridade:  
E depois que o sucesso foi ouvido,  
Pôs o despojo aos pés da Majestade:  
O Governador sábio, e entendido  
De Pedro imagem, vendo a lealdade,  
Valor, prudência, e esforço do sujeito  
Cam. Tais palavras tirou do esperto peito.

Esse despojo, ó Herói sublimado,  
Como de armas te foi, armas te sejam,  
Com teu esforço insigne as tens ganhado,  
No teu escudo eternamente estejam  
Por elas conhecido, e afamado  
Serás entre os Heróis, que mais se invejam,  
Que bem merece ter armas por glória  
Cam. Quem faz obras tão dignas de memória.

Debuxa em bronze, ou metal luzido  
Insígnias tais, escreve este letreiro  
"São as armas do sábio, e do temido  
Dionísio de Ávila Varreiro"

Elas por este nome alto, e subido  
Nome terão em todo o mundo inteiro:  
Tu por elas lugar te tem a idade  
Cam. No templo da suprema eternidade.

Essas armas com estes caracteres  
Pinta no escuro de ouro transparente,  
Porque o mundo conheca, sempre seres  
Por Letras, e por armas excelente:  
Desde a Tétis furiosa e flava Ceres  
Teu nome se eternize permanente  
Levando-o por assunto à doce Clio  
Cam. Desde o trópico ardente ao cinto frio.

Assim disse, e parou, e eu assim faço,  
Suspendendo a corrente à veloz Musa,  
Pois quanto mais dissera, fora a um Traço  
Breve gota das águas de Aretusa:  
Não cabe a larga via em breve passo,  
Dar conceitos a idéia já recusa,  
E prosseguir mais avante fora erro,  
Cam. Ainda que eu tivera a voz de ferro.

### **A MORTE DO MESMO DESEMBARGADOR**

Nasceste em pranto (débito preciso)  
Com riso a vida deixas mui sonoro,  
Por mostrar, se da morte da vida é choro,  
Com mais razão da vida a morte é riso.

Enfim soube gozar o teu juízo  
Da vida mais da morte o melhor foro  
No sentimento, honras, e decoro,  
Nos agrados, costumes, e no siso.

Ó mil vezes ditoso, que lograste  
Da vida mais da morte a melhor sorte,  
E antes que te deixasse, a deixaste.

E por dela triunfar de toda a sorte  
Do nascimento a véspera apressaste,  
Por lograr eterna vida a tua morte.

### **AO MESMO ASSUNTO PÊSAMES**

Esqueça-se o materno sentimento,  
Desterre-se a paterna saudade,  
Que morrer com tal juízo, e cristandade,  
Deve servir de mor contentamento.

Demasiar-se a mágoa, e o tormento  
Ofender é a divina piedade,  
Quando evita com a morte a maldade,  
Destrói um tão bom procedimento.

Por dois dias, que mais viver podia  
Querê-lo exposto ter a tanto dano,  
Não pode ser amor, sim tirania.

Pois neste vosso próprio amor humano  
O alívio pretendeis da companhia,  
Sendo só vosso bem o seu engano.

### **AO MESMO DESEMBARGADOR CASANDO-SE COM A FILHA DO CAPITÃO SEBASTIÃO BARBOZA**

É questão mui antiga, e altercada  
Entre os Letrados, e os Milicianos,  
Sem se haver decidido em tantos anos,  
Qual é mais nobre a pena, se a espada.

Discorrem em matéria tão travada  
Altos entendimentos mais que humanos,  
E julgam ter brasões mais soberanos  
Uns, que Palas togada, outros, que armada.

Esta pois controvérsia tão renhida,  
Tão disputada, quanto duvidosa  
Cessou co desposório, que se ordena.

Uma pena a soltou mui entendida,  
Uma espada a cortou mui valorosa,  
Pois já se dão as mãos espada, e pena.



**AO OUVIDOR GERAL DO CRIME QUE TINHA PREZO O POETA (COMO ACIMA SE DIZ) EMBARCANDO-SE PARA LISBOA**

Lobo cerval, fantasma pecadora,  
alimária cristã, salvage humana,  
Que eras com vara pescador de cana,  
Quando devias ser burro de nora.

Leve-te Berzabu, vai-te em má hora,  
Levanta já daqui fato, e cabana,  
E não pares senão na Trapobana,  
Ou no centro da Líbia abrasadora.

Parta-te um rato, queime-te um corisco  
Na cama estejas tu, sejas na rua,  
Sepultura te deem montes de cisco.

E toda aquela cousa, que for tua  
Corra sempre contigo o mesmo risco,  
Ó salvage cristã, ó besta crua.

**AO DESEMBARGADOR BELCHIOR DA CUNHA BROCHADO VINDO DE SINDICAR, O RIO DE JANEIRO EM OCASIÃO, QUE ESTAVA O POETA PREZO PELO OUVIDOR DO CRIME, PELO FURTO DE UMA NEGRA, SOLTANDO-SE NA MESMA OCASIÃO O LADRÃO**

Senhor Doutor: muito bem-vinda seja  
A esta mofina, e mísera cidade  
Sua justiça agora, e equidade,  
E Letras, com que a todos causa inveja.

Seja muito bem-vindo: porque veja  
O maior desbarate, e iniquidade,  
Que se tem feito em uma, e outra idade  
Desde que há tribunais, e quem os reja.

Que me há de suceder nestas Montanhas  
Com um Ministro em Leis tão pouco visto,  
Como previsto em trampas, e maranhas?

É Ministro de império, mero, e misto,  
Tão Pilatos no corpo, e nas entranhas,

Que solta um Barrabás, e prende um Cristo.

**AO MESMO DESEMBARGADOR PEDE O POETA JOCOSAMENTE UM ESCRAVO SEU ALFAIATE PARA LHE FAZER UMA OBRA**

É este memorial de um afligido,  
Se vos der mais enfado, do que deve,  
Entendei do papel em que o escrevo,  
Que dos trapos se fez do meu vestido.

Estou, há vinte meses, retraído  
Por crime, que a dizer me não atrevo,  
Acutilei por ser já velho, e gevo  
Um vestido, que tinha de comprido.

Com isto está meu Pai muito enfadado,  
E sobre ver-me roto me descose,  
Porque comigo está desesperado.

Eu como um descosido, eu como as doze,  
E como estou sem voz desabrochado,  
Vos peço o Alfaiate, que vos cose.

**AO PROVIDOR DOS AUSENTES, E DA SANTA CASA DO DESOR. PEDRO DE UNHÃO CASTELBRANCO, ACHANDO-SE COM O POETA NO SEU RETIRO DA PRAIA GRANDE**

Aqui chegou o Doutor,  
e basta, que o Doutor diga,  
para que explicar consiga,  
que chegou o Provedor:  
de antinomásia o Senhor,  
o nobre, o esclarecido,  
já têm todos entendido,  
que é aqui o Castelbranco,  
a quem o Céu fez tão branco  
em sangue, como em apelido.

Chegou a estes areais,  
e alegrou-se tanto o monete,  
que num, e noutra horizonte  
se veem trêmulos sinais:

a alegria, que no mais  
vegetável se entendia,  
tanto obrava, tanto urdia,  
em todo o tronco valente,  
que em Letras do sol ardente  
Castelo branco se lia.

O monte escreveu na falda  
"aqui chegou o Doutor"  
com Letras de branca flor  
sobre papel de esmeralda:  
o raio do Sol, que escalda,  
o ar Largo, a folha breve  
tanto o natural reteve,  
que por impulso, ou por rogo  
em vez de raios de fogo  
arrojou campos de neve.

O Sol em seu parto Leito,  
onde morre cada dia.  
se escondeu de cortesia  
talvez, talvez de respeito:  
eu observava em meu peito,  
que a boa conversação  
do nosso Doutor Unhão  
mui alta esfera subia:  
mas não soube, se seria  
de douto, ou de cortesão.

Foi-se levando consigo  
nosso gosto, vida, e agrado,  
ele diz, que vai forçado,  
e eu que por ser inimigo:  
tão bem molesta o amigo,  
quando se ausenta, e se deixa:  
porém será injusta queixa,  
a que eu fizer nesta parte,  
pois quem forçado se parte,  
de inimigo não me deixa.

**AO RETIRAR-SE LHE MANDOU O POETA UM REFRESCO COM ESTAS DÉCIMAS**

Atrevido este criado  
apresenta à companhia  
limitada ninharia  
para tão grande senado:  
isto vai por desenfado,  
e ter, em que se entreter,  
quem saiu a espairecer,  
e não há, que reparar,  
que quem anda pelo mar  
há de ter, em que esmoer.

Quem caminha, ou faz viagem,  
nunca se pode enfadar  
do porto, que vai buscar  
se leva matalotagem:  
e inda que tenha estalagem,  
bem é, que vá prevenido  
do bom presunto cozido,  
paio, queijo, e salchichão,  
porque tudo na ocasião  
serve para o indivíduo.

### **A TRÊS MULATOS QUE POR TIRAREM AS ESPADAS CONTRA UNS DESEMBARGADORES FORAM A ENFORCAR ATANAZADOS, E ESQUARTEJADOS**

Jogaram a espadilha  
três canzarrões co'a Justiça,  
e como o demo as enguiça,  
iam sempre à cascarrilha:  
não achavam na cartilha  
carta de jeito, ou feitio  
para trunfarem com brio,  
ante jogo tão nefando,  
que um quarto de hora jogando  
perderam seis mãos a fio.

Não sendo de perder fartos  
para o seu total destroço  
perdido o dinheiro grosso,  
perderam também os quartos:  
mas depois de azares artos,  
virão os três pescadores,  
que a Justiça destra em flores

em jogando com maraus  
sempre ganha com três paus  
os maiores matadores.

Ao tempo, que os três sentiram,  
que o tal jogo os embarranca,  
todos se viram sem branca,  
mas sem alva não se viram:  
do jogo se despediram  
sentido do espalhafato,  
mas tão nus do esfolo-gato,  
que de pura compaixão  
lhes vestiu a Relação  
uma fralda de barato.

Tanto ali se entristeceram,  
e tanto se trespassaram,  
que a todos nos admiraram,  
quando assim se suspenderam:  
finalmente os três morreram  
uma morte tão veloz,  
que ao veneno mais atroz  
 nenhuns tão presto acabaram,  
como estes, quando cheiraram  
as entrepernas do algoz.

Jogar sobre mesa rasa  
com seis Desembargadores,  
isso não, que aos matadores  
nunca deixam fazer vaza:  
se aos treze escaldou a brasa,  
aos mais sirva de exemplar,  
e quando queiram jogar,  
juguem, mais ao truque não,  
que os três paus da Relação  
sempre é carta de ganhar.

Com becas qualquer joguinho  
sempre é mui prejudicial,  
pois com jogo tal, ou qual  
sempre levam de codilho:  
têm cartas de garrotilho,  
porque têm cartas de agarro,  
e os que imaginam, que é barro

jogar com Ministro inteiro,  
se esperam rodar dinheiro,  
hão de rodar sobre um carro.

Vós, que na cidade vistes  
tantos quartos, e tão artos,  
entendei, que tão maus quartos  
resultam de horas mui tristes:  
e os que de vê-los fugistes,  
crede, que a hora não tarda,  
a quem a má sorte aguarda,  
antes deveis de entender,  
que a toda a casa há de arder,  
a quem seus quartos não guarda.

Alerta Pardos do trato,  
a quem a soberba emborca,  
que pode ser hoje forca,  
o que foi ontem mulato:  
alerta que o aparato  
daquele pendente pé,  
que na parede se vê,  
vos prega com voz sincera,  
que se sois, o que ele era,  
podeis ser, o que ele é.

**PRESOS TRÊS HOMENS DE QUATRO, QUE POR SEU DESENFADO  
COSTUMAVAM TIRAR PEDRADAS AS JANELAS DE PALÁCIO, UM DELES POR SER  
MULATO, SAIU A AÇOITAR PELAS RUAS E OS DOIS FORAM PARA AS GALES.  
ESTA OBRA FEZ O POETA SENDO ESTUDANTE**

Senhores: com que motivo  
vós tentastes a fazer,  
sem castigo algum temer,  
um excesso tão nocivo?  
(disse o Algoz compassivo  
a um dos da carambola,  
quando o leva pela gola)  
e a gente, que ali se pôs,  
via a pé quedo o Algoz  
muitas vezes dar à sola.

Nestas retiradas suas,

que fazia o tal madraço  
sacudia-lhe o espinhaço  
c'um par de soletas cruas:  
dava-lhe nas costas nuas  
palmadas tão bem dispostas,  
que o Mulato co'as mãos postas  
disse dos açoutes dados,  
sendo dos mais os pecados,  
eu somente os levo às costas.

A gente, que isto lhe ouviu,  
por saber do caso atroz,  
pedia muito ao Algoz,  
lho dissesse, e ele se riu:  
finalmente prosseguiu  
a dizer o caso a uns poucos,  
que de pasmo ficam moucos  
a alguns deles quase mudos  
de ver, que quatro sisudos  
tomem ofícios de loucos.

Diz-lhe mais o Algoz pascácio,  
que sem terem nisso medras,  
os quatro atiraram pedras  
as janelas do Palácio:  
e que fazendo agarrácio  
dos três, escapou de um,  
mas cuidando se algum  
dos mais lizeiros ao peso,  
fora, o que escapou de preso,  
mais ligeiro, que nenhum.

Um inocente agarrado  
foi também na travessura,  
sendo que não faz loucura  
moço tão bem inclinado:  
outro será castigado  
pela ousadia sobeja  
e porque este vulgo veja  
(se com ele não se engana)  
fez, com que pela semana  
não fosse o Domingo à Igreja.

Estes outros dous, ou três,

que se agarraram de noite,  
se se escaparam do açoite,  
terão por certo galés:  
Não de sentir o revés  
deste excesso, que fizeram,  
pois eles assim quiseram:  
mas vejo não sentirão,  
se por castigo lhes dão  
ir para donde vieram.

Vós, que do caso adversário  
em seguro vos pusestes,  
porque dos pés vos valestes  
não sejais tão temerário:  
sede nisto imaginário,  
pois tão bem destes à sola,  
que se noutra carambola  
vos meteis co amigo Baco,  
ele às vezes é velhaco,  
dará convosco em Angola.

## **NAMORA-SE DE OUTRA CHAMADA BELETA, OU IZABEL, A QUEM FAZ O SEGUINTE**

### *MOTE*

*Desde que, Isabel, te vi  
tal fiquei, que desde então  
em mim se verá quem não  
sabe já parte de si.*

Jactou-se o meu alvedrio  
de nascer com isenção  
contra a dura escravidão  
de Amor, e seu Senhorio:  
como neste altivo brio  
vivo, desde que nasci,  
agora que me rendi,  
confessa com suma dor,  
que é já vassalo de Amor,  
Desde que, Isabel, te vi.

E como não sei contar-te,



nem posso formar conceito  
qual foi primeiro em meu peito  
se o ver-te, se o adorar-te,  
e sei, que de ver-te, e amar-te  
foi tudo uma ocasião,  
por resolver a questão  
de quando entrei a querer-te,  
digo, que ao tempo de ver-te  
Tal fiquei, que desde então.

Tal fiquei, e tão absorto,  
Quando vi tua beleza,  
que a minha menor fineza  
é amar, a quem me tem morto:  
e como a viver me exorto  
só por lograr a ocasião  
de pensar meu coração,  
tendo-se visto, quem já  
por não penar morrerá,  
em mim se verá, quem não.

Em mim se verá cumprida  
a mor afeição de sorte,  
que porque dure até à morte,  
por padecer guarde a vida:  
afeição jamais ouvida,  
amor não visto até aqui  
ficará, Isabel, de ti,  
mas como enfim to diria,  
quem por nenhum modo, ou via  
Sabe já parte de si.

### **COMO O NÃO QUIS ADMITIR, A DESCOMPÕE NO SEGUINTE SONETO**

Beleta, a vossa perna tão chagada  
Olha poderá ser pelo podrida,  
Mas eu não quero Olha em minha vida  
Podrida pelo mal inficionada.

Estais tão lazarenta, e empestada,  
Tão ética, mirrada, e corcomida,  
Que uma pilhancra vossa bem moída  
Servirá de peçonha refinada.

O que vos gabo é ser presuntuosa  
Em tal camalidade, em tal miséria,  
Como se a podridão fora formosa.

Mas se o acaso vos dói, Dona Lazéria,  
O gume deste verso, ou desta prosa,  
Sabei que o vosso humor deu a matéria.

**ACONTECEU QUE FALANDO ESTA IZABEL COM UM SERTANEJO, FOI POR ELE  
ACHADA COM ALEXANDRE DE SOUZA MARQUES, RAPAZ, DE QUEM O POETA  
SE ENFURECIA ZELOSO, E DESCREVE, A CARREIRA, QUE O SERTANEJO LHE DEU**

Colheu-vos na esparrela  
o Tabaréu inimigo,  
vós queríeis o postigo,  
e tomastes a janela:  
Beleta de sentinela  
vendo-vos dentro da praça  
deu um tiro, e à fumaça  
acudiu logo o Tenente,  
fugistes, que o mais valente  
nas mãos do inimigo embaça.

Como do postigo a malha  
ocupou logo o Tenente,  
vós em risco tão urgente  
saltastes pela muralha:  
se caísseis sobre a palha,  
livráreis com menos perda,  
mas como Beleta é esquerda,  
e o laço vos pôs no chão,  
não caístes na traição,  
porém caístes na merda.

As mãos pusestes no chão,  
e sentindo a terra branda,  
da brandura, que tresanda,  
tivestes má presunção:  
e assim discorrendo então,  
se aquela papa-moleta  
era favor, ou era treta,  
por informes do nariz

soubestes mais de raiz,  
que era caca de Beleta.

Então mais precipitado  
fostes fugindo ao perigo,  
menos do ferro inimigo,  
que de Beleta ao ferrado:  
deixando o mato roçado,  
e a poia menos pomposa  
vos pondes em polvorosa,  
que é menos para temido  
qualquer zeloso ofendido,  
que uma Puta cagajosa.

Não me espanto não da perda  
que então teve o tal vinagre,  
porque como o Moço é bagre  
se havia de ir logo à merda:  
espanta-me que tão lerda  
fosse uma Puta velhaca,  
pois não lhe dando uma ataca  
ele, e sendo ela mesquinha,  
lhe sofresse a passarinha,  
que ele lhe rapasse a caca.

Tanto Beleta se ria,  
que me dizem, que afirmara,  
que a caca de então ficara  
açúcar de Alexandria:  
eu não sei, porque o dizia,  
só sei, que aqui se contou,  
que porque a merda pisou  
um Alexandre, a velhaca  
dissera, que a sua caca  
Alexandria ficou.

Como estranha a má pessoa,  
que o seu segredo não dura,  
se dorme com tô forçura,  
que todo o lanço apregoa?  
que esperava a Tabaroa  
de um inocente sendeiro  
raso de barba, e dinheiro?  
que esperava esta velhaca?

que ele se borre de cacá,  
e ela lhe alimpe o cueiro.

Beleta é olha podrida,  
de que Deus livre meu odre,  
e se é ardida, como é podre,  
não vi puta mais ardida:  
está de sarna manida,  
e anda gafa de coceira,  
a cara é uma caveira,  
a carne pilha morrinha,  
e porque é puta ratinha,  
mora em uma ratoeira.

Beleta, como passais  
nesta troca tão bizarra:  
eu vos dou pela bandarra,  
vós por bandarra me dais:  
se vós de mim vos queixais,  
eu também de vós me queixo,  
e pondo a cousa em seu eixo,  
a mim por razão me vem,  
pois me deixais por ninguém,  
como eu por alguém vos deixo.

Vós por um Dom Tabaréu  
deixais um Doutor em Leis,  
eu deixo, como sabeis,  
um bagre por um xaréu:  
vós me quitais o chapéu  
com infame ingratidão,  
eu não fui ingrato não,  
e quem troca odre por odre,  
um deles há de ser podre,  
e o meu nesta troca é são.

### **QUEIXAVA-SE IZABEL DO POETA, ELE A SATISFAZ CAVILOSAMENTE NESTE ROMANCE**

Beleta, eu zombeteava,  
que nunca falei de veras  
satirizando as amigas,  
senão contando finezas.

Vós não dormis co Alexandre,  
nem o rapaz tal intenta,  
nem da janela saltou,  
nem foi passado por merda.  
Tudo é embustes de moços,  
tudo são contos de velhas,  
e se o sítio o diz assim,  
mente o sítio, e toda a terra.  
Mas quem ao Amor tirara,  
que mil ciúmes conceba  
da mais pequena mentira,  
e da mais leve suspeita.  
Eu ouvia, e escutava,  
e passava estas misérias  
de manhã pelos ouvidos,  
de tarde pelas orelhas.  
Entendi, que assim seria,  
imaginei, que assim era,  
que a um amor de bom gosto  
sempre acompanha má estrela.  
Senti a minha fortuna,  
queixei-me da vossa ofensa:  
quem com finezas ofende,  
como agradará com queixas?  
Muger lora, y vencerás,  
dizia a doutor Poeta,  
vós chorastes, e vencestes,  
e eu choro, por quem me vença.  
Estais tão justificada  
no juízo das suspeitas,  
que Amor vos absolve já,  
se lhe prometeis emenda.  
Retirai-vos de rapazes,  
que é gente, que se conversa,  
é força, que infama a casa,  
pelas cócegas, que deixa.  
Enxugai, Beleta, o pranto,  
em riso se torne a queixa,  
comei cajú, e voltaí,  
que a minha fruta está certa.

## LETRADOS

Porque com quatro ditinhos,  
De conceitos estudados,  
Não podem ser graduados  
Em as ciências.

que hajam poetas ocultos  
na sombra da poesia  
fugindo da Luz do dia,  
e que estes se chamem cultos!

no hábito de cacoetes,  
que tem o meu amo entre asnetes  
de falar agongorado.  
(o cavalo de Pedralvez)

### **CONTRA OUTROS SATIRIZADOS DE VÁRIAS PENAS QUE O ATRIBUÍRAM AO POETA, NEGANDO-LHE A CAPACIDADE DE LOUVAR**

Saiu a sátira má,  
e empurraram-me os perversos  
que nisto de fazer versos  
eu só tenho jeito cá:  
noutras obras de talento  
eu sou só o asneirão,  
em sendo sátira, então  
eu só tenho entendimento.

Acabou-se a Sé, e envolto  
na obra o Sete Carreiras  
enfermou de caganeiras,  
e fez muito verso solto:  
tu, que o Poeta motejas,  
sabe, que andou acertado  
que pôr na obra louvado  
é costume das Igrejas.

Correm-se muitos carneiros  
na festa das Onze mil,  
e eu com notável artil  
não vou ver os cavaleiros:  
não vou ver, e não se espantem,  
que algum testemunho temo,  
sou velho, pelo que gemo,

não quero, que mo levantem.

Querem-me aqui todos mal,  
mas eu quero mal a todos,  
eles, e eu por nossos modos  
nos pagamos tal por qual:  
e querendo eu mal a quantos  
me têm ódio tão veemente  
o meu ódio é mais valente,  
pois sou só, e eles são tantos.

Algum amigo, que tenho,  
(se é, que tenho algum amigo)  
me aconselha, que, o que digo,  
o cale com todo o empenho:  
este me diz, diz-me estoutro,  
que me não fie daquele,  
que farei, se me diz dele,  
que me não fie aqueloutro.

O Prelado com bons modos  
visitou toda a cidade,  
é cortesão na verdade,  
pois nos visitou a todos:  
visitou a pura escrita  
o Povo, e seus comarcãos,  
e os réus de mui cortesãos  
hão de pagar a visita.

A Cidade me provoca  
com virtudes tão comuas:  
há tantas cruces nas ruas,  
quantas eu faço na boca:  
os diabos a seu centro  
foi cada um por seu cabo,  
nas ruas não há um diabo,  
há os das portas a dentro.

As damas de toda a cor  
como tão pobre me veem,  
as mais lástima me têm,  
as menos me têm amor:  
o que me tem admirado  
é, fecharam-me o poleiro

logo acabado o dinheiro,  
deviam ter-mo contado.

### **A UM IGNORANTE POETA, QUE POR SUAS LHE MOSTROU UMAS DÉCIMAS DE ANTONIO DA FONSECA SOARES**

Protótipo gentil do Deus muchacho,  
poeta singular o mais machucho,  
Que no mais levantado do Cartucho  
Quis trazer o Pegaso por penacho.

Triunfante ao Parnaso entrou gavacho  
Com décimas do métrico Capucho;  
Se são suas merece um bom cachucho,  
Que por boas conseguem bom despacho.

Mas o Sol, que na Aurora do desfecho  
Os párpados abrindo vos viu micho,  
Por ser vosso talento de relexo

Logo disse não éreis vós o bicho,  
Que vos sente nas ancas este sexo,  
Que vos limpe essas barbas c'um rabicho.

### **DESCREVE A VIDA ESCOLÁSTICA**

Mancebo sem dinheiro, bom barrete,  
Medíocre o vestido, bom sapato,  
Meias velhas, calção de esfola-gato,  
Cabelo penteado, bom topete.

Presumir de dançar, cantar falsete,  
Jogo de fidalguia, bom barato,  
Tirar falsíδια ao Moço do seu trato,  
Furtar a carne à ama, que promete.

A putinha aldeã achada em feira,  
Eterno murmurar de alheias famas,  
Soneto infame, sátira elegante.

Cartinhas de trocado para a Freira,



Comer boi, ser Quixote com as Damas,  
Pouco estudo, isto é ser estudante.

### **AO MESMO ASSUNTO**

Devem de ter-me aqui por um Orate  
Nascido lá na gema do Lubeque,  
Ou por filho de algum triste Alfaqueque  
Daqueles, que trabucarn lá em Ternate.

Porque um me dá a glosar um desparate,  
E quer, que se lhe imprima com crasbeque;  
Outro vem entonando como um Xeque,  
E fala pela língua de um mascate.

Anda aqui a poesia a todo o trote,  
E de mim corre já como um lambique  
Não sendo eu destilador brichote.

Outro vem, que casou em Moçambique,  
E vive co'a razão de vinho, e brote,  
Que o Sogro deu, e o Clérigo Cacique.

### **A UM FULANO DA SILVA EXCELENTE CANTOR, OU POETA**

Tomas a Lira, Orfeu divino, ta,  
A lira larga de vencido, que  
Canoros pasmos te prevejo, se  
Cadências deste Apolo ouviras cá.

Vivas as pedras nessas brenhas lá  
Mover fizeste, mas que é nada vê:  
porque este Apolo em contrapondo o ré,  
Deixa em teu canto dissonante o fá.

Bem podes, Orfeu, já por nada dar  
A Lira, que nos astros se te pôs  
Porque não tinha entre os dous Pólos par.

Pois o Silva Arião da nossa foz  
Dessas sereias músicas do mar  
Suspende os cantos, e emudece a voz.

**MANDANDO GONÇALO SOARES DA FRANCA SENDO AINDA ESTUDANTE PEDIR AO POETA UM LIVRO INTITULADO *REPUBLICA GENTÍLICA EM OCASIÃO*, QUE AMBOS ESTAVAM DESFAVORECIDOS DE SUAS DAMAS, O POETA LHO MANDOU COM ESTA DÉCIMA**

Na República, Senhor,  
de antigas gentilidades  
achareis as Divindades  
compadecidas do amor;  
com que podereis melhor  
desse mal, que padeceis  
ter dó de mim, pois sabeis,  
(que por meu mal, já se vê)  
restaurar as leis da fé,  
destruir do Amor as leis.

**RESPOSTA QUE MANDOU AO POETA GONÇALO SOARES DA FRANCA DE REPENTE E PELOS MESMOS CONSOANTES**

Na república, Senhor,  
não dessas gentilidades,  
mas de vossas divindades,  
trunfará o vosso amor:  
com que então vereis melhor  
no temor, que padeceis,  
o quanto vencer sabeis,  
que muitas vezes se vê  
dos erros da lei da fé,  
apurar do amor as leis.

**A ESTA DÉCIMA RESPONDEU O POETA COM ESTE SONETO**

De repente, e c'os mesmos consoantes  
Não o fazem Poetas negligentes,  
Um Apolo o fará Mestre das gentes,  
E vós, Gonçalo, Sol dos Estudantes.

A princípios tão raros, e elegantes  
As Musas já se prostram reverentes,  
Querendo duplicar-vos muitas frentes,  
Porque um laurel não são lauréis bastantes

Canta pois, doce espírito engenhoso,  
Nunca a Lira deponhas, nem suspendas,  
Porque das nove o coro soberano

Se põem no Sacro Monte deleitoso  
Umas, porque Mecenas as acendas,  
Outras, porque as emendes Mantuano.

**AO DOUTOR ANTONIO RODRIGUES DA COSTA CAVALHEIRO DO HABITO  
CRISTO, CHEGANDO DE PORTUGAL COM UM VESTIDO VERDE, E CANHÕES DE  
VELUDO, O QUAL SE FEZ ABORRECIDO DO POETA POR MAU LETRADO, E  
JURISTA INTRUSO**

Quem vos viu na terra entrar  
com libréia de Lacaio  
verde cor de papagaio,  
que há de vos esperar?  
haveis de papagaiar,  
e fazer tal garalhada,  
que fique a gente pasmada  
com raiva, e sem paciência  
vendo a Casa da audiência  
reduzida em milharada.

As mangas veludo inteiro,  
e a roupeta verde pano  
é libréia em todo o ano  
da grande casa de Aveiro:  
Vós sois tão vil malhadeiro,  
que não pode a minha idéia  
presumir, que tão má preia  
serviu tão alto solar,  
salvo vós por vos honrar  
lhe furtastes a Libréia.

Bem é verdade constante,  
que éreis na praça, e na feira  
um prólogo do Fronteira,  
pois lhe íeis sempre diante:  
que essa Libréia flamante  
fez ele para uma tropa  
de Lacaios fraca roupa

em uns touros como uns ouros,  
e por seres contra os touros,  
vos lançou de si Europa.

Daqui a gente malvada  
vendo-vos na cara um zás,  
não cuida, que foi gilvaz,  
mas cuida, que foi cornada:  
vós fostes na Lacaçada,  
quando o Marquês à espanhola  
quantos touros vê, degola,  
e bem que andastes na praça,  
suposto que sois caraça,  
contudo não sois carola.

E como o parto suposto  
é delito atroz, e grave,  
tendes na cara esse cabe  
por lacaio pressuposto:  
dá-me grandíssimo gosto  
ver-vos ir peão peão  
co'a capa arrastando o chão,  
pois a crer, que sois me arrisco  
na cinza de São Francisco  
São Ivo da procissão.

A ver-vos com sobrecéu  
fôreis em retrato fiel  
Rainha Santa Isabel  
sem rosas, mas com chapéu:  
ganhais por isso o troféu  
aos advogados, porquanto  
a todos excedeis tanto,  
que ainda dos condenados  
os demais são advogados,  
contudo vós sois o Santo.

Só vós sabeis, quanto a mim,  
os prelúdios, que fazeis,  
Casus est iste, dizeis,  
reverente: é grão Latim!  
dissera um vilão ruim  
tirado ant'onte das cabras  
tais latins, nem tais palavras?

vá lavar-se ao mar Euxino  
o latim do Calepino,  
e o do Padre Manuel Abrás.

Ó lacaio alatinado,  
ó macarrônico ilustre,  
ó Jurista balaústre  
ao machado torneado!  
pois sois tão grande Letrado,  
vede, que dizem doutores,  
que os Rábulas ladradores  
por isso cães se chamavam,  
porque aos ouvidos ladravam  
dos míseros pleiteadores.

Cuidais, caraça de broma,  
que as Leis dos Imperadores  
se hão de levar a clamores,  
como a espada as de Mafoma?  
se a língua vos dá, que coma,  
pode dar-vos, que jejue,  
e bem que a pança se atue  
com gritos, pode a Bahia  
acordar sisuda um dia,  
e é força descontinue.

Com homens, que têm por pulha  
tomar-vos por seu Lacaio,  
nem heis de ser papagaio,  
nem menos heis de ser grulha:  
navegai por outra agulha,  
e atai melhor vossos molhos,  
porque em chegando aos abrolhos  
a ressaca muita, ou pouca,  
se não tapares a boca,  
há de fechar-vos os olhos.

**AO MESMO LETRADO QUE HAVENDO ARTICULADO CONTRA UMA PARTE EM  
TOTAL PREJUÍZO DE UMA HERANÇA, ESTA UMA NOITE LHE METEU NA CABEÇA  
UMA PANELA DE MERDA, DIZENDO, QUE ERAM CAMARÕES O POETA LHE  
CHAMA AQUI GILVAZ, PORQUE TINHA UMA CUTILADA NA CARA**

Estava o Doutor Gilvaz  
à margem da livraria,  
cuidando, no que faria,  
e estudando, o que não faz:  
quando uma parte sagaz  
lhe entrou com certas questões,  
e ao pagar-lhe das razões  
lhe transformou no bofete  
a panela em capacete,  
e em câmara os camarões.

Uns camarões em panela  
era o mimo, e o presente,  
que aquela parte insolente  
levava ao Doutor cabrela:  
ele arremessou-se a ela,  
mas mostrou-lhe o seu pecado,  
que do ofício de advogado,  
em que estriba o seu sustento,  
era aquele um provimento  
pela Câmara passado.

Porque da Câmara era,  
diz a Parte, que o levara,  
que reverente o beijara,  
e na cabeça o pusera:  
que a panela se escorrera,  
e da cara mascarada  
saíra tal enxurrada,  
que o Doutor nesta ocasião  
não cegou de privação,  
ficou cego de privada.

Deste sucesso infeliz  
logo, e a todo o correr  
teve notícia a Mulher  
por avisos do nariz:  
e posto que ver não quis  
tal cara com tal salmoura,  
viu na cabeleira cara,  
que a afeia, e a desdoura,  
que adequada a tornara  
mais suja, porém mais loura.

Por evitar maior perda,  
água água pediu logo,  
senão para tanto fogo,  
água para tanta merda:  
lavou-lhe cabelo, e cerda,  
lavou-lhe roupa, e vestido,  
e como o tinha sentido,  
disse medrosa, a velhaca,  
vede vós toda esta caca,  
não me cheira bem, Marido.

E porque mais água pede,  
ela lhe disse, isto basta,  
porque esta merda é de casta,  
que se a mais bolem, mais fede:  
ide para a rua, e vede  
a razão, com que vos move,  
na história fazei-vos novo,  
mostrai-vos leve na perda,  
porque esta merda foi merda,  
de que gostou todo o povo.

A Parte andou temerária,  
e com sobeja ousadia,  
não faria valentia,  
mas fez causa necessária:  
vós como grande alimária  
no pleito lhe dareis perda,  
pois um artigo a deserda,  
e ela já pode afirmar,  
que me inventou deserdar  
pela mesma boca merda.

Que era de engenho notório  
dá grandíssima suspeita,  
pois deixa câmara feita,  
o que foi sempre escritório:  
mudai logo o consistório  
como Letrado de Lampa,  
que já hoje o júizo escampa;  
mas diz a gente travessa,  
que vós fazíeis-lhe a peça,  
mas ele amou-vos a trampa.

Quem pôs tal merda em tal capa,  
tenho por ponto assentado,  
que morrerá excomungado,  
se não recorrer ao Papa:  
vós sois Fidalgo de chapa  
desde o Brasil até Europa,  
pois quando a merda vos topa,  
tanto fedeis, que ao nariz  
do Moço da Câmara ides  
a Moço de guarda-roupa.

Se vos não houve respeito  
(que é cousa, em que se repara)  
nem à cruz da vossa cara,  
nem à cruz, que está no peito:  
o que presumo, e suspeito,  
é, que nunca está seguro  
de tanto cabungo impuro  
cruzeiro em monturo alçado,  
com que o vosso está cagado  
por cruz posta em um monturo.

A Parte não andou lerda  
em vir com panela cheia,  
porque a mim me coube meia  
panela com meia merda:  
não quis a fortuna esquerda,  
que mos dê tão má maré  
desigualar-nos, mais que  
no sentimento, e respeito,  
pois vós tomaste-la a peito,  
porém eu dei-lhe c'o pé.

Não temais, que a Parte lusa,  
porque leva a mão ganhada,  
que se ela fez panelada,  
nós faremos garatusa:  
ela deu assunto à Musa,  
que já dormia, e roncava,  
pois quando agora acordava,  
viu, que pelo triste caso  
'té a fonte do Parnaso  
com tanta merda inundava.



**AO MESMO LETRADO MORDENDO, E ABOCANHANDO AS LETRAS DO POETA; E  
ELE LHE AMEAÇA SEUS ATREVIMENTOS**

Vós não quereis, Cutilada,  
tomar emenda, e calar,  
morrendo andais por levar  
outra na outra queixada:  
quereis a cara cruzada,  
gilvazada a não quereis,  
pois tudo conseguireis,  
e se a vossa fé vos salva,  
no calvário dessa calva  
três cruces postas vereis.

Na capinha, ou no capuz,  
tendes a cruz de cristão,  
na cara a do mau ladrão,  
e inda vos falta outra cruz:  
eu vos juro por Jesus,  
que por fazer o ternário  
por modo extraordinário  
à outra vos hei de pôr,  
porque do monte Tabor  
vades ao monte Calvário.

Ao Pretório ireis levado,  
onde a gatinha vulgar  
crucifige há de clamar,  
e heis de sair condenado:  
um negro Simão chamado  
será o vosso Cireneu,  
e na fôrma do chapéu  
um pau vos há de encaixar,  
e então vos hão de jogar  
o adivinha, quem te deu.

Ireis entre dous Teatinos  
vendo o vosso enterramento,  
tendo o maior desalento  
na cantiga dos Meninos:  
que piedosos, e benignos  
ora por ele dirão,  
e vós nesta ocasião

revirando os bugalhitos,  
os Padres serão mosquitos,  
e o mais povo confusão.

Irá o porteiro diante  
pelo seu papel cantando,  
e dirá de quando em quando  
justiça a este Bargante:  
manda El-Rei, que num instante  
se lhe tire fala, e vista,  
e se lhe faça com vista;  
justiça, que manda El-Rei  
fazer a um homem sem lei,  
por se meter a legista.

Não heis de então requerer,  
e muito menos gritar,  
pois por gritos de advogar  
ide-vos a padecer:  
deitar pleitos a perder  
a puros gritos e zurros  
botar na terra sussurros,  
de que sois grande Doutor  
na forca vos hão de pôr  
a vós, mais a vossos burros

### **A CERTO LETRADO QUE SENDO HOMEM DE NAÇÃO AFETAVA JACOBICES CORRENDO A VIA SACRA COM OS BRAÇOS ABERTOS**

Deixe, Senhor Beato, a Beati-,  
Que se é via do Céu a via sa-  
Ninguém o quer já crer nesta cidá-  
Porque é você da casta Israeli-.

Quando devoto corre a sacra vi-  
E a cada pé de cruz estende os bra-  
Parece um entremez da Lei da gra-  
Que a toda a cristandade causa ri-  
Deixe-se disso, e trate do escritó-  
Que esse lhe dá de render o pão da me-,  
E o céu também, se com bom zelo advó-.

Mas se quer, que por Santo o reconhê-

E na paixão de Deus faz o graciô-,  
Embolsará as risadas da comé-.

### **A CERTO LETRADO FULANO COELHO, CASANDO-SE COM UMA MOÇA, QUE SE DIZIA SER TAL COMO PUBLICA A MESMA SÁTIRA**

Este, que de Nise conto,  
ouçam, que é bem raro caso,  
pois dizem, calça seu vaso  
(com ser tão grande) um só ponto:  
casou com Fábio, que é tonto,  
e eu folgo por vida minha,  
porque é cousa bem sabida  
que andavam com grão cuidado  
o Moço por ela assado,  
e ela por ele cozida.

Por dar alívio a seu peito  
no mar de amor, lhe convinha  
a Fábio passar a linha,  
porém não passar o estreito:  
mas não haverá conceito,  
que repare a Fábio amante,  
pois hoje a vela constante  
(quando em deleites se arrulha)  
o rumo serve de agulha  
como astuto navegante.

Mais direito do que um fuso  
Fábio com manha seleta  
no vaso por linha reta  
lhe encaixou o membro obtuso:  
mas de dizer não me escuso,  
que nisto tinha interesse,  
pois caso estranho parece,  
e coisa rara que Fábio  
sendo Astrólogo tão sábio  
o Virgo não conhecesse.

Andou prudente, e alentado  
nesta empresa, a que aspirava  
pois de Nise o vaso estava  
com linhas fortificado:

avançou-o denodado,  
donde claramente infiro  
(não cuide alguém, que isto é conto)  
que a Moça lhe pôs o ponto?  
para ele fazer o tiro.

Em casar com Nise bela  
nada Fábio se desonra,  
que nisto de pontos d'honra  
ninguém sabe mais do que ela:  
e assim com gentil cautela  
que ambos ganharam (suspeito),  
a vida num mesmo efeito,  
sem que pareça tolice,  
com os pontos de honra Nice,  
Fábio com os de direito.  
Se Fábio ocioso alguma hora  
de Nise, por ser sandeu  
as linhas tristes torceu  
alegre as destorce agora:  
embainhe o membro embora  
no vaso, pois nisto acerta;  
mas é bom, que esteja alerta,  
não se fira nesta bulha  
porque bainha de agulha  
é força, que esteja aberta.

Bem é, liberal se ostente  
em casar-se Nise bela,  
dando-se aos mais donzela  
pois dando-se a muitos ela  
hoje um recebe somente:  
ter-me-ão por maldizente,  
mas não tenho a culpa eu,  
que sou mui cativo seu:  
a verdade aqui só conto,  
sem lhe acrescentar um ponto  
dos que ela no vaso deu.

#### **AO MESMO ASSUNTO E AOS MESMOS SUJEITOS SUCEDENDO-LHE O QUE DIZ**

Casou-se nesta terra esta, e aquele,  
Aquele um gozo filho de cadela,

Esta uma donzelíssima donzela,  
Que muito antes do parto o sabia ele.

Casaram por unir pele com pele,  
E tanto se uniram, que ele com ela  
Com seu mau parecer ganha para ela,  
Com seu bom parecer ganha para ele.

Deram-lhe em dote muitos mil cruzados  
Excelentes alfaias, bons adornos,  
De que estão os seus quartos bem ornados:

Por sinal, que na porta, e seus contornos  
Um dia amanheceram bem contados  
Três bacios de merda, e dous de cornos.

#### **AO MESMO LETRADO METIDO EM AMIZADES COM O PE. DAMASO, A QUEM PRATICAVA OS TEMPOS DA VOCÁCIA, SATIRIZA O POETA A AMBOS**

Deu agora o Frisão em requerente  
Fiado ern seu saber, e boas artes.  
Será por essa via homem de partes,  
E irá (se for à queima) por agente.

Má hora, que vá ele por paciente,  
Sendo agente de tantos Durandartes,  
Que atacando-lhe o Ventre a puros fartes,  
Come-os ele, mas não lhe põe o dente.

Neste ofício se val da companhia  
De um moderno, que em vez de pêlo Louro  
Penteia as tranças da carnesceria.

Doutor com borla de osso? mau agouro:  
Adonde pode achar-se? Na Bahia,  
Que de um manso *Coelho* faz um touro.

#### **A MANUEL RUIZ DE FIGUEIREDO, QUE SENDO REQUERENTE SE PÔS COM PRESUNÇÕES DE LETRADO, A QUEM CONCORRIA GRANDE PARTE DOS PLEITEANTES**

Letrado, que cachimbais,  
quando estudaís nos Jasões  
e assentaís as conclusões  
com as letras garrafais:  
grande riso me causais,  
quando no vosso cetal  
daís audiência geral,  
e as Partes aconselhando,  
todas ides defumando  
porque tornem ao pombal.

Vós graduado a borrões  
em uma universidade  
que fundou nesta cidade  
o braço dos asneirões:  
fazeis tais alegações  
nas lides, causas, e pleitos,  
que vos dão alguns sujeitos,  
que afirmam letrados velhos  
fedem os vossos conselhos  
tanto, como vossos feitos.  
O que me vira o miolo  
é o gabão, que trazeis,  
que um Bártolo pareceis,  
não sendo senão Bartolo:  
comeis a queijada, e o bolo  
desde a Baía ao Cairu;  
eu vos peço, meu Mandu,  
que se usais das vossas artes,  
comendo das vossas partes,  
que a primeira seja o cu.

Não vos culpo, asno barbado,  
senão a esta simples gente,  
que de um tão mau requerente  
quer formar um bom letrado:  
vós pondeis todo o cuidado  
em manter a vida cara,  
e assim eu vos não culpara,  
senão ao néscio, que quer  
comprar-vos o parecer,  
tendo vós tão torpe cara.

Irmão, não vos acelere  
querer subir de repente,  
que o cargo de requerente  
vosso talento o requiere:  
assim o céu vos prospere,  
que da vocacia honrada  
torneis à vida passada,  
que quem se entrega aos Jasões  
comer pode os camarões  
que comeu o Cutilada.

Não é o advogar de nós,  
Santos são, os advogados,  
dai ao demo os maus letrados,  
e o primeiro sejais vós:  
bem vistes o caso atroz,  
que depois de Ave-Marias  
sucedeu, há quatro dias,  
ardendo os vossos papéis,  
porque vós, e eles ardeis  
pelas vossas heresias.

#### **AO TABELIÃO MANUEL MARQUES TENDO SIDO ESPADEIRO HAVIA POUCO**

Há cousa, como ver o Sô Mandu  
Mui prezado de ser Tabelião  
Na Ilha descendente de um vilão,  
E cá feito um Monarca do Pegu.  
Aspecto reverendo, feio, e cru  
Trombeteiro de sua geração,  
E encaixando o barrete, e seu roupão  
Representa um fatal Jacó Baru.  
Que ignore este enfim seu nascimento,  
Como o faz no Brasil qualquer Brichote,  
Vade em paz, porque imita mais de cento:  
Mas que sendo inda há pouco espadeirote,  
Queira ser como Bruto grão talento;  
Será: que manhas tem de Dom Quixote.

#### **A OUTRO REQUERENTE DA MESMA CIÊNCIA E DA MESMA PRESUNÇÃO, MAS INFAMADO DE CRISTÃO NOVO E DE MULATO CHAMADO PEDRO DE TAL**

Ó Galileu Requerente,  
Macabeu solicitante,  
quem vos deu tamanho guante,  
tendo-vos de gozo o dente?  
Se me dais cá por agente,  
sois homens de tantas partes,  
que me ganhais estandartes:  
eu zombo de vossos pleitos,  
porque são vossos direitos  
de Pedro de malas artes.

Latis, e cuidais, que eu morro  
de ouvir o vosso latir,  
e eu zombo de vê-lo ouvir,  
porque quem late, é cachorro:  
vós latis, e eu me desforro  
dando-vos estas pedradas,  
que quando um cão nas estradas  
late ao manso caminheiro,  
assentando-lhe o cacheiro  
deixa as partes sossegadas.

Guardais-vos Israelita,  
que se me chega a mostarda,  
talvez, que a casa vos arda,  
porque é casa de mesquita:  
se à força da jeribita  
tendes a idéia turbada,  
com que vos não dais de nada,  
vede, que a minha Camena  
como vos corta co'a pena  
vos pode cortar co'a espada.

Dizem, que um Hebreu vos fez  
entre o Porto, e entre Judá,  
por isso não falais cá  
nem hebreu, nem português:  
temo, que caiais de vez  
neste, ou noutro qualquer porto,  
porque culpado no Horto,  
e do Egito no desterro,  
não me podeis pegar, Perro,  
como eu a vós, Perro morto.



Quem vos meteu, canzarrão,  
co demo, que vos atixa,  
a ser membro da justiça,  
se não sois membro cristão?  
corre de vós opinião,  
que bem pouco vos aflige,  
que o mais a que se dirige  
o vosso negro saber,  
é somente o requerer  
crucifige, crucifige.

Dirigi pois os sapatos  
caminho da terra Santa,  
onde heis de fincar a planta  
no Pretório de Pilatos:  
Lá tão sacrílegos tratos,  
como em pretório fiel  
fareis, Escriba cruel,  
porque vejais entre os cães,  
que há na Bahia escrivães,  
e Escribas em Israel.

**A OUTRO REQUERENTE APELIDADO O PERALVILHO, QUE COSTUMAVA  
VENDER AS CAUSAS, E FURTOU AO POETA UM CAVALO SELADO**

Peralvilho: o Peralvilho  
pudera de vos tomar  
lições de peralvilhar,  
para ser reperalvilho:  
vós sereis muito bom filho,  
como eu entendo em rigor,  
mas sois mau procurador,  
porque aqui para entre nós,  
em procurar para vós  
sois contra procurador.

Procurastes ao traidor,  
e eu fiquei desenganado,  
que fostes já procurado  
para mau procurador;  
lá entregou ao Senhor  
um Judas Escariote,  
vós, Peralvilho Quixote,

entregastes como acinte  
ao vosso constituinte  
como a simples sacerdote.

Judas vendeu por dinheiro  
a seu Mestre, a seu Rabi,  
a vós nem maravedi  
vos rendeu ser mau vendeiro:  
Judas teve o paradeiro  
da sua dor, e fadiga  
numa figueira inimiga,  
e vós de puro coitado  
para seres enforcado,  
nem figueira achais, nem figa.

As custas me heis de pagar  
em ser tido por velhaco,  
e por velhaco, e por caco  
vos hei de os cacos quebrar:  
caco não há de ficar  
no vosso casebre inteiro  
e por velhaco embusteiro  
a vossa casa velhaca  
terão por caco de caca,  
e a vós por caco, e caqueiro.

Sois um simples, e um coitado,  
e a mim nada me acobarda,  
pois furtando-me uma albarda  
vós ficastes o albardado:  
ficai agora ensinado  
a andar pelo barbicacho,  
com focinho triste, e baixo,  
vendo, que como ruim  
me furtastes um rocim  
para cair dele abaixo.

Por traidor, e por falsário  
a sentença vos condena,  
e para dar-vos a pena,  
foi curto o vocabulário:  
esgotou-se o Calendário  
das nossas execuções,  
e por encurtar razões

temi, que no caso atroz  
cheirasses ao duro algoz  
os fundilhos dos calções.

### **MARIANA, APELIDADA A ROLA**

*Foi Dama, em quem admirou esta cidade uma prodigiosa transmutação: porque sendo em suma pobreza pouco parecida, aconteceu, que pedindo UMA esmola a Tomás Patrício mercador Inglês chamado Mazulo, por ter um esquipático nariz, se namorou dela de tal sorte, que despendeu com ela grosso cabedal, trajando ricas, e custosas galas, e assim se fez admiravelmente formosa. Esta algumas vezes é tratada pelo seu nome, e outros pelo poético disfarce de Anarda.*

"Também você tem licença  
(me disse a Moça) porque  
onde há lei de cortesia  
não val comigo outra lei"  
"Era uma estrela? pior,  
a estrela que tem que ver?"

### **FOI VISTA ESTA DAMA PELO POETA EM CASA DE UMA AMIGA INDO DIVERTIR-SE AO CAMPO COM CERTO SUJEITO ROMANCE**

Eu vi, Senhores Poetas,  
quarta-feira pelas três  
do presente mês, que corre,  
o prodígio, que direi.  
la eu por certo bairro,  
que agora calar convém,  
porque o lanço me não furtem,  
ao campo a espaiecer.  
Acompanhava-me entonces  
um amigo, que à mi fe  
e douto disto de fêmeas,  
porque as conhece el por el.  
Eis que em frente de uma porta,  
que sua urupema tem,  
ouvimos um ruge-ruge  
da seda de um guarda-pé  
Chegou logo o tal amigo,  
que no que toca a saber  
segredos, de quem será,

e grandíssimo corcês.  
Chegou, como tenho dito,  
e mesurado de pés  
abriu a urupema, e disse,  
sois vos, Dona Bersabé!  
Ao que ela respondeu logo,  
esta sou: entre você;  
ia ele já quase entrando,  
quando eu da rua gritei:  
"Tá, que não é cortesia  
entrar só vossa mercê,  
deixando-me a mim na rua,  
que de inveja morrerei"  
"Também você tem licença  
(me disse a Moça) porque  
onde há lei de cortesia  
não val comigo outra lei."  
Palavras não eram ditas,  
quando eu logo a quatro pés  
me emboquei pela urupema,  
tomei vênia, e me assentei.  
Fitei os olhos na Moça  
e embasbacado de a ver  
estive co'a alma no papo  
morrerei não morrerei.  
Mas subindo-me a memória,  
que era obrigado por fé  
servir ao menos sete anos  
Jacó a bela Raquel;  
Acordei do paracismo,  
e fiz tanto por viver,  
que estou capaz de pintar-vos  
quão jeitosa a Moça é.  
Era, se creio a meus olhos,  
e e crível o meu pincel,  
Anjo disfarçada em Dama,  
ou flor mentida em mulher.  
Era um sol: mal a comparo:  
porque o sol que tem que ver,  
tendo a caraça redonda  
mascarada de ouropel?  
Era uma estrela: pior,  
a estrela que tem que ver?  
é pisca em anoitecendo,

e vesga ao amanhecer.  
Era uma jóia; mal disse;  
porque com quatro vinténs  
se compra uma boa jóia,  
e esta Moça nem com dez.  
Era um diamante; tampouco,  
que o diamante vem a ser  
um parto bruto da terra,  
e ela imagem de Deus é.  
Eu digo desta vez: era  
*Maria*: mas não sei, em que  
se me pega a voz, que enfim  
não acabo de o dizer.  
Digo, que era Mariana  
"disse-o?" que remédio tem?  
já dei co segredo em terra;  
mal fiz: mas aliviei.  
É linda; e que manso o digo:  
tem garbo: e como que o tem,  
e bonita, não sei como,  
e tem gravea como quê.  
Mais que o favor, e o carinho  
da mais formosa mulher  
val de Mariana um riso:  
que digo um riso? um desdém.  
Neste estado ia o debuxo  
deste meu tosco pincel,  
quando pela porta entrou  
todo o firmamento a pé.  
Entrou uma linda Moça,  
que mora logo através,  
pela porta do quintal,  
traidoramente fiel.  
Fizemos-lhe a reverência,  
e ela com gentil prazer  
nos disse "as de vossarcedes,  
e nos as de vossarcê."  
Foi-se a ela o meu amigo  
quel Pirata Dunquerque,  
e a rendeu a bom partido,  
porque pediu bom quartel.  
Estimei a ocasião,  
porque co'a outra fiquei  
tão só, que os meus segredinhos

lhe pude entonces dizer.  
Fretam-nos finalmente  
para a semana, que vem,  
que por estar achacada,  
de achaque se quis valer  
A outra Moça do amigo  
ficou fretada também  
para qualquer outro dia,  
porque bem sabe em qualquer.  
Isto, Senhores Poetas,  
é, o que a quarta passei,  
e o que suceder à quinta  
darei a vossas mercês.

**RECOLHIDO O POETA A SUA CASA ASSAZMENTE NAMORADO QUE HAVIA VISTO: NÃO PODE SOSSEGAR SEU AMANTE GÊNIO, QUE LHE NÃO MANDASSE NO OUTRO DIA ESTE ENCARECIMENTO DE SEU AMOR**

SONETO

Ontem quando te vi, meu doce emprego,  
Tão perdido fiquei por ti, meu bem,  
Que parece, este amor nasce, de quem  
Por amar-te já vive sem sossego,

Essa luz de teus olhos me tem cego,  
E tão cego, Senhora, eles me têm,  
Que é fineza o adorar-te, e assim convém,  
A ti, ó rica prenda, o desapego.

Eu buscar-te, meu bem, isso é fineza,  
Tu deixares de amar-me é desfavor,  
Eu amar-te com fé, isso é firmeza.

Tu ausente de mim, vê, que é rigor,  
Nota pois, que farei, rica beleza,  
Quando amar-te desejo com primor.

**TORNA O POETA A INSTAR SEGUNDA VEZ SEM SE AFASTAR DO SEU ENCARECIMENTO**

DÉCIMA

Maricas, quando te eu vi,  
tanto a minha alma roubastes,  
que não sei, se me acabastes,  
ou se eu fui, que me perdi:  
porém sempre presumi,  
que este amor, que há entre nós,  
causa pena tão atroz,  
que a mim no fim me tem posto,  
porque nada me dá gosto  
quando me vejo sem vós.

### **A MUDANÇA QUE FEZ ESTA DAMA FAZ AGORA O POETA MENÇÃO**

#### *DÉCIMAS*

Tenho por admiração,  
Menina, e por coisa rara,  
que mudásseis vós de cara,  
porém não de condição:  
vendo-vos nesta ocasião  
de feições tão desmentida,  
mais dura, e mais sacudida,  
vos julguei (porque o revele)  
qual cobra, que despe a pele,  
mas não põe emenda a vida.

Como não terá desgosto,  
quem adora uma beleza,  
se sem mudar natureza  
tão mudada está de rosto?  
para vós me dareis gosto,  
e pegardes minha fé,  
o que haveis de fazer, é,  
(por dar-me algum galardão)  
mudares de condição,  
mas de cara, para quê?

Cara, que já me agradara  
por bonita, e por graciosa,  
comigo e mudança ociosa,  
convosco é mudança cara:  
se Amor vos desenganara,

que me parecíeis bem,  
não tivéreis vos por quem  
fazer esta variação,  
sendo vária na afeição,  
e tão firme no desdém.

Não digo, minha Senhora,  
mal da vossa perfeição;  
quero Mariana de então,  
e não Mariana de agora:  
que quem vos ama, e adora  
tão firme, e constantemente,  
quer, que saiba toda a gente,  
que minha alma enamorada  
não da Mariana passada  
por Mariana presente.

Quem faz mudanças na cara,  
bem que não no coração,  
sempre deixa a presunção,  
que por pouco se mudara:  
eu a amar-vos não chegara  
sem ter por delito atroz,  
que haja mudança entre nós:  
pois não só mudar se chama,  
irdes vós para outra Dama,  
como de vós para vós.

Ou mudada, ou não mudada  
vos afirmo reverente,  
que sois mais moça ao presente  
para ser fruta passada:  
e está tão idolatrada  
de mim essa cara bela,  
que ou seja esta, ou aquela,  
o que agora importa, é,  
que deis um jeito, com que  
eu pobre me logre dela.

**A MESMA MARIANA PEDINDO LHE FIZESSE UNS VERSOS, ENCONTRANDO-A  
NO MAR INDO PARA FORA**

DÉCIMAS



Os versos, que me pedis,  
podendo-os mandar formar,  
que vós por me não mandar,  
não mandareis dois ceitis:  
como sem assunto os fiz,  
pois vós a vosso contento,  
não destes o pensamento,  
os rasgues, por ser melhor  
assunto do meu amor,  
que o vosso contentamento.

Por sete anos de Pastor  
serviu Jacó a Raquel,  
eu servi a uma cruel,  
mais de sete anos de amor:  
a Jacó lhe foi traidor  
Labão: cuja aleivosia  
por Raquel lhe entregou Lia,  
e a mim não pior me vai,  
se me não engana um Pai,  
veio a enganar-me uma Tia.

Esta tão assegurada  
me propôs a refestela,  
que cuidei, que tinha nela  
a tutia preparada:  
enganou-me de malvada  
tanto pior, que Labão,  
que Lia a Jacó lhe dão,  
bem que com sorte trocada,  
e a mim nem Lia, nem nada  
me deram, dão, nem darão.

Oito anos há, que fiel,  
estou servindo a um amor,  
que Labão não foi pior,  
porque vós sois a Raquel:  
esta ingravidão cruel  
foi o meu triste alimento  
oito anos, e fora um cento,  
porque quem chega a querer,  
para ajudar-se a viver  
faz do Malquerer sustento.

Ontem vos topei no mar  
em uma barca tão breve,  
quem nem por ligeira, e leve  
os pôde a vista alcançar:  
pus-me logo a duvidar,  
vendo-vos ir sobrepopa,  
se sériéis vós Europa  
sobre a vaca fabulosa,  
mas vós íeis mais formosa,  
do que Europa, e toda Europa.

Se hei de dizer-vos verdade,  
e me haveis de crer a mim,  
até o meu bergantim  
ficou morto de saudade:  
ficou de tal qualidade  
a barquinha entropecida,  
que nem do vento impelida,  
nem do remo forcejada  
se moveu, antes pasmada,  
que a vi por vós perdida.

Com trabalho em tanta calma,  
(que o trabalho havia eu tido,  
por não haver conhecido;  
o que tinha dentro n' alma)  
levei do perigo a palma,  
e ao pôrto o bergantim,  
e saindo dele enfim  
soube já na terra lhana,  
que éreis vós a Mariana  
disfarçada em serafim.

Então fiquei mais absorto,  
mais sentido, e pesaroso  
mais amante, e mais saudoso,  
enfim então fiquei morto:  
nestes versos me conforto,  
pois neles se queixa Amor:  
e inda que o vosso favor  
é coisa, que nunca espero,  
digo ao menos, que vos quero,  
e alivio a minha dor.

**SENTIU-SE MARIANA DE QUE O POETA PUBLICASSE SEU NOME SABENDO, O QUE DEVIA A TOMÁS PATRÍCIO, E QUE, PERSEVERAS-SE AINDA NA EMPRESA, AO QUE RESPONDE O POETA COM O SEGUINTE MOTE**

*MOTE*

*e tomar minha pena em penitência  
Do erro em que caiu o pensamento  
Não abrande, mas dobra meu tormento:  
A isto, e a mais obriga a paciência.*

*GLOSA*

Bem conheço, Senhor, que hei errado,  
Em pedir-vos afeto tão rendido,  
Mas bem vedes, que andei muito acertado,  
Em vos dar meu amor enternecido:  
Baste a pena de não ser vosso amado,  
Se punir-me quereis por atrevido,  
Que mereço da culpa a indulgência,  
Se tomar minha pena em penitência.

Quando viram meus olhos a beleza  
Desse rosto, e os mates dessa graça,  
Logo a fé de querer-vos com firmeza  
Dedicar-vos pensei do amor por traça:  
Se julgais por arrojo esta fineza,  
Ou dizeis, que é meu erro por desgraça,  
Emendar-me, Senhora, não intento  
Do erro em que caiu o pensamento.

Sim dos tempos fiar posso a ventura,  
Porque o tempo domina na vontade,  
Mas medicina é esta, que não cura  
de uma amor excessivo a enfermidade:  
Porque eu logre essa rara formosura  
Quer Amor, que deixeis a crueldade,  
Que o remédio do tempo, como é lento,  
Não abrande, mas dobra meu tormento.

Nesse cravo partido por fiança  
Se o remédio do tempo é aplicado,

Não duvido, que só desta esperança  
Viver possa o amor mais alentado:  
Abster quero já agora da esquivança  
Meu amor na esperança sossegado,  
Que a viver um amor em abstinência  
A isto, e a mais obriga a paciência.

### **ADOCENDO MARIANA GALANTEIA O POETA SUA ENFERMIDADE (ROMANCE)**

Enfermou Clóri, Pastores,  
por ter de humana um só és.  
que também padece males,  
quem logra em si tantos bens.  
Clóri, digo, aquele extremo  
de formosura cruel,  
que a quantos vê, tira a vida,  
hoje prostrada se vê.  
Triunfa agora o achaque,  
o que nunca fez ninguém,  
porque levar Clóri à cama,  
o mal só agora fez.  
Dizem, que adoeceu Clóri,  
por lhe faltar não sei quê,  
eu não sei, que faltar possa,  
a quem tão perfeita é.  
Mover dúvidas podia  
esta doença fazer,  
porque haver em Clóri faltas  
grande causa é de as morrer.  
Nunca quis Clóri sangrar-se  
nos bracos, senão nos pés,  
que de puro soberana,  
não dá seu braço a torcer.  
Mostrou seu pé ao Barbeiro,  
que com suspensão cortês,  
inda que água era mui pouca,  
não podia tomar pé.  
Água fria pediu logo  
com brevidade, porque  
com a quente se podia  
tanta neve derreter.  
Então vadio o Barbeiro  
com Clóri quis entender

que como a colheu descalça,  
dizem, que a picara bem.  
Desmaiou Clóri sentida,  
dando bem a perceber,  
que a tal sangria lhe custa  
gotas de sangue esta vez.  
Com sal na boca diverte  
o desmaio, mas eu sei,  
que boca tão engraçada  
nenhum sal há de mister.  
Que foi supérfluo o remédio  
do sal, não duvide alguém,  
porque quem é luz do mundo,  
sal da terra deve ser.  
Logrou bem o sangrador  
privilégios de Moisés,  
da pedra não, mas de um jaspe  
fez também sangue correr.  
Agora chegai, formosas,  
nestas cores aprender  
o melhor branco da neve,  
do coral o mais fiel.  
Chegai a ver estes mares,  
onde em crescida maré  
dentre a neve matizada  
belos rubis colhereis.  
Todas, as que amor lhe tinham,  
parece, que ódio lhe tem  
pelo muito, que desejam  
chegar seu sangue a beber.  
Mas todos ficam em branco,  
quando veem convalescer  
a Clóri do seu desmaio,  
e da doença também.

**CONTINUA O POETA NA MESMA EMPRESA DE SER ADMITIDO FAZENDO GALA  
DO SEU MESMO DESPREZO**

*MOTE*

*Não me queixo de ninguém,  
se bem, que por vida minha  
que bastante causa tinha*

*para queixar-me de alguém.*

#### GLOSA

Queixar-me a mais não poder  
e despedir o pesar:  
amar, querer, e queixar  
e queixar-se do querer:  
eu, que isto sei entender,  
e alcanço, que me está bem  
não queixar-me de um desdém  
por mostrar, que estimo a causa,  
dando a meus alívios pausa,  
Não me queixo de ninguém.

Se me queixo de uma dor,  
abro a porta a meu tormento,  
e não perco um sentimento  
porquanto gostos dá Amor:  
vencer a pena e melhor,  
que render-se a uma dorzinha:  
e quando a Parca mesquinha  
da vida os fios me corte,  
passarei por minha morte,  
se bem, que por vida minha.

Se Clóri de mui querida  
é alma do meu viver,  
porque a morte hei de temer  
dada pelas mãos da vida?  
que vida mais bem perdida,  
que dar eu, não sendo minha,  
a vida, a quem ma sustinha?  
e quando não baste isto,  
sei eu, por havê-la visto,  
Que bastante causa tinha.

Bastante causa tivera,  
já que não para queixar-me,  
para morrer, e matar-me  
por calar pena tão fera:  
e inda que a fineza era  
calar a rigor, de quem

me mata a puro desdém,  
calar por mais perfeição  
não tira o ter eu razão,  
Para queixar-me de alguém.

**FOI PREZA MARIANA PELOS REPETIDOS ESCÂNDALOS COM TOMÁS PATRÍCIO  
POR ORDEM DE SUA ILUSTRÍSSIMA, E RAIVOSO O POETA DO PASSADO LHE  
FEZ ESTE**

**SONETO**

Esta presa uma Dama do Xadrez,  
um novo serafim de Satanás,  
Aquela, que em querer muito a Tomás,  
Esta já feita a roupa de Francês.

Mudou de herege a Idolatrino Inglês,  
E sacrifica tanto esse Mangaz,  
Que de tudo, o que tem vítima faz,  
E dá c'os burros n'água desta vez.

Presa uma Dama? nome de Jesus!  
Mas eu digo, que foi reto o Juiz,  
Que a condena à prisão por esta cruz;

Porque o caso é tremendo, e o mundo diz,  
Que se mata uma Rola, uma Avestruz  
Por um herege de tão grão nariz.

**A FUGIDA QUE FEZ DA CADEIA MARIANA COM O FAVOR DO CHANCELER DA  
RELAÇÃO DESTE ESTADO, COM QUEM ELA TINHA ALGUNS DESONESTOS  
DIVERTIMENTOS**

**DÉCIMAS**

Na gaiola episcopal  
caiu por dar no pinguelo  
um pássaro de cabelo  
pouco maior, que um Pardal:  
O Passareiro real  
ou de lastima, ou carinho,  
ou já por dar-lhe co ninho,

brecha lhe abriu na gaiola:  
não quis mais a passarola,  
foi-se como um passarinho.

A Rolinha, que as amola,  
zomba, de quem se desvela,  
por colhê-la na esparrela,  
ou tomá-la na gaiola:  
não é passarinho a Rôla,  
que no débil embaraço  
caia de linho, ou sedaço,  
salvo um Mazulo nariz  
se lhe põem por chamariz,  
que então cairá no laço.

Se o Prelado tem jactância  
de a tornar a reduzir,  
ojos, que la vieron ir,  
no la veran mas en Francia:  
que ela de estância em distância,  
e de amigo em amigão  
assegura o cordovão,  
porque é segura cautela,  
que quem se prende com ela,  
não a dá a outra prisão.

Quem no mundo há de ter modos  
de prender uma mulher  
tão destríssima em prender,  
que de um olhar prende a todos:  
que Medos, Partos, ou Godos,  
que Ministro, ou Regedor  
a há de prender em rigor,  
se ela àqueles, que por lei  
prendem da parte d'El-Rei  
prende da parte do Amor.

## **MARIQUITA**

Minha rica Mulatinha  
desvelo, e cuidado meu,  
eu já fora todo teu,  
e tu foras toda minha



## **CONTINUA EM GALANTEAR AQUELA MARIQUITA FILHA DA ZABELONA, QUE JÁ ADIANTE DISSEMOS**

Quita, São Pedro me leve,  
se eu me não morro por vós,  
e por ser da vossa boca  
um perpétuo Pica-flor.  
Por isso me escandalizam  
respostadas tão sem som,  
pois aquilo, que mais quero,  
nunca o acho a meu favor.  
Mal me vai co'a vossa boca,  
c'os dentes inda pior,  
pois dos dentes para dentro  
nunca este amor vos entrou.  
Servi-vos, Senhora Quita,  
de ter-me um pouco de amor,  
ao menos de consentir,  
que eu vos tenha amor a vós.  
Já me contento com pouco,  
só quero, Quita, de vós,  
que passemos a Catala,  
e seja isto quando for.  
Que quem esperou cinco anos  
por um pequeno favor,  
esperará por chegar-vos  
mais, do que esperou Jacó.  
Porém falai-me verdade,  
que a uma mulher de primor  
costumo pagar co'a vida  
um carinho, um favor só.  
Zombai vós da Zabelinha,  
que me tem mortal rancor,  
e odiosa a Portugal  
só de Castela gostou.  
Zombai vós de todo o mundo,  
que o mundo nunca falou  
verdade, e eu vo-la trato  
nesta confissão de amor.

**À MESMA MULATA MANDANDO AO POETA UM PASSARINHO**

Este favor, que é valia,  
diz Amor, porque se afoite,  
que, o que me destes de noite  
quisestes mandar de dia:  
foi favor por simpatia,  
porém, que seja, me espanta  
esse pássaro, que encanta,  
quando de músico aposta,  
de noite uma ave, que gosta,  
de dia uma ave, que canta.

Certo, que amor presumiu,  
quando o pássaro apalpei,  
que, o que de noite vos dei,  
pela manhã vos fugiu:  
mas se este efeito vos viu,  
meus amores, certifico,  
que o tal passarinho rico  
foi por singular razão  
de noite a buscar o grão,  
de dia a molhar o bico.

És galharda Mariquita  
desvelo dos meus sentidos,  
pois em contínuos gemidos  
vivo por lograr tal dita:  
meu coração me palpita.  
quando te vejo passar  
com tal garbo, e com tal ar,  
que deixas-me alma perdida,  
e se me pode dar vida,  
porque me queres matar?

Minha rica Mulatinha  
desvelo, e cuidado meu,  
eu já fora todo teu,  
e tu foras toda minha:  
juro-te, minha vidinha,  
se acaso minha qués ser,  
que todo me hei de acender  
em ser teu amante fino  
pois por ti já perco o tino,  
e ando para morrer.

**RETIRA-SE DESDENHOSA DO POETA PARA UM SOLDADO DE CUPIDO A TEMPO,  
QUE ELE FAZIA O MESMO COM ANICA**

Quita, como vos achais  
com esta troca tão rica?  
eu vos troco por Anica,  
vós por Nico me deixais:  
vos de mim não vos queixais,  
eu, Quita, de vós me queixo,  
e pondo a cousa em seu eixo,  
a mim com razão me tem,  
pois me deixais por ninguém,  
e eu por Anica vos deixo.

Vós por um Dom Patarata  
trocais um Doutor em Leis,  
e eu troco, como sabeis,  
uma por outra Mulata:  
vós fostes comigo ingrata  
com a grosseira ingratidão,  
eu não fui ingrato não,  
e quem troca odre por odre.  
um deles há de ser podre,  
e eu sou na troca odre são.

Eu com Anica querida  
me remexo como posso,  
vós co Patarata vosso  
estareis bem remexida:  
nesta desigual partida  
leve o diabo o enganado,  
porque eu acho no trocado,  
que me vim a melhorar  
mais na Moça por soldar,  
que vós no Moço soldado.

Se bem vos não vai na troca  
pela antiga benquerença,  
eu sou de tão boa avença,  
que farei logo a destroca:  
porém se Amor vos provoca  
a dar-me outros novos zelos,

hemos de lançar os pêlos  
ao ar por seguridade,  
e eu sei, que a vossa amizade  
há de custar-me os cabelos.

### **TERCEIRA VEZ ACOMETE AQUELA EMPRESA QUEIXANDO-SE CONTRA MARIQUITA POR SE FINGIR DOENTE**

Vim ao sítio num lanchão,  
Quita, e tudo achei trocado,  
vós com peito atraídoado,  
e eu vendido por traição:  
vós, Quita, nesta ocasião  
fingistes-vos doentinha:  
pálida estava a carinha,  
mas tudo embustes de moça,  
com que fizestes a vossa,  
e eu, Quita, não fiz a minha.

Toda a casa vi inclinada  
aos três vizinhos Cupidos,  
são sóis de novo nascidos,  
e eu sou lua já minguada:  
não pude então fazer nada,  
porque estáveis vós então  
com tanta declinação  
de carnes, e de saúde,  
que nunca convosco pude  
fazer minha obrigação.

De achar-vos esquiva, e dura  
pudera eu escarmentar,  
e contudo hei de tornar  
ao Sítio provar ventura:  
sempre alcança, quem atura,  
quem não sofre, nada alcança,  
hei de ir ver se acho bonança  
no vosso mar alterado,  
e perderei o esperado,  
mas não perco a esperança.

Que vou as festas lograr  
crerá todo o Sítio inteiro,

e eu vou ao vosso poleiro,  
não mais que por vos galar:  
se outra vez vos vir queixar  
com fingimento traidor,  
que vos aperta uma dor,  
hei de vos dar um conselho,  
é que metais de vermelho,  
e logo tomareis cor.

Quita, entendidos estamos,  
e a doença está distinta,  
vós andais muito faminta  
disto, que cópia chamamos:  
e pois ambos lazamos  
deste mal pestilencial,  
ambos curemos o mal,  
tomai por curar a fome  
o caldo dos grãos de home,  
que é muito substancial.

Para ter contentamento  
os rins tendes de escorrer,  
aliás haveis de morrer,  
Quita, de sêmen retento:  
eu faço um protestamento,  
de que não morreis por mim,  
porquanto assim, ou assim  
tronco velho, ou pau mociço  
estou ao vosso serviço  
com armas, e com rocim.

### **BUSCANDO POR OUTRA PARTE O REMÉDIO PARA SEU MAL, SE DESCULPARAM OUTRAS COM O MESMO ACHAQUE**

Que febre têm tão tirana  
as Moças deste lugar,  
que se estão sempre a sangrar  
na veia d'arca conana?  
A doença é tão insana,  
frenética, e aluada,  
que a cada lua passada  
torna logo o sangue a vir  
sem a veia se ferir,

porque está sempre aventada.

Eu nunca pude alcançar,  
como elas ficam sangradas,  
sem levarem lancetadas,  
antes fogem de as levar:  
cada mês as vem sangrar  
com seus dous cornos a Lua,  
e sem lanceta, nem pua  
o sangue por si se escorre,  
sua, e parece, que corre,  
corre, e parece, que sua.

O sangue em bom português  
com letras bem rubricadas  
depois de muitas penadas  
põe na fralda "aqui foi mês":  
chega um galante cortês  
ao tempo do Amor então  
a fazer adoração  
e qual sacristão maior  
descobre o painel de Amor  
e acha uma degolação.

Isto sem tirar, nem pôr  
me sucedeu sempre a mim  
no grande Pernamerim,  
onde está o templo de Amor:  
e entrando no interior  
do templo, que eu fabriquei,  
um rio de sangue achei,  
pus-me então a esperar,  
que vaze para o passar,  
não vazou, nunca o passei.

### **QUEIXA-SE FINALMENTE DE ACHAR TODAS AS DAMAS MENSTRUADAS**

Que têm os menstros comigo?  
ordinários que me querem,  
que de ordinário me matam,  
e cada hora me perseguem?  
Estive os dias passados  
esperando por um frete,

tardou, não veio, enganou-me,  
costume de más mulheres.  
Fui logo saber a causa,  
e no caminho lembrei-me  
de fazer este discurso,  
que é cousa, em que lido sempre.  
Esta mulher me faltou;  
aposto, que há de dizer-me  
que está um disciplinante  
desde o joelho 'té o ventre?  
Meu dito, meu feito: fui,  
entrei, e ao ver-me presente  
me disse logo a velhaca  
carinhosamente alegre:  
Ai, meu Senhor da minha alma  
nada pode hoje fazer-se  
dei palavra ontem de tarde,  
e à noite me veio ele.  
Quem é ele? perguntei;  
faz você, que não me entende?  
disse ela; quem há de ser?  
O hóspede impertinente.  
Um hóspede, que nas luas  
me visita, e me acomete  
com tal fúria, que me põe  
de sangue um rio corrente.  
Estou-me esvaindo já,  
em borbotões tão perenes;  
que pelas pernas descendo,  
ambos os talões me enche.  
Botei pela porta fora,  
e no primeiro casebre  
me colhi de uma putaina  
mais negra do que um pivete.  
Entrei pela porta dentro,  
fui para a cama, e deitei-me,  
que as negras também têm cama,  
se são putas macatrefes.  
Chamei-a, acudiu-me logo,  
e me disse cortesmente,  
não estou para deitar-me,  
basta, que me atravesse.  
Atravessou-se-me aos pés,  
e ficou como uma serpe,

coxim para os meus coturnos  
para o meu corpo alicerce.  
Olhei para a negra então,  
e disse comigo os meses  
contra mim se deram de olho,  
pois tão juntos me perseguem.  
Não era o discurso feito  
quando me disse "ecce"  
mostrou-me a fralda com sangue  
mais negro do que uma peste.  
Pus-me logo no pedrado,  
e comecei a benzer-me  
do diabo, que em figura  
de Ordinário me persegue.  
Fui-me para a minha casa,  
e no dia subsequente  
me escreveu certa Senhora  
que uma palavra lhe desse.  
Como era minha Senhora,  
fui eu logo obedecer-lhe,  
fiz-lhe a visita na sala  
e fomos para o retrete.  
Vi ali a sua cama,  
vinha cansado, deitei-me,  
e deitou-se ela comigo,  
de que fiquei mui contente.  
Mas na mão que lhe corria  
junto já do sarambeque,  
me agarrou ela, e me disse  
tá, que estou porca doente.  
Valha-me a Virgem Maria,  
que achaque pode ser este?  
Aluada estou, (disse ela)  
mas em meu juízo sempre.  
Fiquei tão desesperado  
que se ela me não promete  
de estar boa ao outro dia,  
não chegara a outros meses.  
Que têm os menstros comigo?  
Que casta de achaque é este  
que nunca a ninguém matou  
quando de contínuo fere?  
A quem sucede no mundo  
isto, que a mim me sucede?



pois três meses me passaram  
dentro em dois dias somente?  
Que contrato fez a lua  
de arrendamento às mulheres,  
para lhe estarem pagando  
a pensão todos os meses?  
Tornei lá no outro dia,  
e achei a pobre doente  
mui seca para a visita,  
mui úmida para o frete.  
Vim, e fui terceira vez,  
e se fora três mil vezes,  
co'a mesma sangria a achara,  
e c'os mesmos acidentes.  
Despedi-me da mulher  
daqui para todo o sempre,  
e vendo-a passada entonces  
lhe disse os males presentes.  
Vicência, discreta sois,  
mas não sei, se me entendestes,  
para uma vida tão curta  
duram muito os vossos meses.

## **O BURGO**

Meus males de quem procedem?  
Não é de vós? claro é isso:  
Que eu não faço mal a nada  
por ser terra e mato arisco.

Isto sois, minha Bahia,  
Isto passa em vosso burgo.

E pois coronista sou

Se souberas falar também falaras  
também satirizaras, se souberas,  
e se foras poeta, poetaras.

Cansado de vos pregar  
cultíssimas profecias,  
quero das culteranias  
hoje o hábito enforçar:

de que serve arrebentar,  
por quem de mim não tem mágoa?  
Verdades direi como água,  
porque todos entendais  
os ladinos, e os boçais  
a Musa praguejadora.  
Entendeis-me agora?

Permiti, minha formosa,  
que esta prosa envolta em verso  
de um Poeta tão perverso  
se consagre a vosso pé,  
pois rendido à vossa fé  
sou já Poeta converso

Mas amo por amar, que é liberdade.

#### **DESCREVE O QUE ERA REALMENTE NAQUELE TEMPO A CIDADE DA BAHIA DE MAIS ENREDADA POR MENOS CONFUSA**

A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar a cabana, e vinha,  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um frequentado olheiro,  
Que a vida do vizinho, e da vizinha  
Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,  
Para a levar à Praça, e ao Terreiro.

Muitos Mulatos desavergonhados,  
Trazidos pelos pés os homens nobres,  
Posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usuras nos mercados,  
Todos, os que não furtam, muito pobres,  
E eis aqui a cidade da Bahia.

#### **À CIDADE E ALGUNS PÍCAROS, QUE HAVIAM NELA**

Quem cá quiser viver, seja um Gatão,  
Infeste toda a terra, invada os mares,

Seja um Chegai, ou um Gaspar Soares,  
E por si terá toda a Relação.

Sobejar-lhe-á na mesa vinho, e pão,  
E siga, os que lhe dou, por exemplares,  
Que a vida passará sem ter pesares,  
Assim como os não tem Pedro de Unhão

Quem cá se quer meter a ser sisudo  
Nunca lhe falta um Gil, que o persiga,  
E é mais aperreado que um cornudo.

Furte, coma, beba, e tenha amiga,  
Porque o nome d'El-Rei dá para tudo  
A todos, que El-Rei trazem na barriga.

**FINGINDO O POETA QUE ACODE PELAS HONRAS DA CIDADE, ENTRA A FAZER JUSTIÇA EM SEUS MORADORES, SINALANDO-LHES OS VÍCIOS, EM QUE ALGUNS DELES SE DEPRAVAVAM**

Uma cidade tão nobre,  
uma gente tão honrada  
veja-se um dia louvada  
desde o mais rico ao mais pobre:  
Cada pessoa o seu cobre,  
mas se o diabo me atija,  
que indo a fazer-lhe justiça,  
algum saia a justiça,  
não me poderão negar,  
que por direito, e por Lei  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

O Fidalgo de solar  
se dá por envergonhado  
de um tostão pedir prestado  
para o ventre sustentar:  
diz, que antes o que furtar  
por manter a negra honra,  
que passar pela desonra,  
de que lhe neguem talvez;  
mas se o virdes nas galés  
com honras de Vice-Rei,  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

A Donzela embiocada  
mal trajada, e mal comida,  
antes quer na sua vida  
ter saia, que ser honrada:  
à pública amancebada  
por manter a negra honrinha,  
e se lho sabe a vizinha,  
e lho ouve a clerezia  
dão com ela na enxovia,  
e paga a pena da lei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

A casada com adorno  
e o Marido mal vestido,  
crede, que este mal Marido  
penteia monho de corno:  
se disser pelo contorno,  
que se sofre a Fr. Tomás,  
por manter a honra o faz,  
esperai pela pancada,  
que com carocha pintada  
de Angola há de ser Visrei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

Os Letrados Peralvilhos  
citando o mesmo Doutor  
a fazer de Réu, o Autor  
comem de ambos os carrilhos:  
se se diz pelos corrilhos  
sua prevaricação,  
a desculpa, que lhe dão,  
é a honra de seus parentes  
e entonces os requerentes,  
fogem desta infame grei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

O Clérigo julgador,  
que as causas julga sem pejo,  
não reparando, que eu vejo,  
que erra a Lei, e erra o Doutor:  
quando veem de Monsenhor  
a Sentença Revogada  
por saber, que foi comprada

pelo jimbo, ou pelo abraço,  
responde o Juiz madraço,  
minha honra é minha Lei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

O Mercador avarento,  
quando a sua compra estende,  
no que compra, e no que vende,  
tira duzentos por cento:  
não é ele tão jumento,  
que não saiba, que em Lisboa  
se lhe há de dar na gamboa;  
mas comido já o dinheiro  
diz, que a honra está primeiro,  
e que honrado a toda Lei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

A viúva autorizada,  
que não possui um vintém,  
porque o Marido de bem  
deixou a casa empenhada:  
ali vai a fradalhada,  
qual formiga em correição,  
dizendo, que à casa vão  
manter honra da casa,  
se a virdes arder em brasa,  
que ardeu a honra entendei:  
esta é a justiça, que manda EL-Rei.

O Adônis da manhã,  
o Cupido em todo o dia,  
que anda correndo a Coxia  
com recadinhos da Irmã:  
e se lhe cortam a lã,  
diz, que anda naquele andar  
por a honra conservar  
bem tratado, e bem vestido,  
eu o verei tão despido,  
que até as costas lhe verei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

Se virdes um Dom Abade  
sobre o púlpito cioso,  
não lhe chameis Religioso,

chamai-lhe embora de Frade:  
e se o tal Paternidade  
rouba as rendas do Convento  
para acudir ao sustento  
da puta, como da peita,  
com que livra da suspeita  
do Geral, do Viso-Rei:  
esta é a justiça, que manda El-Rei.

## **DEFINE A SUA CIDADE**

### *MOTE*

*De dous f se compõe  
esta cidade a meu ver  
um furta, outro foder.*

Recopilou-se o direito,  
e quem o recopilou  
com dous f o explicou  
por estar feito, e bem feito:  
por bem Digesto, e Colheito  
só com dous f o expõe,  
e assim quem os olhos põe  
no trato, que aqui se encerra,  
há de dizer, que esta terra  
De dous f se compõe.

Se de dous f composta  
está a nossa Bahia,  
errada a ortografia  
a grande dano está posta:  
eu quero fazer aposta,  
e quero um tostão perder,  
que isso a há de preverter,  
se o *furta* e o *foder* bem  
não são os f que tem  
Esta cidade a meu ver.

Provo a conjetura já  
prontamente como um brinco:  
Bahia tem letras cinco  
que são B-A-H-I-A:

logo ninguém me dirá  
que dous f chega a ter,  
pois nenhum contém sequer,  
salvo se em boa verdade  
são os f da cidade  
um furta, outro foder.

**QUEIXA-SE A BAHIA POR SEU BASTANTE PROCURADOR, CONFESSANDO, QUE AS CULPAS, QUE LHE INCREPAM, NÃO SÃO SUAS, MAS SIM DOS VICIOSOS MORADORES, QUE EM SI ALVERGA**

Já que me põem a tormento  
murmuradores nocivos,  
carregando sobre mim  
suas culpas, e delitos:  
Por crédito de meu nome,  
e não por temer castigo  
confessar quero os pecados,  
que faço, e que patrocino.  
E se alguém tiver a mal  
descobrir este sigilo,  
não me infame, que eu serei  
pedra em poço, ou seixo em rio.  
Sabei, céu, sabe, estrelas,  
escutai, flores, e lírios,  
montes, serras, peixes, aves  
luz, sol, mortos, e vivos:  
Que não há, nem pode haver  
desde o Sul ao Norte frio  
cidade com mais maldades,  
nem província com mais vícios:  
Do que sou eu, porque em mim  
recopilados, e unidos  
estão juntos, quantos têm  
mundos, e reinos distintos.  
Tenho Turcos, tenho Persas  
homens de nação Impios  
Magores, Armênios, Gregos,  
infiéis, e outros gentios.  
Tenho ousados Mermidônios,  
tenho Judeus, tenho Assírios,  
e de quantas castas há,  
muito tenho, e muito abrigo.

E se não digam aqueles  
prezados de vingativos,  
que santidade têm mais,  
que um Turco, e um Moabito?  
Digam Idólatras falsos,  
que estou vendo de contínuo,  
adorarem ao dinheiro,  
gula, ambição, e amoricos.  
Quantos com capa cristã  
professam o judaísmo,  
mostrando hipocritamente  
devoção à Lei de Cristo!  
Quantos com pele de ovelha  
são lobos enfurecidos,  
ladrões, falsos, e aleivosos,  
embusteiros, e assassinos!  
Estes por seu mau viver  
sempre péssimo, e nocivo  
são, os que me acusam de danos,  
e põem labéus inauditos.  
Mas o que mais me atormenta,  
é ver, que os contemplativos,  
sabendo a minha inocência,  
dão a seu mentir ouvidos.  
Até os mesmos culpados  
têm tomado por capricho,  
para mais me difamarem,  
porem pela praça escritos.  
Onde escrevem sem vergonha  
não só brancos, mas mestiços,  
que para os bons sou inferno,  
e para os maus paraíso.  
Ó velhacos insolentes,  
ingratos, mal procedidos,  
se eu sou essa, que dizeis,  
porque não largais meu sítio?  
Por que habitais em tal terra,  
podendo em melhor abrigo?  
eu pego em vós? eu vos rogo?  
respondei! dizei, malditos!  
Mandei acaso chamar-vos  
ou por carta, ou por aviso?  
não viestes para aqui  
por vosso livre alvedrio?



A todos não dei entrada,  
tratando-vos como a filhos?  
que razão tendes agora  
de difamar-me atrevidos?  
Meus males, de quem procedem?  
não é de vós? claro é isso:  
que eu não faço mal a nada  
por ser terra, e mato arisco.  
Se me lançais má semente,  
como quereis fruto limpo?  
lançai-a boa, e vereis,  
se vos dou cachos opimos.  
Eu me lembro, que algum tempo  
(isto foi no meu princípio)  
a semente, que me davam,  
era boa, e de bom trigo.  
Por cuja causa meus campos  
produziam pomos lindos,  
de que ainda se conservam  
alguns remotos indícios.  
Mas depois que vós viestes  
carregados como ouriços  
de sementes invejosas,  
e legumes de maus vícios:  
Logo declinei convosco,  
e tal volta tenho tido,  
que, o que produzia rosas,  
hoje só produz espinhos.  
Mas para que se conheça  
se falo verdade, ou minto,  
e quanto os vossos enganos  
têm difamado o meu brio:  
confessar quero de plano,  
o que encubro por servir-vos  
e saiba, quem me moteja,  
os prêmios, que ganho nisso.  
Já que fui tão pouco atenta,  
que a luz da razão, e o siso  
não só quis cegar por gosto,  
mas ser do mundo ludíbrico.  
Vós me ensinastes a ser  
das inconstâncias arquivo,  
pois nem as pedras, que gero,  
guardam fé aos edifícios.

Por vosso respeito dei  
campo franco, e grande auxílio  
para que se quebrantassem  
os mandamentos divinos.  
Cada um por suas obras  
conhecerá, que meu xingo,  
sem andar excogitando,  
para quem se aponta o tiro.

### **PRECEITO 1**

Que de quilombos que tenho  
com mestres superlativos,  
nos quais se ensinam de noite  
os calundus, e feitiços.  
Com devoção os frequentam  
mil sujeitos femininos,  
e também muitos barbados,  
que se presam de narcisos.  
Ventura dizem, que buscam;  
não se viu maior delírio!  
eu, que os ouço, vejo, e calo  
por não poder diverti-los.  
O que sei, é, que em tais danças  
Satanás anda metido,  
e que só tal padre-mestre  
pode ensinar tais delírios.  
Não há mulher desprezada,  
galã desfavorecido,  
que deixe de ir ao quilombo  
dançar o seu bocadinho.  
E gastam pelas patacas  
com os mestres do cachimbo,  
que são todos jubilados  
em depenar tais patinhos.  
E quando vão confessar-se,  
encobrem aos Padres isto,  
porque o têm por passatempo,  
por costume, ou por estilo.  
Em cumprir as penitências  
rebeldes são, e remissos,  
e muito pior se as tais  
são de jejuns, e cilícios.

A muitos ouço gemer  
com pesar muito excessivo,  
não pelo horror do pecado,  
mas sim por não consegui-lo.

## **PRECEITO 2**

No que toca aos juramentos,  
de mim para mim me admiro  
por ver a facilidade,  
com que os vão dar juízo.  
Ou porque ganham dinheiro,  
por vingança, ou pelo amigo,  
e sempre juram conformes,  
sem discreparem do artigo.  
Dizem, que falam verdade,  
mas eu pelo que imagino,  
nenhum, creio, que a conhece,  
nem sabe seus aforismos.  
Até nos confessionários  
se justificam mentindo  
com pretextos enganosos,  
e com rodeios fingidos.  
Também aqueles, a quem  
dão cargos, e dão ofícios,  
suponho, que juram falso  
por consequências, que hei visto.  
Prometem guardar direito,  
mas nenhum segue este fio,  
e por seus rodeios tortos  
são confusos labirintos.  
Honras, vidas, e fazendas  
vejo perder de contínuo,  
por terem como em viveiro  
estes falsários metidos.

## **PRECEITO 3**

Pois no que toca a guardar  
dias Santos, e Domingos:  
ninguém vejo em mim, que os guarde,  
se tem, em que ganhar jimbo.

Nem aos míseros escravos  
dão tais dias de vazio,  
porque nas leis do interesse,  
é preceito proibido.  
Quem os vê ir para o templo  
com as contas e os livrinhos  
de devoção, julgará,  
que vão p'ra ver a Deus Trino:  
Porém tudo é mero engano,  
porque se alguns escolhidos  
ouvem missa, é perturbados  
desses, que vão por ser vistos.  
E para que não pareça,  
aos que escutam, o que digo,  
que há mentira, no que falo  
com a verdade me explico:  
Entra um destes pela Igreja,  
sabe Deus com que sentido,  
e faz um sinal-da-cruz  
contrário ao do catecismo.  
Logo se põe de joelhos,  
não como servo rendido,  
mas em forma de besteiro  
c'um pé no chão, outro erguido.  
Para os altares não olha,  
nem para os Santos no nicho,  
mas para quantas pessoas  
vão entrando, e vão saindo.  
Gastam nisto o mais do tempo,  
e o que resta divertidos  
se põem em conversação,  
com os que estão mais propínquos  
Não contam vidas de Santos,  
nem exemplos ao divino,  
mas sim muita patarata,  
do que não há, nem tem sido.  
Pois se há sermão, nunca o ouvem,  
porque ou se põem de improviso  
a cochilar como negros,  
ou se vão escapulindo.  
As tardes passam nos jogos,  
ou no campo divertidos  
dando Leis, e dando arbítrios.  
As mulheres são piores,

porque se lhes faltam brincos  
manga a volá, broche, troço,  
ou saia de labirintos,  
não querem ir para a Igreja,  
seja o dia mais festivo,  
mas em tendo essas alfaias,  
saltam mais do que cabritos.  
E se no Carmo repica,  
ei-las lá vão rebolindo,  
o mesmo para São Bento,  
Colégio, ou São Francisco.  
Quem as vir muito devotas,  
julgará sincero, e liso,  
que vão na missa, e sermão  
a louvar a Deus com hinos.  
Não quero dizer, que vão,  
por dizer mal do Maridos,  
aos amantes, ou talvez  
cair em erros indignos.  
Debaixo do parentesco,  
que fingem pelo apelido,  
mandando-lhes com dinheiro  
muitos, e custosos mimos.

#### **PRECEITO 4**

Vejo, que morrem de fome  
os Pais daquelas, e os Tios,  
ou porque os veem Lavradores,  
ou porque tratam de ofícios.  
Pois que direi dos respeitos,  
com que os tais meus mancebinhos  
tratam esses Pais depois  
que deixam de ser meninos?  
Digam-no quantos o veem,  
que eu não quero repeti-lo,  
a seu tempo direi como  
criam estes morgadinhos.  
Se algum em seu testamento  
cerrado, ou nuncupativo  
a algum parente encarrega  
sua alma, ou legados pios:  
Trata logo de enterrá-lo

com demonstrações de amigo,  
mas passando o Resquiescat  
tudo se mate no olvido.  
Da fazenda tomam posse  
até do menor caquinho;  
mas para cumprir as deixas  
adoecem de fastio.  
E desta omissão não fazem  
escrúpulo pequenino,  
nem se lhes dá, que o defunto  
arda, ou pene em fogo ativo.  
E quando chega a apertá-los  
o tribunal dos resíduos,  
ou mostram quitações falsas,  
ou movem pleitos renhidos.  
Contados são, os que dão  
a seus escravos ensino,  
e muitos nem de comer,  
sem lhes perdoar serviço.  
Oh quantos, e quantos há  
de bigode fernandino,  
que até de noite às escravas  
pedem selários indignos,  
Pois no modo de criar  
aos filhos parecem símios,  
causa por que os não respeitam,  
depois que se veem crescidos.  
Criam-nos com liberdade  
nos jogos, como nos vício,  
persuadindo-lhes, que saibam  
tanger guitarra, e machinho.  
As Mães por sua imprudência  
são das filhas desperdício,  
por não haver refestela,  
onde as não levem consigo.  
E como os meus ares são  
muito coados, e finos,  
se não há grande recato,  
têm as donzelas perigo.  
Ou as quebranta de amores  
o ar de algum recadinho,  
ou pelo frio da barra  
saem co ventre crescido.  
Então vendo-se opiladas,

se não é do santo vínculo,  
para livrarem do achaque,  
buscam certos abortinhos.  
Cada dia o estou vendo,  
e com ser isto sabido,  
contadas são, as que deixam  
de amar estes precipícios.  
Com o dedo a todas mostro,  
quanto indica o vaticínio,  
e se não querem guardá-lo,  
não culpam meu domicílio.

### **PRECEITO 5**

Vamos ao quinto preceito,  
Santo Antônio vá comigo,  
e me depare algum meio,  
para livrar do seu risco.  
Porque suposto que sejam  
quietos, mansos, benignos,  
quantos pisam meus oiteiros,  
montes, vales, e sombrios;  
Pode suceder, que esteja  
algum áspide escondido  
entre as flores, como diz  
aquele provérbio antigo.  
Faltar não quero à verdade  
nem dar ao mentir ouvidos,  
o de César dê-se a César,  
o de Deus a Jesus Cristo.  
Não tenho brigas, nem mortes  
pendências, nem arruídos,  
tudo é paz, tranquilidade,  
cortejo com regozijo:  
Era dourada parece,  
mas não é como eu a pinto  
porque debaixo deste ouro  
tem as fezes escondido.  
Que importa não dar aos corpos  
golpes, catanadas, tiros,  
e que só sirvam de ornato  
espada, e cotós limpos?  
Que importa, que não se enforquem

os ladrões, e os assassinos,  
os falsários, maldizentes,  
e outros a este tonilho?  
Se debaixo desta paz,  
deste amor falso, e fingido  
há fezes tão venenosas,  
que o ouro é chumbo mofino  
É o amor um mortal ódio,  
sendo todo o incentivo  
a cobiça do dinheiro,  
ou a inveja dos ofícios.  
Todos pecam no desejo  
de querer ver seus patrícios  
ou da pobreza arrastados,  
ou do crédito abatidos.  
E sem outra cousa mais  
se dão a destro, e sinistro  
pela honra, e pela fama  
golpes cruéis, e infinitos.  
Nem ao sagrado perdoam,  
seja Rei, ou seja Bispo,  
ou Sacerdote, ou Donzela  
metida no seu retiro.  
A todos enfim dão golpes  
de enredos, e mexericos  
tão cruéis, e tão nefandos,  
que os despedaçam em cisco.  
Pelas mãos nada; porque  
não sabem obrar no quinto;  
mas pelas línguas não há  
leões mais enfurecidos.  
E destes valentes fracos  
nasce todo o meu martírio;  
digam todos, os que me ouvem,  
se falo a verdade, ou minto.

## **PRECEITO 6**

Entremos pelos devotos  
do nefando Deus Cupido,  
que também esta semente  
não deixa lugar vazio.  
Não posso dizer, quais são



por seu número infinito,  
mas só digo, que são mais  
do que as formigas, que crio.  
Seja solteiro, ou casado,  
é questão, é já sabido  
não estar sem ter borracha  
seja do bom, ou mau vinho.  
Em chegando a embebedar-se  
de sorte perde os sentidos.  
que deixa a mulher em couros,  
e traz os filhos famintos:  
Mas a sua concubina  
há de andar como um palmito,  
para cujo efeito empenham  
as botas com seus atilhos.  
Elas por não se ocuparem  
com costuras, nem com bilros,  
antes de chegar aos doze  
vendem o signo de Virgo.  
Ouço dizer vulgarmente  
(não sei, é certo este dito)  
que fazem pouco reparo  
em ser caro, ou baratinho.  
O que sei é, que em magotes  
de duas, três, quatro, cinco  
as vejo todas as noites  
sair de seus esconderijos  
E como há tal abundância  
desta fruta no meu sítio,  
para ver se há, quem as compre,  
dão pelas ruas mil giros.  
E é para sentir, o quanto  
se dá Deus por ofendido  
não só por este pecado,  
mas pelos seus conjuntivos:  
como são cantigas torpes,  
bailes, e toques lascivos,  
venturas, e fervedouros,  
pau de força, e pucarinhos.  
Quero entregar ao silêncio  
outros excessos malditos,  
como do Pai carumbá,  
Ambrósio, e outros pretinhos.  
Com os quais estas formosas

vão fazer infames brincos  
governados por aqueles,  
que as trazem num cabrestinho.

## **PRECEITO 7**

Já pelo sétimo entrando  
sem alterar o tonilho,  
digo, que quantos o tocam  
sempre o tiveram por crítico  
Eu sou, a que mais padeço  
de seus efeitos malignos,  
porque todos meus desdouros  
pelo sétimo têm vindo.  
Não falo (como lá dizem)  
ao ar, ou libere dicto,  
pois diz o mundo loquaz,  
que encubro mil latrocínios  
Se é verdade, eu o não sei,  
pois acho implicância nisto  
porque o furto tem dous verbos  
um furor, outro surrípio.  
Eu não vejo cortar bolsas,  
nem sair pelos caminhos,  
como fazem nas mais partes  
salvo alguns negros fugidos.  
Vejo, que a forca, ou picota  
paga os altos do vazio,  
e que o carrasco não ganha  
nem dous réis para cominhos  
Vejo, que nos tribunais  
há vigilantes Ministros,  
e se houvera em mim tal gente  
andara à soga em contínuo.  
Porém se disto não há,  
com que razão, ou motivo  
dizem por aí, que sou  
um covil de Latrocínios!  
Será por verem, que em mim  
é venerado, e querido  
Santo Unhate, irmão de Caco,  
porque faz muitos prodígios.  
Sem questão deve de ser,

porque este Unhate maldito  
faz uns milagres, que eu mesma  
não sei, como tenho tino.  
Pode haver maior milagre  
(ouça bem quem tem ouvidos)  
do que chegar um Reinol  
de Lisboa, ou lá do Minho  
ou degredado por crimes  
ou por Moço ao Pai fugido,  
ou por não ter que comer  
no Lugar, onde é nascido:  
E saltando no meu cais  
descalço, roto, e despido,  
sem trazer mais cabedal,  
que piolhos, e assobios:  
Apenas se oferece a Unhate  
de guardar seu compromisso,  
tomando com devoção  
sua regra, e seu bentinho:  
Quando umas casas aluga  
de preço, e valor subido,  
e se põe em tempo breve  
com dinheiro, e com navios?  
Pode haver maior portento,  
nem milagre encarecido,  
como de ver um Mazombo  
destes cá do meu pavio,  
que sem ter eira, nem beira  
engenho, ou juro sabido  
tem amiga, e joga largo  
veste sedas, põe polvilhos?  
Donde lhe vem isto tudo?  
Cai do Céu? Tal não afirmo;  
ou Santo Unhate lho dá,  
ou do Calvário é prodígio.  
Consultam agora os sábios,  
que de mim fazem corrilhos  
se estou ilesa da culpa,  
que me dão sobre este artigo.  
Mas não quero repetir  
a dor e o pesar, que sinto  
por dar mais um passo avante  
para o oitavo suplício.

## PRECEITO 8

As culpas, que me dão nele,  
são, que em tudo o que digo,  
me aparto do verdadeiro  
com ânimo fementido.  
Muito mais é, do que falo,  
mas é grande barbarismo,  
quererem, que pague a albarda,  
o que comete o burrinho.  
Se por minha desventura  
estou cheia de percitos,  
como querem, que haja em mim  
fé, verdade, ou falar liso?  
Se como atrás declarei,  
se oudera cobro nisto,  
a verdade aparecera  
cruzando os braços comigo.  
Mas como dos tribunais  
proveito nenhum se há visto,  
a mentira está na terra,  
a verdade vai fugindo.  
O certo é, que os mais deles  
têm por gala, e por capricho  
não abrir a boca nunca  
sem mentir de fito a fito.  
Deixar quero os pataratas,  
e tornando a meu caminho,  
quem quiser mentir o faça,  
que me não toca impedi-lo.

## PRECEITO 9

Do nono não digo nada,  
porque para mim é vidro,  
e quem o quiser tocar,  
vá com o olho sobreaviso.  
Eu bem sei, que também trazem  
o meu crédito perdido,  
mas valha sem sê-lo ex causa,  
ou lhos ponham seus maridos.  
Confesso, que tenho culpas,

porém humilde confio,  
mais que em riquezas do mundo,  
da virtude num raminho.

### **PRECEITO 10**

Graças a Deus que cheguei  
a coroar meus delitos  
com o décimo preceito,  
no qual tenho delinquido.  
Desejo, que todos amem,  
seja pobre, ou seja rico,  
e se contentem com a sorte,  
que têm, e estão possuindo.  
Quero finalmente, que  
todos, quantos têm ouvido,  
pelas obras, que fizerem,  
vão para o Céu direitinhos.

### **QUEIXAS DA SUA MESMA VERDADE**

Quer-me mal esta cidade.....pela verdade,  
Não há, quem me fale, ou veja.....de inveja,  
E se alguém me mostra amor.....é temor.

De maneira, meu Senhor,  
que me hão de levar a palma  
meus três inimigos d'alma  
Verdade, Inveja, e Temor.

Oh quem soubera as mentiras.....do Milimbiras,  
Fora aqui senhor do bolo..... como tolo,  
E feito tolo, e velhaco.....fora um caco.

Meteria assim no saco  
Servindo, andando e correndo  
as ligas, que vão fazendo  
Milimbiras, Tolo, e Caco.

Tirara cinzas tiranas.....das bananas,  
Outro se os meus dez réis.....de pastéis,  
E porque isento não fosse.....até do doce.

Teria assim, com que almoce  
o meu amancebamento,  
pois lhe basta por sustento  
Bananas, Pastéis, e Doce.  
Prendas, que a empenhar obrigo.....pelo amigo,  
Dobrar-lhe eu o valor.....e primor,  
Cobrando em dous bodegões.....os tostões.

E seus donos asneirões  
ao desfazer da moeda  
perdem da mesma assentada  
Amigo, Primor, Tostões.  
Ao jimbo, que se lhe conta.....boa conta,  
E já por amigo vejo.....sem ter pejo,  
Pois lhe tira de corrida.....a medida.

Mas verdadeira, ou mentida  
a conta ajustada vem,  
sendo um homen, que não tem,  
Conta, Pejo, nem Medida.

Dever-me-ão camaradas.....mil passadas,  
E o triste do companheiro.....o dinheiro,  
E à conta das minhas brasas.....as casas.

Assim lhe empatara as vazas,  
pois o mesmo, que eu devia,  
por força me deveria  
Passadas, Dinheiro, e Casas.

### **TORNA A DEFINIR O POETA OS MAUS MODOS DE OBRAR NA GOVERNANÇA DA BAHIA, PRINCIPALMENTE NAQUELA UNIVERSAL FOME, QUE PADECIA A CIDADE**

Que falta nesta cidade?.....Verdade  
Que mais por sua desonra.....Honra  
Falta mais que se lhe ponha.....Vergonha.

O demo a viver se exponha,  
por mais que a fama a exalta,  
numa cidade, onde falta  
Verdade, Honra, Vergonha.

Quem a pôs neste socrócio?.....Negócio  
Quem causa tal perdição?.....Ambição  
E o maior desta loucura?.....Usura.

Notável desventura  
de um povo néscio, e sandeu,  
que não sabe, que o perdeu  
Negócio, Ambição, Usura.

Quais são os seus doces objetos?.....Pretos  
Tem outros bensmais maciços?.....Mestiços  
Quais destes lhe são mais gratos?.....Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,  
dou ao demo a gente asnal,  
que estima por cabedal  
Pretos, Mestiços, Mulatos.

Quem faz os círios mesquinhos?.....Meirinhos  
Quem faz as farinhas tardas?.....Guardas  
Quem as tem nos aposentos?.....Sargentos.

Os círios lá vêm aos centos,  
e a terra fica esfaimando,  
porque os vão atravessando  
Meirinhos, Guardas, Sargentos,

E que justiça a resguarda?.....Bastarda  
É grátis distribuída?.....Vendida  
Quem tem, que a todos assusta?.....Injusta.

Valha-nos Deus, o que custa,  
o que EL-Rei nos dá de graça,  
que anda a justiça na praça  
Bastarda, Vendida, Injusta.

Que vai pela clerezia?.....Simonia  
E pelo membros da Igreja?.....Inveja  
Cuidei, que mais se lhe punha?.....Unha.

Sazonada caramunha!  
enfim que na Santa Sé  
o que se pratica, é

Simonia, Inveja, Unha.

E nos Frades há manqueiras?.....Freiras  
Em que ocupam os serões?.....Sermões  
Não se ocupam em disputas?.....Putas.

Com palavras dissolutas  
me concluí na verdade,  
que as lidas todas de um Frade  
são Freiras, Sermões, e Putas.

O açúcar já se acabou?.....Baixou  
E o dinheiro se extinguiu?.....Subiu  
Logo já convalesceu?.....Morreu.

À Bahia aconteceu  
o que a um doente acontece,  
cai na cama, o mal lhe cresce,  
Baixou, Subiu, e Morreu.

A Câmara não acode?.....Não pode  
Pois não tem todo o poder?.....Não quer  
É que o governo convence?.....Não vence.

Quem haverá que tal pense,  
que uma Câmara tão nobre  
por ver-se mísera, e pobre  
Não pode, não quer, não vence.

### **À MORTE DO PADRE ANTONIO VIEIRA**

Corpo a corpo à campanha embravecida,  
Braço a braço à batalha rigorosa  
Sai Vieira com sanha belicosa,  
De impaciente a morte sai vestida.

Invistem-se cruéis, e na investida  
A morte se admirou menos lustrosa,  
Que Vieira com força portentosa  
Sua ira cruel prostrou vencida.

Porém ele vendo então, que na empresa  
Deixava a morte à morte: e ninguém nega,



Que seus foros perdia a natureza;

E porque se exercite bruta, e cega  
Em devorar as vidas com fereza,  
A seu poder rendido a sua entrega.

## **SÁTIRA AO GOVERNO DE PORTUGAL POR GREGÓRIO DE MATOS RESSUSCITADO EM PERNAMBUCO NO ANO DE 1713**

### *MOTE*

*Este é o bom governo de Portugal*

Um Reino de tal valor  
e de povo tão honrado  
é justo seja louvado  
desde o vassalo ao Snr.  
ainda que fraco orador  
a verdade hei de dizer,  
e cada qual recolher  
pode aquilo que lhe toca  
ainda que digna o provoca  
uma imitação Real  
Este é o bom governo de Portugal.

Um rei menino inocente  
sem compaixão nem piedade  
inimigo da verdade  
com adulação contente  
em uma sombra aparente  
tanto se enleva este Rei  
faltando do Reino a lei  
seguindo somente os vícios  
e com torpes exercícios  
o chegou a extremo tal  
Este é o bom governo de Portugal.

Para os povos bem reger  
Deus o pôs neste lugar  
não para o desgovernar,  
nem para o Reino perder;  
mas creio lhe fazem crer  
que é já virtude o pecar

e o que deve, não pagar  
ter ambição, e avareza  
perseguido a pobreza  
com tributo desigual  
Este é o bom governo de Portugal.

Pois um infante inumano  
insolente matador  
que sem ter de Deus temor  
vive bruto, e corre insano  
é o mais cruel tirano  
que neste Reino se há visto  
e que conhecendo isto  
o tolinho do irmão  
lhe não dê uma prisão  
para evitar tanto mal  
Este é o bom governo de Portugal.

Um neto de um carreiro  
hoje Príncipe da Igreja  
que alcança quanto deseja  
adulando lisonjeiro  
sanguessuga do dinheiro  
que se rouba da pobreza  
e que cheguem a tal grandeza  
quem ontem morrendo a fome  
sem ser visto nem ter nome  
hoje está já Cardeal  
Este é o bom governo de Portugal

Que haja um Conselho de Estado  
para mil resoluções  
e que em todas as ocasiões  
é sempre desacertado  
o parecer sempre errado  
foi de seus desacertos  
obrar com desconcertos  
e só para os bons intentos  
lhe segua os entendimentos  
o grão Demônio Infernal  
Este é o bom governo de Portugal.

Também o seu Secretário  
Dioguinho de Mendonça

que anda por geringonça  
no espácio imaginário  
sempre aberto o candelário  
tem de mentiras, e enganos  
e que com caras de Janos  
vieram assolando o mundo  
eu juro que me confundo  
vendo o que um magano val  
Este é o bom governo de Portugal.

O Mercia das Mercês  
feito mosca atordoada  
que El-Rei não despacha nada  
diz a todo o português:  
todos conhecem que fez  
em breve tempo o palácio  
porque estuda mui de espácio  
na sua conveniência  
tendo piadosa aparência  
por exercício usual  
Este é o bom governo de Portugal.

E que no Conselho de Guerra  
os pobres dos pretendentes  
andam feitos pacientes  
rapando com os pés a terra  
e vendo que se desterra  
daqui o merecimento  
pelo injusto provimento  
dos postos que estes salvagens  
dão a Muchilas e Pajens  
dizem deste tribunal  
Este é o bom governo de Portugal.

A junta dos três estados  
que as rendas reais despende  
dando todo o que pretende  
vai pagar os meus pecados  
depois de ter bem curado  
os ossos na pretensão  
com uma e outra informação  
o mandam a um tesoureiro  
que lhe diz não tem dinheiro  
porque é lagarto fatal

Este é o bom governo de Portugal.

Anexa a contadoria  
donde o Máximo é rezisto  
porque na junta o que é visto  
se remete a esta via:  
se falta aqui a valia  
para a boa informação  
acha-se uma dilação  
e uma dúvida no cabo  
que 'té o mesmo Diabo  
dirá por regra geral  
Este é o bom governo de Portugal.

O Conselho da Fazenda  
com dúvidas e demoras  
passam anos, dias e horas;  
os pobres nesta contenda  
em dilação estupenda  
três anos aqui andei  
que na verdade não sei  
como o posso referir  
não houve que deferir  
foi o despacho final  
Este é o bom governo de Portugal.

Um Desembargo do Paço  
composto de uns chinchilas  
que com roupas, e golilhas  
governam o Reino do espaço  
os corações têm de aço  
estes soberbos vilões  
pois de seus maus corações  
o mal a todos se espalha  
e preside a tal canalha  
o Duque de Cadaval  
Este é o bom governo de Portugal.

O Conselho de Ultramar  
donde preside um Diabo  
que assim lhe vai dado o cabo  
vendendo o que se há de dar:  
e espera de se salvar  
este assolador de gente

tão soberbo e insolente  
que o Rio de Janeiro  
todos dizem que por dinheiro  
vendera este irracional  
Este é o bom governo de Portugal.

E que haja o Reino de ter  
a um Rei tão desumano  
que deixasse passar um ano  
sem o mandar socorrer  
e que ainda favorecer  
queiram ao governador  
que por fraco, e por traidor  
e por dar a S.Vicente  
desacreditasse a gente  
com uma perda universal  
Este é o bom governo de Portugal.

A Mesa da Consciência  
que consciência não tem  
donde todo o que ali vem  
faz perder a paciência  
com uma e outra diligência  
em qualquer inquirição  
traz arrastado um cristão  
que quer pôr a cruz de Cristo  
e se as cruces não tem visto  
não se acha o avô paternal  
Este é o bom governo de Portugal.

Chegamos à Relação  
donde um Bispo é Regedor  
deixa de ser bom pastor  
para ser um mau ladrão:  
depois que empunhou o bastão  
com presunções de letrado  
tem muita gente enforcado  
atropelando os povos  
lhe quer dar costumes novos  
por seu destino brutal  
este é o bom governo de Portugal.

Armazéns e consulado  
que estão regendo o Fronteira

com rezões de Borracheira  
responde a todo o honrado  
porque foi tão grão soldado  
no choque de Badajós  
nesta ocupação o pôs  
por seus serviços El-Rei  
e se há decreto, ordem, ou lei  
o repugna este animal  
Este é o bom governo de Portugal.

A junta que não tem pêlo  
do comércio, porque calva  
a deixou o Marialva  
por lhe arrancar o cabelo  
custou a vida ao Reselo,  
porque dizem nesta terra  
que para as casas do Serra  
dava dinheiro sem conto  
porque o queria ter pronto  
para o pecado carnal  
Este é o bom governo de Portugal.

Pois da Alfândega a descarga  
donde o provedor gentil  
todo o que vem do Brasil  
quer despenda com mão larga  
e se o não faz lhe alarga  
a descarga do Navio  
e os anos atrás no Rio  
carregados se perderam  
que como não concorreram  
concorreu-lhes o temporal  
Este é o bom governo de Portugal.

O estanque do Tabaco  
onde preside o Minas  
de ordenados e propinas  
mui bem se enche o velhaco  
ia-lhe chegando ao caco  
com um bastão estrangeiro  
e o fo. o bom cavaleiro  
deteve a cavalaria  
quando o inimigo fregia  
de xevara no asinal

Este é o bom governo de Portugal.

A casa da Índia e coutos  
com todas as vedorias  
tesoureiros, chancelarias  
mui bem lhe vejo os pespontos  
eu lhe conheço estes pontos  
sem ter passado ao Norte  
que se governara a corte  
eu lhes vagara as enchentes  
pois destas vias correntes  
só eu lhe sei o canal  
Este é o bom governo de Portugal.

Da Câmara, e Senado  
que em obras, taxas, licenças  
deve com toda a presteza  
ter particular cuidado  
o governo é de estado  
e são as ruas da cidade  
monturos e porquidade  
e o que tem que vender  
o vende pelo que quer  
por ter seguro o costal  
Este é o bom governo de Portugal.

Os Ministros de justiça  
que nunca a fizeram direita  
porque a valia respeita  
pela puta, ou por cobiça  
o Demônio assim lhe atiça  
este fogo em seus ardores  
juiz e corregedores  
letrados e escrivães  
alcaides, e tabeliães  
todos vestem de um saial  
Este é o bom governo de Portugal.

Os Ministros da Igreja  
fradaria, e clerezia  
em todos há simonia  
tudo ambição, tudo inveja  
não há nenhum que não seja  
um perverso amancebado:

outro para ser prelado  
a Roma manda dinheiro  
lhe venha um voto papal  
Este é o bom governo de Portugal.

Que queira El-Rei sustentar  
na praça e na campanha  
a guerra com traça e manha  
sem já lhe querer pagar  
e que hão de isto aturar  
os miseráveis soldados  
famintos e trabalhados,  
e ludíbrios padecendo,  
sempre de fome morrendo  
sem lhe darem um só real  
Este é o bom governo de Portugal.

E pode a guerra manter  
com palavras e enganos  
com quatro pobres maganos  
e sem lhes dar de comer  
bem pudera conhecer  
pois lhes dá tão pouco disto  
nos sucessos que tem visto  
depois que o cetro empunhou  
que vitória alcançou  
pois lhe tem ódio mortal  
Este é o bom governo de Portugal.

Os assentistas sem lei  
do Reino distribuidores  
que o trigo aos lavradores  
tomam com poder de El-Rei  
não lho paguando, eu o sei,  
para o tornar a vender  
deixando a fome morrer  
de El-Rei a cavalaria  
e a pobre infantaria  
e sofra isto um general  
Este é o bom governo de Portugal.

Quem as conquistas governa  
manda para desabonos  
uns pataratas fanchonos



sem para nada prestar  
e que se hão de aumentar  
uns redicolhos sujeitos  
sem obras, ações nem feitos  
e se há fatal ocasião  
de ter a espada na mão  
a fuga lhe é cordial  
Este é o bom governo de Portugal.

Que a mais da Fidalguia  
que na soberba se enfronha  
nela se acha sem vergonha  
toda a má velhacaria:  
a franqueza, e a covardia  
se vê contra os castelhanos  
e para os pobres paisanos  
são uns tigres, uns leões  
e parecem uns supiões  
no proceder tão cabal  
Este é o bom governo de Portugal.

Que me dizeis das donzelas  
com escrúpulos honrados  
e tendo os pontos quebrados  
vos colhem nas esparrelas:  
e tendo três vezes parido  
enganam ao pobre marido  
com um virgo de trementina  
encaixando-se a menina  
cos enfiam com uma linha  
em possessão virginal  
Este é o bom governo de Portugal.

Também se veem as casadas  
que porque querem brilhar  
trazer jóias e galear  
e serem mui regaladas  
as honras trazem manchadas  
porque o pobre do marido  
como não dá o vestido  
nem para a casa o sustento  
e diz que está muito isento  
de que o governe o casal  
Este é o bom governo de Portugal.

Que a pobre desconsolada  
da viúva sem marido  
o capelo tragua erguido  
e a cabeça apolvilhada  
mui cheirosa e perfumada  
segundo o mimo pertenda  
sem ter juro nom ter renda  
sempre a presunção é alta  
e se acaso o noivo falta  
não falta um provincial  
Este é o bom governo de Portugal.

Que venha todo o estrangeiro  
e cada um negociando  
o ouro e prata vão levando  
deixando-nos sem dinheiro  
e não há já conselheiro  
que seja homem de talento  
que apurado o entendimento  
algum remédio lhe aplique  
para que o Reino não fique  
exausto deste metal  
Este é o bom governo de Portugal.

Que andem por esta cidade  
roubando vários maraus  
e que estes vaganaus  
tenham a favor e amizade;  
sem ter honra, nem verdade  
furtando uma, e outra vez,  
achando o Conde, ou Marquês  
que dizem se presos vão  
que são de sua obrigação  
ao ministro principal  
Este é o bom governo de Portugal.

Pois uns atravessadores  
de trigo, azeite, ou de vinho  
que são por todo o caminho  
do povo uns assoladores  
porque da fome os rigores  
todos fazem padecer  
e que haja de se sofrer

que qualquer bisbilhoteiro  
encorram (por ter dinheiro)  
em caso tão criminal  
Este é o bom governo de Portugal.

Toda a mais canalha vil  
mercadores vendilhões  
que estão ganhando milhões  
com empregar um ceitil  
tem toda a traça gentil  
para poderem roubar,  
podendo-se isto emendar  
com uns açoutes, ou galés  
porque assim em que lhe pes  
tenham menos cabedal  
Este é o bom governo de Portugal.

Os mais que aqui não refiro  
fiquem à eleição dos leitores  
que de tão graves oradores  
muito pouco me admiro:  
corra a fortuna seu giro  
com mil voltas e rodeios  
pois, que por tão vários meios  
vivem neste Reino insano  
o bom, e o mau, alto, e malo  
e como quer cada qual  
Este é o bom governo de Portugal.

Já não temos que esperar  
neste governo insolente  
mais que perecer a gente  
sem o bem nunca alcançar;  
só para Deus apelar  
pode o povo português  
e pedir-lhe desta vez  
que nos dê governo novo  
para que com ele o povo  
sigua no seu natural  
Este é o bom governo de Portugal.

Quando aquele Santo Rei  
que em Alcácer foi vencido  
pelejando inavertido

contra o povo de Muley  
por exaltar de Xpo. a lei  
sair por divino acerto  
donde está o encoberto,  
com verdade e com razão  
diz, a nossa nação  
tendo um cetro imperial  
Este é o bom governo de Portugal.

Tomás Pinto Brandão.

### **À MORTE DO PADRE ANTONIO VIEIRA**

Corpo a corpo à campanha embravecida,  
Braço a braço à batalha rigorosa  
Sai Vieira com sanha belicosa,  
De impaciente a morte sai vestida.

Invistem-se cruéis, e na investida  
A morte se admirou menos lustrosa,  
Que Vieira com força portentosa  
Sua ira cruel prostrou vencida.

Porém ele vendo então, que na empresa  
Deixava a morte à morte: e ninguém nega,  
Que seus foros perdia a natureza;

E porque se exercite bruta, e cega  
Em devorar as vidas com fereza,  
A seu poder rendido a sua entrega.

### **SÁTIRA AO GOVERNO DE PORTUGAL POR GREGÓRIO DE MATOS RESSUSCITADO EM PERNAMBUCO NO ANO DE 1713**

*MOTE*

*Este é o bom governo de Portugal*

Um Reino de tal valor  
e de povo tão honrado  
é justo seja louvado  
desde o vassalo ao Snr.

ainda que fraco orador  
a verdade hei de dizer,  
e cada qual recolher  
pode aquilo que lhe toca  
ainda que digna o provoca  
uma imitação Real  
Este é o bom governo de Portugal.

Um rei menino inocente  
sem compaixão nem piedade  
inimigo da verdade  
com adulação contente  
em uma sombra aparente  
tanto se enleva este Rei  
faltando do Reino a lei  
seguindo somente os vícios  
e com torpes exercícios  
o chegou a extremo tal  
Este é o bom governo de Portugal.

Para os povos bem reger  
Deus o pôs neste lugar  
não para o desgovernar,  
nem para o Reino perder;  
mas creio lhe fazem crer  
que é já virtude o pecar  
e o que deve, não pagar  
ter ambição, e avareza  
perseguido a pobreza  
com tributo desigual  
Este é o bom governo de Portugal.

Pois um infante inumano  
insolente matador  
que sem ter de Deus temor  
vive bruto, e corre insano  
é o mais cruel tirano  
que neste Reino se há visto  
e que conhecendo isto  
o tolinho do irmão  
lhe não dê uma prisão  
para evitar tanto mal  
Este é o bom governo de Portugal.

Um neto de um carreiro  
hoje Príncipe da Igreja  
que alcança quanto deseja  
adulando lisonjeiro  
sanguessuga do dinheiro  
que se rouba da pobreza  
e que cheguem a tal grandeza  
quem ontem morrendo a fome  
sem ser visto nem ter nome  
hoje está já Cardeal  
Este é o bom governo de Portugal

Que haja um Conselho de Estado  
para mil resoluções  
e que em todas as ocasiões  
é sempre desacertado  
o parecer sempre errado  
foi de seus desacertos  
obrar com desconcertos  
e só para os bons intentos  
lhe segua os entendimentos  
o grão Demônio Infernal  
Este é o bom governo de Portugal.

Também o seu Secretário  
Dioguinho de Mendonça  
que anda por geringonça  
no espaço imaginário  
sempre aberto o candelário  
tem de mentiras, e enganos  
e que com caras de Janos  
vieram assolando o mundo  
eu juro que me confundo  
vendo o que um magano val  
Este é o bom governo de Portugal.

O Mercia das Mercês  
feito mosca atordoada  
que El-Rei não despacha nada  
diz a todo o português:  
todos conhecem que fez  
em breve tempo o palácio  
porque estuda mui de espaço  
na sua conveniência

tendo piadosa aparência  
por exercício usual  
Este é o bom governo de Portugal.

E que no Conselho de Guerra  
os pobres dos pretendentes  
andam feitos pacientes  
rapando com os pés a terra  
e vendo que se desterra  
daqui o merecimento  
pelo injusto provimento  
dos postos que estes salvagens  
dão a Muchilas e Pajens  
dizem deste tribunal  
Este é o bom governo de Portugal.

A junta dos três estados  
que as rendas reais despende  
dando todo o que pretende  
vai pagar os meus pecados  
depois de ter bem curado  
os ossos na pertensão  
com uma e outra informação  
o mandam a um tesoureiro  
que lhe diz não tem dinheiro  
porque é lagarto fatal  
Este é o bom governo de Portugal.

Anexa a contadoria  
donde o Máximo é rezisto  
porque na junta o que é visto  
se remete a esta via:  
se falta aqui a valia  
para a boa informação  
acha-se uma dilação  
e uma dúvida no cabo  
que 'té o mesmo Diabo  
dirá por regra geral  
Este é o bom governo de Portugal.

O Conselho da Fazenda  
com dúvidas e demoras  
passam anos, dias e horas;  
os pobres nesta contenda

em dilação estupenda  
três anos aqui andei  
que na verdade não sei  
como o posso referir  
não houve que deferir  
foi o despacho final  
Este é o bom governo de Portugal.

Um Desembargo do Paço  
composto de uns chinchilas  
que com roupas, e golilhas  
governam o Reino do espaço  
os corações têm de aço  
estes soberbos vilões  
pois de seus maus corações  
o mal a todos se espalha  
e preside a tal canalha  
o Duque de Cadaval  
Este é o bom governo de Portugal.

O Conselho de Ultramar  
donde preside um Diabo  
que assim lhe vai dado o cabo  
vendendo o que se há de dar:  
e espera de se salvar  
este assolador de gente  
tão soberbo e insolente  
que o Rio de Janeiro  
todos dizem que por dinheiro  
vendera este irracional  
Este é o bom governo de Portugal.

E que haja o Reino de ter  
a um Rei tão desumano  
que deixasse passar um ano  
sem o mandar socorrer  
e que ainda favorecer  
queiram ao governador  
que por fraco, e por traidor  
e por dar a S.Vicente  
desacreditasse a gente  
com uma perda universal  
Este é o bom governo de Portugal.



A Mesa da Consciência  
que consciência não tem  
donde todo o que ali vem  
faz perder a paciência  
com uma e outra diligência  
em qualquer inquirição  
traz arrastado um cristão  
que quer pôr a cruz de Cristo  
e se as cruzes não tem visto  
não se acha o avô paternal  
Este é o bom governo de Portugal.

Chegamos à Relação  
donde um Bispo é Regedor  
deixa de ser bom pastor  
para ser um mau ladrão:  
depois que empunhou o bastão  
com presunções de letrado  
tem muita gente enforcado  
atropelando os povos  
lhe quer dar costumes novos  
por seu destino brutal  
este é o bom governo de Portugal.

Armazéns e consulado  
que estão regendo o Fronteira  
com rezões de Borracheira  
responde a todo o honrado  
porque foi tão grão soldado  
no choque de Badajós  
nesta ocupação o pôs  
por seus serviços El-Rei  
e se há decreto, ordem, ou lei  
o repugna este animal  
Este é o bom governo de Portugal.

A junta que não tem pêlo  
do comércio, porque calva  
a deixou o Marialva  
por lhe arrancar o cabelo  
custou a vida ao Reselo,  
porque dizem nesta terra  
que para as casas do Serra  
dava dinheiro sem conto

porque o queria ter pronto  
para o pecado carnal  
Este é o bom governo de Portugal.

Pois da Alfândega a descarga  
donde o provedor gentil  
todo o que vem do Brasil  
quer despenda com mão larga  
e se o não faz lhe alarga  
a descarga do Navio  
e os anos atrás no Rio  
carregados se perderam  
que como não concorreram  
concorreu-lhes o temporal  
Este é o bom governo de Portugal.

O estaque do Tabaco  
onde preside o Minas  
de ordenados e propinas  
mui bem se enche o velhaco  
ia-lhe chegando ao caco  
com um bastão estrangeiro  
e o fo. o bom cavaleiro  
deteve a cavalaria  
quando o inimigo fregia  
de xevara no asinal  
Este é o bom governo de Portugal.

A casa da Índia e coutos  
com todas as vedorias  
tesoureiros, chancelarias  
mui bem lhe vejo os pespontos  
eu lhe conheço estes pontos  
sem ter passado ao Norte  
que se governara a corte  
eu lhes vagara as enchentes  
pois destas vias correntes  
só eu lhe sei o canal  
Este é o bom governo de Portugal.

Da Câmara, e Senado  
que em obras, taxas, licenças  
deve com toda a presteza  
ter particular cuidado

o governo é de estado  
e são as ruas da cidade  
monturos e porquidade  
e o que tem que vender  
o vende pelo que quer  
por ter seguro o costal  
Este é o bom governo de Portugal.

Os Ministros de justiça  
que nunca a fizeram direita  
porque a valia respeita  
pela puta, ou por cobiça  
o Demônio assim lhe atiça  
este fogo em seus ardores  
juiz e corregedores  
letrados e escrivães  
alcaides, e tabeliães  
todos vestem de um saial  
Este é o bom governo de Portugal.

Os Ministros da Igreja  
fradaria, e clerezia  
em todos há simonia  
tudo ambição, tudo inveja  
não há nenhum que não seja  
um perverso amancebado:  
outro para ser prelado  
a Roma manda dinheiro  
lhe venha um voto papal  
Este é o bom governo de Portugal.

Que queira El-Rei sustentar  
na praça e na campanha  
a guerra com traça e manha  
sem já lhe querer pagar  
e que hão de isto aturar  
os miseráveis soldados  
famintos e trabalhados,  
e ludíbrios padecendo,  
sempre de fome morrendo  
sem lhe darem um só real  
Este é o bom governo de Portugal.

E pode a guerra manter

com palavras e enganos  
com quatro pobres maganos  
e sem lhes dar de comer  
bem pudera conhecer  
pois lhes dá tão pouco disto  
nos sucessos que tem visto  
depois que o cetro empunhou  
que vitória alcançou  
pois lhe tem ódio mortal  
Este é o bom governo de Portugal.

Os assentistas sem lei  
do Reino distribuidores  
que o trigo aos lavradores  
tomam com poder de El-Rei  
não lho paguando, eu o sei,  
para o tornar a vender  
deixando a fome morrer  
de El-Rei a cavalaria  
e a pobre infantaria  
e sofra isto um general  
Este é o bom governo de Portugal.

Quem as conquistas governa  
manda para desabonos  
uns pataratas fanchonos  
sem para nada prestar  
e que se hão de aumentar  
uns redicolhos sujeitos  
sem obras, ações nem feitos  
e se há fatal ocasião  
de ter a espada na mão  
a fuga lhe é cordial  
Este é o bom governo de Portugal.

Que a mais da Fidalguia  
que na soberba se enfronha  
nela se acha sem vergonha  
toda a má velhacaria:  
a franqueza, e a covardia  
se vê contra os castelhanos  
e para os pobres paisanos  
são uns tigres, uns leões  
e parecem uns supiões

no proceder tão cabal  
Este é o bom governo de Portugal.

Que me dizeis das donzelas  
com escrúpulos honrados  
e tendo os pontos quebrados  
vos colhem nas esparrelas:  
e tendo três vezes parido  
enganam ao pobre marido  
com um virgo de trementina  
encaixando-se a menina  
c'os enfiam com uma linha  
em possessão virginal  
Este é o bom governo de Portugal.

Também se veem as casadas  
que porque querem brilhar  
trazer jóias e galear  
e serem mui regaladas  
as honras trazem manchadas  
porque o pobre do marido  
como não dá o vestido  
nem para a casa o sustento  
e diz que está muito isento  
de que o governe o casal  
Este é o bom governo de Portugal.

Que a pobre desconsolada  
da viúva sem marido  
o capelo tragua erguido  
e a cabeça apolvilhada  
mui cheirosa e perfumada  
segundo o mimo pertenda  
sem ter juro nom ter renda  
sempre a presunção é alta  
e se acaso o noivo falta  
não falta um provincial  
Este é o bom governo de Portugal.

Que venha todo o estrangeiro  
e cada um negociando  
o ouro e prata vão levando  
deixando-nos sem dinheiro  
e não há já conselheiro

que seja homem de talento  
que apurado o entendimento  
algum remédio lhe aplique  
para que o Reino não fique  
exausto deste metal  
Este é o bom governo de Portugal.

Que andem por esta cidade  
roubando vários maraus  
e que estes vaganaus  
tenham a favor e amizade;  
sem ter honra, nem verdade  
furtando uma, e outra vez,  
achando o Conde, ou Marquês  
que dizem se presos vão  
que são de sua obrigação  
ao ministro principal  
Este é o bom governo de Portugal.

Pois uns atravessadores  
de trigo, azeite, ou de vinho  
que são por todo o caminho  
do povo uns assoladores  
porque da fome os rigores  
todos fazem padecer  
e que haja de se sofrer  
que qualquer bisbilhoteiro  
encorram (por ter dinheiro)  
em caso tão criminal  
Este é o bom governo de Portugal.

Toda a mais canalha vil  
mercadores vendilhões  
que estão ganhando milhões  
com empregar um ceitil  
tem toda a traça gentil  
para poderem roubar,  
podendo-se isto emendar  
com uns açoutes, ou galés  
porque assim em que lhe pes  
tenham menos cabedal  
Este é o bom governo de Portugal.

Os mais que aqui não refiro

fiquem à eleição dos leitores  
que de tão graves oradores  
muito pouco me admiro:  
corra a fortuna seu giro  
com mil voltas e rodeios  
pois, que por tão vários meios  
vivem neste Reino insano  
o bom, e o mau, alto, e malo  
e como quer cada qual  
Este é o bom governo de Portugal.

Já não temos que esperar  
neste governo insolente  
mais que perecer a gente  
sem o bem nunca alcançar;  
só para Deus apelar  
pode o povo português  
e pedir-lhe desta vez  
que nos dê governo novo  
para que com ele o povo  
siga no seu natural  
Este é o bom governo de Portugal.

Quando aquele Santo Rei  
que em Alcácer foi vencido  
pelejando inadvertido  
contra o povo de Muley  
por exaltar de Xpo. a lei  
sair por divino acerto  
donde está o encoberto,  
com verdade e com razão  
diz, a nossa nação  
tendo um cetro imperial  
Este é o bom governo de Portugal.

### **O ENGENHO ESTÁ PEJADO**

Que vai por lá, Senhores Cajaíbas?  
Eu não tenho que olhar mais que horizontes.

**CHEGANDO O POETA A VILA DE SÃO FRANCISCO DESCREVE OS  
DIVERTIMENTOS, QUE ALI PASSAVA, E EM QUE SE ENTRETINHA**

Há cousa como estar em São Francisco,  
Onde vamos ao pasto a tomar fresco,  
Passam as negras, fala-se burlesco,  
Fretam-se todas, todas caem no visco.

O peixe roda aqui, ferve o marisco,  
Come-se ao grave, bebe-se ao tudesco,  
Vêm barcos da cidade com o refresco,  
Há já tanto biscouto como cisco.

Chega o Faísca, fala, e dá um chasco,  
Começa ao dia, acaba ao lusco e fusco,  
Não cansa o paladar, rompe-me o casco.

Joga-se em casa em sendo o dia brusco,  
Vem chegando-se a Páscoa, e se eu me empasco,  
Os lombos de um Tatu é o pão, que busco.

### **QUANTA ADMIRAÇÃO QUE LHE CAUSARAM AS MUDANÇAS DO SÍTIO**

Ou o sítio se acabou,  
ou o mudaram, daqui,  
ou eu às cegas o vi,  
e a cegueira me cagou:  
quando o sítio me logrou,  
ou eu o sítio lograva,  
o sítio me enfeitiçava,  
pelo sítio me morria,  
pelas fêmeas, que ali via,  
pelas saídas, que achava.

Havia umas fermosuras  
mui ledas, e mui louças  
para qualquer sim mui chãs  
para qualquer não mui duras:  
hoje há quatro más figuras  
mui presumidas, e inchadas,  
querem-se muito adoradas,  
porém com pretexto errado,  
e é que ao fazer do pecado  
são fidalgas estiradas.



Outras putinhas malsins  
me têm cercado de sorte,  
que por ver-me em mãos da morte  
não me dão descarga aos rins:  
mas como nestes confins  
tenho tanta parentela,  
dando uma vista a Castela  
me deparou logo Amor  
na terra uma linda flor,  
no céu uma rica estrela.

Fretei-a a pouco trabalho,  
e mui pouco me custou,  
porque era do ferro, ou  
porque era amiga do alho:  
veio buscar-me sem falho,  
inda durava o luar,  
não veio para ficar,  
mas eu contudo finquei-o:  
com que se a ficar não veio,  
contudo veio a fincar.

Como tenho já segura  
a carne no garavato,  
me rio, que o sítio ingrato  
tenha, ou não tenha fartura:  
porque em sendo conjuntura,  
que é lá pela noite alta,  
nunca a Mulatinha falta,  
e deem-me outra Parda forra  
em que tudo isto concorra,  
geme, gosta, atura, e salta.

### **TORNA O POETA AO SÍTIO DE CAJAÍBA, E SE ADMIRA DAS MUDANÇAS EM QUE O VÊ**

Está o sítio esgotado  
das Putas, que lhe deixei,  
pois apenas nele achei  
o bagaço do pecado:  
Polônia me dá enfado,  
e sua ausência me embaça,  
porque se a boca arregaçá,

com tanta graça se ria,  
que eu lhe disse, que podia  
rir-se até da mesma Graça.

Faltam outras, que eu deixei,  
como é Inácia Barrosa,  
que inda que puta escabrosa,  
presta, para o que eu bem sei:  
falta a do aqui-d'El-Rei  
a Beleta gritadeira,  
que se gruda de maneira  
com xaropes, que cozinha,  
que fica uma donzelinha  
e não sabe a parideira.

Falta a Gafeira dos gatos,  
que movida da consciência  
fala ao Branco em penitência  
de se dormir c'os Mulatos:  
deixou negregados tratos,  
e quis a um Branco arrimar-se  
não mais que para emendar-se  
e assim ao branco amigão  
tem por mortificação,  
por ver se pode salvar-se.

Falta, pois nunca aparece,  
Lourença, que chamam Cuia,  
que com cara de aleluia  
nem por isso me apetece:  
e se ela desaparece  
por guardar ao Mano fé,  
não me meto eu no porquê  
mas puta tão desluzida,  
ande-se embora escondida,  
que me faz muita mercê.

Falta Benedita cuja  
vasquinha, ou saia vermelha,  
suposto, que cristã velha  
não deixava de ser suja:  
falta, porque era coruja,  
e toda a noite vagava,  
e a quantos homens topava

(diziam-me alguns mirones)  
que não sabe dizer nones,  
e assim aos pares se dava.

Falta Luzia a Sapata,  
que estava na Cajaíba,  
arriba, putas, arriba,  
não se torne a Ilha em mata:  
falta uma, e outra Mulata,  
e se acaso se acha aqui  
a Conga, a Calabari,  
e outras negras no folguedo,  
como as dorme o Azevedo,  
quem há de ir folgar-se ali?

Vou-me do sítio famoso  
queixoso e desesperado,  
das Mulatas esfaimado,  
das Negras escrupuloso  
não torno a tal rio undoso,  
que tanto pisei, e enquanto  
me recolho em um recanto,  
onde à vida veja o cabo,  
o sítio va co diabo,  
e as Mulatas outro tanto.

Não falo nas nossas Quitas,  
nas Maranas, nas Antônias,  
que as mais são umas demônias,  
e estas umas Angelitas:  
as mais são umas malditas,  
que fedem sempre ao peixum;  
na praça comerei um  
salmonete singular,  
e aqui não quero trocar  
a Cioba pelo Atum.

#### **DESCREVE SEGUNDA VEZ AQUELAS MUDANÇAS, SATIRIZANDO DE CAMINHO AO AZEVEDO FEITOR MOR DO ENGENHO**

Segunda vez tomo a pena  
para tão longe voar,  
que sal o sítio a enforçar

por sentença, que o condena:  
a culpa não é pequena  
de estar o sítio a pé quedo  
suportando o Azevedo,  
que anda por este lugar  
de contínuo a fornicar  
as negras a puro dedo.

Haverá, Azevedo, alguém  
que não raive até morrer  
de ver, que queirais vós ter  
o gosto, que os homens têm?  
e eu raivo mais que ninguém,  
pois sois um triste azamel,  
que com pica de cordel,  
como a não podeis fincar,  
quereis o sundo levar  
às dedadas como mel.

Eu vos desengano logo,  
que isto é só para o varão,  
que vê a caça, e ergue o cão,  
e de improviso dá fogo:  
não é para vós o jogo,  
nem para os vossos lanções  
pois nunca meteis os bois,  
nem tendes bois, que meter,  
e se homem sois, ou mulher  
não se sabe inda, o que sois.

Se furtais tanto fragmento  
de açúcar para as mulheres,  
pode ser, se lho não deres,  
que tendes entendimento:  
não faleis em casamento,  
com que o demo vos atija,  
porque essa Moça castiça  
cento, e cinquenta réis lhe achais,  
e vós triste não entraís  
com cinquenta réis de piça.

Pedis a Moça, que vistes  
a fim só de a enganar,  
porque o mais, que lhe heis de dar,

serão quatro beijos tristes:  
se eu sei, que nunca cumpristes,  
que disso Teodora brama,  
porque o dedo não derrama,  
como é possível querer,  
que se contente a mulher,  
do que escarnece uma Dama.

Verdade é, que na ocasião  
destas comédias passadas  
deixou muitas namoradas  
vossa representação:  
mas a vossa locução  
deixou o Povo tão cego,  
tão confuso, e sem sossego,  
que ninguém sabe atinar  
se Português Malavar  
sois, se castelhano Grego.

Pois a Moça se tem míngua  
de casar por ser mulher,  
como vos há de entender  
se não sabe a vossa língua:  
deixai, Azevedo, essa íngua  
de casar, que é má doença,  
e pois Amor vos dispensa,  
que mil catingas cheireis,  
com branca vos não deiteis,  
que heis de morrer de corrença.

Ponde, Azevedo, o cuidado  
em ser gente, e não sendeiro,  
que o ser home está primeiro,  
e depois o ser casado:  
se vos não tem dispensado  
vossa natureza atroz  
para ser home entre nós,  
como contra o natural  
quereis mulher racional,  
sendo vós um catrapós?

**A HENRIQUE DA CUNHA DESENFADO DO POETA POR INSIGNE MENTIROSO,  
CHEGANDO DA ITAPEMA À CAJAÍBA**

Senhor Henrique da Cunha,  
vós, que sois na Itapema  
conhecido pelo brio,  
graça, garbo, e gentileza:  
Vós, que donde quer que estais,  
todo o mundo se vos chega  
a escutar a muita graça,  
que vos chove a boca cheia:  
Vós, que partindo de casa  
ou seja a remo, ou a vela,  
bem que venhas sem velame,  
vindes fiado na verga.  
E apenas tendes chegado  
a esta Cajaíba amena,  
logo São Francisco o sabe,  
logo Apolônia se enfeita.  
Logo chovem os recados,  
logo a canoa se apresta,  
logo vai, e logo encalha,  
logo toma, e logo chega.  
Logo vós a conduzis  
para a casa das galhetas,  
onde o melado se adoça,  
onde a garapa se azeda.  
Entra ela, entrai vós também,  
assenta-se, e vós com ela,  
e assentada lhe brindais  
à saúde da fodenga.  
Vós, mas basta tanto vós,  
se bem que a Musa burlesca  
anda tão desentoadada,  
que já não canta, vozeia.  
Às vossas palavras vamos,  
vamos às vossas promessas,  
que com serem infinitas,  
não são mais que as minhas queixas.  
Prometeste-me há dous anos  
de fazer-me aquela entrega  
da viúva de Nain,  
que hoje é glória da Itapema.  
Não me mandastes combói,  
necessária diligência  
para um triste, que não sabe

nem caminho, nem carreira.  
Tão penoso desde entoncos  
fiquei com tamanha perda,  
que ou a pena há de acabar-me,  
ou há de acabar-me a pena.  
Mas inda assim eu confio  
na Senhora Dona Tecla,  
que nas dez varas de Holanda  
hei de amortilhar a pena.  
Disse amortilhar? mal disse,  
melhor ressurgir dissera,  
que em capela tal ressurgir  
a mais defunta potência.  
Vós me tirastes do ganho,  
sois meu amigo, paciência:  
por isso diz o rifão,  
que o maior amigo aprega.  
Se vós soubestes lográ-la,  
que sois com suma destreza  
grande jogador de porra  
pela branca, e pela preta.  
Jogais a negra, e a branca,  
e tudo na escola mesma,  
bem haja a escrava, a senhora,  
que uma d'outra se não zela.  
Esta é a queixa passada,  
porém a presente queixa  
é, que a todos os amigos  
mandastes mimos da terra.  
A um peças de piaçaba,  
fizestes a outros peça,  
eu já essa peça tomara  
por ter de vós uma prenda.  
Enviai-me alguma cousa,  
mais que seja um pau de lenha,  
terei um pau para os cães,  
que é, o que há na nossa terra.  
Lembre-vos vosso compadre,  
que o tal Duarte de Almeida  
co'a obra parou enquanto  
a piaçaba não chega.  
Mandai-me uma melancia,  
que ainda que é fruta velha,  
não importa o ser passada,

como de presente venha.  
Mandai-me um par de tipóias,  
das que se fazem na terra  
a dous cruzados cada uma,  
que eu mandarei a moeda.  
Mandai-me sem zombaria,  
que eu vo-lo peço deveras,  
porque eu não peço de graça,  
quanto a dinheiro se venda.  
Mandai boas novas vossas,  
em que vos sirva, e obedeça,  
que como vosso cativo  
irei por mar, e por terra.  
Mandai-me novas da Mãe,  
das Filhas muitas novelas,  
pois em fazê-las excedem  
Cervantes, e outros Poetas.  
E perdoai disparates,  
de quem tanto vos venera,  
que por em tudo imitar-vos,  
vos quer seguir na fodenga.

#### **AGRADA-SE DOS DONAIRES DE UMA CABRINHA DO PADRE SIMÃO FERREIRA E LHE FAZ O SEGUINTE ROMANCE**

Córdula da minha vida,  
Mulatinha da minha alma,  
leda como as aleluias,  
é garrida como as Páscoas.  
Valha-te Deus por cabrinha,  
valha-te Deus por Mulata,  
e valha-me Deus a mim,  
que me meto em guardar cabras.  
Quando te apolego as tetas  
como uns marmelos inchadas,  
me dão tentações, porque  
cuido, que são marmeladas.  
Tu me matas de donzela  
porque, Córdula, te gabas  
de virgo, sendo que Virgo  
nunca em Capricórnio anda.  
Passei pela tua porta,  
estavas junto da casa,



chamei-te, achei-te cortês  
vieste, e foste tirana.  
Porque apenas to pedi,  
quando me viraste a cara,  
e co cabaço, que finges  
me deste mil cabeçadas.  
Enfim me destes o sim,  
com que creio, que me enganas,  
porque se há xinxim de brancas,  
tu és o xinxim das cabras.  
Por esta cara te juro,  
que em dando-te a virotada  
me hás de rondar pela porta,  
me hás de puxar pela capa.

### **COMO A NÃO PODE DE NENHUMA SORTE ALCANÇAR À DESCOMPÕE EM DÉCIMAS**

A Cabra de Cajaíba  
serva do Padre Simão  
é grandíssimo putão,  
e no virgo inda se estriba:  
virgo abaixo, virgo à riba  
já de escutá-la me encalmo,  
pois enquanto reza um salmo  
o Padre entre os arvoredos,  
sai com virgo de três dedos,  
e entra com virgo de palmo.

A Cabra é puta cambaia,  
e em sentindo o membro a vela  
por fingir, que inda é donzela,  
quando fode, se desmaia:  
faminta discorre a praia,  
que chamamos o Apicu,  
e topando um negro nu,  
o visita como amigo  
ela a ele a par do embigo,  
ele a ela a par do cu.

Sobre toda esta fodenga  
de membros como pivetes,  
se lhe fala um Branco em fretes

co'a donzelice o derrenga:  
e depois que a muita arenga  
a tem convencido já,  
lhe responde, que ela irá,  
e indo, ela manda dizer,  
que para o Padre beber  
pisando está carimá.

Maldito seja tal caldo,  
e tal mingau de Aratus,  
que boto a Deus, e a Jesus,  
que de ouvi-lo só me escaldo;  
tanta pimenta rescaldo,  
tanta manipuba impressa  
no vão da tal boa peça,  
na tal puta Jacutinga  
faz, com que sobre a catinga  
a manipuba me fessa.

Ela a manipuba fede,  
ela fede a carimá  
e me fede a Cabra já  
sobretudo, porque pede:  
pede, e diz, que o que lhe impede  
fazer as suas sortidas,  
são duas fraldas cosidas,  
e um cabeção para a praia,  
e sempre pede uma saia  
para fazer as saídas.

Serve a negros de investir  
com tamanho pé-de-banco,  
e quer a Cabra, que um Branco  
sirva o dar-lhe de vestir:  
Para o puto que rustir  
tal concerto, e tal partido,  
que eu sem ter leso o sentido  
não posso ser tão sendeiro  
que despenda o meu dinheiro  
por um fedor tão fodido.

**OUTRA MULATA CLARA CHAMADA JOANA GAFEIRA CAMARADA DE IZABEL SE  
DESVIAVA DO POETA TEMENDO A SUA LÍNGUA, E ELE DESEJOSO DE À**

## CONVERSAR, E DESCONFIADO DE O PODER CONSEGUIR LHE FAZ ESTE ROMANCE

Aqui-d'El-Rei, que me mata,  
Gafeira, os vossos desdéns:  
eu não vi Parda tão branca  
com tão negro proceder.  
Como consente, que diga,  
que tão grande puta é,  
que deixa por um Mulato  
um homem de branca tez?  
Uma Mulata tão linda,  
que da cabeça até os pés  
é uma estampa e Vênus  
debuxadinha ao pincel?  
De vos chamarem Gafeira  
vimos todos a entender,  
que andais gafa de Mulatos,  
e expurgar-vos não podeis.  
Morreis pelas palmatórias,  
Putinha, porque sabeis,  
que sois carreta medida  
pelos canhões do seu trem.  
E pois estais tão batida,  
como muralha de Argel  
de tantos canhões de alcance,  
quantos Mulatos fodeis:  
Daqui vos digo, Putinha,  
que me arrependo, de que  
meus recados vos chegassem,  
pelo muito que fedes.  
Do vosso fedor se queixa  
até Sergipe d'El-Rei,  
por ser o sovaco, e vaso  
putiú, catinga, e pez.  
Eu me sinto feder tanto  
de haver-vos visto uma vez,  
que hei de lavar neste rio  
olhos, pensamento, e pés.  
Os olhos, porque vos viram,  
e o pensamento, porque  
o tive de cavalgar-vos,  
e os pés, porque nisso andei.  
Andai, Puta de torresmos,

porque sois, e haveis de ser  
puta de membros torrados  
por sempre jamais amém.

**SATIRIZA O POETA O ENCONTRO, QUE TEVE JOANA GAFEIRA, DE QUEM  
FALAREMOS LARGAMENTE NAS DAMAS DA VILA DE S. FRANCISCO COM  
CERTO FRADE EM UM BANANAL**

Um Frade no Bananal,  
inda que diga Joana,  
que foi despencar banana,  
jurarei, que não foi tal:  
não foi o Frade ao quintal  
para roubar a seu dono,  
mas dizem por seu abono,  
que foi ao quintal prover-se,  
deve crer-se, e entender-se,  
que foi prover-se de cono.

Como havia de ir o Frade  
prover-se ao bananal,  
se eu sei, que foi ao quintal  
com outra necessidade:  
que Sua Paternidade  
lá fosse, a mim me constou,  
mas como a Joana achou  
estirada, e tartamuda,  
deitou-lhe o Frade uma ajuda,  
com que Joana cagou.

Que cagasse não me espanto,  
se a calda o quintal empoça  
com seringa um tanto grossa,  
e comprida um tanto quanto:  
sentiu-se Joana tanto  
que o Frade assim a sacuda,  
que chamando, quem lhe acuda,  
dizia, que na verdade  
antes queria do Frade  
o xarope, do que ajuda.

O xarope é cordial,  
e ajuda é culatrina

xarope é cousa divina,  
a ajuda é cousa infernal,  
nunca eu fora ao bananal!  
mas quem havia de crer,  
que o Frade lá fosse ter,  
para que ali me sacuda,  
e não deixasse uma ajuda,  
com que eu pudesse viver.

Ele me fez de maneira,  
quando o canudo metia,  
que eu cuidei, que me dormia  
c'um tronco de bananeira:  
enquanto na derradeira  
o licor senti correr  
da calda, me pus a crer,  
e cri, que em toda a verdade  
o Frade como bom Frade  
vinha ajudar-me a morrer.

Mas logo senti a m'ingua,  
quando a dizer me esforçava  
Jesus, ele me tapava  
a boca com toda a língua:  
nunca a piedade m'ingua,  
se não num grosso saial,  
e foi este Frade tal,  
que me impediu, que falasse,  
porque Deus mais não chamasse,  
que o demo do bananal.

Que fosse ajuda não sei,  
e só sei, que apuros topes  
me deu o rei dos xaropes,  
e não xarope de rei:  
o Frade é Frade sem lei,  
e de consciência torta,  
pois na minha mesma horta,  
quando a sua seringada  
me houvera deixar curada,  
então me deixou mais morta.

Morrera em todo o rigor  
desta feita excomungada,

se a força da vardascada  
não me absolve meu Senhor:  
o Frade como traidor  
com outro a fuga confere  
e porque mais me exaspere,  
cruzou o charco salgado,  
porque sendo o excomungado  
levasse eu o miserere.

**COMO NÃO PÔDE O POETA LOGRAR, LHE DIZIA ESTAS, E OUTRAS INJURIAS,  
COMO O FOI O SER APANHADA NO BANANAL COM UM FRADE COMO JÁ  
DISSEMOS: MAS ELA ATRAVESSADA GRACIOSAMENTE COM O POETA, LHE  
FAZIA CARRANCAS TODAS AS VEZES, QUE O VIA**

Não posso cobrar-lhes medo,  
Joana, aos vossos focinhos,  
que como sois tão formosa,  
cede à verdade o fingido.  
Tanta olhadura através  
tanto focinho torcido,  
tanto pescoço empinado,  
tanto esguelhado beicinho:  
São modos tão estrangeiros,  
alheios, e peregrinos  
das perfeições naturais  
do vosso rosto divino;  
Que jamais podem fazer  
no meu peito amante, e fino  
retorceder as tenções,  
nem arribar os desígnios.  
Sempre caminhando avante,  
nunca deixando o caminho  
ando atrás de ver, se posso  
chegar a vosso cativo.  
Se me ferrais esta cara  
c'um favorzinho de riso,  
me hei de rir de farto então  
do mundo, e seus regozijos.  
Hei de pôr-me a rir então  
de sorte, que a riso fito  
me hão de ter em todo o orbe  
por Demócrito dos risos.  
Olharei para Beleta,

e me rirei dos meninos,  
que a andam sempre beliscando  
qual Mona com seus bugios.  
Olharei para Apolônia,  
e de a ver entre os corrilhos  
de tanta canastra honrada,  
que é a nobreza do sítio.  
Rirei de ver cada um  
ir-se daqui despedido,  
entonces mais carregado,  
porque entonces mais vazio.  
A eles pelas estradas  
suspirando pelo sítio,  
a ela pelos oiteiros  
zombando de tais suspiros.  
A eles tomando o tole  
para o sertão fugitivos,  
tanto fugindo dos anos,  
como da conta fugindo.  
A ela por capoeiras  
estreando c'os meninos  
a baetinha dos pobres  
a Serafina dos ricos.  
Para a Úrsula olharei  
e rirei de a ver no Sítio  
parafusando caralhos  
pela tarraxa do embigo.  
Rirei de versos amantes,  
rirei de ver os queridos,  
que tendo-se por ditosos,  
são em seus gostos mofinos.  
E só feliz eu serei,  
se logro os vossos carinhos,  
e me plantais nesta cara  
da vossa boca um beijinho.  
Tende-me na vossa graça,  
e a queixa se torne em riso,  
a malquerença em amor,  
e o desfavor em carinho.

**PINTA O POETA AS PORQUEIRAS DE UM FRADE, E SEUS DEPRAVADOS MODOS  
EM MATÉRIAS AMOROSAS, SATIRIZANDO DE CAMINHO A TRÊS MOÇAS IRMÃS  
DA VILA DE SAM FRANCISCO, QUE À TANTO SE INCLINAVAM**

A vós digo, Putinhas franciscanas,  
Convosco falo, manas,  
Ouvi pacito, e respondi-me quedo,  
Que quero me digais certo segredo;  
Por que com Frades vos dormis aos pares,  
E tendes ódio aos membros seculares?

Não sois vós outras lâminas de prata,  
Que na oficina grata,  
Em que o seu malho o senhor Pai batia,  
Saístes animada argenteria?  
Pois como em tais diáfanos argentos  
Engastais tantos membros fedorentos?

Era qualquer de vós prata sem liga,  
E hoje, não sei, se diga,  
Liga fazeis co chumbo vil de um Frade,  
Que dá com chumbo, e faz a caridade;  
Ó infaustas moças na mofina raras,  
Que fazem tais baratos de tais caras!

Que esperais, que vos dê, ou vos proveja  
Um magano da Igreja,  
O lixo eclesiástico do mundo,  
Que é senão um Franciscano imundo,  
De cujas bragas nos avisa o cheiro,  
Que ali o cepo vem do Pasteleiro.

O Frade porqueirão esfamiado  
Apenas tem entrado,  
Quando sem mais razão, nem mais palavra  
Pega, arregança, emboca, e escalavra:  
Não gasta a voz, não se detém, nem pode,  
Arremete, cavalga, impinge, e fode.

O secular, que é todo almiscarado,  
Já do amor obrigado  
Faz à Dama um poema em um bilhete,  
Cobarde o faz, tímido o remete;  
Se lhe responde branda, alegre o gosta,  
E se tirana, estima-lhe a resposta.

Vai no outro dia passear à Dama,



Por quem amor o inflama,  
E sendo o intento ver a Dama bela,  
Passa-lhe a rua, e não lhe vê à janela,  
Que está primeiro em um galã composto,  
O crédito da Dama, que o seu gosto.

Depois de muitos anos de suspiros,  
De desdêns, de retiros,  
Desprezos, desapegos, desenganos,  
Constâncias de Jacob, serviço de anos  
Fazem, com que da Dama idolatrada  
Lhe vem recado, em que lhe dá entrada.

Com tal recado alvoroçado o Moço  
Quer morrer de alvorogo,  
E entregue todo ao súbito desvelo  
Enfeita a cara bem, penteia o pêlo,  
Galante em cheiros, e em vestir flamante  
Parece um cravo de arrechela andante.

À rua sai, e junto ao aposento  
Do adorado portento,  
Onde cuidou gozar da Dama bela,  
Se lhe manda fazer pé de janela;  
Aceita-o ele, e livre do desmaio  
De amorosos conceitos faz ensaio.

Querido Ídolo meu, Prenda adorada  
(Lhe diz com voz turbada)  
Se para um longo amor é curta a vida,  
Meu amor vos escusa de homicida;  
De que serve matar-me rigorosa,  
Quem tantas setas tira de formosa?

Dai-me essa bela mão, Ninfa prestante,  
E nesse rutilante  
Ouro em madeixas de cabelo undoso  
Prendei o vosso escravo, o vosso esposo;  
Não peço muito não, e se o peço,  
Amor, minha senhora, é todo excesso.

É modo Amor, que nunca teve modo,  
Amor é excesso todo,  
E nessa mão de neve transparente

Pouco pede, quem ama firmemente:  
Dai-me por mais fineza, que os favores  
São leite, e alimento dos amores.

Responde-lhe ela com um brando riso,  
E no mesmo improviso  
Ai (lhe diz) que acordou meu Pai agora,  
Amanhã nos veremos, ide embora;  
Fecha a janela, e o Moço mudo, e quedo  
Fica sobre um penedo, outro penedo.

Fará isto um Fradinho Franciscano?  
Fará isto um magano,  
Que em casos tais quer ir com tudo ao cabo,  
E fede ao budum como o diabo?  
Um Frade porqueirão, e esfamiado  
Não fia nos primores tão delgado.

Pois, Putas sujas, desaventuradas,  
Que não vedes a grande diferença,  
Que vai de uma fodença a outra fodença?  
Ora em castigo igual a tais maldades  
Praza o Amor, que vos fodam sempre Frades.

### **FESTEJA UMA PIPA DE VINHO, QUE ENTROU NO CONVENTO DE S. FRANCISCO DAQUELA VILA**

Na nova Jerusalém,  
na nossa Cidade Santa,  
onde São Francisco planta  
mais virtudes, que ninguém:  
veio sobre um palafrém  
um Rabi rubi empipado,  
que por nos ser prometido,  
foi com ramos aplaudido,  
e entre palmas festejado.

O Pissarro Sacristão  
ia com a cruz alçada,  
que é cerimônia forçada  
em tão alta procissão:  
para os tocheiros então  
dous leigarrões convocamos,

que por seus nomes chamamos  
o Rabelo, e o Doutor,  
que a Dominga do Tabor  
transfigurou na de Ramos.

Criam os mais fariseus,  
que o vinho das malvasias  
era em verdade o Messias  
esperado pelos seus:  
por esta causa os sandeus,  
como o vinho entrava já,  
cuidando, que era o Maná,  
qualquer com galhofa interna  
com seu ramo de taverna  
lhe ia cantando hosaná.

Como a procissão chegasse  
ao refectório, e ali  
esperasse o tal Rabi  
por um burro, que o levasse,  
não faltou naquela classe  
um burro de boa idéia,  
que trazendo a taça cheia,  
soube mudar o Senhor  
dentre as glórias do Tabor  
às bodas de Galiléia.

O nosso Miguel Ferreira  
por ser do corpo pigmeu  
fez figura de Zaqueu  
trepado sobre a figueira:  
vendo a sua borracheira,  
e haver já bebido um tacho,  
lhe disse o Rabi, Borracho,  
descendo, que desta vez  
tendo entrado português  
hás de sair um gavacho.

**DA CAJAÍBA FOI CONVIDADO O POETA COM TOMÁS PINTO BRANDÃO E  
OUTRO CAMARADA MAIS PARA IREM A PERNAMERIM, ONDE FORAM  
RECEBIDOS, COMO SE VÊ DESTAS DÉCIMAS**

Fomos a Pernamerim

os três de la vida airada  
dous Irmãos, e um Camarada  
na Canoa do Rolim:  
chegamos ao porto enfim,  
e fomos com tal grandeza  
banqucteados na empresa,  
que eu cri, quando isto passava,  
que o homem nos esperava  
ao Canto, porém da mesa.

Tal ano, e tal abastança,  
tanto dispêndio em tal era,  
bem mostra, que estava à espera  
todo armado de papança:  
investidos com pujança,  
e com valor assaltados  
de uns pratos bem reforçados,  
que havíamos de fazer?  
foi-nos forçoso morrer  
a puros saca-bocados.

Eu não pudera comigo  
nem o ventre desbastara,  
se um emplastro não botara  
todas as noites no embigo:  
vira-me em grande perigo,  
e na última fadiga,  
se uma, e outra rapariga  
a Catona, e a Felipa  
co emplastro da sua tripa  
me não digere a barriga.

Dava-me pouco cuidado,  
que aos dous Moucelos galantes  
as Moças quisessem antes,  
do que a mim cepo cansado:  
talvez me punha amuado,  
desconfiado, e zeloso,  
mas como eles se fartavam,  
muitas vezes me largavam  
os sobejos do seu gozo.

A terra é um paraíso,  
as Moças uns serafins,

nós aliviámos os rins,  
porém perdemos o siso:  
a Lua em todo o seu riso,  
quando luz na ardente Zona,  
não é mais galharda, e ampona,  
que uma aurora, que ali via,  
que sempre me amanhecia  
entre os dentes de Catona.

Entrei no Pernamerim  
muito são, muito escoreito,  
e estou hoje tão sujeito,  
que me lastimo de mim:  
se hei de ir pior, do que vim,  
leve o diabo a Canoa,  
que me trouxe sempre à proa  
arrimado a um pirajá  
por ver uma Tona má,  
deixando uma Quita boa.

Eu me vou daqui benzendo,  
maldizendo, e praguejando,  
quantas me trazem berrando,  
e por quantas vou morrendo:  
hei de dizer, o que entendo,  
e não me hei de arrepender,  
pois não vi aqui mulher,  
que não fosse em seu fretar  
sempre inimiga do dar,  
e amiga de receber.

Vou deixando esta ma terra  
por outro melhor lugar,  
e se a vinda foi por mar,  
será a volta por serra:  
quem da terra me desterra,  
é aquilo, que vim buscar,  
putas me hão de desterrar  
do mundo, até descobrir  
uma, que em vez de pedir  
me rogue por lho aceitar.

Fingiu-se triste Catona,  
porém não chorou migalha,

que os estilos da canalha  
não usa uma sabichona:  
mui severa, e mui ampona  
tragou esta despedida,  
e nisto não foi fingida,  
que como eu a enfadava,  
em meter ausente, estava  
pendente sua alma, e vida.

É verdade, que ao depois  
serenou o tempo, e o dia,  
e como abrandou Luzia  
lhe meti na vinha os bois:  
sois uma puta, não sois,  
houve questão, houve rinha  
entre as negras da cozinha,  
estando todas cuidando  
que assim me iam praguejando,  
coçaram-me a borbulhinha.

Chegou a segunda-feira  
dia da minha partida,  
e então vi a minha vida  
na fadiga verdadeira:  
porque chorou de maneira  
Luzia, que a ser aurora  
tão negra, e tão pecadora,  
dissera, que a aurora via,  
que quando nos céus se ria,  
entonces no Campo chora.

Tanto os cavalos andaram,  
que estamos nesta ladeira,  
onde foi Quita a primeira,  
com quem meus olhos toparam:  
té os cavalos rincharam  
ledos por lisonjear-me:  
aqui vim aliviar-me,  
e aqui cantar me ouvireis,  
já agora descansareis,  
cuidados, de atormentar-me.

**QUERIA O POETA DIVERTIR SEUS AMOROSOS INCÊNDIOS COM UMA MOÇA ALI ASSISTENTE, E PEDINDO-LHE ESTA DINHEIRO ANTECIPADAMENTE, ELE LHE RESPONDEU COM ESTAS DÉCIMAS**

Eu perco, Nise, o sossego,  
e não posso isto entender,  
pois vos queixais de não ver,  
e eu sou triste, o que ando cego:  
que heis de ver? se do pespego,  
fugis com ligeiro passo?  
não corrais, um breve espaço:  
parai: não vos ausenteis  
deitai-vos, que vós vereis,  
mais vereis, o que eu vos faço.

Eu sou vosso companheiro  
nestas cegueiras impias,  
pois há mais de trinta dias,  
que não posso ver dinheiro:  
eu não sou home embusteiro,  
hei de vos satisfazer,  
e se quereis corrigir  
a vista sem mais antolhos,  
esfregai mui bem os olhos,  
e esfregada haveis de ver.

Não me trazeis vós tão farto  
que vos deva eu um vintém,  
e em Parnamerim ninguém  
paga à puta antes do parto:  
vós não me entraís no meu quarto,  
nem eu os quartos vos bato,  
e não sou tão insensato,  
que inda que faminto ando,  
vos vá o pato pagando,  
se sei que outro coma o pato.

Desta sorte, Nise ingrata  
de querer de antemão ver,  
temo, que sempre heis de ter  
na vista essa catarata:  
não vereis ouro, nem prata,  
e pois vos desassossega,  
o jimbo, que se vos nega,

nunca, Nise, o heis de ver,  
porque do muito querer  
de faminta estais tão cega.

**RECEOSA SUZANA DAS CUTILADAS DO POETA LHE PEDIU, DEPOIS DE SER DELE  
GOZADA, QUE A NÃO SATIRIZASSE: MAS POR ISSO MESMO LHE DESANDA  
COM ESTAS DÉCIMAS**

Não me posso ter, Susana,  
por mais que mo encomendastes,  
quando comigo cascastes,  
que vos não cante a pavana:  
fostes tão grande magana  
naquele Xesmeninês,  
que rebolando através  
entendi, que em tal venida,  
segundo estáveis ardida,  
queria vir-vos o mês.

Vós mesma me confessais,  
que sois tão quente mulher,  
que antes do mês vos correr  
mais do que nunca arreitais:  
e depois quando enxugais  
o canal, por onde corre,  
tal desejo vos ocorre,  
que se à borda já afligida  
Perico lhe não dá vida,  
ela por Perico morre.

Putá, que tanto se esvai,  
antes que o menstro lhe aponte,  
é que o caldo que entrou ontem,  
lhe dá gosto, quando sai:  
bem encaminhada vai,  
quem por tal vasilha bebe,  
pois a suportar se atreve,  
que o gosto se lhe repita,  
uma vez quando o vomita,  
outra vez, quando o recebe.

E assim é de coligir,  
quando na praia me destes,



que estava, pois tanto ardestes,  
o menstro para vos vir:  
tomara eu sempre advertir,  
e saber, quando vos vem,  
e quando se vai também,  
porque então me fora à praia  
a tempo que a mazumbaia  
a não negais a ninguém.

**REMETE AGORA OS SEUS CUIDADOS À MULATA LUZIA, QUE TAMBÉM  
EMBARAÇADA E DUVIDOSA SE OFENDERIA, OU NÃO À SEU AMANTE, SEMPRE  
SE DESCULPAVA**

Parti o bolo, Luzia,  
que assim mesmo me acomoda,  
não deis a fatia toda,  
dai-me parte da fatia:  
quem pede, como eu pedia,  
pede tudo, o que lhe importa,  
e aceita, o que se lhe corta,  
e quem dá com manha, ou arte,  
seus dados sempre reparte,  
se tem mais pobres à porta.

Não é bem, que tudo eu cobre,  
e é bem, que um pouco me deis,  
dai-me um pouco, alegrar-me-eis,  
com pouco se alegra o pobre:  
não deis cousa, que me sobre,  
dai-me sequer um bocado;  
mas o que vos persuado,  
que deis com manha, e com arte  
dando-vos, e de tal parte,  
sempre será grande o dado.

Se a todos cinco sentidos  
não tendes cousa, que dar,  
dai ao de ver, e apalpar,  
os dous sejam preferidos:  
não deis que ouvir aos ouvidos,  
mas dai aos olhos, que ver,  
ao tato, em que se entreter,  
deitemos a bom partir

os dous sentidos a rir,  
e os demais a padecer.

As mãos folgam de apalpar,  
os olhos folgam de ver,  
os dous logrem seu prazer,  
os três sintam seu pesar:  
que depois que isto lograr  
virá o mais por seu pé,  
que inda que ninguém mo dê,  
nem eu o tome a ninguém  
morrerá vosso desdém  
à força da minha fé.

Dizeis, que quereis tomar  
para dar vosso conselho,  
quereis conselho de velho?  
nunca o tomeis para o dar:  
os olhos se hão de fechar  
para o dar, e abrir da mão  
com razão, ou sem razão,  
que os negócios, que se tratam  
com conselhos, que dilatam  
nunca se conseguirão.

Se conselhos não tomais,  
quando alvedrios rendeis,  
como conselhos quereis,  
quando alvedrios pagais?  
Sem conselho me matais,  
e dais-me a vida em conselho?  
este estilo é já tão velho  
na escola da tirania,  
que da mais tirana harpia  
podereis vós ser espelho.

**TEVE NAQUELA VILA NOTÍCIA DE UM PEDREIRO QUE DESESTIMAVA UMA  
POBRE MULHER, QUE FOR DESGRAÇA LHE CAIU NAS MÃOS, ELA OFENDIDA  
DO SEU MAO TERMO, SE RETIROU EM DESPIQUE PARA A PODER DE UM  
HOMEM DE BEM, ONDE MELHOROU DE ESTIMAÇÃO, AO QUE FEZ O POETA AS  
SEGUINTE DÉCIMAS**

Senhor Mestre de jornal,

quem vir o seu coração,  
dirá, logo, que é torrão,  
não obra de pedra, e cal:  
e se acaso por mou mal  
não foi constante comigo,  
sendo pedra, e cal consigo,  
caia, e quebre a bom conselho  
que assim faz um muro velho,  
e assim o casebre antigo.

Se lá trata cães surrados,  
e cuida, que me dá pique,  
ou tomo por meu despique  
tratar com homens honrados:  
os seus jornais acabados,  
acabou-se-lhe a comenda:  
eu tenho segura a renda,  
porque um homem principal  
sem suar com pedra, e cal  
dá muchíssima fazenda.

A Dama do jornaleiro  
muito sua, e pouco medra,  
cuida, que pega na pedra,  
se a mão toma a um pedreiro:  
eu dei num mau paradeiro,  
mas soube-me retirar,  
que se me deixo beijar  
do pedreiro, que me toca,  
fora meter-me na boca  
pedra, e cal para amassar.

Lá faça a sua bambolha,  
onde há tão pouca mulher,  
que pela sua colher  
vá comendo sobre a trolha:  
eu cá como a limpa olha  
mui limpa, cheirosa, e grata,  
e ao menos colher de prata,  
e sou tão firme em pegá-lo,  
que regalo por regalo  
cuido, que não fico ingrata.

Graças a Deus, que me soa

a limpeza o meu amor,  
e me não fede o suor  
do pedreiro, que me enjoa:  
já agora me sinto boa,  
já agora o gosto me pede,  
que seja formosa adrede,  
pois feia talvez se pára  
a mulher, que troce a cara,  
tendo amante, que lhe fede.

Adeus pois, meu Pedreirinho,  
adeus, meu colher, e trolha  
adeus caldo de má olha,  
adeus triste raposinho:  
que eu posta no meu cantinho  
entre os meus mariscadores  
como os mariscos melhores  
o bom peixe, e não o mau,  
nem o duro bacalhau  
de pedreiros malhadores.

### **CORRESPONDEU A MOÇA COM UM GRANDIOSO PRESENTE DE DOCES, QUE NA CAJAÍBA DEVORARAM OS AMIGOS DO POETA**

Para mim, que os versos fiz  
de graça, um só doce basta,  
mas já sei, que sois de casta  
de fazer doces gentis:  
e pois a fortuna quis  
dar-me em prêmio esta fartura,  
pintando uma formosura,  
agora por nova empresa  
digo da vossa grandeza,  
que sois ávida doçura.

Veio a frota da Guaíba,  
entrou, e tomando terra,  
achou duas naus de guerra  
de combói 'té a Cajaíba:  
estava eu vendo de riba  
o Serigipe famoso,  
quando vi com vento airoso  
vir entrando pela barra

por cabo Inácio Pissarra,  
e por fiscal João Cardoso.

Toda a Ilha se alvoroça  
adivinhandando a fartura,  
porque esta vida doçura  
já fora esperança nossa:  
toda a artilharia grossa,  
com que esta terra guardamos,  
entre vivas dispáramos,  
e toda a gente de pé  
cos olhos em Marapé  
vi gritar "a ti bradámos."

Partiu-se o doce excelente,  
em que os presentes têm parte,  
que entre ausentes não se parte,  
o que veio de presente:  
cada um se foi contente  
velhos, mancebos, meninos,  
e estão em rogos contínuos  
pedindo co'a boca toda,  
que o doce façais de boda,  
para que sejamos dignos.

**A AVÓ DESTA MESMA MOÇA, A QUEM MANDOU OS SONHOS, QUE ELA DEU  
AO POETA, COMO DISSEMOS NA OBRA ANTECEDENTE, LOUVA AGORA  
PARTICULARMENTE O MESMO POETA**

Senhora Velha: se é dado,  
a quem é vosso válido,  
aplicares-lhe o sentido,  
ouvi vosso apaixonado:  
dá-me notável cuidado  
saber, como ides urdindo  
um, e outro sonho lindo,  
porque me atrevo a dizer,  
que para tais sonhos ter,  
sempre estivera dormindo.

Diz um português rifão  
nascido em tempos dos monhos,  
que ninguém creia em seus sonhos,

porque sonhos sonhos são:  
eu sigo outra opinião,  
dês que os vossos sonhos vi,  
e tão firmemente os cri;  
que se os tenho por verdade,  
é porque na realidade  
os masquei, e os engoli.

Eu dormira todo o dia,  
e a vida desperdiçando  
sempre estivera sonhando,  
só por sonhar, que os comia:  
o sonhar é fantasia  
d'alma, que quando descansa  
não larga a sua lavrança,  
o seu trabalho, e tarefa,  
e como a minha alma é trefa,  
no que lida, é na papança.

Não são sonhos enfadonhos  
sonhos tão adocicados,  
que em vez de sonhos sonhados  
são sempre engolidos sonhos:  
outros sonhos há medonhos,  
que um homem deixam turbado  
depois do sono acordado:  
os vossos tal não farão;  
e ao menos me deixaram  
mel pelos beijos untados.

### **DESCREVE O ENCONTRO, QUE TEVE COM A MULATA ESPERANÇA NO SÍTIO DA CATALA**

Na Catala me encontrei  
ontem com Esperança  
e porque à Catala fui,  
dizem, que fui a catá-la.  
Mentem por vida d'El-Rei,  
que mal podia ir buscá-la,  
quem em sua negra vida  
não tinha visto tal Parda.  
Dei em buscá-la ao depois  
porque a boa da Mulata

fez de andar por mim perdida  
os meios de ser buscada.  
Dei com ela, e perguntando,  
onde vivia, e morava,  
de quem era, a quem servia,  
e se andava amancebada;  
Ela respondeu em forma,  
e disse as formais palavras  
"eu, meu Senhor dos meus olhos,  
e meu Doutor da minha alma,  
sou cativa de você  
e de Luiz Correia escrava,  
onde vivo, é lá na Ponta,  
onde mato, é na Catala.  
Amancebada não sou,  
porque a sorte me guardava  
este encontro de você  
para enlaçar-nos as almas.  
Aqui estou a seu serviço,  
veja agora, o que me manda,  
que se me manda assentar,  
me verá logo deitada.  
Não sou mulher de invenções,  
que cerimônias não gasta  
com os homens de respeito,  
quem corre do mundo a mafra.  
Agradei-lhe os favores  
com meu par de pataratas,  
fui-me chegando para ela,  
fui-lhe erguendo logo as fraldas.  
Fui pelas fraldas ao monte,  
e quando lhe pus a palma,  
foi pouca para o cobrir,  
porque o monte era montanha.  
Foi isto na capoeira,  
e ela me cacarejava  
tanto, que como à galinha,  
eu galo deitei-lhe a gala.  
Outra gala me pediu,  
que eu prometi com mão larga,  
e a hei de galar mais vezes  
por lhe cumprir a palavra.

## A MESMA MULATA APARECENDO EM OUTRA OCASIÃO AO POETA MUI DESFIGURADA, AMARELA, E CHEIA DE GÁLICO

Queixam-se, minha Esperança,  
os que convosco têm cópia,  
que sendo em sangue Etiópia,  
sois nos maus humores França:  
eu, que o não tomei por chança,  
logo desisti da empresa  
de lograr essa beleza,  
porque é o mesmo, e pior  
ter do mal francês humor,  
que os narizes à francesa.

Se estais tão afrancesada,  
que lascívia vos provoca  
a dares beijos na boca,  
devendo-os dar na queixada?  
mas vós tendes tão trocada  
a paz do nosso País  
no álamo de Paris,  
que como o bom português  
traduzis em mau francês,  
até os beijos traduzis.

Deixai mudas de uma vez,  
sendo (pois vos acomoda)  
ou do bom português toda,  
ou toda do mal francês:  
curai, inda que vos pês,  
com cuidado, e sem detença  
essa gálica doença,  
ou borracheira gavacha,  
que entre gavacha, e borracha,  
há mui pouca diferença.

Se andastes qual peregrina  
toda a Franca em uma alparca,  
e passando à Dinamarca  
voltastes de marca digna:  
e que a puro pau da China  
nos hemos de desmarcar,  
todos podemos clamar,  
de que com tantos abalos



vos fostes deitar c'os Galos  
a fim de nos galicar.

Dizem, que em cada tutano  
do vosso corpo podrido  
anda impresso, e esculpido  
um reportório do ano:  
matemático tirano  
são os vossos olhos fritos,  
e se estando mais aflitos  
tudo adivinhando estão,  
é triste adivinhação  
pronosticar tudo a gritos.

Não quisera eu, meus amores,  
aprender noite, nem dia  
essa vossa astrologia  
à custa de minhas dores:  
saber do tempo os rigores,  
do ar a serenidade  
será ciência em verdade  
dessa vossa pestilência,  
mas tomai vós a ciência,  
e dai-me a simplicidade.

#### **A FRANCISCO FERREIRA, DE QUEM O POETA SE ACOMPANHAVA NAQUELE RETIRO, FALTANDO-LHE UM DIA APRAZADO PARA CERTA VIAGEM**

Não veem, como mentiu Chico Ferreira!  
Ou ele mente mais que uma cigana,  
Ou não conhece os dias da semana,  
E lhe passou por alto a quarta-feira.

Disse-me, que ia ver lá da ladeira  
O arrozal, que plantou na terra lhana,  
Porém como olhos tem de porçolana,  
Em três dias não viu a sementeira.

Amanheceu o dia prometido  
Formoso, alegre, claro, e prazenteiro:  
Bom dia, disse eu cá, para a viagem.

Saí ao meu passeio mal vestido,

E tomando exercício de gajeiro,  
Não vi vela, e fiquei como um selvagem.

### **AO MESMO E PELO MESMO CASO, QUE CHAMAVA AO POETA SEU MESTRE NA SOLFA, PORQUE COM ELE CANTAVA AS VEZES**

Quem deixa o seu amigo por arroz,  
Não é homem, nem é de o ser capaz,  
É Rola, Codorniz, Pomba torquaz  
Não falo em Papagaios, e Socós.

Quem diz, que vai ficar dois dias só,  
E seis dias me tem neste solaz,  
Tão pouco caso do seu mestre faz,  
Como faz do seu burro catrapós.

Andar: ele virá cantar os rés,  
E então lhe hei de entoar tão falsos mis,  
Que saiba, como pica o meu revés.

Dai vós ao demo o decho de aprendiz,  
Que a seu mestre deixou tão triste rês  
Por quatro grãos de arroz, quatro ceitis.

### **A UM VIZINHO DÁ CONTA O POETA EM UMA MANHÃ DE INVERNO, DO QUE PASSAVA COM O FRIO**

Que vai por lá, Senhor, que vai por lá:  
Como vos vai com este vento Sul,  
Que eu já tenho de frio a cara azul,  
E mais roxo o nariz, que um mangará?

Vós na tipóia feito um Cobepá  
Estais mais regalado que um Gazul,  
E eu sobre o espinhaço de um baul  
Quebrei duas costelas, e uma pá.

Traz Zabel o cachimbo a fazer sono,  
E se o sono pesar como o cachimbo,  
Dormirei mais pesado do que um mono.

Vêm as brasas depois, que valem jimbo:

E eu de frio não durmo, nem ressono,  
E sem pena, nem glória estou no limbo.

**A UM PARDO CHAMADO LOPO TEIXEIRA, POR QUEM MANDOU O POETA  
COMPRAR UMAS MELANCIAS A SAUBABARA E LHE TROUXE MUITO MÁ  
COMPRA**

Amigo Lopo Teixeira,  
com a vossa cota honrada  
não diz bem a verdugada  
desta compra estafadeira:  
fosse malícia, ou asneira  
o negócio, ou mercancia,  
eu por qualquer desta via  
creio, que é vosso cuidado  
nas demais frutas honrado,  
porém não na melancia.

Tínheis-me da vossa parte,  
porque um homem sabichão  
na arte da fornicção  
cri, que fosse em qualquer arte:  
mas vós sois um Durandarte  
nisto de uma compra cara;  
quem tal nunca imaginara,  
ou quem me dissera a mim,  
que honras de Pernamerim  
se perderam na Saubara.

Quero convosco apostar,  
que em sabendo desta asneira  
a Marcelina Pereira,  
convosco se há de agastar!  
Não só vos há de negar  
o débito em cima d'arca,  
porém pesada da alparca  
tão frouxa se há de estender,  
que vos haveis de dizer:  
não vi mais ronceira barca.

Marcelina não direis,  
que é boa fêmea jamais,  
com que os Moços alterais,

e até os velhos acendeis:  
vós, amigo, amargareis  
a doçura da rapina,  
e direis com voz mofina  
não trocarei em meus dias  
por doces de melancias  
o doce de Marcelina.

Vosso Filho não será  
por nenhum meio ordinário  
clérigo, porque o Vigário  
esta tacha lhe porá:  
nos banhos escreverá,  
que lhe saiu na estação,  
que era filho de um ladrão,  
e ladrão de melancias;  
tenham tudo as clerezias  
amigos da fruta não.

Se sabe o Governador  
desta vossa ladroíce,  
acabou-se a fidalguice,  
a estimação, e o amor:  
heis de viver de favor  
tão falto, e de tal maneira,  
que a filha não será freira,  
ou quem a flor lhe tirou,  
se donzela a enjeitou,  
a enjeitará parideira.

A vós vos há de enjeitar  
até a vossa Apolônia,  
porque a negra é uma demônia  
em cascar, e escarnicar:  
ontem lhe ouvi eu chamar  
a vós, Lopo, de asneirão,  
porque eu profetize, ou não,  
já desde ontem adivinhara,  
que havia vir da Saubara  
um gato, quem fora um cão.

De perjuízo tão raro,  
que passará a desacato,  
ninguém dirá, que barato

comprastes, senão bem caro:  
este monte é tão avaro,  
e vive de tais ajudas,  
que por quatro tanajudas,  
que querem morrer, se há visto,  
mas quem compra para um Cristo,  
que há de sair senão Judas.

### **A CUSTODIA NUNES DALTRO, QUE EM CASA DO VIGÁRIO DA MADRE DE DEUS O HAVIA CURADO DE UMA CIÁTICA QUE PADECIA EM UM QUADRIL COM TRÊS FACAS QUENTES**

Creio, Senhor Surgião,  
que esta dor, que padecia,  
era uma grande heresia,  
e vós sua inquisição:  
dor de tão má condição,  
que sendo-lhe o fogo dado  
me deixou tão descansado,  
creio, pois fogo a curou,  
que o meu cu hereticou,  
se com razão foi queimado.

Se a dor era no quadril,  
que me tinha tão cansado,  
deixa-me agora o cuidado  
do que dirão no Brasil:  
entre bocas mais de mil  
mais de mil falsos computo,  
mas já nisto não disputo,  
que diga a gente parleira,  
vendo queimar-me a traseira,  
que ma queimaram por puto.

Mas saiba este povo louco,  
porque atrás me não carcoma,  
que eu não peço de Sodoma,  
nem de Gomorra tampouco:  
o Céu, por Juiz invoco,  
que este achaque tão iníquo  
ganhei desde tamanico,  
e agora maior de idade  
passou à ventosidade

repassada em mal galico.

Achaque fora: esta vez  
quem de mim se lastimou,  
um bom Português queimou,  
por livrar um mal francês:  
queimou-me com facas três,  
por me tirar a mazela,  
e usando a maior cautela  
sebo na parte me untou,  
e como a quilha ensebou,  
me mandou pôr logo a vela.

#### **ENGRANDECE O POETA A ILHA DE GONÇALO DIAS ONDE VARIAS VEZES FOI REFUGIADO, E FAVORECIDO DO MESMO SENHORIO**

Ó Ilha rica, inveja de cambaia  
Fértil de peixe, frutas, e marisco,  
Mais Galegos na praia, do que cisco,  
Mais cisco nos Galegos, que na praia

Tu a todo o Brasil podes dar vaia,  
Pois tantos lucros dás a pouco risco:  
Tu abundas aos Filhos de Francisco  
Picote de cação, burel de arraia.

Tu só em cocos dás à frota o lastro,  
Fruta em tonéis, a china às toneladas  
Tu tens a sua carga a teu cuidado.

Se sabe o preclaríssimo Lancaastro,  
Que tais serviços fazes às armadas,  
Creio, que há de fazer de ti um condado

#### **A UMA MENINA FILHA DO MESMO GONÇALO DIAS, A CUJA DISPOSIÇÃO FICARAM SEUS PAÍS O BOM AGASALHO DO POETA, QUE PAGOU CENTO POR UM COM ESTE REGALADO, E FRAQUÍSSIMO ROMANCE**

Passei pela Ilha Grande,  
Onde vi Senhora Cota  
tão formosa, que ensinava  
as flores a ser formosas.

Tão galharda, e tão luzida,  
que ensinava em sua escola  
as luzes a ser estrelas,  
os astros a ser auroras.  
A ser sol o mesmo sol  
ensina a boa da Moça,  
e quer por bem assombrada,  
que o sol luza a sua sombra.  
Quis Deus, que fui de passagem,  
que fui (digo) ida por volta,  
saltei para voltar logo,  
que aliás raios vão fora.  
Raios vão fora, que saem  
os raios de Maricota  
a ser vida das discretas,  
a ser alma das formosas.  
Ela me hospedou então,  
corri pela sua conta,  
que o Pai não disse palavra,  
e a Mãe não pôs mãos em cousa.  
Deu-me a rapariga uns sonhos  
tão ricos como ela própria,  
sonhava em me regalar:  
não foi mentira, o que sonha.  
Visitou-me sua Avó,  
que é mui honrada pessoa,  
fez-me mil honras por certo,  
só quem tem honra, dá honra.  
Assim o façam meus Filhos,  
como então o fez Macota,  
governo como cem velhas,  
presteza como mil moças.  
Queira Deus, minha Menina,  
queira Deus, Senhora Cota,  
que eu dure por tantos anos,  
que inda assista a vossas bodas.  
Hei de alegrar-me de sorte,  
e fazer tanta galhofa,  
que os que à vossa boda assistam,  
me tenham por sal da boda.  
Vós mereceis, que vos casem  
com um Príncipe de Europa,  
porque tendes tão bom dote  
na cara, como na roupa.

Tende-me na vossa graça,  
e tereis em minhas coplas,  
se não um grande serviço,  
esta pequena lisonja.

**DESCREVE A ILHA DE ITAPARICA COM SUA APRAZÍVEL FERTILIDADE, E LOUVA  
DE CAMINHO AO CAPITÃO LUIZ CARNEIRO HOMEM HONRADO, E LIBERAL, EM  
CUJA CASA SE HOSPEDOU**

Ilha de Itaparica, alvas areias,  
Alegres praias, frescas, deleitosas,  
Ricos polvos, lagostas deliciosas,  
Farta de Putas, rica de baleias.

As Putas tais, ou quais não são más preias,  
Pícaras, ledas, brandas, carinhosas,  
Para o jantar as carnes saborosas,  
O pescado excelente para as ceias.

O melão de ouro, a fresca melancia,  
Que vem no tempo, em que aos mortais abrasa  
O sol inquisidor de tanto oiteiro.

A costa, que o imita na ardentia,  
E sobretudo a rica, e nobre casa  
Do nosso capitão Luís Carneiro.

**AUSENTE POR UNS DIAS O POETA, E POSTO NA ILHA GRANDE POR CERTAS  
DIFERENÇAS, QUE TEVE COM ANDRÉ BARBOZA, ESCREVE AOS AMIGOS SUAS  
SAUDADES**

Que vai por lá, Senhores Cajaíbas,  
Vocês se levam vida regalada,  
com arraia chata, a curimá ovada,  
Que lhes forma em dous lados quatro gibas.

Eu nesta Ilha inveja das Maldibas  
Estou passando a vida descansada,  
Como o bom peixe, a fruta sazoadada  
À vista de um amor sangue de cibas.

Vocês têm sempre à vista São Francisco



Povo ilustre, metrópole dos montes,  
A cuja vista tudo o mais é cisco.

Eu não tenho, que olhar mais que horizontes,  
Mas se há de olhar-me lá um basalisco,  
Melhor é ver daqui a Ilha das fontes.

### **ESCREVE DEPOIS AOS MESMOS MIUDAMENTE O SENTIMENTO NESTA GRACIOSA IMAGEM**

Tenho amargas saudades  
da Senhora Cajaíba,  
que é, moças de grandes prendas  
por Nerência, e pela Chica.  
A propósito do que  
sinto não ter, quem me diga,  
se brotou com estas águas,  
e está no tronco florida.  
Se tornou já para casa,  
ou se anda ainda fugida,  
pois é música tão destra  
nas fugas de putaria.  
Sinto amargas saudades,  
como ao princípio dizia,  
dos amigos um por um,  
e dez por dez das amigas.  
O largo, e fresco passeio  
me lembra da varandinha,  
onde se representavam  
as comédias do Faísca.  
Onde vinha o Azevedo  
ter cuidado da faquinha,  
que emprestava aos gaioleiros  
chorando lágrimas vivas.  
Onde vinha em seus tamancos  
os domingos, ou domingos  
a contar por Evangelho  
tão conhecidas mentiras.  
Onde Silvestre o virava  
tanto de pernas acima  
que passado, e amarelo  
ou se calava, ou se ia.  
Onde assistia Gregório,

e com manha, ou com malícia  
todo o murmúrio encontrava,  
porque crescesse a porfia.  
Onde Marana também  
vinha fartar-se de risa,  
mas em chegando Silvestre  
com Dona Marta a moía.  
Eu nunca vi Dona Marta,  
nem Deus tal coisa permita,  
mas ela é feia mulher  
pela boca das vizinhas.  
Sabê-lo-á bem Silvestre,  
que quando andava à vigia  
pelas noites ao quintal,  
via aquela alma perdida?  
Quantas vezes a viu ele,  
quando posta de gatinhas  
espremendo, o que cegava,  
punha uma cara maldita.  
Mas deixemos Dona Marta,  
que agora estará com Quita  
em grandes razões de estado  
sobre Marana, e Antonica.  
Não se sabem conservar,  
(dirá Quita mui torcida)  
nem tomar em mim exemplo,  
que sou mestra em putaria.  
Já tenho dito a Marana,  
que na casa aonde habita,  
se dê muito a respeitar  
com as negras da cozinha.  
Se lhe entra por um ouvido,  
sai pelo outro: é menina,  
o que faz, é andar folgando  
co Cabra Vicente, e Chica.  
Com que lhe não tem respeito,  
e se ela toma farinha  
para mandar a esta casa,  
qualquer negrinho lhe grita.  
Tenho-lhe dito, Marana,  
do peixe da pescaria  
o melhor à vossa Mãe,  
que assim faz a boa Filha.  
Em vindo as mariscadeiras

do mangue carregadinhas,  
ninguém meta a mão nos Cestos,  
que os melhores são de Quita.  
Remetei-os logo ao Sítio,  
e fique embora vazia  
a casa de vosso amigo,  
porque primeiro está a minha.  
Se lá tendes nessa casa  
dez hóspedes cada dia,  
cá tendes vossas Irmãs,  
vossa Mãe, vossas Sobrinhas.  
Já vedes, que estou tão magra  
por passar tantas vigílias,  
eu digo, que estou doente,  
e sabem, que ando faminta.  
Ninguém olha para mim,  
e é porque a língua maldita  
do Doutor tem publicado  
que ando de testa caída.  
Entendido está o remoque,  
vós não sois mal entendida,  
porque enfim saís à casta,  
já sois discreta por linha.  
Quando estas cousas me lembram,  
que me lembram cada dia,  
romperei soltas, e peias  
por chegar à Cajaíba.  
Mas logo o temor me toma,  
e fujo, a que me persiga  
a inveja do grande amigo  
e do inimigo a malícia.  
Eu não me quero emendar,  
pois faço versos em rimas,  
e às unhas os sujeito,  
de quem os corta, e belisca.  
Mas por saber de vocês,  
a todo o transe se arrisca  
a Musa, que está a seus pés  
prostrada, exposta, e rendida.

**RESTITUÍDO OUTRA VEZ A AQUELA ILHA TRATA DE ENTENDER COM JOÃO DE AZEVEDO CAIXEIRO DAQUELE ENGENHO E COM O FEITOR MOR**

Viva o insigne ladrão  
que todo o melado estanca  
segundo Jorge da Franca  
em contas, e expedição:  
viva o mais fino vilão,  
que o Porto à Bahia deu,  
e viva o Feitor sandeu,  
que não apaga este fogo,  
porque ali se joga o jogo  
cala-te tu, calar-me-ei eu.

### **CONTINUA COM O AZEVEDO POR TER O ENGENHO PEJADO**

Um Curioso deseja  
saber a razão, na qual  
obrando o feitor tão mal  
o engenho é, que se peja:  
mas porque a razão se veja,  
na que agora tenho dado,  
é, porque o Feitor malvado  
anda o engenho fodendo,  
e destas fodas entendo,  
é, que o engenho está pejado.

Para uma fúria de empenho  
mel não houve, que eu levara,  
e disto é, que eu tomara,  
que se pejara o engenho:  
sou eu logo, o que não tenho  
pejo de nisto falar:  
mas o que posso afirmar,  
é, que estou de tão ruim fel,  
que se o Feitor não dá mel,  
eu mesmo o hei de melar.

### **AO MESMO AZEVEDO CAIXEIRO DO ENGENHO, QUE SENDO JÁ HOMEM VELHO, E FRACO MACHEAVA UMA NEGRA, CHAMADA SUZANA DE DESMEDIDA GRANDEZA**

Olha, Barqueiro atrevido,  
que em teu perigo te elevas,  
que essa mulher, que aí levas,

é casada, e tem marido:  
olha, traidor fermentido,  
que te há de enforcar El-Rei,  
porque és de pequena grei,  
e dormes c'uma cachorra,  
que a seres tu todo porra,  
não eras porra de lei.

Com Susana te mangonas,  
sem ver tua zarvatana,  
que a cona de tal Susana  
não é como as outras conas:  
e se por mais que te entonas,  
não lhe há de burrar a tromba,  
amaina, que o mar não zomba,  
arriba, que brama o mar,  
e se te queres salvar,  
faze água, não dês a bomba.

Ferra, que te vais a pique,  
pois sem governo a Nau geme,  
e a não governa o teu leme,  
por ser curto, e de alfenique:  
a um tal galeão se aplique  
por timão um mastaréu,  
que eu sei, a qualquer boléu  
que te dê esse galeão,  
te há de saltar o timão  
por ser de casta pigmeu.

A quilha dessa Nau zorra  
em quinze braças de enxárgua,  
e o que uma Nau pede d'água,  
pede uma puta de porra:  
se heis de pedir, vos socorra  
um Barqueiro menos peço  
por falta de chocameco,  
a que vós não abrangeis,  
ante vos não embarqueis,  
do que dar co barco seco.

Essa Nau, que é capitaina  
fabricada em Cajaíba,  
nenhuma tormenta a arriba,

nenhum poder a amaina:  
vós sois caravela zaina,  
e intentáveis de a render?  
boa a íeis vos fazer,  
porque quando em fogo arda,  
cravando-vos a bombarda  
vos há de a pique meter.

Se sois caravela coxa,  
saltai, mestre em terra logo,  
que para a Nau caga-fogo,  
não sois vós o Barbarroxa;  
a vossa palavra frouxa,  
dispara balas tão frias,  
que dessas artilharias  
se está zombando a fragata,  
e atrás de maior pirata  
mija em vossas alcanzias.

Neste mar de amor sereno  
sois vós, quando Amor vos mande,  
para capitão tão grande  
o bota-fogo pequeno  
não é o mar tão ameno,  
nem tão falto de ondas tortas,  
que a força do vento exortas  
que não ponha em tais soçobras,  
que pois tendes mortas obras,  
não vos leve as obras mortas.

Pois vos não pondes conforme  
co que vos prego no cabo,  
ireis dormir co Diabo  
que o Diabo é, que vos dorme,  
eu sim, que estou uniforme  
com tanto Julho, e Agosto,  
e como velho deposto  
livre da venérea empresa,  
tenho os meus gostos na mesa,  
na cama não tenho gosto.

**A SUZANA AMÁSIA DO AZEVEDO, MANDANDO AO AUTOR UM PRESENTE, E  
NELE VINHAM UMAS MOQUECAS**

Susana: o que me quereis,  
que me trazeis tão mimoso,  
não sou homem tão baboso,  
que com pouco me enganeis:  
que o vosso peixe me deis,  
convém que dar-mo vos deixe,  
mas é razão que me queixe,  
de dar-mo, por que eu vos dê,  
que não sou eu homem, que  
a carne vos dê por peixe.

A mim me tremia o cu  
co'as moquecas, não em vão,  
pois sendo da vossa mão  
qualquer peixe é Baiacu:  
Jesus nome de Jesus!  
ide pescar às restingas,  
e mandais-me petitingas?  
ardo eu em tão vivas chamas  
que por um molho de escamas  
hei de dar as minhas pingas?

Vós bom negócio intentais,  
e à fé, que bem vos convinha  
ver, se por posta na espinha  
com as pinhas me comprais:  
crede, que o negócio errais  
pois pela mesma razão,  
eu fujo dessa ocasião;  
porque sou um homem tal,  
que metido em um rosal  
colho a rosa, e a espinha não.

Se sois a Susana mesmo  
de juízo acreditado,  
como imitais o pecado,  
com manjares de quaresma:  
ao nosso Abade Ledesma  
pregando na freguesia,  
ouvi dizer em um dia  
(e é rifão dos Mazombos)  
que a carne é, que cria os lombos  
e não peixe de água fria.

Mandai-me de carne um pouco  
as galinhas, e as posturas,  
que eu com minhas galaduras  
vos porei franga de choco:  
o mais é um intento louco,  
em que a tontice vos dá,  
pois que sois velhinha já,  
e eu tenho grande jactância  
de dar a minha sustância  
a quem sustância me dá.

Sou amigo do Azevedo,  
prezo-me de homem fiel  
não lhe hei de ser infiel  
por vos dar esse folguedo:  
se não vos atocha o dedo,  
com que vos dorme o caixeiro,  
eu não tenho palmo inteiro,  
e é melhor, do que eu no vício  
ele ofício, por ofício,  
e dinheiro por dinheiro.

**ORDENAVA-SE EM MARAPÉ O BATISAMENTO DE UMA FILHA DE BALTEZAR  
VANIQUE HOLANDÊS E VIERAM À FUNÇÃO VÁRIOS ESTRANGEIROS COM UMA  
PIPA DE VINHO, E MALOGROU-SE A FESTA PELA MUITA CHUVA, QUE HOUE**

Vieram os Flamengos, e o Padrinho  
A batizar a Filha do Brichote,  
E houve em Marapé grande risote  
De vê-los vir com botas num barquinho.

Porque não sendo as botas de caminho,  
Corriam pela praia a todo o trote;  
Foi ali hospedado o Dom Bribote  
Como convinha não, como com vinho.

Choveu tanto ao domingo em tal maneira,  
Que cada qual Monsiur indo uma brasa,  
Ficou aguado o gosto, e o vinho aguado.

Porque não quer a Virgem da Oliveira,  
Que lhe entrasse pagão na sua Casa



Vinho, que nunca fora batizado.

**CELEBRA A GRANDE ALGAZARRA QUE FIZERAM NA FESTA OS ESTRANGEIROS  
BRINDANDO A QUITOTA MENINA BATIZADA, SENDO NO TEMPO DA PESTE**

Se a morte anda de ronda, a vida trota,  
Aproveite-se o tempo, e ferva o Baco,  
Haja galhofa, e tome-se tabaco,  
Venha rodando a pipa, e ande a bota.

Brinde-se a cada triques à Quitota,  
Té que a puro brindar se ateste o saco,  
E faça-lhe a razão pelo seu caco  
Dom Fragaton do Rhin compatriota.

Ande o licor por mão, funda-se a serra,  
Esgote-se o tonel, molem-se os rengos.  
Toca tará-tará, que o vento berra.

Isto diz, que passou entre Flamengos,  
Quando veio tanta água sobre a terra,  
Como vinho inundou sobre os Podengos.

**CELEBRA SACUDINDO DE CAMINHO O DEMASIADO BEBER DESTE BALTEZAR  
VANIQUE SENDO HOMEM ACHACADO DA GOTA NOS PÉS**

Senhor confrade da bota,  
muito a Deus dos Céus deveis,  
quando mil gotas bebeis,  
e vos doeis de uma gota!  
se a vossa alma tão devota  
de beber, e emborrachar  
houvesse Deus de igualar  
o castigo co pecado,  
gotas vos houvera dado,  
como areias tem o mar.

Sois tão grande borrachão,  
e em beber tão desmedido,  
que trocáis, o que heis comido  
pelo vinho, que vos dão:  
vomitais o vinho, e o pão

com repugnância mui pouca,  
e a razão, que vos provoca,  
é, que uma vez o bebeis,  
e vomitando o quereis,  
que outra vez vos torne à boca.

Quem por vinho vomitado  
tanto faz, e tanto gosta,  
também gostará da bosta,  
também do vinho mijado:  
se não fora o vinho aguado  
de tão grande hidropisia,  
creio, que se guardaria,  
e um Flamengo Arcopagita,  
o que num dia vomita,  
o bebera noutro dia.

Sois tão grande bebadinho,  
e tão manhoso em vertê-lo,  
que bebê-lo, e desbebê-lo  
é só por dobrar o vinho:  
quando o levais de caminho  
vai claro como do torno,  
e quando do ventre morno  
pela boca o vomitais,  
então mui sujo o tragais  
como purga de retorno.

O vinho há de ser pagão,  
e não serve o vinho aguado,  
porque é vinho batizado,  
que enfada por ser cristão:  
dai ao demo o beberrão,  
que com dores, e trabalhos  
não busca ao beber atalhos,  
pois sem temor de acabar  
crê, que muito há de durar,  
porque está de vinha-d'alhos.

Sempre tive grande mágoa  
em cuidar, que um mosquitinho  
quer antes morrer no vinho,  
do que estar vivendo n'água:  
se o bofe se vos enxágua

com beber, e mais beber,  
virei com isso a entender,  
que em Belga, donde viestes,  
de algum mosquito nascestes,  
e mosquito heis de morrer.

**AO FILHO DESTE BALTEZAR VANIQUE CHAMADO JOÃO VANIQUE, E POR  
ALCUNHA ATIRACOUÇES INTRODUZIDO NA CONVERSA DO POETA, O QUAL  
HAVIA APANHADO UMA QUEDA ANDANDO CORRENDO NUMAS CAVALHADAS**

Quem vos chama atirador,  
não vos faz, amigo, afronta,  
mas antes levai-o em conta,  
porque atirador é Amor!  
é verdade, que o favor,  
que em tal nome se vos faz,  
sua má suspeita traz,  
que Amor tira arpões e fouces,  
vós, dizem, que atirais coices  
por diante, e por detrás.

Mas vós de tudo zombai,  
que o povo é galhofeador,  
tratai de ser outro Amor,  
e o que quer que for tirai:  
se é bom atirar, olhai  
para o tiro desestrado,  
que ontem vos pôs estirado,  
porque vejais em rigor,  
em todo o caso é melhor  
atirar, que ser tirado.

Vós tendes muitos amigos,  
e o mereceis em verdade,  
e eu quero a vossa amizade  
até no tempo dos figos:  
os mais não, são todos trigos,  
são falsários, desleais;  
vós tanto vos esmerais  
c'os amigos que seguis,  
que com amor os servis,  
e de amores os fartais.

Sois moço bem-parecido,  
galanaço, e asseado,  
gentil-homem sem cuidado,  
sem artifício entendido,  
não afetais ser Cupido,  
como há outros no lugar,  
que afetação é desar,  
e o artifício torpeza,  
e só vós por natureza  
tendes na terra bom ar.

**DESCONFIADO O VANIQUE DESTES CAVILOSOS LOUVORES SE RETIROU  
DAQUELA CONVERSAÇÃO, E O POETA O SATISFAZ COM OUTROS PIORES**

Vós sois, João, tão ingrato,  
que outro vos meteu a febre  
para papar-vos a Lebre,  
e a mim encaixar-me o gato:  
temo deste falso trato,  
que o vosso negócio quebre,  
pois porque o mundo celebre  
vossa tramóia sem par,  
ao mundo me hei de queixar,  
que vendeis gato por lebre.

Diz-me certo Badulaque,  
que as Musas fugis de ouvir,  
e eu sei, que por me fugir  
vos valestes desse achaque:  
tendo tão bom estoraque  
hoje a caçoula da Musa,  
que me condena, e acusa,  
quem tal cousa me condena,  
se Apolo me deu a pena,  
e me ditou Aretusa?

Vós queixais-vos sem razão,  
e sem causa vos sentis,  
porque os versos, que ontem fiz,  
são partos de uma afeição:  
fugistes sem ocasião  
inda por menos de um figo  
só por ser meu inimigo,

e assim me destes um jeito  
de dizer, que em vosso peito  
não há amigo para amigo.

Toda a manhã esperei,  
sem vos querer chegar,  
com que ou vós me heis de matar,  
ou por vós me enforcarei:  
espero, que vos verei  
hoje à tarde às Laranjadas,  
e inda que estão assustadas  
as pedras, que aqui pisastes  
da queda, que ontem levastes,  
eu tomarei as pedradas.

**ESTANDO O POETA REFUGIADO DE SUA MESMA POBREZA NA ILHA DE MADRE  
DE DEUS, TEVE NOTICIA DA MORTE DE UM SEU FILHO, E QUE FORA  
ENTERRADO MISERAVELMENTE, E PROVOCADO DA SUA PENA, FEZ ESTAS  
DÉCIMAS**

Ah Senhor! quanto me pesa  
de vos ofender, de sorte  
que sendo o crime de morte,  
me castigais com pobreza:  
se a nossa antiga fraqueza  
e primeiro trato dobre  
pena mortal, que a soçobre,  
destes por lei, que eu suporto,  
como me livrais de morto,  
e me condenais a pobre?

Dirá vossa indignação,  
que me dais pobreza, e vida,  
porque viva mais sentida  
minha pena, e aflição:  
que os mortos não sentem não;  
e assim para que eu mais sinta  
a dor, que ao morrer requinta,  
pois vivendo é mais amarga,  
me dais a vida tão larga,  
porque a morte é tão sucinta.

Seja, Senhor, o que digo,

ou outra seja a verdade,  
faça-se a vossa vontade,  
tenha eu vida por castigo:  
e quando o tempo inimigo  
a carícias me condene,  
tanto eu viva, e tanto pene,  
tanto padeça, e de sorte,  
que se há de aliviar-me a morte,  
nunca a morte me despene.

Por castigo mui pesado,  
e por pena mui crescida  
tenho, meu Deus, esta vida,  
mas maior é meu pecado:  
vós tendes contrapesado  
tanto as culpas, que me dais,  
que sendo a morte nos mais  
um castigo tão condino,  
eu nem da morte sou digno,  
e por isso ma negais.

Notável detestação  
fazeis, Senhor, do meu cargo,  
pois não basta por descargo  
a geral satisfação:  
morrer foi pena de Adão  
da humana prole caudilho,  
e assim eu me maravilho,  
pois não pude merecer,  
morrendo satisfazer,  
que de tal Pai seja Filho.

Se filho de Adão não sou,  
e me despe a humanidade  
vossa justa impiedade,  
isso me desconfiou:  
pois não só me despojou  
do bom sangue sucessivo,  
que me fez vosso cativo,  
senão que se de Pai tal  
não sou filho natural,  
mal serei vosso adotivo.

Meu Deus, meu Pai, meu Senhor,

lembra-me, quando dizíeis,  
que uma ovelha, que perdíeis,  
vos dava a pena maior:  
eu sou a ovelha pior,  
de quantas vós pastorais,  
e se os suspiros, e ais  
de uma ovelha tão sentida  
são sinais de estar perdida,  
que fazeis, que a não cobrais?

As noventa e nove unidas,  
que andam no vosso rebanho  
adrede as desacompanho,  
porque estimais as perdidas:  
sendo eu das mais desunidas,  
que tinha o vosso redil,  
como a cura pastoril  
vos falta de me buscar,  
se eu sei, que por me afastar  
valho mais que quatro mil?

Se acaso me desprezais,  
porque estou pobre de lã,  
se hoje sou pobre, amanhã  
terei lã como as demais:  
vós mesmo me despojais,  
bem que por meios humanos,  
pois sirvam-me os vossos danos  
e farei, que não se entenda,  
que o bom para minha emenda  
é mau para os vossos panos.

Os vossos altos decretos,  
e juízos escondidos  
não alcançam meus sentidos  
rasteiros, quanto discretos:  
mas se bastam meus afetos,  
se basta a triste memória,  
com que refiro esta história  
de estar pobre por desgraça,  
dai-me os bens da vossa graça,  
para adquirir os da Glória.

## **AO MESMO ASSUNTO E NA MESMA OCASIÃO**

Estou, Senhor, da vossa mão tocado,  
E este toque em flagelo desmentido  
Era à vossa justiça tão devido  
Quão merecido foi do meu pecado.

Menos sentido estou, do que admirado,  
Mais admirado o digo, que sentido,  
Pois vós contra um nonada enfurecido  
Tendes tão forte braço levantado.

Quando o Hebreu clemência vos pedia,  
De metal vos mostrava uma serpente,  
Demonstração de que outra o afligia:

Eu pois, que vos quisera ver clemente,  
Não vos mostro em metal minha agonia,  
Mostro a minha pobreza realmente.

## **CHORA O POETA A MORTE DE UM SEU FILHO, CUJO PESAR DEU MOTIVO A PRIMEIRA OBRA SACRA DESTE LIVRO**

Querido Filho meu, ditoso espírito,  
Que do corpo as prisões tens desatado,  
E por viver no Céu tão descansado,  
Me deixaste na terra tão aflito.

Tu mais do que teu Pai és erudito,  
Muito mais douto, e mais experimentado,  
Pois por ser Anjo em Deus predestinado  
Deixaste de homem ser talvez precito.

Se de achaque de um Sol, do mal de um dia  
Entre um doce suspiro, e brando ronco  
De toda a flor acaba a louçania:

Que muito, ó Filho, flor de um pau tão bronco  
Que acabe a flor na dócil infância.  
E que acabando a flor, dure inda o tronco.

## **OPÚSCULO DE PEDRO ALZ. DA NEIVA**



Casado e rico se embarcou para  
Portugal a comprar nobreza.  
Manuel Pereira Rabelo, licenciado

E se o fumo da Bahia  
a Pedro fidalgo fez,  
fidalgo é da cheminez  
dos Padres da companhia

**SENTOU ESTE PRAÇA PARA SUBIR A CAPITÃO, NO TEMPO, EM QUE ERAM  
TRIENAS: E SENDO NOMEADO PARA UMA EXPEDIÇÃO MARÍTIMA,  
PROMETEU DE ALVÍSSARAS UM CHAPÉU, E OITO PATACAS, A QUEM O  
LIVRASSE**

Deixais, Pedro, o ser chatim,  
por quererdes ser soldado,  
e quando sois nomeado  
dizeis, que não, e que sim:  
não fora melhor, rocim,  
conservar-vos charelete?  
quem a soldado vos mete?  
ide, não sejais magano,  
a despir d'El-Rei o pano,  
e metei-vos gurumete.

De alvíssaras um chapéu  
com oito patacas dais  
não vedes, que se ficais,  
heis de ser da mofa o réu?  
não conheceis isto, incréu?  
mas que pode conhecer  
um presumido sem ter  
mais honras, que a cabeleira,  
onde se estriba a poeira  
de seu vaníssimo ser.

**LOUCURAS QUE FAZIA ESTE SUJEITO COM UM CAVALO RUÇO, QUE LHE  
COMPROU O TIO: E MORTE DO MESMO CAVALO**

Pedralves não há alcançá-lo,

porque se não cabe dele,  
se um cavalo tem a ele,  
ou se ele tem um cavalo:  
mandou o tio comprá-lo,  
por ver o seu Benjamim  
na charola do Rolim;  
mas tendo o rocim comprado,  
então ficou cavalgado  
o tio mais o rocim.

E porque era o tal sendeiro  
um pouco acavaleirado,  
se lhe pôs casa de estado,  
dous pajens, e um escudeiro:  
item papel, e tinteiro,  
confessor, e capelão,  
donde veio ocasião,  
de todo o povo malvado  
dizer, que o ruço rodado  
morrera mui bom cristão.

Pedralves tão grande asnia  
jura, e firma, que não disse,  
porém se era parvoíce,  
diria, mais que diria:  
que outros lhe ouviu a Bahia  
tão gordas, tão bem dispostas,  
que já à guitarra andam postas,  
donde chegam a julgá-lo  
mais besta, que o seu cavalo,  
por trazê-lo sempre às costas.

Por não tomar algum vício  
ia ele, mais o rocim  
ao campo roer capim,  
fingindo, que ao exercício:  
por vê-lo em tão alto ofício  
ia com grande alvoroço  
a marotagem num troço,  
dizendo a puro intervalo,  
será homem de cavalo,  
quem foi de cavalo moço.

Uma tarde, em que corria,  
ei-lo pelas ancas vai;  
que muito, se também cai  
qualquer Santo no seu dia:  
foi tão grande a correria  
do rocim pelo escampado,  
que de um monte alcantilado  
rodou, por jogar de lombo,  
com que o ruço que era pombo,  
de então foi ruço rodado.

Acudiu Pedro à burrada,  
e chegando ao arruído,  
vendo o cavalo caído,  
ficou solta desmaiada:  
mas a gente ali chegada  
lhe disse: ó Senhor Baulio,  
trunfe com valor, e brio,  
que se este perdido está,  
outro cavalo achará  
na baralha do seu tio.

Ele então descendo a vala,  
e dando avante dous passos  
tomou o cavalo em braços,  
e fez-lhe esta branda fala:  
meu ruço, minha cavala,  
meu carinho, e meu amor  
pois fico em tão grande dor  
órfão tão desamparado,  
e morreis de mal curado,  
ordenai-me um curador.

Testai consigo perene,  
que um testamento cerrado  
por vós, e por mim ditado  
por força há de ser solene:  
não queirais, que vos condene  
algum Platônico astuto,  
de que ao pagar do tributo  
(podendo com todo alinho  
falecer como um anjinho)  
acabastes como um bruto.

O rocim, que era entendido  
pouco menos, que seu amo,  
em ouvindo este reclamo  
surgiu, dando um ai sentido:  
deu um, deu outro gemido,  
e depois de escoucinar  
disse, inda estou de vagar,  
por mais que a morte não queira,  
que é acabar a carreira,  
não de carreira acabar.

Isto disse o rocinante,  
e logo para o curar  
tratam de o desencovar  
um, e outro circunstante:  
com cordas, e cabrestante,  
e enxadas para cavá-lo;  
não podendo dar-lhe abalo,  
todo o trabalho se perde,  
porque era cavalo verde,  
sendo ruço o tal cavalo.

Mas um Coadjutor bisonho  
disse, tal dono, tal gado,  
que o cavalo é tão pesado,  
como o dono é enfadonho:  
Pedralves como um medronho  
ficou, e já de afrontado  
desconfiou como honrado  
do Coadjutor malhadeiro,  
vendo estar o seu sendeiro  
de cura desconfiado.

Eis que com força, e arte  
a empuxões de cabrestante  
foi sacado o rocinante  
da barroca a outra parte:  
Pedralves num baluarte  
se pôs, e a gente deteve,  
dizendo em prática breve,  
vem-me alguém puxar a mim?  
pois é, que este meu rocim  
nem Deus quero, que mo leve.

Aqui o ruço há de fazer  
conforme o seu natural,  
que é filósofo moral,  
e no campo há de morrer:  
quem teve, que escarnecer!;  
e quem teve, que zombar!  
todos enfim a puxar  
deram todo aquele dia  
co ruço na estribaria,  
e trataram de curar.

Houve junta de alveitares,  
ou Médicos de jumentos  
carregados de instrumentos  
balestilhas, e azeares:  
item seringas a pares,  
ungentos, mechas, e talos,  
e simples para formá-los  
tudo remédios inanes,  
porque só pós de Joanes  
é remédio de cavalos.

Curou-se enfim o Frisão  
pelos mais experimentados  
homens bem intencionados  
pela primeira intenção:  
mas sobrevindo um febrão  
de implicadas qualidades,  
em tantas calamidades  
quis Deus, que não lhe aproveite  
nem das Brotas o azeite,  
nem o vinagre dos Frades.

Pedralves num acidente  
fiado em seu privilégio  
mandou pedir ao Colégio  
um osso do Sol do Oriente:  
mas sendo ao Reitor presente  
a casta do agonizante,  
dizei (disse) a esse bargante,  
que o Santo a curar não presta  
o mal, que ele tem de besta,  
nem o do seu rocinante.

Com que o ruço a piorar,  
as Relíquias a não vir,  
Pedralves a se afligir,  
e seu tio a se enfadar:  
o dinheiro a se gastar,  
e a casa a se aborrecer,  
tanto veio a suceder,  
que com pesar não pequeno  
em chegando ao quatrozeno  
o ruço veio a morrer.

Assistir-lhe na agonia  
vieram, sem que uma manque,  
todas as bestas do tanque  
dos Padres da Companhia:  
e uma, que cantar sabia,  
uma lição lhe cantou,  
e quando ao verso chegou,  
onde diz: "andante me"  
estirou o ruço um pé,  
e dando um zurro acabou.

Ao tratar do enterramento  
houve alguma dilação,  
porque Pedralves então  
chorava como um jumento:  
mas aberto o testamento  
perante um, e outro ouvinte,  
se achou, que morrera aos vinte,  
e testara aos vinte e três  
de tal ano, e de tal mês,  
e que dizia o seguinte.

Meu corpo vá amortalhado  
no hábito de cacoetes,  
que tem meu amo entre asnetes  
de falar agongorado:  
não o coma adro sagrado,  
que um monturo bastará,  
sendo que tão magro está  
de Hipócrates, e Avicenas,  
que vou receando apenas  
para um bocado haverá.

Item ao Senhor Marquês,  
a quem o céu há juntado  
as ferezas de soldado  
os carinhos de cortês:  
pela mercê, que me fez,  
de com tão justa razão  
suspender de Capitão  
meu Amo, que fica em calma,  
lhe peço, pela sua alma,  
que o suspenda de asneirão.

Meu Amo instituo enfim  
por meu herdeiro forçado,  
e lhe deixo de contado  
a manjedoura, e capim:  
item lhe deixo o selim,  
que me pôs de sarna gafo,  
e pois já morro, e abafo,  
o mou bocado lhe deixo,  
porque veja queixo a queixo,  
o que vai de bafo a bafo.

**ANA MARIA ERA UMA DONZELA NOBRE, E RICA, QUE VEIO DA ÍNDIA SENDO  
SOLICITADA DOS MELHORES DA TERRA PARA DESPOSÓRIOS, EMPREENDEU  
FR. TOMÁS CASALA COM O DITO, E O CONSEGUIU**

Sete anos a Nobreza da Bahia  
Serviu a uma Pastora Indiana, e bela,  
Porém serviu a Índia, e não a ela,  
Que à Índia só por prêmio pertendia.

Mil dias na esperança de um só dia  
Passava contentando-se com vê-la:  
Mas Fr. Tomás usando de cautela,  
Deu-lhe o vilão, quitou-lhe a fidalguia.

Vendo o Brasil, que por tão sujos modos  
Se lhe usurpara a sue Dona Elvira,  
Quase a golpes de um maço, e de uma goiva:

Logo se arreponderam de amar todos,  
E qualquer mais amara, se não fora

Para tão limpo amor tão suja Noiva.

## **AO MESMO ASSUNTO**

### *MOTE*

*Lá vem Maria, mais Ana,  
e Pedro no meio delas;  
ó Pedro, quem te roubara  
a rica Noiva, que levas!*

Apareceu na Bahia  
Pedro, que tudo enfeitiça,  
Moço da cavalaria  
enxertado em fidalguia:  
teve fortuna, e valia  
tão alta, e tão soberana,  
que o tio Milão se alhana,  
e por serem tão manças  
lhe cantarão pelas praças  
Lá vem Maria, mais Ana

Cantou-se-lhe em profecia,  
porque correndo alguns anos  
veio casar por enganos  
com Madama Ana Maria:  
por força de cantoria  
se meteu Perico entre elas,  
ou foi força das estrelas,  
pois hoje ao mesmo compás  
garganteia Fr. Tomás  
"E Pedro no meio delas".

Um casamento ao revés  
Fr. Tomás somente o faz,  
e eu raivo de Fr. Tomás,  
que tal casamento fez:  
quando considero os três  
Noivo besta, e Noiva rara,  
e o Frade, que os maniatara,  
metido entre os foliões,



canto invejando os dobrões,  
Ó Pedro, quem te roubara!

Porém depondo arrogância  
da paixão, e do interesse,  
só Pedro a Noiva merece,  
que a más Moros mas ganância:  
não tenhas, Pedro, jactância,  
nem tal dote à sorte devas,  
pois tanto no bafo entrevas,  
que se dá em to prefumar,  
em pobre há de vir a dar  
A rica Noiva, que levas.

**CASADO, E RICO SE EMBARCOU PARA PORTUGAL A COMPRAR NOBREZA; E O POETA LHE FAZ AS DESPEDIDAS PROFETIZANDO, O QUE REALMENTE SUCEDEU**

Adeus, Amigo Pedralves,  
que vos partistes daqui  
para geral desconsolo  
deste Estado do Brasil.  
Partistes-vos, e oxalá,  
que então vos vira partir,  
que sempre um quarto tomara  
a libra por dous ceitis,  
Pusera o quarto em salmoura,  
e no fumeiro o pernil,  
o pé não: porque me dizem,  
que vos fede o escarpim.  
Guardara o quarto de sorte,  
que se vos pudera unir  
na surreição dos ausentes,  
quando tornásseis aqui.  
Mas vós não fostes partido,  
mente, quem tal cousa diz,  
antes fostes muito inteiro,  
e sem se vos dar de mim!  
Saudades não levastes,  
deixaste-las isso sim,  
porque de todo este povo  
éreis o folgar, e o rir.  
Desenfado dos rapazes  
das Moças o perrexil,

o burro da vossa casa,  
e da cidade o rocim.  
Lá ides por esses mares,  
que são vidraças de anil,  
semeando de asnidades  
toda a margem de Zafir.  
O Piloto, e à companhia,  
apostarei, que já diz,  
que vai muito arrependido  
de irdes no seu camarim.  
O homem se vê, e deseja,  
e desesperado enfim,  
aceita, que a Nau se perca  
por vos ver fora de si.  
Deseja ver-vos lutando  
sobre o elemento sutil,  
onde um tubarão vos parta,  
vos morda um Darimdarim.  
Deseja, que os peixes todos  
tomem acordo entre si  
de vos fazer nos seus buchos  
sepultura portatil.  
Sente, que em amanhecendo  
a fina força há de ouvir  
os bons dias de uma boca,  
cujo bafo é tão ruim.  
Sente, que não empregando  
nem um só maravedi  
em queijos frescos, e a eles  
vos tresanda o chambaril.  
Mas vos heis de ir a Lisboa  
apesar do vilão ruim.  
El-Rei vos há de fazer  
com mil mercês honras mil.  
Os cavalheiros da Corte  
trazendo-vos junto a si,  
vos hão de dar como uns doudos  
piparotes no nariz.  
E como vós sois doente  
de fidalgos frenesis,  
por ficar enfidalgado  
toda a mofa heis de rustir.  
O que trareis de vestidos!  
uns assim, outros assim:

sereis o molde das modas,  
e o modelo dos Turins.  
À conta disto me lembra,  
quando em Marapé vos vi  
vestido de pimentão  
com fundos de flor de Lis.  
Em verdade vos afirmo,  
que então vos supus, e cri  
surrada tapeçaria,  
tisonado guadamecim.  
O que direis de mentiras,  
quando tornares aqui!  
amizades de um Visconde,  
favores de um Conde vis,  
Valido de um tal Ministro,  
Cabido de um tal Juiz,  
e até do mesmo Cabido  
leiguíssimo Mandarim.  
El-Rei me fez mil favores:  
mil favores? mais de mil;  
bem fez, com que lá ficasse,  
mas não o pude servir.  
Quem casou, como eu casei  
com Mulher tão senhoril,  
é cativo de um Terreiro,  
não me posso dividir.  
D'El-Rei é minha cabeça,  
porém o corpo gentil  
todo é de minha Mulher,  
não tem remédio, hei de me ir.  
Achou-me razão El-Rei  
e na hora de partir,  
pondo-me a mão na cabeça  
me disse, Perico, há de ir.  
Ide-vos, Perico, embora,  
ide-vos para o Brasil,  
que, quem vos tirou da Corte,  
não vos tirará daqui.  
E pondo em seu peito a mão,  
eu, que a firmeza entendi,  
chorei por agradecê-la  
lágrimas de mil em mil.  
Botei pelo Paço fora  
meti-me no bergantim,

cheguei a bordo, embarquei-me,  
levamos ferro, e parti.  
Os cavalheiros da Corte  
choraram tanto por mim,  
como por uma comenda  
Santiago ou de Avis.  
Ontem avistamos terra,  
e quando na barra vi  
coqueiros, e bananeiras,  
disse comigo: Brasil.

**AO MESMO QUE CHEGANDO À BAHIA COM HÁBITO, E FORO FALSO ENTRA  
DESVANECIDAMENTE CONFIADO A TRATAR OS HOMENS NOBRES POR  
TERCEIRA PESSOA**

Sejais, Pedralves, bem-vindo,  
e crede-me, meu amigo,  
que tudo, o que aqui vos digo,  
ora é zombando, ora rindo:  
aqui me andam perseguindo,  
que faça à vossa chegada  
alguma sátira honrada,  
que este Povo é tão sisudo,  
que quer, que eu vos diga tudo,  
mas eu não vos digo nada.

Se El-Rei vos enfidalgou  
(como me deram por novas)  
acabaram-se-me as trovas,  
e tudo enfim se acabou:  
mas não falta, quem notou,  
que indo-vos fidalgo honrado,  
vir com foro era escusado;  
porém logo se deu fé,  
que éreis fidalgo de pé,  
e agora estais assentado.

Qualquer Bispo da Turquia  
sem igreja é Bispo fiel,  
vós sois fidalgo de anel,  
fidalgo sem fidalguia:  
os fidalgos da Bahia  
são fidalgos de parolas,

vós a puras carambolas  
por vós, por vossa Mulher,  
porque o quis El-Rei fazer,  
sois fidalgo de três solas.

Ser fidalgo na Bahia  
é suma felicidade,  
porque há de arder a cidade  
numa, e noutra cortesia:  
heis de mamar Senhoria,  
quer vos dê, quer não pesar:  
porque se um triste alveitar  
a mama, sendo ancião,  
vós tão novo, e simplalhão  
como a não heis de mamar?

Está toda a meninice  
desta terra a esperar,  
que saiais a passear,  
e digais muita parvoíce:  
já a mim um homem me disse,  
que vos ouvira umas poucas,  
mas vós a palavras loucas  
(se quereis lograr sossegos)  
heis de trazer olhos cegos,  
tanto como orelhas moucas.

Chegais de Lisboa enfim,  
e não quero de vós mais,  
senão só que me digais,  
como vindes de escarpim:  
que este povo é tão ruim,  
tão jocoso, e tão burlesco,  
que por vos pôr ao tudesco,  
tendo vós cara de nata,  
levantam, que a vossa pata  
tem dedo de queijo fresco.

Triste da vossa parceira,  
que se vos muda talvez  
a cabeça para os pés,  
e os pés para a cabeceira,  
sempre o presunto lhe cheira,  
sempre o bafo cheira mal,

e contra artifício tal,  
como lhe não dais proveito  
fedendo a torto, e a direito,  
vos admite ao natural.

Ela levada do amor  
diz (porque enfim vos quer bem)  
bom sangue o Fidalgo tem,  
mas tem mui velhaco humor:  
vós obrigado ao primor,  
de quem tão firme vos ama,  
que em tal caçoula se inflama,  
ficais por sentença dada  
vós apertando a privada,  
ela apartada da cama.

Tratais a este e a aquele  
por ele de puro honrado,  
que o Senhor bem inclinado  
em lugar de um vós dá um ele:  
mas que o chantre se desvele  
em visitar-vos cada hora,  
e lhe digais, venha embora  
Chantre, folga de o ver bom,  
isso é ser sem tom, nem som  
asneirão de foz em fora.

Que dissestes me constou,  
a um Capitão de alto som,  
folgo muito de o ver bom,  
e ele os olhos vos fincou:  
de boa então escapou,  
Pedro, o vosso cabeção,  
porque se vos lança a mão,  
creio eu, é para crer,  
vos havia de dizer,  
folgo de o ver asneirão.

Diz ele, que em caso tal  
outra tal vos respondera,  
e mãos, e pés vos pusera  
a não vir o General:  
vós, Pedro, não fazeis mal,  
porque sois enfim fidalgo,

mas sejais algo, o no algo,  
têm todos por certo agouro,  
que se vos foram ao couro,  
heis de correr como um galgo.

Temo, vos há de matar  
este mal de fidalguia,  
por falta de uma sangria,  
que ninguém vos manda dar:  
importa logo sangrar,  
e carregar sobre tudo,  
porque o sangue linhajudo  
fora da imaginação  
fará que fiqueis vilão,  
mas heis de ficar sisudo.

**DEDICA UM ESTUDANTE UMAS CONCLUSÕES AO DITO COM O BRASÃO DOS  
NEIVAS NA FACHADA: E IMPACIENTE O POETA DO DESAFORO ROMPE NESTAS  
QUEIXAS**

Digam, os que argumentaram,  
qual mais desaforo indica,  
quem as conclusões dedica,  
ou a quem se dedicaram:  
se as torres, que lhe gravaram  
com tanta magnificência  
não são da sua ascendência,  
posto que dos Neivas são,  
concedo-lhe a conclusão,  
mas nego-lhe a consequência.

Concedo, que aquele escudo  
com gravados torreões  
seja dos Neivas brasões,  
mas não de um Neiva orelhudo:  
que homem pode haver sisudo,  
que vendo aquele jumento  
não conclua o argumento,  
de que os seus timbres, e duelos  
não são torres, são castelos,  
porém castelos de vento.

A um cavalheiro vilão  
estas armas lhe hão de dar,  
sobre escudo verde-mar  
uma aguilhada, e um podão:  
item porque lá em Milão  
morando na casa alheia  
foi Lacaio de libréia,  
passa-aqui de rocinante,  
lhe dão em campo brilhante  
uma almofaça, e uma peia.

Pelo torreão guerreiro  
dão-lhe em jurídica forma,  
na praia uma plaraforma,  
onde seja aguardenteiro:  
e porque vai a escudeiro  
por casar co'a Indiana  
com dote de porcelana,  
e enxoval de canequim,  
lhe dão por armas enfim  
um chuço, uma partasana.

Desaforo tão insano  
sofrerão outras nações,  
que dedique as conclusões  
um magano a outro magano?  
que sendo costume lhano  
oferecer, e dedicar  
ao Prelado, ao Titular,  
ao Príncipe, ao Monarca,  
se veja uma suja alparca  
em tão subido espaldar?

Mas enfim, que lhe importou  
ver-se assim entronizado,  
se tão vil é o dedicado,  
como quem lhe dedicou?  
tudo o diabo levou,  
a honra, a dedicatória  
a honra tornou-se escória,  
a dedicatória em mijo:  
o Brasil se ri de riso,  
aqui paz, e depois glória.



**AO MESMO RETIRANDO-SE HOMIZIADO PARA O CARMO, POR TER NOTICIA DE UM DECRETO, QUE VEIO DE SUA MAJESTADE AO DEZ.<sup>OR</sup> ANTONIO RODRIGUES BANHA, PARA PRENDER, OS QUE HAVIAM NA CIDADE COM HÁBITOS, E FOROS FALSOS**

Treme a Pedro a passarinha,  
e tanto teme a prisão,  
que o cu lhe cheira a murrão,  
e a boca fede a caquinha:  
soube, que o decreto vinha,  
e antes que o fossem prender,  
fugiu logo a bom correr,  
pois quando o iam buscar,  
tocando o Banha a marchar,  
tocou ele a recolher.

Pedralves com falso foro  
se vê na realidade,  
o foro com falsidade,  
com verdade o desaforo:  
que agora reze no coro,  
é justo, e bem permitido,  
e porque tem merecido  
por serviços ao selim  
não ser do campo rocim,  
agora está recolhido.

Que se despache um caixeiro  
criado na mercancia  
com foro de fidalguia  
sem nobreza de Escudeiro!  
e que a poder de dinheiro,  
e papéis falsificados  
se vejam entronizados  
tanto mecânico vil,  
que na ordem mercantil  
são criados dos criados!

O Fidalgo esclarecido  
traz de longe a descendência:  
mas Fidalgo de influência  
sem ter solar conhecido,  
é Fidalgo introduzido

enfronhado em fidalguia  
e se o fumo da Bahia  
a Pedro Fidalgo fez,  
fidalgo é da cheminez  
dos Padres da companhia.

Ser perfilhado em Milão,  
e fidalgo em Portugal,  
ter Mulher Oriental,  
e cunhado Mergulhão,  
haver sido Capitão,  
trazer uma cruz ao lado,  
haver comido um morgado,  
e a fidalgo haver subido,  
se contudo está caído,  
é já fidalgo estirado.

Quem quer ser bem despachado  
a seu Rei serviços faz,  
a vida entre as bolas traz  
como valente soldado:  
mas por serviço comprado,  
com as premissas a pares,  
e mentiras como os mares  
faz ser caso lastimoso,  
que, o que deu honra a um Barroso,  
o merecesse um Cazares.

Quando hábito se traz  
co dinheiro poderoso,  
torne outra vez Barroso,  
e venha o Doutor Gilvaz:  
também nesta conta jaz  
Fuão Maciel Teixeira,  
Manuel Dias Filgueira,  
o Marruás do sertão,  
e o Lobato patifão  
marido da confeitira.

Também vai a Escudeiro  
Marinículas da praia,  
porque para isso se ensaia  
a fiúza do dinheiro:  
por direito um canastreiro

é homenzarrão de chapa,  
mas a cruz, que anda em tal capa,  
o faz com maior desonra  
sambenitado da honra  
porque não é cruz, é aspa.

Que maganos desta laia  
patifes de toda a sorte  
subam ser homens de porte,  
tanto que o pé põem na praia:  
ver eu isto me desmaia,  
e me faz cair por terra,  
que quatro vilões da serra  
tenham tão propícia estrela,  
que sendo vis em Cabrela  
são fidalgos nesta terra.

Esta mãe universal,  
esta célebre Bahia,  
que a seus peitos toma, e cria,  
os que enjeita Portugal:  
que ao que nasceu natural  
seu Filhote em tenra idade  
o mate à necessidade,  
porque lhe tem ódio interno!  
Oh praza a Deus, que no inferno  
se subverta esta cidade.

### **AO MERGULHÃO CUNHADO DESTE SUJEITO, QUE ENGANOU AO POETA COM UMA PROPINA DE COBRE INDO TOMAR O GRAU DE LICENCIADO**

Entre os demais Doutorandos,  
que vieram à função,  
veio o grande Mergulhão  
da casa dos Mergulhandos:  
fidalgos tão miserandos  
de tronco, e solar tão pobre,  
que, porque a pena lhes dobre,  
digo, por mais que os acatem,  
que são fidalgos, que batem  
moeda, porém de cobre.

Achava-me eu na função,  
e a puro calar, e ver,  
não livre de ali fazer  
terreiro de patacão:  
porque vindo o Mergulhão  
com a propina, que deu,  
m'arremessou no chapéu,  
e eu do peso me queimei,  
fui logo vê-la, e achei,  
que o dinheiro era guinéu.

Enlutado um patacão  
de uma resina maldita  
mais negra, que a minha dita,  
e mais vil, que o Mergulhão:  
que causa, ou que ocasião  
teria para enlutar-se,  
não pode conjeturar-se,  
se não é, porque morreu  
o pejo, de quem a deu,  
a quem deve venerar-se.

Quem se gradua em Sofia,  
e dá propina de pobre,  
merece um anel de cobre  
com pedra de cantaria:  
por capelo merecia  
um vexame, ou repreensão,  
que o cure de patifão,  
e em cabeça tão patifa  
uns cadilhos de alcatifa  
por borla do chapeirão.

Há caso de mais abalo,  
que um patife, um mariola  
desse em público uma esmola,  
a quem podia comprá-lo?  
e vendo, que sofro, e calo,  
lhe dê tão pouco desvelo,  
que não venha agradecê-lo,  
a quem comprá-lo podia  
não só, mas inda em Sofia  
podia também vendê-lo?

Vós, meu Doutor judiciário,  
a quem dedico este pleito,  
não façais caso do feito,  
tanto que o façais sumário:  
ele pecou de falsário,  
mas sendo falsário, e mau,  
e por casta vaganau,  
se hão de dar-lhe em relação,  
carocha de papelão,  
eu cá lha darei de pau.

### **A UMA DAMA QUE MANDOU PEDIR AO POETA O TESTAMENTO, QUE ELE TINHA FEITO AO CAVALO DE PEDRALVES**

Minha Reina estou absorto,  
de que com tão grande abalo  
busqueis um morto cavalo,  
fugindo de um perro morto:  
e assim daqui vos exorto,  
que da idéia se vos borre  
ler versos, em que discorre  
um Poeta inveterado,  
pois um cavalo enterrado  
é cousa, que já não corre.

### **OS HOMENS BONS**

Senhor, bem-vinda seja Vossa Senhoria

Eu sou aquele que os passados anos  
Cantei na minha lira maldizente  
Torpezas do Brasil, vícios e enganós

Que néscio que eu era então.

### **PESSOAS MUITO PRINCIPAIS**

... certa pessoa muito principal...

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

do Céu toda a Majestade  
em tão pequeno distrito.

### **SALVE RAINHA A VIRGEM SANTÍSSIMA**

Salve, Celeste Pombinha,  
Salve, divina Beleza,  
Salve, dos Anjos Princesa,  
e dos céus, *Salve Rainha.*

Sois graça, luz, e concórdia  
entre os maiores horrores,  
sois guia de pecadores,  
*Madre de Misericórdia*

Sois divina Formosura,  
sois entre as sombras da morte  
o mais favorável Norte,  
e sois da *vida Doçura*

Sois a peregrina Ave,  
pois minha fé vos alcança  
sois pois ditosa esperança  
*Esperança nossa Salve*

Vosso favor invocamos  
como remédio mais raro,  
não nos falte vosso amparo,  
e vede, que *a vós bradamos*

Os da Pátria desterrados  
viver na pátria desejam;  
quereis vós, que dela sejam  
deste mundo *os degradados?*

De Jesus tanto agrado leva  
de com os homens viver,  
nós somos, bem podeis ver,  
os mesmos *Filhos de Eva.*

Humildes vos invocamos  
com rogos enternecidos,  
e desse amparo rendidos,

Senhora, *a vós supiramos.*

Se Deus nos perdoa, quando  
a nossa culpa é chorada,  
estamos por ser perdoada  
aqui *gemendo, e chorando.*

Mas vós, por quem mais se vale,  
Lírio do Vale, chorais,  
e o vosso pranto val mais  
neste *de Lágrimas Vale*

Já que tão piedosa sois  
não tardeis com vosso rogo,  
alcançai o perdão logo,  
apressai-vos *eia pois.*

Porque desde agora possa  
triunfar qualquer de nós  
de inimigo tão atroz  
pedi *advogada nossa.*

E enquanto nestes abrolhos  
do mundo postos estamos,  
de nós, que o caminho erramos  
não tireis *os vossos olhos.*

Sejam sempre piedosos  
para nos favorecer,  
e para nos socorrer  
sejam *misericordiosos.*

Favorecer-nos quereia,  
de vossos olhos co'a guia,  
gloriosa Virgem Maria  
sempre eles *a nós volvéi*

Livrai-nos de todo erro  
para que assim consigamos  
graça enquanto aqui andamos  
*e depois deste desterro*

Pois vosso Filho é a luz  
e alumiar-nos quereis,

para que esta mostreis  
*nos amostrai a Jesus*

E se como raio bruto  
o fruto vemos vedado  
noutro paraíso dado  
veremos o *bento Fruto*

Em nossos corações entre  
seu amor, pois é razão,  
seja meu de coração,  
o que foi *do vosso ventre*

De Jericó melhor Rosa,  
puro, e cândido Jasmim,  
quereis vós, que seja assim  
*ó clemente, ó piedosa.*

Tenhamos esta alegria,  
esta doçura tenhamos,  
pois que tanta em vós achamos,  
*ó doce Virgem Maria*

Pois quem mais pode, sois vós,  
chegando a Deus a pedir  
para melhor vos ouvir,  
pedi, e *rogai por nós.*

Que então os favores seus  
muito melhor seguramos,  
pois que neles empenhamos  
a *Santa Madre de Deus.*

Fazei-nos sempre benignos  
entre deste mundo os sustos  
para que sejamos justos  
*para que sejamos dignos*

E se nos concedeis isto,  
que vos pede o nosso rogo  
mui dignos nos fareis logo  
ser *das promessas de Cristo*

Seja pois, divina luz,



melhor Estrela, assim seja  
para que por nós se veja  
Vosso amparo. *Amém Jesus*

### **A N. SENHORA DA MADRE DE DEUS INDO LÁ O POETA**

Venho, Madre de Deus, ao Vosso monte  
E reverente em vosso altar sagrado,  
Vendo o Menino em berço argenteado  
O sol vejo nascer desse Horizonte.

Oh quanto o verdadeiro Faetonte  
Lusbel, e seu exército danado  
Se irrita, de que um braço limitado  
Exceda na soltura a Alcidemonte.

Quem vossa devoção não enriquece?  
A virtude, Senhora. é muito rica,  
E a virtude sem vós tudo empobrece.

Não me espanto, que quem vos sacrifica  
Essa hóstia do altar, que vos oferece,  
Que vós o enriqueçais, se a vós a aplica.

### **AO MENINO JESUS DE N. SENHORA DAS MARAVILHAS, A QUEM INFIÉIS DESPEDAÇARAM ACHANDO-SE A PARTE DO PEITO**

Entre as partes do todo a melhor parte  
Foi a parte, em que Deus pôs o amor todo  
Se na parte do peito o quis pôr todo  
O peito foi do todo a melhor parte.

Parta-se pois de Deus o corpo em parte,  
Que a parte, em que Deus ficou o amor todo  
Por mais partes, que façam deste todo  
De todo fica intacta essa só parte.

O peito já foi parte entre as do todo,  
Que tudo mais rasgaram parte a parte;  
Hoje partem-se as partes deste todo

Sem que do peito todo rasguem parte,  
Que lá quis dar por partes o amor todo,  
E agora o quis dar todo nesta parte.

### **AO BRAÇO DO MESMO MENINO JESUS QUANDO APARECEU**

O todo sem a parte não é todo,  
A parte sem o todo não é parte,  
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,  
Não se diga, que é parte, sendo todo.

Em todo o sacramento está Deus todo,  
E todo assiste inteiro em qualquer parte,  
E feito em partes todo em toda a parte,  
Em qualquer parte sempre fica o todo.

O braço de Jesus não seja parte,  
Pois que feito Jesus em partes todo  
Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,  
Um braço, que lhe acharam, sendo parte,  
Nos disse as partes todas deste todo.

### **AO MENINO JESUS DO COADJUTOR DE S. ANTÔNIO QUE SENDO ANTIGO É MUITO BELO**

Oh, quanta divindade, oh quanta graça,  
Menino, em vosso vulto sacro, e belo  
Infunde a mão de tal gentil modelo,  
Inspira o Autor de tão divina traça!

Se o tempo aos mais vultos desengraça  
Na vossa Imagem não deslustra um pêlo:  
Reverente o tratou com tal desvelo,  
Que o que eleva menino, velho embaça.

Quanto a idade usurpa de beleza  
Nos que somos mortais, paga em respeito,  
Venerações, que atrai a antiguidade.

Mas de vossa escultura a gentileza

Tem trocado do tempo o edaz efeito  
Venera-se a beleza, ama-se a idade.

### **A N. SENHOR JESUS CRISTO COMATOS DE ARREPENDIDO E SUSPIROS DE AMOR**

Ofendi-vos, Meu Deus, bemé verdade,  
É verdade, meu Deus, que hei delinquido,  
Delinquido vos tenho, e ofendido,  
Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha à vaidade,  
Vaidade, que todo me há vencido;  
Vencido quero ver-me, e arrependido,  
Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,  
De coração vos busco, dai-me os braços,  
Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro me mostra a salvação,  
A salvação pretendo em tais abraços,  
Misericórdia, Amor, Jesus, Jesus.

### **A UMAS CANTIGAS, QUE COSTUMAVAM CANTAR OS CHULOS NAQUELE TEMPO:'BANGUÉ, QUE SERÁ DE TI?' E OUTROS MAIS PIEDOSOS CANTAVAM: "MEU DEUS, QUE SERÁ DE MIM?" O QUE O POETA GLOSOU ENTRE A ALMA CRISTÃ RESISTINDO ÀS TENTAÇÕES DIABÓLICAS**

#### *MOTE*

*Meu Deus, que será de mim?  
Banguê, que será de ti?*

#### **ALMA**

Se o descuido do futuro,  
e a lembrança do presente  
é em mim tão continente,  
como do mundo murmuro?  
Será, porque não procuro  
temer do princípio o fim?  
Será, porque sigo assim

cegamente o meu pecado?  
mas se me vir condenado,  
Meu Deus, que será de mim?

DEMÔNIO

Se não segues meus enganos,  
e meus deleites não segues,  
temo, que nunca sossegues  
no florido dos teus anos:  
vê, como vivem ufanos  
os descuidados de si;  
canta, baila, folga, e ri,  
pois os que não se alegraram.  
dous infernos militaram.  
Banguê, que será de ti?

ALMA

Se para o céu me criastes,  
Meu Deus, à imagem vossa,  
como é possível, que possa  
fugir-vos, pois me buscastes:  
e se para mim tratastes  
o melhor remédio, e fim,  
eu como ingrato Caim  
deste bem tão esquecido  
tenho-vos tão ofendido:  
Meu Deus, que será de mim?

DEMÔNIO

Todo o cantar alivia,  
e todo o folgar alegra  
toda a branca, parda e negra  
tem sua hora de folia:  
só tu na melancolia  
tens alívio? canta aqui,  
e torna a cantar ali,  
que desse modo o praticam,  
os que alegres pronosticam,  
Banguê, que será de ti?

ALMA

Eu para vós ofensor,  
vós para mim ofendido?  
eu já de vós esquecido,

e vós de mim redentor?  
ai como sinto, Senhor,  
de tão mau princípio o fim:  
se não me valeis assim,  
como àquele, que na cruz  
feristes com vossa luz,  
Meu Deus, que será de mim?

#### DEMÔNIO

Como assim na flor dos anos  
colhes o fruto amargoso?  
não vês, que todo o penoso  
é causa de muitos danos?  
deixa, deixa desenganos,  
segue os deleites, que aqui  
te ofereço: porque ali  
os mais, que cantando vão,  
dizem na triste canção,  
Banguê que será de ti?

#### ALMA

Quem vos ofendeu, Senhor?  
Uma criatura vossa?  
como é possível, que eu possa  
ofender meu Criador?  
triste de mim pecador,  
se a glória, que dais sem fim  
perdida num serafim  
se perder em mim também!  
Se eu perder tamanho bem,  
Meu Deus, que será de mim?

#### DEMÔNIO

Se a tua culpa merece  
do teu Deus a esquivaça  
a folga no mundo, e descansa,  
que o arrepende aborrece:  
se o pecado te entristece,  
como já em outros vi,  
te prometo desde aqui,  
que os mais da tua facção,  
e tu no inferno dirão,  
Banguê, que será de ti?

## **AO MISTERIOSO EPÍLOGO DOS INSTRUMENTOS DA PAIXÃO RECOPIADO NA FLOR DO MARACUJÁ**

Divina flor, se enessa pompa vana  
Los martirios ostentas reverente,  
Corona con los clavos a tu frente,  
Pues brilas con las lagas tan losana.

Venera essa corona altiva, y ufana,  
Y en tus garbos te ostenta floreciente:  
Los clavos enarbola eternamente,  
Pues Dios com sus heridas se te hermana.

Si flor nasciste para mas pomposa  
Desvanecer floridos crescimientos  
Ya, flor, te reconocen mas dichosa.

Que el cielo te ha gravado en dos tormentos  
En clavos la corona mas gloriosa,  
Y en lagas sublimados luzimientos.

## **AFIRMA QUE A FORTUNA, E O FADO NÃO É OUTRA COUSA MAIS QUE A PROVIDENCIA DIVINA**

Isto, que ouço chamar por todo o mundo  
Fortuna, de uns cruel, d'outros impia,  
É no rigor da boa teologia  
Providência de Deus alto, e profundo.

Vai-se com temporal a Nau ao fundo  
carregada de rica mercancia,  
Queixa-se da Fortuna, que a envia,  
E eu sei, que a submergiu Deus iracundo.

Mas se faz tudo a alta Providência  
De Deus, como reparte justamente  
À culpa bens, e males à inocência?

Não sou tão perspicaz, nem tão ciente,  
Que explique arcanos d'alta Inteligência,  
Só vos lembro, que é Deus o providente.

**NO SERMÃO QUE PREGOU NA MADRE DE DEUS D. JOÃO FRANCO DE OLIVEIRA  
PONDERA O POETA A FRAGILIDADE HUMANA**

Na oração, que desaterra.....aterra  
Quer Deus, que, a quem está o cuidado.....dado  
Pregue, que a vida é emprestado.....estado  
Mistérios mil, que desenterra.....enterra.

Quem não cuida de si, que é terra.....erra  
Que o alto Rei por afamado.....amado,  
E quem lhe assiste ao desvelado.....lado  
Da morte ao ar não desaferra.....aferra.

Quem do mundo a mortal loucura.....cura,  
A vontade de Deus sagrada.....agrada,  
Firmar-lhe a vida em atadura.....dura.

Ó voz zelosa, que dobrada.....brada,  
Já sei, que a flor da formosura.....usura  
Será no fim desta jornada.....nada.

**CONTINUA O POETA COM ESTE ADMIRÁVEL A QUARTA FEIRA DE CINZAS**

Que és terra Homem, e em terra hás de tornar-te,  
Te lembra hoje Deus por sua Igreja,  
De pó te faz espelho, em que se veja  
A vil matéria, de que quis formar-te.

Lembra-te Deus, que és pó para humilhar-te,  
E como o teu baixel sempre fraqueja  
Nos mares da vaidade, onde peleja,  
Te põe à vista a terra, onde salvar-te.

Alerta, alerta pois, que o vento berra,  
E se assopra a vaidade, e incha o pano,  
Na proa a terra tens, amaina, e ferra.

Todo o lenho mortal, baixel humano  
Se busca a salvação, tome hoje terra,

Que a terra de hoje é porto soberano.

### **CONSIDERA O POETA ANTES DE CONFESSAR-SE NA ESTREITA CONTA, E VIDA RELAXADA**

Ai de mim! Se neste intento,  
e costume de pecar  
a morte me embaraçar  
o salvar-me, como intento?  
que mau caminho frequento  
para tão estreita conta;  
oh que pena, e oh que afronta  
será, quando ouvir dizer:  
vai, maldito, a padecer,  
onde Lúcifer te aponta.

Valha-me Deus, que será  
desta minha triste vida,  
que assim mal logro perdida,  
onde, Senhor, parará?  
que conta se me fará  
lá no fim, onde se apura  
o mal, que sempre em mim dura,  
o bem, que nunca abracei,  
os gozos, que desprezei,  
por uma eterna amargura.

Que desculpa posso dar,  
quando ao tremendo juízo  
for levado de improviso,  
e o demônio me acusar?  
Como me hei de desculpar  
sem remédio, e sem ventura,  
se for para aonde dura  
o tormento eternamente,  
ao que morre impenitente  
sem confissão, nem fé pura.

Nome tenho de cristão,  
e vivo brutalmente,  
comunico a tanta gente  
sem ter, quem me dê a mão:  
Deus me chama co perdão



por auxílios, e conselhos,  
eu ponho-me de joelhos  
e mostro-me arrependido;  
mas como tudo é fingido,  
não me valem aparelhos.

Sempre que vou confessar-me,  
digo, que deixo o pecado;  
porém torno ao mau estado,  
em que é certo o condenar-me:  
mas lá está quem há de dar-me  
o pago do proceder:  
pagarei num vivo arder  
de tormentos repetidos  
sacrilégios cometidos  
contra quem me deu o ser.

Mas se tenho tempo agora,  
e Deus me quer perdoar,  
que lhe hei de mais esperar,  
para quando? ou em qual hora?  
que será, quando traidora  
a morte me acometer,  
e então lugar não tiver  
de deixar a ocasião,  
na extrema condenação  
me hei de vir a subverter.

## **AO DIA DO JUÍZO**

O alegre do dia entristecido,  
O silêncio da noite perturbado  
O resplendor do sol todo eclipsado,  
E o luzente da lua desmentido!

Rompa todo o criado em um gemido,  
Que é de ti mundo? onde tens parado?  
Se tudo neste instante está acabado,  
Tanto importa o não ser, como haver sido.

Soa a trombeta da maior altura,  
A que a vivos, e mortos traz o aviso  
Da desventura de uns, d'outros ventura.

Acabe o mundo, porque é já preciso,  
Erga-se o morto, deixe a sepultura,  
Porque é chegado o dia do juízo.

### **A CONCEIÇÃO IMACULADA DE MARIA SANTÍSSIMA**

Para Mãe, para Esposa, Templo, e Filha  
Decretou a Santíssima Trindade  
Lá da sua profunda eternidade  
A Maria, a quem fez com maravilha.

E como esta na graça tanto brilha,  
No cristal de tão pura claridade  
A segunda Pessoa humanidade  
Pela culpa de Adão tomar se humilha

Para que foi aceita a tal Menina?  
Para emblema do Amor, obra piedosa  
Do Padre, Filho, e Pomba essência trina:

É logo consequência esta forçosa,  
Que Estrela, que fez Deus tão cristalina  
Nem por sombras da sombra a mancha goza.

### **A CONCEIÇÃO IMACULADA DE MARIA SANTÍSSIMA**

Como na cova tenebrosa, e escura,  
A quem abriu o Original pecado,  
Se o próprio Deus a mão vos tinha dado;  
Podíeis vós cair, ó virgem pura?

Nem Deus, que o bem das almas só procura,  
De todo vendo o mundo arruinado,  
Permitira a desgraça haver entrado,  
Donde havia sair nova ventura.

Nasce a rosa de espinhos coroada  
Mas se é pelos espinhos assistida,  
Não é pelos espinhos magoada.

Bela Rosa, ó virgem esclarecida!

Se entre a culpa se vê, fostes criada,  
Pela culpa não fosse ofendida.

### **AO MESMO ASSUNTO**

Antes de ser fabricada  
do mundo a máquina digna,  
já lá na mente divina,  
Senhora, estáveis formada:  
com que sendo vós criada  
então, e depois nascida  
(como é cousa bem sabida)  
não podíeis, (se esta sois)  
na culpa, que foi depois,  
nascer, Virgem, compreendida

Entre os nascidos só vós  
por privilégio na vida  
fostes, Senhora, nascida  
isenta da culpa atroz:  
mas se Deus (sabemos nós)  
que pode tudo, o que quer,  
e vos chegou a eleger  
para Mãe sua tão alta,  
impureza, mancha, ou falta  
nunca em vós podia haver.

Louvem-vos os serafins,  
que nessa Glória vos veem,  
e todo o mundo também  
por todos os fins dos fins:  
Potestades, querubins,  
e enfim toda a criatura,  
que em louvar-vos mais se apura,  
confessem, como é razão,  
que foi vossa conceição  
sacra, rara, limpa, e pura.

O Céu para coroar-vos  
estrelas vos oferece,  
o sol de luzes vos tece  
a gala, com que trajar-vos:  
a lua para calçar-vos

dedica o seu arrebol,  
e consagra o seu farol,  
porque veja o mundo todo,  
que brilham mais deste modo  
Céu, estrelas, lua, e sol.

### **A N. SENHORA DO ROSÁRIO**

A Rainha celestial,  
venceu o seu contrário,  
nosso pobre cabedal  
hoje do Santo Rosário  
Ihe faz um arco triunfal.

O arco é de paz, e guerra,  
com que sempre há de triunfar,  
e tal virtude em si encerra,  
que por ele hei de chegar  
ao alto céu desde a terra.

Este é o arco dos céus,  
que sobre as nuvens se vê,  
dado para nós por Deus,  
por cujo meio com fé  
teremos grandes troféus.

Porque o rosário rezado  
quando a alma em graça está,  
é sinal, que Deus tem dado,  
de que não me afogará  
no dilúvio do pecado.

Este é o arco triunfal,  
por onde a alma gloriosa  
livre do corpo mortal  
vai aos céus a ser esposa  
do Príncipe celestial.

Tem o homem seu contrário  
dentro em sua mesma terra,  
que Ihe vence de Ordinário,  
e a Virgem por esta guerra  
dá-lhes as contas do Rosário.

Esta é boa artilharia  
para o justo, e pecador,  
tirai a alma em pontaria  
co fogo do vosso amor,  
e co'as balas de Maria.

Toda alma, que fizer conta  
de si, e sua salvação,  
ouça, o que a Virgem lhe aponta:  
suba, que em sua oração  
será degrau cada conta.

### **AS LAGRIMAS QUE SE DIZ, CHOROU N. SENHORA DE MONSARRATE**

Temor de um dano, de uma oferta indício  
Pronta em divina Origem desatado,  
Que tendo por horrível ao pecado  
Sois a Deus agradável sacrifício.

Esperança da fé, terror do vício,  
Enigma em dois assuntos decifrado,  
Que pareceis castigo ameaçado  
E sois executado benefício.

Duas cousas qualquer delas possível  
Tendes, ó pranto, para ser forçoso,  
e envolveis o prodígio para crível.

Tendo um motivo ingrato, outro piedoso,  
Um na minha dureza aborrecível,  
Outro no vosso amparo generoso.

### **A S. FRANCISCO TOMANDO O POETA O HÁBITO DE TERCEIRO**

Ó magno serafim, que a Deus voaste  
Com asas de humildade, e paciência,  
E absorto já nessa divina essência  
Logras o eterno bem, a que aspiraste:

Pois o caminho aberto nos deixaste,  
Para alcançar de Deus também clemência

Na ordem singular de penitência  
Destes Filhos Terceiros, que criaste.

A Filhos, como Pai, olha queridos,  
E intercede por nós, Francisco Santo,  
Para que te sigamos, e imitemos.

E assim desse teu hábito vestidos  
Na terra blasonemos de bem tanto,  
E depois para o Céu juntos voemos.

### **AO GLORIOSO PORTUGUÊS SANTO ANTONIO**

#### *MOTE*

*Deus, que é vosso amigo d'alma,  
na palma se vos vem pôr,  
para mostrar, que de amor  
só vós levastes a palma.*

Quando o livrinho perdestes  
lá na mata do botão,  
Antônio, grande aflição  
dentro em vossa alma tivestes:  
e se da dor, que vencestes  
levastes vitória, e palma,  
bem se colhe, que em tal calma  
tal dor, e tal agonia  
só aliviar-vos podia  
Deus, que é vosso amigo d'alma.

Fez-vos Deus nessa ocasião  
visita bem lisonjeira,  
e por não puxar cadeira,  
se sentou na vossa mão:  
foi larga a conversação,  
que o assunto foi de amor,  
e porque um Frade menor,  
(sendo menor que o Menino)  
era de tal palma digno,  
Na palma se vos vem pôr.

Convosco o Menino então

um jogo, Antônio, jogou:  
ele a palma vos ganhou,  
mas vós ganhastes por mão:  
não jogou entonces não  
com o seu Servo o Senhor  
para mostrar, que o favor  
nasceu da ociosidade,  
senão por mais majestade  
Para mostrar, que de amor.

Mostrou, que em quererdes bem  
a um Deus, a quem imitastes,  
não só premissas pagastes,  
mas os dízimos também:  
e por deixar em refém  
deste amor a mais pura alma,  
pois todas deixais em calma,  
cantam os coros celestes,  
que porque a palma a Deus destes  
Só vos levastes a palma.

## **AO MESMO ASSUNTO**

### *MOTE*

*Qual dos dois terá mor gosto,  
Antônio em braços com Cristo,  
ou Cristo em seus braços posto?*

Gosta Cristo de mostrar  
que é de Antônio amante fino,  
por isso se faz menino,  
para em seus braços estar:  
mas quem poderá falar,  
quando está de rosto a rosto  
Cristo com Antônio posto,  
Antônio com Cristo em braços  
em tão amorosos laços  
Qual dos dois terá mor gosto?

Mas sendo Cristo o que vem  
para em seus braços se ver,  
com razão se há de dizer,

que Cristo mor gosto tem:  
mas se ainda houver alguém,  
que duvide assim ser isto,  
em seus braços bem se há visto  
Cristo, porque quis mostrar,  
que somente pode estar  
Antônio em braços com Cristo.

Foi tão raro, e peregrino  
este Santo Lusitano,  
que mereceu, sendo humano,  
adorações de divino:  
finalmente foi tão digno  
de excelências, que em seu rosto  
realça de Cristo o gosto:  
pois onde Cristo estiver,  
logo Antônio se há de ver,  
Ou Cristo em seus braços posto.

## **AO MESMO QUE LHE DERAM A GLOSAR**

### *MOTE*

#### *Bêbado está Santo Antônio*

Entrou um bêbado um dia  
pelo templo sacrossanto  
do nosso Português Santo,  
e para o Santo investia:  
a gente, que ali assistia,  
cuidando, tinha o demônio,  
lhe acudiu a tempo idôneo,  
gritando-lhe todos, tá,  
tem mão, olha, que acolá,  
Bêbado, está Santo Antônio.

## **A CANONIZAÇÃO DO BEATO STANISLAU KOSCA**

Na conceição o sangue esclarecido,  
No nascimento a graça, consumada,  
Na vida a perfeição mais regulada,  
E na morte o triunfo mais devido.



O sangue mal na Europa competido,  
A graça nas ações sempre admirada,  
A profissão no breve confirmada,  
O triunfo no eterno merecido.

Tudo se vincula ao ser profundo  
De Estanislau, que a glória do seu norte  
Foi ser portento ao céu, prodígio ao mundo.

Por isso teve a fama de tal sorte,  
Que o fazem nela unidos sem segundo  
Conceição, Nascimento, Vida, e Morte.

**SOLILÓQUIO DE Me. VIULANTE DO CÉU AO DIVINÍSSIMO SACRAMENTO:  
GLOSADO PELO POETA, PARA TESTEMUNHO DE SUA DEVOÇÃO, E CREDITO DA  
VENERÁVEL RELIGIOSA**

*MOTE*

*Soberano Rei da Glória,  
que nesse doce sustento  
sendo todo entendimento  
quisestes ficar memória.*

Numa cruz vos exaltastes,  
meu Deus, para padecer,  
e nas ânsias de morrer  
ao Eterno Pai clamastes:  
sangue com água brotastes  
do lado para memória,  
e como consta da História,  
quisestes morrer constante  
por serdes tão fino amante,  
Soberano Rei da Glória.

Se na glória, em que reinais,  
amante vos concedeis  
bem mostrais, no que fazeis,  
que extremosamente amais:  
mas se em pão vos disfarçais,  
dando-vos por alimento,  
pergunta o entendimento,

onde assistis com mais luz?  
mas direis, doce Jesus  
Que nesse doce sustento.

Sabendo enfim, que morríeis,  
amante vos entregastes,  
e no Horto, quando orastes  
ânsias de morte sentíeis:  
já, divino Amor, sabíeis,  
da vossa morte o tormento,  
e já desde o nascimento  
todo o saber compreendestes,  
porque, Senhor, já nascestes  
Sendo todo entendimento.

Vivas lembranças deixastes  
da vossa morte, Senhor,  
e para maior amor  
mesmo em lembrança ficastes:  
numa ceia apresentastes  
vosso corpo em tanta glória,  
que para contar a história  
da vossa morte, e tormento,  
no divino Sacramento  
Quisestes ficar memória.

#### *MOTE*

*Sol, que estando abreviado  
nesse cândido Oriente,  
abonais o mais ardente,  
ostentando o mais nevado.*

Sendo Sol, que dominais  
dos céus a máquina fera,  
em tão limitada esfera,  
como esse Sol ostentais?  
creio, que a entender nos dais,  
meu Redentor extremado,  
que em lugar tão limitado  
só o amor caber se atreve  
como num círculo breve  
Sol, que estando abreviado

Bem nesse lugar tão breve  
vemos com tanto arrebol  
abrasar-se tanto sol  
nos epiciclos da neve:  
muito a vosso amor se deve,  
pois como Sol no nascente  
pelo cristal transparente  
divinamente ilustraís,  
e todo vos abrasais  
Nesse cândido Oriente.

Todo neve na brancura,  
todo sol, no que brilhais,  
como sol nos abrasais,  
sendo neve na frescura:  
mas tanto o divino apura  
no cristal o transparente,  
que ali fazendo patente  
o quanto estais empenhado,  
de fino amor abrasado  
Abonais o mais ardente.

Nascem desempenhos tais  
desses divinos primores,  
que em requintados amores  
todo a nós nos dedicais:  
mas bem que vos empenhais,  
vejo-vos mui bem trajado  
nessa gala de encarnado,  
que tomastes de Maria,  
agora por bizzarria  
Ostentando o mais nevado.

#### *MOTE*

*Emblema de amor mais puro,  
enigma de amor mais raro,  
que sendo à vista tão claro,  
sois também à vista escuro.*

Depois de crucificado  
vos admirei, bom Senhor,  
fino retrato do amor,  
quando vos vi retratado:

então de um iluminado  
sanguinosamente escuro,  
se bem que estou mui seguro  
das finezas do Calvário,  
vos contemplei no sudário  
Emblema de amor mais puro

E suposto o pensamento  
se pasma do escuro enigma,  
mais o mistério sublima  
vendo-vos no Sacramento:  
ali meu entendimento  
conhecendo-vos tão claro,  
melhor esforça o reparo  
de que estais tão luzido,  
quando melhor compreendido  
Enigma de amor mais raro

Que no Sacramento estais  
todo, e toda a divindade,  
conheço com realidade,  
suposto que o disfarçais:  
para que vos ocultais  
nesse mistério tão raro,  
se a maravilha reparo,  
penetrando-vos atento,  
mais claro ao entendimento,  
Que sendo à vista tão claro?

Que se de neve coberto  
fica o divino admirado,  
bem se pode um disfarçado  
conhecer melhor ao perto:  
porém vós andais tão certo,  
e tanto em recatos puro,  
que se ver-vos me asseguro  
nesse disfarce, em que andais,  
inda que patente estais,  
Sois também à vista escuro.

*MOTE*

*Agora que entre candores*

*a vosso amor dais a palma,  
escutai, Senhor, uma alma,  
que por vós morre de amores.*

Todo amante, e todo digno  
vos veio estar neste trono,  
prestando ao amor de abono  
quilates do ardor mais fino:  
porém, Senhor, se contínuo  
abrasado estais de amores,  
entre tantos resplendores,  
que por fineza ocultais,  
vede, que nos abrasais  
Agora, que entre candores.

De amor tão qualificado  
digo, ó cordeiro bendito,  
que vos aclame infinito  
tanto espírito elevado:  
que eu vos não louvo ajustado,  
bem que supra afetos d'alma,  
pois meu amor nesta calma,  
sendo do vosso vencido,  
reconheço, que subido  
A vosso amor dais a palma.

Mas por amor tão subido  
ouvi, como tenro amante,  
este pecador constante,  
que se chega arrependido:  
seja de vós admitido  
o pranto, em que se desalma  
para crédito da palma,  
que dais a vossos amores,  
dos humildes pecadores  
Escutai, Senhor, uma alma.

Ouvi desta alma humilhada,  
Senhor, um fraco conceito,  
e é, que entreis em meu peito  
a fazer vossa morada:  
achareis de boa entrada  
tormentos, ânsias, e dores,  
que deram os malfeitores

em toda a vossa paixão,  
e vereis um coração,  
Que por vós morre de amores.

#### *MOTE*

*Escutai vossos efeitos  
em grosseiras humildades  
que para vós as verdades  
têm mais valor, que os conceitos.*

Já sei, meu Senhor, que vivo  
depois que em meu peito entrastes,  
porque logo me deixastes  
ardendo em um fogo ativo:  
agora tenho motivo  
para melhorar conceitos,  
quando dos vossos respeitos  
palpita meu peito o ardor,  
e para ver vosso amor  
Escutai vossos efeitos

Mas se o infinito ardor  
pode atalhar, quanto diga,  
sempre o meu termo periga  
nas eloquências de amor:  
cale-se a língua melhor  
em tantas dificuldades,  
vos intenta ponderar,  
mil erros lhe haveis de achar  
Em grosseiras humildades.

Quem, Senhor, na confissão  
andara tão acertado,  
que do mais leve pecado  
soubera ter contrição:  
que de todo o coração  
com assaz de realidades  
sentira essas propriedades  
confessando, o que mandais,  
pois sei, que não quereis mais  
Que para vós as verdades.

Bem advertido, Senhor,  
estou, que sois lince vós,  
e que penetrais em nós  
os movimentos de amor:  
tanto conheceis a dor,  
que temos em nossos peitos,  
que sendo de amor efeitos  
os verdadeiros sinais,  
convosco verdades tais  
Têm mais valor, que os conceitos.

#### *MOTE*

*Exercite os mais subidos,  
quem busca humanos agrados,  
que sempre são levantados,  
os que são de vós ouvidos.*

Oh quem tivera empregados  
em vós, meu Amor divino,  
cuidados, que de contínuo  
se multiplicam cuidados:  
fazei, que a vós levantados  
se acreditem de luzidos  
pensamentos, que abatidos  
seguem do mundo os enganos,  
e que deixando os humanos,  
Exercite os mais subidos.

Quem conquistando, Senhor,  
vosso amor, perdera a vida,  
porque a dá por bem perdida  
quem a perde em vosso amor!  
Se eu, terníssimo Pastor,  
acudira a vossos brados,  
então sim, que os meus cuidados  
coroara de alta dita,  
já que fino se acredita  
Quem busca humanos agrados.

Porque aqueles, que vos amam,  
e em tais delícias se enlevam,  
o prêmio consigo levam,

e filhos vossos se aclamam:  
que como no amor se inflamam,  
os que são vossos amados,  
sendo já purificados  
por filhos do vosso amor,  
quem há de negar, Senhor,  
Que sempre são levantados?

Quem de contínuo a bradar  
por vós no maior rigor  
nas enchentes desse amor  
não acha de graça um mar?  
quero com ânsias mostrar  
a dor, a pena, os gemidos;  
pois sendo a vós repetidos,  
serão de vós bem lembrados,  
que são bem-aventurados  
Os que são de vós ouvidos.

#### *MOTE*

*Ai Senhor, quem alcançara  
um bem tão alto, e divino,  
que de meus ais o contínuo  
a tais ouvidos chegara!*

Ai meu Deus, quem merecera  
trazer-vos tão dentro d'alma,  
que abrasado em viva calma  
do vosso amor falecera!  
Ai Senhor, quem padecera  
por vós, e só vos amara!  
ai quem por vós desprezara  
tanta enganosa ruína,  
e vossa graça divina  
Ai Senhor, quem alcançara.

Ai quem fora tão ditoso,  
que soubera bem amar-vos,  
e na ação de conquistar-vos  
rejeitara o mais custoso!  
quem, Senhor, tão sequioso  
todo amante, e todo fino



elevara o seu destino  
a beber da fonte clara,  
que desta sorte lograra,  
Um bem tão alto, e divino.

Quem disposto a padecer  
por vós buscara os retiros.  
onde com ais, e suspiros  
soubera por vós morrer!  
quem sabendo compreender  
desse vosso amor o fino  
se elevara peregrino  
por um amor de tal porte,  
que me dera a melhor sorte,  
Que de meus ais o contínuo!

Só então fora feliz,  
e fora então venturoso,  
se conhecera ditoso,  
que meus suspiros ouvis:  
se minha dor admitis,  
ditoso então me chamara;  
oh se de uma dor tão rara  
ouvísseis um só gemitido,  
e se um ai enternecido  
A tais ouvidos chegara!

#### *MOTE*

*Porém justamente espera  
cada qual chegar-vos logo,  
porque a suspiros de fogo  
nunca nos negais esfera.*

Esta alma, meu Redentor,  
que vos busca peregrina,  
por vossa grã divina  
suspira em continua dor:  
diz, e protesta, Senhor,  
que se mil vidas tivera,  
todas por vós as perdera,  
e não só não se embaraça  
no pedir da vossa grã,

Porém justamente espera.

Espera, e não estranheis  
o confiar de um perverso,  
que pretende já converso,  
que a todos, Senhor, salveis:  
peço-vos, que nos livres  
desse dilúvio de fogo;  
ouvi por todos meu rogo,  
inda que vos não compete,  
que todos juntos, promete  
Cada qual chegar-vos logo.

Porque se abrasado o peito  
vosso amor está chamando,  
não é muito, que chorando  
seja cada qual desfeito:  
bem posso formar conceito  
desta causa, Senhor, logo,  
pois vós ouvistes meu rogo,  
e atendeis à minha mágoa,  
porque vós venceis com água  
Porque a suspiros de fogo.

Arde meu peito em calor,  
se bem estou anelando,  
quando me estou abrasando  
em tanto fogo de amor:  
se se realça o ardor,  
que um peito amante verbera  
quem o favor não espera  
de tanto carinho ao rogo,  
se a chamais de ativo fogo  
Nunca vos negais esfera?

*MOTE*

*Ai meu bem! ai meu Esposo!  
ai Senhor Sacramentado!  
que mal pode o disfarçado  
ocultar o poderoso.*

Ai meu Deus, que já não sei

vendo, que vos ausentais,  
dizer, como me deixais  
neste abismo, em que fiquei  
ai Senhor! e que farei  
para alcançar venturoso,  
o que por menos ditoso  
perdi, ou talvez de indigno:  
ai meu Redentor divino!

Ai meu bem! ai meu Esposo  
Ai Senhor, que me deixais  
nesta dura soledade  
morto na realidade,  
bem que vivo me vejais:  
mistérios de amor guardais,  
porque estais inda encerrado  
em dar-me a vida empenhado,  
e do vosso amor a palma:  
ai amante da minha alma!  
Ai Senhor Sacramentado!

Se nos disfarces metido  
roubar as almas quereis,  
que importa, vos disfarceis,  
ficando à vista o vestido?  
mas de que (já conhecido  
pelo vestido encarnado)  
vos importa o rebuçado:  
pois conhecido o poder,  
tanta luz escurecer  
Que mal pode o disfarçado.

Diáfano, e transparente  
esse cristal puro, e fino  
com resguardar o divino  
declara o onipotente:  
tanto nele permanente  
está sempre o majestoso,  
que então brilha mais lustroso  
pelas veias do cristal,  
e oculta instrumento tal  
Ocultar o poderoso.

## MOTE

*Ai que bem se deixa ver  
nessa Hóstia, Rei Supremo,  
que quanto é maior o extremo,  
tanto é maior o poder.*

Cuidei que não permitisse  
vosso poder sublimado,  
que estando assim disfarçado,  
tão claramente vos visse:  
mas porque bem arguísse,  
qual seja o vosso poder,  
breve cheguei a colher  
pelo cristal transparente,  
o que em vós como acidente  
Ai que bem se deixa ver!

Bendito seja, e louvado,  
pelo que tem de amoroso,  
um Deus, que é tão poderoso,  
um Senhor tão sublimado:  
deixar de ser exaltado  
poder tão grande, não temo,  
pois se vê de extremo a extremo,  
que a grandeza, que se sabe  
cabendo em vós, toda cabe  
Nessa Hóstia, Rei Supremo.

Exaltada a Majestade  
seja de um Rei tão divino,  
e louvada de contínuo  
tão suprema divindade:  
porque, Senhor, na verdade  
dessas profundezas temo,  
quando a razão, Rei Supremo,  
responde à minha rudeza  
(sobre o subir da grandeza)  
Que quanto é maior o extremo.

E colhida a admiração  
no Sacramento está visto  
quando Pão, ser todo Cristo  
quando Cristo, todo Pão

unido na Encarnação  
ao divino e humano ser  
e sendo imortal morrer  
um Deus, que tanto se humilha  
sendo grande a maravilha  
Tanto é maior o poder

### *MOTE*

*Porque, quem em pão se encerra  
Ser divino, e Ser humano,  
que muito que soberano  
fabricasse o céu, e a terra.*

Se no pão vos disfarçais,  
por cobrir vossa grandeza,  
já do pão na natureza  
toda a grandeza expressais.  
melhor no pão publicais  
o poder a toda a terra,  
pasmem o mar, e tremam a serra,  
e reconheça o percito,  
que o Pão é Deus infinito;  
Porque quem em pão se encerra?

Neste Pão sacramentado,  
que dos Anjos é sustento,  
têm as almas grande alento  
por meio de um só bocado:  
perdoa a todo o pecado  
por mais torpe, e desumano,  
e eu me confesso tirano,  
porque me não arrependo  
se estou no Pão conhecendo  
Ser divino, e ser humano.

Na Ceia se apresentou  
o Senhor com realidade,  
neste Pão da divindade,  
que a todos sacramentou:  
se a cada um transformou,  
passando a divino o humano  
que muito, que o desumano

pecador já convertido  
seja aos Anjos preferido?  
Que muito, que soberano?

Quem assim o permitiu  
com tão alta onipotência,  
que o pó da suma indignância  
sobre as esferas subiu:  
quem este pó preferiu  
à luz, que luzes desterra,  
que muito a contrária guerra  
pacifique aos elementos?  
que muito, que a seus intentos  
Fabricasse o Céu, e a terra?

#### *MOTE*

*Que muito, que vivo alento  
desse a um barro insensível  
um Deus, que lhe foi possível  
dar-se a si mesmo em sustento.*

De um barro frágil, e vil,  
Senhor, o homem formastes,  
cuja obra exagerastes  
por engenhosa, e sutil:  
graças vos dou mil a mil,  
pois em conhecido aumento  
tem meu ser o fundamento  
na razão, em que se estriba,  
se lhe infundis alma viva,  
Que muito, que vivo alento.

Depois de feita a escultura,  
e por um Deus acabada,  
obra não houve extremada  
como a humana criatura:  
ali para mais ventura  
(sendo o barro assaz terrível)  
alma lhe deu infalível,  
e me admira ver, que aquela  
alma, que ali fez tão bela  
Desse a um barro insensível.

Possível Ihe foi fazer  
este Arquiteto divino  
participando do Trino  
aquela alma a seu prazer:  
para mais se engrandecer  
engrandeceu o insensível,  
desatando-se passível  
daquele sagrado nó,  
que apertava três, e só  
Um Deus, que Ihe foi possível.

Foi grandeza do poder  
aquele querer mostrar  
sendo divino encarnar  
para humano vir nascer:  
e foi grandeza o morrer  
um Deus, que é todo portento;  
e se bem no Sacramento  
se adverte grande fineza,  
de seu poder foi grandeza  
Dar-se a si mesmo em sustento.

#### *MOTE*

*Ó divina Onipotência!  
Ó divina Majestade!  
que sendo Deus na verdade  
sois também Pão na aparência.*

Já requintada a fineza  
Nesse Pão sacramentado  
temos, Senhor, ponderado  
vossa inaudita grandeza:  
mas o que apura a pureza  
da vossa magnificência  
é, quererdes, que uma ausência  
não padeça, quem deixais,  
pois que partindo ficais,  
Ó divina Onipotência.

Permiti por vossa cruz,  
por vossa morte, e paixão,

que entrem no meu coração  
os raios da vossa luz:  
clementíssimo Jesus  
sol de imensa claridade,  
sem vós a mesma verdade,  
com que vos amo, periga;  
guiai-me, porque vos siga,  
Ó divina Majestade.

Na verdade esclarecida  
do vosso trono celeste  
toda a potência terrestre  
de compreender-vos duvida:  
porém na forma rendida  
de um cordeiro a Majestade  
aos olhos da humanidade  
melhor a potência informa,  
sendo cordeiro na forma,  
Que sendo Deus na verdade.

Cá neste trono de neve,  
onde humanado vos vejo,  
melhor aspira o desejo,  
melhor a vista se atreve:  
aqui sabe, o que vos deve  
(vencendo a maior ciência)  
amor, cuja alta potência  
adverte nesse distrito,  
que sendo Deus infinito,  
Sois também Pão na aparência.

#### *MOTE*

*Ó Soberana Comida!  
Ó maravilha excelente!  
pois em vós é acidente,  
o que em mim eterna vida.*

À mesa do Sacramento  
cheguei, e vendo a grandeza  
admirei tanta beleza,  
dei graças de tal portento:  
com santo conhecimento



só então folguci ter vida,  
pois vendo-a convosco unida  
na flama de tanta calma  
disse (recebendo-a n'alma)  
Ó Soberana Comida!

Naquela mesa admirando  
anda a graça tanto a rodo,  
que dando-se a todos, todo  
vos estais comunicando:  
e de tal modo exaltando  
vosso ser onipotente,  
que quando estais tão patente  
nessa nevada pastilha,  
vos louvam por maravilha,  
Ó maravilha excelente!

Como num excelso trono  
realmente verdadeiro,  
na Hóstia estais todo inteiro,  
Senhor, por maior abono:  
se por ser das almas dono  
vos empenhais tão patente,  
hei de apelidar contente  
com a voz ao céu subida,  
que esse Pão me seja vida,  
Pois em vós é acidente.

Neste excesso do poder  
só podia o majestoso  
obrar ali de amoroso,  
o que chegou a emprender:  
eu, que venho a merecer  
lograr a Deus por comida,  
tenho por cousa sabida  
neste excesso do Senhor  
serem delíquios do amor,  
O que em mim eterna vida.

*MOTE*

*Ó poder sempre infinito,  
que o céu admira suspenso,*

*pois se encerra um Deus imenso  
em tão pequeno distrito.*

Três vezes grande, Senhor,  
o mesmo céu nos publica,  
e este louvor multiplica  
com repetido clamor:  
não cessa o santo louvor,  
porque não cessando o grito  
de tanto elevado espírito,  
isso mesmo é propriedade,  
que defende a majestade  
O poder sempre infinito.

Quem chegar a compreender  
essa grande imensidade,  
há de pasmar na verdade  
reconhecido o poder:  
porém eu hei de dizer,  
que nesse globo in extenso  
vejo aquele sol imenso,  
que tantos pasmos conduz,  
vejo aquela imensa luz,  
que o Céu admira suspenso.

Tal a meus olhos exposto  
vos vejo no Sacramento.  
que supre esse entendimento  
os delírios do meu gosto:  
porém se encobris o rosto,  
já desanimo suspenso,  
e vós sabeis por extenso  
da águia, que se vos aplica,  
qual se desmaia, e qual fica,  
Pois se encerra um Deus imenso.

Quando em partes dividido  
vos creio nas partes todo,  
e vos vejo em raro modo  
todo nas partes unido:  
e de empenho tão subido  
a inteligência repito,  
pois me informa o infinito,  
que estar pode na verdade

do Céu toda a majestade  
Em tão pequeno distrito.

*MOTE*

*Com razão, divina neve,  
a vós se prostram coroas,  
pois inclui três pessoas  
a partícula mais breve.*

Sol de justiça divino  
sois, Amor onipotente,  
porque estais continuamente  
no luzimento mais fino:  
porém, Senhor, se o contínuo  
resplandecer se vos deve,  
fazendo um reparo breve  
desse sol no luzimento,  
sois sol, mas no Sacramento  
Com razão divina neve.

Só em vós, meu Redentor,  
S tanta grandeza se encerra:  
porque dos céus, e da terra  
sois absoluto Senhor:  
da terra o poder maior  
um tempo em ardentes loas  
humilharam três pessoas,  
prostrando-se ao vosso pé  
bem advertidos, de que  
A vós se prostram coroas.

Mas porém se o disfarçado  
não diminui o valor,  
como ocupais, meu Senhor,  
um lugar tão limitado?  
de maior porém penhado  
nos dais advertências boas;  
mas convencendo as coroas,  
mostrais ao peito arrogante  
que esse lugar é bastante,  
Pois inclui três pessoas.

A maravilha maior,  
que causa o vosso portento,  
é, que estais no Sacramento  
todo em partes por amor:  
porém se o maior valor  
ao mais humilde se deve,  
e só quem menos se atreve,  
esse voz goza, e vos prende,  
com razão vos compreende  
A partícula mais breve.

#### *MOTE*

*Ora quereis doce Esposo,  
quereis, luz dos meus sentidos,  
que fiquemos sempre unidos  
em um vínculo amoroso?*

Agora, Senhor, espero,  
que consintais, no que digo;  
quereis vós ficar comigo,  
que eu partir convosco quero?  
que o permitais considero  
fazendo-me a mim ditoso,  
pois vos prezais de amoroso:  
já quero as entranhas dar-vos,  
e vede se assim tratar-vos,  
Ora quereis, doce Esposo.

Já, Senhor, seguir-vos posso,  
pois vosso amor me rendeu,  
ser todo vosso, e não meu,  
nada meu, e todo vosso:  
permiti como Pai nosso,  
não andemos divididos,  
mas antes que muito unidos  
estejamos entre nós,  
porque eu já quero, o que vós  
Quereis, luz dos meus sentidos.

Façamos, Senhor, um laço  
entre nós tão apertado,  
que de vós mais apartado

não possa mudar um passo:  
porque com este embaraço  
andemos tão prevenidos,  
que não ousem meus sentidos  
sair de vossos cuidados,  
e de tal sorte ajustados,  
Que fiquemos sempre unidos.

Seja pois este querer-nos  
de tal sorte requintado,  
que fique todo admirado,  
quem assim chegar a ver-nos:  
onde possa conhecer-nos  
o mundo de curioso  
me inveje pelo ditoso,  
vendo, que comigo amante  
vos ajustais mui constante  
em um vínculo amoroso

#### *MOTE*

*Levantai minha humildade  
humilhai vossa grandeza,  
porque em vós seja fineza,  
o que em mim felicidade.*

Não é minha voz ousada  
a pedir-vos mas prossigo,  
que quoirais estar comigo,  
inda que, Senhor, sou nada:  
e se minha alma ilustrada  
quereis, que fique em verdade,  
pois que sem dificuldade  
me podeis engrandecer,  
ao auge do vosso ser  
Levantai minha humildade.

Tenho, Senhor, no sentido  
para duvidar de ousado,  
que mal pode o desairado  
pretender o esclarecido:  
de minhas culpas tolhido  
na abominável torpeza,

vendo em vós tanta beleza,  
mal posso, Senhor, chegar-vos,  
e para poder lograr-vos  
Humilhai vossa grandeza.

Fazei por mim, meu Senhor,  
tudo quanto possa ser,  
e pois tendes tal poder  
me podeis dar vosso amor:  
uni o vosso valor  
com a minha singeleza,  
e fique a vossa grandeza  
unida, Senhor, comigo;  
fazei isto, que vos digo,  
Porque em vós seja fineza.

Vosso corpo por inteiro  
introduzi no meu peito,  
porque assim ficarei feito  
um sacrário verdadeiro:  
ostentai, manso cordeiro,  
com a minha indignidade  
vossa grande Majestade,  
suposto que o não mereça,  
porque traça em vós pareça  
O que em mim felicidade.

#### *MOTE*

*Uni meu sujeito indigno  
a esse objeto soberano,  
fareis do divino humano,  
fareis do humano divino.*

Mostrai, Senhor, a grandeza  
de tão imenso poder,  
unindo este baixo ser  
a tão suprema beleza:  
uni, Senhor, com firmeza  
a este barro nada fino  
o vosso ser tão divino,  
ligai-vos comigo amante,  
convosco em laço constante

Uni meu sujeito indigno.

Fazei, Senhor, com que fique  
desta união tal memória,  
que tão peregrina história  
a vosso amor se dedique:  
justo será, que publique  
em seu pergaminho lhan  
vossa glória o peito humano,  
e que o mundo suspenso  
veja um pecador unido  
A esse objeto soberano.

Como da vossa grandeza  
não há mais onde subir,  
será realce o vestir as túnicas da vileza:  
muito o vosso amor se preza  
de abater o soberano;  
serei eu o Publicano  
indigno do vosso amor:  
vinde a meu peito, Senhor,  
Fareis do divino humano.

Fareis humanado em mim  
créditos à divindade,  
porque o vosso incêndio há de  
transformar-me em serafim:  
fareis deste barro enfim  
frágua de incêndio mais digno,  
fareis do grosseiro o fino,  
que isso é glória do saber  
e por timbre do poder  
Fareis do humano divino.

#### *MOTE*

*Ai quem tal bem merecera!  
que de vós não se apartara!  
ai quem melhor vos amara!  
ai quem só em vós vivera!*

Ai quem bem considerara  
na glória só de vos ver,

que abrasado em seu querer  
salamandra vos buscara!  
ai quem tanto vos amara,  
que tudo por vós perdera!  
ai quem por vós padecera!  
ai quem já pudera ver-vos!  
ai quem soubera queter-vos!  
Ai quem tal bem merecera!

Quem bem convosco se unira,  
meu Senhor, e por tal arte,  
que juntos em qualquer parte  
um, e outro amor se vira!  
quem tanto bem conseguira,  
e quem tanto vos amara,  
que um instante não deixara  
de assistir-vos cuidadoso!  
e quem fora tão ditoso  
Que de vós não se apartara!

Ai quem soubera adorar-vos  
de tal sorte, meu Senhor,  
que deixara o próprio amor  
nas pertendências de amar-vos!  
quem, a alma querendo dar-vos,  
o coração não deixara,  
que desse modo lograra  
a glória, Senhor, de ver-vos!  
ai quem soubera querer-vos!  
Ai quem melhor vos amara!

Quem morto se imaginara  
nas glórias da humana vida!  
vida em bonanças perdida,  
vida, que a morte prepara:  
ai quem tão só vos buscara,  
que para o mundo morrera!  
quem por ganhar-vos perdera  
todas as glórias do mundo!  
ai quem morrera ao imundo!  
Ai quem só em vós vivera!

*MOTE*



*Ai quem soubera querer-vos!  
ai quem soubera agradecer-vos!  
ai quem soubera explicar-vos!  
quanto anela o bem de ver-vos.*

Quem fora tão fino amante,  
que mostrara a seu objeto  
bem nas entranhas do afeto  
prendas do amor palpitante:  
quem nessa pira flamante  
purificara o temer-vos!  
ai quem temera ofender-vos  
só por amor de agradecer-vos!  
ai quem soubera pagar-vos!  
Ai quem soubera querer-vos!

Quem submergido na pena  
prantos a mares vertera,  
que outro Pedro parecera,  
ou qual outra Madalena!  
mas se contudo é pequena  
para em justiça obrigar-vos  
ai quem no rumo de amar-vos,  
que de outro amor me desterra,  
fora c'os olhos na terra!  
Ai quem soubera agradecer-vos!

Se a vossa divina mão,  
amantíssimo Pai nosso,  
(como a de Tomé o vosso)  
palpara o meu coração:  
ai que delícias então  
sentira a razão de amar-vos!  
ai quem pudera mostrar-vos  
o fino do meu amor!  
e as circunstâncias da dor  
Ai quem soubera explicar-vos!

Entrai, Senhor, no meu peito,  
onde ao ver-vos retratado  
causa sereis, meu amado,  
inseparável do efeito:  
entrai, que sois bem aceito,

pelo que sei já querer-vos,  
e se dentro chego a ter-vos  
desta minha indignidade  
haveis de ver na verdade,  
Quanto anela o bem de ver-vos.

### *MOTE*

*Mas se sois lince divino,  
que o mais oculto estais vendo:  
se estais, luz minha, sabendo  
o mesmo, que eu imagino.*

Bem sei, meu amado objeto,  
fazendo um breve conceito,  
que penetrais do meu peito  
o mais oculto, e secreto:  
bem vê meu constante afeto  
da vossa potência o fino,  
porque neste vidro indigno  
raiano desse Oriente,  
se sois sol, não só persente,  
Mas se sois lince divino.

Deixo à parte haver gerado  
vosso justo entendimento  
os astros, o firmamento,  
e todo o demais criado:  
e fico como elevado  
no poder, a que me rendo,  
admirando: porém vendo  
vossa grandeza, e poder,  
quando chego a compreender,  
Que o mais oculto estais vendo.

Quando isento o pensamento  
de toda a minha maldade,  
vós lá dessa imensidade  
vedes também meu intento:  
se um oculto movimento  
patente, e claro estais vendo,  
fico por fé conhecendo  
desse poder penetrante,

que não obsta estar distante,  
Se estais, luz minha, sabendo.

E posto encubrais o rosto  
no acidental Sacramento,  
mui bem vedes meu intento,  
pois a tudo estais exposto:  
muda a língua, e fixo o gosto  
em vós, meu lince divino,  
já reconheço, que o fino  
deste arnor penetrareis,  
porque, Senhor, bem sabeis  
O mesmo, que eu imagino.

#### *MOTE*

*Que importa, que meus cuidados  
não sejam bem referidos,  
se para serem sabidos  
não dependem de explicados.*

Se todo a vós me dedico,  
quando todo a mim vos dais,  
porque vós em mim ficais,  
eu também em vós me fico:  
vosso querer justifico,  
tendo em vós assegurados  
afetos tão requintados;  
e se amor é compaixão,  
a culpa, meu coração,  
que importa? que? meus cuidados.

Deus amado, e Deus amante,  
oh quem trouxera ajustados  
seus amorosos cuidados,  
que sem vós nem um instante!  
mas pois que o mundo inconstante  
perturba amantes sentidos,  
valham ardentes gemidos  
de afetos interiores  
pelo instante, em que os amores  
não sejam bem referidos.

Fazei, que eu logre a vitória  
de uns atrevidos cuidados,  
que quando quero explicados  
perturbam minha memória:  
oh se me alcançara a glória  
de ter estes atrevidos  
na confissão oprimidos,  
onde não posso explicar,  
se os conduzo a castigar,  
Se para serem sabidos.

Sempre nesta explicação  
de meus cuidados secretos  
quero mostrar uns afetos  
de anelante coração:  
vaidosa demonstração  
de amores mal informados  
que repetir meus cuidados  
é nescedade de amor,  
quando convosco, Senhor,  
Não dependem de explicados.

#### *MOTE*

*Assim pois vós sabeis tudo  
ó diviníssimo objeto,  
valha-se só meu afeto  
de estilo, que fala mudo.*

Nada, meu Senhor, vos digo,  
nada quisera dizer-vos,  
porque os atos de querer-vos,  
têm pelas vozes perigo:  
tanto, Senhor, que comigo  
hei de acabar de ser mudo,  
e de tal maneira rudo,  
que quando me perguntares  
responderei (se escutares)  
Assim, pois vós sabeis tudo.

Porém calar-me não quero,  
quero convosco explicar-me,

vede, se quereis levar-me,  
onde louvar-vos espero:  
porque se bem considero  
distante o golpe secreto,  
levando-me vós o afeto,  
de que servem meus sentidos  
prostrados, e desunidos,  
Ó diviníssimo objeto

Convosco meu ser se abraça,  
e não pareçam delírios  
procurar cândidos lírios  
da vossa divina graça:  
pois neles a alma se enlaça,  
e convosco, amado objeto,  
diz, que quer ir em secreto  
purificar seu valor:  
aqui do vosso favor  
Valha-se só meu afeto.

Finalmente os meus cuidados  
ordenai, Amor, de sorte,  
que aos círculos de seu norte  
correspondam empenhados:  
meus sentidos desvelados  
com excesso sobreagudo  
vos venerem mais que tudo  
em finíssimos extremos:  
porém, meu Senhor, mudemos  
De estilo, que fala mudo.

### **ADÃOS DE MASSAPÊ**

Que é fidalgo nos ossos, cremos nós,  
Que nisto consistia o mor brasão  
daqueles, que comiam seus avós.  
Faça medidas de A, com pé direito.

### **A CERTO HOMEM PRESUMIDO; QUE AFETAVA FIDALGUIAS POR ENGANOSOS MEIOS**

Bote a sua casaca de veludo,

E seja Capitão sequer dous dias,  
Converse à porta de Domingos Dias,  
Que pega fidalguia mais que tudo.

Seja um magano, um pícaro abelhudo,  
Vá a palácio, e após das cortesias  
Perca quando ganhar nas mercancias,  
E em que perca o alheio, esteja mudo.

Sempre se ande na caça, e montaria,  
Dê nova locução, novo epíteto,  
E digo-o sem propósito à porfia;

Que em dizendo: "facção, pretexto, efecto"  
Será no entendimento da Bahia  
Mui fidalgo, mui rico, e mui discreto.

#### **AO MESMO SUJEITO PELOS MESMOS ATREVIMENTOS**

Faça medidas de A com pé direito,  
Os beija-mãos de gafador de péla,  
Saiba a todo o cavalo a parentela,  
O criador, o dono, e o defeito.

Se o não souber, e vir rocim de jeito,  
Chame o lacaio, e posto na janela,  
Mande, que lho passeie a mor cautela,  
Que inda que o não entenda, se há respeito.

Saia na armada, e sofra paparotes,  
Damas ouça tanger, não as forniqe,  
Lembre-lhe sempre a quinta, o potro, o galgo:

Que com isto, e o favor de quatro asnotes  
De bom ouvir, e crer se porá a pique  
De um dia amanhecer um grão fidalgo.

#### **AOS PRINCIPAIS DA BAHIA CHAMADOS OS CARAMURUS**

Há cousa como ver um Paiaíá  
Mui prezado de ser Caramuru,  
Descendente de sangue de Tatu,

Cujo torpe idioma é cobé pá.

A linha feminina é carimá  
Moqueca, pititinga caruru  
Mingau de puba, e vinho de caju  
Pisado num pilão de Piraguá.

A masculina é um Aricobé  
Cuja filha Cobé um branco Paí  
Dormiu no promontório de Passé.

O Branco era um marau, que veio aqui,  
Ela era uma Índia de Maré  
Cobé pá, Aricobé, Cobé Paí.

### **AO MESMO ASSUNTO**

Um calção de pindoba a meia zorra  
Camisa de Urucu, mantéu de Arara,  
Em lugar de cotó arco, e taquara,  
Penacho de Guarás em vez de gorra.

Furado o beijo, e sem temor que morra,  
O pai, que lho envazou c'uma titara,  
Senão a Mãe, que a pedra lhe aplicara,  
A reprimir-lhe o sangue, que não corra.

Animal sem razão, bruto sem fé,  
Sem mais Leis, que as do gosto, quando erra,  
De Paiaíá virou-se em Abaeté.

Não sei, once acabou, ou em que guerra,  
Só sei, que deste Adão de Massapé,  
Procedem os fidalgos desta terra.

### **A COSME MOURA ROLIM INSIGNE MORDAZ CONTRA OS FILHOS DE PORTUGAL**

Um Rolim de Monai Bonzo Bramá  
Primaz da Greparia do Pegu,  
Que sem ser do Pequim, por ser do Açú,  
Quer ser filho do Sol nascendo cá.

Tenha embora um Avô nascido lá,  
Cá tem três pare as partes do Cairu,  
Chama-se o principal Paraguaçu  
Descendente este tal de um Guinamá.

Que é fidalgo nos ossos, cremos nós  
Que nisto consistia o mor brasão  
Daqueles, que comiam seus avós.

E como isto lhe vem por geração,  
Tem tomado por timbre em seus teirós  
Morder, aos que provêm de outra Nação.

### **COTA**

Meus recados à Velhinha,  
outros tantos à Mulata  
à Negrinha da corrente  
e às vossas Damas pintadas.

### **A UMA DAMA POR NOME MARIA VIEGAS, QUE FALAVA FRESCO, E CORRIA POR CONTA DO CAPITÃO BENTO RABELO SEU AMIGO**

Senhora Cota Vieira,  
Deus me não salve a minha alma,  
se vós não me pareceis  
uma linda, e gentil dama.  
Tão risonha como a Aurora,  
tão alegre como a Páscoa,  
mais belicosa, que o fogo,  
e mais corrente, que a água.  
Picará como nascida  
na picardia da França,  
e assim francesa nas obras,  
Portuguesa nas palavras.  
Tudo chamais por seu nome  
tão propriamente, tão clara,  
que ao cono lhe chamais cono,  
chamais caralho à caralha.  
Malditas da maldição  
de Deus sejam as tavascas,  
que de surradas nas obras



põem de bioco as palavras.  
Há cousa como chamar,  
o que uma cousa se chama,  
porque sirva de sustento  
à luxúria, que desmaia.  
Há cousa como falar,  
como o Pai Adão falava,  
pão por pão, vinho por vinho,  
e caralho por caralha.  
Quem pôs o nome de crica  
à crica, que se esparralha,  
senão nosso Pai Adão  
quando com Eva brincava?  
Pois se pôs o nome às cousas  
o Pai da nossa prosápia,  
porque Deus lho permitiu,  
nós por que hemos de emendá-las?  
Mas tornando ao vosso garbo,  
sois, Maricas, tão bizarra, que  
estive nem mais nem menos  
por vos dar a piçalhada.  
Tive debaixo da língua  
o pedir-vos uma lasca  
da nata do vosso cono,  
se é, que tem côdea essa nata.  
Quando a culatra vos vi  
tão tremenda, e rebolada,  
meti logo a mão à porra,  
e estive saca, não saca.  
Mas reverente adverti,  
que ali o Capitão estava  
senhor das minhas ações  
e dono da vossa casa.  
Porque inda que sempre diz,  
que assentou convosco a espada,  
eu creio, no que Deus disse,  
não no que um berrante fala.  
Quem, o que deve a um amigo  
em respeitos lhe não paga,  
não é amigo, nem homem,  
é uma besta assalvajada.  
Mas andar, foda ele embora,  
isso não importa nada,  
teremos amores secos,

seco é o biscouto, e campa.  
Falaremos sempre aos molhos,  
e riremos às canadas,  
folgaremos, que amor seco  
sem molhar beijo se passa.  
Irei conversar convosco,  
e a reverenda Madrasta  
entre os pontinhos que der  
meta sua colherada.  
Assim se passa uma vida  
tão santa, e tão ajustada,  
que ganharemos o céu  
na sacra via às braçadas.  
Meus recados à Velhinha,  
outros tantos à Mulata,  
à Negrinha da corrente  
e às vossas Damas pintadas.

#### **ANATOMIA HORROROSA QUE FAZ DE UMA NEGRA CHAMADA MARIA VIEGAS**

Dize-me, Maria Viegas  
qual é a causa, que te move,  
a querereres, que te prove  
todo o home, a quem te entregas?  
jamais a ninguém te negas,  
tendo um vaso vaganau,  
e sobretudo tão mau,  
que afirma toda a pessoa,  
que o fornicou já, que enjoa,  
por feder a bacalhau.

Se tu sabes, o que é  
o teu vaso furta-fogo,  
como tens tal desafogo,  
que te pespegas em pé?  
dizem, para Marapé  
fugira o triste Silveira  
está tão correspondente  
ao vaso, que juntamente  
serra uma, e outra fronteira.

Tu, me dizem, que fretaste  
ao galante de antemão,

e que na tal ocasião  
também foste, a que o chamaste:  
o teu intento lograste:  
mas podias advertir,  
que não era bem dormir  
(sendo tu ruim) com quem  
te cataneasse bem,  
como podes inferir.

Vendo-se tão perseguido  
o pobre do pecador,  
não deixou de ir com temor  
por ver, que tens vaso ardido:  
e assim de pouco sofrido,  
vendo-se quase atolado  
se safou desesperado,  
e diz, que tem grande mágoa,  
que havendo nele tanta água,  
sempre esteja emporcalhado.

Diz, que achou tal apicu  
tão tremendo, e temerário,  
que só membro extraordinário  
abalaria esse cu:  
com guelras de Baiacu  
(diz) que se farta o teu Tordo,  
e assim que vaso tão gordo,  
tão grande, e com tal bocaina  
busque maior partezaina,  
que eu por isso é, que vos mordo.

Diz, que sois como um champrão  
que nem esporas de pua  
farão bolir tal charrua  
com vezos de galeão:  
se fincas o cu no chão,  
como, puta, te ofereces?  
e se a todos ruim pareces,  
deixa já de fornicar,  
que se eles te vão buscar,  
é porque os favoreces.

Diz mais, que quando acabaste,  
deste peidos tão atrozes,

que começou a dar vozes  
por ver, que te espeidorraste:  
e que também lhe rogaste,  
depois de se ter tirado,  
te fornicasse virado,  
pois de costas não podia,  
porque, quem tanto bulia,  
era força estar cansado.

Saíste toda com susto,  
e vendo ao triste queixar,  
te puseste a escutar,  
pois se queixava tão justo:  
nada tem ele de injusto,  
antes a metade cala,  
e só a mim me regala  
dizer, que atolava inteiro,  
se a um ramo de araçazeiro  
se não pegara por gala.

Guardaste triste merenda  
para o triste do coitado,  
que ficou tão enjoado,  
que promete ter emenda:  
e com tão grande Calenda  
se veio de ti queixando,  
que toda a gente pasmando  
está de ver, que o teu vaso  
é a fonte do Parnaso  
nas águas, que está manando.

Ao burlesco será cono,  
ao tudesco chancarona,  
c'uma crica de azeitona,  
onde encrica todo o mono:  
daqui a razão entono  
para te satirizar,  
e se outra vez pespegar  
quiseres, busca, garoupa,  
quem no vaso entupa a roupa,  
se a roupa o pode entulhar.

Anda a triste fralda tal,  
tão hedionda, e molhada,

que só pode ser coroada  
com fogo de São Marçal:  
considere cada qual,  
o que o Moço passaria  
ao ver-se na estrebaria  
daquele tremendo vaso,  
que joga rasteiro, e raso  
tão nojenta artilharia.

Não terás vergonha, puta,  
de com tão ruim pentelho,  
sobre seres vaso velho,  
tomes a capa de enxuta?  
és puta tão dissoluta,  
que diz o Moço enjoado,  
que já ficou ensinado,  
e nunca mais te veria,  
porque sempre d'água fria  
há medo o gato escaldado.

#### **A MESMA MARIA VIEGAS SACODE AGORA O POETA EXTRAVAGANTEMENTE, PORQUE SE ESPEIDORRAVA MUITO**

Dizem, que o vosso cu, Cota,  
assopra sem zombaria,  
que parece artilharia,  
quando vem chegando a frota:  
parece, que está de aposta  
este cu a peidos dar,  
porque jamais sem parar  
este grão-cu de enche-mão  
sem pederneira, ou murrão  
está sempre a disparar.

De Cota o seu arcabuz  
apontado sempre está,  
que entre noite, e dia dá  
mais de quinhentos truz-truz::  
não achareis muitos cus  
tão prontos em peidos dar,  
porque jamais sem parar  
faz tão grande bateria,

que de noite, nem de dia  
pode tal cu descansar.

Cota, esse vosso arcabuz  
parece ser encantado,  
pois sempre está carregado  
disparando tantos truz:  
arrenego de tais cus,  
porque este foi o primeiro  
cu de Moça fulieiro,  
que tivesse tal saída  
para tocar toda a vida  
por fole de algum ferreiro.

## **CUSTÓDIA**

Graciosa Mulata filha de outra chamada Maricota.

que eu não vi Mulata ainda  
que me desse tanto abalo

Oh se verdade fosse, o que sonhava!

## **UMA GRACIOSA MULATA FILHA DE OUIBA CHAMADA MARICOTA COM QUEM O POETA SE TINHA DIVERTIDO, E CHAMAVA AO FILHO DO POETA SEU MARIDO**

Por vida do meu Gonçalo,  
Custódia formosa, e linda,  
que eu não vi Mulata ainda,  
que me desse tanto abalo:  
quando vos vejo, e vos falo,  
tenho um pesar grande, e vasto  
do impedimento, que arrasto,  
porque pelos meus gostilhos  
fora eu Pai dos vossos Filhos  
antes que vosso Padrasto.

O diabo sujo, e tosco  
me tentou como idiota  
a pecar com Maricota,  
para não pecar convosco:

mas eu sou homem tão osco,  
que a ter notícia por fama,  
que lhe mamastes a mama,  
e eu tinha tão linda Nora,  
então minha sogra, fora,  
e não fora minha Dama.

Estou para me enforcar,  
Custódia, desesperado,  
e o não tenho executado,  
porque isso é morrer no ar:  
quem tanto vos chega amar,  
que quer por mais estranheza  
obrar a maior fineza  
de morrer, porque a confirme,  
morra-se na terra firme,  
se quer morrer com firmeza.

Já estou disposto d'agora  
a meter-vos num batel,  
e dar convosco em Argel  
por casar com minha Nora:  
não vos espante, Senhora,  
que me vença tal furor,  
que eu sei, que em todo o rigor  
o mesmo será, e mais é  
ir ser cativo em Salé,  
que ser cativo do Amor.

### **A MESMA CUSTODIA MOSTRA A DIFERENÇA QUE HA ENTRE AMAR, E QUERER**

Sabei, Custódia, que Amor  
inda que tirano, é rei,  
faz leis, e não guarda lei,  
qual soberano Senhor.

E assim eu quando vos peço,  
que talvez vos chego a olhar,  
as leis não posso guardar,  
que temos de parentesco:

Que vossa boca tão bela  
tanto a amar-vos me provoca,

que por lembrar-me da boca,  
me esqueço da parentela.

Mormente considerada  
vossa consciência algum dia,  
que nenhum caso faria  
de ser filha, ou enteada.

Dera-vos pouco cuidado  
então ser eu vosso assim,  
e anda hoje para mim  
vós, e o mundo concertado

Mas eu amo sem confiança  
nos prêmios do pretendente,  
amo-vos tão puramente,  
que nem peço na esperança.

Beleza, e graciosidade  
rendem à força maior,  
mas eu se vos tenho amor,  
tenho amor, e não vontade.

Como nada disso ignoro,  
quisera, pois vos venero,  
que entendais, que vos não quero,  
e saibais, que vos adoro.

Amar, e querer, Custódia;  
soam quase o mesmo fim,  
mas diferem quanto a mim,  
e quanto à minha paródia.

O querer é desejar,  
a palavra o está expressando:  
quem diz quer, está mostrando  
a cobiça de alcançar.

Vi, e quis, segue-se logo,  
que o meu coração aspira  
o lograr o bem, que vira,  
dando à pena um desafogo.

Quem diz, que quer, vai mostrando,



que tem ao prêmio ambição,  
e finge uma adoração  
um sacrilégio ocultando.

Vil afeto, que ao intento  
foge com néscia confiança,  
pois guia para a esperança  
os passos do rendimento.

Quão generoso parece  
o contrário amor: pois quando  
está o rigor suportando,  
nem penas crê, que merece.

Amar o belo é ação  
que toca ao conhecimento  
ame-se co entendimento,  
sem outra humana paixão.

Quem à perfeição atento  
adora por perfeição  
faz, que a sua inclinação  
passe por entendimento.

Amor generoso tem  
o amor por alvo melhor  
sem cobiça, ao que é favor,  
sem temor, ao que é desdém.

Amor ama, amor padece  
sem prêmio algum pretender,  
e anelando a merecer  
não lhe lembra, o que merece.

Custódia, se eu considero,  
que o querer é desejar,  
e amor é perfeito amar,  
eu vos amo, e não vos quero.

Porém já vou acabando,  
por nada ficar de fora  
digo, que quem vos adora,  
vos pode estar desejando.

## **À MESMA DAMA**

Ai, Custódia! sonhei, não sei se o diga:  
Sonhei. que entre meus braços vos gozava.  
Oh se verdade fosse, o que sonhava!  
Mas não permite Amor, que eu tal consiga.

O que anda no cuidado, e dá fadiga,  
Entre sonhos Amor representava  
No teatro da noite, que apartava  
A alma dos sentidos, doce liga.

Acordei eu, e feito sentinela  
De toda a cama, pus-me uma peçonha,  
Vendo-me só sem vós, e em tal mazela.

E disse, porque o caso me envergonha,  
Trabalho tem, quem ama, e se desvela,  
E muito mais quem dorme, e em falso sonha.

## **BÁRBORA OU BABU**

Foi Dama mui caprichosa e bela: rematada de notável  
gênio com engraçada viveza. Teve mais duas Irmãs  
Eugenia e Maria. O Poeta jocosamente galanteia  
os seus desdéns.

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

Nunca meu pai me fizera  
branco de cagucho, e cara,  
mas não deixes de querer-me,  
porque sou branco de casta,  
que se me tens cativado,  
sou teu negro, e teu canalha

**PEDE O POETA NESTA OBRA CONTA DO SEU PROCEDER À SUAS IRMÃS  
EUGENIA E MACOTA**

Eugênia, convosco falo,  
e com Macota também,  
dai-me novas de Babu,  
se acaso dela sabeis.  
Que me dizem, que esta noise  
a bruxa se foi meter  
e ninguém a viu em casa  
até que amanheceu.  
Dizei-me, se está arranhada,  
porque se está, sinal é,  
que andou por barro de folha  
Carmo aquém, e Carmo além.  
Eu não sinto estas mudanças,  
e só me queixo, de que  
correndo a cidade toda  
não chegasse a esse vergel.  
Porque pudera eu sair,  
e acompanhá-la também  
por todo esse lararipe  
e embruxar toda a mulher.  
A minha fora a primeira,  
e morrendo de uma vez  
casar-me-ia com Babu,  
para ter cunhadas três.  
Qualquer delas me fizera  
mil regalos, mil mercês,  
e engordando como um Conde  
levará vida de rei.  
Mas ela me tem tal ódio,  
que fugirá 'té de ser  
madrasta do Gonçalinho,  
que é lindo enteado à fé.  
Vós Eugênia, e vós Macota,  
vigiai-me essa Mulher,  
que é bruxa, e tem-se embruxado  
desde a cabeça até os pés.  
Porque ou há de resolver-se  
a querer, que a queira eu,  
ou lhe hei de tirar o sangue,  
e o fadário há de perder.  
Não quero, que seja a bruxa,  
ou hei de sê-lo também  
para acompanhar de noite,  
e de dia a recolher.

Aliás hei de acusá-la  
a seu Pai, quando vier,  
porque se em prisões me mata,  
em prisões morra também.

### **PONDERA QUE OS DESDENS SEGUEM SEMPRE COMO SOMBRAS O SOL DA FORMOSURA**

Cada dia vos cresce a formosura,  
Babu, e tanto cresce, que me embaça,  
Se cresce contra mim, alta desgraça,  
Se cresce para mim, alta ventura.

Se cresce por chegar-me à mor loucura,  
Para seres mais dura, e mais escassa,  
Tal rosto se não mude, antes se faça  
Mais firme do que a minha desventura.

De que pode servir, seres mais bela,  
Ver-vos mais soberana, e desdenhosa?  
Dai ao demo a beleza, que atropela,

Bendita seja a feia, e a ranhosa,  
Que roga, que suspira, e se desvela  
Por dar-se toda a troco de uma prosa.

### **UMA TARDE ENTROU O POETA EM CASA DESTA DAMA, QUE ESTAVA NO INTERIOR ENOJOADA PELA MORTE DE SUA MÃE, E COMO ERA HOMEM DIVERTIDO, TANGEU NUMA VIOLA, QUE ACASO VIU, PONDO A VIOLA OS SENTIMENTOS DE BARBORA: E ELA ENFURECIDA LHE DISSE ALGUMAS INJÚRIAS**

Babu: dai graças a Deus,  
que um dia vos vi bonita,  
não tendes mais que andar sempre  
raivosa para ser linda.  
Apareceste na sala  
tão fera, e tão raivosinha,  
que à fé, que vos tive medo,  
sendo homem, e vós menina.  
Vi a escarlata co'a neve

tão casada, e tão unida  
na face do vosso rosto,  
que sangrado o presumia.  
Devia de ser vergonha,  
que o vosso rosto então tinha  
de ver-se ante quem o adora,  
sendo vós de ingrata indigna.  
Os olhos vibrando raios,  
porque sempre raios vibra  
o céu incendiado em fogo,  
ou encapotado em ira.  
Agastastes-vos deveras,  
vendo, que ali se tangia  
em uma casa enojada  
tão enlutada, e sentida.  
Deus me não salve a minha alma,  
se eu então vos conhecia,  
porque vós não sois magreira,  
e por ética vos tinha.  
Levantei-me da cadeira  
sem saber, o que fazia,  
que me tinha perturbado  
tão supitânea visita.  
Destes-me quatro razões,  
que eram quatro mil faíscas  
do fogo da vossa raiva  
em o meu erro incendidas  
Inda assim vos respondi  
dois verbos em cortesia,  
que a beleza foi respeito,  
e a fraqueza é comedida.  
Fostes-vos lá para fora  
vagarosamente altiva,  
paráveis de quando em quando,  
e olháveis de travessia.  
Eu logo me pus na rua,  
e perguntando a Matias  
quem era aquela Senhora,  
disse, que era minha Tia.  
Fiquei entendendo então,  
que vós só por seres vista  
tomastes do meu cantar  
aquele pé de cantiga.  
Já não hei de cantar mais,

nem que o mande a minha amiga,  
chorareis vossa dureza,  
chorarei minha mofina.

### **COLHE-SE DO ESTILO DESTAS OBRAS QUE O AMOR DESTA DAMA NÃO INQUIETAVA AO POETA**

Babu: como há de ser isto?  
eu já me sinto acabar,  
e estou tão intercadente,  
que não chegue até amanhã.  
Morro de vossa beleza,  
se ela me há de matar,  
como creio, que me mata,  
formosa morte será.  
Mas seja formosa, ou feia,  
se o Deão me há de enterrar,  
por mais formosa que seja,  
sempre caveira será.  
Todos aqui desconfiam  
tudo é já desconfiar  
da minha vida os doutores  
e eu do vosso natural.  
Desconfio, de que abrande  
vosso rigor pertinaz,  
e a minha vida sem cura  
sem dúvida acabará.  
Porque se estais incurável,  
e tão sem remédio vai  
o achaque de não querer-me,  
e o mal de querer-me mal:  
Que esperança posso ter,  
ou que remédio há capaz,  
se vós sois a minha vida,  
e morreis por me matar?  
Amor é união das almas  
em conformidade tal,  
que, porque estais sem remédio,  
por contágio me matais.  
Curai-me do mal querer-me,  
e do fastio, em que estais  
à minha triste figura,  
que ao demo enfastiará.

Comei, e seja o bocado,  
que com gosto se vos dá,  
porque em vós convalescendo,  
então me hei de eu levantar.  
Assim sararemos ambos,  
porque se vós enfermais  
pelo contágio, o remédio  
por simpatia será.  
Vós, Babu, virais-me as costas?  
pois eu feito outro que tal,  
estou às portas da morte,  
e a fala me falta já.  
Quero fazer testamento;  
mas já não posso falar,  
que vós por costume antigo  
sempre a fala me quitais.  
Mas testarei por acenos,  
que tudo em direito há  
e se por louco não posso,  
posso por louco em amar.  
Todos meus bens, se os tivera.  
os deixara a vós não mais,  
mas deixo-vos para os outros,  
que é, o que posso deixar.  
Se hei de deixar-me a vós  
quantos bens no mundo há,  
em vos deixar a vós mesma,  
arto deixada ficais.  
Em sufrágios da minha alma  
não gasteis o cabedal,  
que aos vossos rigores feito,  
penas não hei de estranhar.  
Mas se por minhas virtudes,  
ou se por vos jejuar,  
ou se por tantas novenas,  
que à vossa imagem fiz já:  
Vos mereço algum perdão  
dos pecados, que fiz cá,  
assim em vos perseguir,  
como em vos desagradar:  
Com as mãos postas vos peço,  
que no vosso universal  
juízo mandeis minha alma  
ao vosso céu descansar.

Não a mandeis ao inferno  
que arto inferno passou cá,  
Adeus, apertai-me a mão,  
que eu já vou a enterrar.

**ENFERMOU E O POETA DA VISTA DE BARBORA, FEZ O SEU TESTAMENTO, E ACABOU OS DIAS: MAS APENAS FOI VISTO PELA MESMA DAMA LOGO RESSURGIU PARA NOVAS FINEZAS: E ISTO É SER LAZARO DE AMOR DIZ, QUE SE HA DE CASAR COM BARBORA, E EM CONSCIÊNCIA O PODIA FAZER: PORQUE QUEM RESSURGE, NÃO ESTÁ OBRIGADO AO PRIMEIRO MATRIMONIO**

Ontem para ressurgir  
vos tornei, Babu, a ver,  
e tornou-se-me a acender  
o gosto de vos servir:  
não vos quereis persuadir,  
a que eu com todo o primor  
mereça o vosso favor,  
porque em casando-me absorto  
cuida o Brasil, que sou morto  
para negócios de amor.

O Brasil é um velhaco,  
um falso, e um embusteiro,  
porque ou casado, ou solteiro  
quanto ensaco, desensaco:  
e a vez que me desataco,  
a pecúnia tanta, ou quanta  
deu por pagar mercê tanta;  
porque sei, que na Bahia  
a coisa por qualquer via  
val, conforme se levanta.  
Se por casado não sigo  
a dita de vos servir,  
daqui venho a inferir,  
que quereis casar comigo:  
casemo-nos, que o perigo,  
que eu corro, é ser açoutado  
por duas vezes casado;  
e quando nisto me encoutem,  
que me dá a mim, que me açoutem  
depois de vos ter logrado?



A Cota, que é toda treta,  
vendo, que o algoz madraço  
me vai limpando o espinhaço  
com toalha de vaqueta,  
rirá como uma doideta,  
e dando um, e outro amém,  
alegre dirá, inda bem,  
que me deu Deus um cunhado  
homem de bem no costado,  
e nas costas de rebém.  
Ora sus, minha Senhora  
já me canso de esperar,  
dai-vos pressa a me chamar,  
e não seja ali a desoras:  
que para quem se namora  
de vários aventureiros,  
se os quer trazer prazenteiros,  
há de ter sempre chamados  
ao meio-dia os casados,  
e à meia-noite os solteiros.

**ESTA CANTIGA ACOMODA O POETA COM PROPORÇÃO À BARBORA PELO NOME E TRATO, NÃO DEIXANDO DE FORA OS SEUS AMANTES DESEJOS**

*MOTE*

*Pobre de ti, Borboleta,  
imitação do meu mal,  
que em chegando ao fogo morres,  
porque morres, por chegar.*

Passeias em giro a chama,  
simples Borboleta, em hora,  
que se a chama te enamora,  
teu mesmo estrago te chama:  
se o seu precipício ama,  
quem o seu mal inquieta,  
e tu simples, e indiscreta  
tens por formosura grata  
luz, que traidora te mata,  
Pobre de ti, Borboleta.  
Ou tu imitas meu ser,  
ou eu tua natureza,

pois na luz de uma beleza,  
ando ardendo por arder:  
se à luz, que vejo acender,  
te arrojás tão cega, e tal  
que imitas ao natural,  
com que arder por ti me vês,  
me obrigas a dizer, que és  
Imitação do meu mal.  
És, Borboleta, comua,  
pois a toda luz te botas,  
e eu cego, se bem o notas,  
sou só, Borboleta, tua:  
qualquer segue a estrela sua,  
mas tu melhor te socorres,  
quando em fogo algum te torres,  
porque eu nunca ao fogo chego,  
e tu logras tal sossego,  
Que em chegando ao fogo morres.  
Tu mais feliz, ao que entendo,  
inda que percas a vida,  
porque a dá por bem perdida,  
quem vive de andar morrendo:  
eu não morro, e o pretendo,  
porque falta a meu pesar  
a fortuna de acabar:  
tu morres, e tu sossegas,  
e vais morta, quando cegas,  
Porque morres por chegar.

## **AMOROSA HIPOCRISIA DE CONFORMIDADE EM PENAS**

Deus vos dê vida, Babu,  
para tirar-me, a que tenho,  
que segundo usais comigo,  
eu vos não sinto outro jeito.  
Todo o bairro sente o dano,  
que ides ao bairro fazendo,  
só eu não sinto o meu mal,  
mas antes vo-lo agradeço.  
Porque se a vossa beleza  
é causa do meu tormento,  
como hei de sentir meu mal,  
se é tão forçoso, e tão belo.

Matai-me, embora, contanto  
que saibam, que estou morrendo,  
Babu, de vossa beleza,  
porque entendam, que o mereço.  
Quem perder por vós a vida,  
e com tal merecimento,  
que chegue a morrer por vós,  
que mais quer, que merecê-lo?  
É verdade, que lastimo,  
aos que assim me veem morrendo,  
que a glória do padecer  
não pode entendê-la um néscio.  
Lástima os néscios me têm,  
e poderão ter-me os néscios  
de ver-me morrer inveja,  
mais de que ver-me vivendo.  
Viver, não pode, quem ama,  
e eu olvidar-vos não quero,  
se hei de morrer, quando amo,  
e viver, quando aborreço.  
Morra embora de adorar-vos,  
que este é formoso tormento,  
esta a suave agonia,  
este o pesar lisonjeiro.  
Dai-me licença, que escolha,  
nestes dois contrários meios  
antes morrer por amar-vos,  
que viver de aborrecer-vos.

#### **DE UMA QUEDA QUE DEU O POETA EM CASA DESTA BARBORA, ERGUE NOVOS CONCEITOS À SUA ROGATIVA**

Fui, Babu, à vossa casa  
e indo com sentido em mim,  
do sentido combatido  
vim finalmente a cair.  
Com cair a vossos pés  
nenhum resguardo senti,  
porque eram vossos sapatos  
poucos para me cobrir.  
Fui reverente a beijá-los,  
e querendo-o conseguir  
sobrou boca, e faltou pé,

e assim os beijos perdi.  
Que com pé tão pequenino  
tão abreviado, e sutil  
uma boca desmedida  
faz maridagem ruim.  
Ergui-me por melhorar,  
e então menos consegui,  
que se os pés por si me fogem,  
vós c'os braços me fugis.  
Fiquei muito envergonhado,  
e em caso tão infeliz  
envergonhei-me de ver-vos,  
porém não me arrependi.  
Mas se o meu sangue, e meus rogos,  
vos não podem persuadir,  
verta-se o sangue em dilúvios,  
e os rogos em frenesi.  
Não se quis o meu rogado,  
pois no instante, em que vos vi,  
se inclinou meu sangue ao vosso,  
e rebentou por se unir.  
Para queimardes-me o sangue,  
me matar, e me afligir  
rogos não são necessários,  
para admitir-me isso sim.  
E tão bom dia, que bastem  
para um amor se admitir,  
pois rogar, a quem não ama,  
é tão mau, como pedir.  
Por isso nunca vos peço,  
que não sois vós a Beatriz,  
que me hei de fazer ditoso  
com vossa graga a ceitis.  
Pois por dar-vos desenganos  
vós, como os dou a mim,  
sabei, que hei de sempre amar-vos  
uma vez, que bem vos vi.  
Pois esse rosto de neve,  
esses dedos de jesmim,  
esse Maio florescente  
de boca, que bota Abris,  
Me estão sempre aconselhando,  
que vos queira, pois vos quis,

que vos sofra, pois vos amo,  
vos busque, pois vos perdi.

### **AO MESMO ASSUNTO**

Babu: o ter eu caído,  
nenhum susto me tem dado,  
porque a vossos pés prostrado  
me julgo então mais subido:  
dizeis, que fiquei sentido:  
mas sabeis, que não sentira,  
inda que me não subira  
o cair, onde caí,  
se como no chão me vi,  
convosco em terra me vira.  
Porém que isso me suceda,  
por mais quedas, que inda dê,  
não creio, pois vejo, que  
não tenho convosco queda,  
vossa crueza me veda  
este bem, que entanto abraço:  
quem viu semelhante passo,  
que encontre meu desvario,  
Babu, em vosso desvio  
a minha queda embaraço?  
Confesso, que então caído  
fiz tenção de me sangrar,  
mas não me quis mais picar,  
porque assaz fiquei corrido:  
não andei pouco advertido  
(falo, como quem vos ama)  
porque eu sei, formosa Darna,  
que por mais que me sangrasse  
livre estou, de que chegasse  
a ver-me por vós na cama.  
E com toda essa desgraça  
por satisfeito me dera,  
se com cair merecera  
sequer cair-vos em graça:  
mas porque, Babu, eu faça  
desta queda estimação  
inda sobeja razão,  
se a queda motivo é

de prostar-me a vosso pé,  
para beijar-vos a mão.

**VENDO-SE FINALMENTE EM UMA OCASIÃO TAM PERSEGUIDA ESTA DAMA DO  
POETA, ASSENTIU NO PREMIO DE SUAS FINEZAS; COM CONDIÇÃO POREM,  
QUE SE QUERIA PRIMEIRO LAVAR; AO QUE ELE RESPONDEU COM A SUA  
COSTUMADA JOCOSERIA**

O lavar depois importa,  
porque antes em água fria  
estarei eu noite, e dia  
batendo-vos sempre à porta:  
depois que um homem aporta,  
faz bem força por entrar,  
e se hei de o postigo achar  
fechado com frialdade,  
antes quero a sujidade,  
porque enfim me hei de atochar.  
Não serve o falar de fora,  
Babu, vós bem o sabeis,  
dai-me em modo, que atochéis,  
e esteja ele sujo embora:  
e se achais, minha Senhora,  
que estes são os meus senãos,  
não fiquem meus gostos vãos,  
nem vós por isso amuada,  
que ou lavada, ou não lavada  
cousa é, de que levo as mãos.  
Lavai-vos, minha Babu,  
cada vez que vós quiseres,  
já que aqui são as mulheres  
lavadeiras do seu cu:  
juro-vos por Berzabu,  
que me dava algum pesar  
vosso contínuo lavar,  
e agora estou nisso lhano,  
pois nunca se lava o pano,  
senão para se esfregar.  
A que se esfrega amiúdo  
se há de amiúdo lavar,  
porque lavar, e esfregar  
quase a um tempo se faz tudo:  
se vós por modo sisudo

o quereis sempre lavado,  
passe: e se tendes cuidado  
de lavar o vosso cujo  
por meu esfregão ser sujo,  
já me dou por agravado.  
Lavar a carne é desgraça  
em toda a parte do Norte,  
porque diz, que dessa sorte  
perde a carne o sal, e graça:  
e se vós por esta traça  
lhe tirais ao passarete  
o sal, a graça, e o cheirete,  
em pouco a dúvida topa,  
se me quereis dar a sopa,  
dai-ma com todo o sainete.  
Se reparais na limpeza,  
ides enganada em suma,  
porque em tirando-se a espuma,  
fica a carne uma pureza:  
fiai da minha destreza,  
que nesse apertado caso  
vos hei de escumar o vaso  
com tal acerto, e escolha,  
que há de recender a olha  
desde o Nascente ao Ocaso.  
As Damas, que mais lavadas  
costumam trazer as peças,  
e disso se prezam, essas  
são Damas mais deslavadas:  
porque vivendo aplicadas  
a lavar-se, e mais lavar-se  
deviam desenganar-se,  
de que se não lavam bem,  
porque mal se lava, quem  
se lava para sujar-se.  
Lavar para me sujar  
isso é sujar-me em verdade,  
lavar para a sujidade  
fora melhor não lavar:  
do que serve pois andar  
lavando antes que mo deis?  
Lavai-vos, quando o sujeis,  
e porque vos fique o ensaio,

depois de foder lavai-o,  
mas antes não o laveis.

**A BARBORA UMA MULATA MERETRIZ A QUEM CERTOS FRADES LHE  
PASSARAM UM GERAL, DO QUAL FICOU TAM PERIGOSA QUE VEIO A  
SACRAMENTAR-SE**

Não era muito, Babu,  
o sentires dor de madre,  
se vos pespegou um Padre,  
ou Padres o sururu:  
grandes poderes tens tu,  
e vigor mais que papal,  
que no clima Americal,  
onde um Rodela te topa,  
estando fora de Europa,  
escamastes um geral.

A Macotinha, e Jelu,  
Luísa, e Inácia levaram  
o geral, porém ficaram,  
não como ficaste tu:  
ou foi o caralho açu,  
que o interno te burniu,  
porque jamais ninguém viu,  
que molestasse um caralho,  
havendo tanto escorralho,  
como o teu vaso cumpriu.  
Se fora a primeira vez,  
seria por fraca via,  
mas a tua serventia  
mil velhacarias fez:  
e se tu tão puta és,  
e sentisse o tal baldão,  
qualquer era fradigão,  
dos que dão treze por dúzia,  
e já que foste brandúzia,  
sente a dor do madrigão.  
Chegaste do caso tal,  
a tomares o Senhor,  
e fora muito melhor  
dar-te Berzabu bestial:  
que quem pecado mortal



comete, e dele enfermou  
logo o diabo o levou,  
e quem se serve do demo,  
navegando a vela, e remo  
nos infernos ancorou.

## **ANTÔNIA**

Mulata livre e travessa.

Dai-me licença, Antonica  
para eu ir à vossa casa  
para beijar-vos as mãos  
e para: não digo nada.

## **MULATA LIVRE E TRAVESSA POR CUJA ESPERTEZA LHE CHAMAVAM MARIBONDA MORAVA NA RUA DA POIEIRA NAQUELE TEMPO QUASE DESERTA E SE ACHAVA DE PRESENTE EM CASA DE UMA AMIGA NO CAMPO DA PALMA, ONDE O POETA IA DIVERTIR-SE: E ALI EMBARAÇOU COM ELA COMO DIZ A METÁFORA**

Fui hoje ao campo da Palma,  
onde com súbito estrondo  
me investiu um maribondo,  
que me picou dentro n'alma:  
era já passada a calma,  
e eu me sentia encalmado,  
sentido, e injuriado,  
porque sendo obrigação  
meter-lhe eu o meu ferrão,  
eu fui, o que vim picado.

Fiz por fechá-lo na mão,  
mas o Maribondo azedo  
me picava em qualquer dedo,  
e escapava por então:  
desesperada função  
foi esta, pois me foi pondo  
tão abolhado em redondo  
por cara, peitos, vazios,  
que estou em febres, e frios  
morrendo do Maribondo.

Dizem, que a vingança está  
em lhe saber eu da casa,  
porque deixando-lhe em brasa,  
o fogo mitigará:  
temo que não arderá  
por mais que toda uma mata  
lhe aplique com mão ingrata,  
porque eu, o que lhe hei de pôr  
há de ser fogo de amor,  
que inda que abrasa não mata.

Nesta aflição tão penosa  
donde me virá socorro?  
morrerei, que o por que morro,  
faz uma morte formosa:  
esta dor tão temerosa  
me livrará de maneira,  
que ou ela queira, ou não queira,  
em chegando à sua rua,  
se acaso se mostrar crua,  
tudo irá numa poeira.

**NEGOU-SE TOTALMENTE ANTONICA DE MEDO, QUE À TODAS FAZIA A  
SOLTURA DO POETA, E ELE A PRETENDE REDUZIR COM ESTA REGALADA  
POESIA**

Agora que sobre a cama  
Antonica me inquieta,  
muito rnaís estando ausente,  
que se na cama estivera:  
Agora que o meu cuidado  
dentro dalma me desvela,  
e o verdugo da memória  
em saudades me atormenta:  
Agora que o brando leito,  
qual duro potro me espera,  
porque o cordel da lembrança  
execute as leis da ausência:  
Agora que a muda noite  
no silêncio, que professa,  
como quem soube os meus gostos,  
mos representa na idéia:  
Entre o passado e presente

não distingue a paciência,  
se é mais ativa a fortuna,  
nos logros ou se nas perdas:  
Quero queixar-me, Antonica,  
de vós, da vossa beleza,  
rigores, desatenções,  
esquivanças, e inclemências.  
Quero queixar-me de mim  
sobre padecer a ofensa,  
pois que não soube agradecer-vos  
para forrar estas queixas.  
Acaso vos vi uma tarde  
debaixo de uma urupema  
por meu mal, porque entre nuvens  
o sol mais ativo queima.  
Indo ao campo buscar fresco  
topei, sendo pela fresca,  
muito calor, que me abrasa  
de raios da vossa esfera.  
Vi-vos, e rendi-me logo,  
e em duas ações diversas  
de ver-vos, e de render-me  
eu não sei, qual foi primeira.  
Permitiu minha ventura  
(desgraça quero eu, que seja)  
que não cegasse com ver-vos,  
para padecer mais penas.  
Que sempre em ódio de um triste  
faz mudança a natureza,  
pois cheguei a ver um sol,  
não tendo de água as potências.  
Movido da mão de Amor,  
que as liberdades sujeita,  
Fênix dei a meus cuidados  
berço em amante fogueira.  
Tornei outra vez a ver-vos,  
e a segunda diligência,  
claro está, que era nascida  
dos acasos da primeira.  
De novo não me rendi,  
que era encontrada fineza  
ter ainda, que render-vos,  
quem a sua alma vos dera.  
Mas por dobrar rendimentos,

e igualar correspondências,  
as almas multipliquei  
por sentidos, e potências:  
Tantas almas era justo,  
que a tantas prendas rendera,  
por não ficar sem triunfo  
a menor das vossas prendas.  
Favorecestes-me então,  
e a memória o representa,  
por me tirar com pesar,  
o que com gosto me dera.  
Logo vos arrependestes  
de uma culpa tão pequena,  
como é pagar com favores  
amantes correspondências.  
Estes são os meus pesares,  
estas, digo, as minhas queixas,  
que por serem de um mofino  
temo que soem a ofensas.  
E pois molesta por força  
estar escutando queixas,  
de quem finezas enfadam,  
já Amor nos queixumes cessa.  
De vós mesma me dai novas;  
dai-mas de vossas durezas,  
pois quanto mais me acrisolam,  
tanto mais o amor as preza.

### **TARDAVA ANTONICA COM A RESOLUÇÃO, E O POETA EXORTA SUA NEUTRALIDADE**

Mando buscar a resposta  
Antonica à vossa casa,  
e queira Deus não se torne  
a resposta em respostada.  
Com temor a solicito,  
bem que a desejo com ânsia,  
que uma cousa é meu amor,  
e outra a minha pouca graça.  
Vós sois esquiva e cruel,  
tão dura e desapegada,  
que tirais de ser querida  
as razões de ser ingrata.

Que vos rende a ingratiidãõ,  
que assim vos tem inclinada?  
acaso vos faz mais linda,  
mais Senhora, ou mais bizarra?  
A ingratiidãõ é delito  
tal, que se se castigara,  
nãõ se pagara co'a vida,  
por isso nunca se paga.  
Ser benévola que custa?  
que gasto é de uma palavra?  
dai-me um sim, que custa pouco,  
e muitas finezas ganha.  
Sede mercador de amor,  
onde um favor, que se gasta,  
rende quinhentos por cento  
em finezas de ouro, e prata.  
Fazei comigo negócio:  
e se heis medo, à minha barca,  
quem nãõ se arrisca nãõ perde  
mas no risco está a ganãncia.  
E mais vós, que sabeis, que  
comigo ninguém naufraga,  
porque sou nesta cidade  
um dos berrantes de fama.  
Quem pode matar de linda,  
de esquiva para quem mata?  
morra da vossa beleza,  
mas nãõ da vossa esquivãncia.  
Deixar as armas de bela,  
e usar de tirana as armas,  
é suspender a beleza  
o ofício, que tem na cara.  
Entre o piço, e o feitiço  
vai muita grande distãncia,  
o esquivo pica as vontades,  
o belo enfeitiça as almas.  
Dai-me licença, Antonica,  
para eu ir à vossa casa,  
para beijar-vos as mãõs,  
e para: nãõ digo nada.

**QUEIXA-SE DE QUE LHE Nãõ VALESSEM FINEZAS PARA QUE ANTONIA O  
ADMITIS-SE**

## MOTE

*Fui por amante ferido,  
por firme fui maltratado,  
por constante desprezado,  
e por leal ofendido.*

Quando esperava gozar  
favores de uma tirana,  
o tempo me desengana,  
para dela me queixar:  
portanto não quero amar  
porque já tenho entendido,  
que amar é tempo perdido:  
bem o tenho experimentado,  
pois em vez de ser amado,  
Fui por amante ferido.

Mostrei-lhe minha firmeza,  
de mostrá-la resultou,  
que logo também mostrou  
de seu amor a dureza:  
se bem disto me não pesa,  
nem me sinto magoado,  
mas fico bem emendado,  
para mostrar-lhe com fé  
minha firmeza, porque  
Por firme fui maltratado.

Além de mostrar-me amante,  
em constâncias lhe mostrei,  
mas bem conheço, que errei,  
em mostrar-me tão constante:  
não serei mais ignorante,  
que o Amor me tem mostrado  
os males, que me há causado:  
nem constância quero ter,  
para que não venha a ser  
Por constante desprezado.

Lealdade sem respeito  
nunca teve bom lugar,  
porque não soube guardar

a lealdade defeito:  
eu me dou por satisfeito,  
e aceito por bom partido  
ser por amante ferido,  
por firme ser maltratado,  
por amante desprezado,  
E por leal ofendido.

### **CHEGANDO ALI O POETA COM TOMÁS PINTO BRANDÃO CONTA, O QUE PASSOU COM ANTONICA UMA DESONESTA MERETRIZ**

Chegando à Cajáiba, vi Antonica,  
e indo-lhe apolegar, disse-me caca,  
gritou Tomás em tono de matraca  
Bu bu pela mulher, que foge à pica.

Eu, disse ela, não sou mulher de crica,  
que assomo como rato na buraca,  
quem me lograr há de ter boa ataca,  
que corresponda ao vaso, que fornica.

Nunca me fez mister dizer, quem merca,  
porque a minha beleza é mar que surca  
alto baixel, que traz cutelo, e forca.

E pois você tem feito, com que perca,  
diga essas confianças à sua urca,  
que eu sei, que em cima de urca é puta porca.

### **BRIGA, BRIGA**

*pois sabe, que hás de apanhar  
mais de quatro bordoadas*

(PE. Lourenço Ribeiro, vigário de Passe)

Ilustre e reverendo Frei Lourenço,  
Quem vos disse, que um burro tão imenso,  
Siso em agraz, miolos de pateta  
Pode meter-se em réstia de poeta?

**ESTA SÁTIRA DIZEM QUE FEZ CERTA PESSOA DE AUTORIDADE AO POETA, PELO TER SATIRIZADO, COMO FICA DITO, E A PUBLICOU EM NOME DO VIGÁRIO LOURENÇO RIBEIRO**

Hoje a Musa me provoca,  
a que bem pelo miúdo  
nada cale, e diga tudo,  
quanto me vier à boca:  
como digo, hoje me toca  
meter minha colherada,  
que nem sempre ter calada  
a boca parece bem:  
mas não o saiba ninguém.

Parece, que já começo  
a dizer alguma cousa,  
e para que o mundo me ouça,  
já mil atenções lhe peço:  
que não sou sábio, confesso,  
para falar elegante;  
porém digo, andando avante,  
que vejamos o desdém;  
mas não o saiba ninguém.

Conheça toda a Bahia,  
quem é o sátiro magano,  
que lhe há feito tanto dano  
desonrando-a cada dia:  
pois sem ser de estrebaria,  
mais do que um burro esfaimado,  
se jacta de grão letrado,  
sendo asninho parlafrém:  
mas não o saiba ninguém.

Ser a todos preferido  
no saber, é, o que pretende:  
porém quem se não entende,  
mal pode ser entendido:  
mas se é sábio, e advertido,  
como em vez de achar ventura  
foi topar na cornadura,  
que demasiada tem:  
mas não o saiba ninguém.



Quis por ser em tudo novo,  
que é somente o que ele quer,  
ter consigo uma mulher,  
que é também de todo o povo:  
eu só nesta parte o louvo  
de discreto, e de entendido,  
pois que quis ser seu marido  
juntamente com mais cem;  
mas não o saiba ninguém.

Como cão, que acha dinheiro,  
se contentou da consorte,  
que merecendo-lhe a morte,  
existe a puta em viveiro:  
imaginou ser primeiro,  
porém outros antes dele  
lhe tinham surrado a pele,  
que ele rói d'aquém d'além:  
mas não o saiba ninguém.

Por segundo caracol  
se deve já conhecer,  
porque lhe há posto a mulher  
os cornos, que deita ao sol:  
por tal o tenho em meu rol  
para o meter em dous fornos,  
porque lhe aqueçam os cornos,  
e se lhe contem também:  
mas não o saiba ninguém.

De Vulcano sei, que herdou  
o saber mui bem malhar,  
não a Bártolo ensinar,  
como sei, que se gabou:  
se dissera; que o forjou  
seu Avô estando malhando,  
crédito lhe iria dando,  
segundo aqui se contém:  
mas não o saiba ninguém.

Nunca soube fazer veso,  
senão como tiririca,  
porque como ela é, que pica,  
e corta todo o universo:

pica a todos por perverso;  
mas foi ele bem picado,  
conforme nos hão contado,  
os que de Lisboa vêm:  
mas não o saiba ninguém.

Com levar tantos vaivéns  
ficou com cara mui leda  
letrado de três a moeda,  
ou de três por dous vinténs:  
só lhe dão os parabéns  
outros asnos como ele,  
como se ele fosse alguém:  
mas não o saiba ninguém.

Que fora Juiz, se alista  
este burro, este asneirão,  
e com tal jurisdição  
nada teve de Jurista:  
e por mais que ser insista  
Juiz, como significa,  
então maior asno fica,  
dos que vão, e dos que vêm:  
mas não o saiba ninguém.

Mui contente, e muito ledo  
mostra, que não tem mais trato,  
do que arranhar como gato  
no Parnaso de Quevedo:  
traz o mundo em um enredo  
com sátiras tão malditas,  
que achando-as em livro escritas  
se admiram todos, que as veem:  
mas não o saiba ninguém.

Todas as tenho contadas  
neste Parnaso das Musas,  
que ficaram mui confusas,  
vendo, que as tinhas furtadas:  
ao português retratadas  
no castelhano as acharam,  
e como mudas ficaram  
posto que não vai, nem vem:  
mas não o saiba ninguém.

A todos sátiras fez,  
sem ninguém excetuar,  
porém não lhe há de faltar,  
quem lhe faça desta vez:  
se eu estou bem nos meus três,  
agora fica talhado,  
pois o corte, que lhe hei dado,  
parece, que lhe está bem:  
mas não o saiba ninguém.

Que fora Juiz de fora,  
diz, que passa na rivera,  
mas que fora de Juiz era,  
afirmarei eu agora:  
porque em seu peito não mora,  
nem justiça, nem razão,  
pois não está em sua mão  
jamais poder falar bem:  
mas não o saiba ninguém.

Mui caro lhe tem custado  
o mais do que tem escrito,  
pois o não livrou seu dito,  
dos que lhe haviam jurado:  
o muito, que tem falado,  
(se acaso me não engano)  
me fez ouvir, que a Fulano  
mataram, e eu direi quem:  
mas não o saiba ninguém.

Por debaixo de uma amarra  
na Nau, em que se embarcou,  
este magano escapou  
té sair fora da barra:  
e por ver já cousa charra,  
o não ter ele vergonha,  
é razão, que o descomponha  
de quanto à boca me vem:  
mas não o saiba ninguém.

Boca, que males há feito,  
bem é, que males se faça,  
boca, que para mordança

só parece, que tem jeito:  
eu se isto tomar a peito,  
juro a Deus onipotente,  
não lhe deixar um só dente,  
pois que morde, e diz a quem:  
mas não o saiba ninguém.

Já que a todos descompõe,  
quis agora por meu gosto,  
que ele fosse o descomposto,  
para ver se se compõe:  
mil males sobre si põe,  
quem de todos fala mal,  
e assim que já cada qual  
me pode dizer amém:  
mas não o sabia ninguém.

De Cristão não é, senão  
de herege, tudo, o que obra,  
pois nele a heresia sobra,  
e lhe falta o ser cristão:  
remetê-lo à Inquisição  
já uma vez se intentou,  
mas bem veis, quem atalhou,  
senhores, tão grande bem:  
mas não o saiba ninguém.

Digo-te já de enfadado,  
que se fores atrevido,  
não só te há de ver perdido,  
mas sim de todo acabado:  
olha, que o que tens falado,  
é mui bastante motivo  
para te não deixar vivo,  
do teu falar mal te vem:  
mas não o saiba ninguém.

Não cuides me hás de escapar  
por mais oculto que estejas,  
para que magano vejas,  
Há, quem te possa ensinar:  
emenda esse teu falar,  
corta essa língua mordaz,  
vê, que este aviso te faz,

quem ela mordido tem:  
mas não o saiba ninguém.

**ESCANDALIZADO O POETA DA SÁTIRA ANTECEDENTE, E SER PUBLICADA EM NOME DO VIGÁRIO DE PASSÉ LOURENÇO RIBEIRO HOMEM PARDO, QUANDO ELE ESTAVA INOCENTE NA FACTURA DELA, E CALAVA PORQUE ASSIM CONVINHA: LHE ASSENTA AGORA O POETA O CACHEIRO COM ESTA PETULANTE SÁTIRA**

Um Branco muito encolhido,  
um Mulato muito ousado,  
um Branco todo coitado,  
um canaz todo atrevido:  
o saber muito abatido,  
a ignorância, e ignorante  
mui ufano, e mui farfante  
sem pena, ou contradição:  
milagres do Brasil são.

Que um Cão revestido em Padre  
por culpa da Santa Sé  
seja tão ousado, que  
contra um Branco ousado ladre:  
e que esta ousadia quadre  
ao Bispo, ao Governador,  
ao Cortesão, ao Senhor,  
tendo naus no Maranhão:  
milagres do Brasil são.

Se a este podengo asneiro  
o Pai o alvanece já,  
a Mãe lhe lembre, que está  
roendo em um tamoeiro:  
que importa um branco cueiro,  
se o cu é tão denegrado!  
mas se no misto sentido  
se lhe esconde a negridão:  
milagres do Brasil são.

Prega o Perro frandulário,  
e como a licença o cega,  
cuida, que em púlpito prega,  
e ladra num campanário:

vão ouvi-lo de ordinário  
Tios, e Tias do Congo,  
e se suando o mondongo  
eles só gabos lhe dão:  
milagres do Brasil são.

Que há de pregar o cachorro,  
sendo uma vil criatura,  
se não sabe da escritura  
mais que aquela, que o pôs forro?  
quem lhe dá ajuda, e socorro,  
são quatro sermões antigos,  
que lhe vão dando os amigos,  
e se amigos tem um cão:  
milagres do Brasil são.

Um cão é o timbre maior  
da Ordem predicatória,  
mas não acho em toda história,  
que o cão fosse pregador:  
se nunca falta um Senhor,  
que lhe alcance esta licença  
a Lourenço por Lourença,  
que as Pardas tudo farão:  
milagres do Brasil são.

Já em versos quer dar penada,  
e porque o gênio desbrocha,  
como cão a troche-mocha  
mete unha e dá dentada:  
o Perro não sabe nada,  
e se com pouca vergonha  
tudo abate, é, porque sonha,  
que sabe alguma questão:  
milagres do Brasil são.

Do Perro afirmam Doutores,  
que fez uma apologia  
ao Mestre da poesia,  
outra ao sol dos Pregadores:  
se da lua aos resplendores  
late um cão a noite inteira  
e ela seguindo a carreira  
luz sem mais ostentação:

milagres do Brasil são.

Que vos direi do Mulato,  
que vos não tenha já dito,  
se será amanhã delito  
falar dele sem recato:  
não faltará um mentecapto,  
que como vilão de encerro  
sinta, que deem no seu perro,  
e se porta como um cão:  
milagres do Brasil são.

Imaginais, que o insensato  
do canzarrão fala tanto,  
porque sabe tanto, ou quanto,  
não, senão porque é mulato:  
ter sangue de carrapato  
ter estoraque de congo  
cheirar-lhe a roupa a mondongo  
é cifra de perfeição:  
milagres do Brasil são.

#### **RESPOSTA DO VIGÁRIO LOURENÇO RIBEIRO ESCANDALIZADO DE QUE O POETA Ó SATIRIZASSE DO MODO QUE FICA DITO**

Doutor Gregório Guaranha,  
pirata do verso alheio,  
caco, que o mundo tem cheio,  
do que de Quevedo apanha:  
já se conhece a maranha  
das poesias, que vendes  
por tuas, quando as emprendes  
traduzir do Castelhana;  
não te envergonhas, magano?

Cuida o mundo, que são tuas  
as sátiras, que acomodas,  
suponho que a essas todas  
pode chamar obras suas:  
os rapazes pelas ruas  
o andam publicando já,  
e o mundo vaia te dá,  
quando vê tal desengano

não te envergonhas, magano?

O soneto, que mandaste  
ao Arcebispo elegante  
é do Gôngora ao Infante  
Cardeal, e o furtaste:  
logo mal te apelidaste  
o Mestre da poesia  
furtando mais em um dia,  
que mil ladrões em um ano:  
não te envergonhas, magano?

Cuidas, que os outros não sabem?  
O que sabes, é mui pouco,  
e assim te gabas de louco  
temendo, que te não gabem:  
só nos ignorantes cabem  
as asneiras, que em ti vemos,  
pelas quais te conhecemos  
seres das honras tirano:  
não te envergonhas, magano?

Não há no mundo soldado,  
cavalheiro, homem ciente,  
que tu logo maldizente  
não deixes vituperado:  
porém dizes mal do honrado  
ou por ódio, ou por inveja,  
ou porque o teu gênio seja  
fazer aos honrados dano:  
não te envergonhas, magano?

Dizes mal alguma vez,  
dos que não procedem bem;  
mas dirás, que não convém,  
por serem, como tu és:  
dize do Pai, que te fez,  
que bem tens, que dizer dele  
o mal, que há na tua pele,  
já que ninguém te acha humano:  
não te envergonhas, magano?

Se com sátiras tu só  
a todos desacreditas,



trazendo sempre infinitas  
no forge de teu Avô:  
como não temes, que o pó  
te sacuda algum bordão:  
pois sabes, que a tua mão  
não pega obras de Vulcano!  
não te envergonhas, magano?

Sendo Neto de um Ferreiro  
trazes espada de pau,  
nisso fazes, berimbau,  
o adágio verdadeiro:  
porém se em nada és guerreiro,  
para que te chamas guerra,  
e a fazes a toda a terra  
co'a língua, que é maior dano?  
não te envergonhas, magano?

Tua Avó, de quem tomaste  
de Guerra o falso apelido  
a um, e a outro marido  
lhe fez de cornos engaste:  
se temes, que te não baste  
por agora, o que ela fez,  
na tua cabeça vês  
milhares deles cada ano:  
não te envergonhas, magano?

Sendo casado em Lisboa,  
achava logo qualquer  
remédio em tua mulher,  
e se provou, era boa:  
a fama desta outra soa  
não menos que na Bahia;  
sendo tua não podia  
deixar de ter gênio humano:  
não te envergonhas, magano?

Pois é cousa bem sabida,  
que o teu casamento sujo  
veio por um Araújo,  
que a tinha bem sacudida:  
casou contigo saída  
da casa dele, onde esteve

por sua amiga, e não deve  
dizer alguém, que te engano:  
não te envergonhas, magano?

Fazes, o que fez teu Pai,  
porque a mesma fama cobres,  
que por fazer bem a pobres  
amou muito à tua Mãe:  
na tua progênie vai  
herdado como de ofício,  
pois toma por exercício  
dar carne ao gênero humano:  
não te envergonhas, magano?

Tuas Irmãs se casaram  
publicamente furtadas,  
e há, quem diga, que furadas  
d'outros, que se não declaram:  
oh se as paredes falaram!  
inda hoje bem poderias  
ouvir várias putarias  
de tanto caminho lhano:  
não te envergonhas, magano?

Teu Pai foi outro Gregório  
no pouco asseio, e limpeza,  
de cuja muita escareza,  
se lembra este território:  
que andou roto com notório  
escândalo, até fazer  
o luto, que quis trazer  
por certo Rei em tal ano:  
não te envergonhas, magano?

De teus Irmãos te asseguro,  
que têm sido na Bahia  
um labéu da companhia,  
outro sequaz do Epicuro:  
mas ambos juntos te juro,  
que em nenhum vício te igualam;  
oh que de causas se falam,  
e todas tanto em teu dano!  
não te envergonhas, magano?

Dizes, que dos Pregadores  
o sol é teu Irmão, quando  
Vieira está-se aclamando  
pelo melhor dos melhores?  
dizes, que aos esfregadores  
pode dar ele lições;  
não sabes quantos baldões  
tem sofrido pelo cano?  
não te envergonhas, magano?

Diga esse Frade maldito,  
se injuriado ficou,  
quando co'a negra se achou  
na mesma cama do Brito:  
sei, que se ria infinito,  
quando o Pintor lhe quis dar  
depois de o injuriar,  
vendo-o com a amiga ufano:  
não te envergonhas, magano?

O que se riu numa festa,  
dando ele satisfação  
d'alma daquele sermão  
publicou, que era mai besta:  
e se tudo isto não presta,  
para maior glória sua,  
veja-se amando a Perua  
que diz, que Eusébio é seu mano:  
não te envergonhas, magano?

Se teu Irmão este é,  
como é sol dos Pregadores?  
e se tens erros maiores,  
que nome é bem, que te dê?  
lembra-te o quanto na Sé  
escandalizou a todos  
o pícaro dos teus modos,  
arnando sempre o profano:  
não te envergonhas, magano?

Por não querer confessar-te,  
o Cura te declarou,  
e esta Quaresma tornou  
o Vigário a declarar-te:

da Igreja o vi lançar-te  
em uma solene festa;  
mas tu de uma ação como esta  
não te corres, sendo humano:  
não te envergonhas, magano?

Tens mudado mais estados,  
que formas teve Proteu,  
não sei, que estado é o teu,  
depois de tantos mudados:  
sei, que estamos admirados  
de te vermos rejeitar  
a murça capitular,  
para casar como insano:  
não te envergonhas, magano?

A nenhum jurista vês  
que logo não vituperes,  
chamando-lhe néscio, e queres  
contradizer, quanto lês:  
eu sei, que mais de uma vez  
disseste já na Bahia,  
que Bártolo não sabia,  
e que era um asno Ulpiano:  
não te envergonhas, magano?

Arrezoando em um feito,  
por mofar do Julgador,  
fizeste do mal pior,  
fazendo torto o direito:  
porém se no teu conceito  
todos os mais sabem nada,  
tua ciência é palhada,  
se se vê com desengano:  
não te envergonhas, magano?

Lembra-te, quando o Prelado  
pelas tuas parvoíces  
decretou, que te despisses  
do hábito atonsurado:  
não ficaste envergonhado,  
porque não há, quem te ponha  
na cara alguma vergonha  
ante o Povo Baiano:

não te envergonhas, magano?

Vieste de Portugal  
acutilado, e ferido,  
e do Burgo socorrido,  
a quem pagaste tão mal:  
essa sátira fatal  
te desterrou a esta terra,  
mas cutiladas em guerra  
sempre as de o valor humano:  
não te envergonhas, magano?

Admira excessivamente,  
que mandando-te apear  
certo homem para te dar  
disseste "não sou valente":  
mas se és galinha entre gente,  
assim havias fazer,  
cacarejar, e correr,  
que em ti é ofício lhano:  
não te envergonhas, magano?

Fala de ti, que bem tens,  
que falar de ti, Gregório,  
e a todo o mundo é notório,  
que tens males, e não bens:  
não queiras pôr-te aos iténs,  
com quem sobre castigar-te  
sei, que há de esbofetear-te,  
e com este desengano,  
não te envergonhas, magano?

Vê, que te quero cascar  
por outra sátira agora,  
pois nem a ver o sol fora,  
queres à porta chegar:  
pois sabe, que hás de apanhar  
mais de quatro bordoadas,  
e com maiores pancatas,  
que as do teu papel insano:  
não te envergonhas, magano?

## A CERTO FRADE QUE SE METEU A RESPONDER À UMA SÁTIRA, QUE FEZ O POETA, ELE AGORA LHE RETRUCO COM EST'OUTRA

Ilustre, e reverendo Frei Lourenço,  
Quem vos disse, que um burro tão imenso,  
Siso em agraz, miolos de pateta  
Pode meter-se em réstia de poeta?  
Quem vos disse, magano,  
Que fará verso bom um Franciscano?  
Cuidais, que um tonto revestido em saco  
O mesmo é ser poeta, que velhaco?  
Seres mestre vós na velhacaria  
Vos vem por reta via  
De trajar de burel essa libréia,  
E o ser poeta nasce de outra veia;  
Não entreis em Aganipe mais na barca,  
Porque nela co'a mesma vossa alparca  
Apolo tem mandado,  
Que vos espanquem por desaforado.

Não sabeis, Reverendo Mariola,  
Remendado de frade em salvajola,  
Que cada gota, que o meu sangue pesa  
Vos poderá a quintais vender nobreza?  
Falais em qualidade,  
Tendo nessas artérias quantidade  
De sangue vil, humor meretricano,  
Pois nascestes de sêmen franciscano,  
E sobre vossa Mãe em tempos francos  
Caíram mil tamancos,  
De Sorte que não soube a sua pele,  
Se vos fundiu mais este, do que aquele:  
E nem vós, Frei Monturo, ou Frade Cisco,  
Sabeis se filho sois de São Francisco,  
Porque sois, vos prometo,  
Filho do Santo não, porém seu neto.

Quem vos meteu a vós, vilão de chapa  
A tomares as dores do meu mapa,  
Se no mapa, que fiz não se esquadrinha  
Linha tão má, como é a vossa linha?  
Mas como comeis alhos,  
Vos queimais, sem chegares aos burrelhos;  
E se acaso vos toca a putaria,

Que ali pintou a minha fantasia,  
Não vos canseis em defender as putas,  
Pois sendo dissolutas,  
Não vos querem soldado aventureiro,  
Querem, que lhe acudais com bem dinheiro;  
E querem pelo menos, Frei Bolório,  
Que os sobejos lhe deis do refeitório,  
Que as dádivas de um Frade  
sobejos são da leiga caridade.

E se acaso esforçastes a ousadia  
À vista de uma larga companhia,  
Ides, Frei Maganão, muito enganado,  
Que o capitão pretérito é passado:  
Não é cousa possível,  
Que vos livre de trago tão terrível;  
Tornai em vós, Frei Burro, ou Frei Cavallo,  
Que cair sobre vós pode o badalo  
De algum celeste signo, que vos abra,  
E sem dizer palavra  
Vos leve em corpo, e alma algum demônio  
Por mau imitador de Santo Antônio;  
Confessai vossas culpas, Frei Monturo,  
Que anda a morte de ronda pelo muro,  
E se na esfera vos topar a puta,  
Vos heis de achar no inferno a pata enxuta.

### **RETRATA O POETA COM GRACIOSO MIMO AS MIMOSAS GRAÇAS DESTA DAMA**

Olá digo: ó vós Teresa,  
que vós sois bizarra em forma,  
formosa sem invenção,  
e bela sem cerimonia.  
Sois linda, como há de ser,  
e Brites, que é tão formosa,  
será vossa irmã em sangue,  
na beleza, são histórias.  
O mimo da vossa cara  
é tal, que crê, quem a olha,  
que as mais ao buril são feitas,  
e a vossa vazada em fôrma.  
O papinho, que se enxerga

por baixo da barba airosa,  
me está dizendo — comei-me,  
só vós me dizeis, não coma.  
Logo me encolho de medo  
talvez, talvez de vergonha,  
que um grito na mesa alheia  
põe o apetite em cóspias.  
Não sei, que diga Teresa,  
acerca da vossa boca;  
mas que mais posso dizer  
depois de dizer, que é vossa?  
Sei dizer, que dentro nela  
tal riqueza se entesoura,  
que não sei, se são diamantes,  
se perolas; se outra coisa.  
Bem apoda uns brancos dentes,  
que a aljôfar os apoda,  
e eu fizera o mesmo aos vossos,  
mas quando o sonhou aljôfar?  
Não sei, que tem vossa cara  
de polida, e de mimosa,  
que as outras são como as mais,  
e a vossa não como as outras.  
Quando a vossa cara vejo,  
logo me vem à memória,  
o melindre do jesmim,  
e a natazinha da rosa.  
Cuido, que se vem a unha  
o carão, que a cara enforma,  
e a medo lhe emprego a vista,  
porque cuido, que a transtorna.  
Não sou basilisco olhando,  
mas essa fineza vossa,  
como a qualquer unha cai,  
a qualquer vista se volta.  
Por isso tomara ver-vos  
sempre de vidraças posta,  
porque vos não ofendera,  
quem vos fala, e quem vos olha.  
A minha alma então prostrada  
diante da imagem vossa,  
não só, quem vos ama, víreis,  
mas também quem vos adora.  
Tal novena vos fizera,



que durara a vida toda,  
um penhor da vossa glória,  
por ver se vos merecia.

### **OUTRA PINTURA EM SOMBRAS DESTA DAMA**

Seres formosa, Teresa,  
sendo trigueira, me espanta,  
pois tendo beleza tanta,  
é sobre isso milagrosa:  
como não será espantosa,  
se o adágio me assegura,  
que, quem quiser formosura,  
a há de ir na alvura ver,  
e vós sois linda mulher  
contra o adágio da alvura.

Mas o nosso adágio mente,  
e eu lhe acho a repugnância,  
de que a beleza é substância,  
e a alvura é acidente:  
se na esfera tão luzente  
dessa cara prazenteira  
o sol como por vidreira  
se duplica retratado,  
sendo vós sol duplicado,  
que importa seres trigueira.

Eu melhor coisa não vi  
de olhos, do que vossos olhos,  
no ferir almas abrolhos,  
no caçar almas nebli:  
c'os vossos olhos aqui  
me sinto tão arriscado,  
que me dá menos cuidado,  
e fora a melhor partido  
dos vossos olhos mordido,  
que da vossa vista olhado.

Se todo o mundo pisara,  
não vira no mundo inteiro  
nem riso mais feiticeiro,  
nem mais agradável cara:

tinha-vos por coisa rara,  
notável, e prodigiosa;  
mas acho, que artificiosa  
em vós natureza obrou  
pois sobre sombras pintou  
uma cara tão formosa.

### **PINTA O POETA ENTRE AMOROSOS ACIDENTES O GARBO DE TEREZA EM OCASIÃO, QUE LHE PASSOU PELA RUA**

Por esta rua Teresa,  
e co lencinho na trunsa,  
apostarei, que são mortos  
os meus vizinhos da rua.  
Apostarei, que passando  
de Teresa a formosura,  
não viu pessoa, que então  
não ficasse moribunda.  
Apostarei, que pediam  
confissão por essas ruas,  
once ela empregava os olhos  
por portas, e por adufas.  
Deus a Teresa perdoe,  
e a demais gente defunta,  
a Teresa os seus delitos,  
aos demais as suas culpas.  
Porque se ela não passava  
airosa, galharda, e pulcra,  
como garbo de mais da marca,  
que é pior, que espada nua:  
Não morreram meus vizinhos  
de tão suave olhadura,  
que era uma peste agradável  
de lisonjeiras angústias.  
E porque se meus vizinhos  
quando ela dos olhos puxa,  
cada qual fugira então  
do perigo, a que se expunha:  
Se fugiram das janelas,  
se fecharam as adufas,  
não foram mortos agora  
de ver Teresa na rua.  
De nenhum eu me lastimo,

antes tenho inveja suma,  
de que de tal morte morram  
tão incapazes criaturas.  
Eu só quisera morrer  
por Teresa, e é injúria,  
que todos morram, e eu só  
por seu amor me consuma.  
Que eu morra, porque me mata  
desdenhosa, ingrata, e dura,  
passe, que é morte discreta,  
passe, que a causa o desculpa.  
Mas que morra a vizinhança  
não mais de porque ela punha  
os olhos, quando passava  
pela gentinha da rua!  
É mui grande atrevimento,  
é desaforo, é injúria,  
que se faz a uma beleza  
tão soberana, e tão culta.  
Eu não lhe posso sofrer,  
nem hei de sofrê-lo nunca,  
porque não é para todos  
morrer de uma formosura.

#### **REALÇA O POETA AS PERFEIÇÕES DE TEREZA NA MORTE COR DE UMA ENFERMIDADE, QUE PADECEU DA QUAL AGORA CONVALESCIA**

Na roça os dias passados  
vi a Senhora Tetê  
tão linda, como achacosa,  
tão fraca, como cruel.  
Não sei, que força escondida  
sobre os meus sentidos tem,  
que estando fraca a beleza,  
não resisto a seu poder.  
Se a doença é tão formosa,  
como em Teresa se vê,  
quem não trocara a saúde  
pelos seus males? e quem,  
seja púrpura no campo,  
seja rubi no vergel,  
não trocará o encarnado  
por tão linda palidez?

As flores da laranjeira  
vendo assentar-se-lhe ao pé,  
todas ao chão se arrojam  
desesperadas de a ver.  
Uma colheu ela as mãos;  
outras pisou com seu pés,  
e qual era a mão, a flor,  
não soube enxergar ninguém.  
Fez-se de flores um monte  
a par da linda Tetê,  
que por deixá-las luzir,  
a tratavam de esconder.  
De todo o monte de flores,  
um ramalhete se fez  
elas ao pé eram flores  
e em cima era flor Tetê.  
Os pássaros lhe cantaram  
o seu lá sol fá mi ré,  
crendo, que segunda aurora  
lhes tornava a amanhecer.  
A fonte parou seu curso,  
porque a fonte, nem ninguém  
pode ser corrente à vista  
de uma Dama tão cortês:  
Eu quis descobrir-lhe o amor  
que a seus olhos consagrei,  
como em aras de beleza,  
onde se holocausta a fé.  
Fui curto, não me atrevi,  
temi, emudeci, calei;  
sempre amor difere mal,  
a quem não se explica bem.  
De mim me queixo somente,  
e do adágio português,  
que diz, que o calar não dana;  
e eu perdi, porque calei.  
Se os Malmequeres do campo  
por rainha aquela vez  
a aclamaram, e elegeram  
pela cor, e o mal me quer:  
Eu dessa eleição apelo,  
e fiado em minha fé,  
dará volta o mal me queres,  
e parará em querer bem.

**DESTAS ZOMBARIAS COM QUE O POETA COMEÇOU A GALANTEAR A ESTA DAMA EM DESPIQUE DE SUA IRMÃ, SE PRESUMEM AGORA AMOROSAS VERAS NESTA OBRA**

Tetê sempre desabrida  
mostra um dia entranhas gratas,  
pois sabem todos, que matas,  
saibam que podes dar vida:  
sendo tu minha homicida,  
com morte tão desumana  
dás a entender, que és humana;  
porém se a vida me dás,  
então, Tetê, mostrarás,  
que és divina, e soberana.

O dar morte é de mulheres  
propensas a crueldades,  
dar vida é de divindades,  
com soberanos poderes:  
dando-me tu desprazeres,  
a morte, a dor, e o pesar  
hás de ficar com desar,  
de que em ti tais males caibam,  
e te está melhor, que saibam,  
que tens mil vidas, que dar.

Deixai-me viver não mais,  
que por vossa, e minha glória,  
vós tereis nossa vanglória,  
e eu folgarei, que a tenhais:  
e se a vida me não dais,  
porque enfada, quem adora,  
não temais, minha Senhora,  
que eu sei da vossa profia,  
que dando-me cada dia,  
ma tirareis cada hora!

Vida, que tão pouco dura,  
liberalmente se dá,  
vosso enfado a tirará,  
se a de vossa formosura:  
e porque fique segura

morte tão apetecida,  
dai-ma vós tão escondida,  
que eu a não sinta chegar,  
porque o gosto de acabar  
não me torne a dar a vida.

**FILOSOFIA, E RETÓRICA DIZ AQUI O POETA, QUE LEU, E COMO  
RETORICAMENTE FILÓSOFO SEMPRE TEM QUE RESPONDER AOS CASOS  
MENOS PENSADOS, COMO VEREMOS**

Que todo o bem se faria  
dissestes, falsa Tetê,  
o todo eu o perdoara,  
basta-me parte do bem.  
Quem não merece o bem todo,  
com parte se satisfaz,  
todo o bem, ou parte dele,  
pouco, ou muito é mesmo bem.  
Na boa filosofia,  
e na retórica sei,  
e li, que entre pouco, e muito  
jamais distinção se fez  
Pouco mal, e muito mal  
o mesmo mal vem a ser,  
com que o mesmo bem será  
pouco bem, e muito bem.  
Distingue-se em quantidade,  
não na espécie, nem no ser,  
na substância é sempre o mesmo,  
se em quantidade não é.  
Basta ser da vossa mão,  
para ser mui grande bem,  
se é pouco, estima-se muito,  
e em muito, se muito é.  
Com pouco um pobre se alegra,  
e quem tão pobre se vê,  
Tetê, dos vossos favores,  
se alegrará com qualquer.  
Mas vós sois uma traidora,  
falsa, fingida, infiel,  
aleivosa, e fementida,  
sobretudo sois mulher.  
Prometeis mui largamente,

no dar vos arrependeis,  
como se fora pecado  
o dar sobre o prometer.  
O arrepender é virtude,  
mas se acaso o arrepender  
é de dar o prometido,  
vício, e vilania é.  
Mas isso é para os ditosos;  
isso é para aqueles, que  
vos enganam com embustes,  
coisa, que eu não sei fazer.  
Praza a Amor, Tetê ingrata,  
que tanto embuste encontreis,  
que vos lembrem as verdades,  
que enjeitais em minha fé.  
Praza a Amor, que os desenganos  
vos cheguem a estado, que  
me vingue em vossos pesares  
de vossos termos cruéis.  
A Deus, Tetê, que eu me vou  
para Sergipe d'El-Rei,  
a viver de me ausentar,  
e a morrer de vos não ver.

**DESCULPA-SE ESTA DAMA EM CERTA OCASIÃO QUE TEVE DE CONVERSAR  
COM O POETA, DEPOIS DE VARIAS PETIÇÕES, COM A OBJEÇÃO FRÍVOLA DE  
QUE NÃO SATISFAZIA SEU DESEJO POR SER CASADO: AO QUE ELE RESPONDE  
GRACIOSAMENTE**

Graças a Deus, que logrei,  
Teresa, uma ocasião  
da vossa conversação,  
por que tanto suspirei:  
e posto que me ausentei  
de vós tão desenganado,  
pois me enjeitas por casado,  
confio em vosso primor,  
que há de alcançar-vos Amor  
ou casado, ou descasado.

Coração tão inimigo  
mostrais ao casado ser,  
que às claras venho a entender

que quereis casar comigo:  
não se perca um bom amigo  
por tão leve impedimento:  
casemos, se vos contento,  
e segunda vez casado  
se me virdes açoutado,  
isso mesmo é casamento.

Se a Justiça me açoutar  
por casar segunda vez,  
açoutado, em que me pês,  
vos hei de alegre gozar:  
quero as ruas passear  
arrastando mil baraços  
entre os alcaides madraços,  
e o algoz após de mim  
antes, que de um serafim  
perder os doces abraços.

E se por disciplinante  
for tido de toda a gente,  
que mau é ser penitente,  
para ser santo bribante:  
e se o algoz falseante  
me puser por mais rigor  
alguma marca ao traidor  
por duas vezes casado,  
dirão, que é vosso estreado  
homem de marca maior.

Enfim que de qualquer sorte,  
que vós me queirais a mim,  
vos hei de dar sempre o sim,  
e um sim que dure até a morte:  
no maior mal, e mais forte,  
ao mais infame desdouro  
hei de desprezar o agouro,  
porque sendo vós tão grata  
sobre ser moça de prata  
sois Teresa um pino de ouro.



**PEDE O POETA ZELOS A TEREZA, E ELA LHE RESPONDEU, QUE SERIA MUI PONTUAL EM LHOS DAR; E ADMIRAVELMENTE O POETA DEFINE ESTE TERMO DAS ESCOLAS DO AMOR**

Os zelos, minha Teresa,  
não sabe entender ninguém,  
quem os não tem, esse os dá,  
e pede-os, quem os não quer.  
Eu chego a pedir-vos zelos,  
e não quero, que mos deis,  
mas vós mos dais, e os não tendes,  
quem zelos há de entender?  
Pela razão natural  
ninguém dá, o que não tem,  
e pela mesma razão  
ninguém pede, o que não quer.  
E assim enleia o juízo,  
que os não tendes, e mos deis,  
que eu, que os peço, os não quisera,  
que é pedir, e não querer.  
E suposta esta advertência,  
vos peço, Teresa, que,  
quando zelos vos pedir,  
mais que os peça, mos não deis.  
Porque eu peço, o que não quero,  
e este pedir, é querer,  
não que vós mos concedais,  
senão sim que mos negueis.  
Como amor é entendimento,  
e como amar é entender,  
vós como amante entendida,  
vós, que como amais, sabeis.  
Deveis das minhas palavras  
tomar discreta, e cortês  
não aquilo, que elas dizem,  
mas o que querem dizer.  
Não entendais, que vos peço  
ciúmes, pelos querer,  
antes sim pelos deixar  
vos peço uma, e outra vez.  
Pedir zelos é queixar-me,  
e se eu amante, e fiel,  
com finezas vos enfado,  
com queixas que vos farei?

Teresa eu não peço zelos,  
que quem tão mofino é,  
que fino vos desagrada,  
triste que há de parecer?  
A beleza, que se adora,  
tão privilegiada é,  
que se há de mister licença  
para sentir seus desdéns.

### **ALCANÇOU O POETA OCASIÃO DE LOGRAR OS FAVORES DE TEREZA, E A UM DESMAIO, COM QUE O RECEBEU, FEZ ESTE SONETO**

Desmaiastes, meu bem, quando uma vida  
Recuperais no logro da ventura,  
Mostrando, que é delito à formosura  
Deixar de amor a posse tão valida.

Parece-vos, amores, que corrida  
Vos mostrasse a fineza, se a doçura  
Não deixara o carinho da brandura  
Na confusão do gosto suspendida.

Ora não, minha vida, não consiste  
O melindre da Dama nos desmaios,  
Com que agora a vergonha vos assiste.

Que Amor só vive, quando em seus ensaios  
Ao incêndio do gosto se resiste,  
E aos fulgores do sol fomenta os raios.

### **PELO MESMO CASO E PELOS MESMOS CONSOANTES**

Se a gostos tiras, Clóris, uma vida,  
Que de amor teve o logro por ventura,  
Por que trocas em sombra a formosura,  
Que foi no mundo rodo tão valida?

Glória, que passa tanto de corrida,  
Onde apenas se vê breve doçura,  
Acredita o melindre da brandura  
Nos extremos, que a deixam suspendida.

Não desmaies, meus olhos, pois consiste  
O gosto em suspender feros desmaios,  
Que dão tormento, a quem amante assiste.

São da morte cruel tristes ensaios,  
E o coração, que adore, não resiste,  
Sendo d'alma em rigor funestos raios.

### **FINAL ENCARECIMENTO DE TEREZA, E SUAS DELICADAS PRENDAS**

Teresa, muito me prezo  
de vos amar, e querer,  
porque sei, que sois mulher  
de conta, medida, e peso:  
as demais por vós desprezo,  
quer belas, quer entendidas,  
e entre as mais presumidas,  
juro-vos, e passa assi,  
que nunca beleza vi,  
que mais me enchesse as medidas.

Se da bela Felizarda  
a formosura contemplo,  
não lhe posso achar exemplo  
senão no garbo da Anarda:  
em louvar-vos se acobarda  
o discurso mais valente,  
e inda no mesmo acidente  
de iluminados desmaios  
ao manancial dos raios  
vos considero eminente.

### **MARIA JOÃO**

*A Mãe Maria João chamada Izabel não levava em gosto as amizades de sua  
Filha com o Poeta.*

(Manuel Pereira Rabelo, licenciado).

As damas de toda a cor  
Como tão pobre me veem,

as mais lástima me têm,  
as menos me têm amor

E a ceia se acabou, jantar, e almoço.

**DIVERTIA-SE O POETA COM MARIA JOÃO, E PERSUADE AGORA A OUTRA  
CHAMADA MARIQUITA, QUE À VENHA VISITAR SOMENTE POR TRAÇA DE A  
VER**

Vossarcê senhora Quita,  
para quem ama, já tarda  
a uma dama galharda,  
que por você se esganita:  
e quem de saudades grita,  
e de tristeza emudece,  
sobre o pouco que merece,  
justifica o meu dizer,  
que você a quem bem lhe quer,  
foge, que desaparece.

Se não há lá uma canoa,  
poremos de cá uma prancha,  
e por falta irá a Lancha  
cos esteiros da camboa:  
Antonica venha à toa  
sobre um esteiro em castigo  
de ficar com seu amigo,  
e deixar de ver a Irmã,  
que da noite até a manhã  
te mói como o bom trigo.

**A MÃE DE MARIA JOÃO CHAMADA IZABEL NÃO LEVAVA EM GOSTO AS  
AMIZADES DE SUA FILHA COM O POETA, OU SE TEMIA DE MARIQUITA, E  
OCASIONANDO ENREDOS O POETA LHE CANTA A MOLIANA**

Já que a puta Zabelona  
anda morta por me ouvir,  
eu lhe corto de vestir,  
que anda despida a putona:  
se eu disse, que a sua cona  
trazia a borda desfeita,  
já creio, que a tem perfeita,

que estando dos eixos fora,  
quem nela bateu agora,  
agora lha pôs direita.

Em uma direita porta  
feita por bom capinteiro,  
quem nela bateu primeiro  
esse primeiro a entorta:  
mas depois de estar já torta,  
e depois que se entortou,  
o malho, que ali malhou,  
se malhar, e porfiar,  
ou a porta há de quebrar,  
ou o malho a endireitou.

Tudo isto à Zabel se ajeita:  
a borda ia desvairada,  
deram-lhe tanta pancada,  
que isso mesmo a pôs direita  
e a Filha é moça escorreita,  
e basta, que o dissesse eu,  
mas como o mesmo correu,  
e os mesmos passos andou,  
se transes a Mãe passou,  
o mesmo lhe sucedeu.

Se falam de Bibiana,  
tudo Bibiana fora,  
a preta é muito Senhora,  
mas branca, amorosa, humana:  
Maria é mui desumana,  
sacudida, e pespegada,  
e esta cansada jornada,  
que faz ao rio das pedras,  
se faz pelas suas medras  
sei que me deixa por nada.

Por nada, e menos de nada,  
pois por um negro cueiro  
mui negro, e mui lamareiro  
se faz sua camarada:  
o Preto é porra tisonada  
mas sobre ser porra dura,  
é porra dura, que atura,

o Branco mais lindo, e belo  
é porra de caramelo,  
desfaz-se na cozedura.

O medo de vir à Ilha  
foi mui bem considerado,  
pretexto se dá ao pecado,  
da má Mãe nasce a má Filha:  
a mim, não me maravilha,  
que do Branco fuja a Preta;  
mas se a Mãe é tão discreta,  
como não lhe entra no peito,  
que aqui se me tem respeito,  
ou por branco, ou por poeta.

Quem olhos levantaria  
para Maria João,  
vendo, que no coração  
trago a João, e a Maria?  
escusas de cada dia  
são sempre, as que dá uma puta,  
e por dar fim à disputa,  
vão embora por seu pé  
aos montes de Gelboé,  
que cá não me falta fruta.

Siris nem moles, nem duros  
tocam a tão alta saia,  
que isto de ir servir à praia,  
são serviços de monturos:  
lavar serviços impuros,  
como é serviço do mar,  
isto mesmo é mariscar,  
e as negrinhas desta Ilha  
mariscam por maravilha  
só por nos maravilhar.

Se quis esses bons siris,  
que não lhes nego a bondade,  
bem sabe a minha vontade,  
que os há cá muito gentis:  
e se por lisonja o fiz,  
e os pedi por agradar,  
a quem tem gosto de os dar,

agora me emendarei,  
e jamais os pedirei  
às Negras de mariscar.

Esta Maria João  
de conselhos bem guiada  
está bem aconselhada  
mas põe sempre a mão no chão:  
se os conselhos, que lhe dão,  
lhos dá, quem os há mister,  
triste da pobre mulher,  
que há de obrar pelo conselho  
do pobre cueiro velho,  
que não tem, o que há mister.

### **RETIRA-SE O POETA E DESCREVE POR CONSOANTES FORÇADOS DE QUE MANEIRA**

Depois de consoarmos um tramoço,  
A noite se passou jogando a polha,  
Amanheceu, e pôs-se-nos a olha  
De que não sobejou caldo, nem osso.

Reinou, por não ficar-lhe nada, o Moço,  
De um berro, que lhe dei, fiz-lhe uma bolha,  
Rasguei-lhe uma camisa ainda em folha,  
E a ceia se acabou, jantar, e almoço.

O Moço tal se despediu por isso,  
E eu fiquei a beber vinho sem gesso  
Sobre ovos moles, que me pus um uço.

Neste tempo topei com amor e enguiço,  
Tive com Antonica o meu tropeço,  
E parti de carreira no meu ruço.

### **OS SEUS DOCES EMPREGOS - A FREIRA: RALO, RODA E GRADE**

No dia em que o Poeta empreendeu galantear uma Freira no mesmo convento  
se lhe pegou o fogo na cama.

(Manuel Pereira Rabelo, licenciado).

Alto: vou- me meter Frade  
na ordem de Fr. Tomás,  
serei perpétuo lambaz  
do ralo, da roda, e grade:  
mamarei paternidade,  
Deu gratias se me dará,  
e apenas se me ouvirá  
o estrondo do meu tamanco,  
quando a Freira sobre o banco  
no ralo me aguardará.

### **ÀS RELIGIOSAS QUE EM UMA FESTIVIDADE, QUE CELEBRARAM, LANÇARAM A VOAR VÁRIOS PASSARINHOS**

Meninas, pois é verdade,  
não falando por brinquinhos,  
que hoje aos vossos passarinhos  
se concede liberdade:  
fazei-me nisto a vontade  
de um passarinho me dar,  
e não o deveis negar,  
que espero não concedais,  
pois é dia, em que deitais  
passarinhos a voar.

### **A D. MARTA DE CRISTO PRIMEIRA ABADESSA DO DESTERRO GALANTEIA O POETA OBSEQUIOSAMENTE**

Ilustríssima Abadessa,  
generosa Dona Marta,  
que inda que nunca vos vi,  
vos conheço pela fama.  
Um ludíbrio da fortuna,  
epílogo de desgraças  
se oferece a vossos pés,  
para beijar-vos as plantas.  
E bem, que a tão breve pé  
sobra uma boca tamanha,  
que mal me estará fazer-vos  
as adorações sobradas.  
Que dissera eu, se vos vira



a beleza dessa cara,  
dos corações doce enleio,  
suave encanto das almas?  
Mas já que nunca vos vi,  
por não ter dita tão alta,  
a informação, que tirei,  
para desejar-vos basta.  
Vós sois, Senhora Abadessa,  
fruto de tão nobre planta,  
que se não nascêreis vós,  
mal pudera outro imitá-la.  
O que vos peço, é querer-vos  
ou que me dêsseis palavra  
de consentir, que vos queira,  
que é dom, que não custa nada.  
Eu sou um conimbricense  
nascido nestas montanhas,  
e sobre um ovo chocado  
entre gemas, e entre clara.  
Servi a Amor muitos anos,  
e como sempre mal paga,  
tenho a alma sabichona  
já de muito escarmentada.  
Não tenho medo de vós,  
que não sois das namoradas,  
dadas a mui pretendidas  
pelo meio de falsárias.  
Sois uma Freira mui linda,  
bem nascida, e bem criada.  
e o gabo não vos assuste,  
que ninguém gorda vos chama.  
A este pobre fradulário  
dai qualquer favor por carta,  
porque no tardar do prêmio  
não perigue a esperança.

**CELEBRA O POETA O CASO, QUE SUCEDEU A UMA FREIRA DO MESMO  
CONVENTO A QUEM OUTRAS FREIRAS TRAVESSAS LHE MOLHARAM O  
TOUCADO, COM QUE PRETENDIA FALAR À SUA AMANTE**

Pelo toucador, clamais,  
e em confusão me meteis,  
porque se enxuto o quereis

como sobre ele chorais?  
quanto mais suspiros dais,  
novos extremos fazendo,  
vai vosso dano crescendo,  
e é mui mal desperdiçado  
sobre a perda do toucado  
andar pérolas perdendo:

Mas um peito lastimado,  
que tem em pouco essas sobras,  
dirá, pois chora por dobras,  
que o deixem chorar dobrado:  
ditoso o vosso toucado  
nas lágrimas, que chorastes,  
pois tão bem desempenhastes  
as vezes, que vos ornou,  
que se até aqui vos toucou,  
de pérolas o toucastes.

Porventura, Nise, achais,  
que mais bela a touca estava  
ao tempo, que vos toucava,  
do que agora a toucais?  
não vedes, não reparais,  
que aqueles vãos ornamentos  
umedecidos, e lentos  
de aljôfares derretidos,  
o que estão de mui caídos,  
isso têm de mais alentos?

Chorais com razão tão pouca,  
que estão todos murmurando,  
que andais as toucas lançando  
não mais que por uma touca  
se por Sílvia ides louca,  
porque arnante vos anele,  
e mais por vós se desvele,  
vinde à grade destoucada,  
e verá, que de empenhada  
botais as toucas por ele.

Inundais as escarlatas  
à guisa da bela aurora,  
como se mui novo fora,

que água se banhem patas:  
se as Professas, ou Donatas,  
que as patas vos mergulhararn  
tanto a peça celebraram,  
zombai das suas invejas,  
não se gabem malfazejas,  
que de patas nos viraram.

#### **A D. CATERINA PRELADA, QUE FOI NO MOSTEIRO DE ODIVELAS, E AGORA PORTEIRA PEDE O POETA UMA GRADE**

Parabém seja à vossa Senhoria  
Ser da Chave dourada dessa glória,  
Que há de dar-nos sem obra meritória  
Por graça só da sua fidalguia.

Se, quando o céu monástico regia,  
Deixou de seu juízo tal memória,  
Quanto mais, que o reger, dará vã glória  
Estar abrindo a glória cada dia.

Qualquer alma, que à glória se avizinha,  
Contente aceita, alegre se acomoda  
Com toda glória não: c'uma casinha.

Não dê Vossenhoria a glória toda,  
Mas bem vê, que à crueldade se encaminha,  
Que, sendo Caterina, dê a roda.

#### **REPETIU O POETA A MESMA ROGATIVA DEPOIS DE ALGUM TEMPO**

Minha Senhora Dona Caterina,  
Posto que montam pouco os meus engodos,  
Agora os junto, e os engrazo todos,  
Chamando a minha Mãe minha Menina.

Já sabeis, que me faz fome canina  
Lise, de cujos agradáveis modos  
Não são para servir de seus apodos  
Os astros dessa esfera cristalina.

Tratai de me fartar esta vontade

em uma grade, como em uma boda,  
Que é pouco em cada mês uma só grade.

Pois toda a Mãe seus Filhos acomoda,  
Adverti, que parece crueldade,  
Que sendo Caterina deis a roda.

**NO DIA EM QUE O POETA EMPREENDEU GALANTEAR UMA FREIRA DO MESMO  
CONVENTO SE LHE PEGOU O FOGO NA CAMA, E INDO APAGAR-LO, QUEIMOU  
UMA MÃO**

Ontem a amar-vos me dispus, e logo  
Senti dentro de mim tão grande chama,  
Que vendo arder-me na amorosa flama,  
Tocou Amor na vossa cela o fogo.

Dormindo vós com todo o desafogo  
Ao som do repicar saltais da cama,  
E vendo arder uma alma, que vos ama,  
Movida da piedade, e não do rogo

Fizestes aplicar ao fogo a neve  
De uma mão branca, que livrar-se entende  
Da chama, de quem foi despojo breve.

Mas ai! que se na neve Amor se acende,  
Como de si esquecida a mão se atreve  
A apagar, o que Amor na neve incende.

**QUEIXA-SE UMA FREIRA DAQUELA MESMA CASA, DE QUE SENDO VISTA UMA  
VEZ DO POETA, SE DESCUIDAVA-SE DE À TORNAR A VER**

Quem a primeira vez chegou a ver-vos,  
Nise, e logo se pôs a contemplar-vos,  
Bem merece morrer por conversar-vos,  
E não pode viver sem merecer-vos.

Não soube ver-vos bem, nem conhecer-vos  
Aquele, que outra vez deseja olhar-vos,  
Pois não caiu nos riscos de tratar-vos,  
Quem quer, que lhe queirais por já querer-vos.

Essas luzes de amor ricas, e belas  
Vê-las basta uma vez, para admirá-las,  
Que vê-las outra vez, será ofendê-las.

E se por resumi-las, e contá-las,  
Não se podem contar, Nise, as estrelas,  
Nem menos à memória encomendá-las.

#### **A UMA FREIRA QUE NAQUELA CASA SE LHE APRESENTOU RICAMENTE VESTIDA, E COM UM REGALO DE MARTAS**

De uma rústica pele, que antes dera  
A um bruto monte, fez regalo Armida,  
Por ser na fera a gala conhecida,  
Como na condição já dantes era.

Menos que Armida já se considera  
Ser a fera, pois perde a doce vida  
Por Armida cruel: e esta homicida  
Por vestir a fereza, despe a fera.

Se era negra, e feroz por natureza,  
Com tal mão animada a pele goza  
De um cordeirinho a mansidão, e a alvura.

Oh que tal é de Armida a mão formosa!  
Que faz perder às feras a fereza,  
E trocar-se a fealdade em formosura.

#### **A OUTRA FREIRA, QUE SATIRIZANDO A DELGADA FISIONOMIA DO POETA LHE CHAMOU PICA-FLOR**

Se Pica-flor me chamais,  
Pica-flor aceito ser,  
mas resta agora saber,  
se no nome, que me dais,  
meteis a flor, que guardais  
no passarinho melhor!  
se me dais este favor,  
sendo só de mim o Pica,  
e o mais vosso, claro fica,  
que fico então Pica-flor.

**QUEIXA-SE O POETA DAS FUNDADORAS, QUE VIERAM DE ÉVORA, POR NÃO  
PODER CONSEGUIR ALGUM GALANTEIO NAQUELA CASA, E SEREM SOMENTE  
ADMITIDOS FRADES FRANCISCANOS**

Estamos na cristandade?  
Sofrer se há isto em Argel,  
que um convento tão novel  
deixe um leigo por um Frade?  
que na roda, ralo, ou grade  
Frades de bom, e mau jeito  
comam merenda e eito,  
e estejam a seu contento  
feitos papas do convento,  
porque andam co papo feito?

Se engordar a fradaria  
a esta cidade os trouxeram,  
melhor fora, que vieram,  
sustentar a Infantaria:  
que importa, que cada dia  
façam obras, casas fundem,  
se os Fradinhos as confundem  
por modo tão execrando,  
que quanto elas vão fundando,  
tudo os Frades lhes refundem.

Pelo jeito, que isto leva,  
cuidam, que em Évora estão,  
onde de Inverno, e Verão  
se põem os marrões de ceva:  
nenhuma jamais se atreva  
sob pena de excomunhão  
a cevar o seu marrão,  
que se em tais calamidades  
me asseguram, que são Frades  
arto em cevá-los lhe irão.

Sirvam-se do secular,  
que ali está o garbo, o asseio,  
o primor, o galanteio,  
a boa graça, o bom ar:  
a este lhe hão de falar

à grade, ao pátio, ao terreiro,  
que o secular todo é cheiro,  
e o Frade a mui limpo ser,  
sempre há de vir a feder  
ao cepo de um Pasteleiro.

Em chegando à grade um Frade  
sem mais carinho, nem graça,  
o braço logo arregaça,  
e o trespassa pela grade:  
e é tal a qualidade  
de qualquer Frade faminto,  
que em um átomo sucinto  
se vê a freira coitada  
como um figo apolegada,  
e molhada como um pinto.

O secular entendido,  
encolhido e mesurado  
não pede de envergonhado,  
não toma de comedido:  
cortesmente de advertido,  
e de humilde cortesão  
declara a sua afeição,  
e como se agravo fora,  
chama-lhe sua Senhora,  
chama-lhe, e pede perdão.

Mas o Frade malcriado,  
o vilão, o malhadeiro  
nos modos é mui grosseiro,  
nos gostos mui depravado:  
brama, qual lobo esfaimado,  
porque a Freira se destape,  
e quer, porque nada escape,  
levar logo a causa ao cabo,  
e fede como o diabo  
ao budum do trape-zape.

Portanto eu vos admoesto,  
que o mimo, o regalo, o doce  
o secular vo-lo almoce,  
que a um Frade basta um cabresto:  
toda Freira de bom gesto

se entregue em toda a maneira  
a um leigo, que bem lhe queira,  
e faltando ao que lhe pedem,  
praza a Deus, que se lhe azedem  
os doces na cantareira.

**REPETE A QUEIXA INCREPANDO AS CONFIANÇAS DE FR. TOMÁS  
D'APRESENTAÇÃO, QUE SE INTROMETIA SOFREGAMENTE NAQUELA CASA,  
ONDE O POETA JÁ TINHA ENTRADA COM D. MARIANA, FREIRA, QUE  
BLASONANDO SUAS ESQUIVANÇAS LHE HAVIA DITO, QUE SE CHAMAVA  
ORTIGA**

Nenhuma Freira me quer  
de quantas tem o Desterro,  
porque todas são do ferro  
de Fr. Burro de Almister:  
que me dá do seu querer,  
se eu também nenhuma quero:  
mas o rostinho severo  
de Sórora Madama Urtiga,  
porque me há de dar fadiga,  
se tão rendido o venero.

Que tem Freirinhas tão belas  
cos pobres dos seculares,  
que a todos lançam azares,  
e nunca a sorte cai nelas:  
deve de vir das estrelas  
de algum signo peçonhento,  
que abaixo do firmamento,  
onde jaz o Escorpião,  
lhos influi um Fradalhão,  
que lhes domina o convento.

Alto: vou-me meter Frade  
na ordem de Fr. Tomás,  
serei perpétuo lambaz  
do ralo, da roda, e grade:  
mamarei paternidade,  
Deu gratias se me dará,  
e apenas se me ouvirá  
o estrondo do meu tamanco,  
quando a Freira sobre o banco



no ralo me aguardará.

Daí para a grade iremos,  
e apenas terei entrado,  
quando o braço arregaçado  
aos ofícios nos poremos:  
e quando nos não chegemos  
(porque o não consentirá  
a grade, que longe está)  
o seu, e o meu coração,  
porque vá de mão em mão,  
irá na barca da pá.

Pela pá irá o meu zás,  
e o seu pela pá virá,  
e à força de tanta pá  
viveremos sempre em paz:  
serei o maior mangaz,  
que passou de leigo a demo,  
e a Frade, que é mor extremo,  
e será por meu sojorno  
a pá para ela de forno,  
e pá para mim de remo.

Então me virá buscar  
a Senhora Dona Urtiga,  
Deu gratias, meu Fr. Fustiga,  
Deu gratias Sor Rosalgar:  
então me hei de pôr a olhar,  
e tão grave me hei de pôr,  
que quando me diga Amor,  
esta é a Freira, que dei,  
dir-lhe-ei, já me purguei,  
e evacuei esse humor.

A fé Sórora Mariana,  
que tanto me hei de vingar,  
que eu mesmo hei de perguntar  
pela Freira soberana:  
e há de dizer vossa Mana  
(digo Sórora Florencinha)  
Senhor Doutor, esta é minha  
Irmã, a quem você quis,  
e hei de dizer-lhe, mentis,

que esta é uma coitadinha.

Não sabeis, Sórora Florença  
não sabeis diferenciar  
um Frade de um secular?  
pois é esta a diferença:  
tendo o leigo a capa imensa  
como homem racional  
nada lhe parece mal,  
toda a Freira é uma flor:  
mas em sendo Frei Fedor,  
a melhor é um cardal.

### **A MESMA FREIRA D. MARIANA PELO MESMO CASO DE SE HAVER APELIDADO URTIGA**

Como vos hei de abrandar,  
se dizeis, que sois Urtiga  
salvo se vos açoutar,  
porque então heis de ficar  
mais branda que uma bexiga.

Outro remédio melhor  
sei eu para a formosura,  
que faz gala do rigor,  
e é não a querer, que amor  
se vê, que vos faz mais aura.

Mas se isto de não querer-vos,  
a dureza há de abrandar-vos,  
sempre hei de vir a perder-vos,  
que o mesmo é morrer de ver-vos,  
que morrer de não falar vos.

Com que a cura de meu mal  
é amar, calar, sofrer  
que quando o mal é mortal,  
se à vida é prejudicial,  
será remédio o morrer.

Eu morro de vos querer,  
e tanto em morrer persisto,  
que podereis vos fazer,

que não ficasse malquisto  
o venturão de vos ver.

Pois sabida a minha morte,  
e a sua causa sabida,  
fugindo vós de corrida,  
todos terão por má sorte  
ver-vos, e perder a vida.

Mas eu, que do mal de amor  
faço tanta estimação,  
não hei de queixar-me não  
de tão formoso rigor,  
nem de tão bela afeição.

Antes morte tão luzida  
com tal gosto a ela corro,  
que temo, minha homicida,  
que me torne dar a vida  
o prazer, com que me morro.

**QUEIXA SE O POETA A MESMA FREIRA DE SUAS  
INGRATIDÕES DESPRIMOROSAS, IMITANDO A D. TOMÁS DE NORONHA EM  
UM SONETO, QUE FEZ A CERTA FREIRA, QUE PRINCIPIA "SÓROR DONA  
BARBARA"**

Senhora Mariana, em que vos pês,  
Haveis de me pagar por esta cruz,  
Porque nisto de cornos nunca os pus,  
E sei, que me pusestes mais de três.

Não sei, quem vos tentou, ou quem vos fez  
Cruel, que rigor tanto em vós produz,  
Pois convosco não val, e em mim não luz  
Fé de Tudesco, e amor de Português.

Se contra vós algum delito fiz,  
Que do vosso favor fora me traz,  
Vós não podeis ser Parte, e mais Juiz.

Não queirais dar contudo a trasbarrás,  
Nem vos façais de mim xarrisbarris,

Que me armeis por diante, e por detrás.

**À MESMA FREIRA JÁ DE TODO MODERADA DE SEUS ARRUFOS E  
CORRESPONDENDO AMANTE AO POETA**

A bela composição  
dos dous nomes, que lograis,  
bem explica, o que cifrais  
nessa rara perfeição:  
porque sendo em conclusão  
por Maria Mar, e sendo  
Graças por Ana, já entendo,  
que quem logra a sorte ufana  
de estar vendo a Mariana  
um mar de graça está vendo.

**À MESMA FREIRA EM OCASIÃO, QUE O POETA À OUVIU CANTAR COM  
AQUELA ESPECIAL GRAÇA QUE PARA ISSO TINHA**

Oh quem de uma Águia elevada  
tivera uma pena! eu creio,  
que só então com fortuna  
descrevera a sol tão belo.  
Porém se tenho de Fênix  
as penas dentro em meu peito  
pelo abrasado, em que vivo  
sejam chamas, quanto escrevo.  
Mas não: sejam lavaredas  
à vista desse luzeiro,  
que a vista de sol tão claro  
escurece um vivo incêndio.  
Contudo se o desafogo  
se permite a todo o peito,  
por não estalar esta alma,  
coração, desabafemos.  
Convosco falo, Senhora,  
de minhas atenções centro,  
que a voz de um vale humilhado  
também chega ao monte excelso  
Recebi o sacrifício  
de um profundo rendimento,  
que as Deidades soberanas

aceitam toscos obséquios.  
Não culpeis esta ousadia,  
nem crimineis tanto excesso  
que o destino de alta estrela  
me influi um amante excesso.  
Vi esse pasmo, que adoro,  
ouvi a voz, que venero,  
de ver fiquei sem sentido,  
e de ouvir sem pensamentos.  
Por ouvir fico enlevado,  
e por ver fico suspenso,  
se o ver me prendeu o corpo,  
o ouvir a alma me tem preso.  
Um pasmo de formosura  
do corpo é somente enleio,  
e a voz mais doce, e canora  
é só d'alma firme emprego.  
Mas ser cantora suave,  
e ser gentil com portento  
é ser labirinto, e pasmo  
d'alma, e corpo ao mesmo tempo.  
Porém se em laços tão doces  
for eterno prisioneiro,  
não terão prêmio mais alto  
meus firmíssimos intentos.  
No nome sois mar de graça,  
de prendas sois mar imenso,  
não permitais, que naufrague  
meu amor sem ter remédio.  
Concedei-me um mar bonança,  
porto seguro, e sereno,  
que a esperança de servir-vos  
é âncora de querer-vos.  
Na firmeza sou penhasco,  
mas pronto a qualquer aceno,  
por isso as ondas mais brandas  
desse mar serei ligeiro.  
O vento do vosso agrado  
sopra sobre mim preceitos,  
serei baixel, que obediente  
voe como um pensamento.  
Seguirei o vosso norte,  
e por navegar direito,  
só esse sol seja o astro,

que eu observe com empenho.  
Não haverá tempestade,  
por brabo que sopra o vento,  
que obrigue a mudar de rumo,  
quando em vosso mar navego.  
Venham pois de vossas luzes  
os mais brilhantes reflexos,  
porque possa encher a altura  
da viagem dos afetos.  
Mandai, que a vossa presença  
chegar possa a salvamento,  
pois ao mar dessas ternuras  
com vento em popa navego.

### **À MESMA FREIRA MANDANDO-LHE UM PRESENTE DE DOCES**

Um doce, que alimpa a tosse,  
cousa muito grande era,  
se eu não trocara, e pudera  
a doçura pelo doce:  
se quisera Amor, que eu fosse  
tão digno, e tal me fizera,  
que juntos vos merecera  
ora o doce, a doçura ora,  
maldita a minha alma fora,  
se tudo vos não comera.

Mas há grande distinção.  
e discrímen temerário  
entre os doces de um almário,  
e as doçuras de uma mão:  
e quem é tão sabichão  
destro no ré mi fá sol  
mal pode errar, em seu prol,  
quando sabe, que a doçura  
se se come, é por natura,  
e os mais doces por bemol.

O que enfim venho a dizer,  
é, que se à minha ventura  
negais comer da doçura,  
doces não hei de comer:  
não hei de troca fazer,

mais que a palos me moais,  
e se comigo apertais,  
que os vossos doces almoce,  
é fazer-me a boca doce,  
quando a mim é por demais.

Trocai o doce em favor,  
e curai meu mal tão grave  
co'aquela ambrósia suave,  
com que foi criado o Amor:  
o néctar será melhor,  
que destilam vossas flores,  
que são tão secos favores  
são de amor efeitos pecos,  
tão mais são amores secos,  
como são secos amores.

#### **AO MESMO ASSUNTO**

Senhora minha: se de tais clausuras  
Tantos doces mandais a uma formiga,  
Que esperais vós agora, que vos diga,  
Se não forem muchisimas doçuras.

Eu esperei de amor outras venturas:  
Mas ei-lo vai, tudo o que é de amor, obriga,  
Ou já seja favor, ou uma figa,  
Da vossa mão são tudo ambrósias puras.

O vosso doce a todos diz, comei-me,  
De cheiroso, perfeito, e asseado,  
E eu por gosto lhe dar, comi, e fartei-me.

Em este se acabando, irá recado,  
E se vos parecer glutão, sofrei-me,  
Enquanto vos não peço outro bocado.

#### **A OUTRA FREIRA QUE ESTRANHOU AO POETA SATIRIZAR AO PE. DAMASO DA SILVA, DIZENDO-LHE QUE ERA UM CLÉRIGO TAM BENEMÉRITO, QUE JÁ ELA TINHA EMPRENHADO, E PARIDO DELE**

Confessa Sor Madama de Jesus,

Que tal ficou de um tal Xesmeninês,  
Que indo-se os meses, e chegando o mês,  
Parira enfim de um Cônego Abestruz.

Diz, que um Xisgaravis deitara à luz  
Morgado de um Presbítero montês,  
Cara frisona, garras de Irlandês  
Com boca de cagueiro de alcatruz.

Dou, que nascesse o tal Xisgaravis,  
Que o parisse uma Freira: vade in paz,  
Mas que o gerasse o Senhor Padre! arroz

Verdade pois o coração me diz,  
Que o Filho foi sem dúvida algum trás,  
Para as barbas do Pai, onde se pôs.

#### **A UMA FREIRA QUE IMPEDIU A OUTRA MANDAR UM VERMELHO AO POETA DE PRESENTE, DIZENDO, QUE À HAVIA SATIRIZAR**

Ó vós, quem quer que sejais,  
que nem o nome vos sei,  
Freira, a quem nunca falei,  
e tão mal de mim falais:  
porque à fome me matais,  
sem vos dar motivo algum?  
pois querendo mandar-me um  
vermelho uma Freira guapa,  
vós me destes sem ser paga  
esse dia de jejum.

Não quisestes porfiosa,  
que se me mandasse o peixe,  
formando para isso um feixe  
de razões de bem má prosa:  
a Freirinha era medrosa,  
e vós, que o peixe intentastes  
livrar de tantos contrastes,  
de sátiro me arguístes,  
e satírica não vistes,  
que então me satirizastes.

Sendo o conselho tão tosco,



tão bem a Freira o tomou,  
que o peixe me não mandou,  
por não se espinhar convosco:  
mas vós que tendes conosco,  
comigo, e minha talia?  
e se o peixe vos doía,  
em que eu agora me escaldo,  
se o fazíeis pelo caldo,  
o caldo eu vo-lo daria.

Oh: faz a um cuspir no chão  
uma sátira o Doutor:  
satiriza um Pica-flor,  
quanto mais a um peixarrão:  
homem de tal condição  
não se lhe dá de comer,  
e tem pouco que entender,  
que o Doutor já fraco, e velho  
se há de comer o vermelho  
por força o há de morder.

Pois destes tão mal conselho,  
rogo ao demo, que vos tome,  
por deixar morrer à fome  
um pobre faminto velho:  
rogo ao demo, que ao seu relho  
vos prenda com força tanta,  
que nunca arredeis a planta,  
e que a espinha muita, ou pouca,  
que me tirastes da boca,  
se vos crave na garganta.

Assim como isto é verdade,  
que pelo vosso conselho  
perdi eu o meu vermelho,  
percai vós a virgindade:  
que vo-la arrebate um frade;  
mas isto que praga é?  
praza ao demo, que um cobé  
vos plante tal mangará,  
que parais um Paiaíá,  
mais negro do que um Guiné.

## A CERTA FREIRA QUE EM DIA DE TODOS OS SANTOS MANDOU A SEU AMANTE GRACIOSAMENTE POR PÃ POR DEUS UM CARÁ

No dia em que a Igreja dá  
pão por Deus à cristandade,  
tenho por má caridade  
dares vós, Freira, um cará:  
se foi remoque, oxalá,  
que vos deem a mesma esmola,  
que não há mulher tão tola,  
que por mais honesta, e grave,  
não queira levar o cabe,  
se pôs descoberta a bola.

Descobristes a intenção,  
e o desejo revelastes,  
quando o cará encaixastes,  
a quem vos pedia o pão:  
como quem diz: meu Irmão,  
se quem toma, se obrigou  
a pagar, o que tomou,  
vós obrigado a pagar-me,  
ficais ensinado a dar-me  
o cará, que vos eu dou.

Levado desta sequela  
promete o mancebo já  
de dar-vos o seu cará,  
porque fique ela por ela:  
se consiste a vossa estrela  
em dar, o que heis de tomar,  
cará não há de faltar,  
porque o Moço não repara  
em levar a cópia, para  
o original vos tornar.

Se assim for, que assim será,  
fareis um negócio raro,  
porque um cará não é caro  
se por um outro se dá:  
e pois o quer pagar já  
sem detença, e com cuidado,  
se o quereis ver bem pagado,  
há de ser com tal partido,

que por um cará cozido  
leveis o meu, que anda assado.

Vós pois me haveis de dizer  
(assentado este negócio)  
se quereis fazer socrócio,  
porque comigo há de ser:  
de carás heis de cozer  
uma boa caldeirada,  
e de toda esta tachada  
tal conserva heis de tomar,  
que vos venhais a pagar  
do cará co caralhada.

### **A OUTRA FREIRA QUE MANDOU AO POETA UM CHOURIÇO DE SANGUE**

Conta-se pelos corrilhos  
que o Pelicano às titelas  
sustenta como morcelas  
a puro sangue a seus filhos:  
vós, Dona Fábria Carrilhos,  
se bem cuidado, e não me engano,  
deveis de ser Pelicano,  
que enchestes este chouriço  
com o sangue alagadiço  
desse pássaro magano.

Com que este chouriço gordo,  
tão gordo, e especiado  
um filho vosso é criado  
co sangue do vosso tordo:  
porém tomou mau acordo,  
quem quer que o empapelou,  
e a dar-mo vos obrigou,  
pois não tem caminho enfim,  
mandares-me o filho a mim,  
que outro Pai vos encaixou.

O que me dita o toutiço,  
é, que o paio se mediu;  
e por onde este saiu,  
pode entrar qualquer chouriço:  
dizeis, que vos não dá disso,

e eu creio, se vos não dá,  
mas alguém vo-lo dará,  
e que fora o meu quisera,  
porque se fartara, e enchera  
do sangue, que vai por lá.

Comi o chouriço cozido  
com sossego, e sem empenho,  
porque outro chouriço tenho  
para pagar o comido:  
vós tendes melhor partido,  
mais liberal, e mais franco,  
pois como em real estanco  
tal seguro vos prometo,  
que por um chouriço preto  
heis de levar o meu branco.

Sobre vos aventejar  
nas cores desta trocada,  
vós destes-me uma talhada,  
e eu todo vo-lo hei de dar:  
se cuidais de mo cortar,  
ele é duro de maneira  
que a faca mais cortadeira  
não fará cousa, que importa,  
que o meu chouriço o não corta,  
salvo um remoque de Freira.

Eu o dou por bem cortado  
deste primeiro remoque,  
que ao vosso mais leve toque  
fique de todo esgorado:  
então o vosso cuidado  
vendo, que tanto me emborco,  
e inda assim vos não emporco,  
terá por cousa do Olimpo,  
que a tripa de um homem limpo  
se dê por tripa de porco.

Muito me soube atalhada  
do chouriço inda que preto,  
e a ser todo vos prometo,  
que a ceia fora dobrada:  
mas fora mais acertada

cousa, e de menos trabalho  
que dando-vos nisto um talho,  
uma linguiça vos cangue,  
que o chouriço coalha o sangue,  
e a linguiça leva o alho.

Eu sou tão bom conselheiro,  
que heis de escolher, o que digo,  
porque quem fala comigo,  
escolhe em um tabuleiro:  
se vos for mais lisonjeiro  
o chouriço, que a linguiça,  
dou gosto, e faço justiça:  
mas bem sabe quem se abrocha,  
que o chouriço a boca atocha,  
e a linguiça o fogo atiça.

### **PANÇA FARTA E PÉ DORMENTE**

Descreve o Poeta as festas...

(Manuel Pereira Rabelo, licenciado).

Que bem bailam as Mulatas,  
que bem bailam o Paturi

### **DESCREVE A CONFUSÃO DO FESTEJO DO ENTRUDO**

Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas,  
Galinhas, porco, vaca, e mais carneiro,  
Os perus em poder do Pasteleiro,  
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas.

Enfarinhar, pôr rabos, dar risadas,  
Gastar para comer muito dinheiro,  
Não ter mãos a medir o Taverneiro,  
Com réstias de cebolas dar pancadas.

Das janelas com tanhos dar nas gentes,  
A buzina tanger, quebrar panelas,  
Querer em um só dia comer tudo.

Não perdoar arroz, nem cuscuz quente,  
Despejar pratos, e alimpar tigelas,  
Estas as festas são do Santo Entrudo.

### **DESCREVE A JOCOSIDADE, COM QUE AS MULATAS DO BRASIL BAILAM O PATURI**

Ao som de uma guitarrilha,  
que tocava um colomim  
vi bailar na Água Brusca  
as Mulatas do Brasil:  
Que bem bailam as Mulatas,  
que bem bailam o Paturi!

Não usam de castanhetas,  
porque c'os dedos gentis  
fazem tal estropeada,  
que de ouvi-las me estrugi:  
Que bem bailam as Mulatas,  
que bem bailam o Paturi.

Atadas pelas virilhas  
c'uma cinta carmesim,  
de ver tão grandes barrigas  
lhe tremiam os quadris.  
Que bem bailam as Mulatas,  
que bem bailam o Paturi.

Assim as saias levantam  
para os pés lhes descobrir,  
porque sirvam de ponteiros  
à discípula aprendiz,  
Que bem bailam as Mulatas,  
que bem bailam o Paturi.

### **DESCREVE O POETA UMA JORNADA, QUE FEZ AO RIO VERMELHO COM UNS AMIGOS, E TODOS OS ACONTECIMENTOS**

Amanheceu finalmente  
o Domingo da jornada  
co'a mais feia madrugada,  
que viu nunca o Oriente:

bufava o Sul de valente,  
de soberbo o mar roncava,  
ninguém a briga apartava,  
e eu perplexo, mudo, e quedo  
entre valor, e entre medo  
em salgo, y no salgo estava.

Resolvi-me, e levantei-me,  
posto que o quente da cama  
com Gonçalo, e com sua ama  
dizendo estava, comei-me:  
vesti-me, e aderecei-me:  
batem os pais de ganhar,  
mandei-lhes abrir, e entrar,  
estava a rede à parede,  
e em pondo o vulto na rede,  
comecei de caminhar.

Ceguei a São Pedro, e em vão  
busquei os mais companheiros,  
que devendo ir os primeiros,  
não tinham ido até então:  
entrei na imaginação  
de se acaso me enganassem,  
e acaso as bestas faltassem,  
que havia eu de fazer,  
e foi fácil resolver,  
que por bestas lá ficassem.

Assim o cri, e era assim,  
pois o pouco espaço andado  
veio o Jardim esbofado  
mais rosado, que um jardim:  
não vem mais outro rocim?  
lhe perguntei com desdém:  
ele respondeu, não vem;  
estive aguando os canteiros,  
e não acho os companheiros,  
pois não me cheira isto bem.

Isto dito, assoma o Freitas,  
e eu disse entre duvidoso,  
o Gil é-me belicoso  
mas tem cara de maleitas:

chegou, e as minhas suspeitas  
veio tanto a confirmar,  
que disse, que o seu tardar  
fora causado, e nascido  
de o rocim lhe haver fugido,  
indo ao Tororó parar.

Quem deu tão ruim conselho  
(disse eu) a esse catrapó,  
pois quer ir ao Tororó,  
antes que ao Rio Vermelho?  
mas um cavalo tão velho,  
que já por cerrado perde,  
que muito, que se deserde  
do vermelho, e seus primores,  
se deixa todas as cores  
um cavalo pelo verde.

Que é do Gil? não aparece.  
E o Guedes? fica sem besta.  
Eia pois, vamo-nos desta,  
que o sol trepa, e a calma cresce;  
quem não aparece, esquece;  
vamo-nos sem conclusão;  
com que eu na rede um cação,  
e os dous nas duas cavalas  
fazíamos duas alas,  
e as alas meio esquadrão.

Assim fomos caminhando  
sobre os dous cavalos áscuas  
alegres como uas páscoas,  
ora rindo, ora zombando:  
eu que estava perguntando  
pela viola, ou rabil,  
quando ouvimos bradar Gil,  
que recostado à guitarra  
garganteava a bandarria  
letrilhas de mil em mil.

Olá, ô! chegou o Tudesco:  
e já ele entre nós vinha  
posto sobre uma tainha,  
feito Arião ao burlesco:



riu-se bem, falou-se fresco,  
e eu da viola empossado  
cantava como um quebrado.  
tanguia como um crioulo,  
conversava como um tolo,  
e ria como um danado.

Apertamos logo o trote,  
e em breve fomos chegados,  
onde éramos esperados  
pelo ilustre Dom Mingote:  
ali o nosso sacerdote,  
vendo a nova arquitetura  
da casa da Virgem pura,  
se apeou por venerá-la,  
os mais puseram-se em ala,  
passei eu, e houve mesura.

Tornamos a cavalgar,  
e vendo tão pouco siso,  
tomou o dia tal riso,  
que se pôs a escangalhar:  
parou tudo em chuveirar,  
e os malditos cavaleiros  
picaram tanto os sendeiros  
que eu mesmo não entendia,  
que sendo cavalaria,  
fugissem como piqueiros.

Eu fiquei com minha mágoa  
solitário, e abrasado,  
dando-me pouco cuidado,  
que a rede nadasse em água:  
por seu ofício se enxágua  
toda a rede nágua clara,  
e se esta se não molhara,  
com abalo, ou sem abalo  
nem eu vira o São Gonçalo,  
nem também jantar pescara.

Orvalhado um tanto, ou quanto  
o santo me agasalhou,  
e logo a chuva passou,  
que foi milagre do santo:

tratava-se no entretanto  
da missa, e estando esperando,  
ali vieram chegando  
duas belezas ranhosas,  
sempre à vista bexigosas,  
e feias de quando em quando.

Para a missa do Santinho  
mui pouco vinho se achou,  
e ele fez, que inda sobrou,  
porque é milagroso em vinho:  
tomamos dali o caminho  
para o porto das jangadas  
ver as casas afamadas  
do nosso Domingos Borges,  
que sem levarmos alforjes  
nos pôs as panças inchadas.

Gil, que é tão folgazão  
se foi ao pasto folgar,  
e se outra cousa há de achar,  
achou um camaleão:  
lançou-lhe intrépido a mão,  
e com pulsos tão violentos  
cortou ao bruto os alentos,  
que depondo o bruto a ira  
disse, que depois o vira,  
pelo Gil bebia os ventos.

Deu-nos gosto, e prazer arto  
um caçador tão gentil,  
porque vimos, que era o Gil  
mais lagarto, que o lagarto:  
e assim como estava farto  
de vento o camaleão,  
Gil assim de presunção  
tão inchado estava, e duro,  
que foi força dar-lhe um furo  
para ter evacuação.

Sopas de leite almoçamos,  
e logo o Guedes chegou,  
que nem pão, nem leite achou,  
e achou, que o apregoamos:

mas todos depois jantamos  
uma olha imperial,  
e houve repolho fatal  
ensopado, e não de azeite  
com pratos de arroz de leite,  
e vontade garrafal.

Já levantados da mesa  
se quis cantar, senão quando  
a pança me estava impando  
a goela entupida, e presa:  
eu tenho esta natureza,  
que depois de manducar  
não me é possível piar:  
será, porque certarnente  
pança farta, e pé dormente,  
como é adágio vulgar.

Sesteamos no areal  
onde o mar por mazumbaia  
refrescando estava a praia  
com borrifos de cristal:  
a onda piramidal,  
que nos ares se desata,  
descaindo em grãos de nata  
pedia por bom conselho,  
que em vez de Rio Vermelho  
lhe chamem Rio da Prata.

O Sol vinha já descendo  
por graus, ou degraus do Céu,  
e a todos nos pareceu  
o irmo-nos acolhendo:  
foram-se os rocins prendendo,  
e selados, e enfreados,  
alons dissemos a brados  
já postos nos cavaleiros,  
e alvoroçando os caminhos  
chegando, fomos chegados.

**SEGUNDA FUNÇÃO QUE TEVE COM ALGUNS SUJEITOS NA ROÇA DE UM  
AMIGO JUNTO AO DIQUE, ONDE TAM BEM SE ACHOU O CELEBRADO ALFERES**

## TEMUDO, E SEU IRMÃO O DOUTOR PEDRO DE MATOS, QUE ENTÃO ANDAVA MOLESTO DE SARNAS

Fez-se a segunda jornada  
da comédia, ou comedia,  
que inda nos deu melhor dia,  
do que a jornada passada:  
vimos a mesma selada,  
e de vinho a mesma cópia,  
de ovos maior cornucópia  
que a de Almatéia florida,  
e sendo a mesma comida,  
contudo não era a própria.

Já Pedro esperava adrede  
da culatra tão sarnento,  
que embalançando-se ao vento  
era um cação em rede:  
versos a matéria pede,  
me disse a sua lazéria,  
e se os faço com miséria,  
não se espante, quem os lê,  
de que tanta sarna dê  
(se é podre) tanta matéria.

Cantou-se galhardamente  
tais solos, que eu disse, ô  
que canta o pássaro só,  
e os mais gritam na semente:  
tocou-se um som excelente,  
que Arromba lhe vi chamar,  
saiu Temudo a bailar,  
e Pedro, que é folgazão  
bailou com pé, e com mão,  
e o cu sempre num lugar.

Pasmei eu da habilidade  
tão nova, e tão elegante,  
porque o cu sempre é dançante  
nos bailes desta cidade:  
mas em tal calamidade  
tinha Pedro o cu sarnudo,  
que dando de olho, ao Temudo  
disse pelo socarrão,

assim tivera o cu são,  
como tenho o cu sisudo.

Pôs-se a mesa, e escabelos,  
foram seguindo-se os pratos,  
que eram tanto à vista gratos,  
como ao gasnate eram belos:  
Pedro se pôs a lambê-los,  
e dando-se a Berzabu  
de não beber com Jelu  
o licor, que o entorpeça,  
porque o que dá na cabeça,  
temeu, lhe desse no cu.

Não quis o cu inflamar,  
por isso bebeu só água,  
do que nós com grande mágoa  
nos pusemos a chorar:  
este fim teve um folgar  
de tanto gosto, e alinho,  
de que eu colho, e esquadrinho  
a exemplo da vida breve,  
que quem rindo o vinho bebe,  
chorando desbebe o vinho.

#### **DESCREVE A CAÇADA QUE FIZERAM COM ELE SEUS AMIGOS NA VILA DE S. FRANCISCO À UMA PORCA REBELDE**

Amanheceu quarta-feira  
com face serena, airosa  
o famoso André Barbosa  
honra da nossa fileira;  
por uma, e outra ladeira  
desde a marinha até a praça  
nos bateu com tanta graça,  
que com razões admirandas  
nos tirou dentre as holandas  
para levar-nos à caça.

O lindo Afonso Barbosa,  
que dos nobres Francas é,  
por Filho do dito André  
rama ilustre, e generosa:  
já da campanha frondosa

os matos mais escondidos  
alvoroçava a latidos,  
quando nós de mal armados  
à vista dele assentados  
nos vimos todos corridos.

Rasgou um porco da serra,  
e foi tal a confusão,  
que em sua comparação  
menino de mama é a guerra:  
depois de correr a terra,  
e de ter os cães cansados  
com passos desalentados  
à nossa estância vieram,  
onde casos sucederam  
jamais vistos, nem contados.

Estava eu de uma grimpa  
vendo a caça por extenso,  
não a fez limpa Lourenço,  
e só a porca a fez limpa:  
porque como tudo alimpa  
de cães, e toda a mais gente,  
Lourenço intrepidamente  
se pôs, e ao primeiro emborco  
mão por mão aos pés do porco  
veio a cair sujamente.

Tanto que a fera investiu,  
tentado de valentão  
armou-se-lhe a tentação,  
e na tentação caiu:  
a espada também se viu  
cair na estrada, ou na rua,  
e foi sentença comua,  
que nesta tragédia rara  
a espada se envergonhara  
de ver-se entre os homens nua.

Lourenço ficou mamado,  
e inda não tem decidido  
se está pior por ferido  
da porca, se por beijado:  
má porca te beije — é fado

muito mau de se passar,  
e quem tal lhe foi rogar,  
foi com traça tão sutil,  
que a porca entre Adônis mil  
só Lourenço quis beijar.

Lourenço, na terra jaz,  
e conhecendo o perigo  
deu à porca mão de amigo,  
com o que se punha em paz:  
a porca, que é contumaz,  
e estava enfadada dele,  
nenhuma paz quis com ele,  
mas botando-lhe uma ronca  
por milagre o não destronca,  
e inda assim chegou-lhe à pele.

la Inácio na quatrilha,  
e tão de Atônis blasona,  
que diz, que a porca fanchona  
o investiu pela barguilha:  
virou-lhe de sorte a quilha,  
que cuidei, que o naufragava:  
porém tantos gritos dava,  
que infeliz piloto em charco  
a vara botava o barco,  
quando o porco a lanceava.

Inácio nestes baldões  
teve tanto medo, e tal,  
que aos narizes deu sinal  
de mau cheiro dos calções:  
trouxe na meia uns pontões  
tão grandes, e em tal maneira,  
que à guerra hão de ir por bandeira,  
onde por armas lhe dão  
em escudo lamarão  
uma porca costureira.

Miguel de Oliveira ia  
com dianteira alentada,  
de porcos era a caçada,  
e o que fez, foi porcaria:  
quando o bruto o investia,

ele com pé diligente  
se afastava incontinenti,  
com que o julgas desta vez  
por mui ligeiro de pés,  
e de mãos por mui prudente.

Pissarro sobre um penedo  
vendo a batalha bizarra  
era Pissarro em piçarra,  
que val medo sobre medo:  
nunca vi homem tão quedo  
em batalha tão campal;  
porém como é figadal  
amigo, hei de desculpá-lo,  
com que nunca fez abalo  
to seu posto um General.

Frei Manuel me espantou,  
que o demo o ia tentando,  
mas vi, que a espada tomando  
logo se desatentou:  
incontinenti a largou,  
porque soube ponderar,  
que ficava irregular  
matando o animal na tola,  
de que só o Mestre-Escola  
o podia dispensar.

O Vigário se houve aqui  
c'uma tramóia aparente,  
pois fingiu ter dor de dente,  
temendo os do Javali:  
porém folga, zomba, e ri  
ouvindo o sucesso raro,  
e dando-lhe um quarto em claro  
os amigos confidentes,  
à fé, que teve ele dentes  
para comer do Javaro.

Cosme de Moura esta vez  
botou as chinelas fora,  
como se ver a Deus fora  
sobre a sarça de Moisés:  
tudo viu, e nada fez,



tudo conta, e escarnece,  
com que mais o prazer cresce,  
quando o remedo interpreta  
Lourenço, a quem fez Poeta  
um amor, que o endoudece.

Silvestre neste dia  
ficou metido num nicho,  
porque como a porca é bicho,  
cuidou, que sapo seria:  
mas agora quando ouvia  
o desar dos derrubados,  
mostrava os bofes lavados  
de puras risadas morto,  
porque sempre vi, que um torto  
gosta de ver corcovados.

Bento, que tudo derriba,  
qual valentão sem receio,  
pondo agora o mar em meio,  
fugiu para a Cajaíba:  
não quis arriscar a giba  
nos afilados colmilhos  
de Javardos tão novilhos,  
e se o deixa de fazer,  
por ter filhos, e mulher,  
que mau é dar caça aos filhos?

Eu, e o Moraes as corridas  
por outra via tomamos,  
e quando ao porco chegamos,  
foi ao atar das feridas:  
co as mentiras referidas  
de uma, e outra arma donzela  
se nos deu a taramela;  
nós calando, só dissemos,  
se em taverna não bebemos,  
ao menos folgamos nela.

**DESCREVE O PERIGO EM QUE O PÔS NA ILHA DE Me. DE DEUS UMA VACA FURIOSA CHAMADA CAMISA, INDO DIVERTIR-SE AO CAMPO COM UM IRMÃO DO VIGÁRIO**

Tem Lourenço boa a taca,  
fomos tourear ao pasto,  
e depois de tanto gasto  
o tourinho era uma vaca  
Lourenço na sombra opaca  
de um pé de limões grosseiro,  
eis a vaca pelo cheiro  
deu com ele, e ele então  
por não morrer na prisão  
arrombou o Limoeiro.

Tomou da praia o retorno,  
porque o morrer melhor é  
na reponta da maré  
do que na ponta de um corno:  
eu com notável sojorno  
numa capoeira estava,  
vendo, em que o caso parava,  
e a vaca com seu focinho  
me tratou como a ratinho;  
pois qual gato me miava.

Temi logo a malquerença  
da vaca tão marralheira,  
e o medo me deu em reira,  
que é melhor do que em corrença:  
rompi pela mata densa,  
e dei com meu envoltório  
de um vale no território,  
tomando por meu sossego,  
não las de Vila Diego,  
mas as de Vila Gregório.

Subi num monte comprido,  
que do vale é Polifemo,  
que quando uma vaca temo,  
subo mais do que um valido:  
vim à casa espavorido,  
achei Lourenço pasmado,  
mudo, e desassisado,  
e eu disse: se escapo, vaya,  
que quem fugiu pela praia,  
força é que esteja areado.

Deu-se-nos grande matraca,  
e com ser dia de peixe,  
sem que a consciência se queixe,  
todos gostamos da vaca:  
o Padre aguçou a faca,  
e afeioou um bordão,  
e tais ralhos disse então,  
que me convidou enfim  
para diante de mim  
dar na vaca um bofetão.

Mas eu não tornei ao mato,  
e ao Padre, que me chamava,  
respondi, que não gostava  
de vaca, senão no prato:  
e terei por insensato,  
a quem com pau, ou com faca,  
brigar com rês tão velhaca  
a quem razão não convence,  
nem terá prêmio, quem vence  
um touro, se o touro é vaca.

Custódio, que é prudente,  
pacífico, e sossegado,  
topou na costa co gado,  
e entre ele a vaca nocente:  
e em se pondo frente a frente  
a vaquinha, que o aguarda,  
e em dar carreiras não tarda,  
disparou como uma seta,  
com que lhe deu a vaqueta  
mais susto, que uma espingarda.

Tomou o monte de um pulo,  
e deu consigo no vale,  
sem dar jeito, a que o iguale  
a ligeireza de um mulo:  
mas o meu Mestiço fulo  
o emparelhou no correr  
donde veio a suceder,  
que Custódio um pé retroce,  
sendo pé, que se não troce,  
quando o dono o há mister.

A vaca é terror da aldeia,  
pois faz armada de sanha  
praça de armas a montanha,  
e a praça veiga de areia:  
todo o mundo se receia  
de inimiga tão comua,  
porque armada a meia-lua  
parece pelo cruel  
talvez Fatimá de Argel,  
talvez de Salé Gazua.

Não vi vaca tão ousada  
de mais brio, e fantasia,  
pois traz toda a freguesia  
corrida, e envergonhada:  
murmura a gente pasmada,  
que uma vaca parideira  
nos pusesse em tal fraqueira,  
e eu tal medo lhe concebo,  
que, quando o leite lhe bebo,  
me dá logo em caganeira.

Senhor Estêvão, que é dono  
da rês, que o branco divisa,  
já que lhe deu a camisa,  
faça-a mansa como um sono:  
e se não em alto tono,  
quando a vaca se remangue,  
tirei morto ao pé de um mangue,  
que se trata de a manter  
para o leite lhe beber,  
isso é beber-nos o sangue.

O Senhor Domingos Borges,  
que é sujeito de feição,  
se resistir seu Irmão,  
responda-lhe logo: alforjes:  
e tu, vaca, não me forjes  
outra traição mais precisa,  
a passada passe em risa,  
mas se vens noutra ocasião  
a furar-me o casacão,  
hei de rasgar-te a camisa.

## DESCREVE O DIVERTIMENTO QUE TEVE COM ALGUNS AMIGOS INDO AOS CAJUS

Valha o diabo os cajus,  
que a todos tem degradado,  
uns vão caminho das ilhas,  
outros caminho dos campos.  
Assim me coube por sorte  
ir um dia degradado  
para a de Jorge de Sá,  
que é ilha dos meus pecados.  
Saímos com vento em popa,  
mas no mais triste pangaio,  
que nasceu de embarcações,  
de que foi Eva a Nau Argos.  
Desembarcamos em terra,  
e querendo registrar-nos  
com nossas cartas de guia,  
que nos deu o saibam quantos:  
Achamos deserta a ilha  
sem câmara, nem senado,  
que os cajus são restringentes,  
não houve câmara este ano.  
Tornamo-nos a embarcar  
no mesmo triste pangaio  
em demanda de outra ilha,  
em que o degredo compramos.  
Não pudemos tomar terra  
porque era o vento contrário,  
assoprava pelo olho,  
e era o tal olho o do rabo.  
Porque vento tão maldito,  
e tão despropositado  
só por tal olho saíra,  
para nos ir espeidando.  
Tomamos porto na pátria  
depois de tantos trabalhos,  
fomes, que em terra curtimos,  
sustos, que no mar tragamos.  
Fomos mui bem recebidos,  
porque o passado passado,  
e sobre os cargos da culpa

nos deram logo outros cargos.  
Todos saímos com vara,  
como meirinhos do campo  
sobre os pobres dos cajus  
prendendo, e executando.  
Indo a eles uma tarde,  
prendemos quase um balaio,  
outros deixamos pendentos,  
que é o mesmo, que enforcados.  
Os maduros se prenderam,  
que era a ordem, que levamos,  
mas os verdes se enforcaram,  
por serem cajus velhacos.  
O Meirinho-mor do Reino,  
que é Custódio Nunes Daltro,  
não larga a vara, e os cajus  
andam como homiziados.  
Tem uns alcaides pequenos,  
que andam correndo esse campo,  
e vão ligeiros de pé  
por vir pesados de papo.  
Este castigo merece  
Cururupeba afamado,  
porque os engenhos não moem,  
e o rio é, quem paga o pato.  
Em se acabando os cajus,  
as varas vão co diabo,  
salvo formos meirinhar  
aos airus por esses campos.

#### **DESCREVE A VIAGEM, QUE INTITULOU DOS ARGONAUTAS DA CAJAÍBA PARA A ILHA DE GONÇALO DIAS, ONDE COM SEUS AMIGOS IA DIVERTIR-SE**

Era a Dominga primeita  
desta quaresma presente,  
já eu estava na praia,  
seriam seis para as sete.  
Estava o dia formoso  
por ser hora, em que se veste  
a esfera de azul, e ouro  
com seus renglaves de neve.  
A aurora teve bom parto,  
pois botou em tempo breve

um menino como um sol  
para alegria das gentes.  
Gritei eu: ah Sor Gregório,  
ele desperto gritou,  
aqui estou, e Sor Silvestre.  
Só falta o Pissarro moço:  
já foi chamá-lo o moleque,  
e em se juntando conosco  
estamos prestes, e lestes.  
Toda a noite não dormi  
com pensamento no beque,  
que há de levar-nos à ilha,  
onde façamos um frete.  
Não tem, que me despertar,  
que eu escuso, me despertem,  
porque para esta viagem  
estive de acordo sempre.  
Os três à praia chegaram,  
e eu no bergantim co'a gente  
mandei embarcar a todos  
um por um, ele por ele.  
Botamos a Nau no mar  
um bergantim excelente  
nos nossos mares nascido  
obra do estrangeiro mestre.  
O alforje lá me esquecia,  
disse eu, e a vocês lhes esquece:  
mandei logo um negro à casa,  
que fosse num pé, e viesse:  
Veio logo carregado  
o negro com uma serpe  
de bananas, e farinha,  
e al não disse o tal negrete.  
Fomos, e dobrando o mangue  
encontrarnos um banquete,  
em que vem Miguel Ferreira  
cercado de muita gente.  
Alons, alons, lhe dissemos,  
e ele nos disse: salvete,  
trespassamos o saveiro,  
que ia então vendendo azeite.  
Fomos à costa correndo,  
e ajudados da corrente  
de Chico o porto tomamos,

que estava manso, e alegre.  
Tocou-se logo a trombeta,  
que um búzio era potente,  
um sinal de haver chegado  
a capitânia do Ostende.  
Deu-nos uns poucos de apupos,  
e vendo, que Chico desce,  
embarcou-se, e socorreu-nos  
com China, e melado quente.  
Fomos seguindo a viagem  
tão folgazões, tão alegres,  
que até as duas guitarras  
iam folgando de ver-se.  
Assim chegamos à Ilha,  
e sobre areias de neve  
dezoito chancas saltavarn,  
com que a Ilha se estremece.  
Perguntei por Esperança,  
e soube, que estava ausente.  
Chico, que entonces servia  
de guia dos nossos fretes.  
Quis-me eu então repelar,  
tendo pouco, que repele,  
disse mal da minha vida,  
de mim mesmo maldizente.  
Corremos a Ilha toda,  
por sinal, que o bom Silvestre  
fez um letreiro na areia,  
cuja letra isto refere.  
"O Senhor da Ilha é um Asno"  
e foi disto tão contente,  
como se no tal letreiro  
uma asneira não fizesse.  
Nós lhe estranhamos a asneira,  
e ele arreganhando os dentes,  
a celebrou como sua,  
por não ter, quem a celebre.  
Achamos uma Mulata,  
que estava ali num casebre,  
que eu não fretei, por ser Nau  
já carregada por prenhe.  
Tornamo-nos a embarcar  
algum tanto descontentes,



porque em toda a Ilha achamos  
dois maracujás somente.

### **DESCREVE ESTANDO NA CAJAÍBA UMA CAVALHADA BURLESCA, QUE ALI FIZERAM PELO NATAL, UNS FOLGAZÕES**

Veio a Páscoa do Natal,  
primeira, e segunda oitava,  
quando Araújo assentava,  
uma festa garrafal:  
mas a Cajaíba é tal,  
este monte tão mesquinho,  
que para um festim de alinhó  
veio Araújo famoso,  
Paulinho com João Cardoso,  
Carvalho, e Falcão Marinho.

Só cinco em cinco rocins  
foi visto, que em meu sentido  
para o pasto andar corrido  
poucos bastam, se são ruins:  
mas não faltaram malsins,  
entre os quais foi mui notado  
este número apocado:  
e eu tive os homens por loucos,  
pois bons são cavalos poucos  
para o pasto andar folgado.

O Araújo coitado,  
para que nada lhe sobre,  
andou sem freio, que ao pobre  
sempre lhe falta o bocado:  
mas por isso avengejado  
andou à outra parelha,  
mais que aos mais arnês brilhante,  
que Araújo é rocinante,  
que val muito pela ovelha.

João Cardoso à mourisca  
pela encolhida pernetta,  
tanto mais lustra a gineta,  
quanto mais nela se arrisca:  
e bem que de todos trisca,

porque com juízo, e brio  
nunca paga de vazio  
os altos, na refestela  
pagou de vazio a sela  
três vezes, ou quatro a fio.

Paulinho não há alcançá-lo:  
era da festa o enigma,  
e alguém a dizer se anima,  
que indo em mula, ia a cavalo:  
deu-lhe tão pequeno abalo  
o festim burlesco, e rude,  
que nunca obrigá-lo pude  
a fazer largas entradas,  
porque em verdes laranjadas  
era o Juiz da saúde.

O meu cavaleiro foi  
(por me dar maior regalo)  
Carvalho, que ia a cavalo,  
e dava passos de boi:  
mui prenhado "yo no voy,  
estos me leban" dizia;  
tão pouco, e tão mal corria,  
que nem ele se correu,  
nem o pasto floresceu,  
mas sem florescer se ria.

O Marinho andou galhardo,  
tal, que teve desta vez  
o pasto por Aranguês,  
que quer sempre o dia pardo:  
como é Marinho bastardo,  
desprezou seu coração,  
gineta, e bastarda então:  
mas em osso o coitadinho  
nadava como um Marinho.  
voava como um Falcão.

Nas laranjadas folgou-se  
muito bem no meu sentir,  
ia Araújo a cair,  
e por não cair, deitou-se:  
caiu, porém levantou-se

bizarro, e mui animoso,  
para que o povo invejoso  
veja em seu mesmo rencor,  
que se caiu pecador  
se levantou virtuoso.

João Cardoso não quis  
crer, que fora a queda leve,  
e dando uma volta breve,  
a foi medir co nariz:  
achou, que, o que se lhe diz,  
era mentira esbrugada,  
porque de uma laranjada  
quem vai desde a sela ao chão,  
achou pela medição,  
que era a queda mui pesada.

Bem do Marinho se riu,  
quando fez co'a terra escambos,  
porém sendo a terra d'ambos,  
o Marinho não caiu:  
o rocinante, que viu  
com as costelas quebradas  
Araújo às laranjadas,  
rindo não se pôde ter,  
e assim em vez de correr  
se espojou em carcajadas.

Inácio não me lembrou,  
que branco do sobressalto  
antes que entrasse no assalto  
coitadamente arribou:  
no princípio começou  
num cavalo inteiriçado,  
e vendo-se mal parado,  
não quis mais parar ali,  
e dando um homem por si,  
partindo o deixou soldado.

Depois houve laranjadas  
com todos os circunstantes,  
e o que eram laranjas antes,  
vi em risco de punhadas:  
com várias calamocadas

saiu mais de algum mirão,  
e foi tal a confusão,  
que sendo o Falcão previsto,  
e corredor mui bem visto,  
hoje está cego o Falcão!

**DESCREVE UMAS COMEDIAS, QUE NA CAJAÍBA FORAM REPRESENTADAS  
PELOS MESMOS, OU PARTE DELES COM OUTROS DA MESMA CONDIÇÃO**

As comédias se acabaram  
a meu pesar, e desgosto,  
pois para ter, e dar gosto  
tomara eu, que começaram:  
bem os mirões se admiraram,  
e por caminhos umbrosos  
iam dizendo saudosos,  
e cheios de admiração,  
bem haja esta geração  
de Pissarros, e Cardosos.

Não me esquecera em meus dias  
a boa arte, e disciplina,  
com que a Madre Celestina  
fazia as feitiçarias:  
nas suas astrologias  
usava de tais cautelas,  
que diziam as Donzelas,  
o Gregório em todo o caso  
por evitar um fracasso  
domina sobre as estrelas.

Dizem, formosas, e feias  
mulheres de todo o estado,  
que o Carvalho no tablado  
chove-lhe a graça às mãos cheias:  
ele é velhaco de meias,  
ora santo, ora velhaco,  
e eu, que o vi vestido em saco,  
disse logo espavorido.  
basta, que foi Deus servido  
fazer um santo de um caco?

Não me esqueça o Azevedo,  
porque posto no tablado  
rebertolou de atinado,  
porque ora é manso, ora azedo:  
a nenhum outro concedo  
ser homem tão peregrino,  
tão geral, e tão divino,  
pois a dizer me provoca,  
que traz por língua na boca  
as folhas do calepino.

Ninguém o pode entender,  
e eu muito menos o entendo,  
e só ele compreendo,  
que o não posso compreender:  
o que tem, que agradecer,  
é o prazer, e o bom ar,  
com que se vem ofertar,  
porque em todas as jornadas  
quer, que lhe deem as pancadas,  
porém não as quer levar.

Ele é um lindo rapaz,  
e o primeiro filho de Eva,  
que dá gosto, quando leva  
muito mais que quando traz:  
mas o Carvalho sagaz,  
que lhe sabe das manqueiras,  
lhe sacode as costaneiras,  
porque quando desentoa,  
dá-lhe uma má, e outra boa  
com talos de bananeiras.

Inácio é grande estudante,  
e nos mostrou tão bom fio,  
que do seu jeito confio,  
que há de ser grande farsante:  
para moço principiante  
nos deu bastante regalo,  
e nas comédias, que falo,  
como nas mais, que hão de haver,  
a muitos há de exceder  
sim por vida de Gonçalo.

Veio a festa a se acabar,  
e eu, que lhe vim assistir,  
estou cansado de rir,  
mais do que de trabalhar:  
agora entendo passar  
à Catala, que é buçaco,  
porque em lugar tão opaco  
a todos dê, que entender,  
depois das comédias ver,  
ir vê-las por um buraco.

**DESCREVE OUTRA COMEDIA QUE FIZERAM NA CIDADE OS PARDOS NA  
CELEBRIDADE COM QUE FESTEJARAM A NOSSA SENHORA DO AMPARO,  
COMO COSTUMAVAM ANUALMENTE**

Grande comédia fizeram  
os devotos do Amparo,  
em cujo lustre reparo,  
que as mais festas excederam:  
tão eficazes moveram  
ao povo, que os escutou,  
que eu sei, quem ali firmou.  
que se ainda agora vivera  
Viriato, não pudera  
imitar, quem o imitou.

O Sousa a puro valor,  
e a puro esforço arrojado  
não pode ser imitado,  
de quem foi imitador:  
e bem que a arte maior  
não chega, por ser ficção,  
a natural perfeição,  
tanto a arte aqui o fazia,  
que o natural não podia  
igualar a imitação.

As Damas com galhardia  
altivas, e soberanas  
muito excedem as Romanas  
na pompa, e na bizzarria:  
cada qual me parecia  
tão Dama, e tão gentil Dama,

que quando Lucinda em chama  
de amor fingida se viu,  
eu sei, que se não fingiu,  
quem por ela então se inflama.

Mais airosa do que linda  
Laura no toucado, e pêlo  
não foi pouco parecê-lo,  
sendo à vista de Lucinda:  
tanto me namora ainda  
a idéia do seu ornato,  
que em fé de tanto aparato  
meu requebro lhe dissera,  
e ciúmes lhe tivera  
de afeição de Viriato.

O Inácio a puro sal  
tanta graça em si acrisola,  
que podem pedir-lhe esmola  
marinhas de Portugal:  
nele a graça é natural,  
naturalíssima a cara,  
e eu de riso arrebentara,  
se me não fora mister  
toda a tarde ali viver  
porque dele me lograra.

O nosso Juiz passado,  
que Salema aqui se diz,  
como foi mui bom Juiz,  
também foi mui bem julgado:  
em passos, gasto, e cuidado  
se houve com tanto fervor,  
que merece em bom primor  
não ser só Juiz do Amparo,  
mas por único, e por raro  
ser do Amparo Julgador.

**DESCREVE COM ADMIRÁVEL PROPRIEDADE OS EFEITOS, QUE CAUSOU O  
VINHO NO BANQUETE, QUE SE DEU NA MESMA E;ESTA ENTRE AS JUÍZAS, E  
MORDOMAS ONDE SE EMBEBEDARAM**

No grande dia do Amparo,  
estando as mulatas todas  
entre festas, e entre bodas,  
um caso sucedeu raro:  
e foi, que não sendo avaro  
o jantar de canjirões,  
antes fervendo em cachões,  
os brindes de mão em mão  
depois de tanta razão  
tiveram certas razões.

Macotinha a foliona  
bailou robolando o cu  
duas horas com Jelu  
mulata também bailona:  
senão quando outra putona  
tomou posse do terreiro,  
e porque ao seu pandeiro  
não quis Macota sair,  
outra saiu a renhir,  
cujo nome é Domingueiro.

Por Macotinha tão rasa  
de putinha, e mais putinha,  
que a pobre Macotinha  
se tornou de puta em brasa:  
alborotando-se a casa  
as mais se foram erguendo,  
mas Jelu, ao que eu entendo,  
é valente pertinaz,  
lhe atirou logo um gilvaz  
de unhas abaixo tremendo.

A mim com punhos violentos  
(gritou a Puta matrona)  
agora o vereis, Putona,  
zás, e pôs-lhe os mandamentos:  
e com tais atrevimentos  
a Jelu se enfureceu,  
que indo sobre ela lhe deu  
punhadas tão repetidas,  
que ficando ambas vencidas,  
cada qual delas venceu.



Acudiu um Mulatete  
bastardo da tal Domingas,  
e respingas, não respingas  
deu a Mulata um bofete:  
ela, fervendo o muquete,  
deu c'o Mulato de patas,  
eis aqui vêm as Sapatas,  
porque uma é sua madrinha,  
e todas por certa linha  
da mesma casa mulatas.

Chegou-se a tais menoscabos  
que segundo agora ouvi,  
havia de haver ali  
uma de todos os diabos:  
mas chegando quatro cabos  
de putaria anciana,  
a Puta mais veterana  
disse então, que não cuidava,  
que tais efeitos causava  
vinhaça tão soberana.

Sossegada a gritaria  
houve mulata repolho,  
que, o que bebeu por um olho,  
pelo outro o desbebia:  
mas se chorava, ou se ria,  
jamais ninguém compreendera,  
se não se vira, e soubera  
pelo vinho despendido,  
que se tinha desbebido,  
quanto vinho se bebera.

Tal cópia de jeribita  
houve naquele folguedo,  
que em nada se tem segredo,  
antes tudo se vomita:  
entre tantas Mariquita  
a Juíza era de ver,  
porque vendo ali verter  
o vinho, que ela comprara,  
de sorte se magoara,  
que esteve para o beber.

Bertola devia estar  
faminta, e desconjuntada,  
pois vendo a pendência armada,  
tratou de se caldear:  
bebeu naquele jantar  
sete pratos não pequenos  
de caldo, e sete não menos  
de carne, e é de reparar  
que a pudera um só matar,  
e escapar de dois setenos.

Maribonda, minha ingrata  
tão pesada ali se viu,  
que desmaiada caiu  
sobre Luzia Sapata:  
viu-se uma, e outra Mulata  
em forma de Sodomia,  
e como na casa havia  
tal grita, e tal contusão  
não se advertiu por então  
o ferrão, que lhe metia.

Teresa a da cutilada  
de sorte ali se portou,  
que da bulha se apartou,  
porque era puta sagrada:  
da pendência retirada  
esteve num canto posta,  
mas com cara de Lagosta  
trocava com muita graça  
o vinho taça por taça,  
a carne posta por posta.

Enfim, que as Pardas corridas  
saíram com seus amantes,  
sendo, que no dia d'antes  
andavam elas saídas:  
e sentindo-se afligidas  
do já passado tinelo,  
votaram com todo anelo  
emenda à Virgem do Amparo,  
que no seu dia preclaro

nunca mais bodas al cielo.

**DESCREVE OUTRA FUNÇÃO IGUAL, QUE NO SEGUINTE ANO ESTAS, E OUTRAS  
MULATAS DA MESMA CONDIÇÃO FIZERAM A. N. SENHORA DE GUADALUPE**

Tornaram-se a emborrachar  
as Mulatas da contenda,  
elas não tomam emenda,  
pois eu não me hei de emendar:  
o uso de celebrar  
àquela Santa, e a esta,  
com uma, e com outra festa  
não é devoção inteira,  
é papança, é borracheira  
dar de cu, cair de testa.

Bebeu Pelica, um almude,  
e não faltou, quem notasse,  
que mil saúdes tragasse;  
e ficasse sem saúde:  
caiu como em ataúde,  
sendo mortalha as anáguas,  
e eu entrei num mar de mágoas  
vendo a casaca, que era  
finíssima primavera,  
ficar chamalote d'águas.

Vomitou toda a casaca,  
e as Mulatas desconvinham  
que umas por vômito o tinham  
outras o tinham por caca:  
levou sobre isto matraca  
entre riso, e murmurinho,  
e a carinha com focinho  
lhe armou de grande altivez,  
mas resvelando-lhe os pés  
nadou em mares de vinho.

Angelinha aquela posta  
manjuba de palafréns,  
jogando fortes vaivéns  
ao vomito estava posta:  
com máscara de lagosta

ora arrotava, ora impava;  
tomando puxos estava  
até que a hora chegou,  
não pariu, mas vomitou,  
porque tudo então trocava.

A Filha da Mangalaça  
de cuxambre tão maldito  
indo a parir; o Hermanito  
viu que o parto era vinhaça:  
chorou tão grande desgraça  
a triste da Macotinha,  
vendo, que a sua Madrinha  
ao botar o tal monstrinho  
parira como com vinho,  
porém não como convinha.

Anastácia a dos corais,  
que fornicando a gandaia  
para botar uma saia  
mete sete oficiais:  
bebeu tanto mais que as mais  
borrachas desta folia  
que cada qual lhe dizia  
que os oficiais chamava  
quando uma saia botava,  
chamasse, quando bebia.

Brazia, que a meu entender  
por bonita, e por galharda  
excedia a toda a Parda  
em cara, como em beber:  
depois de muito comer  
bebia com tanto afinco,  
que dando às demais um trinco,  
constou, que de seis frasqueiras  
mui cheias, e muito inteiras  
só ela bebera as cinco.

Helena, o cu de borralho,  
asmática, porém gorda,  
se ensopou como uma torda  
na sorda de vinho, e alho:  
tiveram grande trabalho

as mais em a levantar,  
sem poder-se averiguar,  
se era odre, ou se penedo,  
e estando neste segredo  
ela o veio a vomitar.

A Agueda do Michelo,  
que tampouco se recata,  
nem merece ser Sapata,  
que entre todas é chinelo:  
assentada no tinelo  
dava aos sorvos tal carreira,  
que disse uma companheira,  
que a tirassem com presteza,  
por não haver em tal mesa  
azeitona sapateira.

Tomou a Garça no ar  
a Sapata incontinenti,  
e indo arreganhar-lhe o dente,  
não teve, que arreganhar:  
porém por se desquitar  
foi-se bailar o cãozinho,  
e como sobre o moinho  
levou tantas embigadas,  
deu em sair às tornadas  
a puro vômito o vinho.

Ninguém com Marta Soares  
quer trocar odre por odre,  
porque de podre, e mais podre  
não há distinção de azares:  
os copos de vinho a pares  
e aos nones a água bebia,  
que Deus para ela não cria  
água de rios, nem fontes,  
e havendo de andar por pontes,  
pelos de vinho andaria.

Vem Luzia sacrifício  
Juíza de refestela  
Agrela, que já não grela,  
por ser puta d'abinitio  
deu um jantar, que era vício

rodava o Santos licor,  
e a negra serva do amor  
gritava com saia verde,  
aqui-d'El-Rei, que se perde  
a roupa de meu Senhor.

Assim pois se embebedaram  
a Mestiça, e a Mulata,  
todos tomaram a gata,  
só as Gatas não tomaram:  
bem fizeram, bem andararn  
em não irem à função:  
porque se me caem na mão,  
(como as outras que beberam)  
então viram, e souberam  
que sou para um gato, um cão.

A Gaguinha celebrada  
se afastou desta folia,  
dizendo que não queria  
com Marinículas nada:  
entendida, e engraçada  
respondeu, por vida minha,  
por saber que não convinha,  
que a vinhaça moscatel  
graduasse em Bacharel  
quem fora sempre Gaguinha.

Inácia, chamada Ilhoa  
para cada beижarrão  
não bastava um canjirão  
com sopas de pão, e broa:  
bebeu vinho de Lisboa,  
bebeu do Porto, e Canárias,  
e vendo, que em copas várias  
outras o bebem do Beja,  
disse picada de inveja,  
ó Virgem das Candelárias!

A Surda, que gaga é,  
escutando estas plegárias  
da Virgem das Candelárias,  
chamou a de Nazaré:  
que licor é este, que

converte esta mulatinha?  
bendita seja esta vinha,  
que deu tão santo licor,  
que para dar-lhe o louvor  
se esgotou a ladainha.

Acabado o tal banquete  
sem mais, nem mais dilação  
foi-se um, e outro putão,  
atrás do seu pontalete:  
deixararn saia, e traquete,  
dentro na casa fechada;  
e lá pela madrugada,  
veio a negra da Juíza  
e não achando a camisa  
gritou que estava roubada.

Voto solene fizeram  
ouvindo da negra os brados  
dizendo foram pecados,  
que na festa cometeram:  
porque a virgem a quem disseram,  
que aquela festa faziam,  
lhe ouviram, quando bebiam  
dizer a senhora então;  
que não se servia, não,  
do modo com que serviam.

Elas já em seu juízo  
(se de seu juízo têm)  
dizem, que o ano que vem  
haverá festa de siso:  
que hão de olhar seu perjuízo,  
sua honra, e opinião;  
de putaria, isso não,  
mas, eu por certas sequelas  
não me ficarei mais nelas  
nem na sua devoção.

**DESCREVE O POETA AS FESTAS DE CAVALO QUE SE FIZERAM NO TERREIRO EM LOUVOR DAS ONZE MIL VIRGENS, SENDO ESCRIVÃO EUSÉBIO DA COSTA REIMÃO FILHO DE MARIA REIMOA; EM QUE ASSISTIRAM ESTES DOIS PRÍNCIPES PAI, E FILHO COM O MAIOR DA NOBREZA NO COLÉGIO DE JESUS**

Clóris, nas festas passadas  
que às virgens são prometidas  
houve quadrilhas corridas  
parentas de envergonhadas:  
porém estas realçadas  
vi neste ano derradeiro:  
pois na esfera do Terreiro  
aparecia um Brandão,  
que correndo exalação,  
acabava cavaleiro.

Com estas aparições  
de cometas tão luzidos,  
nos mirões espavoridos  
eram tudo admirações:  
em máximas conjunções  
de ouro, de prata, e de cores,  
notei que os Festejadores  
faziam com graças sumas  
no ar um jardim de plumas,  
e na terra um mar de flores.

Sua Excelência assistia,  
o Conde, e toda a Nobreza,  
e os padres por natureza  
lhes faziam companhia:  
estava sereno o dia,  
a esfera toda anilada,  
a água do mar estanhada,  
brando o vento e lisonjeiro,  
e contudo no Terreiro  
houve muita carneirada.

Enfim a festa passada  
tão cheia de cavaleiros,  
se a fizeram dois Barbeiros,  
não seria mais sangrada:  
ali vi dar cutilada,  
que todo o vento dissipa,  
do bruto, que a participa,  
e eu disse, pasmado e absorto,  
que a catana era do Porto,



por rilhar sempre na tripa.

Logo e da primeira entrada  
houve jogo de manilha,  
que para isso a quadrilha  
pêlo lindo era pintada:  
quem lhe dava uma encontrada,  
tudo então nos agradava,  
pois conforme ouvi julgar  
ali entre dar, e levar  
pouca vantagem se dava.

Cada qual sem mais tardança,  
à dama a quem mais se aplica,  
levou na ponta da pica,  
o que ganhou pela lança:  
até o Padre Hortolança,  
digo, o Cônego Gonçalo,  
se logrou deste regalo:  
eu só na baralha ingrata,  
não vi manilha de prata,  
que na de ouros já não falo.

Ao Marinho generoso  
o dia franco, e escasso  
concedeu-lhe o Galanaço  
recatando-lhe o ditoso:  
e visto que por airoso  
é o Adônis da quadrilha  
Zundu se lhe rende, e humilha,  
dando-lhe (porque o conforto)  
no cravo a primeira sorte,  
a segunda na manilha.

Barreto alheio do susto,  
que não implica amostrado  
nem ao forte o asseado,  
nem ao galante o robusto:  
luzimento a pouco custo,  
bom ar sem afetação,  
foi julgado, em conclusão,  
que a destreza o não desvela,  
pois sem cuidado na sela,  
caía no capressão.

Muito Eusébio se desvela  
em correr mais que ninguém,  
e por correr sempre bem  
nunca se assentou na sela:  
como há de sentar-se nela,  
se correr só pretendia  
tão propriamente o fazia,  
que se assentar, e correr  
não podem juntos caber,  
não se assentava, corria.

O valoroso Muniz  
em gala, cavalo, e arreio,  
quanto ganhou pelo asseio,  
o perdeu pelo infeliz:  
o que eu vi, e a terra diz,  
é que de muito adestrado,  
andou tão aventejado,  
que a voz do povo levou,  
com que desde então deixou  
o Povo mudo, e pasmado.

Outro Muniz valentão  
o fez tão perfeitamente,  
que sendo em sangue parente  
era na destreza Irmão:  
pelo forte em conclusão  
deixou de si tal memória,  
que por sua, e nossa glória,  
(deixando aos demais em calma)  
fez pouco em levar a palma,  
sendo filho da Vitor

Do Bolantim a cavalo  
dizia o Povo gostoso,  
que era da festa o gracioso,  
e eu digo que era o badalo:  
quem chegou a ponderá-lo  
correndo sobre a Rucina,  
revirar a culatrina,  
perni-aberto para o ar,  
a que o pode comparar  
mais que a um sino que se empina?

Ao Araújo famoso  
no princípio da carreira,  
resvelou-lhe a dianteira  
o cavalo furioso:  
cego, arrojado e fogoso,  
entre uns baetas meteu-se:  
quem sentado estava, ergueu-se:  
porém o baixel violento  
como ia arrasado em vento,  
deu nuns bancos, e perdeu-se.

Caído o moço infeliz,  
houve grita e alarido,  
sendo que cai o entendido  
em tudo, que se lhe diz:  
ergueu-se em menos de um triz,  
e pondo-se na vareda  
correu com cara tão leda,  
que causou admiração  
em todos; porque já então  
tinha ele com todos queda.

Um sobrinho do Frisão  
ao cheiro acudiu dos patos,  
porque é em públicos atos  
mui ousado um patifão:  
presa a rédea a um arpão,  
nos estrivos dois arpéus  
pus eu os olhos nos céus,  
e disse que bem podiam  
louvar a Deus, os que viam  
a cavalo um Louva-Deus.

Uma aguilhada por lança  
trabalhava a meio trote,  
qual o Moço de Dom Quixote,  
a que chamam Sancho Pança:  
na cara infame confiança,  
na sela infame pernetta,  
e com tramóia discreta,  
ia sobre o seu jumento  
pelo arreio, e nascimento  
à bastarda e à gineta.

Ele andou tão desestrado,  
que para dar-lhe sentido  
o cavalo era o corrido,  
e ele o desavergonhado:  
estava o Frisão pasmado  
de gosto babando o freio,  
por ser de razão alheio  
ver-se com tão pouco abalo  
não no centeio a cavalo,  
mas no cavalo o centeio.

A este filho universal,  
com três Pais e três Padrastos  
todo vestido de emprastos,  
se emprastado o mesmo val:  
se seguia um cirragal,  
de quem tomavarn modelos  
para a corcova os camelos,  
cuja perna dobradiça  
sempre a memória me atiça  
da rua dos cotovelos.

No Menino Ascânio falo,  
que o Pai Enéias a murro  
devendo de o pôr num burro  
o deixou pôr a cavalo:  
este menino ia ao galo  
e encontrou-se co'a galhofa,  
onde servira de mofa,  
os dias, que ali gastara,  
se um braço lhe não quebrara,  
e o mandaram numa alcofa.

Lá vem o Chico às carreiras  
dando esporadas cruéis,  
numa sela de arambéis  
vestido de bananeiras:  
nas Laranjadas primeiras  
teve tão adversa estrela,  
que caiu na esparrela,  
não como Rola, em verdade,  
porque a queda foi de frade,  
pois logo agarrou da sela.

Às festas não deu desmaio  
nenhum destes entremezes,  
que não há ouro sem fezes,  
nem comédia sem lacaio:  
qualquer correu como um raio  
e fez sua obrigação,  
exceto o boi do sertão,  
sendo, que alguém lhe cobiça  
o resistir à justiça,  
e dar co'a força no chão.

O lindo Eusébio da Costa  
escrivão das onze mil,  
por assombrar o Brasil  
fez tudo de sobre-aposta:  
c'os passados deu à costa,  
e excedeu a toda a lei:  
e assim eu sempre direi  
hoje e em toda a ocasião,  
que o ser por Costa Reimão  
lhe vem por ter mão de Rei.

**AS FESTAS DE CAVALO QUE FEZ NO TERREIRO ESTRONDOSAMENTE GONÇALO RAVASCO CAVALCANTE SINGULAR JUIZ DAS ONZE MIL VIRGENS COM ASSISTÊNCIA DESTE PRÍNCIPE, A QUEM O POETA OBSEQUIA, REMOQUEANDO A SEU ANTECESSOR: COMO TAMBÉM OBSEQUIA A ANDRE CAVALO, E OUTRAS PESSOAS NOMEADAS**

Foi das Onze mil Donzelas  
Juiz o Juiz mais nobre  
de quantos no Brasil cobre  
o manto azul das estrelas:  
nesta festa sem cautelas  
gastou com liberal mão,  
e para mais devoção  
usar de Escrivão não quis,  
sendo o primeiro Juiz,  
que serviu sem escrivão.

Bem mostra, que de Bernardo  
tem herdado o natural,  
além de ser principal  
o seu ânimo galhardo:

aplausos grandes aguardo,  
e de Camena melhor,  
que publiquem seu primor,  
que a minha Talia nova  
hoje admirações aprova  
por mais heróico louvor.

Seis dias de cavaleiros  
houve com bastante graça,  
foram bons, e maus à praça  
em ginetes, e sendeiros:  
também houve aventureiros,  
prêmios, e mantenedor,  
touros, que foi o melhor,  
porém sem ferocidade,  
que os touros nesta cidade  
não são de muito furor.

E pois coronista sou  
desta grã festividade,  
tenho de falar verdade,  
e dizer, o que passou:  
agaste-se, quem andou  
mal, que a mim se me não dá:  
sem saber, não foram lá,  
e se lhe der isto espanto,  
quando eu fizer outro tanto,  
também de mim falará.

Bem sei, que é culpa fatal,  
e contra a razão soçobra  
dizer mal, de quem bem obra,  
e bem, de quem obra mal:  
mas nesta festa cabal  
com meu fraco entendimento  
aos cavaleiros intento  
julgar sem ódio nenhum,  
aplaudindo a cada um  
conforme o merecimento.

Nestes dias festivos  
com suma gala, e grandeza  
assistiu toda a nobreza  
dos homens mais principais:

Ministros, e Oficiais  
de guerra e Damas mui belas,  
que em palanques, e janelas  
mostravam com arrebol,  
que estando ali posto o sol,  
bem podiam ser estrelas.

Posto o sol ali se via  
porém com notável gosto,  
quando vi, que era o sol posto,  
mais o Terreiro luzia:  
dois sóis postos na Bahia  
vi com diferença atroz,  
um Saturno, que se pôs  
outro posto na janela,  
Sol de luz mais clara, e bela,  
que hoje nasce para nós.

Desterrando sombras mil  
de um sol, que causou desmaios,  
nasce com benignos raios  
este Sol para o Brasil:  
oh quem tivera a sutil  
de Apolo Lira discreta,  
da Fama aguda Trombeta,  
para que pudesse ousado  
sem temor, nem perturbado  
descrever este Planeta.

Mas é fraco o meu engenho,  
para de um Sol sem desmaios  
querer ventilar os raios,  
quando olhos d'águia não tenho;  
e se a tão sublime empenho,  
(onde o mais sábio delira)  
meu pensamento subira,  
logo dessa esfera clara  
como Faetonte rodara,  
ou como Ícaro caíra.

Quando o Planeta maior  
à vista humana se expõe,  
é, que a seus raios se opõe,  
atrevido algum vapor:

e se neste sol melhor  
 nenhuns eclipses se veem,  
 não se atreverá ninguém  
 (sem ter de néscio desmaios)  
 querer contemplar os raios  
 esclarecidos, que tem.

Quando da estéril Mulher  
 nasceu o maior do mundo,  
 admirações, e profundo  
 pasmo veio a gente ter:  
 e se com João nascer  
 houve tanta admiração:  
 à Bahia outro João  
 sol de claro nascimento  
 nasce com merecimento  
 pare a mesma suspensão.

E como não pasmarei  
 eu, e este Povo também  
 de ter por General, quem  
 cetro merece de Rei?  
 pois a ventura, e a lei  
 divina dispôs, Senhor,  
 o seres Governador,  
 contudo sabemos nós,  
 que um foi dos vossos Avós  
 de Pedro progenitor.

Daquele em tudo primeiro  
 João, em nada segundo  
 sois, e bem conhece o mundo,  
 descendente verdadeiro:  
 também da casa de Aveiro  
 muita nobreza alcançais:  
 Alencastre vos chamais  
 de Duarte Inglês potente  
 claríssimo descendente,  
 Silva sois, e nada mais.

Com branca, e encarnada pluma  
 galã vestido de verde,  
 que inda a esperança não perde  
 do neto da clara espuma:



Capitão de graça suma  
André Cavallo saiu:  
logo o Povo se sentiu,  
porque de incidente novo  
os olhos levou do Povo,  
quando no Terreiro o viu.

Num branco bruto corria  
mais ligeiro do que o vento,  
tanto que co pensamento  
correr parelhas podia:  
veloz desaparecia  
das pernas ao leve abalo,  
e não podia julgá-lo  
o Povo, que ali se achava,  
se era vento, que levava  
pelos ares o Cavallo.

Pôs André com bizzarria  
todas as lanças mui bem,  
e inda assim não faltou, quem  
murmurasse todavia:  
soube ele da zombaria,  
que se fez, e persentiu,  
quem fora, o que ali se riu,  
e no outro dia com brio  
um cartel de desafio  
pôs, mas ninguém lhe saiu.

No cartel, que pôs, mostrava,  
que a qualquer que julgassem  
três lanças, que se tirassem,  
mil cruzados ofertava:  
o delinquente aceitava  
o desafio esta vez,  
porém que sem interês  
com gosto perder queria  
nesta contenda, e porfia  
não só mil cruzados, três.

Pede licença, ao Senhor,  
que no nome a graça traz:  
mas ele como sagaz  
o aconselha com primor:

diz-lhe, que fora melhor  
esta contenda escusar;  
porém o Mancebo alvar  
fiado em ser cavaleiro,  
e fiado em ter dinheiro  
não quis o pacto aceitar.

Porque se não vence não  
(dizia o Moço Magnata)  
nem por ouro, nem por prata  
o seu sangue de Aragão:  
e vendo o Senhor D. João,  
que se a licença negava,  
a André Cavalo ultrajava,  
pois podiam presumir,  
se ao campo o não vissem ir,  
que o dinheiro lhe faltava:

Lhe disse, que não só três  
(se corressem) mil cruzados,  
senão que depositados  
tinha André Cavalo dez:  
mas o moço Aragonês  
vendo esta resolução,  
por temer a perdição,  
a que punha o seu dinheiro,  
toma conselho primeiro  
co reverendo Frisão.

O Padre, que sem estudo  
as Leis entende civis,  
e com manhosos ardis  
obra mal, e sabe tudo:  
lhe diria mui sisudo  
com aspecto venerando,  
rindo-se de quando em quando,  
que assim seus enganos lavra,  
não se lhe dê da palavra,  
diga, que estava zombando.

Assim foi, que o desafio  
veio a parar em burrada,  
que a palavra não val nada,  
se na ocasião falta o brio:

e para que com desvio  
não fossem mais inimigos,  
evitando alguns perigos  
em boa paz os chamou  
o General, e tratou,  
de que fossem muito amigos.

Depois das pazes enfim  
lhes pediu, que cavalgassem,  
e um par de lanças tirassem  
cada qual em seu rocim:  
ele lhe disse, que sim,  
e de improviso avisou  
ao Irmão, que não tardou  
em trazer-lhe bons arreios,  
cavalos, selas, e freios,  
e com eles se embarcou.

Num dia dos derradeiros  
ao Terreiro os dous chegaram,  
e ambos se separaram,  
logo dos mais cavaleiros:  
cuidam, que são os primeiros  
Fidalgos, que a terra tem,  
e néscios não anteveem,  
que diz o Povo, e não erra,  
se são Fidalgos da terra,  
na terra há outros também.

Empinou-se-lhes a ruça,  
e de quatro companheiros  
sem mais outros cavaleiros  
fizeram a escaramuça:  
o General se debruça  
para metê-los bem nela  
na janela com cautela,  
porém usou de revoltas,  
porque metendo-os nas voltas,  
mandou cerrar a janela.

A escaramuça acabada  
fizeram a cortesia,  
e todo o Povo se ria  
vendo a janela fechada:

nas voltas não viram nada,  
que com notável trabalho  
no ay hombre cuerdo a cavalo,  
porém depois que acabaram,  
e o General não acharam,  
ficaram de vinha-d'alhos.

C'os rostos descoloridos,  
desesperados agora  
iam por dentro, e por fora  
da própria cor dos vestidos:  
os que são desvanecidos,  
e de néscia presunção  
presumem mais, do que são,  
emendem seus pensamentos,  
que para seus desalentos  
e vivo o Senhor D. João.

Não presumam, porque têm,  
que são mais que os pobres nobres,  
pois há muitos homens pobres,  
mui bem nascidos também:  
ao pequeno não convém  
por pequeno desprezar,  
que se este quiser falar,  
achar pode algum defeito  
que nenhum há tão perfeito,  
em quem se não pode achar.

Seguia-se um cavaleiro  
ao famoso André Cavalo,  
que levou sem intervalo  
de cada golpe um carneiro:  
também foi aventureiro  
de um prêmio: mas com defeito  
dava ao corpo um grande jeito,  
e ficou passado, e absorto,  
de que fosse ao prêmio torto,  
e o prêmio a outro direito.

Ao famoso Brás Rabelo  
razão é de mestre o apode,  
que dar dias santos pode  
nesta arte, ao que for mais belo:

e se com louco desvelo,  
do que digo, algum se abrasa,  
escute a razão, que é rasa,  
e verá, se faz espantos,  
que dar possa os dias santos,  
quem tem Domingos de casa.

Nas lanças, que pôs mui bem,  
teve de prêmios ganança,  
e certo, que pela Lança  
não o há de vencer ninguém:  
dos cavaleiros, que tem  
modernos hoje a Bahia,  
leva Brás a primazia,  
porque não há nesta praça,  
quem se ponha com mais graça,  
fortaleza, e bizzarria.

Também aquela fatal  
emulação de Mavorte,  
para os inimigos forte  
para os amigos *Leal*,  
aplausos merece igual,  
pois nesta cavalaria,  
se aos mestres não excedia,  
por mais antigos na arte,  
aos Modernos desta parte  
ele leva a primazia.

Também no Machado falo,  
que e razão por ele acuda,  
pois sempre ao cavalo ajuda,  
mas não o ajuda o cavalo:  
inda assim posso louvá-lo,  
dando-lhe vários apodos,  
porque conheço em seus modos,  
e mui bem posso afirmar,  
que nisto de cavalgar  
leva vantagens a todos.

Em mau cavalo corria,  
mas um prêmio mereceu;  
veja-se, quem o perdeu,  
que cavaleiro seria:

aposto, que alguém diria,  
vendo, que as carreiras passa  
sem fortaleza, nem graça,  
que o Moço com seu sendeiro  
é nos fumos cavaleiro,  
porém não cá para a praça.

Outro cavaleiro airoso  
andou na festividade,  
e vi na velocidade,  
com que corre, ser *Veloso*:  
por cavaleiro famoso  
o Povo o aclamou de novo,  
eu só admirando o louvo,  
e acho discricção calar,  
que é escusado falar,  
quando por mim fala o Povo.

O Ripado valoroso  
andou bem, porém sem sorte,  
porque tem pouco de forte,  
se bem tem muito de airoso:  
perdeu pouco venturoso,  
mas sem nenhum sentimento,  
um prêmio, que Brás atento  
ganhou, porque não se atreva  
a aquilo, que também leva  
com as palavras o vento.

## **PERNAMBUCO**

Por entre o Beberibe e o Oceano

.....  
Que o Belga edificou, ímpio tirano  
As Damas cortesãs

.....  
mas a culpa têm Vossas Reverências  
pois as trazem rompidas, e escaladas  
com cordões, com bentinhos, e indulgências  
Quando os meus olhos mortais  
ponho nos vossos divinos,  
creio estar vendo os meninos  
do Gregório de Moraes.

## **DESCREVE O POETA A CIDADE DO RECIFE EM PERNAMBUCO**

Por entre o Beberibe, e o Oceano  
Em uma areia sáfia, e lagadiça  
Jaz o Recife povoação mestiça,  
Que o Belga edificou ímpio tirano.

O Povo é pouco, e muito pouco ufbano,  
Que vive à mercê de uma linguiça,  
Unha-de-velha insípida enfermiça,  
E camarões de charco em todo o ano.

As Damas cortesãs, e por rasgadas  
Olhas podridas, são, e pestilências,  
Elas com purgações, nunca purgadas.

Mas a culpa têm vossas reverências,  
Pois as trazem rompidas, e escaladas  
Com cordões, com bentinhos, e indulgências.

## **A CERTO POETA MODERNO QUE EM PERNAMBUCO LHE VEIO MOSTRAR UM PASSO, QUE COMPUSERA, OBSEQUIO FEITO EM NOME DE CERTA PESSOA, ONDE O POETA SE ACHAVA POR HOSPEDE**

O vosso Passo, Senhor,  
premissas do que aprendestes,  
a quem por título destes  
os milagres de um favor:  
quando o lestes ao Doutor,  
vi, que estava tão atento,  
que me veio ao pensamento,  
que com tal tento o ouvia,  
um Doutor da poesia,  
porque era o passo um portento.

Acabado em conclusão,  
e limado ao rigor d'arte  
correrá por toda a parte  
por obra de vossa mão:  
por vosso o conhecerão  
em todo o côncavo espaço,

porque só um real braço,  
como o vosso vem a ser,  
poderá hoje empreender  
fazer, e acabar um passo.

### **DESCREVE A PROCISSÃO DE QUARTA FEIRA DE CINZA EM PERNAMBUCO**

Um negro magro em sufilié mui justo,  
Dous azorragues de um Joá pendentos,  
Barbado o Peres, mais dous penitentes,  
Com asas seis crianças sem mais custo.

De vermelho o Mulato mais robusto,  
Três meninos Fradinhos inocentes,  
Dez, ou doze Brichotes mui agentes,  
Vinte, ou trinta canelas de ombro onusto.

Sem débita reverência seis andores,  
Um pendão de algodão tinto em tejuco,  
Em fileira dez pares de Menores:

Atrás um negro, um cego, um Mamaluco,  
Três lotes de rapazes gritadores,  
É a Procissão de cinza em Pernambuco.

### **VIU O POETA ESTA FORMOSURA, E DESTA SORTE COMEÇA A ENCARECER SUAS ALTAS PRENDAS**

Peregrina Florência Portuguesa,  
Se em venda vos puser o Deus vendado,  
Pouco estima o seu gosto, e seu cuidado,  
Quem, Florência, por vós não der Veneza.

Eu entre a formosura, e a riqueza  
De um, e outro domínio dilatado,  
Não desejava estado por estado,  
Mas trocara beleza por beleza.

Só, Florência, por vossa flor tão pura  
Um reino inteiro, não uma cidade  
Deve dar, quem saber amar procura.



Em vós do mundo admiro a majestade,  
Quanto é mais que a grandeza a formosura,  
Menos a monarquia, que a deidade.

**PASSANDO O POETA EM CERTA OCASIÃO PELA PORTA DESTA GALHARDA  
DAMA REPAROU, QUE A SUA VISTA EXPUSERA NO PEITO UM RAMALHETE DE  
FLORES, QUE TINHA NA MÃO**

Flores na mão de uma flor,  
Floralva, nunca tal vi,  
quem viu flores pela neve?  
quem viu neve por Abril?  
Flor, que fala, flor, que zomba,  
e de toda a flor se ri,  
deve ser nevado nácar,  
ou nacarado jesmim.  
Na esfera do vosso peito  
souberam ontem luzir  
as fragrâncias raio a raio,  
os raios rubi, a rubi.  
No peito as flores pusestes,  
e eu não posso conseguir  
a dita de vossas flores,  
que sou convosco infeliz.  
Não vi tal tropel de luzes  
em concurso de jesmins  
vibravam fragrância os raios,  
chispavam fogo os Abris.  
Porém, lembra-te Floralva,  
que eu não passo por aí,  
porque a vossa flor me cheira,  
a que não me heis de admitir.  
Importa estares de acordo,  
que se entro em vosso jardim,  
por mais que me defendais,  
hei de colher, quanto vir.  
Já não colherei a flor,  
porque não sou tão infeliz,  
mas co cheiro me contento,  
que é dádiva do Brasil.

**RESPONDE FLORALVA PELOS MESMOS CONSOANTES**

Quem me engrandece por flor,  
muitos dias há, que vi,  
sem fazer caso da neve  
nem me dar cuidado Abril.  
Eu sou flor, que fala, e zomba,  
e flor que também se ri  
já do acendido do nácar,  
já do mais claro jesmim.  
Cá na esfera do meu peito  
hoje só sabem luzir  
as finezas raio a raio,  
o fino rubi a rubi.  
Vós fostes, que a flor pusestes  
no peito; e quem conseguir  
pretendia flor com flores,  
não se reputa infeliz.  
Inda não vistes de luzes  
tal tropel? nem de jesmim  
tal fragrância? pois são raios  
dos meus passados Abris.  
Nada lembreis de Floralva,  
que eu não passo por aí,  
e esse cheiro, que vos cheiram  
bem o podeis admitir.  
Não há, que pôr-me de acordo  
de entrar cá no meu jardim,  
em que vós mo defendais,  
não vos hei de deixar vir.  
Por que aqui a colher flores  
entra só, quem é feliz  
e com ele me contento,  
e nada mais do Brasil.

### **TORNA O POETA A INSTAR SEGUNDA VEZ**

Bela Floralva, se Amor  
me fizera abelha um dia,  
todo esse dia estaria  
picado na vossa flor:  
e quando o vosso rigor  
quisestes dar-me de mão  
por guardar a flor, então

tão abelhudo eu andara,  
que em vós logo me vingara  
com vos meter o ferrão.

Se eu fora a vosso vergel,  
e na vossa flor picara,  
um favo de mel formara  
mais doce, que o mesmo mel:  
mas como vós sois cruel,  
e de natural castiço  
deixais entrar no caniço  
um Zangano comedor,  
que vos rouba o mel, e a flor,  
e a mim o vosso cortiço.

### **RESPONDE FLORALVA PELOS MESMOS CONSOANTES**

Senhor Abelha, se Amor  
fizesse abelhudo um dia,  
sem dúvida, que estaria  
doido à vista desta flor:  
tal demasia, e rigor  
merecia: mas de mão  
quero dar-lhe, porque então,  
quando eu rigorosa andara,  
de outra sorte me vingara  
do equívoco do ferrão.

Entrar cá no meu vergel  
não presuma, e me picara,  
se acaso disso formara  
escrúpulos: e este mel  
é, de quem menos cruel  
me trata, Senhor Castiço,  
porque cá no meu caniço  
o Zangano comedor,  
a quem dou o mel, e a flor  
é o Senhor do cortiço.

### **TERCEIRO PIQUE À MESMA DAMA**

Não me farto de falar,  
Floralva, em vossa flor bela,  
e tanto hei de falar nela,  
té que a hei de desfolhar:  
que a fim de despinicar,  
como fazem as mulheres  
nos dourados malmequeres,  
à roda a hei de despir,  
até que venha a cair  
a sorte no bem me queres.

Que coisas chega a dizer  
em dois versos um Poeta.  
e vós sendo tão discreta  
não me acabais de entender:  
porque possais perceber  
outra vez direi o caso:  
é pois, minha Flor, o prazo,  
que torno a pedir aqui  
não a flor, que já perdi,  
senão a flor com seu vaso.

Forrai-me os largos espaços,  
que dais ao vosso Matias,  
pois sabeis, que há tantos dias,  
morro por vossos pedaços:  
os desejos já relassos  
nos prova da vossa olha  
se querem ver na bambolha,  
e se achais, que a flor em preço  
é coisa, que não mereço,  
dai-me ao menos uma folha.

Dai-me já, o que quiseres,  
dai-me o cheiro dessa flor,  
que é o mais leve favor,  
que no Brasil dão mulheres:  
e se me não concederes,  
que possa essa flor cheirar,  
assim só de me matar,  
 façamos este partido,  
pois me tirais um sentido,  
dai-me já o de apalpar.

**ATÔNITO E ATRASADO O POETA NOS ESTRONDOS DAQUELA FORMOSURA SEM ALCANÇAR OUTRA COUSA MAIS QUE DESVIUS, E DESDÉNS: TORNA A COMBATER QUARTA VEZ AQUELE DURO PEITO**

Floralva: que desventura  
vos foi causar o meu fado,  
que sendo vosso criado,  
vos mostrais cruel, e dura?  
Olhai, que tal formosura,  
tal donaire, e tão bons olhos  
tudo se vira em abrolhos,  
e eu perderei, quanto tenho,  
sendo o meu maior empenho  
ofertar-vo-lo de geolhos.

Quando vos vejo diente,  
tenho grão contentamento,  
porque vejo em um momento  
a melhor luz do Oriente:  
tendo-vos ali presente,  
todo me estou gloriando  
de ver, que mil mates dando  
estais aos lírios, e rosas,  
e que as flores de invejosas  
de vos ver se vão murchando.

Amor, que assim se declara,  
bem mostra, que está rendido,  
e que empregou seu sentido  
na vossa beleza rara:  
e se certo não ficara  
de ser bem remunerado,  
morrera desesperado,  
e nunca jamais amara,  
antes de vós me queixara  
como amante desgraçado.

**RESPONDE FLORALVA QUARTA VEZ E CADA VEZ MAIS DESDENHOSA: E PELOS MESMOS CONSOANTES**

Por glória, e não desventura  
tenho ver em vós tal fado,

pois obrais mais que criado  
com quem é no amor tão dura:  
se vos rende a formosura  
garbo, e luz, que têm meus olhos,  
sofrei eternos abrolhos,  
pois flores pisado tenho,  
por mais que façam empenho  
de se prostrar de geolhos.

E se por me ver diente  
há em vós contentamento,  
sabei, que só num momento  
dou luz ao claro Oriente:  
e que assistindo presente  
de Febo me estou gloriando,  
e luz aos mais astros dando  
enchendo de brios as rosas,  
tem seu mate as invejosas,  
pois todas se vão murchando.

E se tanto se declara  
vosso amor assim rendido,  
eu me vejo sem sentido  
de ver lisonja tão rara:  
porque sei, que já ficara  
vosso amor remunerado,  
em querer desesperado  
a outra, que tanto amara,  
e nunca mais se queixara  
chamando-se desgraçado.

### **ARGUMENTA O POETA, (FILOSOFANDO ENGANOS) RAZÕES DE FINO COM PERSEVERAR A TODO O RIGOR DE SEU DESPREZO**

Já desprezei, sou hoje desprezado,  
Despojo sou, de quem triunfo hei sido,  
E agora nos desdéns de aborrecido  
Desconto as ufancias de adorado.

O amor me incita a um perpétuo agrado,  
O decoro me obriga a um justo olvido,  
E não sei, no que emprendo, e no que lido,  
Se triunfe o respeito, se o cuidado.

Porém vença o mais forte sentimento,  
Perca o brio maior autoridade,  
Que é menos o ludíbrio, que o tormento.

Quem quer, só do querer faça vaidade,  
Que quem logra em amor entendimento,  
Não tem outro capricho, que a vontade.

### **MOSTRA QUE PRIMEIRO DEVE ATENDER AO SEU RESPEITO QUE AO SEU AMOR, PELOS MESMOS CONSOANTES**

Querido um tempo, agora desprezado,  
Nada serei por muito, que haja sido,  
Agora sinto o ver-me aborrecido,  
Inda mais que estimei ver-me adorado.

Sem decoro não há manter agrado,  
Se amo o desprezo, o pundonor olvido:  
E nas grandes empresas sempre lido,  
Que seja o brio objeto do cuidado.

Então só será justo o sentimento,  
Se da perda nascer a autoridade,  
Que onde injúria não há, não há tormento.

Manter respeito é honra, e não vaidade,  
E a honra tem lugar no entendimento,  
Que é potência mais nobre, que a vontade.

### **MOSTRA FINALMENTE MEIO PARA NO MESMO DESPREZO CONTINUAR O SEU AMOR COM DECORO, PELOS MESMOS CONSOANTES**

Ser decoroso amante, e desprezado  
Fácil empresa em mim de amor há sido,  
Pois não caminho sendo aborrecido  
Atrás dos interesses do adorado.

Se não quer merecer o meu agrado,  
Se a fé sustento, se o favor olvido,  
O decoro mantenho, porque lido  
Só pela propensão do meu cuidado.

Sendo tão fino enfim, meu sentimento  
Não perco em adorar a autoridade,  
Pois não é por lograr o meu tormento.

Logo pode o desprezo ser vaidade,  
A quem com parecer do entendimento  
Por prêmio não amar, mas por vontade.

### **RESPONDE FLORALVA SEM SE DESVIAR DO SEU TEMA: PELO MESMO CAPRICO DE REPETIR OS CONSOANTES DO PRIMEIRO SONETO**

Querida amei, prossigo desdenhada,  
E de amor, e docoro combatida:  
Me dá glória, e tormento uma ferida  
Sentindo o golpe, festejando a espada.

Mas se de amor o empenho só me agrada,  
Não olho, ao que o respeito me convida,  
Pois se em saber amar esgote a vida,  
Em a honra perder, não perco nada.

Se o querer no desprezo é não ter brio,  
Fora o deixar de amar não ter vontade,  
E nada é mais em nós, que o alvedrio.

Cárcere a honra, o gosto imunidade:  
Logo fora em mim cego desvario  
Trocar pela prisão a liberdade.

### **SEGUNDA RESPOSTA DE FLORALVA PELOS MESMOS CONSOANTES**

Amar não quero, quando desdenhada,  
Da maior afeição sou combatida,  
Que em mim podem fazer menos ferida  
Do Amor as setas, que do brio a espada.

Com razão o respeito só me agrada,  
E em vão o afeto a injúrias me convida,  
Que se nos corações o amor é vida,  
A vida nos desprezos não é nada.



Entre a isenção do gosto, e ser do brio  
Deve ter mais impulsos a vontade  
A favor da razão, que do alvedrio.

Mais glória alcança, mais imunidade  
Em fazer do desprezo desvario,  
Que em fazer da fineza liberdade.

### **TERCEIRA RESPOSTA DE FLORALVA PELOS MESMOS CONSOANTES**

Que importa se amo, que ame desdenhada,  
Se não sou de interesses combatida,  
Pois vivendo sem custas da ferida  
Mui embalde será crelar da espada.

Quando o servir sem prêmio só me agrada,  
Que importa no rigor, que me convida,  
Que do próprio morrer sustente a vida,  
Se do muito querer não quero nada.

Na independência se conserve o brio,  
Obre Amor seus efeitos na vontade,  
E ambos ficarão com alvedrio.

Em tal amor, em tal imunidade  
Não sirvo por lograr, que é desvario:  
Mas amo por amar, que é liberdade.

### **CONTINUA DESFAVORECIDO EM SEU AMOR, LEMBRANDO-SE AGORA DO SEU MISERO DETERRO, NATURAL EFEITO DE UMA GRANDE PENA TRAZER À MEMÓRIA OS PASSADOS INFORTÚNIOS**

Que me queres, porfiado pensamento,  
Arquiteto da minha alta loucura,  
Invencível martírio, que me apura  
Fatal presunção do sofrimento!

Que me queres, que dentro em um momento  
Voas, corres, e tomas de andadura,  
Até pôr-me na idéia a formosura,  
Que é morte cor do meu contentamento!

Que queres a um ausente desterrado?  
Que pois começa a morte na partida,  
Por morto amor me julga, e me condena.

Se lá para viver sobrou cuidado,  
E cá para morrer me sobra a vida,  
Fantasma sou, que por Floralva pena.

### **REMETE O SEU CUIDADO AS DILIGÊNCIAS DO TERREIRO LISONJEANDO A MÃE DESTA DAMA**

Senhora Florenciana, isto me embaça  
Contares vós de mim tantos agrados,  
E estar eu vendo, que por meus pecados  
Tenho para convosco pouca graça.

Em casa publicais, no lar, na praça  
Que sou homem capaz de altos cuidados,  
E nunca me ajudais c'os negregados  
Que tenho com Madama de Mombaça.

Eu não sei, como passo, ou como vivo  
Na pouca confiança, que me destes,  
Depois que fui de Amor aljava, ou crivo.

Porque por mais mercês, que me fizestes,  
Jamais me recebestes por cativo,  
Nem menos para genro me quisestes.

### **DE UMA FESTIVIDADE PUBLICA ONDE A TODOS DAVA QUE SENTIR, SE AUSENTOU FLORALVA A DIVERTIR-SE NAS RIBEIRAS DO CAPIBARIBE, ONDE TINHA SEUS EMPREGOS**

Ausentou-se Floralva, e ocultou  
A luz, com que nas festas assistiu,  
Tudo em trevas na ausência confundiu,  
Porque consigo todo o sol levou.

Dizem, que Amor de medo a retirou  
Tão louco, que a si próprio se feriu,  
Porque do ponto, que a Floralva viu,  
Só pode persuadir-se, que cegou.

Por livrá-la na terra de olho mau,  
Na região de Vênus a escondeu,  
Ou em um rio, de que sabe o vau.

Oh quem fora por roubo assim do Céu  
Ou Jasão embarcado numa Nau,  
Ou atado a um penhasco Prometeu!

**SAUDOSO O POETA DAQUELA AUSÊNCIA, QUE FEZ FLORALVA DA  
FESTIVIDADE, VAI MEDINDO ESTA OBRA PELAS IDEIAS DE D. AUGOSTIN DE  
SALAZAR, E TORRES, QUANDO DESCREVE A FORMOSURA DE SILA, PORQUE  
TINHA ESTA DAMA TODAS AS SUAS PERFEIÇÕES ALI COMO PINTADAS AO  
VIVO**

Oh dos cerúleos abismos:  
ouvi-me Deuses salobres,  
que as deidades nunca faltam  
ao triste clamor dos homens.  
Ouve, divino Nereu,  
escuta cândida Dores,  
quanto contém de um amante  
de mérito os seus clamores.  
Que é isto, ingratas Deidades?  
como os Deuses não respondem?  
como em vós piedades faltam,  
que vos distinguem dos homens?  
Mas já em cândidas Coréias  
o pélagos as Ninfas rompem,  
e os largos campos colmados  
de tanto embrechado monte.  
Já me atendeis piedosas  
mil vezes, mil vezes, nobres  
Filhos do mar, quanto devem  
já a vossos pés minhas vozes.  
Chegai, e a neve das plantas  
a neve dos mares corte,  
velozes andai, que tardam,  
a quem espera, os velozes.  
Sabei, Nereidas, e Ninfas;  
oh quem para imensas dores.  
para imenso mal tivera  
imensas ativas vozes!

Sabei já, sagradas Ninfas,  
que em vossos mares se esconde  
uma Deidade tão bela,  
que aos mesmos Deuses se encobre.  
Uma beleza tão fera,  
que aspira, a que se equivoquem  
a formosura, a beleza,  
as perfeições, os rigores.  
Ontem foi vista entre as gentes,  
e há dúvida desde entences,  
se é Anjo em traje de fera,  
se é fera em forma de bronze.  
É tal Floral, não sei, se o diga,  
nem se de Humana tem nome;  
é Floralva, e tenho dito,  
ou perdoe, ou não perdoe.  
Pintar-vos quero as feições  
deste mármore, deste roble,  
constantemente como o seu tronco,  
lindas como as suas flores.  
Quando humana, e quando ociosa  
as negras tranças descolhe  
em pélagos de azeviche,  
não há alma, que não soçobre.  
Nas sobranceiras Amor  
traidoras armas esconde,  
os olhos as julgam arcos,  
mas sente-as a alma fulgores.  
Ardor, e neve seu rosto  
mistura em tintas conformes,  
porque é tão divina, que  
faz unir, o que é discorde.  
Se as pérolas de seus dentes  
não foram do dia alvares,  
a Aurora faltara ao dia,  
eterna seria a noite.  
A boca é tão incendida,  
que em um cravo se recolhe,  
e parece ensanguentada,  
que em lugar de abrir, a rompe.  
Este assombro das Deidades,  
esta admiração das orbes  
por meu bem quis Deus, que a visse,  
e Amor por meu mal, que a adore.

Mas sabeis, que a meu afeto  
tão ingrata corresponde,  
que a seu natural ofendem  
até seus mesmos louvores.

**COM ESTE ROMANCE MANDOU O POETA POR INTERPRETE ENCARECEDOR  
DO QUE NELE SE EXPRESSA O SEGUINTE SONETO**

Entre, ó Floralva, assombros repetidos  
É tal a pena, com que vivo ausente,  
Que palavras a vós me não consente,  
E só para sentir me dá sentidos.

Nos prantos, e nos ais enternecidos  
Dizer não pode o peito o mal, que sente,  
Pois vai confusa a queixa na corrente,  
E mal articulada nos gemidos.

Se para o meu tormento conheceres  
Não basta o sutil discurso vosso,  
A dor me não permite outros poderes.

Vede nos prantos, e ais o meu destroço,  
E entendi o mal, como quiseres,  
Que só sei explicá-lo, como posso.

**POR VER UMA OBRA EM QUE O POETA EXAGERA OS DONAIRES DE ANICA DE  
SOUZA MULATA EM PERNAMBUCO SE PICOU DE ZELOS FLORALVA, E DANDO  
LHO A ENTENDER, ELE LHE RESPONDE**

Dos vossos zelos presumo,  
Floralva, que são mentira,  
porque donde Amor não tira  
flama, não levanta fumo:  
anos há, que me consumo  
por vós, por vossos bons feitos,  
e vós por certos respeitos  
desviastes-me os perfumes,  
e agora nestes ciúmes  
sem ver causa, vejo efeitos.

Se me não tendes amor,  
como zelos me fingis?  
não mos dais, e mos pedis,  
dai ao demo tal favor:  
que importa, que chame eu flor  
a uma papoula silvestre,  
se neste globo terrestre  
o que importa, é lisonjeira,  
e eu nas artes de enganar  
penteio barbas de mestre.

Vós sois verdadeira flor  
no trato, e no parecer,  
e eu só o sei conhecer,  
porque sou taful de amor:  
se jogásseis com primor,  
como outras tafuis fizeram,  
nunca elas vos excederam,  
que a mim na tafularia  
da conjugal dameraia  
sempre os dados me perderam.

E ainda que em todo o mapa  
me vejais tratar com flores,  
Floralva, isso são amores,  
que arranco da minha capa:  
só vós sois dama de chapa,  
só vos sois flor às direitas,  
e para deixar desfeitas  
essas vossas presunções,  
sabei, que isso são sezões,  
que passam como maleitas.

**DEIXOU-SE FLORALVA UMA VEZ CONVERSAR DO POETA E PELA VER  
DESDENHOSÍSSIMA SE DESPEDE: E COMO ELA CONSENTIU DESABRIDA, LHE  
FAZ ESTE SONETO**

Tão depressa vos dais por despedida,  
Que vista a varonil conformidade,  
Me está dizendo vossa crueldade,  
Que morréis por ver-vos excluída.

Pois não seria ação mais comedida,  
Demais cortês, e justa urbanidade  
Fingir, que por amor, ou por piedade  
Recusáveis a minha despedida?

O certo é, Floralva, que esse peito  
Anda mui penetrado, e mui ferido  
De outro amor, outra seta, outro sujeito.

E pois fiz tal serviço a tal Cupido,  
Como não fazeis vós por tal respeito  
Favores, de que nunca me despido?

### **LAMENTA O POETA OS DESVIUS, E RIGORES, QUE MOSTROU FLORALVA DAÍ POR DIANTE**

Chorai, tristes olhos meus,  
que o chorar não é fraqueza,  
quando Amor vos tiraniza,  
os sentidos, e as potências.  
Senti, pois tendes razão,  
uma ausência tão violenta,  
que a luz, meus olhos vos tira,  
sem alma o corpo vos deixa.  
Senti, coração, senti,  
pois por vossa culpa mesma  
emprendi um impossível  
tão fácil em me dar penas.  
Chorai, que chorais mui pouco,  
se a causa se considera,  
porque uma ausência chorais,  
e heis de sentir uma quebra.  
A ausência é um mal curável,  
que com dois dias de pena  
dá gosto ao terceiro dia,  
vendo-se, o que se deseja.  
A quebra é mal sem remédio,  
pois se desata, e desfecha  
aquela união das almas,  
de que a vida se alimenta.  
Eu hei de perder Floralva,  
não porque ingrata me seja,

mas como vivo amanhã,  
sou mofino, hei de perdê-la.

### **A EL REI D. PEDRO II COM UM ASTROLÁBIO DE TOMAR O SOL, QUE MANDOU O PE. VALENTIM STANCEL DEDICADO AO RENASCIDO MONARCA**

Este, Senhor, que fiz leve instrumento  
Para pesar o sol a qualquer hora,  
Dedico a aquele Sol, a cuja aurora  
Já destinam dous mundos rendimento.

Desta minha humildade, e desalento,  
Que a sua quarta esfera não ignora,  
subindo a oitavo céu, pretende agora  
A estrela achar no vosso firmamento.

Eu, que outro sol no seu zenith pondero  
Aos do Nascido Soberanos Raios,  
Pesando-me eu a mim me desespero.

Mas vós, Águia Real, esses ensaios  
Entre os vossos levai, pois considero,  
Que nunca em tanta sombra houve desmaios.

### **A MORTE DA AUGUSTA SENHORA RAINHA D. MARIA, FRANCISCA, IZABEL DE SABÓIA, QUE FALECEU EM 1683**

Hoje pó, ontem Deidade soberana,  
Ontem sol, hoje sombra, ó Senadores,  
Lises imperiais enfim são flores,  
Quem outra cousa crê, muito se engana.

Nas cinzas, que essa urna guarda ufana,  
Vejo, que os aromáticos licores  
são de seu mortal ser descobridores,  
Porque, o que a arte esconde, o juízo alhana.

A Real Capitânia submergida!  
Olhos à gávea, ó tu Naveta ousada,  
Que ao mar te engolfas de ambição vencida:

Pois em terra a Real está encalhada,



Alerta, altos Baixéis, porque anda a vida  
Da mortal tempestade ameaçada.

**A SERENÍSSIMA INFANTA DE PORTUGAL D. IZABEL, LUIZA, JOSEFA NASCENDO  
EM DIA DE REIS**

Nasces, Infanta bela, e com ventura  
Tão desigual a toda a gentileza,  
Que vencendo o poder da natureza,  
Venturosa fizeste à formosura.

Com tal estrela sobe a tal altura  
A formosura posta em tanta alteza,  
Que por nasceres pasmo da beleza,  
Da pensão de formosa estás segura.

Nasceste Filha enfim da bela Aurora  
Com graça singular, ventura clara,  
Com estrela nasceste, ó feliz hora!

Nascer bela, e feliz é cousa rara:  
Mas em ti Portugal venera agora  
Uma estrela na dita, um sol na cara.

**NA MORTE DA MESMA SENHORA RATIFICA O POETA AS VENTURAS, QUE  
PROMETE O SONETO ANTECEDENTE**

Bem disse eu logo, que éreis venturosa  
Quando nascestes, com nascer tão bela,  
E me lembra dizer já com cautela,  
Cousa rara é ser bela, e ser ditosa.

O nascer com estrela, e ser formosa  
Raro prodígio é, que mais se anela;  
Mas ser na terra flor, nos céus estrela,  
Só em vós foi ventura prodigiosa.

Fostes, e sois estrela enfim do Norte,  
Do céu girando o Norte mui segura,  
Girando sempre a tão felice corte.

Hoje lograis mais bela formosura,

Possuindo na glória dita, e sorte,  
Que em ser do Céu consiste o ter ventura.

### **CONTINUA A MESMA RATIFICAÇÃO NA ESTRELA DOS MAGOS POR HAVER NASCIDO ESTA SENHORA EM DIA DE REIS**

Nascestes bela, e fostes entendida  
Uniu-se em vós saber, e formosura:  
Não se pode lograr tanta ventura,  
Em quem com tal estrela foi nascida.

Quem viu co'a formosura a sorte unida,  
Que julgasse essa vida por segura?  
Muito esperou por vós a sepultura,  
Que, em quem é tão feliz, não dura a vida.

Quem dissera no vosso nascimento,  
Que em tal estrela haviam tais enganços,  
Para ser maior hoje o sentimento!

Porém nestes prodígios soberanos,  
Tendo dos Magos vós o entendimento,  
Não podiam ser muitos vossos anos.

### **SENTIMENTOS D'EL REI D. PEDRO II À MORTE DESTA SERENÍSSIMA SENHORA SUA FILHA PRIMOGÊNITA**

Se a dar-te vida a minha dor bastara,  
Filha Isabel, de minha dor morrera,  
E porque minha dor tudo excedera,  
Gêneros novos de sentir buscara.

Se uma vida se dera, ou se emprestara,  
A metade da minha te oferecera,  
Ou toda, porque inveja não tivera  
Outra a metade, que órfã me ficara.

E se a minha alma enfim tua agonia  
Substituir pudera com a sua,  
Tua vida animando a cinza fria:

Inda que a arrojo o mundo o atribua,

Não só a vida, a alma te daria  
Por melhorá-la com fazê-la tua.

#### GLOSA

Filha minha Isabel, alma ditosa,  
Que do corpo as prisões deseparaste,  
E qual cândida flor, ou fresca rosa  
De teus anos a flor em flor cortaste:  
De minha dor a mágoa saudosa,  
Que por herança d'alma me deixaste,  
Deves crer, que até agora não durara,  
Se a dar-te vida a minha dor bastara.

Não durara até agora a minha mágoa,  
Se fora ela bastante a dar-te vida,  
Porque, vivendo tu, dos olhos a água  
Se enxugara em dous rostos reprimida:  
E sendo o peito humano a própria frágua,  
Onde a dor em licores derretida  
Corre a desafogar: se não correria,  
Filha Isabel, de minha dor morreria.

Morreria, Filha minha, e acabara  
De um doce mal, formosa enfermidade:  
Todo o poder do mundo me invejara,  
Pois falta a seu poder esta verdade:  
Com minha morte a vida se trocara,  
Da maior, e mais alta majestade  
Enjeitara tudo, porque nada era,  
E porque a minha dor tudo excedera.

Ficara tão ufano de seguir-te,  
Vivo por te chorar, morto por ver-te,  
Que se pudera crer, que por senir-te  
A ocasião estimara de perder-te:  
E se nesta estranheza de sentir-te  
Não chegara um aplauso a merecer-te,  
De uma a outra estranheza me passara,  
Gêneros novos de sentir buscara.

Sangue ondeara a margem deste rio,  
A rosa adoecera em suas cores,

Da Aurora carmesim fora o rocio,  
Não recendera o ambar entre as flores:  
Fora da natureza um desvario  
A ordem natural de seus primores:  
Mas nada a minha dor necessitara,  
Se uma vida se dera, ou se emprestara.

Se pudera emprestar-te a minha vida,  
Se escusara então meu sentimento:  
Mas ai! que nem o dá-la por perdida  
Remédio pode ser do meu tormento:  
E já, que não é cousa permitida  
Celebrar um contrato tão violento,  
E dar a vida enfim se não tolera,  
A metade da minha te oferecera.

E pois a natureza é tão escassa,  
Que na esfera da sua potestade  
Não cabe por indulto, nem por graça  
Uma vida partir pela metade:  
E inda que o vença amor, indústria, ou traça,  
Me resta outra maior dificuldade,  
De que se hão de invejar, metade dera,  
Ou toda, porque inveja não tivera.

Se a metade da vida, que te ofereço,  
Inveja há de causar, à com que fico,  
E sobre dar-lhe inveja à que despeço,  
Que saudades lhe dê me certifico:  
Para livrar-me de um, e outro tropeço,  
Com que nesta partida me complico,  
Sobre a tua metade te largara  
A outra metade, que órfã me ficara.

Dera-te enfim a minha vida toda,  
Que o mais fora desdouro da firmeza,  
Que sempre, quem bem ama, se acomoda  
Fazer a vida altar de uma fineza:  
Dar tudo nunca a amor desacomoda,  
Dera-te a vida, e alma nesta empresa,  
Se a minha vida a morte te alivia,  
E se a minha alma enfim tua agonia.

Ásia filha maior do mar profundo,

A África do mar soberania,  
Europa exemplar luz de todo o mundo  
E a América do ouro monarquia,  
veriam, com quão ledo, e quão jucundo  
Rosto por ti minha alma despedia,  
Se o calor da minha alma à vida tua  
Substituir pudera com a sua.

O Rouxinol, que canta docemente  
À vista da consorte, que o namora,  
A Rola triste, que ao esposo ausente  
De dia busca, se de noite o chora:  
No ar sutil, na fonte transparente,  
Vendo o fino de uma alma, que te adora,  
Pasmariam de ver, como supria  
Tua vida, animando a cinza fria.

A inveja, que do ódio se alimenta,  
A detração, que como espada corta,  
A calúnia, que a todos ensanguenta,  
E a aversão, que os áspides aborta:  
Todos a iníqua mão, língua cruenta  
Mostrariam pasmada, obtusa, absorta;  
Eu só perdera a vida pela tua,  
Inda que a arrojo o mundo o atribua.

Pasme de assombro, ou da fineza a terra,  
Trema do caso, ou da estranheza o monte,  
De invejosas as aves se deem guerra  
De corrido se mude o Horizonte:  
Co'as nuvens indignadas choque a serra,  
Brame o mar, soe o Céu, murmure a fonte,  
Que eu firme nesta minha fantasia  
Não só a vida, a alma te daria.

Dá-la-ia não só por imitar-te,  
Se cabe em minha dor tão alta sorte,  
Senão por despojar-me, e despojar-te  
A mim do sentimento, a ti da morte:  
Não só daria a alma por mostrar-te,  
Que não tenho outro alívio em mal tão forte:  
Senão (pois perde tanto em ser tão sua)  
Por melhorá-la com fazê-la tua.

## **AO CONDE DE ERICEIRA D. LUIZ DE MENEZES PEDINDO LOUVORES AO POETA NÃO LHE ACHANDO ELE PRÉSTIMO ALGUM**

Um soneto começo em vosso gabo;  
Contemos esta regra por primeira,  
Já lá vão duas, e esta é a terceira,  
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo:  
A sexta vá também desta maneira,  
na sétima entro já com grã canseira,  
E saio dos quartetos muito brabo.  
Agora nos tercetos que direi?  
Direi, que vós, Senhor, a mim me honrais,  
Gabando-vos a vós, e eu fico um Rei.  
Nesta vida um soneto já ditei,  
Se desta agora escapo, nunca mais;  
Louvado seja Deus, que o acabei.

## **CENSURA QUE FAZ O POETA DESTE TAL CONDE NA SUA DESASTRADA MORTE, LANÇANDO-SE DA JANELA DO SEU JARDIM, ONDE ACABOU MISERAVELMENTE POR ALTOS JUÍZOS DE DEUS**

Tanta virtude excelente  
de animoso, e de alentado,  
de valoroso soldado,  
e de cortesão valente,  
viu o mundo, e soube a gente,  
que inda que em santo podia  
transformar-se a Senhoria,  
o Conde o não conseguiu,  
porque de noite caiu,  
e o Santo cai no seu dia.

Se o Conde caiu de noite,  
como o teremos por Santo,  
quando a queda um tanto, ou quanto,  
teve do divino açoite:  
quis Deus, que o Conde se afoite,  
porque visse o bom Soldado,  
que o Conde de puro honrado  
quis, que o visse a própria terra,

quanto arrojado na guerra,  
na paz tão precipitado.

Ícaro da nossa guerra  
ares corta o Conde só,  
Ícaro caiu no Pó,  
e o Conde caiu na terra:  
se, porque o rio o enterra,  
o nome lhe ficou dado  
de Ícaro ter sepultado:  
assim porque a terra dura  
deu ao Conde sepultura,  
ficou a terra um condado.

De cera, e pluma se val  
Ícaro para viver,  
e o Conde para morrer  
valeu-se do natural:  
quanto a força artificial  
da natureza é sobrada  
fica a do Conde adiantada,  
porque Ícaro quando bóia  
faz tragédia de tramóia,  
e o Conde de capa, e espada.

Tinha o Conde de morrer;  
todo o mortal nisto pára,  
e se ele se não matara,  
quem lho havia de fazer?  
fez bem o Conde a meu ver,  
quando ao jardim se arrojou,  
e entre as flores expirou:  
vento é a vida em rigor,  
e como o Conde era flor,  
entre as flores acabou.

Se ignorou alguns sentidos,  
porque tanto mal se urdiu,  
era valido, e caiu,  
que o cair é dos validos:  
tão certos são, e sabidos  
no monte, no lar, na praça  
estes reveses da graça,  
que é já dos Palácios lei,

que quem da graça d'El-Rei  
cai, cai da sua desgraça.

#### **AO MESMO ASSUNTO E PELO MESMO CASO**

Nesse precipício, Conde,  
fostes Ícaro segundo,  
bem que a Dédalo no mundo  
vossa fama corresponde:  
em parte caístes, onde  
como Ícaro morrestes,  
mas a Dédalo excedestes  
nesses labirintos tristes,  
em fazer no que caístes,  
e em cair, no que fizestes.

Caiu o Conde, e se diz,  
que foi por um caso atroz,  
porém já corre outra voz,  
que a esta se contradiz:  
que foram uns frenesis  
do juízo descortês:  
mas eu digo desta vez  
ouvindo do baque o truz,  
que o juízo ao Conde induz  
ter caído, no que fez.

#### **ESTRIBILHO**

Aqui jaz, em que lhe pês,  
quem tudo fez com má sorte,  
e só na hora da morte  
caiu naquilo, que fez.

#### **A MORTE DO ILUSTRÍSSIMO MARQUEZ DE MARIALVA GENERAL DAS ARMAS DE PORTUGAL SOBRE AS PALAVRAS DA ESCRITURA "PLANDITE ANTE EXEQUIAS ABNER; FIPSE FLEVIT DAVID SUPER TUMULUM ABNER."**

Quando a morte de Abner David sentia,  
Mandou a seus vassalos, que chorassem,  
E que em lágrimas todos publicassem



Quanto o Reino lhe deve, e o Rei devia.

Cada qual seu tormento repetia,  
Sem querer, que os dos outros o igualassem  
E todos procuravam, que mostrassem  
As lágrimas dilúvio, a dor porfia.

Pois se a morte de Abner se sente tanto,  
Só por ser General valente, e forte,  
Que move o Reino, e Rei a tanto pranto:

Lamente Portugal, e sinta a Corte  
A morte de Marialva, porque espanto  
Foi do mundo, e o pudera ser da Morte.

#### **EPITÁFIO AO CORAÇÃO DESTE MESMO GENERAL ENTERRADO AOS PÉS D'EL REI D. JOÃO IV.**

Aqui jaz o coração  
do mais valente Anibal,  
que restaurou Portugal  
com a espada de co'a razão:  
aos pés do Rei quarto João  
lhe mandaram dar jazigo,  
para que a todo o perigo  
os dous unidos por lei  
achasse o vassalo ao Rei,  
e tivesse o Rei o amigo.

#### **AO MESMO ASSUNTO E PELOS MESMOS CONSOANTES**

Aqui jaz o coração  
do vassalo mais leal,  
a quem deve Portugal  
o quarto Rei Dom João:  
e assim com justa razão  
lhe dão a seus pés jazigo,  
porque a todo o perigo  
unidos os dous por lei  
achasse a lealdade o Rei,  
tivesse o vassalo amigo.

**AO MESMO MARQUEZ SENDO ENTERRADO EM TRÊS PARTES O CORPO EM CATANHÉDE; O CORAÇÃO EM S. VICENTE DE FORA; E OS INTESTINOS EM SAM JOSÉ DE RIBA MAR**

Em três partes enterrado  
está o corpo do Marquês  
de Marialva: porque em dez  
mil seu nome é venerado:  
e foi destino acertado,  
que em tanta parte estivesse,  
para que o mundo soubesse,  
que este valoroso Marte  
morto assiste em qualquer parte,  
como se ainda vivesse.

**EU COM DUAS DAMAS VIM**

*MOTE*

*A mais formosa, que Deus.*

Eu com duas Damas vim  
de uma certa romaria,  
uma feia em demasia,  
sendo a outra um Serafim:  
e vendo-as eu ir assim  
sós, e sem amantes seus,  
lhes perguntei, Anjos meus,  
que vos pôs em tal estado?  
a feia diz, que o pecado,  
A mais formosa, que Deus.

**A N. SENHORA DO ROSÁRIO EM UMA ACADEMIA QUE FEZ O POETA**

Fragrante Rosa em Jericó plantada,  
Como a lua formosa, e esclarecida,  
Como o sol entre todas escolhida,  
E como puro espelho imaculada.

Virgem antes dos séculos criada  
Para Mãe do supremo Autor da vida,

Para fonte de graça dirigida,  
E de toda a desgraça reservada.

Pois a vosso rosário se dedica  
Esta academia, em que tanto acerta,  
Consagrando-se a vós, divina Rosa:

Claro, patente, e manifesto fica,  
E conclusão é sem falência certa,  
Que do mundo há de ser mais gloriosa.

### **AO MESMO ASSUNTO AUSPICIANDO À AULA BOM SUCESSO**

Oh que de rosas amanhece o dia!  
Porque entre rosas nos madruga a Aurora,  
Trazendo em braços esse sol, que agora  
Novo ser dava ao sol da academia.

E vós do norte estrela, a todos guia  
Sede com rosas tantas protetora  
Deste jardim, pois sendo a melhor flora,  
Sem elas, e sem vós mal parecia.

Aula gentil, divinos resplendores  
Raio a raio lograis, que a luz mais bela  
De Maria vos dá mais superiores.

Oh quanto brilhareis! quando Deus nela  
Soube recopilar com tais primores  
Entre rosas o Sol, Aurora, e Estrela.

### **A UMA FONTE QUE NASCEU MILAGROSAMENTE AO PÉ DE UMA CAPELA DE N. SENHORA DAS NEVES NA FREGUESIA DAS AVELÃS**

Desse cristal, que desce transparente,  
Nesse aljôfar, que corre sucessivo,  
Desce a nós o remédio compassivo,  
Corre a nós o desejo diligente.

De vosso ser lhe nasce o ser corrente,  
Manancial de graças sempre vivo,  
Que geralmente assim distributivo

Tanta prata nos dá liberalmente.

Porém, Virgem das Neves, se sois Fonte,  
Como enfim nos cantares se descreve,  
E se sois sol, suposto o sol se afronte:

Esta fonte, Senhora, a vós se deve;  
Mas que muito, que estando o sol no monte,  
Nos dê no vale derretida a neve.

**OUVINDO O POETA CANTAR NO MESMO CONVENTO A DONA MARIA FREIRA  
DE VÉU BRANCO A QUEM TOCAVA RABECÃO SUA IRMÃ DONA BRANCA,  
DONA CLARA OUTRO INSTRUMENTO**

Clara sim, mas breve esfera  
ostenta em purpúreas horas  
as mais breves três auroras,  
que undoso o Tejo venera:  
tantos raios reverbera  
cada qual, quando amanhece,  
nas almas, a que aparece,  
que não foi muito esta vez,  
que sendo as auroras três,  
pela tarde amanhecesse.

Clara na brancura rara,  
e de candidezes rica,  
com ser Freira Dominica,  
a julguei por Freira Clara:  
tanta flor à flor da cara  
dada em tão várias maneiras,  
que entre as cinzas derradeiras  
jurou certa Mariposa  
as mais por Freiras da Rosa,  
Clara por rosa das Freiras.

Branca, se por vários modos  
airosa o arco conspira,  
inda que a todos atira,  
é Branca o branco de todos:  
mas deixando outros apodos  
dignos de tanto esplendor,  
vibrando o arco em rigor

parece em traje fingido  
Vênus, que enfim a Cupido  
atirar setas de amor.

Maria a imitação  
por seu capricho escolheu  
ser Freira branca no véu,  
já que as mais no nome o são:  
e em tão cândida união  
co'as duas Irmãs se enlaça,  
que jurada então por Graça,  
chove-lhe a graça em maneira,  
que sendo a Graça terceira,  
não é terceira na graça.

Entoando logo um solo  
em consonância jucunda  
prima, terceira, e segunda  
a lira formam de Apolo:  
vaguei um, e outro Pólo,  
mas foi diligência vã,  
porque a cara mais louça  
cotejando-a nas brancuras  
co'as três Irmãs formosuras,  
não vi formosura irmã.

Vendo tão novos primores  
para um retrato adorar-vos,  
trataram de retratar-vos  
estes meus versos pintores:  
e metendo já de cores  
essas vossas luzes puras  
em três métricas pinturas,  
ficam de muito emendados  
meus versos os retratados,  
e não vossas formosuras.

**EM OCASIÃO DE FÉRIAS PASSOU O POETA À VIANA, E ALI VIU UMA PROCISSÃO, EM QUE POR USO ANTIGO APARECIA A MORTE ADORNADA COM PATAS, PEÇAS DE OURO, E MUITOS CACHOS DE UVAS VERDES, LEVANDO OUTRO SI EM FIGURA DE SAM CRISTOVÃO UMA ESTATUA DE PAPELÃO VESTIDA DE BAETA VERDE, E MOVIDA POR UM MARIOLA COMO COSTUMAM NA PROCISSÃO DE CORPUS IR OS GIGANTES**

Por sua mão soberana  
Deus, que é Pai de piedade,  
Livre a toda a cristandade  
da má Morte de Viana:  
em vez de morte é pavana  
morte composta de asneira,  
porque tirar da parreira  
quantas uvas vai brotando,  
para lhas ir pendurando,  
é morte de borracheira.

Ornar a morte a meu ver  
de patas, por mais campar,  
é querê-la namorar  
por falta de outra mulher:  
homens, que têm tal prazer,  
que enfeitam toda uma ossada  
de patas, e alfinetada,  
é gente, que sem disputa  
pretende em trajes de puta  
dormir a morte enfeitada.

Isto de morte com patas,  
e com uvas até os pés  
(como disse um Vianês)  
livre está de pataratas:  
há gentes tão mentecaptas,  
que se ocupam a enfeitar,  
a quem os há de matar,  
e lhe ponham todo o ouro  
sem temer, que isto é agouro,  
de que a morte os vem roubar.

Gente, que folga de ver  
uma caveira enfeitada,  
está é a morte folgada,  
que em menmo ouvi dizer:  
mas não me pode esquecer  
asneira tão alta, e forte,  
de uns bárbaros de má sorte,  
e umas gentes insensatas,  
que pondo a morte de patas,  
cuidam, que empatam a morte.

Se Viana nisto dá  
por fazer à morte festa,  
convenho, que gente é esta,  
que até a morte guardará:  
mas que São Cristóvão vá  
em charola de vaqueta  
com coração de baeta,  
e verde por mais decoro,  
aqui se perde Isidoro  
raivoso sobre alegrete.

### **RETRATO DE UMA DAMA EM METAFÓRICAS DOCTRINAS, QUE SE DÃO À UM PAPAGAIO. ESTE FEZ SENDO ESTUDANTE**

"Como estais, Louro" diz Fílis  
a um Papagaio, que ensina  
Louro como este cabelo  
onde sempre o ouro brilha.  
"Toca, Papagaio, toca."  
Não toco em testa tão linda,  
que sem ter pedra de toque,  
conheço ser pedra fina.  
"Quem passa, Louro quem pa  
Passa amor com alegria  
por esses arcos triunfantes  
feito cego, e cachorrinha.  
"Dizei o ré mi fá sol."  
Sempre o sol nessas safiras  
com raios anda abrasando,  
com frechas tirando vidas.  
"Correi, comadre, correi"  
vereis rosas, clavelinas,  
jasmims, cravos, açucenas,  
nesse belo rosto unidas.  
"Outro, Papagaio, outro."  
Cousa impossível seria  
achar um nariz como esse,  
se não for por maravilha.  
"Vá, Papagaio real."  
Real é essa boquinha,  
a quem Tiro paga grátis  
pérolas, e margaritas.

"Para Portugal" dissei.  
Para Portugal é dita  
ver essa barba engraçada  
madrepérola em conchinha.  
"Dá comer ao Papagaio."  
Antes eu, Senhora minha,  
na neve dessa garganta  
com regalo beberia.  
"Dai cá o pé, meu Loutinho."  
Isso fora grosseria,  
que pusesse eu o meu pé  
numas mãos tão cristalinas.  
"Corrido vai." Isso é certo,  
que corrido ficaria  
quem desse peito quisesse  
colher as maçãs tão ricas.  
"Tiro lico tico, ré fá."  
Isso são duas cousinhas,  
que nos pés andam em breve  
só com uma cifra escritas.  
Dizei "Tabaréu, réu, réu."  
Manda Amor, que não prossiga,  
porque não sou em colon  
para descobrir tais índias.  
Falou como um Papagaio  
o Papagaio este dia:  
eu falei como Estorninho,  
Fílis qual Pega, ou Corica.

#### **A MORTE DA EXCELENTÍSSIMA PORTUGUESA D. FELICIANA DE MILÃO RELIGIOSA DO CONVENTO DA ROSA**

Ana, felice foste, ou Feliciana,  
Que só por ver com Deus teu sprito unido  
Te desunes de um corpo, que eu duvido,  
se é corpo, ou se matéria soberana.

Hoje, que habitas gloriosa, e ufana  
Esse reino de luz, que hás merecido,  
Não te espantes de um choro enternecido,  
Que de meus saudosos olhos mana.

Pois já descansa em paz, e já repousa



Tua alma venturosa, e a branda terra  
Te guarda o sono, que romper não ousa;

Peregrino, o temor hoje desterra,  
Chega, e diz ternuras a essa lousa,  
Que tão religioso corpo encerra.

**AO MESMO VIGÁRIO GALANTEIA O POETA FAZENDO CHISTES DE UM MIMO,  
QUE LHE MANDARA BRITES UMA GRACIOSA COMADRE SUA, ENTRE O QUAL  
VINHA PARA O POETA UM CAJU**

Ao Padre Vigário a flor,  
ao pobre Doutor o fruto,  
há nisto, que dizer, muito,  
e dirá muito o Doutor:  
tenho por grande favor,  
que a título de compadre  
deis, Brites, a flor ao Padre:  
mas dando-me o fruto a mim,  
o que se me deu assim,  
é força, que mais me quadre.

Quadra-me, que o fruto influa,  
que uma flor, que eu não queria,  
Se dê, a quem principia  
e o fruto, a quem continua:  
se o fruto faz, que se argua,  
que eu sou o dono da planta,  
a flor seja tanto, ou quanta,  
sempre o dono a quer perdida,  
porque pelo chão caída  
faz, que o fruto se adianta.

Quem é do fruto Senhor  
sabe as Leis d'agricultura,  
que todo o fruto assegura,  
e despreza toda a flor:  
e inda que chamam favor  
dar a sua flor a Dama  
àquele, por quem se inflama  
eu entendo de outro modo,  
e ao fruto mais me acomodo,  
que honra, e proveito se chama.

Porque na testa vos entre  
o mistério, que isto encerra,  
quem me dá o fruto da terra,  
me pode dar do seu ventre:  
e porque se reconcentre  
este vaticínio imundo  
no vosso peito fecundo,  
digo qual bem augureiro,  
que quem me deu o primeiro,  
me pode dar o segundo.

O Padre andou muito tolo  
em vos estimar a flor,  
porque era folha o favor,  
e o meu todo era miolo:  
com meu favor me consolo  
de sorte, e tão por inteiro,  
que afirmou por derradeiro,  
que um favor, e outro suposto,  
eu levo de vós o gosto,  
e o Padre vigário o cheiro.

Eu do Vigário zombei,  
porque vejo, que levou  
uma flor, que se murchou,  
e eu o fruto vos papei:  
este exemplo lhe gravei,  
y este desengaño doy  
dela dicha, em que me estoy  
cantando a su flor ansi,  
que ayer maravila fui,  
y oy sombra mia aun no soy.

**NICOLAU DE TAL PROVIDOR DA CASA DA MOEDA EM LISBOA, QUE SENDO BEM VISTO D'EL REI DOM PEDRO II ENCONTRAVA OS REQUERIMENTOS DO POETA: O QUAL ENFADADO DAS SUAS DEMASIAS LHE SACUDIU O CAIXEIRO DESTA SÁTIRA**

Marinículas todos os dias  
O vejo na sege passar por aqui  
Cavalheiro de tão lindas partes  
Como verbi gratia Londres, e Paris.

Mais fidalgo que as mesmas estrelas,  
Que às doze do dia viu sempre luzir,  
Porque o Pai, por não sei que desastre  
Tudo, o que comia, vinha pelo giz.

Peneirando-lhe os seus avolórios  
É tal a farinha do Ninfo gentil,  
Que por machos é sangue Tudesco,  
Porém pelas fêmeas humor meretriz.

Um Avô, que rodou esta Corte  
Num coche de a quatro de um D. Bleaniz,  
Sobre mulas, foi tão atrativo,  
Que os senhores todos trouxe após de si.

Foi um grande verdugo de bestas,  
Que com um azorrague, e dous borzeguins  
Ao compás dos maus passos, que dava,  
Lhes ia cantando o lá sol fá mi.

Marinículas era muchacho  
Tão grão rabaceiro de escumas de rim,  
Que jamais para as toucas olhava,  
Por achar nas calças melhor fraldelim.

Sendo já sumilher de cortina  
De um sastre de barbas saiu aprendiz,  
Dado só às licções de canudo  
Rapante da espécie de pica viril.

Cabrestilhos tecendo em arame  
Tão pouco lucrava no pátrio País,  
Que se foi, dando velas ao vento,  
Ao reino dos servos, não mais que a servir.

Lá me dizem, que fez carambola  
Com certo Cupido, que fora daqui  
Empurrado por umas Sodomas  
No ano de tantos em cima de mil.

Por sinal, que no sítio nefando  
Lhe pôs a ramela do olho servil  
Um travesso, porque de caveira

A seus cus servisse aquele âmbar gris.

Mordeduras de perro raivoso  
Com pêlo se cria do mesmo mastim,  
E aos mordidos do rabo não pode  
O sumo do rabo de cura servir.

Tanto enfim semeou pela terra,  
Que havendo colhido bastante quatrim,  
Resolvendo-se a ser Piratanda,  
Cruzou o salobre, partiu o Zenith.

Avistando este nosso hemisfério  
Colou pela barra em um bergantim,  
Pôs em terra os maiores joanetes,  
Que viram meus olhos depois que nasci.

Pertendendo com recancanilhas  
Roubar as guaritas de um salto sutil,  
Embolsava com alma de gato  
A risco do sape dinheiro do mis.

Senão quando na horta do Duque  
Andando de ronda um certo malsim,  
Estremando-lhe um cão pexilingre  
O demo do gato deitou o ceitil.

Marinículas vendo-se entonces  
De todo expulgado sem maravedim,  
Alugava rapazes ao povo,  
Por ter de caminho, de quem se servir.

Exercendo-os em jogos de mãos  
Tão lesto andavam do destro Arlequim  
Que se não lhes tirara a peçonha  
Ganhara com eles dous mil potosis.

A tendeiro se pôs de punhetas,  
E na tabuleta mandou esculpir  
Dous cachopos, e a letra dizia  
Los ordeñadores se alquilan aqui.

Tem por mestre do terço fanchono  
Um pajem de lança, que Marcos se diz,

Que se ao rabo por casa anda dele,  
O traz pelas ruas ao rabo de si.

Uma tarde, em que o Perro celeste  
Do sol acossado se pôs a latir,  
Marinícula estava com Marcos  
Limpendo-lhe os moncos de certo nariz.

Mas sentindo ruído na porta,  
Adonde batia um Gorra civil,  
Um, e outro se pôs de fugida  
Temiendo los dientes de algum Javali.

Era pois o Baeta travesso,  
Que se um pouco dantes aportara ali,  
Como sabe latim o Baeta,  
Pudiera cogerlos en un mal Latim.

Ao depois dando dele uma força  
Às alcoviteiras do nosso confim,  
Lhe valei no sagrado da Igreja  
O nó indissolúvel de um rico Mongil.

Empossado da simples consorte  
Cresceu de maneira naqueles chapins,  
Que inda hoje dá graças infindas  
Aos falsos informes de quis quid vel qui.

Não obstante pagar de vazio  
O santo Himeneu o pícaro vil,  
Se regala a ufa do sogro  
Comendo, e bebendo como um Muchachim.

Com chamar-se prudente com todos,  
Que muitos babosos o têm para si,  
Ele certo é o meu desenfado,  
Que um tolo prudente dá muito que rir.

É dotado de um entendimento  
Tão vivo, e esperto, que fora um Beliz,  
Se lhe houvera o juízo ilustrado  
Um dedo de Grego, com dous de Latim.

Entre gabos o triste idiota

Tão pago se mostra dos seus gorgutiz,  
Que nascendo sendeiro de gema,  
Quer à fina força meter-se a rocim.

Deu agora em famoso arbitrista,  
E quer por arbítrios o bruto Malsim,  
Que o vejamos subir à excelência,  
Como diz, que vimos Montalvão subir.

Sendo pois o alterar da moeda  
o assopro, o arbítrio, o ponto, e o ardil,  
De justiça (a meu ver) se lhe devem  
as honras, que teve Ferraz, e Soliz.

Deem com ele no alto da força,  
Adonde o Fidalgo terá para si,  
Que é o mais estirado de quantos  
Beberam no Douro, mijaram no Rhim.

Seu intenvo é bater a moeda,  
Correrem-lhe gages, e ser Mandarim,  
Porque andando a moeda na forja  
Se ri de Cuama, de Scena, e de Ofir.

Sempre foi da moeda privado,  
Mas vendo-me agora Senhor, e Juiz,  
Condenando em portais a moeda  
Abriu às unhas a porta para si.

Muito mais lhe rendeu cada palmo  
Daquela portada, que dous potosis.  
Muito mais lhe valeu cada pedra,  
Que vale um ochavo de Valadolid.

Pés de pugas com topes de seda,  
Cabelos de cabra em pós de marfim,  
Pés, e pugas de rir o motivo,  
Cabelos, e topes motivos de rir.

Uma Tia, que abaixo do muro  
Lanções esquiteja, me dizem, que diz,  
Sua Alteza (sem ver meu Sobrinho)  
A nada responde de não, ou de sim.

Pois a Prima da Rua do Saco  
Tão bem se reputa de todos ali,  
Que a furaram como valadouro  
Para garavato de certo candil.

Outras Tias me dizem, que tinha  
Tão fortes galegas, e tão varonis,  
Que sobre elas foi muita mais gente  
Que sobre as Espanhas no tempo do Cid.

Catarina conigibus era  
Uma das Avós da parte viril,  
Donde vem conicharem-se todos  
As conigibundas do tal generiz.

Despachou-se com hábito, e tença  
por grandes serviços, que fez ao sofi,  
em matar nos fiéis Portugueses  
De puro enfadonho três, ou quatro mil.

E porque de mecânica tanta  
Não foi dispensado, tenho para mim,  
Que em usar da mecânica falsa  
Se soube livrar da mecânica vil.

É possível que calce tão alto  
A baixa vileza de um sujo escarpim,  
Para o qual não é água bastante  
A grossa corrente do Guadalquebir?

Marinículas é finalmente  
Sujeito de prendas de tanto matiz,  
Que está hoje batendo moeda,  
Sendo ainda ontem um vilão ruim.

**PONDO OS OLHOS PRIMEIRAMENTE NA SUA CIDADE CONHECE, QUE OS  
MERCADORES SÃO O PRIMEIRO MÓVEL DA RUÍNA, EM QUE ARDE PELAS  
MERCADORIAS INÚTEIS E ENGANOSAS**

Triste Bahia! Oh quão dessemelhante  
Estás, e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,  
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti tocou-te a máquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando, e tem trocado  
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente  
Pelas drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceitas do sangaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fora de algodão o teu capote!

### **DESCREVE COM MAIS INDIVIDUAÇÃO A FIDÚCIA, COM QUE OS ESTRANHOS SOBEM A ARRUINAR SUA REPÚBLICA**

Senhora Dona Bahia,  
nobre, e opulenta cidade,  
madrasta dos Naturais,  
e dos Estrangeiros madre.  
Dizei-me por vida vossa,  
em que fundais o ditame  
de exaltar, os que aí vêm,  
e abater, os que ali nascem?  
Se o fazeis pelo interesse,  
de que os estranhos vos gabem,  
isso os Paisanos fariam  
com duplicadas vantagens.  
E suposto que os louvores  
em boca própria não cabem,  
se tem força terá a verdade.  
O certo é, Pátria minha,  
que fostes terra de alarves,  
e inda os ressábios vos duram  
desse tempo, e dessa idade.  
Haverá duzentos anos,  
(nem tantos podem contar-se)  
que éreis uma aldeia pobre,  
e hoje sois rica cidade.  
Então vos pisavam Índios,  
e vos habitavam cafres,  
hoje chispais fidalguias,



arrojando personagens.  
A essas personagens vamos,  
sobre elas será o debate,  
e queira Deus, que o vencer-vos  
para envergonhar-vos baste.  
Sai um pobrete de Cristo  
de Portugal, ou do Algarve  
cheio de drogas alheias  
para daí tirar gages:  
O tal foi sota-tendeiro  
de um cristão-novo em tal parte,  
que por aqueles serviços  
o despachou a embarcar-se.  
Fez-lhe uma carregaço  
entre amigos, e compadres:  
e ei-lo comissário feito  
de linhas, lonas, beirames.  
Entra pela barra dentro,  
dá fundo, e logo a entonar-se  
começa a bordo da Nau  
c'um vestidinho flamante.  
Salta em terra, toma casas,  
arma a botica dos trastes,  
em casa come Baleia,  
na rua entoja manjares.  
Vendendo gato por lebre,  
antes que quatro anos passem,  
já tem tantos mil cruzados,  
segundo afirmam Pasguates.  
Começam a olhar para ele  
os Pais, que já querem dar-lhe  
Filha, e dote, porque querem  
homem, que coma, e não gaste.  
Que esse mal há nos mazombos,  
têm tão pouca habilidade,  
que o seu dinheiro despendem  
para haver de sustentar-se.  
Casa-se o meu matachim,  
põe duas Negras, e um Pajem,  
uma rede com dous Minas,  
chapéu-de-sol, casas-grandes.  
Entra logo nos pilouros,  
e sai do primeiro lance  
Vereador da Bahia,

que é notável dignidade.  
Já temos o Canastreiro,  
que inda fede a seus beirames,  
metamorfoses da terra  
transformado em homem grande:  
e eis aqui a personagem.  
Vem outro do mesmo lote  
tão pobre, e tão miserável  
vende os retalhos, e tira  
comissão com couro, e carne.  
Co principal se levanta,  
e tudo emprega no lguape,  
que um engenho, e três fazendas  
o têm feito homem grande;  
e eis aqui a personagem.  
Dentre a chusma e a canalha  
da marítima bagagem  
fica às vezes um cristão,  
que apenas benzer-se sabe:  
Fica em terra resoluto  
a entrar na ordem mercante,  
troca por côvado, e vara  
timão, balestilha, e mares.  
Arma-lhe a tenda um ricaço,  
que a terra chama Magnate  
com pacto de parceria,  
que em direito é sociedade:  
Com isto a Marinheiraz  
do primeiro jacto, ou lance  
bota fora o cu breado,  
as mãos dissimula em guantes.  
Vende o cabedal alheio,  
e dá com ele em Levante,  
vai, e vem, e ao dar das contas  
diminui, e não reparte.  
Prende aqui, prende acolá,  
nunca falta um bom Compadre,  
que entretenha o credor,  
ou faça esperar o Alcaide.  
Passa um ano, e outro ano,  
esperando, que ele pague,  
que uns lhe dão, para que junte,  
e outros mais, para que engane.  
Nunca paga, e sempre come,

e quer o triste Mascate,  
que em fazer a sua estrela  
o tenham por homem grande.  
O que ele fez, foi furto,  
que isso faz qualquer bibrante,  
tudo o mais lhe fez a terra  
sempre propícia aos infames  
e eis aqui a personagem.  
Vem um Clérigo idiota,  
desmaiado com um jalde,  
os vícios com seu bioco,  
com seu rebuço as maldades:  
Mais Santo do que Mafoma  
na crença dos seus Árabes,  
Letrado como um Matulo,  
e velhaco como um Frade:  
Ontem simples Sacerdote,  
hoje uma grã dignidade,  
ontem selvagem notório,  
hoje encoberto ignorante.  
Ao tal Beato fingido  
é força, que o povo aclame,  
e os do governo se obriguem,  
pois edifica a cidade.  
Chovem uns, e chovem outros  
com ofícios, e lugares,  
e o Beato tudo apanha  
por sua muita humildade.  
Cresce em dinheiro, e respeito,  
vai remetendo as fundagens,  
compra toda a sua terra,  
com que fica homem grande,  
e eis aqui a personagem.  
Vêm outros zotes de Réquiem,  
que indo tomar o caráter  
todo o Reino inteiro cruzam  
sobre a chanca viandante.  
De uma província para outra  
como Dromedários partem,  
caminham como camelos,  
e comem como salvagens:  
Mariolas de missal,  
lacaio missa-cantante  
sacerdotes ao burlesco,

ao sério ganhões de altares.  
Chega um destes, toma amo,  
que as capelas dos Magnates  
são rendas, que Deus criou  
para estes Orate frates.  
Fazem-lhe certo ordenado,  
que é dinheiro na verdade,  
que o Papa reserva sempre  
das ceias, e dos jantares.  
Não se gasta, antes se embolsa,  
porque o Reverendo Padre  
é do Santo Nicomedes  
meritíssimo confrade;  
e eis aqui a personagem.  
Veem isto os Filhos da terra,  
e entre tanta iniquidade  
são tais, que nem inda tomam  
licença para queixar-se.  
Sempre veem, e sempre falam,  
até que Deus lhes depare,  
quem lhes faça de justiça  
esta sátira à cidade,  
Tão queimada, e destruída  
te vejas, torpe cidade,  
como Sodoma, e Gomorra  
duas cidades infames.  
Que eu zombo dos teus vizinhos,  
sejam pequenos, ou grandes  
gozos, que por natureza  
nunca mordem, sempre latem.  
Que eu espero entre Paulistas  
na divina Majestade,  
Que a ti São Marçal te queime,  
E São Pedro assim me guarde.

**JULGA PRUDENTE E DISCRETAMENTE AOS MESMOS POR CULPADOS EM UMA  
GERAL FOME QUE HOVE NESTA CIDADE PELO DESGOVERNO DA REPÚBLICA,  
COMO ESTRANHOS NELA**

Toda a cidade derrota  
esta fome universal,  
uns dão a culpa total  
à Câmara, outros à frota:

a frota tudo abarrota  
dentro nos escotilhões  
a carne, o peixe, os feijões,  
e se a Câmara olha, e ri,  
porque anda farta até aqui,  
é cousa, que me não toca;  
Ponto em boca.

Se dizem, que o Marinheiro  
nos precede a toda a Lei,  
porque é serviço d'El-Rei,  
concedo, que está primeiro:  
mas tenho por mais inteiro  
o conselho, que reparte  
com igual mão, igual arte  
por todos, jantar, e ceia:  
mas frota com tripa cheia,  
e povo com pança oca!  
Ponto em boca.

A fome me tem já mudo,  
que é muda a boca esfaimada;  
mas se a frota não traz nada,  
por que razão leva tudo?  
que o Povo por ser sisudo  
largue o ouro, e largue a prata  
a uma frota patarata,  
que entrando co'a vela cheia,  
o lastro que traz de areia,  
por lastro de açúcar troca!  
Ponto em boca.

Se quando vem para cá,  
nenhum frete vem ganhar,  
quando para lá tornar,  
o mesmo não ganhará:  
quem o açúcar lhe dá,  
perde a caixa, e paga o frete,  
porque o ano não promete  
mais negócio, que perder  
o frete, por se dever,  
a caixa, porque se choca:  
Ponto em boca.

Eles tanto em seu abrigo,  
e o povo todo faminto,  
ele chora, e eu não minto,  
se chorando vo-lo digo:  
tem-me cortado o embigo  
este nosso General,  
por isso de tanto mal  
lhe não ponho alguma culpa;  
mas se merece desculpa  
o respeito, a que provoca,  
Ponto em boca.

Com justiça pois me torno  
à Câmara Nó Senhora,  
que pois me trespassa agora,  
agora leve o retorno:  
praza a Deus, que o caldo morno,  
que a mim me fazem cear  
da má vaca do jantar  
por falta do bom pescado  
lhe seja em cristéis lançado;  
mas se a saúde lhes toca:  
Ponto em boca.

**NO ANO DE 168 DIMINUÍRAM AQUELE VALOR, QUE SE HAVIA ERGUIDO À MOEDA, QUANDO O POETA ESTAVA NA CORTE, ONDE ENTÃO COM SEU ALTO JUÍZO SENTIU MAL DO ARBITRISTA, QUE ASSIM ACONSELHARA A EL REI, QUE FOI O PROVIDOR DA MOEDA CHAMADO NICOLAU DE TAL, À QUEM FEZ AQUELA CÉLEBRE OBRA INTITULADA "MARINÍCULAS" O QUE CLARAMENTE SE DEIXA VER NESTES VERSOS:**

"Sendo pois o alterar da moeda  
o asopro, o arbítrio, o ponto, o ardil,  
de justiça a meu ver se lhe devem  
as honras, que teve Ferraz, e Soliz."

**AGORA COM A EXPERIÊNCIA DOS MALES, QUE PADECE A REPÚBLICA NESTAS ALTERAÇÕES, SE JACTA DE O HAVER ESTRANHADO ENTÃO: JULGANDO POR CAUSA TOTAL OS AMBICIOSOS ESTRANGEIROS INIMIGOS DOS BENS ALHEIOS**

Tratam de diminuir  
o dinheiro a meu pesar,

que para a cousa baixar  
o melhor meio é subir:  
quem via tão alto ir,  
como eu vi ir a moeda,  
lhe prognosticou a queda,  
como eu lha prognostiquei:  
dizem, que o mandou El-Rei,  
quer creiais, quer não creiais.  
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

Manda-o a força do fado,  
por ser justo, que o dinheiro  
baixe a seu valor primeiro  
depois de tão levantado:  
o que se vir sublimado  
por ter mais quatro mangavas,  
hão de pesá-lo as oitavas,  
e por leve hão de enjeitá-lo:  
e se com todo este abalo  
por descontentes vos dais,  
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

As pessoas, que quem rezo,  
hão de ser como o ferrolho,  
val pouco tomado a olho,  
val menos tomado a peso:  
os que prezo, e que desprezo  
todos serão de uma casta,  
e só moços de canastra  
entre veras, e entre chanças  
com pesos, e com balanças  
vão a justificar os mais:  
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

Porque como em Maranhão  
mandam novelos à praça,  
assim vós por esta traça  
mandareis o algodão:  
haverá permutação,  
como ao princípio das gentes,  
e todos os contraentes  
trocarão droga por droga,  
pão por sal, lenha por sogá,  
vinhas por canaviais:

Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

Virá a frota para o ano,  
e que leve vós agouro  
senão tudo a peso de ouro,  
a peso tudo de engano:  
não é o valor desumano,  
que a cada oitava se dá  
da prata, que corre cá,  
pelo meu fraco conceito,  
mas ao cobrar fiel direito,  
e oblíquo, quando pagais;  
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

Bem merece esta cidade  
esta aflição, que a assalta,  
pois os dinheiros exalta  
sem real autoridade:  
eu se hei de falar verdade,  
o agressor do delito  
devia ser só o aflito:  
mas estão tão descansados,  
talvez que sejam chamados  
nesta frota, que esperais;  
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

**LISONJEIA FINALMENTE O POETA COM ESTAS MORALIDADES TRISTES DE UMA VIDA FLORESCENTE PELAS FRIAS VOZES DAQUELA SEPULTADA BELEZA SUAS FORMOSAS IRMÃS, AVIVANDO-LHE OS MOTIVOS DA DOR**

*MOTE*

*Ya que flor, mis Flores, fui  
Vuestro exemplo aora soy,  
pues de flor a sol subi,  
y oy de mi aun sombras doy.*

En flor, mis Flores, se muere,  
quien en la vida fué flor,  
que es la muerte com rigor  
de las Flores Malmequiere:  
quien de vosotras se huviere  
desconocido haste aqui,



su triste flor veyá en mi  
como en un puro cristal,  
que espejo soy de su mal,  
ya que flor, mis Flores, fui.

Triunfar, Flores, en efecto  
ya me visteis de la suerte,  
si mal me quiso la muerte,  
siempre he sido Amor perfecto:  
desengañada os prometo  
de la ceniza, en que estoy,  
pues al sepulchro me voy,  
Flores, para que nasci,  
que si Perpetua no fui,  
Vuestro exemplo aora soy.

de aqueste jardin de Flora,  
que flagra oloroso aliento,  
ya fui galardado elemento,  
ya fui bellissima aurora:  
pero, mis Flores, aora  
nada soy, de lo que fui,  
bien que los habitos di,  
con que a los astros legué,  
y en el cielo me quedé,  
Pues de flor e sol subi.

Alerta, Flores, que ayrada  
la muerte usurpa las flores,  
en quien colores, y olores  
son exemplos de la nada:  
alerta pues que prostada  
mis brios lorando estoy;  
lo que va de ayer a oy  
aprended de um muerto sol,  
que ayer candido arrebol,  
y oy de mi aun sombras doy.

**DESTA VEZ SE DEIXOU O POETA ESQUECER NAQUELA CASA, ESPERANDO  
OCASIÃO DE DECLARAR-SE, E SEMPRE SE ACOVARDOU À VISTA DA CAUSA,  
SEMPRE EM LUTAS COM O AMOR, E RESPEITO**

*MOTE*

*Muero por dizir mi mal,  
Va-me la vida en calar.*

Dos vezes muerto me halo  
de los arpones de Amor,  
una al dizir mi dolor,  
y otra vez quando lo calo.  
No sé corno remediarlo,  
pues su implicacion es tal,  
que hazes mi dolor mortal,  
y con peligro tan fiero,  
que quando por calar muero,  
Muero por dizir mi mal.

Aqui el contrario no es medio  
de curar a su contrario,  
porque el remedio ordinario  
no es para mi mal remedio:  
yo tengo un azar, um tedio  
a todo, lo que es sanar,  
porque todo es peligrar;  
si calo, pierdo la vida,  
y si digo, mi homicida,  
Va-me la vida en calar.

## **OUTRA VEZ O ASSALTAM NOVOS PENSAMENTOS DE DECLARAR-SE, E TEMER**

*MOTE*

*Ay de ti, pobre cuydado,  
que en la carcel del silencio  
has de tener tu razon,  
porque lo manda el respeyto.*

Si por fuerça del respeyto,  
ou floxedad de alvedrio  
nasciste, cuydado mio,  
tan captivo, y tan sugeto:  
y aun eres tan indiscreto,  
que de nescio, y porfiado  
quieres por lo bien hablado  
librar tu inocencia mucha,

con quien te riñe y no escucha,  
Ay de ti, pobre cuydado.

Cessa y serás escuchado,  
que en la quexa de un tormento  
las voces se leva el viento,  
no el alivio, que es passado:  
cala, y no hables deslumbrado  
al dueño, à quien reverencio,  
y sien la quietud, que agencio,  
conviene, que mi razon  
se prenda, que mas prision,  
Que en la carcel del silencio

Mi concejo esto contiene,  
y porque mejor se entienda,  
antes la razon se prenda,  
que quien la rason se tiene:  
la prudencia lo previene  
con viva demonstracion:  
tener quieres duracion?  
luego debes entender,  
que para rason tener  
Has de tener tu rason.

Y pues dizirla es perderla,  
porque hablada va perdida,  
tenla en tu pecho escondida,  
que assi vendras a tenerla:  
no temas el no entenderla  
de tu silencio el objecto:  
pues calando te prometo,  
que en prueba de rnis lealdades  
sepan, que calé verdades,  
Porque lo manda el respeto.

**EM CONTRAPOSIÇÃO DO QUE RESOLVEU, SE ENTREGAR O POETA  
NOVAMENTE AO SILÊNCIO, RESPEITANDO, A QUE OS SUSPIROS POSTO QUE  
CONSOLAM, NÃO ALIVIAM POR MENOS NOBRES**

*MOTE*

*Ay de ti, que en tus suspiros*

*has de lograr el consuelo,  
no el alivio, que es culpar  
la atencion del rendimiento.*

Coraçon: siente tu anhelo,  
que quien gime en su tormento,  
no haze agravio al sentimiento,  
si halo en sentir consuelo:  
gime dentro en tu desvelo,  
que ni te oyan tus retiros,  
mas si la nota haze tiros,  
ay de ti, que en tus razones  
faltas a las submisiones?  
Ay de ti, que en tus suspiros!

Ay de ti, pobre cuydado,  
que en un suspiro sentido  
si ganas lo divertido  
no pierdes lo desdichado!  
ay de ti, que desahogado  
al ayre vital del cielo  
no creyo, que en tu desvelo  
algun alivio consigas,  
ni pienso, que en tus fadigas  
Has de lograr el consuelo.

Si el consuelo se quedó,  
en quien suspira, en quien lora,  
quede el consuelo en buen hora,  
mas el alívio esso nó:  
el consuelo podrè yo  
en un triste asegurar  
que el dar suspiros al viento  
es culpa del sentimiento  
No el alivio, que es culpar.

No se alivia, el que suspira,  
si gimiendo se consuela,  
que como el gimir anhela,  
del alivio se retira:  
ten pues, cuydado, la mira,  
en que no floxa el tormento,  
viva intacto el sentimiento,  
que bien el de coro observa,

quien siente, cala, y reserva  
la atención del rendimiento

## **PORFIA O POETA EM LOUVAR SEU NECESSÁRIO SILÊNCIO, COMO QUEM FAZ VIRTUDE DA NECESSIDADE**

### *MOTE*

*Sentir por solo sentir  
es el sentir verdadero,  
que en saber sentir está  
el premio del sentimiento.*

Coração: sofre, y padece,  
que quien alivia el tormento  
el premio del sufrimiento  
nesciamente desmerece:  
siente, y en tus dolores cresce:  
sofre, que solo el sufrir  
sera el medio de luzir:  
cala, que la causa es tal,  
que está mandando a tu mal  
Sentir por solo sentir.

Sentir, sufrir, y calar  
medio será de salvar-te:  
pero no sientan lora-te  
porque es arte de aliviar:  
el sufrimiento hade estar  
sugeto al arpon severo,  
evitando el ser grossero  
con silencio, o con rason,  
que sentir sin reflexion  
Es el sentir verdadero.

No sufras, por mas sufrir,  
que en sufrir por merecer,  
la atención hecha a perder,  
quando lega a competir:  
nada intentes conseguir,  
que es vana gloria, y quisá  
que todo se perderá:  
la mudez no es meritoria?

Sabe sentir por la gloria,  
Que en saber sentir está.

Sabe, que ay indignacion,  
en quien te puede ultrajar,  
que ay aborrecer, y amar,  
mas no sepas la razon:  
siente tu injusta passion,  
mas no sepa el sufrimiento  
la causa de tu tormento:  
discurre sin discurrir,  
que halarás en tu sentir  
El premio del sentimiento.

**A FR. PASCOAL QUE SENDO ABADE DE N. S. DAS BROTAS HOSPEDOU ALI COM GRANDEZA A D. ÂNGELA, E SEUS PAIS, QUE FORAM DE ROMARIA À AQUELE SANTUÁRIO**

Prelado de tan alta perfeccion,  
Que supo em un aplauso, en un festin  
Congregar en su casa um serafin  
Cercado de tan alta relacion:

Ya mas tenga en su cargo dissension,  
Ni en sus Fraylecitos vea motin:  
Ninguno Hijuelo suyo sea ruin,  
Y los crie en su santa bendicion.

Lena estè la cosina de sarten,  
Y siempre el refectorio abunde en pan,  
Que bien merece Frayle tan de bien.

A quien el sacro bago se le dan  
Regir la casa santa de Belen,  
Y que ya sela quite al soliman.

**A UMA DAMA QUE SE MOSTRAVA PARA O POETA TODA DESDENHOSA, E CRUEL**

*MOTE*

*Gileta siempre cruel,  
mira-me piedosa un día,  
pues saben todos, que matas,  
sepan, que puedes dar vida.*

Que diré de tu crueldad,  
de tu rigor que diré,  
Gileta, si no que fué  
mi estrela, y fatalidad:  
que eres mi estrela, es verdad,  
pero tan mala, y infiel  
no lo dirá mi pincel,  
solo diré de sentido,  
que para mi ruego has sido,  
Gileta, siempre cruel.

Ni un solo día pudiste  
perder tu fiero rigor,  
que para perder mi amor  
tu condición no perdiste:  
si ni aun esto conseguiste  
de la fé, y firmeza mía,  
ociosa es la tyranía,  
y pues no sirve a tu afecto  
ser tyrana sin efecto,  
Mira-me piedosa un día.

Si por matar-me inhumana  
te precias de rigorosa,  
quien puede matar de hermosa,  
no me mate de tyrana:  
y se a que más soberana  
te sepan, los que maltratas,  
tantas vidas desbaratas,  
conocida tu inclemencia,  
ya excusas la diligencia,  
Pues saben todos, que matas.

Quando a dar muertes te inclina  
tu ser, humana te muestra,  
que si a dar vidas te adiestra,  
te acreditas por divina:  
tu fama haze peregrina,  
si eres, Gileta entendida,

y a todos, bela homicida,  
muestra tu poder, de suerte  
que aquellos, a quien dás muerte,  
Sepan, que puedes dar vida.

## **CHORA O POETA SUA INFELICIDADE COM HUM PENSAMENTO OCULTO**

### *MOTE*

*Amargo paguen tributo  
mis ojos al desamor,  
pues de una esperança en flor  
es oy desengaño el fruto.*

Solos de mi triste enojo  
ojos, podreis dar indicios,  
pues aquestos desperdicios  
los tuvisteis siempre de ojo:  
oy, a que loreis, me arrojó  
con desengaño absoluto,  
que el reconcentrado luto,  
(con causa a los ojos tanto)  
pide a los ojos, que en lanto  
Amargo paguen tributo.

No es, ojos, intento mio  
soltar la corriente en vano,  
ni que sea en castelano,  
lo que en portuguez es rio:  
corrientes de um lanto pio  
abono de mi dolor  
manifesten al amor,  
digan con iras, y afecto  
su tyrano, y vil efecto  
Mis ojos al desamor.

Rebentad de sentimiento,  
Ojos, en tanto delirio,  
porque de aqueste martirio  
saquen muchos escarmiento:  
sepan de vuestro tormento,  
para que tengan horror,  
huyan, huyan del amor



que nunca es bien de raiz,  
sepan, sepan, que moris  
Pues de una esperança en flor.

Y pues conocisteis vos  
lo mucho, que el amor daña,  
lo que para niño engana,  
lo que miente para Dios,  
la esphinge de humana voz,  
y coraçon resolutio  
lorad con ardiente luto:  
temed con tristes dolores,  
pues de sus lindas flores  
Es oy desengaño el fruto.

#### **AUSENTE DE UM CONHECIDO BEM RECEIA TEMEROSO AS QUEBRAS**

##### *MOTE*

*Ausencias, y soledades  
lora mi fe, y mi amor,  
que el adorar-te, y no ver-te  
deste efecto causa son.*

Oy, Fili, doble passion  
me ofende en dura piedad,  
los ojos la soledad,  
y la ausencia el coraçon:  
el pecho, y los ojos son  
testigos de mis verdades,  
pues lorando vanidades,  
miro con oposiciones,  
que son causa a mis passiones  
Ausencias, y soledades.

Mi amor, y mi fe conmigo  
loran, y rien mi estrago,  
pues al merito es alhago,  
lo que al deseo es castigo:  
assi complicado sigo  
el plazer por el horror,  
pues por no ver su esplendor,  
quando el merito me vê,

rie mi amor, y mi fe,  
Lora mi fe, y mi amor.

Las ausencias nescio lora  
de una, que deidad se infiere,  
que quien al divino quiere,  
no mira, si bien adora:  
la vista a la fe minora  
con el peligro al querer-te;  
no muera pues, que la suerte  
precia menos por amar-te,  
el ver-te, sin adorar-te,  
Que el adorar-te, y no ver-te.

Ya quiero la soledad,  
y el merito en el tormento  
no lo engendre el sufrimiento,  
podiendo la enfermedad:  
efecto de tu beldad  
es tan noble adoracion,  
pues tu culto, y mi atencion,  
tu deidad, y mis afectos,  
desta causa son efectos,  
Deste efecto causa son.

### **AO MESMO ASSUNTO**

#### *MOTE*

*Ao pé de uma junqueira  
nasce uma fonte de prata,  
assentei-me junto dela,  
bem tolo é, quem se mata.*

Por divertir saudades  
de Fílis do céu traslado  
quis escolher meu cuidado  
por alívio as soledades:  
e revolvendo as verdades  
da fé, e firmeza minha,  
como cessado não tinha,  
de sentir, e imaginar,  
me deitei por descansar

Ao pé de uma junqueira.

Tomou-me o sono os sentidos,  
e em sonhos e fantasia  
arrebatado me guia  
a ver uns campos floridos:  
e para mais divertidos  
meus cuidados, me retrata  
uma graciosa mata  
fabricada de craveiros,  
donde entre verdes oiteiros  
Nasce uma fonte de prata.

Estava as graças notando  
de tão linda arquitetura,  
quando a melhor formosura  
à fonte se vem chegando:  
um véu de rosto tirando  
para melhor poder vê-la,  
conhecer ser Fílis bela,  
a que a minha alma roubou,  
e vendo, que se assentou,  
Assentei-me junto dela.

Eis que gozando de amor  
as delícias, acordei,  
e só sem Fílis me achei  
da junqueira ao redor:  
que presto vence uma dor  
qualquer aparência grata!  
quem em seus amores trata  
de glórias, não tem razão,  
e por deleites em vão  
Bem tolo é, quem se mata.

## **AO MESMO INTENTO**

*MOTE*

*Deixai-me, tristes memórias.*

Nesta ausência, bem querido,  
nada me serve de gosto,

que o bem, que em vós tenho posto,  
por ausente está perdido:  
mas aparta-te, sentido,  
pois se apartam essas glórias,  
porque as antigas vitórias,  
com que amor triunfou então,  
já lá vão, já nada são,  
Deixai-me, tristes memórias.

### **COMPARA SUAS PENAS COM AS ESTRELAS MUITO SATISFEITO COM A NOBREZA DO SÍMILE. A PRIMEIRA QUARTA NÃO É SUA**

Una, dos, trez estrelas, veinte, ciento,  
Un milon, mil milares de milares;  
Valga-me Dios! que tengan mis pezares  
Su retrato en el alto firmamento!  
Que siendo las estrelas tan sin cuenta,  
Como son las arenas de los mares,  
Las iguale en sus numeros impares  
Mi pezar, mi desdicha, y mi tormento!  
May yo de que me espanto, o que me abismo!  
Tenga esse alivio enfim mi desconsuelo,  
Que se vá pareciendo al cielo mismo.  
Pues pudiendo mis males por mas duelo  
Semejar-se a las penas del abismo,  
Tienen su semejança alá en el cielo.

### **AMOR, QUE ES FUEGO, Y AMADO**

*MOTE*

*Antandra, el Amor, si nó  
ocultas tus rayos, sé,  
que te ha de roubar, lo que  
Prometeo al sol robó.*

Amor, que es fuego, y amado  
com arco, aljaba, y saetas  
com mil amorosas tretas  
mil armas ha conquistado:  
pero tu, Antandra, has ganado

más victorias, que el ganó,  
de suerte que dudo yo  
(viendo unos, y otros despojos)  
si puede más que tus ojos,  
Antandra, el Amor, si no.

Porque en severa conquista  
tienen flechas, arco, y fuego,  
y luz, con que el amor ciego  
dexan a perder de vista:  
y así no ay, quien resista  
la luz, que en ellos se vê,  
y aun el mismo Amor por lé  
(como no puede mirando)  
que te adora, Antandra, quando  
Ocultas tus rayos, Sé.

Mas de sus adoraciones  
no debes mucho fiar-te  
que dicen, que hade robar-te,  
pues le robas coraçones:  
no ay, que fiar en ladrones,  
que enbistem a falsa fé;  
mas yo le preguntaré,  
Antandra, quando tu queiras,  
pues afirman tan deveras,  
Que te hade robar? Lo que?

Y si a tus ojos dixere,  
bien se dexa ver, que es ciego,  
y se dixeres, que el fuego,  
señal, que el tuyo prefiere:  
luego bien claro se infiere,  
que el mismo se condenó,  
y pues así te embidió  
puedes dar-lhe de barato,  
lo que por un falso trato  
Prometeo al sol robó

#### **A UMA DAMA QUE LHE PEDIU OS CABELOS**

Este cabelo, que aora  
quieres, que el amor te dé,

teme, Nise, que tu fé  
con el me seya traydora:  
mas como el alma te adora,  
obedecer-te es rason,  
que aun que seya otro Sanson  
mirando a tus ojos belos  
perder no puedo en cabelos  
las fuerças del coraçon.

### **A UMA DAMA CHAMADA JOSEFA, QUE EM NOITE DE SAM JOÃO LHE REBENTOU UM FOGUETE BUSCA-PÉ ENTRE AS PERNAS, DE QUE FICOU BEM MAL TRATADA**

Só vós, Josefa, só vós  
sabeis em todo o sertão  
festejar o São João,  
na noite de catrapós:  
os vossos foguetes sós  
de fio, taboca, e pez  
são foguetes, pois num mês  
tivestes por vosso abono  
um foguete busca-cono,  
um lugar de busca-pés.  
Quem tal foguete botou,  
que em boa realidade  
vos fodeu contra a vontade  
e a foda vos não pagou?  
conforme ele se embocou  
vinha bem industriado;  
mas não foi grande o pecado,  
em que o foguete há caído  
deixar-vos o cono ardido,  
se antes andava arreitado.  
O foguete por tramóia  
vos queima, e deixa arrasada,  
e os que passam pela estrada,  
vão dizendo "aqui foi Tróia":  
vaso, que sendo uma jóia  
não pôde ao menor resquício,  
reparar em o artifício,  
digam-lhe em forma de pedra  
escalo armado de Yedra  
yo te conoci Edifício.

Deixou-vos vosso parceiro,  
vendo, que entre tantas falhas,  
O que eram altas muralhas,  
hoje é triste pardieiro:  
que faria o pegureiro  
vendo, no que vaso foi  
lo que va de ayer a oy  
e lhe dizíeis ali,  
que ayer maravila fui  
y oy sombra mia aun no soy.  
Deixou-vos tão de carreira  
com medo deste fracasso,  
pois viu, que o que era vaso,  
já agora estava caveira:  
como quereis, que vos queira,  
nem que torne ao vosso horto,  
se de pasmado, e absorto  
lhe pareceu, que seria  
pecado de Sodomia  
fornicar um vaso morto.  
Daquela campanha chã  
tão rasa, e tão abrasada  
fugiu, porque era estampada  
a pedra da Itapoã:  
e como cada manhã  
a pedra furada atroa,  
e o homem era pessoa  
tão amigo de um bom trato,  
vos disse "fora Lobato,  
que esse vaso mal me soa".  
Mas como vós sois cachorra;  
e sobre isto ardida estais,  
de uma em outra porta andais  
pedindo esmolos de porra:  
não achais, quem vos socorra,  
nem quem para vós se emangue,  
com que a cada pé de mangue  
chorais, que em tão triste caso  
ninguém vos aceita o vaso,  
temendo lhe queime o sangue.  
Josefa, o que está melhor  
ao vosso cono caveira,  
é dá-lo uma sexta-feira  
de Quaresma a um Pregador:

porque ele com seu fervor,  
e co'a caveira na mão  
fara tão grande sermão,  
que os homens por seu abono  
ouvindo o memento cono  
todos se arrependerão.

## **CHORA O POETA SUA INFELICIDADE COM HUM PENSAMENTO OCULTO**

### *MOTE*

*Amargo paguen tributo  
mis ojos al desamor,  
pues de una esperanza en flor  
es oy desengaño el fruto.*

Solos de mi triste enojo  
ojos, podreis dar indicios,  
pues aquestos desperdicios  
los tuvisteis siempre de ojo:  
oy, a que loreis, me arrojó  
con desengaño absoluto,  
que el reconcentrado luto,  
(con causa a los ojos tanto)  
pide a los ojos, que en lanto  
Amargo paguen tributo.

No es, ojos, intento mio  
soltar la corriente en vano,  
ni que sea en castelano,  
lo que en portuguez es rio:  
corrientes de um lanto pio  
abono de mi dolor  
manifesten al amor,  
digan con iras, y afecto  
su tyrano, y vil efecto  
Mis ojos al desamor.

Rebentad de sentimiento,  
Ojos, en tanto delirio,  
porque de aqueste martirio  
saquen muchos escarmiento:  
sepan de vuestro tormento,



para que tengan horror,  
huyan, huyan del amor  
que nunca es bien de raiz,  
sepan. sepan, que moris  
Pues de una esperança en flor.

Y pues conocisteis vos  
lo mucho, que el amor daña,  
lo que para niño engana,  
lo que miente para Dios,  
la esphinge de humana voz,  
y coraçon resolutivo  
lorad con ardiente luto:  
temed con tristes dolores,  
pues de sus lindas flores  
Es oy desengaño el fruto.

#### **AUSENTE DE UM CONHECIDO BEM RECEIA TEMEROSO AS QUEBRAS**

##### *MOTE*

*Ausencias, y soledades  
lora mi fe, y mi amor,  
que el adorar-te, y no ver-te  
deste efecto causa son.*

Oy, Fili, doble passion  
me ofende en dura piedad,  
los ojos la soledad,  
y la ausencia el coraçon:  
el pecho, y los ojos son  
testigos de mis verdades,  
pues lorando vanidades,  
miro con oposiciones,  
que son causa a mis passiones  
Ausencias, y soledades.

Mi amor, y mi fe conmigo  
loran, y rien mi estrago,  
pues al merito es alhago,  
lo que al deseo es castigo:  
assi complicado sigo

el plazer por el horror,  
pues por no ver su esplendor,  
quando el merito me vê,  
rie mi amor, y mi fe,  
Lora mi fe, y mi amor.

Las ausencias nescio lora  
de una, que deidad se infiere,  
que quien al divino quiere,  
no mira, si bien adora:  
la vista a la fe minora  
con el peligro al querer-te;  
no muera pues, que la suerte  
precia menos por amar-te,  
el ver-te, sin adorar-te,  
Que el adorar-te, y no ver-te.

Ya quiero la soledad,  
y el merito en el tormento  
no lo engendre el sufrimiento,  
podiendo la enfermedad:  
efecto de tu beldad  
es tan noble adoracion,  
pues tu culto, y mi atencion,  
tu deidad, y mis afectos,  
desta causa son efectos,  
Deste efecto causa son.

**COMPARA SUAS PENAS COM AS ESTRELAS MUITO SATISFEITO COM A  
NOBREZA DO SÍMILE. A PRIMEIRA QUARTA NÃO É SUA**

Una, dos, trez estrelas, veinte, ciento,  
Un milon, mil milares de milares;  
Valga-me Dios! que tengan mis pezares  
Su retrato en el alto firmamento!  
Que siendo las estrelas tan sin cuenta,  
Como son las arenas de los mares,  
Las iguale en sus numeros impares  
Mi pezar, mi desdicha, y mi tormento!  
May yo de que me espanto, o que me abismo!  
Tenga esse alivio enfim mi desconsuelo,  
Que se vá pareciendo al cielo mismo.

Pues pudiendo mis males por mas duelo  
Semejar-se a las penas del abismo,  
Tienen su semejança alá en el cielo.

### **DESCREVE O QUE REALMENTE SE PASSA NO REINO DE ANGOLA**

Passar la vida, sin sentir que passa,  
De gustos falta, y de esperanças lena,  
Bolver atraz pisando en seca arena,  
Sufrir un sol, que como fuego abraza.

Beber delas cacimas água bassa,  
Comer mal pos a medio dia, y cena,  
Oyr por qualquer parte una cadena,  
Ver dar açotes sin piedad, ni tassa:

Ver-se uno rico por encantamiento,  
Y señor, quando a penas fué creado,  
No tener, de quien fué, conocimiento;

Ser mentiroso por razon de estado,  
Vivir en ambicion siempre sediento,  
Morir de deudas, y pezar cargado.

### **MOTE**

*Mi rezelo me dizia,  
quando te empecé a querer,  
que en efecto eras muger,  
y es nescio, quien delas fia.*

Quize-te, Beliza, amar,  
y por mas que iba queriendo,  
iba conmigo diziendo,  
que me havias de engañar:  
yo nó quise acreditar  
el daño, que presumia,  
mas viendo tu aleyvozia,  
luego al instante alcancé,  
que era cierto aquilo, que  
Mi rezelo me dizia.

Iba queriendo, y dudando  
traz de mi misma sospecha  
que el aviso no aprovecha,  
al que se vá despenhando:  
hasta que cahi pagando  
mi imprudente proceder,  
y es justo, que legue a ver  
aflicto mi coraçon,  
pues no segui la rason,  
Quando te empecé a querer.

Saliste al fin con tu engaño,  
pues en tu naturaleza,  
como ya mas ay firmeza,  
siempre tuvo assiento el daño:  
toco aora el desengaño  
del mal, que hize en te querer,  
pues para no pretender  
firmeza en tu pecho halar,  
luego deviera pensar,  
Que en efecto eras muger.

Muger eras, falsa fuiste,  
falsa devias de ser,  
pues si nasciste muger,  
obras, como qual naciste:  
muy pouco a mim me ofendiste,  
porque yo te conocia,  
y nunca, Beliza mia,  
aguardé de tus verdades,  
ni fié de tus lealtades,  
Y es nescio, quien delas fia.

**RENDE-SE A PESSOA DE BERNARDO VIEIRA RAVASCO, NESTE SONETO, PELOS  
MESMOS CONSOANTES DE OUTRO FEITO À FLOR DO MARACUJÁ PARA  
CONSTAR DO DITO QUE ERAM ESTAS RESPOSTAS DO NOSSO POETA**

Ya rendida, y prostrada mas que vana  
A vuestros pies mi Musa reverente  
Por coronar com elos a su frente  
Del suelo sube al cielo mas losana.

Por convencido ostenta gloria ufana,

Que tiene por corona floreciente  
El quedar-se rendida eternamente,  
Porque humilhada al triumpho se germana.

Rendimiento fiel haze pomposa,  
Que en beber los castalios crescimientos  
Se adquiere la ventura mas dichosa.

A que Phenix nos causa mil tormentos  
Ver, que triumpho humilhada, y tan gloriosa  
Por ser rendida a vuestro luzimiento.



# ÍNDICE

- A CRISTO S. N. CRUCIFICADO ESTANDO O POETA NA ÚLTIMA HORA DE SUA VIDA
- AO MESMO ASSUNTO E NA MESMA OCASIÃO
- AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO ESTANDO PARA COMUNGAR
- ATO DE CONTRIÇÃO O QUE FEZ DEPOIS DE SE CONFESSAR
- A CIDADE E SEUS PÍCAROS
- ÂNGELA
- VIU UMA MANHÃ DE NATAL AS TRÊS IRMÃS, A CUJAS VISTAS FEZ AS SEGUINTE DÉCIMA
- AO MESMO ASSUNTO
- AO MESMO ASSUNTO
- PONDERA AGORA COM MAIS ATENÇÃO A FORMOSURA DE D. ÂNGELA
- RETRATA O POETA AS PERFEIÇÕES DE SUA SENHORA A IMITAÇÃO DE OUTRO SONETO QUE FEZ FELIPE IV A UMA DAMA SOMENTE COM TRADUZIR-LO NA LÍNGUA PORTUGUESA
- NO DIA EM QUE FAZIA ANOS ESTA DIVINA BELEZA; ESTE PORTENTO DE FORMOSURA DONA ÂNGELA, POR QUEM O POETA SE CONSIDERAVA AMOROSAMENTE PERDIDO, E QUASE SEM REMÉDIO PELA GRANDE IMPOSSIBILIDADE DE PODER LOGRAR SEUS AMORES: CELEBRA OBSEQUIOSA, E PRIMOROSAMENTE SUAS FLORENTES PRIMAVERAS COM ESTA LINDÍSSIMA CANÇÃO
- ROMPE O POETA COM A PRIMEIRA IMPACIÊNCIA QUERENDO DECLARAR-SE E TEMENDO PERDER POR OUSADO
- SEGUNDA IMPACIÊNCIA DO POETA
- FALA O POETA COM SUA ESPERANÇA
- AUSENTE O POETA DAQUELA CASA, FALECEU D. TEREZA UMA DAS IRMÃS, E COM ESTA NOTÍCIA SE ACHOU O POETA COM VASCO DE SOUZA A PÊSAMAS, ONDE FEZ O PRESENTE SONETO
- EPITÁFIO À MESMA BELEZA SEPULTADA
- LISONJEIA O POETA A VASCO DE SOUZA FAZENDO EM SEU NOME ESTA LACRIMIMOSA NÊNIA

- LISONJEIA OS SENTIMENTOS DE DONA VITÓRIA COM ESTE SONETO FEITO EM SEU NOME
- LISONJEIA O SENTIMENTO DE FRANCISCO MONIZ DE SOUZA SEU IRMÃO FAZENDO EM SEU NOME ESTE SONETO
- PRETENDE O POETA CONSOLAR O EXCESSIVO SENTIMENTO DE VASCO DE SOUZA COM ESTE SONETO
- A VISTA DO EXCESSO DE VASCO DE SOUZA PONDERA O POETA, QUE O VERDADEIRO AMOR, AINDA TIRADA A CAUSA NÃO CESSA NOS EFEITOS, CONTRA A REGRA DE ARISTÓTELES
- ADMIRÁVEL EXPRESSÃO QUE FAZ O POETA DE SEU ATENCIOSO SILÊNCIO
- TERCEIRA IMPACIÊNCIA DOS DESFAVORES DE SUA SENHORA
- ENCARECE O POETA A GRAÇA E A BIZARRIA COM QUE SUA SENHORA DESEMBARCOU A SEUS OLHOS E FOI LEVADA POR QUATRO ESCRAVOS
- A VISTA DE UM PENHASCO QUE VERTENDO FRIGIDÍSSIMAS ÁGUAS LHE CHAMAM NO CAÍPE A FONTE DO PARAÍSO, IMAGINA AGORA O POETA MENOS TOLERÁVEL A SUA DISSIMULAÇÃO
- COM O EXEMPLO DO LACRIMOSO PENHASCO ENTRA A SUSPIRAR, FAZ PAUSA, E RESOLVE ULTIMAMENTE A PROSSEGUIR, RESGATANDO O SILÊNCIO A NOBREZA DA CAUSA
- PRETENDE AGORA PERSUADIR A UM RIBEIRINHO A QUE NÃO CORRA, TEMENDO, QUE SE PERCA: QUE É MUI PRÓPRIO DE UM LOUCO E NAMORADO QUERER QUE TODOS SIGAM O SEU CAPRICHOS E RESOLVE A COBIÇAR-LHE A LIBERDADE
- SOLITÁRIO EM SEU MESMO QUARTO À VISTA DA LUZ DO CANDEEIRO PORFIA O POETA PENSAMENTEAR EXEMPLOS DE SEU AMOR NA BORBOLETA
- RATIFICA SUA FIDALGA RESOLUÇÃO TIRANDO DENTRE SALAMANDRA E BORBOLETA O MAIS SEGURO DOCUMENTO PARA BEM AMAR
- AO RIO DE CAÍPE RECORRE QUEIXOSO O POETA DE QUE SUA SENHORA ADMITE POR ESPOSO OUTRO SUJEITO
- IMAGEM SINGULAR DE SUA DESESPERADA PAIXÃO, VENDO QUE SUA SENHORA SEM EMBARGO DE RECEBER-LHES SEUS AMOROSOS DIVERTIMENTOS, ACEITAVA EM CASAMENTO UM SUJEITO MUITO DA VONTADE DE SEUS PAIS: MAS NEM ESTAS, NEM OUTRAS OBRAS OUSAVA ELE A CONFIAR MAIS QUE DO SEU BAÚ
- CHORA O POETA A ÚLTIMA RESOLUÇÃO DE SEU IDOLATRADO IMPOSSÍVEL TÃO MEREDEDORA DESTES DELICADOS VERSOS

- CHORA O POETA DE UMA VEZ PERDIDAS ESTAS ESPERANÇAS
- VAGAVA O POETA POR AQUELES RETIROS FILOSOFANDO EM SUA DESDITA SEM PODER DESAPEGAR AS HARPIAS DE SEU JUSTO SENTIMENTO
- AO PÉ DAQUELE PENHASCO LACRIMOSO QUE JÁ DIZEMOS PRETENDE MODERAR SEU SENTIMENTO, E RESOLVE, QUE A SOLEDADE O NÃO ALIVIA
- A MUSA PRAGUEJADORA
- QUEIXA-SE O POETA EM QUE O MUNDO VAI ERRADO, E QUERENDO EMENDÁ-LO O TEM POR EMPRESA DIFICULTOSA
- SANTIGUA-SE O POETA CONTRA OUTROS PATARATAS AVARENTOS, INJUSTOS, HIPÓCRITAS, MURMURADORES, E POR VÁRIAS MANEIRAS
- EXPÕEM ESTA DOCTRINA COM MIUDEZA, E ENTENDIMENTO CLARO, E SE RESOLVE A SEGUIR SEU ANTIGO DITAME
- SACODE A OUTROS, QUE PECAVAM NA PRESUNÇÃO, E ATREVIMENTO INDIGNO
- SATIRIZA O POETA ALEGORICAMENTE ALGUNS LADRÕES, QUE MAIS SE ASSINALAVAM NA REPÚBLICA ABOMINANDO A VARIEDADE, E O MODO DE FURTAR
- COM VISTA CLARA SACODE OS ENTREMETIDOS, MENCIONANDO ALGUNS DE SEUS PATRÍCIOS, QUE MAIS O ENFADAVAM
- DEFENDE O POETA POR SEGURO, NECESSÁRIO, E RETO SEU PRIMEIRO INTENTO SOBRE SATIRIZAR OS VÍCIOS
- EM TEMPO QUE GOVERNAVA ESTA CIDADE DA BAHIA O MARQUEZ DAS MINAS AJUÍZA O POETA COM SUBTILEZA DE HOMEM SAGAZ, E ENTENDIDO O FOGO SELVAGEM, QUE POR MEIO DA URBANIDADE SE INTRODUZIU EM CERTA CASA
- CONTEMPLANDO NAS COUSAS DO MUNDO DESDE O SEU RETIRO, LHE ATIRA COM O SEU ÁPAGE, COMO QUEM A NADO ESCAPOU DA TORMENTA
- TORNA O POETA A DAR OUTRA VOLTA AO MUNDO COM ESTA SEGUNDA CRISE
- A NOSSA SÉ DA BAHIA
- AOS CAPITULARES DO SEU TEMPO
- PONDERA ESTANDO HOMIZIADO NO CARMO QUÃO GLORIOSA É A PAZ DA RELIGIÃO



- AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR D. FR. MANUEL DA RESSURREIÇÃO
- A MORTE DO MESMO SENHOR SUCEDIDA DE UMA FEBRE MALIGNA EM BELÉM ANDANDO EM VISITA
- A CHEGADA DO ILUSTRÍSSIMO SENHOR D. JOÃO FRANCO DE OLIVEIRA TENDO SIDO JÁ BISPO EM ANGOLA
- A FROTA EM QUE VEIO O PALIOLO DESTE GRANDE PRELADO
- AO MESMO ILUSTRÍSSIMO SENHOR CHEGANDO DE VISITA A VILA DE S. FRANCISCO, ONDE Ò ESPERAVAM MUITOS CLÉRIGOS PARA TOMAREM ORDENS
- A MAGNIFICÊNCIA COM QUE OS MORADORES DAQUELA VILA RECEBERAM O DITO SENHOR COM VÁRIOS ARTIFÍCIOS DE FOGO POR MAR, E TERRA CONCORRENDO PARA A DESPESA O VIGÁRIO
- OBRIGADOS OS ORDENANDOS A CANTAR O CANTO CHAM DESAFINARAM PERTURBADOS A VISTA DO PRELADO, E OS OBRIGOU, A QUE ESTUDASSEM OS SETE SIGNOS CELEBRA O POETA ESTE CASO, E LOUVA A PREDICA, QUE FEZ SUA ILUSTRÍSSIMA
- A MORTE VIOLENTA QUE LUIZ FERREIRA DE NORONHA CAPITÃO DA GUARDA DO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ DEU À DE MELO SOBRINHO DESTE PRELADO
- AO RETIRO QUE FEZ ESTE ILUSTRÍSSIMO PRELADO SENTIDÍSSIMO, E MAGOADO PELA TIRANA, E VIOLENTA MORTE QUE O CAPITÃO DA GUARDA LUIZ FERREIRA DE NORONHA DEU A SEU SOBRINHO
- AOS MISSIONÁRIOS, À QUEM O ARCEBISPO D. FR. JOÃO DA MADRE DE DEUS RECOMENDAVA MUITO AS VIAS SACRAS, QUE ENCHENDO A CIDADE DE CRUZES CHAMAVAM DO PÚLPITO AS PESSOAS POR SEUS NOMES, REPREENDENDO, À QUEM FALTAVA
- A CERTO PROVINCIAL DE CERTA REGIÃO QUE PREGOU O MANDATO EM TERMOS TÃO RIDÍCULOS QUE MAIS SERVIU DE MOTIVO DE RISO, DO QUE DE COMPAIXÃO
- AO CURA DA SÉ QUE ERA NAQUELE TEMPO, INTRODUZIDA ALI POR DINHEIRO, E COM PRESUNÇÕES DE NAMORADO SATIRIZA O POETA COMO CRIATURA DO PRELADO
- AO ILUSTRÍSSIMO D. FR. JOÃO DA MADRE DE DEUS MUDANDO-SE PARA O SEU NOVO PALÁCIO, QUE COMPROU
- O DEÃO ANDRE GOMES CAVEIRA SE INTRODUZIU DE TAL MODO COM ESTE PRELADO EM DESABONO DO POETA, QUE ESTIMULADO O DITO FEZ O SEGUINTE

- COMO ACREDITOU ESTE PRELADO MAIS OS MEXERICOS DE CAVEIRA, DO QUE AS LISONJAS DO POETA, LHE FEZ ESTA SÁTIRA
- LOUVA O POETA O SERMÃO, QUE PREGOU CERTO MESTRE NA FESTA, QUE A JUSTIÇA FAZ, AO ESPÍRITO SANTO NO CONVENTO DO CARMO NO ANO 1686
- CELEBRA O POETA (ESTANDO HOMIZIADO NO CARMO), A BURLA, QUE FIZERAM OS RELIGIOSOS COM UMA PATENTE FALSA DE PRIOR A FREI MIGUEL NOVELOS, APELIDADO O LATINO POR DIVERTIMENTO EM UM DIA DE MUITA CHUVA
- AO VIGÁRIO DA VILA DE S. FRANCISCO POR UMA PENDÊNCIA, QUE TEVE COM UM OURIVES A RESPEITO DE UMA MULATA, QUE SE DIZIA CORRER POR SUA CONTA
- A OUTRO VIGÁRIO DE CERTA FREGUESIA, CONTRA QUEM SE AMOTINAVAM OS FREGUESES POR SER MUITO AMBICIOSO
- AO VIGÁRIO ANTONIO MARQUES DE PERADA ENCOMENDADO NA IGREJA DA Va DE S. FRANCISCO AMBICIOSO, E DESCONHECIDO
- AO PADRE DAMASO DA SILVA PARENTE DO POETA, E SEU OPOSTO, HOMEM DESBOCADO, E PRESUNÇOSO COM GRANDES IMPULSOS DE SER VIGÁRIO, SENDO POR ALGUM TEMPO EM NOSSA SENHORA DO LORETO
- AO MESMO CLÉRIGO APELIDANDO DE ASNO AO POETA
- A OUTRO CLÉRIGO AMIGO DO FRIZÃO, QUE SE DIZIA ESTAR AMANCEBADO DE PORTAS ADENTRO COM DUAS MULHERES COM UMA NEGRA, E OUTRA MULATA
- AO PADRE MANUEL ÁLVARES CAPELÃO DA MARAPÉ REMOQUEANDO AO POETA UMA PEDRADA QUE LHE DERAM DE NOITE ESTANDO SE PROVENDO: E PERGUNTANDO-LHE PORQUE SE NÃO SATIRIZAVA DELA! ESCANDALIZADO, E PICADO, PORQUE O POETA HAVIA SATIRIZADO OS CLÉRIGOS, QUE VINHAM DE PORTUGAL
- ENTRA AGORA O POETA A SATIRIZAR O DITO PADRE
- AO PADRE MANUEL DOMINGUES LOUREIRO QUE REUSANDO IR POR CAPELÃO PARA ANGOLA POR ORDEM DE SUA ILUSTRÍSSIMA, FOI AO DEPOIS PREZO, E MALTRATADO, PORQUE RESISTIU AS ORDENS DO MESMO PRELADO
- AO VIGÁRIO DA MADRE DE DEUS MANUEL RODRIGUES SE QUEIXA O POETA DE TRÊS CLÉRIGOS QUE LHE FORAM A CASA PELA FESTA DO NATAL, ONDE TAMBÉM ELE ESTAVA E COM GALANTARIA O PERSUADE, A QUE SACUDA OS HOSPEDES FORA DE CASA PELO GASTO, QUE FAZIAM

- AOS MESMOS PADRES HOSPEDES ENTRE OS QUAIS VINHA O PE. PÉRICO, QUE ERA PEQUENINO
- AO CELEBRE FR. JOANICO COMPREENDIDO EM LISBOA EM CRIMES DE SODOMITA
- A FR. TOMÁS D'APRESENTAÇÃO PREGANDO EM TERMOS LACÔNICOS A PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA
- UM AMIGO DESTE RELIGIOSO PEDIU AO POETA SUAS APROVAÇÕES SOBRE A MESMA PREDICA, A PEDITÓRIO DO MESMO PREGADOR NESTE
- O MESMO AMIGO PEDIU AO POETA EM OUTRA OCASIÃO LHE GLOSASSE ESTE MOTE, CUJA MATÉRIA FOI HAVER TRIUNFADO O DITO FR. TOMÁS DE CERTA OPOSIÇÃO CAPITULAR
- AO SOBREDITO RELIGIOSO DESDENHANDO CRITICO DE HAVER GONÇALO RAVASCO, E ALBUQUERQUE NA PRESENÇA DE SUA FREIRA VOMITADO UMAS NÁUSEAS, QUE LOGO COBRIU COM O CHAPÉU
- A CERTO FRADE NA VILA DE SAM FRANCISCO, A QUEM UMA MOÇA FINGINDO-SE AGRADECIDA À SEUS REPETIDOS GALANTEIOS, LHE MANDOU EM SIMULAÇÕES DE DOCE UMA PANELA DE MERDA
- O CERTO FRADE QUE GALANTEANDO UMAS SENHORAS NO CONVENTO DE ODIVELAS, LHES ENTREGOU HÁBITO, E MENORES PARA UM FINGIDO ENTREMEZ, E CONHECENDO O CHASCO, EM ALTA NOITE DEU EM CANTAR O MISERERE, BORRANDO, E URINANDO TODO O PARLATÓRIO, PELO QUE A ABADESSA LHE DEU OS SEUS HÁBITOS, E UMA LANTERNA PARA SE RETIRAR À LISBOA
- A CERTO FRADE, QUE QUERENDO EMBARCAR-SE PARA FORA DA CIDADE, FURTOU UM CABRITO, O QUAL SENDO CONHECIDO DA MÃE PELO BERRO O FOI BUSCAR DENTRO DO BARCO, E COMO NÃO TEVE EFEITO O DITO ROUBO, TRATOU LOGO DE FURTAR OUTRO, E O LEVOU ASSADO
- A CERTO FRADE QUE PREGANDO MUITOS DESPROPÓSITOS NA MADRE DE DEUS FOI APEDREJADO PELOS RAPAZES, E SE FINGIU DESMAIADO POR ESCAPAR: MAS DEPOIS FURTANDO AO POETA UM BORDÃO, E AO HARPISTA DA FESTA UM CHAPÉU SE RETIROU: POREM SABENDO-SE DO FURTO LHE FOI AO CAMINHO TIRAR DAS MÃOS UM MULATO DE DOMINGOS BORGES
- INDO CERTO FRADE A CASA DE UMA MERETRIZ LHE PEDIU ESTA QUINZE MIL REIS DE ANTEMÃO PARA TIRAR UMAS ARGOLAS, QUE TINHA EMPENHADAS
- SATIRIZA OUTRO CASO DE UMA NEGRA QUE FOI ACHADA COM OUTRO FRADE, E FOI BEM MOÍDA COM UM BORDÃO POR SEU AMÁSIO, POR CUJA CAUSA SE SAGROU, E SE FINGIU MANCA DE UM PÉ

- A CERTO FRADE QUE TRATAVA COM UMA DEPRAVADA MULATA POR NOME VICÊNCIA QUE MORAVA JUNTO AO CONVENTO, E ATUALMENTE Á ESTAVA VIGIANDO DESTE CAMPANÁRIO
- AO LOUCO DESVANECIMENTO, COM QUE ESTE FRADE TIRANDO ESMOLAS CANTAVA REGAÇANDO O HABITO POR MOSTRAR AS PERNAS, COM PRESUNÇÕES DE GENTIL-HOMEM, BOM MEMBRO, E BOA VOZ
- AO MESMO FRADE TORNA A SATIRIZAR O POETA, SEM OUTRA MATÉRIA NOVA, SENÃO PRESUMINDO, QUE QUEM O DEMO TOMA UMA VEZ SEMPRE LHE FICA UM JEITO
- A CERTO FRADE QUE INDO PREGAR A UM CONVENTO DE FREIRAS, E ESTANDO COM UMA NA GRADE, LHE DEU TAL DOR DE BARRIGA, QUE SE CAGOU POR SI
- EU FIQUEI COM MINHAS MÁGOAS
- NESTE RETIRO DEVEMOS SUPOR O POETA CONSULTADO DE VÁRIOS AMIGOS COM ALGUNS ASSUNTOS PARA RESOLVER, E ASSIM PROSSEGUIREMOS COM AS OBRAS SEGUINTE
- CONTINUA O POETA EM LOUVAR A SOLEDADE VITUPERANDO A CORTE
- PERGUNTA-SE NESTE PROBLEMA, QUAL É MAIOR, SE O BEM PERDIDO NA POSSE, OU O QUE SE PERDE ANTES DE SE LOGRAR? DEFENDE O BEM JÁ POSSUÍDO
- DEFENDE-SE O BEM QUE SE PERDEU NA ESPERANÇA PELOS MESMOS CONSOANTES
- TENTADO A VIVER NA SOLEDADE SE LHE REPRESENTAM AS GLORIAS DE QUEM NÃO VIU, NEM TRATOU A CORTE
- MORALIZA O POETA OUTRA VEZ A SUA DECLINAÇÃO PELO SEU LUZIMENTO NO AMORTECIDO DESMAIO DE UMA POMPOSA FLOR
- MORALIZA O POETA SEU DESASSOSSEGO NA HARMONIA INCAUTA DE HUM PASSARINHO, QUE CHAMA SUA MORTE A COMPASSOS DE SEU CANTO
- MORALIZA O POETA NOS OCIDENTES DO SOL A INCONSTÂNCIA DOS BENS DO MUNDO
- A UMA DAMA A QUEM NÃO RENDIAM FINEZAS
- A UMA DAMA, QUE SE RECATAVA DE PAGAR FINEZAS
- A UMAS SAUDADES
- NASCE A ROSA, E NASCE A FLOR
- ENFADA-SE O POETA DO ESCASSO PROCEDER DE SUA SORTE

- ZELOSO, E TRISTE CONSULTA O POETA A SOLEDADE DOS MONTES PARA SEU DESAFOGO
- QUEIXA-SE DE QUE NUNCA FALTEM PENAS PARA A VIDA, FALTANDO A VIDA PARA AS MESMAS PENAS
- CHORA UM BEM PERDIDO, PORQUE O DESCONHECEU NA POSSE
- NO FLUXO E REFLUXO DA MARÉ ENCONTRA O POETA INCENTIVO PARA RECORDAR SEUS MALES
- PONDERA NA CORRENTE ARREBATADA DE UM CAUDALOSO RIO QUÃO DISTINTO VEM A SER O CURSO DA HUMANA VIDA
- SE NÃO POSSO IR RASTEJANDO
- NUMA ILUSTRE ACADEMIA
- CORAÇÃO, QUE EM PRETENDER
- SERVIU LUÍS A ISABEL
- SE HOUVERA CONFORMIDADE
- VIDINHA: POR QUE CHORAIS?
- DE UNS OLHOS SE VIU RENDIDO
- PARECE QUE JÁ SE ENFASTIAVA O POETA DO SEU RETIRO COMO SE VÊ NA OBRA
- DESPEDE-SE O POETA DO SEU AMOROSO DIVERTIMENTO COM PRETEXTOS FRÍVOLOS, E TOTALMENTE CONTRÁRIOS A RAZÃO DO AMOR
- ANDANÇAS DE UMA VIOLA DE CABAÇA
- DESCREVE A DEPLORÁVEL PESTE, QUE PADECEU A BAHIA NO A. 1686, A QUEM DISCRETAMENTE CHAMARAM BICHA, PORQUE VARIANDO NOS SINTOMAS, PARA QUE A MEDICINA NÃO SOUBESSE ATALHAR OS EFEITOS, MORDIA POR DIFERENTES BOCAS, COMO A BICHA DE HÉRCULES TAMBÉM LOUVAM CARITATIVO ZELO DE ALGUMAS PESSOAS COM OS ENFERMOS
- ENCONTRO QUE TEVE COM UMA DAMA, MUI ALTA CORPULENTA, E DESENGRAÇADA
- FUGINDO UMA MULATINHA COM O SUJEITO, QUE A TINHA FORRADO, DESCREVE O POETA OS EXCESSOS, E SENTIMENTO, QUE MOSTRAVA UMA FULANA DE LIMA SUA SENHORA
- COM CIRRO NOS ESTREFOLHOS
- AUSENTE DE SUA CASA PONDERA O POETA O SEU MESMO ERRO, EM OCASIÃO DE SER BUSCADO POR SUA MULHER

- A UMA DAMA FULANA DE MENDONÇA FURTADO, COM QUEM FOI O POETA ACHADO POR SUA MULHER
- DESCREVE UM HORROROSO DIA DE TROVÕES
- DECANTA OS ESTRAGOS QUE NO BOQUEIRÃO DE SANTO ANTONIO FAZIA UM SURUCUCU, EM QUEM PASSAVA DESDE UMA PEÇA DESCALVAGADA, ONDE SE RECOLHIA DE DIA
- REGRA DE BEM VIVER, QUE A PERSUASÕES DE ALGUNS AMIGOS DEU A UNS NOIVOS, QUE SE CASAVAM. REGRA PARA A NOIVA
- DOTE PARA O NOIVO SUSTENTAR OS ENCARGOS DA CASA
- A VASCO MARINHO FALCÃO, QUE SENDO HOMEM VELHO, E ACHACOSO SE CASOU COM UMA MULHER MOÇA, E FORMOSA
- O MULEIRO, E O CRIADO
- DESCREVE O POETA UMA BOCA LARGA
- AO CASAMENTO DE UM SUJEITO VALENTE COM UMA ELENA DE TAL
- PASSANDO DOIS FRADES FRANCISCANOS PELA PORTA DE ÁGUEDA PEDINDO ESMOLA, DEU ELA UM PEIDO, E RESPONDEU HUM DELES ESTAS PALAVRAS "IRRA, PARA TUA TIA"
- PONDERA MISTERIOSO EM AMORES O DESCUIDO, COM QUE UMA DAMA CORTOU O SEU DEDINHO QUERENDO APARAR UMA PENA PARA ESCREVER A SEU AMANTE
- SONHO QUE TEVE COM UMA DAMA ESTANDO PREZO NA CADEIA
- A LUIZA SAPATA QUERENDO, QUE O AMIGO LHE DESSE QUATRO INVESTIDAS DUAS DE DIA, E DUAS DE NOITE
- A UMA DAMA QUE SE ENCARECIA DE FORMOSA POR VENDER-SE CARO
- A BITANCOR, QUE NA PRIMEIRA VEZ QUE COM ELA CONVERSOU O POETA, LOGO FOI ADMITIDO SEM A MÍNIMA REPUGNÂNCIA
- A TOMÁS PINTO BRANDÃO QUEIXANDO-SE DE UMA MULA QUE LHE TINHA PEGADO UMA MULATA, AQUÉM DAVA DIVERSOS NOMES, POR DISFARCE, DIZENDO UMAS VEZES, QUE ERA ÍNGUA, E OUTRAS QUEBRADURA
- A FRANCISCO PEREIRA DE AZEVEDO NASCENDO-LHE UM NETO NA MESMA HORA, EM QUE LHE MORREU UMA NETA
- CHICA OU FRANCISCA UMA DESENGRAÇADA CRIOLA, QUE CONVERSAVA COM O POETA E SE ARREPIAVA TODA ZELOSA DE Ò VER CONVERSAR COM MARIA JOÃO, NO MESMO TEMPO, EM QUE ELA NÃO FAZIA ESCRÚPULO DE ADMITIR UM MULATO

- ENFURECIDO O POETA DAQUELES CIÚMES DESCOMPOSTOS LHE FAZ ESTA HORRENDA ANATOMIA
- A UM AMIGO APADRINHANDO-LHE A ESCRAVA DE ALCUNHA A JACUPEMA, A QUEM SUA SENHORA QUERIA CASTIGAR PELO FURTO DE UM OVO
- À PENDÊNCIA QUE TEVE MARANA DE LEMOS COM VICÊNCIA POR RESPEITO DE ANTONIO DE MOURA A QUE ACUDIUM CAPM. HIPÓCRITA QUE TRAZIA
- UM CRUCIFIXO AO PESCOÇO
- A CARIDADE COM QUE ESTA MESMA VICÊNCIA AGASALHAVA TRÊS AMANTES
- BAIXA QUE DERAM A ESTA VICÊNCIA, POR DIZER-SE QUE EXALAVA MAO CHEIRO PELOS SOVACOS, E SE FOI METER COM JOANA GAFFEIRA
- INTENTA AGORA O POETA DESAGRAVAR A VICÊNCIA JUSTAMENTE SENTIDA DOS SEUS VERSOS
- CELEBRA O POETA À UMA GRACIOSA DONZELA, E NÃO MENOS FORMOSA DE MARAPÉ CHAMADA ANTONIA
- A BRÁSIA DO CALVÁRIO OUTRA MULATA MERETRIZ DE QUEM TAMBÉM FALAREMOS, QUE ESTANDO EM ATO VENÉREO COM UM FRADE FRANCISCANO, LHE DEU UM ACIDENTE A QUE CHAMAM VULGARMENTE LUNDUZ, DE QUE O BOM FRADE NÃO FEZ CASO, MAS ANTES FOI CONTINUANDO NO MESMO EXERCÍCIO SEM DESENCAVAR, E SOMENTE O FEZ, QUANDO SENTIU O GRANDE ESTRONDO, QUE O VAZO LHE FAZIA
- A UMA DAMA QUE POR UM VIDRO DE ÁGUA TIRAVA O SOL DA CABEÇA
- UMA FORMOSA MULATA, A QUEM UM SARGENTO SEU AMASIO ARROJOU AOS VALADOS DE UMA HORTA
- RESENTIDA TAMBÉM COMO AS OUTRAS O POETA LHE DÁ ESTA SATISFAÇÃO POR ESTILO PROPORCIONADO AO SEU GÊNIO
- AO PROVIDOR DA FAZENDA REAL FRANCISCO LAMBERTO FAZENDO NA RIBEIRA O FAMOSO GALEÃO S. JOÃO DE DEUS
- OUTRA MULATA, DE QUEM O POETA FALA ENTRE AS BORRACHAS DO JUIZADO DE NOSSA SENHORA DO EMPARO TAMBÉM SE RESENTIU DA AFRONTA, E ELE À SATISFAZ AGORA NA MESMA FORMA
- LOUVA O POETA OBSEQUIOSAMENTE O GRANDE ZELO, E CARIDADE, COM QUE ANTONIO DE ANDRADE JUIZ, QUE ERA DOS ÓRFÃOS DESTA

CIDADE DA BAHIA SENDO DESPENSEIRO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA TRATAVA AOS POBRES DOENTES DO HOSPITAL

- DISPARATES NA LÍNGUA BASÍLICA A UMA CUNHÃ, QUE ALI GALANTEIAVA POR VÍCIO
- A UMA DAMA, QUE MANDANDO-A O POETA SOLICITAR LHE MANDOU DIZER QUE ESTAVA MENSTRUADA
- A UMA DAMA, QUE LHE MANDOU UM REGISTRO DE SANTA JULIANA QUE HAVIA TIRADO POR SORTES EM SANTA ANA
- A UMA NEGRA QUE TINHA FAMA DE FEITICEIRA CHAMADA LUIZA DA PRIMA
- A PEDITÓRIO DE UMA DAMA QUE SE VIU DESPREZADA DE SEU AMANTE
- A MANUEL FERREIRA DE VERAS NASCENDO-LHE UM FILHO, QUE LOGO MORREU, COMO TAMBÉM AO MESMO TEMPO UM SEU IRMÃO, E AMBOS FORAM SEPULTADOS JUNTOS EM N. SENHORA DOS PRAZERES
- A UMA CRIOLA POR NOME INÁCIA QUE LHE MANDOU PARA GLOSAR O SEGUINTE
- A MARGARIDA, MULATA PERNAMBUCANA QUE CHORAVA AS ESQUIVANÇAS DE SEU AMANTE COM PRETEXTO DE LHE HAVER FURTADO UNS CORÃES
- A UMA DAMA GRATIFICANDO-LHE O FAVOR, QUE POR SUA INTERCESSÃO ALCANÇARA
- A CERTO HOMEM DE DISTINÇÃO QUE SE COSTUMAVA EMBEBEDAR E QUEIMANDO-SE-LHE A CASA FICOU ELE ILESO, E TODA A FAMÍLIA
- LAMENTA A MULHER DESTE MESMO SUJEITO A MÁ SORTE, QUE TEVE EM SE CASAR COM HOMEM DE TAL CONDIÇÃO, PORQUE ATUALMENTE ESTAVA BÊBADO
- A AMASIA DESTE SUJEITO QUE FIADA NO SEU RESPEITO SE FAZIA SOBERBA, E DESAVERGONHADA
- A MORTE DE AFONSO BARBOSA DA FRANCA AMIGO DO POETA
- AO MESMO ASSUNTO
- ÀS DUAS MULATAS PREZAS FINGE O POETA, QUE VISITA NESTES DOIS SONETOS INTERLOCUTORES FALA COM A MÃE
- FALA O POETA COM A FILHA
- PINTURA ADMIRÁVEL DE UMA BELEZA
- DESAIRES DA FORMOSURA COM AS PENSÕES DA NATUREZA PONDERADAS NA MESMA DAMA



- A CERTO SUJEITO DE SUPOSIÇÃO, QUE TENDO-SE RETIRADO DA CORTE E VIVIA NA SOLEDADE DE UMA QUINTA MANDOU AO POETA A SEGUINTE DÉCIMA
- RESPONDE O POETA A SEGUINTE DÉCIMA COM ESTE SONETO
- AO DOUTOR FRANCISCO XIMENES, QUE INDO A CASA DE SUA DAMA, ACHOU O LUGAR OCUPADO POR OUTRO, A QUEM DESAFIOU: MAS NÃO PROIBIU, NEM PÔDE O LOGRO DOS AMORES
- A UM AMIGO PEDINDO-LHE UMA CAIXA DE TABACO
- A CERTO BARQUEIRO DE MARAPÉ PRESUMIDO DE GENTIL, VALENTE, E NAMORADO, O QUAL TINHA POR GRUMETE DA NAU, EM QUE O POETA VEIO DE PORTUGAL
- MESMO BARQUEIRO E PELO MESMO CASO
- CELEBRA A CARREIRA QUE DEU UM CABOCLO A UM SUJEITO, QUE ACHOU COM UMA NEGRINHA ANGOLA, COM QUEM ELE FALAVA
- A UMAS FREIRAS QUE MANDARAM PERGUNTAR POR OCIOSIDADE AO POETA A DEFINIÇÃO DO PRIAPO E ELE LHE MANDOU DEFINIDO, E EXPLICADO NESTAS DÉCIMAS
- A UMA DAMA QUE LHE MANDOU UM CRAVO EM OCASIÃO, QUE SE LHE QUEIXAVA DE CERTO AGRAVO
- NOVAS DO MUNDO QUE LHE PEDIU POR CARTA UM AMIGO DE FORA POR OCASIÃO DA FROTA
- A UMA DAMA QUE TINHA UM CRAVO NA BOCA
- POR AVISO CELESTIAL DAQUELA GRANDE PESTE, QUE CHAMARAM BICHA APARECEU UM FÚNEBRE, HORROROSO, E ENSANGUENTADO COMETA NO ANO 168POUCOS DIAS ANTES DO ESTRAGO. ASSENTAVAM GERALMENTE, QUE ANUNCIAVA ESTERILIDADE, FOMES, E MORTES: POREM VARIAVAM NOS SUJEITOS DELAS, COMO COUSA FUTURA O POETA APLICA COMO MAIS PRUDENTE CONTRA OS QUE SE ASSINALAVAM EM ESCÂNDALOS NAQUELE TEMPO.
- A UMA DAMA QUE LHE PEDIU UM CRAVEIRO
- PRETENDE AGORA (POSTO QUE EM VÃO) DESENGANAR AOS SEBASTIANISTAS, QUE APLICAVAM O DITO COMETA À VINDA DO ENCOBERTO
- NA ERA DE 168QUIMERIAVÃO OS SEBASTIANISTAS A VINDA DO ENCOBERTO POR UM COMETA QUE APARECEU O POETA PRETENDE EM VÃO DESVANECÊ-LOS TRADUZINDO UM DISCURSO DO PE. ANTONIO VIEIRA QUE SE APLICA A EL REI D. PEDRO II

- POR OCASIÃO DO DITO COMETA REFLETINDO O POETA OS MOVIMENTOS QUE UNIVERSALMENTE INQUIETAVAM O MUNDO NAQUELA IDADE, O SACODE GERALMENTE COM ESTA CRISE
- NECESSIDADES FORÇOSAS DA NATUREZA HUMANA
- A UMA DAMA QUE SE DESVIAVA DE LHE FALAR
- A UM LIVREIRO QUE COMEU UM CANTEIRO DE ALFACES
- ELEGE PARA VIVER O RETIRO DE UMA CHÁCARA, QUE COMPROU NAS MARGENS DO DIQUE, E ALI CONTA, O QUE PASSAVA RETIRADO
- DEFINIÇÃO DO AMOR
- A DOIS IRMÃOS FULANOS DA CRUZ, QUE FORAM PRESOS POR FURTAREM UM ESPADIM A UM SURDO DA PRAIA, TENDO JÁ FURTADO UMAS SALVAS, QUE PEDIRAM EMPRESTADO PARA TIRAREM A ESMOLA PARA N. SENHORA DA PALMA DE QUE FORAM DEGRADADOS PARA ANGOLA
- MANAS, DEPOIS QUE SOU FREIRA
- AS TRÊS IRMÃS FORMOSAS DAMAS PARDAS, QUE MORAVAM NO AREAL
- A UM NEGRO DE ANDRE DE BRITO SOLICITADOR DE SUAS DEMANDAS GRANDE TRAPACEIRO, E ALCOVITEIRO CHAMADO O LOGRA, A QUEM UM IMAGINÁRIO VAZOU UM OLHO
- AO MESMO CRIOULO, E PELO MESMO CASO
- A MEDIDA PARA O MALHO
- A UMA PENDÊNCIA QUE TEVE O MULATO QUIRINGA COM UM MOURO NA CADEIA, PELA QUAL FOI CASTIGADO: ESTANDO O POETA NESSA OCASIÃO TAMBÉM PREZO
- ADMIRÁVEL EXPRESSÃO DE AMOR MANDANDO-SE-LHE PERGUNTAR, COMO PASSAVA
- MULATINHAS DA BAHIA
- AJÚZA AS DIFERENÇAS, E TOTAL DIVORCIO DE PORTUGAL COM CASTELA PROFETIZADAS MUITO ANTES PELOS PRUDENTES
- É MEU DAMO TANTO MEU
- A UMA NEGRA CHAMADA EVA RECOLHIDA DE UM CLÉRIGO EM MARÉ, QUE ENGANOU AO POETA FAZENDO-O ESPERAR
- SENHOR SOLDADO DONZELO
- DESPEDIDA EM CANTIGAS AMOROSAS QUE FAZ A UMA DAMA QUE SE AUSENTAVA

- A DOMINGOS NUNES DO COUTO VIZINHO DO POETA A QUEM BURLARAM UNS AMIGOS FINGINDO-SE OFICIAIS DE JUSTIÇA, E BATENDO ESTRONDOSAMENTE NA PORTA, ELE COMO CRIMINOSO FUGIU PELO QUINTAL FAZENDO, E PADECENDO TUDO, O QUE O POETA PINTA
- PINTURA GRACIOSA DE UMA DAMA CORCOVADA
- VEM, QUE ESTOU PARA TÁS DAR
- DESCREVE O QUE LHE ACONTECEU EM S. GONÇALO DO RIO VERMELHO COM AVISTA DE UMA DAMA FORMOSA, E BEM ADORNADA
- APLICA O POETA O CASO SEGUINTE A IGNÁCIO PISSARRO SENDO APANHADO COM UMA MOÇA POR SEUS IRMÃOS
- DESCREVE METAFORICAMENTE AS PERFEIÇÕES DE UMA DAMA PELOS NAIPES DA BARALHA
- A D. MARTA SOBRAL QUE SENDO-LHE PEDIDA DO POETA UMA ARROBA DE CARNE DE UMA RÊS, QUE MATARA, RESPONDEU, QUE LHA FOSSE TIRAR DO OLHO DO CU
- A UM CABRA DA ÍNDIA QUE SE AGARRAVA À ESTA MARTA VIVENDO DE ENGANAR POR FEITICEIRO À SUAS ESCRAVAS, E A OUTRAS
- MORTO O CABRA LHE FAZ O POETA O TESTAMENTO NA MANEIRA SEGUINTE
- A DUAS IRMÃS TAMBÉM PARDAS DE IGUAL FORMOSURA
- FRETEI-ME CO'A TINTUREIRA
- A UMA PENDÊNCIA QUE TIVERAM DOIS AMANTES A VISTA DA DAMA JUNTO AO CONVENTO DE S. FRANCISCO
- COM CACHOPINHA DE GOSTO
- A CERTO HOMEM QUE ESTANDO COM UMA DAMA À NÃO DORMIU, POR VIR UMA LUZ NESSA OCASIÃO FICANDO-SE COM UM ANEL DA MESMA DAMA
- ASSUNTO QUE UMA DAMA MANDOU AO POETA
- RESPOSTA DO POETA
- RETRATO DO RICO FEITIO DE UM CELEBRE GREGÓRIO DE NEGREIROS, COM QUEM GRACEJAVA O POETA, E EM QUEM MUITAS VEZES FALA
- AO NASCIMENTO DE UMA MENINA QUE SE DIZIA SER FILHA DE JOAN DE MORALES CASTELHANO AMIGO DO POETA FEZ SILVESTRE CARDOZO UNS DESCONCERTADOS VERSOS, AO QUE O POETA FEZ ESTAS DÉCIMAS
- NÃO PODIA O POETA LEVAR EM CAPELO O CONTINUADO MENTIR DESTE SILVESTRE CARDOZO, E POR ISSO O SACODE AGORA

- AO MESMO SUJEITO NÃO SÓ POR MENTIR MUITO, MAS TAMBÉM POR NEGAR UMA FORNICAÇÃO, EM QUE FOI VISTO COM UMA NEGRA
- A PROPENSÃO COM QUE ESTE SILVESTRE CARDOZO SEMPRE QUERIA IMITAR O PIOR
- À NEGRA MARGARIDA, QUE ACARIAVA UM MULATO CHAMANDO-LHE SENHOR COM DEMASIADA PERMISSÃO DELE
- O HOMEM MAIS A MULHER
- NAMOROU-SE DO BOM AR DE UMA CRIOLINHA CHAMADA CIPRIANA, OU SUPUPEMA, E LHE FAZ O SEGUINTE ROMANCE
- DESCREVE AGORA O POETA, COMO OBRIGARAM UM SUJEITO A CASAR COM UMA MOÇA, TENDO DADO UNS PONTOS NO VAZO PARA SE FINGIR DONZELA
- DUAS MULATAS QUE INDO A FESTA DE SAM CAETANO SE LHE QUEBRARAM AS CORDAS DA REDE COM PUBLICO DESAIRE
- A OUTRA DAMA QUE GOSTAVA DE O VER MIJAR
- DEFINIÇÃO DE POTÊNCIAS
- ERGUIAM-SE TRÊS MULHERES A UM MESMO TEMPO PARA CHEGAR AO CONFESSIONÁRIO EM NOITE DE NATAL E A MAIS CORPULENTA DELAS SOLTOU UM TRAQUE COM A FADIGA DE CHEGAR PRIMEIRO
- A UMA MOÇA QUE PERDEU DOIS CASAMENTOS AJUSTADOS, O PRIMEIRO COM UM FLAMENGO, QUE SE DESCULPOU AO DEPOIS QUE TINHA FEITO VOTO DE CASTIDADE, E O SEGUNDO COM UM SOLDADO, QUE SE EMBEBEDAVA, E FUGIU DEPOIS DE A ROUBAR
- A UMA MULHER QUE SE BORROU, ESTANDO NA IGREJA EM QUINTA FEIRA DE ENDOENÇAS
- A UMAS DAMAS DE LA VIDA AIRADA, QUE INDO E VINDO AO DIVERTIMENTO DE UMA ROÇA ZOMBAVAM DA HONESTIDADE DE UMA IRMÃ CASADA
- A UMA MULATA APELIDADA MONTEIRA QUE DAVA CASA DE ALCOUCE
- A DAMÁSIA QUE DAVA PRESSA À UMA SAIA QUE SE ESTAVA FAZENDO, PARA BOTAR NUMA FESTA, DIZENDO SER SUA SENDO ELA DE SUA SENHORA
- A UMA DAMA QUE ESTAVA SANGRADA
- A UMA DAMA, A QUEM SOLICITANDO-A O POETA, LHE PEDIU DINHEIRO, DE QUE ELE SE DESEMPULHA
- A UMA DAMA QUE MACHEAVA OUTRAS MULHERES

- A UM SUJEITO, QUE LHE MANDOU UM PERU CEGO, E DOENTE
- A UMA DAMA QUE MANDANDO-SE COÇAR EM UM BRAÇO PELO SEU MOLEQUE, E SENTINDO, QUE DAQUELE CONTATO SE LHE ENTESAVA O MEMBRO, O CASTIGOU
- ENCONTRO QUE TIVERAM DOIS NAMORADOS
- A QUATRO NEGRAS QUE FORAM BAILAR GRACIOSAMENTE A CASA DO POETA MORANDO JUNTO AO DIQUE
- UMA MULATA DAMA UNIVERSAL DE QUEM JÁ FALAMOS, SATIRIZA AGORA O POETA O FAUSTO COM QUE FOI SEPULTADA A MÃE
- ERA DESTA MULATA BASTANTEMENTE DESAFORADA E O POETA, QUE À NÃO PODIA SOFRER LHE CANTA A MOLIANA
- SENTIU-SE BRÁSIA GRAVEMENTE DESTA SÁTIRA, E O POETA AGORA CAVILOSAMENTE À SATISFAZ COM ESTAS DÉCIMAS
- A UMA MULATA DENTUÇA, QUE TAMBÉM VIVIA ESCANDALIZADA, VINDO UM DIA DA FESTA DE SAM GONÇALO, ONDE COM OUTRAS DANÇOU A MANGALAÇA, A GARUPA DE SEU AMASIO PASSANDO PELO POETA LHE PEDIU UNS VERSOS
- A SAGACIDADE CAVILOSA COM QUE O RELIGIOSO FR. PASCOAL FEZ PRENDER A TOMÁS PINTO BRANDÃO: DÁ O POETA CONTA A UM AMIGO DA CIDADE DESDE A VILA DE S. FRANCISCO
- ALGUNS PASSOS DISCRETOS E TRISTES
- NESTE RETIRO DEVEMOS SUPOR O POETA CONSULTADO DE VÁRIOS AMIGOS COM ALGUNS ASSUNTOS PARA RESOLVER, E ASSIM PROSSEGUIREMOS COM AS OBRAS SEGUINTE
- CONTINUA O POETA EM LOUVAR A SOLEDADE VITUPERANDO A CORTE
- PERGUNTA-SE NESTE PROBLEMA, QUAL É MAIOR, SE O BEM PERDIDO NA POSSE, OU O QUE SE PERDE ANTES DE SE LOGRAR? DEFENDE O BEM JÁ POSSUÍDO
- DEFENDE-SE O BEM QUE SE PERDEU NA ESPERANÇA PELOS MESMOS CONSOANTES
- TENTADO A VIVER NA SOLEDADE SE LHE REPRESENTAM AS GLORIAS DE QUEM NÃO VIU, NEM TRATOU A CORTE
- MORALIZA O POETA OUTRA VEZ A SUA DECLINAÇÃO PELO SEU LUZIMENTO NO AMORTECIDO DESMAIO DE UMA POMPOSA FLOR
- MORALIZA O POETA SEU DESASSOSSEGO NA HARMONIA INCAUTA DE HUM PASSARINHO, QUE CHAMA SUA MORTE A COMPAÇOS DE SEU CANTO

- MORALIZA O POETA NOS OCIDENTES DO SOL A INCONSTÂNCIA DOS BENS DO MUNDO
- A UMA DAMA A QUEM NÃO RENDIAM FINEZAS
- A UMA DAMA, QUE SE RECATAVA DE PAGAR FINEZAS
- A UMAS SAUDADES
- NASCE A ROSA, E NASCE A FLOR
- ENFADA-SE O POETA DO ESCASSO PROCEDER DE SUA SORTE
- ZELOSO, E TRISTE CONSULTA O POETA A SOLEDADE DOS MONTES PARA SEU DESAFOGO
- QUEIXA-SE DE QUE NUNCA FALTEM PENAS PARA A VIDA, FALTANDO A VIDA PARA AS MESMAS PENAS
- AO MESMO ASSUNTO
- AO MESMO INTENTO
- CHORA UM BEM PERDIDO, PORQUE O DESCONHECEU NA POSSE
- NO FLUXO E REFLUXO DA MARÉ ENCONTRA O POETA INCENTIVO PARA RECORDAR SEUS MALES
- PONDERA NA CORRENTE ARREBATADA DE UM CAUDALOSO RIO QUÃO DISTINTO VEM A SER O CURSO DA HUMANA VIDA
- SE NÃO POSSO IR RASTEJANDO
- NUMA ILUSTRE ACADEMIA
- CORAÇÃO, QUE EM PRETENDER
- SERVIU LUÍS A ISABEL
- SE HOUVERA CONFORMIDADE
- VIDINHA: POR QUE CHORAIS?
- DE UNS OLHOS SE VIU RENDIDO
- PARECE QUE JÁ SE ENFASTIAVA O POETA DO SEU RETIRO COMO SE VÊ NA OBRA
- DESPEDE-SE O POETA DO SEU AMOROSO DIVERTIMENTO COM PRETEXTOS FRÍVOLOS, E TOTALMENTE CONTRÁRIOS A RAZÃO DO AMOR
- AO GOVERNADOR D. JOÃO D'ALENCASTRE QUANDO MANDOU PRENDER AO AUTOR PARA O DEGRADAR POR TER CHEGADO DISFARÇADO DE LISBOA EM UMA NÃO DE GUERRA O FILHO DE ANTONIO LUIZ DA CÂMARA COUTINHO COM INTENTO DE Ó MATAR PELAS SÁTIRAS QUE FEZ A SEU PAI: O QUE CONHECIDO PELO GOVERNADOR D. JOÃO

D'ALENCASTRE, LHE QUIS SEGURAR A VIDA COM O PRETEXTO DE DEGREDADO PARA ANGOLA O QUE O AUTOR NESTA OBRA QUER NEGAR DESCULPANDO-SE

- DESCREVE A UM AMIGO DESDE AQUELE DEGREDADO AS ALTERAÇÕES, E MISÉRIAS DAQUELE REINO DE ANGOLA, E O QUE JUNTAMENTE LHE ACONTECEU COM OS SOLDADOS AMOTINADOS, QUE O LEVARAM PARA O CAMPO, E TIVERAM CONSIGO PARA OS ACONSELHAR NO MOTIM
- LAMENTA O POETA O TRISTE PARADEIRO DA SUA FORTUNA DESCRIVENDO
- AS MISÉRIAS DO REINO DE ANGOLA PARA ONDE Ò DESTERRARAM
- BELETA
- NAMORA-SE DE OUTRA CHAMADA BELETA, OU IZABEL, A QUEM FAZ O SEGUINTE
- COMO O NÃO QUIS ADMITIR, A DESCOMPÕE NO SEGUINTE SONETO
- ACONTECEU QUE FALANDO ESTA IZABEL COM UM SERTANEJO, FOI POR ELE ACHADA COM ALEXANDRE DE SOUZA MARQUES, RAPAZ, DE QUEM O POETA SE ENFURECIA ZELOSAMENTE, E DESCREVE, A CARREIRA, QUE O SERTANEJO LHE DEU
- QUEIXAVA-SE IZABEL DO POETA, ELE A SATISFAZ CAVILOSAMENTE NESTE ROMANCE
- BETICA
- FOI ESTA DAMA VISTA DO POETA EM CERTA MANHÃ A SUA JANELA, E ELE LHE DÁ OS BONS DIAS COM ESTE GRACIOSÍSSIMO ROMANCE
- PASSOU O POETA PELA PORTA DESTA DAMA, ARRIBANDO DE FORA POR CAUSA DA CHUVA, COM UM CASACÃO, E UMA CARAPUÇA. E ELA LHE DISSE, QUE SE FORA POETA, COMO ELE, O HAVIA DE SATIRIZAR PELO DESCOCO: AO QUE ELE FEZ ESTAS DÉCIMAS
- INDO O POETA, E GONÇALO RAVASCO A CASA DE BETICA E QUERENDO TRATAR COM ELA LHE PEDIU UMA GALA DE ANTEMÃO
- TEVE O POETA NOTICIA, QUE SEBASTIÃO DA ROCHA PITA SENDO RAPAZ, SE ESTRAGAVA COM BRITES
- OFENDIDO SEBASTIÃO DA ROCHA PITA POR CAUSA DE UNS CIÚMES À QUIS CASTIGAR: AO QUE ACUDIU A MÃE E LHE FEZ AS DESCOMPOSTURAS SEGUINTE
- POR UM ESCRAVO MANDOU O POETA À BETICA UM FORMOSO CARÁ COM ESTE

- VINDO ESTA DAMA UMA VEZ A CASA DO POETA LHE PEDIU CEM MIL REIS PARA UM DESEMPENHO
- TORNA ESTA DAMA A INVESTIR SEGUNDA VEZ AO POETA PEDINDO-LHE UMA GALA, E ELE FAMOSAMENTE SE DESEMPULHA DESTE MODO
- PICADA BETICA, DE QUE O POETA LHE NÃO DESSE A GALA, LHE APARECEU EM CERTA OCASIÃO COM UMA SAIA DE SEDA AMARELA, MAS O POETA SE DESPICA COM ESTAS DÉCIMAS
- CERTO COMISSÁRIO DA PRAIA SEU AMÁSIO, SABENDO, QUE ANTES DE ELA IR À SUA CASA, COSTUMAVA PRIMEIRO TRATAR CO MANUEL RAMOS PARENTE, LHE PREPAROU UMA LAVAGEM DE PIMENTAS, DE QUE FICOU EM MISERÁVEL ESTADO
- AS DIFERENÇAS QUE TINHAM SEUS QUATRO AMANTES, SOBRE QUEM À HAVIA DE LEVAR
- A MESMA APARECENDO NO DIA DAS VIRGENS VESTIDA DE LUTO
- BRITES
- DESCREVE O POETA O MELINDRE, COM QUE ESTA GALHARDA DAMA SAIU A SER VISTA DO MESMO POETA DEPOIS DE MUITOS ROGOS SEM EFEITO DE VÁRIAS PESSOAS, E SOMENTE A PEDITÓRIO DE GENEBRA
- INCLINAVA-SE BRITES A UM SUJEITO DE MAIS ESPERANÇAS, QUE MÉRITOS, E EM SUA COMPETÊNCIA CONTINUA O POETA ESTE GALANTEIO
- RETRATA O POETA AS PERFEIÇÕES DESTA DAMA COM GALHARDO ASSEIO
- FINGE O POETA QUE SE ARREPENDE DE A TER AMADO, E TUDO PIQUES PARA SER QUERIDO
- CASUAL ENCONTRO QUE TEVE O POETA COM BRITES NO SEU RETIRO DE UMA ROÇA
- INSISTE O POETA (VENDO ESTES DESAPEGOS DE BRITES EM O NÃO QUERER ADMITIR) PARA SER CORRESPONDIDO EM SEU AMOR, ARGUMENTANDO-LHE RIJAMENTE CAUTELOSOS SILOGISMOS MAS TUDO DEBALDE
- REFORÇA O POETA SEUS ENGANOS PROTESTANDO, QUE QUER SOMENTE AMAR POR AMAR, SEM OUTRO GÊNERO DE GALARDÃO, OU INTERESSE
- COROU A FORMOSA BRITES ESTAS PRECIOSAS MENTIRAS DAQUELE GALHARDO ENGENHO COM UM ALEGRE RISO NA PRIMEIRA OCASIÃO, QUE TEVE DE ENCONTRO COM ELA, PARA CONTRADIZER-SE CAVILOSO; O QUE LHE DEU MOTIVO PARA FAZER O SEGUINTE



- A GRACIOSA BRITES, DE QUEM JÁ FALAMOS POR COMER UM CAJU, QUE VINHA PARA O POETA
- TENDO BRITES DADO ALGUMAS ESPERANÇAS AO POETA SE LHE OPÔS UM SUJEITO DE POUCOS ANOS, PRETENDENDO-A POR ESPOSA, RAZÃO POR ONDE VEIO ELA A DESVIAR-SE, DESCULPANDO-SE POR SER JÁ VELHO
- SABENDO O POETA O MOTIVO DO DESVIO LHE MANDOU ESTAS DÉCIMAS
- AO MESMO ASSUNTO E PELO MESMO MOTIVO
- MAGOADO O POETA E SENTIDÍSSIMO COM ESTA PENA DE VER FRUSTRADO TODOS OS SEUS INTENTOS, CANTAVA AO SOM DO SEU INSTRUMENTO A SEGUINTE LETRA
- RESOLVE-SE BRITES TOTALMENTE A DEIXAR OS GALANTEIOS DO POETA POR LOGRAR SEUS PRÓPRIOS INTERESSES: E COMPADECIDA DESTAS QUEBRAS TEREZA IRMÃ DE BRITES REPETIU AO POETA PASSANDO-LHE PELA RUA O SEGUINTE
- ACABA O POETA DE CRER A RESOLUÇÃO DE BRITES, ESTRANHANDO LHE EM CERTA OCASIÃO UM TAL DESAPEGO.
- A MESMA COM IRAS DE NAMORADO RESPONDE O POETA A UM MAL CONSIDERADO AMIGO, QUE O MATRAQUEAVA DE COBARDE NESTA MATÉRIA
- COSTUMAVA CANTAR O POETA ESTA LETRA A SEU INSTRUMENTO EM QUANTO LHE DUROU O PESAR DAS TIRANIAS DESTA DAMA
- DESENGANADO O POETA AO EFETUAREM-SE AQUELAS VODAS COM UM MOÇO LICENCIADO SAIU RAIVOSAMENTE COM ESTA SÁTIRA
- A VISTA DO AMOR, QUE TEVE O POETA A ESTA DAMA, COMO SE COLHE É A SEGUINTE OBRA UM TESTEMUNHO DA SUA GENEROSIDADE: POIS LHE RECUSA OS SEUS CONVITES, ACONSELHANDO-A A SOFRER SEU ESPOSO NEM OS SEUS GALANTEIOS FORAM COM PESSOA PROIBIDA
- COM ESTA RESPOSTA SE AVIVARAM NA DAMA OS INCÊNDIOS DE AMOR E NO POETA SE AVIVARAM OS QUILATES DESTA HONRA
- CATONA
- ENTRE OS SERVENTES, QUE NAQUELA CASA ASSISTIRAM, SE NAMOROU O POETA DE CATONA COM TODAS AS VERAS, AGORA, QUE A VIU DEDILHANDO RENDAS
- SACODE ZELOSO O POETA A FERNÃO ROIZ VASSALO, QUE SE CONTRATAVA COM ESTA CELEBRADA CATONA, SENDO O VIOLISTA DAS PUTAS DAQUELE DISTRITO: PORQUE VINDO DANÇAR COM ALGUMAS EM PRESENÇA DO MESMO POETA LHE SAIU O MEMBRO POR ENTRE OS TRAJOS DA BRAGUILHA

- FAZIA O POETA TAIS EXCESSOS POR ESTA CATONA, QUE TOMÁS PINTO, E OUTROS LHOS ESTRANHARAM, E ELE OS INCREPA NESTAS DÉCIMAS DE NÉSCIOS NO AMOR
- COROAVA CATONA TODOS ESTES DOTES DE UMA CONSTANCIA RARAS VEZES ACHADA EM SEMELHANTE GENTE, POIS GUARDANDO FÉ A SEU AMANTE, PUNHA O POETA EM TOTAL DESESPERAÇÃO DE QUE NASCEU A OBRA SEGUINTE
- TORNA O POETA A INVESTIR À CATONA LANÇANDO O RESTO DE SEUS EMPENHOS, E ELA PARA SE DESCULPAR LHE RESPONDEU, QUE ESTAVA MENSTRUADA
- TORNA O POETA OUTRA VEZ A TENTAR A CATONA POR ESTILO DESONESTO, DE QUE AS VEZES MELHOR SE PAGA SEMELHANTE GENTE
- EXAGERA O POETA SEUS AMORES À CATONA EM OCASIÃO, QUE ELA SE QUEIXAVA DE UMA DOR DE DENTES
- PRETENDIA O POETA RETIRAR-SE PARA A VILA DE S. FRANCISCO E VENDENDO AS DUREZAS DE CATONA, LHE FAZ ESTE MEMORIAL DE FINEZAS
- DEIXA RECOMENDADO A TOMAS PINTO AS DILIGÊNCIAS DE ABRANDAR A CATONA, E SE DESPEDE DE PERNAMERIM EM UM CAVALO CHAMADO O TAINHA
- SAUDOSO DE PERNAMERIM, E SENDO ACASO TOPADO NAQUELA VILA UM MOLEQUE CHAMADO O MOÇORONGO DE TOMÁS PINTO BRANDÃO SEM CARTA, NEM RECADO DO SENHOR PARA O POETA, ELE SE MOSTRA SENTIDO NESTE ROMANCE
- POR ESTE MOLEQUE, QUE DEU AO POETA MUITAS LEMBRANÇAS DA PARTE DE CATONA, LHE REMETEU ELE O SEGUINTE ROMANCE
- POR ESTE MESMO ESCRAVO ESCREVE TAMBÉM O POETA A OUTRO AMIGO EM PERNAMERIM CHAMADO IGNÁCIO, QUEIXANDO-SE DE LHE NÃO ESCREVER, NEM LHE MANDAR NOVAS DAS FÊMEAS
- MANDA-LHE TOMÁS PINTO DESDE PERNAMERIM ESTE ROMANCE, RECORDANDO, O QUE O POETA LÀ PASSÀRA
- RESPONDE O POETA TODO SAUDOSO A TOMÁS PINTO
- RESPONDEU TOMÁS PINTO A RECOMENDAÇÃO DO POETA, QUE A DUREZA DE CATONA NENHUM REMÉDIO TINHA, POIS CADA VEZ ESTAVA MAIS FIRME AO QUE ELE FEZ ESTE SONETO
- A PERSUASÕES DE TOMÁS PINTO ESCREVE CATONA AO POETA UMA CARTA TODA CHEIA DE AMORES, E FINEZAS, E ELE LHE RESPONDE COM ESTE ROMANCE

- TEVE CATONA UMA GRANDE ENFERMIDADE LOGO A ESTE TEMPO, E CHEGANDO AS NOVAS AO POETA LHE MANDOU ESTE
- DESTA ENFERMIDADE PASSOU CATONA A CURAR-SE NA VILA DE SAM FRANCISCO, ONDE O POETA ESTAVA, E A SUA VINDA LHE CANTOU ESTE ROMANCE
- COMO ESTA NENHUM CASO FEZ DO POETA DIVERTIDA COM OUTROS DE SUA QUALIDADE, LHE DESANDA COM ESTES EPÍLOGOS
- ESPADA E ESPADILHA
- AO CAPITÃO FRANCISCO MONIZ DE SOUZA CORRENDO NA FESTA DAS VIRGENS COM GARBOSA FORTALEZA
- AO MESMO CAPITÃO CHEGANDO A MADRE DE DEUS, ONDE O POETA ASSISTIA, A UMA FESTIVIDADE COM SUAS TRÊS IRMÃS SENDO DONA ÂNGELA UMA DEISS E PORTENTO MAIOR DA FORMOSURA POR QUEM SE DESVELOU O POETA COMO VEREMOS NO QUARTO TOMO
- AO MESMO CAPITÃO PEDE O POETA LICENÇA PARA O IR VISITAR NA SUA FAZENDA DO CAIPE, ONDE ASSISTIA EM COMPANHIA DE SEUS PAIS, E IRMÃOS
- AO CAPITÃO JOÃO ROIZ DOS REIS HOMEM GENEROSO, E ALENTADO GRANDE AMIGO DO POETA, LHE LOUVA A SUA GENEROSIDADE COM TODOS
- AO CAPITÃO BENTO PEREIRA HOMEM SIMPLES E COM PRESUNÇÕES DE BOM
- AO CAPITÃO JOSÉ PEREIRA POR ALCUNHA O SETE CARREIRAS LOUCO COM CAPRICHOS DE POETA SENDO ELE IGNORANTÍSSIMO
- AO MESMO CAPITÃO SEVANDIJA DO PARNASO
- AO CAPITÃO DOMINGOS CARDOZO POR ALCUNHA O MANGARÁ, QUERELANDO, E PRENDENDO DUAS MULATAS, MÃE, E FILHA PELO FURTO DE UM PAPAGAIO, SENDO UMA DELAS SUA AMÁSIA
- AO CAPITÃO JOÃO TEIXEIRA DE MENDONÇA QUERENDO FUGIR COM A FAZENDA DOS DEFUNTOS, E AUSENTES, DE QUE ERA TESOUREIRO E FOI PREZO
- AO MESMO CAPITÃO PELO MESMO CASO, E NA MESMA OCASIÃO
- AO CAPITÃO MANUEL DIAS FILGUEIRA PREZO, E RETRAÍDO NA MOXINGA POR HAVER QUEBRADO UM CAMAREIRO NA PORTA DE CERTA PERSONAGEM
- AO CAPITÃO ADÃO DE TAL QUE ESTANDO PREZO SAIU COM FINGIDA NECESSIDADE A VER UMAS COMEDIAS, QUE SE FIZERAM NA PALMA

ONDE COM SUA AMÁSIA SE DEIXOU FICAR ALGUNS DIAS; E DEPOIS A ROGOS DO CARCEREIRO VEIO COM UM PÉ ENTRAPADO, DANDO A ENTENDER, QUE O DESMENTIRA

- O CAPITÃO BENTO RABELO MORADOR NA VILA DE S. FRANCISCO AMIGO DO POETA, QUE POR ESTAR TOTALMENTE DIVERTIDO COM O JOGO O NÃO FOI VISITAR; ELE O ADMOESTA, A QUE LARGUE O JOGO, E VÁ PARA A CAJAÍBA
- AO MESMO CAPITÃO SENDO ACHADO COM UMA GROCÍSSIMA NEGRA
- AO CAPITÃO JOÃO FRANCO POR ALCUNHA O BICANCRO PELA SUA BICUDA FISIONOMIA, O QUAL CALOTEOU UMA POBRE MULHER COM UMA CAIXA DE AÇÚCAR
- AO CAPITÃO DOMINGOS GLZ. FERREIRA APELIDADO O RAPADURA, A QUEM UMA DAMA PURGOU COM UNS ARAÇÁS, DE QUE TEVE UMA DIARRÉIA
- AO MESMO CAPITÃO FRETANDO-LHE A AMASIA CERTO HOMEM CHAMADO O SURUCUCU
- A OUTRO CAPITÃO QUE TINHA SIDO DE COURAÇAS EM PORTUGAL QUE SE CASOU COM UMA FILHA DE CERTO LETRADO FULANO COELHO, DE QUEM JÁ FALAMOS QUE SE CASARA COM UMA MULHER, QUE DEU UNS PONTOS NO VAZO; E DESTA TAMBÉM SE DIZIA SER JÁ CORRUPTA, E CRISTÃ NOVA
- A CERTO TENENTE CHAMADO O SURDO INSIGNE VENDILHÃO, E ATRAVESSADOR VENDENDO UNS PAIOS POR COUSA MUI SELETA QUANDO OS MAIS DELES ESTAVAM PODRES
- A UM ALFERES QUE INDO PREZO PERANTE O SEU AUDITOR, SALTOU DAS SUAS JANELAS, DE QUE QUEBROU OS QUADROS E SE FOI HOMIZIAR EM S. FRANCISCO
- EU ME VOU POR ESTE MUNDO
- DESEMPULHA-SE O POETA DA CANALHA PERSEGUIDORA CONTRA OS HOMENS SÁBIOS, CATANDO BENEVOLÊNCIA AOS NOBRE
- PREZO FINALMENTE O NOSSO POETA PELOS MOTIVOS QUE JÁ DIZEMOS EM SUA VIDA, E CONDENADO A IR DEGREDADO PARA ANGOLA, POR ORDEM DE D. JOÃO D'ALENCASTRE GOVERNADOR ENTÃO DESTE ESTADO: PONDERA, QUÃO ADVERSO É O BRASIL SUA INGRATA PÁTRIA AOS HOMENS BENEMÉRITOS; E COM DESAFOGO DE HOMEM FORTE GRACEJA UM POUCO AS MULATAS MERETRIZES
- TOMÁS PINTO BRANDÃO ESTANDO PREZO POR INDUSTRIAS DE CERTO FRADE: AFOMENTADO NA PRISÃO POR SEUS DOIS IRMÃOS APELIDADOS

O FRISÃO, E O CHICÓRIA EM VÉSPERAS, QUE ESTAVA O POETA DE IR PARA ANGOLA

- EMBARCADO JÁ O POETA PARA O SEU DEGREDO, E POSTOS OS OLHOS NA SUA INGRATA PÁTRIA LHE CANTA DESDE O MAR AS DESPEDIDAS
- A MORTE DO GOVERNADOR MATIAS DA CUNHA
- AO MESMO ASSUNTO
- AO MESMO ASSUNTO
- DISCRIÇÃO, ENTRADA, E PROCEDIMENTO DO BRAÇO DE PRATA ANTONIO DE SOUZA DE MENEZES GOVERNADOR DESTE ESTADO
- SUBTILEZA COM QUE O POETA SATIRIZA À ESTE GOVERNADOR
- A PRISÃO QUE FEZ ESTE GOVERNADOR À SEU CRIADO O BRAÇO FORTE
- A DESPEDIDA DO MAO GOVERNO QUE FEZ ESTE GOVERNADOR
- SUCEDE A ESTE GOVERNADOR O MARQUEZ DAS MINAS COM SEU FILHO O CONDE DO PRADO, DESFAZENDO TODAS AS SUAS OBRAS, E MANDANDO VIR OS PRINCIPAIS DA BAHIA DO DESTERRO, EM QUE ANDAVAM, PELA MORTE, QUE OUTROS DERAM AO ALCAIDE MOR FRANCISCO TELES
- A SEU FILHO O CONDE DO PRADO, DE QUEM ERA O POETA BEM VISTO, ESTANDO RETIRADO NA PRAIA GRANDE, LHE DÁ CONTA DOS MOTIVOS, QUE TEVE PARA SE RETIRAR DA CIDADE, E AS GLORIAS, QUE PARTICIPA NO RETIRO
- AO CONDE DO PRADO EMBARCANDO-SE PARA PORTUGAL EM COMPANHIA DE SEU PAI, DEPOIS DE TER ACABADO O TEMPO DE SEU GOVERNO LHE FAZ O POETA ESTAS SAUDOSAS DESPEDIDAS
- A MORTE DESTE CONDE SUCEDIDA NO MAR QUANDO SE RETIRAVA PARA LISBOA
- AO MESMO ASSUNTO
- AO MESMO ASSUNTO
- AO MESMO ASSUNTO
- AO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ GLZ. DA CAMARA COUTINHO EM DIA DE REIS OBSEQUIA O POETA PEDINDO-LHE EM NOME DE UM AMIGO UMA DAQUELAS ESMOLAS, QUE SUA MAJESTADE CONSIGNA DO REAL TESOURO CADA UM ANO PARA OS HOMENS DE BEM, A QUE CHAMAM MERCÊ ORDINÁRIA
- EMPENHA O POETA PARA CONSEGUIR ESTA MERCÊ AO CAPITÃO DA GUARDA LUIZ FERREIRA DE NORONHA SEU PARTICULAR CRIADO

- A PEDITÓRIO DOS PRETOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO FEZ O POETA O SEGUINTE MEMORIAL PARA O MESMO GOVERNADOR, IMPETRANDO LICENÇA PARA SAÍREM MASCARADOS À UMA OSTENTAÇÃO MILITAR, A QUE CHAMAVAM ALARDE
- OUTRO MEMORIAL POR UM SEU SOBRINHO, QUE DESEJAVA SENTAR PRAÇA DE SOLDADO
- AO MESMO GOVERNADOR SUTILMENTE REMOQUEIA O POETA AO DESCUIDAR-SE DE SUA HONRADA SUPLICA SOBRE A MERCÊ ORDINÁRIA, LEMBRANDO-LHE, QUE Á DERA A HUM SOLDADO RIDÍCULO CHAMADO O FARIA, POR QUEM NAQUELE TEMPO CANTAVAM OS CHULOS "A MULHER DO FARIA VÃO PARA ANGOLA"
- TORNA O POETA A INVOCAR LUIZ FERREIRA DE NORONHA
- ATE AQUI NÃO ERA AINDA VINDA A MERCÊ ORDINÁRIA E NO DIA, EM QUE O GOVERNADOR FEZ ANOS LHE MANDOU O SEGUINTE SONETO
- A D. JOÃO D'ALENCASTRE VINDO DO GOVERNO DE ANGOLA, ASSISTINDO NO MESMO PALÁCIO, QUEIXANDO-SE, DE QUE O POETA O NÃO VISITASSE, E PEDINDO-LHE UMA SÁTIRA POR OBSEQUIO
- A JOÃO PLZ. DA CÂMARA COUTINHO FILHO DO MESMO GOVERNADOR TOMANDO POSSE DE UMA GINETA EM DIA DE S. JOÃO BATISTA, E LHE ASSISTIU DE SARGENTO D. JOÃO DE LANCASTRO SEU TIO VINDO DO GOVERNO DE ANGOLA
- AO MESMO ASSUNTO
- GENEALOGIA QUE O POETA FAZ DO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ DESABAFANDO EM QUEIXAS DO MUITO, QUE AGUARDAVA NA ESPERANÇA DE SER DELE FAVORECIDO NA MERCÊ ORDINÁRIA
- CONTINUA O POETA SATIRIZANDO-O COM O SEU CRIADO LUIZ FERREIRA DE NORONHA
- AOS MESMOS AMO, E CRIADO
- PROSEGUE O MESMO ASSUNTO
- REPETE A MESMA SÁTIRA
- AO MESMO ASSUNTO
- DIZ MAIS COM O MESMO DESENFADO
- DEDICATÓRIA EXTRAVAGANTE QUE O POETA PAZ DESTAS OBRAS AO MESMO GOVERNADOR SATIRIZADO
- APOLOGIA CAVILOSA EM DEFESA DO MESMO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ

- DESCANTA O POETA AGORA A DESPEDIDA DESTE GOVERNADOR EM METÁFORA DE CHULARIAS, QUE SE USAVAM NAQUELE TEMPO. POR DIZER-SE VINHA RENDÊ-LO D. JOÃO DE ALENCASTRE SEU CUNHADO
- RETRATO QUE FAZ EXTRAVAGANTEMENTE O POETA, AO MESMO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ DA CÂMARA NA SUA DESPEDIDA
- A D. JOÃO D'ALENCASTRE TOMANDO POSSE DO SEU GOVERNO OBSEQUIA O
- POETA COM AS QUEIXAS DO SEU ANTECESSOR, E CUNHADO
- AO MESMO GOVERNADOR CHEGANDO-LHE A NOVA DA MORTE DE SUA SOGRA, A QUEM DEIXOU CONVALESCIDA DA MESMA ENFERMIDADE, DE QUE MORREU DEPOIS
- LOUVA O SECRETARIO DE ESTADO BERNARDO VIEIRA RAVASCO A UM SUJEITO, QUE FOI À COSTA DA MINA E LÁ FEZ UMA ILUSTRE AÇÃO
- RESPONDE O POETA A BERNARDO VIEIRA RAVASCO PELOS MESMOS CONSOANTES POR AQUELA PESSOA A QUEM SE FEZ O OBSÉQUIO
- CONTINUA BERNARDO VIEIRA RAVASCO NO SEU PROPÓSITO PELOS MESMOS CONSOANTES
- AO MESMO SECRETARIO DE ESTADO BERNARDO VIEIRA PEDINDO UMAS OITAVAS AO POETA, EM TEMPO, EM QUE FAZIA ANOS CONVALESCENDO DE UMA GRAVE DOENÇA
- INÁCIA, APOLÔNIA E MARIANA
- PRETENDE O POETA INTRODUIZIR-SE, COM A PRIMEIRA, OU SEGUNDA
- DEIXARAM ESTAS DAMAS DE IR A FESTA DA CRUZ POR FALTA DE REDE E O POETA SE MOSTRA SENTIDO DE O NÃO SABER
- INSISTE O POETA A QUERER SER AMADO DE IGNÁCIA
- COMO A NÃO PÔDE O POETA RENDER ENTRA A PICÁ-LA COM LOUVAR A APOLÔNIA, E É DE ADVERTIR, QUE ESTAS TRATAVAM COM UNS MÚSICOS FULANOS JARDINS, QUE MORAVAM NAS HORTAS
- IGNÁCIA IRRITADA DESTA SÁTIRA DESCOMPÔS DE PALAVRAS AO POETA E ELE SE DESPICA COM ESTAS DÉCIMAS
- DESCONFIADO O POETA DOS DESPREZOS QUE LHE FAZIA IGNÁCIA ENTRA A DESCOMPÔ-LA POR UM ARRISCADO PARTO QUE TEVE
- JOANA
- ACHANDO SE O POETA EM UMA FESTIVIDADE NA IGREJA DE SAM FRANCISCO DAQUELA VILA, VIU ESTAS TRÊS MOÇAS; E ENTRANDO EM QUESTÃO COM OUTROS AMIGOS, QUE ALI ESTAVAM SOBRE QUAL ERA A

MAIS FORMOSA, ELEGE ENTRE AS TRÊS A JOANA POR MAIS FORMOSA E SINGULAR

- RETRATA O POETA AS GALHARDAS PERFEIÇÕES DESTA DAMA SEM HIPÉRBOLE DE ENCARECIMENTO
- DESCAINDO ESTA MOÇA DA GRAÇA DO POETA, À SACODE COM A MESMA PENA, QUE À LOUVOU NAS OBRAS ANTECEDENTES, APARECENDO COM UMA SAIA VERDE
- AO DESEMBARGADOR DIONÍSIO DE ÁVILA VARREIRO OUVIDOR GERAL DO CÍVEL DESTE ESTADO DO BRASIL INDO À PORTO SEGURO PRENDER TRINTA E SETE FACINOROSOS QUE ANDAVAM ROUBANDO, E MATANDO NAQUELA POVOAÇÃO, SOMENTE COM CINQUENTA SOLDADOS DESTA PRAÇA E ALGUNS ÍNDIOS, LÁ AGREGOU AÇÃO QUE SEM O FAVOR DIVINO NÃO PUDERA CONSEGUIR ESFORÇO HUMANO
- A MORTE DO MESMO DESEMBARGADOR
- AO MESMO ASSUNTO PÊSAMES
- AO MESMO DESEMBARGADOR CASANDO-SE COM A FILHA DO CAPITÃO SEBASTIÃO BARBOZA
- AO OUVIDOR GERAL DO CRIME QUE TINHA PREZO O POETA (COMO ACIMA SE DIZ) EMBARCANDO-SE PARA LISBOA
- AO DESEMBARGADOR BELCHIOR DA CUNHA BROCHADO VINDO DE SINDICAR, O RIO DE JANEIRO EM OCASIÃO, QUE ESTAVA O POETA PREZO PELO OUVIDOR DO CRIME, PELO FURTO DE UMA NEGRA, SOLTANDO-SE NA MESMA OCASIÃO O LADRÃO
- AO MESMO DESEMBARGADOR PEDE O POETA JOCOSAMENTE UM ESCRAVO
- SEU ALFAIATE PARA LHE FAZER UMA OBRA
- AO PROVIDOR DOS AUSENTES, E DA SANTA CASA DO DESOR. PEDRO DE UNHÃO CASTELBRANCO, ACHANDO-SE COM O POETA NO SEU RETIRO DA PRAIA GRANDE
- AO RETIRAR-SE LHE MANDOU O POETA UM REFRESCO COM ESTAS DÉCIMAS
- A TRÊS MULATOS QUE POR TIRAREM AS ESPADAS CONTRA UNS DESEMBARGADORES FORAM A ENFORCAR ATANAZADOS, E ESQUARTEJADOS
- PRESOS TRÊS HOMENS DE QUATRO, QUE POR SEU DESENFADO COSTUMAVAM TIRAR PEDRADAS AS JANELAS DE PALÁCIO, UM DELES POR SER MULATO, SAIU A AÇOITAR PELAS RUAS E OS DOIS FORAM PARA AS GALES. ESTA OBRA FEZ O POETA SENDO ESTUDANTE



- NAMORA-SE DE OUTRA CHAMADA BELETA, OU IZABEL, A QUEM FAZ O SEGUINTE
- COMO O NÃO QUIS ADMITIR, A DESCOMPÕE NO SEGUINTE SONETO
- ACONTECEU QUE FALANDO ESTA IZABEL COM UM SERTANEJO, FOI POR ELE ACHADA COM ALEXANDRE DE SOUZA MARQUES, RAPAZ, DE QUEM O POETA SE ENFURECIA ZELOSO, E DESCREVE, A CARREIRA, QUE O SERTANEJO LHE DEU
- QUEIXAVA-SE IZABEL DO POETA, ELE A SATISFAZ CAVILOSAMENTE NESTE ROMANCE
- LETRADOS
- CONTRA OUTROS SATIRIZADOS DE VÁRIAS PENAS QUE O ATRIBUÍRAM AO POETA, NEGANDO-LHE A CAPACIDADE DE LOUVAR
- A UM IGNORANTE POETA, QUE POR SUAS LHE MOSTROU UMAS DÉCIMAS DE ANTONIO DA FONSECA SOARES
- DESCREVE A VIDA ESCOLÁSTICA
- AO MESMO ASSUNTO
- A UM FULANO DA SILVA EXCELENTE CANTOR, OU POETA
- MANDANDO GONÇALO SOARES DA FRANCA SENDO AINDA ESTUDANTE PEDIR AO POETA UM LIVRO INTITULADO REPUBLICA GENTÍLICA EM OCASIÃO, QUE AMBOS ESTAVAM DESFAVORECIDOS DE SUAS DAMAS, O POETA LHO MANDOU COM ESTA DÉCIMA
- RESPOSTA QUE MANDOU AO POETA GONÇALO SOARES DA FRANCA DE REPENTE E PELOS MESMOS CONSOANTES
- A ESTA DÉCIMA RESPONDEU O POETA COM ESTE SONETO
- AO DOUTOR ANTONIO RODRIGUES DA COSTA CAVALHEIRO DO HABITO CRISTO, CHEGANDO DE PORTUGAL COM UM VESTIDO VERDE, E CANHÕES DE VELUDO, O QUAL SE FEZ ABORRECIDO DO POETA POR MAU LETRADO, E JURISTA INTRUSO
- AO MESMO LETRADO QUE HAVENDO ARTICULADO CONTRA UMA PARTE EM TOTAL PREJUÍZO DE UMA HERANÇA, ESTA UMA NOITE LHE METEU NA CABEÇA UMA PANELA DE MERDA, DIZENDO, QUE ERAM CAMARÕES O POETA LHE CHAMA AQUI GILVAZ, PORQUE TINHA UMA CUTILADA NA CARA
- AO MESMO LETRADO MORDENDO, E ABOCANHANDO AS LETRAS DO POETA; E ELE LHE AMEAÇA SEUS ATREVIMENTOS
- A CERTO LETRADO QUE SENDO HOMEM DE NAÇÃO AFETAVA JACOBICES CORRENDO A VIA SACRA COM OS BRAÇOS ABERTOS

- A CERTO LETRADO FULANO COELHO, CASANDO-SE COM UMA MOÇA, QUE SE DIZIA SER TAL COMO PUBLICA A MESMA SÁTIRA
- AO MESMO ASSUNTO E AOS MESMOS SUJEITOS SUCEDENDO-LHE O QUE DIZ
- AO MESMO LETRADO METIDO EM AMIZADES COM O PE. DAMASO, A QUEM PRATICAVA OS TEMPOS DA VOCÁCIA, SATIRIZA O POETA A AMBOS
- A MANUEL RUIZ DE FIGUEIREDO, QUE SENDO REQUERENTE SE PÔS COM PRESUNÇÕES DE LETRADO, A QUEM CONCORRIA GRANDE PARTE DOS PLEITEANTES
- AO TABELIÃO MANUEL MARQUES TENDO SIDO ESPADEIRO HAVIA POUCO
- A OUTRO REQUERENTE DA MESMA CIÊNCIA E DA MESMA PRESUNÇÃO, MAS INFAMADO DE CRISTÃO NOVO E DE MULATO CHAMADO PEDRO DE TAL
- A OUTRO REQUERENTE APELIDADO O PERALVILHO, QUE COSTUMAVA VENDER AS CAUSAS, E FURTOU AO POETA UM CAVALO SELADO
- MARIANA, APELIDADA A ROLA
- FOI VISTA ESTA DAMA PELO POETA EM CASA DE UMA AMIGA INDO DIVERTIR-SE AO CAMPO COM CERTO SUJEITO ROMANCE
- RECOLHIDO O POETA A SUA CASA ASSAZMENTE NAMORADO QUE HAVIA VISTO: NÃO PODE SOSSEGAR SEU AMANTE GÊNIO, QUE LHE NÃO MANDASSE NO OUTRO DIA ESTE ENCARECIMENTO DE SEU AMOR
- TORNA O POETA A INSTAR SEGUNDA VEZ SEM SE AFASTAR DO SEU ENCARECIMENTO
- A MUDANÇA QUE FEZ ESTA DAMA FAZ AGORA O POETA MENÇÃO
- A MESMA MARIANA PEDINDO LHE FIZESSE UNS VERSOS, ENCONTRANDO-A NO MAR INDO PARA FORA
- SENTIU-SE MARIANA DE QUE O POETA PUBLICASSE SEU NOME SABENDO, O QUE DEVIA A TOMÁS PATRÍCIO, E QUE, PERSEVERAS-SE AINDA NA EMPRESA, AO QUE RESPONDE O POETA COM O SEGUINTE MOTE
- ADOECENDO MARIANA GALANTEIA O POETA SUA ENFERMIDADE (ROMANCE)
- CONTINUA O POETA NA MESMA EMPRESA DE SER ADMITIDO FAZENDO GALA DO SEU MESMO DESPREZO

- FOI PREZA MARIANA PELOS REPETIDOS ESCÂNDALOS COM TOMÁS PATRÍCIO POR ORDEM DE SUA ILUSTRÍSSIMA, E RAIVOSO O POETA DO PASSADO LHE FEZ ESTE
- A FUGIDA QUE FEZ DA CADEIA MARIANA COM O FAVOR DO CHANCELER DA RELAÇÃO DESTE ESTADO, COM QUEM ELA TINHA ALGUNS DESONESTOS DIVERTIMENTOS
- MARIQUITA
- CONTINUA EM GALANTEAR AQUELA MARIQUITA FILHA DA ZABELONA, QUE JÁ ADIANTE DISSEMOS
- À MESMA MULATA MANDANDO AO POETA UM PASSARINHO
- RETIRA-SE DESDENHOSA DO POETA PARA UM SOLDADO DE CUPIDO A TEMPO, QUE ELE FAZIA O MESMO COM ANICA
- TERCEIRA VEZ ACOMETE AQUELA EMPRESA QUEIXANDO-SE CONTRA MARIQUITA POR SE FINGIR DOENTE
- BUSCANDO POR OUTRA PARTE O REMÉDIO PARA SEU MAL, SE DESCULPARAM OUTRAS COM O MESMO ACHAQUE
- QUEIXA-SE FINALMENTE DE ACHAR TODAS AS DAMAS MENSTRUADAS
- O BURGO
- DESCREVE O QUE ERA REALMENTE NAQUELE TEMPO A CIDADE DA BAHIA DE MAIS ENREDADA POR MENOS CONFUSA
- À CIDADE E ALGUNS PÍCAROS, QUE HAVIAM NELA
- FINGINDO O POETA QUE ACODE PELAS HONRAS DA CIDADE, ENTRA A FAZER JUSTIÇA EM SEUS MORADORES, SINALANDO-LHES OS VÍCIOS, EM QUE ALGUNS DELES SE DEPRAVAVAM
- DEFINE A SUA CIDADE
- QUEIXA-SE A BAHIA POR SEU BASTANTE PROCURADOR, CONFESSANDO, QUE AS CULPAS, QUE LHE INCREPAM, NÃO SÃO SUAS, MAS SIM DOS VICIOSOS MORADORES, QUE EM SI ALVERGA
- PRECEITO 1
- PRECEITO 2
- PRECEITO 3
- PRECEITO 4
- PRECEITO 5
- PRECEITO 6
- PRECEITO 7

- PRECEITO 8
- PRECEITO 9
- PRECEITO 10
- QUEIXAS DA SUA MESMA VERDADE
- TORNA A DEFINIR O POETA OS MAUS MODOS DE OBRAR NA GOVERNANÇA DA BAHIA, PRINCIPALMENTE NAQUELA UNIVERSAL FOME, QUE PADECIA A CIDADE
- SÁTIRA AO GOVERNO DE PORTUGAL POR GREGÓRIO DE MATOS RESSUSCITADO EM PERNAMBUCO NO ANO DE 1713
- À MORTE DO PADRE ANTONIO VIEIRA
- SÁTIRA AO GOVERNO DE PORTUGAL POR GREGÓRIO DE MATOS RESSUSCITADO EM PERNAMBUCO NO ANO DE 1713
- O ENGENHO ESTÁ PEJADO
- CHEGANDO O POETA A VILA DE SÃO FRANCISCO DESCREVE OS DIVERTIMENTOS, QUE ALI PASSAVA, E EM QUE SE ENTRETINHA
- QUANTA ADMIRAÇÃO QUE LHE CAUSARAM AS MUDANÇAS DO SÍTIO
- TORNA O POETA AO SÍTIO DE CAJAÍBA, E SE ADMIRA DAS MUDANÇAS EM QUE O VÊ
- DESCREVE SEGUNDA VEZ AQUELAS MUDANÇAS, SATIRIZANDO DE CAMINHO AO AZEVEDO FEITOR MOR DO ENGENHO
- A HENRIQUE DA CUNHA DESENFADO DO POETA POR INSIGNE MENTIROSO, CHEGANDO DA ITAPEMA À CAJAÍBA
- AGRADA-SE DOS DONAIRES DE UMA CABRINHA DO PADRE SIMÃO FERREIRA
- E LHE FAZ O SEGUINTE ROMANCE
- COMO A NÃO PODE DE NENHUMA SORTE ALCANÇAR À DESCOMPÕE EM DÉCIMAS
- OUTRA MULATA CLARA CHAMADA JOANA GAFFEIRA CAMARADA DE IZABEL SE DESVIAVA DO POETA TEMENDO A SUA LÍNGUA, E ELE DESEJOSO DE À CONVERSAR, E DESCONFIADO DE O PODER CONSEGUIR LHE FAZ ESTE ROMANCE
- SATIRIZA O POETA O ENCONTRO, QUE TEVE JOANA GAFFEIRA, DE QUEM FALAREMOS LARGAMENTE NAS DAMAS DA VILA DE S. FRANCISCO COM CERTO FRADE EM UM BANANAL
- COMO NÃO PÔDE O POETA LOGRAR, LHE DIZIA ESTAS, E OUTRAS INJURIAS, COMO O FOI O SER APANHADA NO BANANAL COM UM FRADE

COMO JÁ DISSEMOS: MAS ELA ATRAVESSADA GRACIOSAMENTE COM O POETA, LHE FAZIA CARRANCAS TODAS AS VEZES, QUE O VIA

- PINTA O POETA AS PORQUEIRAS DE UM FRADE, E SEUS DEPRAVADOS MODOS EM MATÉRIAS AMOROSAS, SATIRIZANDO DE CAMINHO A TRÊS MOÇAS IRMÃS DA VILA DE SAM FRANCISCO, QUE À TANTO SE INCLINAVAM
- FESTEJA UMA PIPA DE VINHO, QUE ENTROU NO CONVENTO DE S. FRANCISCO DAQUELA VILA
- DA CAJAÍBA FOI CONVIDADO O POETA COM TOMÁS PINTO BRANDÃO E OUTRO CAMARADA MAIS PARA IREM A PERNAMERIM, ONDE FORAM RECEBIDOS, COMO SE VÊ DESTAS DÉCIMAS
- QUERIA O POETA DIVERTIR SEUS AMOROSOS INCÊNDIOS COM UMA MOÇA ALI ASSISTENTE, E PEDINDO-LHE ESTA DINHEIRO ANTECIPADAMENTE, ELE LHE RESPONDEU COM ESTAS DÉCIMAS
- RECEOSA SUZANA DAS CUTILADAS DO POETA LHE PEDIU, DEPOIS DE SER DELE GOZADA, QUE A NÃO SATIRIZASSE: MAS POR ISSO MESMO LHE DESANDA COM ESTAS DÉCIMAS
- REMETE AGORA OS SEUS CUIDADOS À MULATA LUZIA, QUE TAMBÉM EMBARAÇADA E DUVIDOSA SE OFENDERIA, OU NÃO À SEU AMANTE, SEMPRE SE DESCULPAVA
- TEVE NAQUELA VILA NOTÍCIA DE UM PEDREIRO QUE DESESTIMAVA UMA POBRE MULHER, QUE FOR DESGRAÇA LHE CAIU NAS MÃOS, ELA OFENDIDA DO SEU MAO TERMO, SE RETIROU EM DESPIQUE PARA A PODER DE UM HOMEM DE BEM, ONDE MELHOROU DE ESTIMAÇÃO, AO QUE FEZ O POETA AS SEGUINTE DÉCIMAS
- CORRESPONDEU A MOÇA COM UM GRANDIOSO PRESENTE DE DOCES, QUE NA CAJAÍBA DEVORARAM OS AMIGOS DO POETA
- A AVÓ DESTA MESMA MOÇA, A QUEM MANDOU OS SONHOS, QUE ELA DEU AO POETA, COMO DISSEMOS NA OBRA ANTECEDENTE, LOUVA AGORA PARTICULARMENTE O MESMO POETA
- DESCREVE O ENCONTRO, QUE TEVE COM A MULATA ESPERANÇA NO SÍTIO DA CATALA
- A MESMA MULATA APARECENDO EM OUTRA OCASIÃO AO POETA MUI DESFIGURADA, AMARELA, E CHEIA DE GÁLICO
- A FRANCISCO FERREIRA, DE QUEM O POETA SE ACOMPANHAVA NAQUELE RETIRO, FALTANDO-LHE UM DIA APRAZADO PARA CERTA VIAGEM

- AO MESMO E PELO MESMO CASO, QUE CHAMAVA AO POETA SEU MESTRE NA SOLFA, PORQUE COM ELE CANTAVA AS VEZES
- A UM VIZINHO DÁ CONTA O POETA EM UMA MANHÃ DE INVERNO, DO QUE PASSAVA COM O FRIO
- A UM PARDO CHAMADO LOPO TEIXEIRA, POR QUEM MANDOU O POETA COMPRAR UMAS MELANCIAS A SAUBABARA E LHE TROUXE MUITO MÁ COMPRA
- A CUSTODIA NUNES DALTRO, QUE EM CASA DO VIGÁRIO DA MADRE DE DEUS O HAVIA CURADO DE UMA CIÁTICA QUE PADECIA EM UM QUADRIL COM TRÊS FACAS QUENTES
- ENGRANDECE O POETA A ILHA DE GONÇALO DIAS ONDE VARIAS VEZES FOI REFUGIADO, E FAVORECIDO DO MESMO SENHORIO
- A UMA MENINA FILHA DO MESMO GONÇALO DIAS, A CUJA DISPOSIÇÃO FICARAM SEUS PAÍS O BOM AGASALHO DO POETA, QUE PAGOU CENTO POR UM COM ESTE REGALADO, E FRAQUÍSSIMO ROMANCE
- DESCREVE A ILHA DE ITAPARICA COM SUA APRAZÍVEL FERTILIDADE, E LOUVA DE CAMINHO AO CAPITÃO LUIZ CARNEIRO HOMEM HONRADO, E LIBERAL, EM CUJA CASA SE HOSPEDOU
- AUSENTE POR UNS DIAS O POETA, E POSTO NA ILHA GRANDE POR CERTAS DIFERENÇAS, QUE TEVE COM ANDRÉ BARBOZA, ESCRIVE AOS AMIGOS SUAS SAUDADES
- ESCRIVE DEPOIS AOS MESMOS MIUDAMENTE O SENTIMENTO NESTA GRACIOSA IMAGEM
- RESTITUÍDO OUTRA VEZ A AQUELA ILHA TRATA DE ENTENDER COM JOÃO DE AZEVEDO CAIXEIRO DAQUELE ENGENHO E COM O FEITOR MOR
- CONTINUA COM O AZEVEDO POR TER O ENGENHO PEJADO
- AO MESMO AZEVEDO CAIXEIRO DO ENGENHO, QUE SENDO JÁ HOMEM VELHO, E FRACO MACHEAVA UMA NEGRA, CHAMADA SUZANA DE DESMEDIDA GRANDEZA
- A SUZANA AMÁSIA DO AZEVEDO, MANDANDO AO AUTOR UM PRESENTE, E NELE VINHAM UMAS MOQUECAS
- ORDENAVA-SE EM MARAPÉ O BATISAMENTO DE UMA FILHA DE BALTEZAR VANIQUE HOLANDÊS E VIERAM À FUNÇÃO VÁRIOS ESTRANGEIROS COM UMA PIPA DE VINHO, E MALOGROU-SE A FESTA PELA MUITA CHUVA, QUE HOUE

- CELEBRA A GRANDE ALGAZARRA QUE FIZERAM NA FESTA OS ESTRANGEIROS
- BRINDANDO A QUITOTA MENINA BATIZADA, SENDO NO TEMPO DA PESTE
- CELEBRA SACUDINDO DE CAMINHO O DEMASIADO BEBER DESTE BALTEZAR VANIQUE SENDO HOMEM ACHACADO DA GOTA NOS PÉS
- AO FILHO DESTE BALTEZAR VANIQUE CHAMADO JOÃO VANIQUE, E POR ALCUNHA ATIRACOUÇES INTRODUIZIDO NA CONVERSA DO POETA, O QUAL HAVIA APANHADO UMA QUEDA ANDANDO CORRENDO NUMAS CAVALHADAS
- DESCONFIADO O VANIQUE DESTES CAVILOSOS LOUVORES SE RETIROU DAQUELA CONVERSAÇÃO, E O POETA O SATISFAZ COM OUTROS PIORES
- ESTANDO O POETA REFUGIADO DE SUA MESMA POBREZA NA ILHA DE MADRE DE DEUS, TEVE NOTICIA DA MORTE DE UM SEU FILHO, E QUE FORA ENTERRADO MISERAVELMENTE, E PROVOCADO DA SUA PENA, FEZ ESTAS DÉCIMAS
- AO MESMO ASSUNTO E NA MESMA OCASIÃO
- CHORA O POETA A MORTE DE UM SEU FILHO, CUJO PESAR DEU MOTIVO A PRIMEIRA OBRA SACRA DESTE LIVRO
- OPÚSCULO DE PEDRO ALZ. DA NEIVA
- SENTOU ESTE PRAÇA PARA SUBIR A CAPITÃO, NO TEMPO, EM QUE ERAM TRIENAS: E SENDO NOMEADO PARA UMA EXPEDIÇÃO MARÍTIMA, PROMETEU DE ALVÍSSARAS UM CHAPÉU, E OITO PATACAS, A QUEM O LIVRASSE
- LOUCURAS QUE FAZIA ESTE SUJEITO COM UM CAVALO RUÇO, QUE LHE COMPROU O TIO: E MORTE DO MESMO CAVALO
- ANA MARIA ERA UMA DONZELA NOBRE, E RICA, QUE VEIO DA ÍNDIA SENDO SOLICITADA DOS MELHORES DA TERRA PARA DESPOSÓRIOS, EMPREENDEU FR. TOMÁS CASALA COM O DITO, E O CONSEGUIU
- AO MESMO ASSUNTO
- CASADO, E RICO SE EMBARCOU PARA PORTUGAL A COMPRAR NOBREZA; E O POETA LHE FAZ AS DESPEDIDAS PROFETIZANDO, O QUE REALMENTE SUCEDEU
- AO MESMO QUE CHEGANDO À BAHIA COM HÁBITO, E FORO FALSO ENTRA DESVANECIDAMENTE CONFIADO A TRATAR OS HOMENS NOBRES POR TERCEIRA PESSOA

- DEDICA UM ESTUDANTE UMAS CONCLUSÕES AO DITO COM O BRASÃO DOS NEIVAS NA FACHADA: E IMPACIENTE O POETA DO DESAFORO ROMPE NESTAS QUEIXAS
- AO MESMO RETIRANDO-SE HOMIZIADO PARA O CARMO, POR TER NOTICIA DE UM DECRETO, QUE VEIO DE SUA MAJESTADE AO DEZ.OR ANTONIO RODRIGUES BANHA, PARA PRENDER, OS QUE HAVIAM NA CIDADE COM HÁBITOS, E FOROS FALSOS
- AO MERGULHÃO CUNHADO DESTE SUJEITO, QUE ENGANOU AO POETA COM UMA PROPINA DE COBRE INDO TOMAR O GRAU DE LICENCIADO
- A UMA DAMA QUE MANDOU PEDIR AO POETA O TESTAMENTO, QUE ELE TINHA FEITO AO CAVALO DE PEDRALVES
- OS HOMENS BONS
- PESSOAS MUITO PRINCIPAIS
- SALVE RAINHA A VIRGEM SANTÍSSIMA
- A N. SENHORA DA MADRE DE DEUS INDO LÁ O POETA
- AO MENINO JESUS DE N. SENHORA DAS MARAVILHAS, A QUEM INFIÉIS DESPEDAÇARAM ACHANDO-SE A PARTE DO PEITO
- AO BRAÇO DO MESMO MENINO JESUS QUANDO APARECEU
- AO MENINO JESUS DO COADJUTOR DE S. ANTÔNIO QUE SENDO ANTIGO É MUITO BELO
- A N. SENHOR JESUS CRISTO COMATOS DE ARREPENDIDO E SUSPIROS DE AMOR
- A UMAS CANTIGAS, QUE COSTUMAVAM CANTAR OS CHULOS NAQUELE TEMPO: "BANGUÉ, QUE SERÁ DE TI?" E OUTROS MAIS PIEDOSOS CANTAVAM: "MEU DEUS, QUE SERÁ DE MIM?" O QUE O POETA GLOSOU ENTRE A ALMA CRISTÃ RESISTINDO ÀS TENTAÇÕES DIABÓLICAS
- AO MISTERIOSO EPÍLOGO DOS INSTRUMENTOS DA PAIXÃO RECOPIADO NA FLOR DO MARACUJÁ
- AFIRMA QUE A FORTUNA, E O FADO NÃO É OUTRA COUSA MAIS QUE A PROVIDENCIA DIVINA
- NO SERMÃO QUE PREGOU NA MADRE DE DEUS D. JOÃO FRANCO DE OLIVEIRA PONDERA O POETA A FRAGILIDADE HUMANA
- CONTINUA O POETA COM ESTE ADMIRÁVEL A QUARTA FEIRA DE CINZAS
- CONSIDERA O POETA ANTES DE CONFESSAR-SE NA ESTREITA CONTA, E VIDA RELAXADA
- AO DIA DO JUÍZO



- A CONCEIÇÃO IMACULADA DE MARIA SANTÍSSIMA
- A CONCEIÇÃO IMACULADA DE MARIA SANTÍSSIMA
- AO MESMO ASSUNTO
- A N. SENHORA DO ROSÁRIO
- AS LAGRIMAS QUE SE DIZ, CHOROU N. SENHORA DE MONSARRATE
- A S. FRANCISCO TOMANDO O POETA O HÁBITO DE TERCEIRO
- AO GLORIOSO PORTUGUÊS SANTO ANTONIO
- AO MESMO ASSUNTO
- AO MESMO QUE LHE DERAM A GLOSAR
- A CANONIZAÇÃO DO BEATO STANISLAU KOSCA
- SOLILÓQUIO DE Me. VIULANTE DO CÉU AO DIVINÍSSIMO SACRAMENTO: GLOSADO PELO POETA, PARA TESTEMUNHO DE SUA DEVOÇÃO, E CREDITO DA VENERÁVEL RELIGIOSA
- ADÃOS DE MASSAPÊ
- A CERTO HOMEM PRESUMIDO; QUE AFETAVA FIDALGUIAS POR ENGANOSOS MEIOS
- AO MESMO SUJEITO PELOS MESMOS ATREVIMENTOS
- AOS PRINCIPAIS DA BAHIA CHAMADOS OS CARAMURUS
- AO MESMO ASSUNTO
- A COSME MOURA ROLIM INSIGNE MORDAZ CONTRA OS FILHOS DE PORTUGAL
- COTA
- A UMA DAMA POR NOME MARIA VIEGAS, QUE FALAVA FRESCO, E CORRIA POR CONTA DO CAPITÃO BENTO RABELO SEU AMIGO
- ANATOMIA HORROROSA QUE FAZ DE UMA NEGRA CHAMADA MARIA VIEGAS
- A MESMA MARIA VIEGAS SACODE AGORA O POETA EXTRAVAGANTEMENTE,
- PORQUE SE ESPEIDORRAVA MUITO
- CUSTÓDIA
- UMA GRACIOSA MULATA FILHA DE OUIBA CHAMADA MARICOTA COM QUEM

- O POETA SE TINHA DIVERTIDO, E CHAMAVA AO FILHO DO POETA SEU MARIDO
- A MESMA CUSTODIA MOSTRA A DIFERENÇA QUE HA ENTRE AMAR, E QUERER
- À MESMA DAMA
- PEDE O POETA NESTA OBRA CONTA DO SEU PROCEDER À SUAS IRMÃS EUGENIA E MACOTA
- PONDERA QUE OS DESDENS SEGUEM SEMPRE COMO SOMBRAS O SOL DA FORMOSURA
- UMA TARDE ENTROU O POETA EM CASA DESTA DAMA, QUE ESTAVA NO
- INTERIOR ENOJOADA PELA MORTE DE SUA MÃE, E COMO ERA HOMEM
- DIVERTIDO, TANGEU NUMA VIOLA, QUE ACASO VIU, PONDO A VIOLA
- OS SENTIMENTOS DE BARBORA: E ELA ENFURECIDA LHE DISSE ALGUMAS
- INJÚRIAS
- COLHE-SE DO ESTILO DESTAS OBRAS QUE O AMOR DESTA DAMA NÃO INQUIETAVA AO POETA
- ENFERMOU E O POETA DA VISTA DE BARBORA, FEZ O SEU TESTAMENTO, E ACABOU OS DIAS: MAS APENAS FOI VISTO PELA MESMA DAMA LOGO RESSURGIU PARA NOVAS FINEZAS: E ISTO É SER LAZARO DE AMOR DIZ, QUE SE HA DE CASAR COM BARBORA, E EM CONSCIÊNCIA O PODIA FAZER: PORQUE QUEM RESSURGE, NÃO ESTÁ OBRIGADO AO PRIMEIRO MATRIMONIO
- ESTA CANTIGA ACOMODA O POETA COM PROPORÇÃO À BARBORA PELO
- NOME E TRATO, NÃO DEIXANDO DE FORA OS SEUS AMANTES DESEJOS
- AMOROSA HIPOCRISIA DE CONFORMIDADE EM PENAS
- DE UMA QUEDA QUE DEU O POETA EM CASA DESTA BARBORA, ERGUE NOVOS CONCEITOS À SUA ROGATIVA
- AO MESMO ASSUNTO
- VENDENDO-SE FINALMENTE EM UMA OCASIÃO TAM PERSEGUIDA ESTA DAMA DO POETA, ASSENTIU NO PREMIO DE SUAS FINEZAS; COM CONDIÇÃO POREM, QUE SE QUERIA PRIMEIRO LAVAR; AO QUE ELE RESPONDEU COM A SUA COSTUMADA JOCOSERIA
- A BARBORA UMA MULATA MERETRIZ A QUEM CERTOS FRADES LHE
- PASSARAM UM GERAL, DO QUAL FICOU TAM PERIGOSA QUE VEIO A SACRAMENTAR-SE

- ANTÔNIA
- MULATA LIVRE E TRAVESSA POR CUJA ESPERTEZA LHE CHAMAVAM MARIBONDA MORAVA NA RUA DA POIEIRA NAQUELE TEMPO QUASE DESERTA E SE ACHAVA DE PRESENTE EM CASA DE UMA AMIGA NO CAMPO DA PALMA, ONDE O POETA IA DIVERTIR-SE: E ALI EMBARAÇOU COM ELA COMO DIZ A METÁFORA
- NEGOU-SE TOTALMENTE ANTONICA DE MEDO, QUE À TODAS FAZIA A SOLTURA DO POETA, E ELE A PRETENDE REDUZIR COM ESTA REGALADA POESIA
- TARDAVA ANTONICA COM A RESOLUÇÃO, E O POETA EXORTA SUA NEUTRALIDADE
- QUEIXA-SE DE QUE LHE NÃO VALESSEM FINEZAS PARA QUE ANTONIA O ADMITIS-SE
- CHEGANDO ALI O POETA COM TOMÁS PINTO BRANDÃO CONTA, O QUE PASSOU COM ANTONICA UMA DESONESTA MERETRIZ
- BRIGA, BRIGA
- ESTA SÁTIRA DIZEM QUE FEZ CERTA PESSOA DE AUTORIDADE AO POETA, PELO TER SATIRIZADO, COMO FICA DITO, E A PUBLICOU EM NOME DO VIGÁRIO LOURENÇO RIBEIRO
- ESCANDALIZADO O POETA DA SÁTIRA ANTERIORE, E SER PUBLICADA EM NOME DO VIGÁRIO DE PASSÉ LOURENÇO RIBEIRO HOMEM PARDO, QUANDO ELE ESTAVA INOCENTE NA FACTURA DELA, E CALAVA PORQUE ASSIM CONVINHA: LHE ASSENTA AGORA O POETA O CACHEIRO COM ESTA PETULANTE SÁTIRA
- RESPOSTA DO VIGÁRIO LOURENÇO RIBEIRO ESCANDALIZADO DE QUE O POETA Ó SATIRIZASSE DO MODO QUE FICA DITO
- A CERTO FRADE QUE SE METEU A RESPONDER À UMA SÁTIRA, QUE FEZ O POETA, ELE AGORA LHE RETRUCO COM EST'OUTRA
- RETRATA O POETA COM GRACIOSO MIMO AS MIMOSAS GRAÇAS DESTA DAMA
- OUTRA PINTURA EM SOMBRAS DESTA DAMA
- PINTA O POETA ENTRE AMOROSOS ACIDENTES O GARBO DE TEREZA EM OCASIÃO, QUE LHE PASSOU PELA RUA
- REALÇA O POETA AS PERFEIÇÕES DE TEREZA NA MORTE COR DE UMA ENFERMIDADE, QUE PADECEU DA QUAL AGORA CONVALESCIA

- DESTAS ZOMBARIAS COM QUE O POETA COMEÇOU A GALANTEAR A ESTA DAMA EM DESPIQUE DE SUA IRMÃ, SE PRESUMEM AGORA AMOROSAS VERAS NESTA OBRA
- FILOSOFIA, E RETÓRICA DIZ AQUI O POETA, QUE LEU, E COMO RETORICAMENTE FILÓSOFO SEMPRE TEM QUE RESPONDER AOS CASOS MENOS PENSADOS, COMO VEREMOS
- DESCULPA-SE ESTA DAMA EM CERTA OCASIÃO QUE TEVE DE CONVERSAR COM O POETA, DEPOIS DE VARIAS PETIÇÕES, COM A OBJEÇÃO FRÍVOLA DE QUE NÃO SATISFAZIA SEU DESEJO POR SER CASADO: AO QUE ELE RESPONDE GRACIOSAMENTE
- PEDE O POETA ZELOS A TEREZA, E ELA LHE RESPONDEU, QUE SERIA MUI PONTUAL EM LHOS DAR; E ADMIRAVELMENTE O POETA DEFINE ESTE TERMO DAS ESCOLAS DO AMOR
- ALCANÇOU O POETA OCASIÃO DE LOGRAR OS FAVORES DE TEREZA, E A UM DESMAIO, COM QUE O RECEBEU, FEZ ESTE SONETO
- PELO MESMO CASO E PELOS MESMOS CONSOANTES
- FINAL ENCARECIMENTO DE TEREZA, E SUAS DELICADAS PRENDAS
- MARIA JOÃO
- DIVERTIA-SE O POETA COM MARIA JOÃO, E PERSUADE AGORA A OUTRA CHAMADA MARIQUITA, QUE À VENHA VISITAR SOMENTE POR TRAÇA DE A VER
- A MÃE DE MARIA JOÃO CHAMADA IZABEL NÃO LEVAVA EM GOSTO AS AMIZADES DE SUA FILHA COM O POETA, OU SE TEMIA DE MARIQUITA, E OCACIONANDO ENREDOS O POETA LHE CANTA A MOLIANA
- RETIRA-SE O POETA E DESCREVE POR CONSOANTES FORÇADOS DE QUE MANEIRA
- OS SEUS DOCES EMPREGOS - A FREIRA: RALO, RODA E GRADE
- ÀS RELIGIOSAS QUE EM UMA FESTIVIDADE, QUE CELEBRARAM, LANÇARAM A VOAR VÁRIOS PASSARINHOS
- A D. MARTA DE CRISTO PRIMEIRA ABADESSA DO DESTERRO GALANTEIA O POETA OBSEQUIOSAMENTE
- CELEBRA O POETA O CASO, QUE SUCEDEU A UMA FREIRA DO MESMO CONVENTO A QUEM OUTRAS FREIRAS TRAVESSAS LHE MOLHARAM O TOUCADO, COM QUE PRETENDIA FALAR À SUA AMANTE
- A D. CATERINA PRELADA, QUE FOI NO MOSTEIRO DE ODIVELAS, E AGORA PORTEIRA PEDE O POETA UMA GRADE
- REPETIU O POETA A MESMA ROGATIVA DEPOIS DE ALGUM TEMPO

- NO DIA EM QUE O POETA EMPREENDEU GALANTEAR UMA FREIRA DO MESMO CONVENTO SE LHE PEGOU O FOGO NA CAMA, E INDO APAGAR-LO, QUEIMOU UMA MÃO
- QUEIXA-SE UMA FREIRA DAQUELA MESMA CASA, DE QUE SENDO VISTA UMA VEZ DO POETA, SE DESCUIDAVA-SE DE À TORNAR A VER
- A UMA FREIRA QUE NAQUELA CASA SE LHE APRESENTOU RICAMENTE VESTIDA, E COM UM REGALO DE MARTAS
- A OUTRA FREIRA, QUE SATIRIZANDO A DELGADA FISIONOMIA DO POETA LHE CHAMOU PICA-FLOR
- QUEIXA-SE O POETA DAS FUNDADORAS, QUE VIERAM DE ÉVORA, POR NÃO PODER CONSEGUIR ALGUM GALANTEIO NAQUELA CASA, E SEREM SOMENTE ADMITIDOS FRADES FRANCISCANOS
- REPETE A QUEIXA INCREPANDO AS CONFIANÇAS DE FR. TOMÁS D'APRESENTAÇÃO, QUE SE INTROMETIA SOFREGAMENTE NAQUELA CASA, ONDE O POETA JÁ TINHA ENTRADA COM D. MARIANA, FREIRA, QUE BLASONANDO SUAS ESQUIVANÇAS LHE HAVIA DITO, QUE SE CHAMAVA ORTIGA
- A MESMA FREIRA D. MARIANA PELO MESMO CASO DE SE HAVER APELIDADO ORTIGA
- QUEIXA SE O POETA A MESMA FREIRA DE SUAS INGRATIDÕES DESPRIMOROSAS, IMITANDO A D. TOMÁS DE NORONHA EM UM SONETO, QUE FEZ A CERTA FREIRA, QUE PRINCIPIA "SÓROR DONA BARBARA"
- À MESMA FREIRA JÁ DE TODO MODERADA DE SEUS ARRUFOS E CORRESPONDENDO AMANTE AO POETA
- À MESMA FREIRA EM OCASIÃO, QUE O POETA À OUVIU CANTAR COM AQUELA ESPECIAL GRAÇA QUE PARA ISSO TINHA
- À MESMA FREIRA MANDANDO-LHE UM PRESENTE DE DOCES
- AO MESMO ASSUNTO
- A OUTRA FREIRA QUE ESTRANHOU AO POETA SATIRIZAR AO PE. DAMASO DA SILVA, DIZENDO-LHE QUE ERA UM CLÉRIGO TAM BENEMÉRITO, QUE JÁ ELA TINHA EMPRENHADO, E PARIDO DELE
- A UMA FREIRA QUE IMPEDIU A OUTRA MANDAR UM VERMELHO AO POETA DE PRESENTE, DIZENDO, QUE À HAVIA SATIRIZAR
- A CERTA FREIRA QUE EM DIA DE TODOS OS SANTOS MANDOU A SEU AMANTE GRACIOSAMENTE POR PÃ POR DEUS UM CARÁ
- A OUTRA FREIRA QUE MANDOU AO POETA UM CHOURIÇO DE SANGUE

- PANÇA FARTA E PÉ DORMENTE
- DESCREVE A CONFUSÃO DO FESTEJO DO ENTRUDO
- DESCREVE A JOCOSIDADE, COM QUE AS MULATAS DO BRASIL BAILAM O PATURI
- DESCREVE O POETA UMA JORNADA, QUE FEZ AO RIO VERMELHO COM UNS AMIGOS, E TODOS OS ACONTECIMENTOS
- SEGUNDA FUNÇÃO QUE TEVE COM ALGUNS SUJEITOS NA ROÇA DE UM AMIGO JUNTO AO DIQUE, ONDE TAM BEM SE ACHOU O CELEBRADO ALFERES TEMUDO, E SEU IRMÃO O DOUTOR PEDRO DE MATOS, QUE ENTÃO ANDAVA MOLESTO DE SARNAS
- DESCREVE A CAÇADA QUE FIZERAM COM ELE SEUS AMIGOS NA VILA DE S. FRANCISCO À UMA PORCA REBELDE
- DESCREVE O PERIGO EM QUE O PÔS NA ILHA DE Me. DE DEUS UMA VACA FURIOSA CHAMADA CAMISA, INDO DIVERTIR-SE AO CAMPO COM UM IRMÃO DO VIGÁRIO
- DESCREVE O DIVERTIMENTO QUE TEVE COM ALGUNS AMIGOS INDO AOS CAJUS
- DESCREVE A VIAGEM, QUE INTITULOU DOS ARGONAUTAS DA CAJAÍBA PARA A ILHA DE GONÇALO DIAS, ONDE COM SEUS AMIGOS IA DIVERTIR-SE
- DESCREVE ESTANDO NA CAJAÍBA UMA CAVALHADA BURLESCA, QUE ALI FIZERAM PELO NATAL, UNS FOLGAZÕES
- DESCREVE UMAS COMEDIAS, QUE NA CAJAÍBA FORAM REPRESENTADAS PELOS MESMOS, OU PARTE DELES COM OUTROS DA MESMA CONDIÇÃO
- DESCREVE OUTRA COMEDIA QUE FIZERAM NA CIDADE OS PARDOS NA CELEBRIDADE COM QUE FESTEJARAM A NOSSA SENHORA DO AMPARO, COMO COSTUMAVAM ANUALMENTE
- DESCREVE COM ADMIRÁVEL PROPRIEDADE OS EFEITOS, QUE CAUSOU O VINHO NO BANQUETE, QUE SE DEU NA MESMA E;ESTA ENTRE AS JUÍZAS, E MORDOMAS ONDE SE EMBEBEDARAM
- DESCREVE OUTRA FUNÇÃO IGUAL, QUE NO SEGUINTE ANO ESTAS, E OUTRAS MULATAS DA MESMA CONDIÇÃO FIZERAM A. N. SENHORA DE GUADALUPE
- DESCREVE O POETA AS FESTAS DE CAVALO QUE SE FIZERAM NO TERREIRO EM LOUVOR DAS ONZE MIL VIRGENS, SENDO ESCRIVÃO EUSÉBIO DA COSTA REIMÃO FILHO DE MARIA REIMOA; EM QUE ASSISTIRAM ESTES DOIS PRÍNCIPES PAI, E FILHO COM O MAIOR DA NOBREZA NO COLÉGIO DE JESUS

- AS FESTAS DE CAVALO QUE FEZ NO TERREIRO ESTRONDOSAMENTE GONÇALO RAVASCO CAVALCANTE SINGULAR JUIZ DAS ONZE MIL VIRGENS COM ASSISTÊNCIA DESTE PRÍNCIPE, A QUEM O POETA OBSEQUIA, REMOQUEANDO A SEU ANTECESSOR: COMO TAMBÉM OBSEQUIA A ANDRE CAVALO, E OUTRAS PESSOAS NOMEADAS
- PERNAMBUCO
- DESCREVE O POETA A CIDADE DO RECIFE EM PERNAMBUCO
- A CERTO POETA MODERNO QUE EM PERNAMBUCO LHE VEIO MOSTRAR UM PASSO, QUE COMPUSERA, OBSEQUIO FEITO EM NOME DE CERTA PESSOA, ONDE O POETA SE ACHAVA POR HOSPEDE
- DESCREVE A PROCISSÃO DE QUARTA FEIRA DE CINZA EM PERNAMBUCO
- VIU O POETA ESTA FORMOSURA, E DESTA SORTE COMEÇA A ENCARECER SUAS ALTAS PRENDAS
- PASSANDO O POETA EM CERTA OCASIÃO PELA PORTA DESTA GALHARDA
- DAMA REPAROU, QUE A SUA VISTA EXPUSERA NO PEITO UM RAMALHETE DE FLORES, QUE TINHA NA MÃO
- RESPONDE FLORALVA PELOS MESMOS CONSOANTES
- TORNA O POETA A INSTAR SEGUNDA VEZ
- RESPONDE FLORALVA PELOS MESMOS CONSOANTES
- TERCEIRO PIQUE À MESMA DAMA
- ATÔNITO E ATRASADO O POETA NOS ESTRONDOS DAQUELA FORMOSURA SEM ALCANÇAR OUTRA COUSA MAIS QUE DESVIUS, E DESDÉNS: TORNA A
- COMBATER QUARTA VEZ AQUELE DURO PEITO
- RESPONDE FLORALVA QUARTA VEZ E CADA VEZ MAIS DESDENHOSA: E PELOS MESMOS CONSOANTES
- ARGUMENTA O POETA, (FILOSOFANDO ENGANOS) RAZÕES DE FINO
- COM PERSEVERAR A TODO O RIGOR DE SEU DESPREZO
- MOSTRA QUE PRIMEIRO DEVE ATENDER AO SEU RESPEITO QUE AO SEU AMOR, PELOS MESMOS CONSOANTES
- MOSTRA FINALMENTE MEIO PARA NO MESMO DESPREZO CONTINUAR
- O SEU AMOR COM DECORO, PELOS MESMOS CONSOANTES
- RESPONDE FLORALVA SEM SE DESVIAR DO SEU TEMA: PELO MESMO
- CAPRICO DE REPETIR OS CONSOANTES DO PRIMEIRO SONETO

- SEGUNDA RESPOSTA DE FLORALVA PELOS MESMOS CONSOANTES
- TERCEIRA RESPOSTA DE FLORALVA PELOS MESMOS CONSOANTES
- CONTINUA DESFAVORECIDO EM SEU AMOR, LEMBRANDO-SE AGORA DO
- SEU MISERO DESTERRO, NATURAL EFEITO DE UMA GRANDE PENA TRAZER
- À MEMÓRIA OS PASSADOS INFORTÚNIOS
- REMETE O SEU CUIDADO AS DILIGÊNCIAS DO TERREIRO LISONJEANDO A MÃE DESTA DAMA
- DE UMA FESTIVIDADE PUBLICA ONDE A TODOS DAVA QUE SENTIR, SE
- AUSENTOU FLORALVA A DIVERTIR-SE NAS RIBEIRAS DO CAPIBARIBE,
- ONDE TINHA SEUS EMPREGOS
- SAUDOSO O POETA DAQUELA AUSÊNCIA, QUE FEZ FLORALVA DA
- FESTIVIDADE, VAI MEDINDO ESTA OBRA PELAS IDEIAS DE D. AUGOSTIN DE SALAZAR, E TORRES, QUANDO DESCREVE A FORMOSURA DE SILA, PORQUE TINHA ESTA DAMA TODAS AS SUAS PERFEIÇÕES ALI COMO PINTADAS AO VIVO
- COM ESTE ROMANCE MANDOU O POETA POR INTERPRETE ENCARECEDOR
- DO QUE NELE SE EXPRESSA O SEGUINTE SONETO
- POR VER UMA OBRA EM QUE O POETA EXAGERA OS DONAIRES DE ANICA DE SOUZA MULATA EM PERNAMBUCO SE PICOU DE ZELOS FLORALVA, E DANDO LHO A ENTENDER, ELE LHE RESPONDE
- DEIXOU-SE FLORALVA UMA VEZ CONVERSAR DO POETA E PELA VER DESDENHOSÍSSIMA SE DESPEDE: E COMO ELA CONSENTIU DESABRIDA, LHE FAZ ESTE SONETO
- LAMENTA O POETA OS DESVIUS, E RIGORES, QUE MOSTROU FLORALVA DAÍ POR DIANTE
- A EL REI D. PEDRO II COM UM ASTROLÁBIO DE TOMAR O SOL, QUE MANDOU O PE. VALENTIM STANCEL DEDICADO AO RENASCIDO MONARCA
- A MORTE DA AUGUSTA SENHORA RAINHA D. MARIA, FRANCISCA, IZABEL DE SABÓIA, QUE FALECEU EM 1683
- A SERENÍSSIMA INFANTA DE PORTUGAL D. IZABEL, LUIZA, JOSEFA NASCENDO EM DIA DE REIS
- NA MORTE DA MESMA SENHORA RATIFICA O POETA AS VENTURAS, QUE PROMETE O SONETO ANTERCEDENTE



- CONTINUA A MESMA RATIFICAÇÃO NA ESTRELA DOS MAGOS POR HAVER NASCIDO ESTA SENHORA EM DIA DE REIS
- SENTIMENTOS D'EL REI D. PEDRO II À MORTE DESTA SERENÍSSIMA SENHORA SUA FILHA PRIMOGÊNITA
- AO CONDE DE ERICEIRA D. LUIZ DE MENEZES PEDINDO LOUVORES AO POETA NÃO LHE ACHANDO ELE PRÉSTIMO ALGUM
- CENSURA QUE FAZ O POETA DESTE TAL CONDE NA SUA DESASTRADA MORTE, LANÇANDO-SE DA JANELA DO SEU JARDIM, ONDE ACABOU MISERAVELMENTE POR ALTOS JUÍZOS DE DEUS
- AO MESMO ASSUNTO E PELO MESMO CASO
- A MORTE DO ILUSTRÍSSIMO MARQUEZ DE MARIALVA GENERAL DAS ARMAS DE PORTUGAL SOBRE AS PALAVRAS DA ESCRITURA "PLANDITE ANTE EXEQUIAS ABNER; FIPSE FLEVIT DAVID SUPER TUMULUM ABNER."
- EPITÁFIO AO CORAÇÃO DESTE MESMO GENERAL ENTERRADO AOS PÉS D'EL REI D. JOÃO IV.
- AO MESMO ASSUNTO E PELOS MESMOS CONSOANTES
- AO MESMO MARQUEZ SENDO ENTERRADO EM TRÊS PARTES O CORPO EM CATANHÉDE; O CORAÇÃO EM S. VICENTE DE FORA; E OS INTESTINOS EM SAM JOSÉ DE RIBA MAR
- EU COM DUAS DAMAS VIM
- A N. SENHORA DO ROSÁRIO EM UMA ACADEMIA QUE FEZ O POETA
- AO MESMO ASSUNTO AUSPICIANDO À AULA BOM SUCESSO
- A UMA FONTE QUE NASCEU MILAGROSAMENTE AO PÉ DE UMA CAPELA DE N. SENHORA DAS NEVES NA FREGUESIA DAS AVELÃS
- OUVINDO O POETA CANTAR NO MESMO CONVENTO A DONA MARIA FREIRA DE VÉU BRANCO A QUEM TOCAVA RABECÃO SUA IRMÃ DONA BRANCA, DONA CLARA OUTRO INSTRUMENTO
- EM OCASIÃO DE FÉRIAS PASSOU O POETA À VIANA, E ALI VIU UMA PROCISSÃO, EM QUE POR USO ANTIGO APARECIA A MORTE ADORNADA COM PATAS, PEÇAS DE OURO, E MUITOS CACHOS DE UVAS VERDES, LEVANDO OUTRO SI EM FIGURA DE SAM CRISTOVÃO UMA ESTATUA DE PAPELÃO VESTIDA DE BAETA VERDE, E MOVIDA POR UM MARIOLA COMO COSTUMAM NA PROCISSÃO DE CORPUS IR OS GIGANTES
- RETRATO DE UMA DAMA EM METAFÓRICAS DOCTRINAS, QUE SE DÃO À UM PAPAGAIO. ESTE FEZ SENDO ESTUDANTE
- A MORTE DA EXCELENTÍSSIMA PORTUGUESA D. FELICIANA DE MILÃO RELIGIOSA DO CONVENTO DA ROSA

- AO MESMO VIGÁRIO GALANTEIA O POETA FAZENDO CHISTES DE UM MIMO, QUE LHE MANDARA BRITES UMA GRACIOSA COMADRE SUA, ENTRE O QUAL VINHA PARA O POETA UM CAJU
- NICOLAU DE TAL PROVIDOR DA CASA DA MOEDA EM LISBOA, QUE SENDO BEM VISTO D'EL REI DOM PEDRO II ENCONTRAVA OS REQUERIMENTOS DO POETA: O QUAL ENFADADO DAS SUAS DEMASIAS LHE SACUDIU O CAIXEIRO DESTA SÁTIRA
- PONDO OS OLHOS PRIMEIRAMENTE NA SUA CIDADE CONHECE, QUE OS MERCADORES SÃO O PRIMEIRO MÓVEL DA RUÍNA, EM QUE ARDE PELAS MERCADORIAS INÚTEIS E ENGANOSAS
- DESCREVE COM MAIS INDIVIDUAÇÃO A FIDÚCIA, COM QUE OS ESTRANHOS SOBEM A ARRUINAR SUA REPÚBLICA
- JULGA PRUDENTE E DISCRETAMENTE AOS MESMOS POR CULPADOS EM UMA GERAL FOME QUE HOVE NESTA CIDADE PELO DESGOVERNO DA REPÚBLICA, COMO ESTRANHOS NELA
- NO ANO DE 168 DIMINUÍRAM AQUELE VALOR, QUE SE HAVIA ERGUIDO À MOEDA, QUANDO O POETA ESTAVA NA CORTE, ONDE ENTÃO COM SEU ALTO JUÍZO SENTIU MAL DO ARBITRISTA, QUE ASSIM ACONSELHARA A EL REI, QUE FOI O PROVIDOR DA MOEDA CHAMADO NICOLAU DE TAL, À QUEM FEZ AQUELA CÉLEBRE OBRA INTITULADA "MARINÍCULAS" O QUE CLARAMENTE SE DEIXA VER NESTES VERSOS:
- AGORA COM A EXPERIÊNCIA DOS MALES, QUE PADECE A REPÚBLICA NESTAS ALTERAÇÕES, SE JACTA DE O HAVER ESTRANHADO ENTÃO: JULGANDO POR CAUSA TOTAL OS AMBICIOSOS ESTRANGEIROS INIMIGOS DOS BENS ALHEIOS
- LISONJEIA FINALMENTE O POETA COM ESTAS MORALIDADES TRISTES DE UMA VIDA FLORESCENTE PELAS FRIAS VOZES DAQUELA SEPULTADA BELEZA SUAS FORMOSAS IRMÃS, AVIVANDO-LHE OS MOTIVOS DA DOR
- DESTA VEZ SE DEIXOU O POETA ESQUECER NAQUELA CASA, ESPERANDO OCASIÃO DE DECLARAR-SE, E SEMPRE SE ACOVARDOU À VISTA DA CAUSA, SEMPRE EM LUTAS COM O AMOR, E RESPEITO
- OUTRA VEZ O ASSALTAM NOVOS PENSAMENTOS DE DECLARAR-SE, E TEMER
- EM CONTRAPOSIÇÃO DO QUE RESOLVEU, SE ENTREGAR O POETA NOVAMENTE AO SILÊNCIO, RESPEITANDO, A QUE OS SUSPIROS POSTO QUE CONSOLAM, NÃO ALIVIAM POR MENOS NOBRES
- PORFIA O POETA EM LOUVAR SEU NECESSÁRIO SILÊNCIO, COMO QUEM FAZ VIRTUDE DA NECESSIDADE

- A FR. PASCOAL QUE SENDO ABADE DE N. S. DAS BROTAS HOSPEDOU ALI COM GRANDEZA A D. ÂNGELA, E SEUS PAIS, QUE FORAM DE ROMARIA À AQUELE SANTUÁRIO
- A UMA DAMA QUE SE MOSTRAVA PARA O POETA TODA DESDENHOSA, E CRUEL
- CHORA O POETA SUA INFELICIDADE COM HUM PENSAMENTO OCULTO
- AUSENTE DE UM CONHECIDO BEM RECEIA TEMEROSO AS QUEBRAS
- AO MESMO ASSUNTO
- AO MESMO INTENTO
- COMPARA SUAS PENAS COM AS ESTRELAS MUITO SATISFEITO COM A NOBREZA DO SÍMILE. A PRIMEIRA QUARTA NÃO É SUA
- AMOR, QUE ES FUEGO, Y AMADO
- A UMA DAMA QUE LHE PEDIU OS CABELOS
- A UMA DAMA CHAMADA JOSEFA, QUE EM NOITE DE SAM JOÃO LHE REBENTOU UM FOGUETE BUSCA-PÉ ENTRE AS PERNAS, DE QUE FICOU BEM MAL TRATADA
- CHORA O POETA SUA INFELICIDADE COM HUM PENSAMENTO OCULTO
- AUSENTE DE UM CONHECIDO BEM RECEIA TEMEROSO AS QUEBRAS
- COMPARA SUAS PENAS COM AS ESTRELAS MUITO SATISFEITO COM A NOBREZA DO SÍMILE. A PRIMEIRA QUARTA NÃO É SUA
- DESCREVE O QUE REALMENTE SE PASSA NO REINO DE ANGOLA
- RENDE-SE A PESSOA DE BERNARDO VIEIRA RAVASCO, NESTE SONETO, PELOS MESMOS CONSOANTES DE OUTRO FEITO À FLOR DO MARACUJÁ PARA CONSTAR DO DITO QUE ERAM ESTAS RESPOSTAS DO NOSSO POETA

## BIOGRAFIA

Gregório de Matos Guerra nasceu na então capital do Brasil, Salvador, BA, em 20 de dezembro de 1636, numa época de grande efervescência social, e faleceu no Recife, PE, pelas mais recentes pesquisas, em 1695, embora a data tradicionalmente aceita fosse a de 1696. É o patrono da cadeira n. 16, por escolha do fundador Araripe Júnior.

Foram seus pais Gregório de Matos, fidalgo da série dos Escudeiros, do Minho, Portugal, e Maria da Guerra, respeitável matrona. Estudou Humanidades no Colégio dos Jesuítas, transferindo-se depois para Coimbra, onde se formou em Direito. Sua tese de doutoramento, toda ela escrita em latim, encontra-se na Biblioteca Nacional. Exerceu em Portugal os cargos de curador de órfãos e de juiz criminal e lá escreveu o poema satírico “Marinícolas”. Desgostoso, não se adaptou à vida na metrópole, regressando ao Brasil aos 47 anos de idade. Na Bahia, recebeu do primeiro arcebispo, D. Gaspar Barata, os cargos de vigário-geral (só com ordens menores) e de tesoureiro-mor, mas foi deposto por não querer completar as ordens eclesiásticas. Apaixonou-se pela viúva Maria de Povos, com quem passou a viver, com prodigalidade, até ficar reduzido à miséria. Passou a viver existência boêmia, aborrecido do mundo e de todos, e a todos satirizando com mordacidade. O governador D. João de Alencastre, que primeiro queria protegê-lo, teve afinal de mandá-lo degredado para Angola, a fim de o afastar da vingança de um sobrinho de seu antecessor, Antônio Luís da Câmara Coutinho, por causa das sátiras que sofrera o tio. Chegou a partir para o desterro, e advogava em Luanda, mas pôde voltar ao Brasil para prestar algum serviço ao Governador. Estabelecendo-se em Pernambuco, ali conseguiu fazer-se mais querido do que na Bahia, até que faleceu, reconciliado como bom cristão, em 1695, aos 59 anos de idade.

Como poeta de inesgotável fonte satírica não poupava ao governo, à falsa nobreza da terra e nem mesmo ao clero. Não lhe escaparam os padres corruptos, os reinóis e degredados, os mulatos e emboabas, os “caramurus”, os arrivistas e novos-ricos, toda uma burguesia improvisada e inautêntica, exploradora da colônia. Perigoso e mordaz, apelidaram-no de “O Boca do Inferno”.

Foi o primeiro poeta a cantar o elemento brasileiro, o tipo local, produto do meio geográfico e social. Influenciado pelos mestres espanhóis da Época de Ouro, Góngora, Gracián, Calderón e sobretudo Quevedo, sua poesia é a maior expressão do Barroco literário brasileiro. Sua obra compreende: poesia lírica, sacra, satírica e erótica. Ao seu tempo a imprensa estava oficialmente proibida no Brasil, mas, mesmo que fosse publicada na Metrópole, como ocorreu com outros poetas do período colonial, grande parte de sua obra satírica e a

totalidade da francamente pornográfica seriam, obviamente, expurgadas. Suas poesias corriam em manuscritos, de mão em mão, e o governador da Bahia D. João de Alencastre, que tanto admirava “as valentias desta musa”, coligia os versos de Gregório de Matos e os fazia transcrever em livros especiais. Sobreviveram também cópias feitas por admiradores, como Manuel Pereira Rabelo, biógrafo do poeta. Por isso é temerário afirmar que toda a obra a ele atribuída haja sido realmente de sua autoria. Entre os melhores códices e os mais completos, destacam-se o que se encontra na Biblioteca Nacional e o de Varnhagen, no Palácio Itamarati.

Dispersa por cerca de vinte e tantos códices, a obra poética de Gregório de Matos, o primeiro grande poeta brasileiro, espera até hoje uma edição crítica, consistindo no maior problema da Ecdótica em nossa literatura.

---

**Fonte:**

Academia Brasileira de Letras  
[www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)